



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

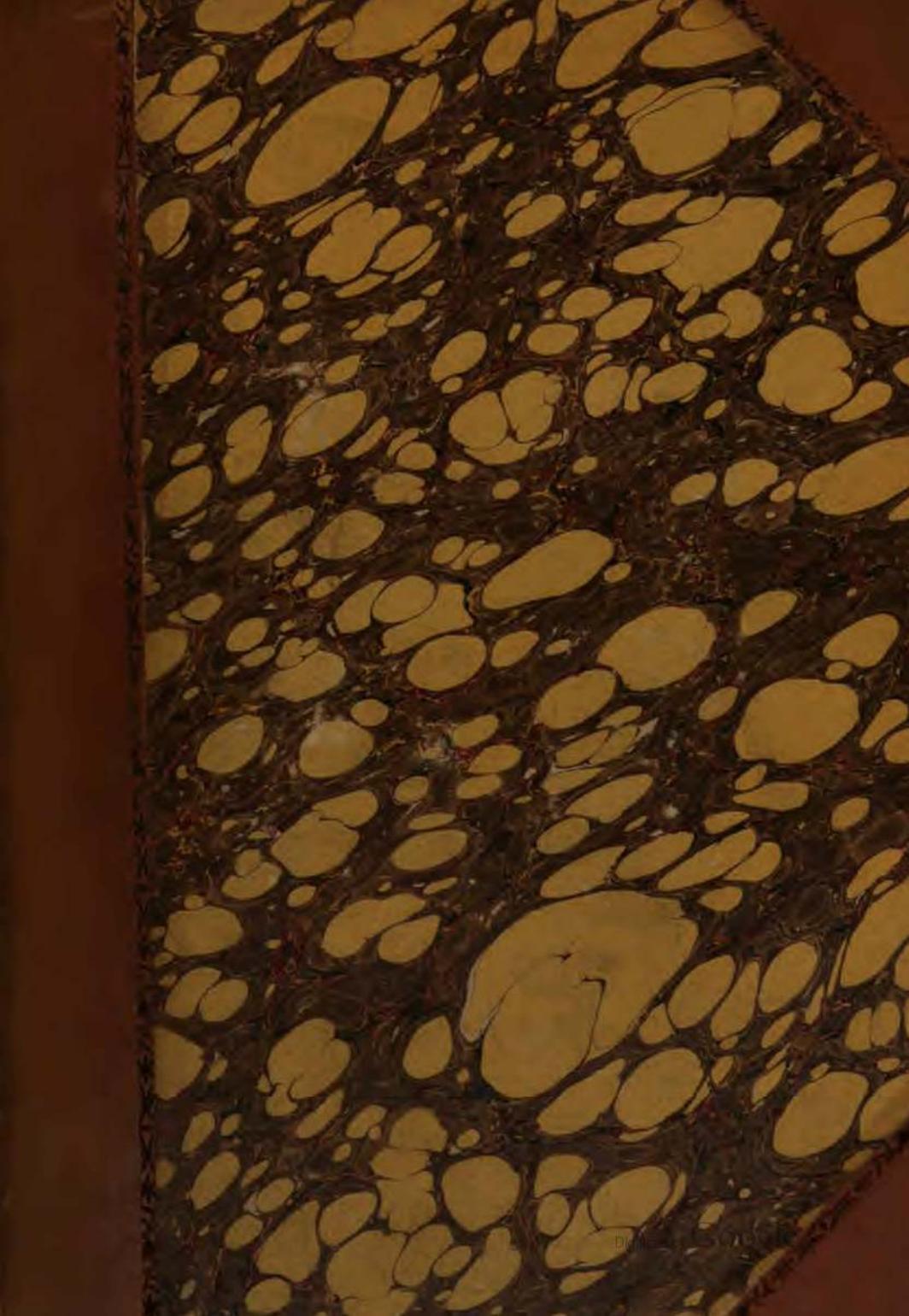
Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

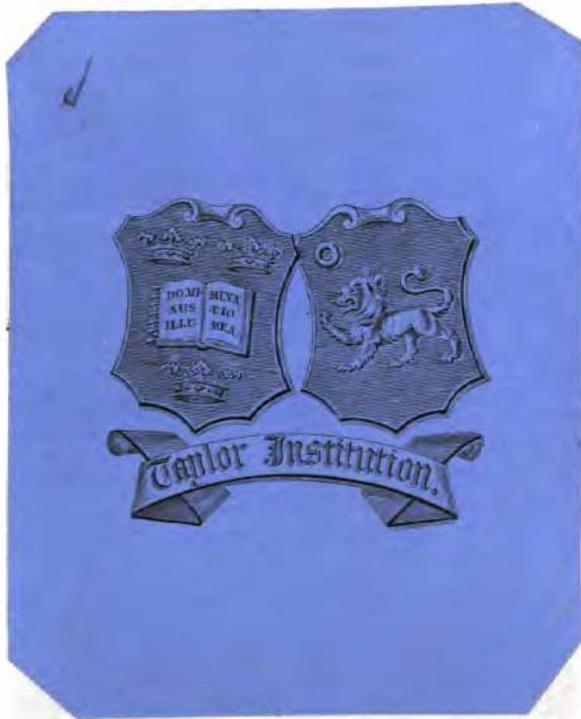
- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



54. b. 13



MEMORIAS
DE
LITTERATURA
PORTUGUEZA.

MEMORIAS
DE
LITTERATURA
PORTUGUEZA,
PUBLICADAS
PELA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

Nisi mihi est quod facimus, stulta est gloria.

TOMO VIII. PARTE I.



LISBOA
NA OFFICINA DA MESMA ACADEMIA.

ANNO M. DCCC. XII.

Com licença de S. ALTEZA REAL.



MEMORIA

*Sobre as origens da Typografia em Portugal
no Seculo XV.*

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

QUASI todas as Nações Europeas tem a Historia, ou Annaes da sua Typografia: Escriitores eruditos, e zelosos, que se cançãõ em averiguar as antiguidades da sua patria julgãõ justamente, que as que tocavãõ á sua Typografia não desmereciãõ huma parte de suas indagações, e trabalhos; e escrevẽãõ sobre isto doudas obras. Portugal porém, sendo tão rico de bons engenhos, e contando muitos, e mui illustres escriptores de seus feitos, que levantãõ com a penna a fama de nossa terra; não teve hum até agora, quanto nós podẽmos saber, que chegasse a publicar as noticias, e progressos das origens de sua Typografia, e a esclarecer esta parte assaz escura, e difficil-tosa da sua Historia Litteraria. (a)

Mouveu isto a nossa curiosidade, e entrãmos em pensamentos de colligir noticias, que illustrassem as nossas antiguidades Typograficas. Revolvemos para isso nossa His-
Tom. VIII. A to-

(a) Não nos consta de obra alguma impressa sobre este assumpto, sem embargo, que alguns houve entre nós, que tratãõ de apurar esta materia: sabemos que Gregorio de Freitas, Escrivão da Correição de Setubal, pessoa de não vulgar curiosidade neste genero de estudos, cuja Livraria servio de muito para a composição da Bibliotheca Lusitana do douto Abbade de Cever; havia lançado em 1750 algumas linhas para formar huns Annaes Typograficos de Portugal, e huma especie de Supplemento aos de Miguel Maittaire: foi isto porém feito com tão pouca ventura, que seus apontamentos ficando mss. ou de todo se perdẽãõ, ou estancãõ em parte aonde estão inuteis á Nação, a quem podẽãõ muito aproveitar.

D. Antonio Caetano de Sousa, varão de grande nome entre nossos Historiadores, tratava de escrever sobre esta parte de nossa His-

toria ; corremos algumas das mais providas Bibliothecas ; consultámos pessoas de bom saber , e pedimos Documentos de muitas partes ; mas forão tão escassas as noticias , que alcançámos , que quasi estivemos resolvidos a deixar de as escrever ; muito mais encontrando difficuldades , que bastantes erão para quebrar nosso animo , e nos fazer desistir deste trabalho. Porém valeu mais para com nosco o desejo de sermos uteis aos nossos com esse pouco que fosse , que o temor de parecermos de curto alcance , e cabedal nestas materias ; entendendo , que estas noticias assim mesmo imperfeitas , e diminutas , como aqui as damos , não deixariam de servir de alguma cousa aos curiosos destes estudos , e de espertar sujeitos da Nação , para se abalançarem a maior obra , com mais largo conhecimento deste assumpto. Se conseguirmos este fim , havello-hemos por grandioso , e honrado fructo destas nossas indagações , e tentativas.

CA-

toria ; mas apenas chegou a fazer huma curta Lista dos Impressores dos tres ultimos seculos , que existia entre os copiosos mss. da Casa dos Clerigos Regulares da Divina Providencia , e hoje na Real Bibliotheca da Córte.

Fr. Manoel de Figueiredo , Chronista da Ordem de Cister , e bem conhecido por seus cargos , estudos , e composições eruditas , começou de escrever huma particular Dissertação sobre a entrada , e progressos da Typografia em Portugal , de que elle faz memoria no indice de suas obras ; mas ferido de gravissima doença , não pôde avançar até onde a sua idéa pensava ir , como elle mesmo se explica em huma Carta de 26 de Abril 1793 , que nos mandou em reposta de huma nossa ; por que o haviamos consultado sobre este assumpto ; e a morte que no-lo roubou ha poucos tempos com viva saudade dos que bem conhecião seus grandes talentos , e estudos , acabou de nos privar da esperanza , que tinhamos de huma obra completa , que fizesse escusado qualquer outro trabalho nesta materia.

CAPITULO I.

Da antiguidade da Typografia em Portugal.

POUcos annos depois de seu nascimento entrou a Typografia em Portugal. Huma Nação, como a nossa, que pelo meio do Seculo XV. avultava já muito em trato de Litteratura Sagrada, e Civil, como se sabe de suas antigas escolas, e de varias composições, que trabalhou naquelles tempos; não podia deixar de acolher logo com boa sombra, e gazalhado huma tal Arte, que tanto servia de encurtar os trabalhos da escritura manual, e de propagar com maior facilidade; e energia os conhecimentos de todas as Artes e Sciencias. Ella vio com maravilha levantarem-se naquelle mesmo Seculo em tres illustres Cidades os primeiros prélos Typograficos, que sobre maneira nos honrarão, e ennobrecerão naquella idade.

He com tudo mui difficil de apurar entre nós os principios desta Arte, e assentar ao certo o anno em que ella entrou em Portugal, descuido de nossos Chronistas passados, ou antes condição dos tempos, em que viverão, nos quaes sómente os rompimentos de batalhas, e feitos d'armas, e conquistas deslumbraão os olhos da Nação, e atrahião a penna dos Escritores, que não os estabelecimentos pacificos, e menos apparatusos das Artes Liberaes, ou Mechanicas, das quaes como se forão materias menos importantes, ou não escrevêrão, ou só tocarão levemente: donde vêm, que de seus principios se nos escondeu esta parte de nossa Historia, perdendo-se entre as trevas do tempo, quasi toda a lembrança da sua fundação, e progressos: pelo que hoje não podêmos caminhar senão pela vereda de meras conjecturas, deduzidas de alguns factos dispersos, e fugitivos, para rastreamos a verdadeira origem, e primeiros progressos das Artes, e das Sciencias entre nós. Com este presupposto diremos o que nos tem parecido mais provavel nesta materia, seguindo huns longes, e som-

Difficuldade
de nesta
materia.

bras de verdade , como aquelle que no meio da noite escura vai atinando a lume posto em grandissima distancia.

Rejeita-se a prova, que se tira da data da Carta Executorial de D. João Manoel, Bispo da Guarda.

Alguns para datarem de mui alto a introduccão da nossa Typografia recorrem á Carta Executorial de D. João Manoel, Bispo da Guarda de 13 de Outubro de 1461, sobre o Breve do Santo Padre Pio II., expedido á instancia do Senhor Rei D. Affonso V. para a reforma dos vestidos do Clero destes Reinos : por quanto explicando-se o Executorial a respeito da tonsura , manda , que os Clerigos tragão *Coroa aberta tão grande, e tão redonda, como a redondeza em fim daquella Carta impressa*, donde colhem , que já correndo o anno de 1461 se achava domiciliaria entre nós a Typografia dos Alemães (a)

Mas do theor da mesma Carta Executorial se vê, que alli se não fallava da Imprensa Typografica ; mas tão sómente da fórma, ou marca da Coroa Clerical, figurada na dita Carta, segundo a redondeza do sello de chumbo, que trazia o Breve Pontificio, impressa, e estampada com o mesmo instrumento, e pela mesma fórma, e maneira com que antigamente se figuravão nos Pergaminhos, e nos sellos de Cera, e de outras semelhantes materias os escudos, as armas, as letras, e divizas muito antes da invenção da Typografia (b).

To-

(a) Desta prova usámos nós em nossas *Memorias de Litteraturæ Sacrae* sobre a fé do erudito, e zeloso Author das *Memorias do Pulpito* §. XIV. pag. 117 por nos parecer então decisiva a passagem que allegára desta Carta; mudámos porém de juizo, e não ousamos hoje encostar-nos neste arrimo, depois que houvémos á mão hum traslado do Breve, e do seu Executorial, e por certo que não será este ainda o unico lugar em que nós errámos.

(b) Achão-se no Real Archívo da Torre do Tombo a Carta do Bispo; e o Breve do Papa, lançados de leitura nova em o Liv. de Extrav. de fol. 197 y. até fol. 200, e a Bulla original com sello maior de doze vintens no Maço 28 das Bullas n. 29. Na Bulla vem esta clausula a que a Carta se refere: *Tonsuram vel coronam largam, et rotundam, sicut plumbum praesentium deferre debeant*: O que o Bispo D. João traduz por este modo: *Tragam tonsura Clerical, e Coroa larga, e redonda assy como o sello de chumbo destas presentes letras*: e no fim

Tomemos pois mão de outras provas, que nos assegurem melhor da antiguidade de nossa Typografia. Será huma dellas a que se tira da tradição, que recolheu a curiosa diligencia de Pedro Affonso de Vasconcellos na sua rara Obra da Harmonia das Rubricas do Direito Canonico (a). Fallando elle á *Rubrica de Renunciacione*, atesta da fama, e voz constante no seu tempo, que já vinha authorizada do nosso insigne Mathematico Pedro Nunes,

Provas da antiguidade da Typografia em Portugal.

I. Prova: Tradição de nossos maiores.

manda, que os Clerigos: *Tragam Corôa aberta tão grande, e tão redonda, como a redondeza em fim desta Carta impressa segundo a fôrma do Sello de plumbo da dita Letero de Santo Padre predito.* E no cabo de tudo depois da testemunha do Notario se diz assim: *Esta he a grandeza, e redondeza do sello do plumbo do Papa, per qual manda, e nós per sua authoridade mandamos que sejam feitas as Corôas.* E no traslado da mesma Bulla, que se acha no mesmo Archivo no Livro de Leis Extravagantes, que compilou Duarte Nunes de Leão em 1563 a fol. 173. está por baixo della hum circulo de tinta semelhante a huma moeda de cinco reis do tempo d'agora. A mesma figura igual á do sello se imprimio no Epitome, ou Compilação II. do mesmo Duarte Nunes em 1569. Part. II. Tit. IV.

Devemos confessar agradecidos por quem nisto aproveitamos; o erudito Cisterciense Fr. Manoel de Figueiredo, a quem pouco antes de sua morte, haviamos consultado sobre a origem da nossa Typografia, nos advertio por sua Carta de 20 de Abril de 1793, de que já fallámos, que nos não confiassemos no argumento, que se tirava da Executorial do Bispo D. João; e o Senhor José Anastasio de Figueiredo, Official da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, erudito, e incançavel indagador de nossas antiguidades, e mui amigo de inquirir a verdade de nossas cousas, nos communicou depois huma Copia da dita Executorial, fielmente extrahida do Real Archivo, que acabou de nos desenganar sobre este ponto. Do mesmo anno de 1461, de 13 de Agosto he outra Carta do mesmo Bispo, por que confirma a Pedro Fernandes, criado que fôra do Infante D. Henrique, na Igreja de Santa Maria da Covilhã, em que está o seu sello pendente, impresso em Cera, e papel de figura esferica, com huma faxa em roda, por que corre hum letreiro, a qual Carta se achava no Archivo da Sé da Guarda no Maço VII. dos Documentos pertencentes aos Bispos, numero 2, de que se faz memoria em hum papel ms., que ha na Real Bibliotheca da Côrte.

(a) Temos visto tres exemplares desta Obra, hum na Livraria de S. Francisco da Cidade, outro na de S. Francisco de Enxobregas, e outro da Real Bibliotheca publica da Côrte.

nes, e de outros Varões mui sabedores de nossas cousas; que Leiria fôra a primeira Cidade em toda a Hespanha, que tivera a *impressão de forma*, ou de *caracteres metallicos*, quaes João de Guttemberg havia inventado na Cidade de Moguncia (a).

Com effeito para todo o homem de boa razão poderá muito a opinião destas cousas, fundada na tradição dos maiores, muito mais trazendo ella em seu abono os testemunhos de Varões doutos, vizinhos áquelles tempos, de que podião alcançar noticias certas, principalmente o do Sabio Pedro Nunes, que muito tratou as cousas, e pessoas curiosas destes Reinos, e havendo sido recolhida, e apurada por pessoa tão erudita na Historia, e natural da mesma Cidade de Leiria, como foi Pedro Affonso de Vasconcellos.

Nem se pôde dizer, que este homem por elogiar sua Patria inventára a seu sabor estas noticias, porque sem prova, ou motivo solido, que nos faça desconfiar de sua fé, não havemos de pôr em hum Varão de boa fama tão baixa nodoa de seu nome, sob pena de expôrmos todos os outros Escritores á mesma crise, e arruinarmos por hum geral Pyrrhonismo os fundamentos de toda a Historia.

He verdade, que não sabemos ao certo, nem quando a Typografia se hospedou em Leiria, nem quaes forão as primeiras obras, que nella se estamparão, porque a mais antiga, que appareceu até agora com data, como he a edição dos Profetas primeiros, não sóbe mais alto, que aos annos de 1494. Mas basta-nos saber, que Leiria foi

a

(a) *Superiores Rubricæ, quas Leiria otium nobis dedit jure suo postulare videntur, ut &c. Nec mirum si homo Leiriensis Leiriæ a multis annis extinctam litterarum impressionem iterum excitent: ut enim mihi relatum est ex testimonio multorum, qui se id a Petro Nonio Cosmographo Regio, maximo Mathematicorum facile principe, et a viris doctis audisse affirmabant aneas in libris scribendis formas Joannis Guttembergi apud Maguntiam inventas Leiria nostra omnium in Hispania prima apud se habuit, quod in honorem Patriæ dixisse liceat.* Part. II. no princ. edição de Coimbra de 1588. 4.º

a primeira Cidade em toda a Hespanha, que recedeu a Typografia, para podermos assentar com muita probabilidade, que já pelos annos de 1470, ou pelo menos de 1474 havia nella huma Officina Typografica; por quanto no de 1470 se dá por estampada em Palencia de Hespanha a Historia de Rodrigo Sanches de Arevalo (a), e quando alguem queira duvidar desta edição, não se poderá negar, que em 1474 se publicou em Valença o *Certame Poetico*, ou *Trovas* de D. Bernardo Fonellar, sobre os louvores da Virgem, em varias linguas (b): donde sendo a Officina de Leiria a mais antiga

(a) Nicoláo Antonio fixa já neste anno de 1470 a introdução da Typografia na Cidade de Palencia, pela edição da Historia de Rodrigo Sanches de Arevalo, o que adoptou Fabricio, que na *Bibl. Med. et Inf. Latin.* tom. IV. deu esta edição pela primeira, que se fizera deste Author. Prospero Marchand julga ser provavel, que Nicoláo Antonio se enganasse, sem toda via nos dizer os fundamentos, que teve para esta sua conjectura.

Joaquim Esgueira em huma nota dos *Retratos dos Reis de Hespanha*, diz, quando falla de D. Fernando Vafirma, que a obra mais antiga, que havia descoberto em toda a Hespanha fôra a Historia de Rodrigo Sanches de Arevalo, mas da edição de Sevilha de 1477, e desconfia tambem, que Nicoláo Antonio se alucinasse. Mas de não ter encontrado outra edição senão esta, podia elle concluir com exactção, que não tinha havido outra? Elle mesmo não encontrou, nem soube da edição do *Certame Poetico dos Louvores da Virgem*, em Valença em 1474; nem da edição das Obras de Sallustio tambem em Valença; e do *Comprehensivum* de João; e do Livro de *Epidemia* de Valasco Tarentino em Barcelona em 1475, que todos são anteriores á edição Sevilhana de Rodrigo Sanches de Arevalo de 1477, e nem por isso deverá negar-se a existencia destas antigas edições.

O douto Laire na Obra *Specimen Typographiæ Rom. Secul. XV.* quer, que a primeira edição de Arevalo fosse a de Roma antes dos fins do anno de 1470; notando por isso a Fabricio, e como dando a entender, que elle attribuiria á Palencia, o que só era devido á Roma Cap. 137. Nota (a); o que tambem segue Fr. Francisco Mendes, na Typografia Hespanhola tom. I. p. 44, e 45; mas não apontão razões solidas, que convenção: houve com effeito edição em Roma em 1469, ou 1470; mas não implicava, que em hum mesmo anno houvesse duas em diversos lugares.

(b) Veja-se Vicente Ximenes *Biblioth. Scriptr. Valentinarum*: Nico-

ga de toda a Hespanha , necessariamente a havemos de suppôr já existente , ou pelos annos de 1470 , ou pelo menos por 1474 antes da edição Valenciana.

Mas como he crível , que houvesse já por estes tempos huma Officina Typografica em Leiria , se até agora não tem apparecido obra alguma de seus prélos , anterior aos annos de 1494. A resposta não he difficil : poucos Livros se imprimirão naquella idade , e delles mui poucos exemplares se estamparão ; os quaes por isso , e por sua mesma antiguidade se tem feito muito raros. Não he logo maravilha , que não tenhamos até agora visto os que se imprimirão nos primeiros tempos da Typografia Leiriense. Temos nós hoje por ventura todas as obras , que nella se estamparão depois da edição dos Profetas Primeiros de 1494 , edição de que ninguem duvida ? Ou diremos acaso , que a Typografia Leiriense só produziu naquelles tempos tres obras de seus prélos , porque até agora nos não tem vindo á noticia outras ? E diremos o mesmo de Lisboa de cujas Officinas não tem apparecido até ao presente mais edições do que treze , ou pouco mais ? E de Braga , que a penas nos tem appresentado huma ? Não tiveram as idades passadas tanto cuidado desta parte de nossa Litteratura , e industria , que nos não deixassem esperanças de podermos ainda hum dia descobrir , e saber cousas de que elles nenhuma lembrança nos deixarão.

II. Prova
Edição
das Obras
do Infante
D. Pedro.

Parece com tudo , que esta não he ainda a maior antiguidade , a que devemos subir , e que a Typografia Portugueza remonta mais acima. Isto he o que se colhe de hum Documento , que muito cumpre não deixar em silencio , qual he a antiquissima edição das obras do Infante D. Pedro , no fim das quaes se diz , que forão impressas *seis annos depois , que em Basilea sôra achada a famosa arte de imprimisào*. Desta verba attestava em 1724 o sabio Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes , que assim

lão Antonio *Biblioth. Hisp.* , e Raymundo Diosdado de *prima Typographia Hispania* etate pag. 5.

sim o lêra em hum exemplar da selecta Livraria do Conde de Vimieiro, que depois se queimou no incendio do terremoto de Lisboa de 1755, o qual havia já sido da preciosa Bibliotheca do doutissimo Chantre d'Evora Manoel Severim de Faria (a).

Exemplar da Livraria da Casa de Vimieiro.

Succinta, e apoucada informação nos deu o Conde de huma obra, que assim o não merecia por sua tão alta antiguidade, e raridade, deixando-nos desejosos do mais, a que se podêra estender a sua penna; he certo porém, que elle houve esta edição por hum parto da nossa Typografia, pois que logo accrescentou, que *ella podia servir de muito para mostrar a brevidade, com que a Arte da impressão se havia introduzido em Portugal*; e ainda que nos não deixou em lembrança as razões, que teve para a legitimar por nossa, certo que ella traria em si mesma vinculadas as notas, e divizas de sua filiação Portugueza (b).

Nem pôde negar credito a esta attestação do Conde, quem bem considerar, que elle era homem Sabio, e veridico, e muito versado em nossa Historia, e antiguidades; que tivera a seu cargo examinar os Livros raros da Bibliotheca da Casa de Vimieiro, que desta nota, ou subscrição das Obras do Infante dera conta á Academia Real

Tom. VIII.

B

da

(a) Veja-se a conta, que elle deu á Academia Real da Historia Portugueza, na conferencia de 23. de Agosto de 1794. n. 23. pag. 7.

(b) Com effeito nos primeiros tempos da invenção da Typografia não era natural, que Impressores fora de Hespanha se lembrassem de dar á estampa huma obra, que sendo escrita na Lingua Castellhana então pouco tratada, e conhecida das mais Nações, lhes não podia prometter maior extracção, e consumo. Poder-se-hia suspeitar talvez, que algum dos nossos, ou dos Castelhanos a faria imprimir em Hespanha; mas a Typografia Castellhana começou em 1470, ou em 1474, como acima notamos, quanto mais, que para contrastar o juizo do sábio Conde, que a vio, e examinou, e a deu por legitimo parto da nossa Typografia, não bastaria huma simples conjectura sem outro maior fundamento, que a appoiasse; de outra sorte desconfiaríamos a todo o instante das cousas, que se nos contão, e sobre estas desconfianças, e suspeitas passaremos facilmente a tirar a fé a toda a Historia.

da Historia Portugueza, attestando de hum Documento, que ainda então existia, e que facilmente podia ser visto, e examinado não só dos Academicos; mas ainda de todos os Sabios da Nação, a quem foi annuciado; e isto em tempos em que fervia o calor de averiguar as nossas antiguidades, e descobrir cousas raras nas Bibliothecas, e Cartorios destes Reinos.

Exemplar
da Livraria
da Casa
dos Du-
ques de La-
fões.

Cresce a força, e pezo deste discurso com o testemunho, que aqui devemos acrescentar, do outro sabio Academico José Soares da Silva, o qual nas suas Memorias de Portugal no Governo do Senhor Rei D. João I. attesta de outro exemplar das Poesias do Infante, que fora da Livraria do Cardeal de Sousa, e existia na Casa dos Excellentissimos Duques de Lafões, Marquezes de Arronches; affirma elle, que era *hum Livro de quarto, que continha as Obras Poeticas do Infante, e que se imprimira sem mais data, que huma, que podia ser a mais clara para saber-se o verdadeiro anno em que a impressão se inventou.* E acrescenta no fim, *que forão impressas nove annos depois de inventada a famosa Arte da impressão* (que erão palavras do mesmo Livro) *que porém não declara o anno em que se imprimirão (a)*: por mui certo temos, que as mesmas razões, que abonão o illustre, e sabio Conde da Ericeira, recahem igualmente sobre a pessoa deste Academico para o havermos por tão sabedor, e veridico, como o mesmo Conde.

Resolve-se
a duvida
sobre as
datas dos
dois exem-
plares.

Não devemos porém disfarçar a difficuldade, que nasce da variedade das datas, que hum, e outro referem, pois que na subcripção, que vio José Soares da Silva se data a impressão de nove annos depois de inventada a Arte Typografica, quando na que o Conde trasladou, e referio em sua conta, sómente se assinalão seis annos; mas já pôde ser que ou fossem duas diversas edições, que se da-
tá-

(a) Tom. I.º Liv. Cap. LXXII. pag. 365. 366. . . . Este Tomo foi impresso em 1730, e por consequente depois da conta, que deu o Conde da Ericeira á Academia Real da Historia Portugueza.

tirão em diversos tempos da epocha da invenção da Typografia, imitando a segunda o estylo, e formula da subscrição da primeira, ou fosse antes descuido do Amanuense, ou do compositor na impressão das Obras de hum dos dois Academicos, que ao copiar, ou compôr as taboas, corrompeu inadvertidamente a lição original, como succede muitas vezes (a). De qualquer modo que fosse, não podemos duvidar da existencia destes dois exemplares, de que publicamente attestarão dois homens de caracter, de probidade, e de não vulgar litteratura, remettendo-se para duas Livrarias tão notaveis, e conhecidas nesta Corte, aonde elles se podião então vêr, e examinar (b).

Mas não hiremos ainda por diante, sem primeiro atalhar outra duvida, que se nos pôde oppôr nesta materia. Pôde alguém desconfiar da exacção daquella nota, e declaração, que vem no fim das Obras do Infante, por nella se suppôr o nascimento da Typografia em Basilea, quando corre como certo, que outra Cidade lhe dera o berço,

B ii

Resolve-se a duvida sobre a nota da invenção da Typografia em Basilea, que vem nos dois exemplares.

(a) Parece, que foi esta edição a de que faljou João de Villanueva no Folbeto, que imprimio em Lisboa em 1732, para dar a amostra dos primeiros caracteres, que formára para serviço da Academia Real da Historia Portugueza, dizendo: *Porém eu entendo, que João de la Caille se engana, se he certo o que Pessoa dignas de maior credito me affirmarão, dizendo-me, que na Livraria de huma das primeiras Casas deste Reino se acha hum Livro impresso em Lisboa sem data; porém em lugar della se lê nelle, que fora impresso oito annos depois de se inventar a Arte de imprimição pag. 7. e 8.*

He verdade, que esta data diversifica tambem das duas dos dois Escriptores acima citados; mas sendo facil a troca de numeros, e datas, maiormente, havendo-se tomado a noticia de memoria, não admira, que Villanueva ao escrever as confundisse, e as datasse de oito annos, o que devéra datar de seis, ou nove. São frequentes os exemplos de semelhantes erratas, e por aqui se vê, que assim como Villanueva trocou a data, igualmente a haveria trocado hum dos dois Amanuenses, ou Impressores das obras dos dois Academicos.

(b) Contra o que temos dito da existencia desta edição das Obras do Infante, pôde tirar-se huma objecção das clausulas do Prologo, ou Dedicatória, que pôz Antonio Durraa na edição, que deu no meo do seculo destas Obras; mas disto fallaremos ao diante no Cap. VI. Art. III.

e maiormente quando as primeiras edições, que tem apparecido até aqui das Officinas da Basileá, descem muito abaixo, isto he aos annos de 1478, sendo para suspeitar, ou que aquella edição foi supposta, e muito posterior ao tempo em que se diz publicada, ou que o Editor assim como se enganou sobre o lugar em que nasceu a Typografia, se enganou igualmente sobre a computação dos annos da sua invenção para della datar aquella obra (a).

Mas nem por taes razões havemos de esmorecer, e desamparar esta causa: se todo o fundamento desta suspeita he o nascimento, que se assigna desta Arte em Basileá, não he isto motivo sufficiente, nem para havermos por supposta a edição, nem para taxarmos de ignorante, ou de falsario o Editor. Esta Arte nasceu occultamente, os seus primeiros esboços forão clandestinos, e secretos; pois que seus inventores os recatárão por alguns tempos, para fazerem passar por mss. os primeiros Codigos, que imprimirão, estampando-os então com caracteres semelhantes

(a) O douto, e erudito Cisterciense Fr. Manoel de Figueiredo na sua Carta em reposta á Consulta que lhe fizemos de que acima fallamos, não approvou, que nós nos affiançassemos nesta prova. A sua só authoridade, que respeitavamos, como de Varão mui sabedor de nossas antiguidades, nos fez estremecer, e vacillar sobre o em que até então haviamos estado muito firmes; e em verdade, que bastante motivo tinha elle para assim o entender, por se suppôr naquella nota a invenção da Typografia em Basileá, o que ainda ha poucos tempos causou novidade a Raymundo Diosdato *De prima Typographiæ Hispanicæ etate* pag. 98... Com tudo não causou escrupulo ao erudito antiquario João Henrique Leichio, que no Supplemento a Maittaire, que vem no fim da sua Obra *De Origin. et increment. Typographiæ Lipsiensis* pag. 125. conta esta edição como huma prova de quão cedo entrou a Typografia em Portugal: *Lusitaniæ typographia celeriter innotuit et extant sane libri, iis quos Cel. Maittairii diligentia indagavit, multi vetustiores; servantur in Bibliotheca comitis de Vimieiro Lusitanicarum splendissima Domni Petri Principis Regii Opera quibus additur ea sexto post inventam Basileæ artem anno in Lusitania impressa esse: e a nota de Basileá, que não causou escrupulo a hum Varão natural de Alemanha, e tão sabio como elle era nesta casta de estudos, não nos deve trazer maior espanto.*

tes aos da escritura natural, para adquirirem com esta traça grandes sommas de cabedal. A desavença, e demanda que houve entre Fausto, e Guttemberg, foi a que deu occasião a descobrir-se este segredo; daqui veio não se saber depois com certeza, nem o lugar aonde começaram as tentativas desta Arte, nem as primeiras Obras, que se imprimirão. Assim que quatorze Cidades entrarão depois em debate sobre o nascimento da Typografia, sendo huma dellas Basiléa, e os Historiadores, e Bibliografos, que mais tratarão das origens, e progressos desta Arte, até agora se não tem acordado entre si sobre o lugar, que a vio nascer.

Póde ser pois, que a noticia, que corria abonada com maiores creditos nos tempos do Editor das Obras do Infante, dêsse a invenção desta Arte a Basiléa: com effeito a não ser assim, como era praticavel, que elle se enganasse nesta parte, e attribuisse este invento a Basiléa, se a voz geral o dêsse então a Moguncia? Ou como he crível, que se fosse supposta esta edição, a datassem com huma nota, que por si mesma descobria logo a sua supposição, e falsidade?

De mais, não só se conta Basiléa entre as quatorze Cidades, que disputarão a gloria desta invenção a Moguncia; mas até pretendem alguns, que ella appresentou o primeiro parto da Typografia tabularia na impressão do Livro *Reformatorium vite morumque Clericorum*, publicado nos annos de 1444, e ainda até agora se não mostrou com fundamento decisivo, que ou era falsa a data deste Livro, ou que elle não fôra producção de Basiléa (a).

Pelo que com muita reflexão accrescentou o douto Conde da Ericeira, a quem não erão desconhecidas as controversias, que nisto havia, que a edição das Obras do Infante podia servir de muito fundamento para disputar á

Ci-

(a) Póde ver-se João Jorge *Disert. de Libro quodam unde Basiliensis Typographiae inventionem asserere quidam conantur*, que vem no Mercurio de Suissa de Agosto de 1734.

Cidade de Moguncia a gloria desta invenção. No mesmo pensamento entrou depois João Henrique Leichio fallando desta edição: *Apparet etiam hinc gloriam, quam Moguntini dicunt esse suam, Argentoratenses repetunt, Harlemenses vero suam esse contendunt, Basilienses jam olim sibi tribuisse (a)*.

E com effeito se este ponto he obscuro, e embarçado, se se não acha ainda decidido com clareza, se ainda hoje disputão os Escritores sobre o lugar do nascimento da Typografia, certo, que o testemunho do nosso Editor, longe de dever pôr-se em rejeição, e desabono, he talvez o documento mais subido, que apparece em toda a Historia Typografica para fixar o paiz nativo desta Arte, pois que elle parece ser anterior á Chronica de Trichemio, e á outra Anonyma de Colonia, que são dos monumentos mais antigos, que se costumão trazer sobre as origens Typograficas.

Accrescentaremos ainda a tudo isto, que posto que depois corresse, como humo geral opinião em muitas partes, que Moguncia fôra o berço desta Arte, todavia he hoje assentado entre os que melhor averiguárão estas materias, que ella o foi sómente da Typografia de fundição, que se aperfeiçoou pela invenção de caracteres moveis, e metallicos, qual hoje temos, e não da Typografia Tabularia de esculptura, que constava de caracteres immoveis, e relevados em pranchas de madeira, que foi o primeiro genero de Typografia, que se inventou, que esta negão constantemente Marchand, Meerman, e outros muitos, que fosse parto de Moguncia. Acaso pois desta primeira

(a) De Origine, et Incremento Typographiæ Lipsiensis no Supplemento a Maittaire pag. 125. o P. Fr. Manoel de Figueiredo na sua Carta, sem embargo de não reconhecer a authoridade da nota do Editor das Obras do Infante; toda via estava no conceito, de que Moguncia não fôra o nascedouro da Typografia. Eu me detive, diz elle, para conciliar as opinões respectivas ao Author da mesma Arte dentro das Balizas da Europa, e ainda que não deoivi a favor dos Moguntinos, escrevi bem larga tenção.

meira especie de Impressão , se datava naquelles tempos a origem , e invenção desta Arte em geral , e se attribuia então a Basiléa , como outros depois a quizerão attribuir a Harlem (*a*). Pelo que não ha por ora razão bastante para desconfiarmos da nota do Editor das Obras do Infante , e deixarmos de aproveitar o argumento , que della se tira para datarmos a nossa Typografia de tão subida antiguidade.

Isto posto podemos dizer com muita probabilidade , sem que pareçamos arremeçados por demasiado amor de nossas cousas , que Portugal foi das primeiras Provincias fóra de Hollanda , e de Alemanha , que receberão a Arte Typografica ; e que elle póde datar com muita verosimilhança a sua entrada pelos annos de 1464 , ou 1465 , levando assim a dianteira a muitas Cidades da Europa , que se gabão hoje de grandes Letras (*b*).

Conclusão
de tudo.

Isto

(*a*) Tem apparecido diversas Obras impressas neste genero de Typografia , que pela imperfeição , e rudexa de fabrica , e esculptura dos caracteres em pranchas de páo , assaz mostrão , que são das primeiras producções desta Arte , das quaes toda via se ignorão inteiramente os seus Artifices , e o tempo , e lugar em que nascêrão , sem se poderem attribuir mais a huma Nação do que a outra , como adverte Marchand , na Historia da Impressão Sect. II. §. II. pag. 14 , e 15. Taes são por exemplo *lum Manual* , ou *Horologium Beatæ Virginis Mariæ* : *Ars memorandi notabilis per Figuras Evangelistarum* : *O Cantico* , ou *Historia Beatæ Virginis* : *Historia S. Joannis Evangelistæ* : *Speculum humanæ Salutis* : *Confessionalia* : hum *Psalterio* , e outros mais Livros , dos quaes se conservavão alguns ha poucos annos em Harlem , e nas Livrarias do Conde de Pembrock , de Vffenbach , de Vilembrouk , e de Schelhorn ; e sobre tudo a rarissima Obra *Tractatus brevis ac valde utilis de arte et scientia bene moriendi* , em 4.º As letras abertas por huma mão vacillante , e ainda pouco assente , a tinta desbotada , e desigual , as figuras , pelo dizer assim , *exangues* , e *estrigosus* , tudo indica a subida antiguidade destas edições.

(*b*) Sendo provavel o nascimento da Typografia entre os annos de 1450 , e 1455 segundo a melhor opinião , e sendo as Obras do Infante impressas 6 , ou 9 annos depois da sua invenção , fica provavel pelo menos a introducção da nossa Typografia pelos annos de 1464 , ou 1465 , tempo em que tambem se estabeleceu em Sublaco a primeira Typografia de Italia. Pelo que crível he , que tivessamos Fiélos

Isto he o que podémos alcançar da origem de nossa Typografia, seguindo os rastros, é vestígios da tradição dos maiores, e o resultado da Legenda da edição das Obras do Infante: e na verdade bem considerado o discurso de tudo o que temos dito, assaz máo de contentar seria, quem para prova de feitos tão antigos desejasse melhores argumentos, visto que as idades não tiveram cuidado de nos deixar com mais clareza a noticia destas cousas. Mas ponhamos fim a este arrazoado por evitar a prolixidade, em que já cuidamos ter cahido, e passemos a fazer particular memoria dos diversos generos de Typografia, que entre nós houve: das Cidades em que se estabelecêrão naquelles Seculos Officinas Typograficas: dos Impressores estrangeiros, e nacionaes, que então tivemos, e das Obras, que sahirão de seus prélos, quanto o permittirem as escaças noticias de nossa Historia: e em quanto, ou a casualidade, ou a diligencia nos não descobre documentos, que ou mostrem o que está occulto, ou desembarassem o que ainda está incerto, e duvidoso.

CAPITULO II.

Das tres Classes de Typografia em Portugal.

Classe I.
Typografia
de Livros
Portuguezes.

No Seculo XV. houve tres classes de Typografia em Portugal, a saber a Typografia Portugueza, a Hebraica, e a Latina.

E

Typograficos pouco depois de Basiléa, Harlem, Strasbourgo, Mougancia, e Sublaco, que são as que hombraão em maior antiguidade Typografica, e por conseguinte antes de muitas Cidades de Alemanha, e de Italia, e antes de França, Inglaterra, e Hespanha; pois que as que madrugárão mais cedo, só apparecem com Obras de seus Prélos depois dos annos de 1465. Com o que se pôde occorrer á opinião de Prospero Marchand, que em huma Memoria de sua propria letra, que conservava D. José da Silva Pessanha, e que vio nosso amigo, e honrado Francisco José da Serra, Chronista dos Estados Ultramarinos, lançava a Epoca da nossa Typografia para os annos de 1480.

E pelo que toca á Portugueza, isto he, á impressão de Livros em linguagem, parece que esta foi entre nós anterior ás outras duas, e que começou de se estabelecer poucos annos depois do nascimento da Typografia na Hollanda, ou na Alemanha, segundo o que havemos discorrido no Capitulo II. de sua origem; e antiguidade em Portugal. He certo com tudo, que os Impressores Estrangeiros forão os que vierão assentar os nossos prélos, e ensinar-nos esta Arte; mas por ventura quizerão dar as primeiras amostras della na estampa de Livros Portuguezes, que logo podessem correr mais facilmente pelas mãos de todos. Esta Typografia porém não fez grandes avanços naquelle seculo, ou porque della não curarão muito os impressores estrangeiros, ou porque os estudos dos nossos se voltarão para os Livros Latinos, que se estimavão então mais que os Portuguezes.

Seguiu-se a esta a Typografia Hebraica; ella nos veio transplantada de Italia, e por mãos dos Hebreos, que erão os unicos naquelles tempos, que a estabelecão, e propagavão por toda a parte; por quanto os Judeos, maiormente os Alemães da Cidade de Spira, que havião passado á Italia, tinhão levantado os seus primeiros prélos nas Cidades de Socino, de Piobe, de Pesaro, de Bologha, e de Ferrara, e destes vierão alguns a Portugal, para onde muito os attrahia e convindava a grande quantidade, que cá tinhamos de Judeos estrangeiros, e nacionaes, e a esperança do grosso lucro, que lhes promettia o muito fervor, com que então se tratavão os estudos da Litteratura Sagrada nas Synagogas deste Reino.

Suspeitamos, que os Judeos Portuguezes da Academia de Lisboa, e os da Communa de Leiria, que muito figuravão naquelle seculo, querendo aproveitar-se de hum invento, que com tanta facilidade podia multiplicar os Livros de sua Lei, forão os que com mais ardor, e deligencia chamráão a si de algumas partes da Italia a estes primeiros Impressores, para virem exercer entre elles esta Arte; e com effeito não sabemos, que se levantasse

Typografia Hebraica senão nas duas Cidades de Lisboa, e Leiria.

Ella appareceu entre nós , quanto podémos conjecturar , hum pouco mais tarde , que a Typografia Portugueza ; porém muito mais cedo , que a Latina. Provavel he , segundo o que temos de notar ao diante , que nós a tivéssemos já pelos annos de 1485 , tempo em que ainda a não tinha nenhuma outra Cidade da Europa , excepto as cinco de que acima fallamos , isto he , Socino , Ferrara , Piobe , Bolonha , e Pesaro , que são as que remontão nesta parte á maior antiguidade.

Esta Typografia começou de luzir com grande esplendor e apuramento ; e pelas brilhantes edições que logo apresentou de seus prélos , bem fundadas esperanças nos dava de apostar perfeições e gentilezas com todas as Officinas das Nações estranhas. Entrou porém em nossos Reinos com má estrea , e foi sua existencia de curta duração ; porque a vio acabar o mesmo Seculo , que a víra nascer. O odio com que olhavam os Hebreos ; a desconfiança em que estavamos de todos os seus Livros Hebraicos , suppondo ser desvario tudo o que nelles se escrevêra ; e o temor de que por meio da impressão se propagassem as doutrinas do Talmud , de que tanto mal se havia dito ; excitááo os clamores de alguns Christãos , que com mais piedade , que sabedoria desaprovááo indistinctamente todas as Obras de Hebraismo , e trabalhááo por arrancar em seu mesmo nascimento este ramo de Litteratura Sagrada , de que podiamos ter colhido grandes fructos. Por fim o Decreto de 1496 que desterrou de Portugal os Hebreos , e o outro de 1497 , por que se prohibio aos que cá ficááo a titulo de conversos todos os Livros em Hebreo ; desanimou inteiramente a Litteratura Hebraica , tornou inuteis os seus prélos , e fez sahír de Portugal para estranhas terras huma Typografia tão util e vantajosa , que então nos honrou por suas illustres producções , e que ainda hoje nos podia muito ennobrecer com suas obras (a)

A

(a) Refere este Decreto Fr. Pedro Monteiro na *Historia da Inqui-*

A Typografia Latina entrou igualmente em Portugal naquelle Seculo; ella se propagou ainda mais, que a Typografia Hebraica, pois se estabeleceu nas tres Cidades de Lisboa, Leiria, e Braga: nem podia deixar de ser vulgar, e de mais uso por serem os estudos da Latinidade, os que mais tratavão os Ecclesiasticos naquelles tempos, e os em que quasi se assommava naquella idade toda a erudição e Litteratura dos homens sabios. Muito se deveu nesta parte á diligencia, e persuasão dos illustres Mestres Antonio Martins, Cataldo Parisio de Sicicilia, Freixenal, e outros mais que trabalhavão por inspirar nas Escolas de Portugal o mesmo gosto da Latinidade, que excitava o doutissimo Nebrissa nas de Castella; os quaes promovião por sua authoridade a impressão dos Livros Latinos para uso dos estudos, que então corrião. Com tudo esta Typografia não sobresaheo entre nós com a mesma gala e luzimento, que a Hebraica, conservando-se até aos fins daquelle seculo, e ainda quasi até o meio do seguinte sem maior adiantamento e perfeição.

Classe III.
Typografia
de Livros
Latinos.

Quanto á Typografia Grega, corremos no Seculo XV. a mesma sorte, que quasi todas as mais Nações; porque sabido he que á excepção de mui poucos Livros Gregos, que se imprimirão em Milão, e Veneza, della se cuidou muito pouco naquelles tempos, ficando esta gloria reservada ao incomparavel varão Aldo Manucio, que pelos annos de 1500 começou de a propagar e aperfeçoar na sua Officina de Veneza, e a Gilles Garmont, que pelos annos de 1507 a introduzio nas Officinas de Pariz (a).

De como
não houve
entre nós
Typogra-
fia de Li-
vros Gre-
gos.

C ii

CA-

sição. Tom. II. pag. 429, 430. Exceptuárão-se tão sómente os Livros de Medicina, e Cirurgia; e aissm mesmo só a respeito dos Judeos Conversos, que já fossem Fysicos, ou Cirurgiões antes de sua Conversão.

(a) No Seculo XV. pouco se imprimio dos Autores Gregos: apenas se estampou em Milão em 1476 a *Grammatica de Lascaris*, e as *Obras de Dion Cassio*, por *Dionysio Paravizino*, em 1483 o *Psalterio Grego*, e Latino, em 1494 as *Sentenças Moraes*, e *Verses Colligidos por Lascaris*, e dedicadas a *Pedro de Medicis*; em 1490 em Veneza o *Ethymologicum*.

C A P I T U L O III.

Das Cidades de Portugal em que se erigirão Officinas Typograficas no Seculo XV.

Q U A N T O ás Cidades de Portugal , em que se erigirão Officinas Typograficas no Seculo XV , não nos consta com certeza senão de tres Leiria Lisboa e Braga.

§. I.

Leiria.

E pelo que toca a Leiria já della fallamos no Cap. I. Ainda , que se não tenha até agora descoberto obra alguma de seus prélos , anterior ás que sahirão de Lisboa , todavia ficou em tradição , que esta Cidade não só tivera Officina Typografica , antes que a mesma Capital do Reino ; mas fôra a primeira em toda a Hespanha , que recebêra e exercitára a Typografia (a). Ora o primeiro Livro de que temos noticia , que se imprimisse em Hespanha , segundo já notámos , foi a Historia de Rodrigo Sanches de Arevalo em Palencia no anno de 1470 , ou pelo menos o Certame Poetico dos Louvores da Santa Virgem em Valença em 1474 ; donde podemos conjecturar , que já por 1470 , ou por 1474 tínhamos em Leiria hu-

Magnum , em 1495 huma Collecção de Grammaticos Gregos Theodoro , Apollonio , e Herodiano ; em 1497 huma Collecção de varias Obras de Aristoteles , de Philo , e de Theophrasto ; e em 1498 as Comedias de Aristophanes (ambas astas duas Obras já por Aldo) e pouco mais.

(a) Já citamos o testemunho de Pedro Affonso de Vasconcellos , natural de Leiria , na sua rara Obra : *De Harmonia Rubricarum Juris Canonici* , que se refere a Pedro Nunes , Cosmografo Mór de Portugal , e ao de outros Varões doutos ; veja-se o lugar acima citado no Cap. I.

humana Officina Typografica ; he certo , que por 1494 florecia nella hum Typografia Hebraica de grande nome , e he provavel , que os Judeos Soncinates fossem os primeiros , que a trouxessem áquellas partes (a). Honrou-se esta Cidade com prélos não só Hebraicos ; mas tambem Latinos , e Portuguezes , que produzirão alguns Livros , hoje raros , de que faremos memoria em seu lugar. Parece Porém , que as suas Officinas acabárão nos fins do mesmo Seculo XV , pelo menos a Typografia Hebraica descahiu de todo com a extinção da communa dos Hebreos , que alli havia.

§. II.

Lisboa.

Lisboa foi a segunda Cidade de Portugal , que apresentou em utilidade das Artes e das Sciencias bem providas Officinas Typograficas , em que se estampárão Livros Hebraicos , Latinos , e Portuguezes. Não sabemos em que anno se erigirão ; mas parecendo muito provavel , segundo o exame , e combinação , que fez o erudito Rossi , que a primeira edição do Livro *Sepher Orach Chaim* R. Jacob Ben Ascer , de que fallaremos adiante , foi obra dos prélos Lisbonenses ; podemos assentar com probabilidade a sua Epoca pelos annos de 1435 , tempo em que se imprimio aquelle Livro (b).

Bra-

(a) Maittaire , que muito averiguou as origens , e progressos da Typografia , não duvida de assentar , que os Judeos Soncinates havião trazido seus prélos a Leiria. Ann. Typog. Tom. I. pag. 313. Orlandi querendo dizer o mesmo nas Origens , e Progressos da Estampa pag. 214 , confunde Leiria com Liria , Lugar no Reino de Valencia. Desta Typografia falla além de Maittaire Prospero Marchand na Historia da Impressão pag. 88.

(b) Advertimos aqui , que os Hebreos nas edições Lisbonenses algumas vezes punhão *Isbona* por *Lisbona* , como se acha entre outras na edição do Pentatheuco Olisiponense , e no Codigo mss. do Canon de Avicenna , copiado em Lisboa , que existe na Bibliotheca de Medicis , no qual se diz *Isbona* (não *Aibona* como se escreveu no Catalogo da-

Braga.

Braga foi a terceira Cidade , que se honrou e ennobrecceu com a Typografia naquelle seculo , offerecendo ao público as primeiras producções desta Arte pelos annos de 1494, ou talvez antes. A sua Typografia quanto até aqui nos tem constado, foi a principio de Livros Latinos, que eraõ os de mais trato , e uso em huma Cidade , em que só figuravão os estudos do Clero.

Não sabemos de outra Cidade do Reino , que naquelle seculo tivesse Typografia. O Porto, Coimbra, Evora , e Viseu só no Seculo XVI he que virão erigir os seus prélos; e as Villas, e Lugares do Reino , que nos derão producções Typograficas, só apparecem com ellas ou no mesmo Seculo XVI, ou ainda mais tarde; e assim mesmo entendemos, que só tiverão prélos portateis por algum tempo, que alli levárão os Impressores das Cidades. (a)

CA-

quella Bibliotheca) como adverte Rossi de Orig. Typ. pag. 48. Lese na Geografia do Nubiense , segundo Casiri , *Astona*.

(a) O nosso particular amigo , e honrador , e digno Socio da Real Academia das Sciencias , o Excellentissimo Senhor D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia , Bispo de Malaca , cuja vasta , e apurada Litteratura honra a Nação , e o Seculo , nos assegurou , que tinha visto entre os papeis da curiosa Livaria de Gregorio de Freitas , Escrivão da Correição de Setubal , de quem já acima fallamos , huma Lei de nossos Principes , impressa na Cidade do Porto , no Seculo XV , e pela ter visto ha muitos annos não nos pôde dar noticias mais individuaes desta impressão. Com effeito- era de esperar , que em huma Cidade tão principal do Reino , de tão gróssio trato , como então já era o Porto , se estabelecesse esta Arte a par das outras , que alli havia , e que a vizinhança de Braga , aonde se tinha levantado huma Officina Typografica , despertasse a curiosidade de a erigir tambem nesta Cidade. Com tudo como não apparecem outras obras daquelle tempo , que fossem alli impressas , julgamos , que a edição daquella Lei seria producção dalgum prélo portatil , que alli passasse , como succedeo depois em outras terras deste Reino.

CAPITULO IV.

Dos Impressores do Seculo XV. em Portugal.

POIS que a Arte Typografica contribuiu maravilhosamente para os progressos das Artes e das Sciencias, e para a reputação dos Varões sabios de Portugal, justo he, que consagremos respeitosa-mente a memoria dos seus Artifices, honrando com particular lembrança, os que a exercitáráo entre nós naquelle seculo. Forão elles de duas Classes, Hebreos, e Christãos. Fallemos de huns, e outros.

ARTIGO I.

Dos Impressores Hebreos em Portugal.

Os primeiros Impressores, que apparecêráo entre nós, quanto até aqui podémos descobrir, forão Judeos Estrangeiros, que vierão a Portugal de diversas partes de Italia. A pratica em que estavam os Judeos de multiplicarem os exemplares da Lei para uso de suas Synagogas, e dos mesmos particulares, fazia com que tambem se multiplicassem os Impressores da Nação. Noticia nos ficou dos tres seguintes, que certo forão dos primeiros, que pozerão mão nestes trabalhos.

Rabban Eliezer.

Era Impressor em Lisboa pelos annos de 1489, em que imprimio hum *Pentatheuco Hebraico* com os Commentarios de R. Moyses Nahmanide, e por 1492 em que deu huma edição de Isaias, e Jeremias, duas obras, de que fallaremos em seu lugar.

Rab Tzorba.

Este tambem foi Impressor em Lisboa, e na mesma

ma Officina de Rabban Eliezer pelos annos de 1489, em que imprimio de parceria com elle o Pentateuco Hebraico, de que acima fallamos.

Zacheo.

Zacheo filho de Rabban Eliezer foi outro Impressor em Lisboa pelos annos de 1491, em que publicou o *Pentateuco Hebraico* com a Paraphrase Chaldaica de Onkelos, e Commentarios de R. Salomão Jarchi.

Não podemos alcançar noticia de outros (a): o pouco acolhimento, ou antes odio, que os Hebreos acharão entre nós os Christãos, e as desventuras, que tiverão de soffrer desde o anno de 1496 os desanimarão, e estorvarão de proseguir em seus trabalhos; nem d'entre os mesmos, que cá ficarão, e se tornarão Christãos, podia haver hum só, que se animasse a continuar em suas Obras Typograficas pelas razões, que já tocamos no Cap. I. fallando da Typografia Hebraica.

ARTIGO II.

Dos Impressores Christãos em Portugal.

Depois dos tres Impressores Hebreos de que temos fallado, entrão a apparecer alguns dos Christãos: erão elles Estrangeiros, que se passarão a Portugal das partes da Italia, e de Alemanha, e vierão propagar entre nós as Officinas Typograficas, de que daremos aqui noticia.

§. I.

(a) Suspeitamos, que em Lisboa exercitaria esta Arte Moyses, Impressor, filho de Scem-Tev, que na edição do Livro *Mikre*, ou *Makre Dardeki*, isto he, *Lição dos Parvulos* em fol., que Wolfio cre ser impresso em Constantinopla, e Rossi em Napoles, se diz, *Judeo Estrangeiro, e antes habitador da Santa Synagoga de Lisboa.*

Não contamos na Classe dos Impressores Hebreos, que tivemos, a Rabi Arba, porque a edição do Commentario de R. Moyses Nachamanide, em que se acha o seu nome, não he a de Lisboa de 1489 mas a de Italia de 1490 as quaes Wolfio confundio.

§. I.

*Impressores Alemães em Portugal**Nicoláo de Saxonia.*

Este Impressor foi hum. dos mais afamados, que aquelles tempos houverão: tinha elle sua Officina em Lisboa aonde imprimio o Breviario Eborense do Arcebispo D. João da Costa por 1490 a *Vita Christi* da traducção de Fr. Bernardo de Alcobaga por 1495, e o Missal e Breviario Bracarense do Arcebispo D. Jorge da Costa por 1496, e 1498.

Valentino de Moravia.

Floreceu pelos mesmo tempos em Lisboa, e trabalhou com Nicoláo de Saxonia na mesma estampa do Livro de *Vita Christi*, e na de outras obras.

João Gherline.

Este Impressor foi tambem Alemão, passou a Braga, e alli assentou huma Officina Typografica, aonde fez a primeira edição do Breviario Bracarense em 1494. Parece ter sido parente de Vlrico Gering, Impressor em Pariz por 1470, de que falla Marchand sobre a Edição das Epistolas de Gasparino Pergamense (a). Julgo, que este João Gherline he o mesmo João Berlinc, ou antes Gherlinc, que por 1496 imprimia na Villa de Monte-Rei no Reino de Galliza, confinante com Portugal (b).

Tom. VIII.

D

Va-

(a) Historia da Impressão pag. 57.

(b) Aqui estampou por 1496 o Manual Bracarense intitulado: *Manuale Sacramentorum cum brevi Compilatione Missarum, et aliquorum Festorum, secundum consuetudinem Metropolitanæ Ecclesiæ Bracarensis impressum per Magistrum Joannem Berlinch Alamanum, cui finis datus Mon-*

Valentim Fernandes Mourão.

Devemos pôr nos fins deste Seculo, a Valentim Fernandes Mourão, Morão, ou Morano, tambem Alemão, e Escudeiro da Casa da Rainha D. Leonor, terceira mulher do Senhor Rei D. Manoel, pois que apparece com sua Officina Typografica em Lisboa no principio do anno de 1500, tempo em que escrevia a D. Pedro de Menezes, terceiro Marquez de Villa Real, pedindo-lhe suas Obras para as imprimir, que lhe respondeu por sua Carta de 21 de Fevereiro do mesmo anno, que tem por titulo: *Epistola ad Valentinum Ferdinandum Moranum Typographum data 21 de Februariis anno à partu Virginis 1500*, o que bem mostra ter-se já estabelecido a sua Typografia no fim do Seculo XV (a).

Imprimio os Livros de Marco Paulo Veneziano, e com elles o de Nicoláo tambem Veneziano, e a Carta de hum Genovez mercador, que elle trasladou em Lingoagem, e dedicou ao Senhor Rei D. Manoel, em Lisboa em 1502 1. vol. fol. Gothico; obra rarissima de que ha hum exemplar na Real Bibliotheca pública da Côrte (b).

Teve parceria com João Pedro de Bonhomini de Cremona, e imprimio com elle entre outros Livros o Catecismo pequeno da Doutrina, e Instrucção, que os Christãos hão de crer, e obrar para conseguir a bem-aventurança eterna, feito por D. Diogo Ortiz, Bispo de Ceuta.
Lis-

si Regis, Domino Francisco de Cuniga dominante in eadem villa, et Comitatu anno 1496 4.º Idus Junii fol.

(a) Desta Epistola se vê, que elle teve o sobrenome de Morano, ou Mourão, posto que na edição dos Livros de Marco Paulo Veneziano, nas duas edições da Grammatica de Estevão Cavalleiro de 1503, e de 1516, e em outras obras se denomina simplesmente Valentim Fernandes, e assim lhe chama o erudito Barbosa.

(b) Da Subscripção desta edição se vê, que elle era Alemão, e não Portuguez, como affirma Barbosa, e suspeitamos ser talvez o mesmo que Valentino de Moravia de que acima fallamos.

Lisboa 1504 1. vol. fol. Gothico 2.^a Edição. Imprimio tambem as Orações, e Epistolas de Cataldo Aquila Siculo com as Obras do Marquez de Villa Real em Lisboa, de que ha hum exemplar no Collegio da Graça da Universidade de Coimbra, que se acha truncado.

§. II.

*Impressores Italianos em Portugal**Christovão de Cremona.*

Passando aos Impressores Italianos, hum aponta Maittaire, qual foi Christovão, ou Christolo de Cremona, que diz fora Impressor em Lisboa em 1491, de que teria achado documentos, que assim o certificassem; não podémos com tudo ter noticia de obra alguma de seus prélos: suspeitamos, que poucos tempos rezidiria em Portugal, e que seria o mesmo, que Christovão de Antignato Cremonense, que já em 1493 se achava em huma Officina em Veneza, para onde voltaria de Portugal (a).

João Pedro dos Boõshomês.

João Pedro dos Boõshomês, em Italiano de Buonhomini, ou Buonhomyni, ou Bognomino, em Latim de *Bonnis Hominibus*, (que assim diversamente se acha escrito) foi Milanez, e natural de Cremona; parece ter tido huma Officina em Lisboa no fim do Seculo XV, porque o vemos já em 1501 estampando a Obra Grammatical de Antonio Martins, de que se usava nas escolas, de que fallaremos mais largamente nas Memorias, que temos escrito de nossa Typografia no Seculo XVI.

(a) Ann. Typogr. Tom. I. pag. 301.

§. III.

*Impressores de origem incerta em Portugal**O Mestre Ortas.*

Este Impressor tinha sua Officina em Leiria, e nella trabalhou a edição do Almanach, ou Taboas Astronomicas de Abrahão Zacuto. Parece ter sido Castelhana.

Naquella edição he qualificado com o titulo de *Viri Solertis Magistri Ortas*. Talvez seria este o mesmo, que Samuel d'Orta, Judeo, e Impressor, que deu huma edição Hebraica dos Proverbios de Salomão (b).

Impressores em Portugal, que parecem pertencer ainda ao Seculo XV.

Persuadimo-nos, que alguns Impressores, de que sómente apparecem Livros estampados nos principios do Seculo XVI, havião já erigido suas Officinas Typograficas nos derradeiros dias do Seculo XV. Taes são os seguintes:

O Editor do Sacramental.

Parece nos pertencer ainda a este Seculo o Editor do Sacramental, ou Catecismo dos Parochos do Arcediago de Valdeiras na Igreja de Leão Crimente Sanches Vercial, traduzido do Castelhana em Portuguez, e impresso em Lisboa em 1502. fol.

O Editor dos Catecismos maior, e menor.

O mesmo dizemos do Editor do Catecismo maior, de

(b) Raymundo Diosdado *de primi Typog. Hisp. etate* na serie dos Typografos, suspeita que seria o mesmo que Affonso de Orta de Valença pag. 123. Fr. Francisco Mendés na *Typog. Espan.* falla delle em 1496, em que imprimio em Valença huma obra de *Imaginibus Astronomicis* p. 92.

de D. Diogo de Ortiz, Bispo de Ceuta, e depois de Vizeu, e do outro Catecismo chamado pequeno do mesmo Bispo, impresso no mesmo anno de 1502 (a).

CAPITULO IV.

Das Edições Hebraicas de Portugal no Seculo XV.

Dos Impressores passemos ás Edições. Daremos primeiro por sua Ordem Chronologica as Hebraicas, de que podemos haver noticia, começando pelas que tem certeza de era, e de lugar, e passando depois ás outras, que a não tem.

ARTIGO I.

Das Edições Hebraicas de Portugal, que tem certeza de Era, e de Lugar.

As Edições Hebraicas, que tem certeza de Era, e de Lugar, quanto nós podemos atégora saber, são as seguintes:

Pentatheuco Hebraico com os Commentarios de Rabbi Mosès, e Rabbi Mosche Nachman. Lisboa anno Judaico 249 (de Christo 1489) no mez de Av. fol. nas Casas de Rabbi Tzorba, e de Rabban Eliezer (b).

1489
Pentatheuco Hebraico.

He

(a) Não ousamos entender o mesmo de outros, cujas obras apparecerão mais tarde do que estas; como foi, por exemplo, o Editor do Catecismo Doutrinal pequeno de D. Diogo Ortiz, e o da Regra, e Definição da Ordem do Mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo de 1504, e Vicente Fernandes, Editor da rara obra dos Autos dos Apostolos de 1505. Lisboa.....

(b) Esta obra não foi impressa em 1490, como escreveu Wolfio na Bibliotheca Hebraica no Tom. III. pag. 796, mas em 1489, como elle mesmo reconheceu depois no Tom. IV. pag. 921, e foi em fol., e não em 4.^o. Cumpre não confundir esta edição com a Napolitana de 1490, da Officina de R. Arba, como fizeram o mesmo Wolfio na Bibliotheca Hebraica Tom. III. pag. 796, e Tom. IV. pag. 921. Marchand na Historia da Impressão pag. 84, e o erudito Author das

He em duas columnas , e em Caracteres Rabbinos de inflexão Hispanica , ou Oriental qual se usava em Hespanha por aquelles tempos. Das duas dicções *Sepper Berescid*, por que começa o Commentario , a primeira he com letras maiusculas ornadas , a segunda com letras menores quadradas , e assim vão todos os principios das Secções. Consta de 199 folhas: na epigrafe , que vem no fim , ha 36 versos em duas columnas: depois huma longa deprecação de Nachman , e huma epistola em que elle louva a Deos pelo haver ajudado a concluir a impressão de tão estimavel obra. Foi impresso doze annos depois das duas primeiras , e mais antigas edições de Livros Hebraicos , que tem apparecido atégora , quaes forão o *Commentario Rabbagiano de R. Levi Gerson a Job* em Pesaro por Abraham filho de David Chaiim em 1477 , e o *Psalterio Hebraico com os Commentarios de Kimchi*, no mesmo anno. He esta edição rarissima ; della tinha Jablonsk hum exemplar , que Wolfio examinou para a descripção que delle fez , outro tinha Rossi. Fazem memoria desta edição Wolfio (a) o Livro *Specilegium veterum editionum*, Marchand (b) o sobredito Rossi (c) , e D. José Rodrigues de Castro (d).

Isaias , e Jeremias com os Commentarios de Kimchi. Lisboa 1490.

João Bernardo de Rossi attesta haver visto hum exemplar desta edição (e).

Pen-

Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito na nota ao §. 14 do Appendix pag. 118 , e Fr. Francisco Mendes na *Typografia Española* Tom. I. pag. 294. Já Rossi notou a equivocação que nisto tinha havido.

(a) *Bibliotheca Hebraica* Tom. III. pag. 697 , Tom. IV. pag. 921.

(b) *Historia da Impressão.*

(c) *Indag. Hist. da Orig. da Typografia Hebraica* pag. 39.

(d) *Bibliotheca Española* pag. 99. Daqui se vê , que Portugal teve *Typografia Hebraica* , primeiro que França , que só a tivera em 1508 , quando Gilles Gourmant a estabeleceu em Pariz debaixo da direcção de Tessard.

(e) *Indagação Critica sobre a origem da Typogr. Hebraica* pag. 36. Já della fallamos em outra obra pag. 273.

1490
Isaias , e
Jeremias.

Pentatheuco Hebraico com o Targum, ou Paraphrase Chaldaica de Onkelos, e com os Commentarios de Rab. Salomão Jarchi. Lisboa no mez Av. anno 1251 (de Christo 1491)
 . 2. vol. em 4.^o grande (a)

1491
 Pentatheuco Hebraico.

O primeiro volume comprehende o *Genesis*, e o *Exodo*, e no fim os *Tosafad*, ou *Additamentos*; e consta de 215 folhas: o segundo contém os mais Livros de Moyses, e tem 239 folhas. O caracter do Texto, e o da Paraphrase, que lhe fica ao lado, he quadrado com pontos, e accentos, aquelle maior, e este menor; o caracter do Commentario, que corre por cima, e por baixo he Hispanico Rabbínico; o titulo do Commentario he feito em letras maiores, e ornadas as duas letras, porque começa o Texto de Moyses, e a Paraphrase: o Impressor foi o Judeo Zacheo, filho de Rabbi Eliezer, como se lê nos versos que vem no fim. He esta edição pela formosura, e elegancia dos typos a mais bella, e primorosa de quantas se fizerão então do Pentatheuco, como attestão Le Long, e Rossi; e he ao mesmo tempo a mais estimavel pela sna correcção, por haver sido escrupulosamente apurada sobre os mais antigos, e mais correctos Mss. de Hespanha, e segundo todas as regras da *Masóra*, ou *Critica Sagrada dos Judeos*: por essa razão em hum Livro, que elles escreverão sobre as regras, que havião de seguir os Amanuenses, e Impressores nas novas edições que fizessem do Pentatheuco, se lhes mandava, que nunca despregassem os olhos do exemplar Olisiponense. Com effeito entre elles o grande Critico Lonzano na sua obra *Or Torah* a tem pela mais exacta de quantas se havião feito (b), e todos os mais Criticos modernos não dixão de recorrer a ella, dando-lhe sem-

(a) He em 4.^o, e não em fol como escrever Martaitre, e Fr. Francisco Mendes. *Da Typografia Hispanola* Tom. I. pag. 294

(b) *Ediitio Latitana est omnibus editionibus adcuratior fol. 23.*

sempre a mesma preferencia entre as antigas , que costumavão dar ás duas Lombrosiana , e Norziana de Amsterdam entre as modernas (*a*).

Fallão desta edição Maittaire nos *Annaes Typographicos* , (*b*) Le Long na *Bibliotheca Sacra* , Orlandi nas *Origens , e Progressos da Estampa* (*c*) Struvio na *Bibliotheca Selecta da Historia Litteraria* (*d*), e Rossi nas *Varias Lições do Testamento Velho* (*e*), e na obra da *Origem da Typografia Hebraica* (*f*). Della tem hum exemplar o mesmo Rossi , Fr. Francisco Mendes (—), que o houve por donativo de Elias Levi , Presidente da Synagoga dos Judeos de Alexandria : ha outro na Bibliotheca Real de Londres , o qual conferio Benjamim Kenicot em 1767 (*g*), outro tinha Moyses Tóa , Livreiro Regien-se , de que attesta o mesmo Rosci na *Origem da Typografia Hebraica* (*h*), outro na Bibliotheca d'ElRei de França , outro tinha Crevenna (*i*).

1492
Isaias , e
Jeromias.

Isaias , e Jeremias , com os Commentarios de Kimchi. Lisboa em 5252. (*de Christo* 1492) fol. peq. na Officina de R. Eliezer (*k*).

Es-

(*a*) Donde sem razão o Author Anônimo das *Notas* , que vem na Bibliotheca Critica de Ricardo Simão vol. III. pag. 451 a taxou de pouco exacta , e trabalhada , como obra feita para uso do povo.

(*b*) Tom. I. Part. II. pag. 530.

(*c*) Pag. 211.

(*d*) Tom. III. pag. 2228. da edição de Veneza de 1763.

(*e*) Tom. I. pag. 38. §. 34.

(*f*) Cap. VI. pag. 45 , e 46.

(—) Da *Typogr. Espanh.* Tom. I. pag. 294.

(*g*) *Dissertação Geral ao Testamento Velho.*

(*h*) Cap. V. pag. 45 , e 46.

(*i*) *Catalogue des Livres* Tom. I. pag. 49.

(*k*) Maittaire , Wolfio , Le Long , e Masche na edição da *Bibliotheca Sacra* de Le Long , e Rossi no Tratado de *Hebr. Typogr. Origine* , põe esta edição em 1497 , o que he engano ; como depois advertio o mesmo Rossi no *Appendix da Bibliotheca Masch* pag. 28. no Livro de algumas antiquissimas Edições desconhecidas do *Texto Hebraico* pag. 29 , e no *Apparato Hebreo-Biblico* pag. 54. n. 15 , o que confir-

Esta edição he rarissima : apenas sabemos que existem quatro exemplares conhecidos , dois que descobrio Rossi , hum que fora de Seldeno , e se acha hoje em Oxford , entre os Livros da Bibliotheca Bodleiana , o qual vio o eruto Paulo Jacob Bruns , e o outro que havia na Bibliotheca de Crevenna (*a*). Fazem memoria desta edição Wolfio (*b*) Le Long (*c*) Maittaire (—) e seu Continuator Miguel Diniz (*) Benjamim Kenicott (*d*) Masch (*e*), e os sobreditos Bruns (*f*), e Rossi (*g*) Fr. Francisco Mendes (*b*).

Proverbios com os Commentarios de Gerson , e de R. Meir. Lisboa em 1492.

1492
Proverbios

Esta edição he tambem rarissima (*i*): segundo as noticias que temos , havia hum exemplar na famosa Bibliotheca de Oppenheimer (*k*), e outro na Bibliotheca pública.
Tom. VIII. E bli-

ma o douto Bibliothecario da Academia Julia Carolina , Paulo José Bruns em a *Nota ao Supplemento sobre a Dissertação geral ao Testamento Velho de Benjamin Kenicott* pag. 557. ŷ. Anglia.

(*a*) *Catalogue de Livres* &c. Tom. I. pag. 55. n. 223.

(*b*) *Bibliotheca Hebrnica* Tom. I. pag. 301.

(*c*) *Bibliotheca Sacra*.

(—) *Annal. Typogr.* Tom. I. Part. II. pag. 631.

(*) Part. I. pag. 328.

(*d*) *No Estado da Collecção , e Dissertação geral ao Testamento Velho.*

(*e*) *Na Bibliotheca Sacra.*

(*f*) No lugar acima citado.

(*g*) Nos lugares já citados , e no *Specimen Variarum Lectionum* pag. 12. 97.

(*h*) *Typogr. Espan.* Tom. I. pag. 294.

(*i*) Esta edição he deste anno , e não de 1497 como escreverão alguns Bibliografos , o que advertio o douto Rossi no *Apparato Hebreo-Biblico* pag. 55 o Catalogo da Bibliotheca de Oppenheimer , publicado em Hamburgo tambem era o anno , e o lugar da Impressão : deve tambem corrigir-se a passagem da Biblioth. Sacra de Mosch , aonde se diz , que o Commentario de Meir fora pela primeira vez impresso em Amsterdam em 1724.

(*k*) Della attestou Wolfio na *Biblioth. Hebr.* Tom. II. pag. 409. e vem assignalada no *Catalogo da Bibliotheca de Oppenheissur , publicada em Hamburgo* pag. 50.

blica de Mantua (a). Fallão desta edição entre outros Wolfio (b), Rossi, Paulo José Bruns (c), Miguel Diniz (d), e Fr. Francisco Mendes (e).

1494
Profetas
Primeiros.

Profetas Primeiros com o Targum, e Commentarios de Kimchi, e de Rabbi Levi Ben Gerson. Leiria an. 254 de Christo 1494. fol.

He em Hebraico, e contém os Livros de Josué, dos Juizes, e dos Reis, com a Paraphrase Chaldaica (f); he huma das antigas edições de muita estimação, e raridade. No Catalogo da Bibliotheca Real de Pariz se faz menção de hum exemplar, que só tem a parte que comprehende os Livros dos Reis (g), Rossi conservava outro exemplar. Fallão desta edição Le Long na *Bibliotheca Sacra* (h), a obra intitulada *Specilegium Veterum editionum*, e Marchand na *Historia da Impressão* (i), os quaes só fazem memoria dos Commentarios de Gerson, e não de Kimchi, nem do Targum. Tambem della fallão Maittaire nos *Annaes Typographicos* (k), Wolfio na *Bibliotheca Hebraica* (l), Orlandi nas *Origens, e Progressos da Estampa* (m),
Stru-

(a) Bruns vio e consultou este exemplar, e depois o houve a si o mesmo Rossi, de que elle falla na *Orig. da Typogr. Hebr.* pag. 57. no *Appendix da Bibl. Sacra Manh.*, e no *Tom. I. das varias Lições do Testamento Velho* Cap. II. n. 192, e no *Apparato á Bibl. Hebr.* p. 56.

(b) No lugar acima citado.

(c) Nos lugares citados.

(d) Part. I. pag. 333.

(e)

(f) Esta edição comprehende os Profetas Primeiros, e não os Menores como alguns disserão.

(g) Pag. 19.

(h) Tom. I. pag. 75. Tom. II. pag. 827 em que só se falla do Commentario.

(i) Pag. 28.

(k) Tom. IV. pag. 530. pag. 570.

(l) Tom. I. pag. 201, e Tom. II. pag. 956.

(m) Pag. 214 Erra a citação de Leiria julgando ser Liria, Lugar da Hespanha Tarraconense no Reino de Valencia junto do Rio Turia.

Struvio na *Bibliotheca Selecta da Historia Litteraria* (a), o mesmo Rossi (b), e Raimundo Diosdado no *Ensaio sobre a primeira idade da Typografia Espanhola* (c), e Fr. Francisco Mendes (d).

Seder Tefilod, ou Ordem das preces de todo o anno de R. David filho de José chamado Avudraham. Lisboa fol. an. 255 (de Christo 1495).

1495
Ordem das
Preces.

He huma obra Liturgica em Hebraico, em que se contém huma completa exposição das preces Judaicas, que Rabbi David havia composto em Sevilha, de que falla Wolfio, e Bartholocio; foi impressa, e acabada no mez de Teveth (Dezembro, e Janeiro); e em casa de Eliezer, que se diz ser Varão sabio, pio, e temente a Deos, a quem se louva nos versos, que vem no fim. Cuidamos ser o mesmo que Eliezer Impressor, de que já fizemos menção: he huma edição elegantissima, e em duas columnas, com caracter Rabbínico Hespanhol; mas os principios das Secções, Capitulos, e Orações, são formados com letras maiusculas, quadradas de extrema formosura: consta esta obra de 170 folhas, e acabada com dois poemas, hum de doze versos feito pelo mesmo Author, que nelles attesta haver composto aquella obra em Sevilha no anno 5100 da Creação do Mundo; outro de quarenta versos, em que se dá a obra por impressa em Lisboa, e se chama a Synagoga, que está em meio della, *a fortaleza, e a mãe de todas as principaes Synagogas.* Esta edição foi desco- nhecida dos Judeos modernos, e tambem dos Christãos;

E ii

por-

(a) Tom. 3.º pag. 2228. edição de Sena de 1763.

(b) *Apparato Hebr. Bibl.* pag. 54. *Origem da Typogr. Hebr.* pag. 54, *Apparato á Bibl. Masch.* pag. 30. *Specimen Var. Lætion. Sacr. Text. Pontif. Cod.* pag. 41.

(c) Pag. 48.

(d) *Typogr. Esp.* Tom. I. pag. 339.

porque se havia pro primeira edição a de 1514, em quanto Rossi não deu noticias della (a).

1497
Isaias, e
Jeremias.

Isaias, e Jeremias em Hebreo com os Commentarios de Kimchi. Lisboa 1497 fol. vol. I.

He terceira edição. Fazem memoria della Le Long na Bibliotheca Sacra (b) Wolfio na Bibliotheca Hebraica (c), Maittaire nos seus Annaes Typograficos (d), Orlandi nas Origens, e Progressos da Estampa (e), e Rossi na Origem da Typografia Hebraica (f)

A R T I G O II.

Das Edições Hebraicas sem nota de lugar, ou duvidosas.

1485
Livro do
Caminho
da Vida.

Sepher Orach Chaiim, ou Livro do Caminho da Vida de R. Jacob Ben Ascer ann. 245. (de Christo 1485) fol.

He huma edição de tanta raridade, e tão desconhecida, que antes de Rossi nenhum Bibliografo Judeo, ou Christão havia feito memoria della. O caracter da obra, á excepção dos titulos de cada huma das Ordenanças, e Cap-

(a) De Orig. Typogr. Hebr. Cap. VI. pag. 56. Vimos hum exemplar desta obra entre os Livros raros, que alcançou em sua viagem de Hespanha a Portugal o doutissimo varão D. Francisco Peres Bayer, Arcediago de Valença, e Bibliothecario de Sua Magestade Catholica, que no-lo communicou na sua passagem por Coimbra.

(b) Tom. I. pag. 75, e Tom. II. pag. 696.

(c) Tom. I. pag. 301, e Tom. II. pag. 399.

(d) Tom. I. Part. II. pag. 631.

(e) Pag. 211.

(f) Pag. 58. Rossi todavia confessa, que nenhum exemplar tinha visto desta edição, Le Long, Wolfio, e Maittaire, que della fallão, não a descreverão, nem nos deixarão maior noticia, notando apenas o anno, o lugar, e a fórma.

pitulos, que são em letras maiusculas quadradas, he Rabbinico Hespanhol, ou inflexo. Consta de 98 folhas, e traz no fim hum Carmen de 30 versos, em que se louva a obra, e se faz deprecação a Deos. Aqui se diz, que foi acabada em 245 no mez Ebul. Rossi, que vio e examinou hum exemplar desta obra, crê, que a edição foi feita em Lisboa pelo caracter, que he inteiramente o mesmo, que o do Commentario de Nachman, e do Livro *Avudrabam*, impressos na mesma Cidade poucos annos depois, pelo caracter quadrado, por que começa cada huma das Secções e capitulos, e pelo mesmo papel em que he impressa: o juizo de hum homem tão lidado nos estudos Bibliografos, como era Rossi, hé crêdor ao nosso conceito para haver-mos esta edição por Portugueza sobre a fé de seu-exame (a).

Se isto assim he, reve Portugal Typografia Hebraica, não só primeiro que Alemanha, França, Castella, Polonia, Hollanda Inglaterra, Thessalonica, e Constantino-
pla; mas ainda que todas as Cidades de Italia, excepto Ferrara, Piobe, Pesaro, Socino, e Bolonha (b).

Pen-

(a) Elle a dá pela primeira obra estampada em Portugal, ou geralmente em toda a Hepanha. Se entendeu fallar de Livros Hebraicos, certo que nenhum outro se tem até agora descoberto anterior ao anno de 1485; se das obras escritas em outras lingoas, Hespanha se appresenta já com producções de sua Typografia pelos annos de 1470, ou de 1474, como havemos notado no Cap. I, e quanto a Portugal provavel he, que antes de 1485 tivessemos impressão de Livros, e que fosse hum delles o das Obras do Infante D. Pedro, de que tambem já temos fallado, e de que ainda fallaremos adiante.

(b) Estas forão as cinco Cidade de Italia aonde primeiro se erigirão Officinas Typograficas Hebraicas; as que mais se apressarão em as imitar forão Brescia, Rimini, Fano, Veneza, Cremona, Mantua, Sabioneta, Verona, Padua, Liorne, Napoles, Riva, Isna, e Brixia, e com tudo nenhuma destas Cidades tem appresentado atégora, quanto nós sabemos, Livro algum Hebraico de seus prélos que remonte ao anno de 1485. As edições que sedão como anteriores a este anno, se exceptuamos as de Ferrara, Piobe, Pesaro, e Socino, são hoje havidas, humas por decisivamente falsas, e suppostas, como as de Veneza de 1428, e de 1466, e as de Ortona de 1461, e de 1476, outras suspeitas de falsidade como as de Bolonha de 1471.

1490
Pentatheu-
co com Pa-
rafrase , e
Commen-
tarios.

*Pentatheuco Hebraico com a Parafrase Chal-
daica de Onkelos, e Commentarios de Jar-
chi fol. ann. 250 (de Christo 1490).*

He sem pontos ; no meio vem o Texto com caracte quadrado , e de hum e outro lado a Parafrase Chaldaica , em letras menores quadradas , e o Commentario em Hespanhol Rabbinico ; contém o volume 264 folhas. O Editor foi Salomão , filho de Rabbi Maimon Zalmati. He em folha , como nota o Catalogo da Bibliotheca Real Parisiense , e Fabricio , e não em 4.º como escrevem Wolfio , Le Long , e Maittaire. Nenhum destes lhe assignou o lugar da edição. Fabricio entendeu , que fora na Ilha de *Sora* , pertencente a Napoles , interpretando assim as palavras , que vem no terceiro Carmen , no fim da obra. O Erudito Rossi duvida , que se deva ler na Ilha de *Sor* , ou *Sora* , como lê Fabricio : porque elle lê como duas palavras separadas , o que he huma só : segundo , porque para indicar o nome de *Sora* , deveria o Editor usar de *vau* , como he costume , e não de *aleph* : terceiro , porque a *Sora* de Napoles não se póde' propriamente chamar Ilha : quarto , porque se escreve diversamente entre os Hebreos , como se vê da edição Pisaurense dos Profetas Menores de 1516 : quinto , porque ainda lendo-se *Sora* , não ha mais razão para se entender a *Sora* Napolitana , e não a *Soria* de Hespanha. Rossi lê como huma só palavra , *Iscar* , ou *Iscor* , que tambem se póde ler *Liscar* , ou *Liscor* (assim como os Hebreos dizem *Isbona* e *Lisbona*) e accrescenta , que a haver em Hespanha , ou em Portugal algum lugar deste nome , crêra com mais verosimilhança , que nelle se havia feito esta edição.

Em verdade os ornamentos das letras , e a fórma dos caracteres principalmente do Commentario de Jarchi persuadem , que a impressão se fez em Castella , ou em Portugal , e não em o Reino de Napoles , ou em outra alguma parte de Italia , aonde se usavão outros orna-
ca-

caracteres diversos; e como em Castella se não tem achado até agora Typografia Hebraica naquelle Seculo, razão ha para ter como provavel, que a edição se fez em Portugal. O douto, e erudito Arceediago de Valença D. Francisco Peres Bayer, a quem haviamos consultado sobre este artigo, nos assegurou por sua Carta, que tendo examinado em outro tempo o exemplar, que havia deste Pentatheuco na Bibliotheca Casanatense, achára inteira semelhança entre os seus caracteres, e ornamentos, e os do Pentatheuco Olisiponense de 1791, e havia indubitavelmente esta obra por humã producção dos prélos de Lisboa (a).

ARTIGO III.

Das Edições Hebraicas sem nota de anno, nem de lugar.

Biblia Hebraica.

Biblia Hebraica.

He humã edição elegantissima, e muito rara, em folio, com pontos, e accentos: não traz nota de anno, nem de lugar, nem de impressor. Consta-mos sómente de quatro exemplares, e esses não inteiros, hum que existia em Amsterdã, que vio Hermano Ven de Wal nas mãos de hum Judeo daquela Cidade: outro em Pariz, que Le Long encontrou no Museo de Mr. Boislier, o qual tinha sido da Livraria de Dionysio Noli, Jurisconsulto Parisiense, outro tinha Rossi (b), outro Crevenna (c); he tradição constante dos Judeos, de que nos certifica o mesmo Hermano Van de Wal, que esta edição fora obra dos pré-

Neapol. (E)

(a.) Rossi tinha hum exemplar, havia outro na Bibliotheca Real de Pariz, outro na Casanatense; tinha hum Astemanno, Arcebispo de Apamea, e primeiro Bibliothecario do Vaticana, e outro Moyses Benjamim Fóa, Livreiro do Duque de Modena.

(b.) De Hebr. Typogr. Orig. pag. 60. e seguintes.

(c.) Catalogue des Livres de la Bibliothèque de M. Pierre Antoine Belongero Crevenna Tom I. pag. 4. n. 11.

prélos de Lisboa; e este testemunho deve prevalecer contra as simplicis suspeitas de Rossi, que a quer impressa na Typografia de Socino: as suas razões sem embargo de serem de tão sabio, e profundo critico, a quem geralmente seguimos em tudo; não nos podem inteiramente convencer neste lugar.

Elle se fundou no fragmento de hum exemplar, que houve do Judeo Zacharias Padua, que lhe pareceu impressão de Socino; mas devia mostrar, que a edição deste exemplar era a mesma, que a da Biblia, que vio Hermano Van de Wal nas mãos do Judeo de Amsterdam, que os Hebreos dão por obra dos prélos Lisbonenses, e isto he o que elle não mostrou, antes parece o contrario; porque primeiramente o Codigo de Hermano Van de Wal não passa do Psalterio, e o de Rossi contém de mais os Proverbios, e Job: 2.º os Judeos que fallão desta Biblia, como testemunhas oculares, dizem que o seu caracter he o mesmo que o do Commentario Olisiponense de Nachman; e o que se acha no exemplar de Rossi não combina com elle; mas antes he mais desordenado, e mais antigo; sendo de letras Rabbínicas, e inteiramente de mui diversos typos como elle mesmo confessa; nem he verosimil, que sendo a edição Olisiponense dos Commentarios tão conhecida dos Judeos, se enganassem estes na qualificação de seu caracter.

Por tanto ficão sem pezo e efficacia as objecções, que fez Rossi em razão do caracter, e da falta de correcção nos pontos do seu exemplar para suspeitar, que talvez seria impressão de Socino, visto que sendo diversas edições, como parece, já pôde ser, que huma se fizesse em Lisboa, e outra em Socino, quadrando a esta ultima as notas, que elle aponta de semelhança com as edições, que alli fez Abraham Ben Chaiim de Pisauro em 1488.

Quanto mais, que ainda que o exemplar, que Rossi crêo impresso em Socino, tivesse semelhança com o de Hermano Van de Wal, nem por isso se deveria concluir, que elle fora parto da Typografia Socinense; por quanto os

Ju-

Judeos Socinates forão no parecer de Maittaire os primeiros Typografos, que vierão a Portugal (a), e podião muito bem imprimir algumas obras entre nós com os mesmos typos, e caracteres, que houvessem trazido de Socino.

Os Judeos havião esta edição por correctissima, e affirmavão, que em hum Livro em que se continhão as regras, que devião seguir os editores nas reimpressões do Pentatheuco, se propunha esta edição por exemplar, e modello, principalmente para as letras finaes; e com effeito estas letras se achão nesta edição assim, e da maneira que alli se prescrevião, e allegavão (b). Fallão della os sobreditos Hermano Van de Wal, e Rossi (c).

Pentatheuco com o Targum, e Commentarios de Jarchi fol.

Pentatheuco
Comentado
por Jarchi.

Não traz nota de anno, nem de lugar; he huma edição esplendida, e elegante; tem caracter quadrado com pontos, e accents, e parece o mesmo que o da edição do Pentatheuco de Lisboa de 1489, posto que já hum pouco mais cançado, e menos nitido; do que tudo nos informa o laborioso Rossi por hum exemplar, que vio desta edição,

Tom. VIII.

F

ção,

(a) Annaes Typogr. Tom. I. pag. 303.

(b) Julga Rossi, que os Judeos se enganarão neste conceito, porque a edição, para que os remetitia aquelle Livro, não era esta; mas a do Pentatheuco de Lisboa de 1491. Com tudo, que implicancia havia para que se fizesse depois huma addicção áquelle Livro, ou se estampasse outro de novo, em que tambem se ordenasse o recurso a esta mesma edição, por ser ella muito exacta, e correctã? E com effeito ainda suppondo como suppoem Rossi, ser a sua edição a mesma, que a que os Judeos de Amsterdam julgão ser de Lisboa, lugar havia de a propôr por modello aos Impressores, pois que o mesmo Rossi attesta ser ella apuradissima, não tendo mais que alguns leves defeitos, e esses principalmente nos pontos, confessando, que na correcção excedia a mesma edição de Socino de 1488 tão celebrada por sua exacção, e apuramento.

(c) Orig. da Typogr. Hebraica pag. 63.

ção, que elle muito louva por seus primores Typographicos (d).

Proverbios
Commen-
tados.

*Proverbios com o Commentaria de-
nominado Kavenaki fol. menor.*

Esta edição tambem não traz era, nem lugar da impressão; mas parece ter sido feita em Lisboa pelo caracter do Texto, que he o mesmo quadrado Olisiponense do Pentatheuco de 1491, e de Isaias e Jeremias de 1492. Acaso far-se-hia esta edição por aquelles annos (b). O caracter do Texto he quadrado com pontos; o da Prefação, e dos Commentarios he Rabbinico, da inflexão, e fórma Hispanica. Consta de 60 folhas; e começa pela Prefação do Interprete. Era esta edição mui pouco conhecida, e Rossi foi o unico, que a descreveu (c). Sabe-se de quatro exemplares, dois do mesmo Rossi, hum da Bibliotheca Casanatense, outro da Bibliotheca do Collegio de Propaganda, e outro da Bibliotheca de Crevenna, mal conservado (d).

Estas são as unicas obras da Typografia Hebraica, de que podemos ter noticia: muitas outras sahirão estampadas dos prelos de Portugal, que por ventura se acharão nas Copiosas Bibliothecas de Italia, de Alemanha, de Hollanda, e de Inglaterra, assim como nellas se encontrarão exemplares das que havemos atégora referido; nem he de espantar, que só em Portugal as não achemos depois das alterações, e desventuras, porque passarão os Judeos naquelle Seculo (e). Basta considerar, quão grande quanti-

(d) Veja-se *Specimen Var. Lect. Pontif. Cod. pag. 8*, e o *Opusculo das edições desconhecidas pag. 140.*

(b) Este he o juizo que fez Rossi.

(c) *Opusculo das edições desconhecidas Cap. 3. pag. 7. do Texto Hebr. Cap. III. pag. 7. Apparato Hebrico-Biblico pag. 16. Varias Lições do Testamento Velho vol. I. pag. II. n. 193.*

(d) *Catalogue des Livres &c. Tom. I. pag. 54. n. 219.*

(e) O erudito sabio e laborioso Rossi havia dado esperanças a D. José Rodrigues de Castro de lhe communicar particulares noti-

tidade de Livros Hebraicos não sahiria de Portugal para estranhas terras, pelo desterro, e dispersão dos Judeos, que não quizerão mudar de crença, e pela deserção de muitos outros, que cá tinham ficado a titulo de conversos; como elles erão naquelles tempos os maiores depositarios da Litteratura Hebraica, os unicos Artifices, que imprimirão Livros deste genero; e quasi os unicos Senhores, que possuíão estas obras, comsigo levárão a maior parte dellas para os Reinos estrangeiros, aonde forão buscar asylo, e domicilio.

Nem os mesmos Judeos, que se deixárão ficar entre nós com sombra de Christãos, poderão conservar-nos exemplares destas Obras, antes erão forçados a abandonallos, e remetellos para fóra do Reino em consequencia da fatal prohibição, que se lhes fez em 1497 do uso de todos os seus Livros Hebraicos; sem pelo menos se exceptuarem, como cumpria, os Livros Sagrados do Testamento Velho, aos quaes foi culpa, ou estarem escritos na Lingua Santa, em que primeiro havião sido revelados por Deos, ou serem impressos por homens de diversa crença da nossa, ou acharem-se commentados, e illustrados por seus Rabbis (a). Que se alguns restárão occultos em Portugal em poder dos Judeos, forão elles envolvidos nos frequentes confiscos, que se lhes fizeram, e ou forão queimados, como suspeitosos de erros, e de blasfemias, á maneira do que se praticou em Roma, Bolonha, Romania, Ancona, e Avinhão; ou ficarão entregues á reclusão, e esquecimento em parte, aonde os acabou de consumir, e sepultar o horroroso terremoto, e incendio de Lisboa de 1755 (b).

F ii

CA-

cias de muitas obras dos Judeos naturaes de Hespanha, para a composição da sua Bibliotheca Hespanhola, entre as quaes já pôde ser que viessem algumas impressas em Portugal por aquelles tempos. Mas não sabemos se se verificou a promessa, nem se já sahio o 3.º Tomo, ou Suppleto da Bibliotheca de Castro; aonde as devemos esperar.

(a) Daqui vem, que depois de 1497 não apparecem mais edições de Livros Hebraicos das Officinas Judaicas, sendo a ultima de que temos noticia, a de Isaias, e Jeremias de Lisboa d'aquelle anno.

(b) Estas forão as principaes causas da falta, que experimentamos

CAPITULO V.

*Das Edições de Livros Latinos em Portugal no
Seculo XV.*

PASSEMOS ás Edições de Livros Latinos , que sahi-
rão das Officinas de Portugal naquelles tempos : as de
que temos noticia são as seguintes , que aqui pômos por
sua ordem Chronologica :

1490
Brevia-
rium Ebo-
rense.

Breviarium Eborense
Olisipone 1490.

Foi esta a primeira edição , que se fez do Brevia-
rio Eborense , a qual se deveu aos cuidados Pastoraes do
Arcebispo D. João da Costa. Sahio da Officina de Nico-
lão de Saxonia (a).

1494
Brevia-
rium Bra-
charense.

Breviarium Bracharense
anno 1494 I. vol. 4.º

Foi esta a primeira edição , que se fez do Brevia-
rio

hoje destas obras. Não deixaremos porém de reconhecer , e confes-
sar , que para ella concorreu muito a mesma practica dos Hebreos ;
porque sendo maxima assentada entre elles , resguardar os seus Li-
vros , maormente os Sagrados , das mãos dos que chamavão Idolatras ,
e Gentios , e havendo aos Christãos como taes , costumavão escru-
pulosamente recatar dos nossos os exemplares das suas obras ; o que
fazia com que mui poucos podessem chegar então ás nossas mãos.

(a) Foi depois reimpresso em 1520 , 1. vol. 8.º , correcto , e emen-
dado pelo Mestre João Parvo , Arceediago , Francisco Pedro Chantre ,
e o Conego Fernão Rodrigues Boto , por mandado de D. Afonso ,
Cardeal Infante , Administrador do Arcebispado , e publicado em Se-
vilha por João Cromberger Alemão em 1528 , em 1. vol. de 8.º , e
de novo revisto , e reformado pelo M. André de Resende , e outros ,
por mandado do Senhor Rei D Henrique , então Cardeal Infante , e
primeiro Arcebispo de Evora , e se reimprimio em Lisboa na Offi-
cina de Luiz Rodrigues em 1548. 1. vol. 8.º , e destas edições ha tam-
bem exemplares na Real Bibliotheca da Côrte.

rio Bracarense, e foi trabalhada sobre o Codigo Mss. em pergaminho, que havia no Cartorio da Relação de Braga, escrito no tempo do Arcebispo D. Fernando da Guerra pelos annos de 1440. Foi impressor desta obra o Mestre João Gherlinc, Alemão (a): no fim vem esta subscrição.

Impressus est hoc opus breviarii in augusta Bracharensi Civitate Hispaniarum primate: per Magistrum Johannem Gherlinc alemanum inpenis petri de barzena. Anno salutis Christiane MCCCC.LXXXIV. die XII Decembris.

Faz memoria della D. Thomaz Caetano de Bem, Clerigo Regular da Casa da Divina Providencia desta Côrte, e Chronista do Serenissimo Estado, e Casa de Bragança, e varão muito erudito e sabio, na sua *Noticia Previa da Collecção dos Concilios de Portugal*, impressa em Lisboa em 1757 (b). Ha hum exemplar desta rarissima edição na Real Bibliotheca da Côrte.

Al

(a) Segundo as noticias, que alcançamos deste Codigo ms. he qua se extrahio a Copia, que se acha deste Breviario na Bibliotheca do Vaticano. Ha razão para crer, que este Codigo fora trasladado de outro em fôrma menor, e em pergaminho de mais de quinhentos annos de antiguidade, que costumava estar recolhido no tumulo em que se encerrava o Senhor na Sexta feira Santa.

(b) A fol. 79. Della fallava Gregorio Majans em huma Carta ms. dirigida a Gerardo Meerman, que tem hoje entre outros ms. Fr. Francisco Mendes, Augustiniano do Convento de S. Filippe o Real de Madrid, que della falla na Typogr. Espanh. Tom. I. pag. 429 na Addição. Esta edição foi desconhecida do erudito e laborioso Escriitor D. Antonio Caetano de Sousa, que dá por primeira a de Lisboa de 1498 por Nicoláo de Saxonia (*Expediitio Hispan. Part. III. Assert. Liv. IV. pag. 736*), e tambem do illustre Theologo Pereira, que na sua Dissertação Critica, que deixou ms. sobre o antigo e moderno Calendario Bracarense, fazendo no Cap. IV. a rezenha dos Breviarios Bracarenses para excluir por elles a existencia de S. Pedro de Rates, Arcebispo de Braga, sem fallar desta edição de 1494, nem ainda da de 1496 de que logo fallaremos, que muito lhe servirião para

1496
Almanach
de Zacuto.

*Almanach perpetuuz Celestiuuz motuuz as-
tronomi Zacuti. Leirie 1497/ 1. vol. 4.º*

Esta obra he huma das mais famosas e mais raras do Seculo XV; e por assim ser daremos aqui della mais larga informação, segundo o que notámos em dois exemplares, que della temos visto. Seu Author foi o celebre Judeo Abrahão Zacuto, natural de Salamanca, domicilia-rio em Portugal, e Astronomo do Senhor Rei D. Manoel, e o mesmo que compoz em Lisboa a obra das linhagens e familias, intitulada *Sepher Juchasin*, que os Judeos costumão ter em muita conta (a). O titulo inteiro desta obra he o seguinte:

*Almanach perpetuum Celestium motuum as-
tronomi Zacuti. cujus Radix est 1473.*

Characteres Signorum Zodiaci.

♈ Aries		♎ Libra
♉ Taurus		♏ Scorpius
♊ Gemini		♐ Sagitarius
♋ Cancer		♑ Capricornius
♌ Leo		♒ Aquarius
♍ Virgo		♓ Pisces

No reverso tem a Dedicatória com o titulo
Epistola auctoris ad episcopum Salmantice.

Não traz declaração do nome: começa desta maneira:

*Magnam esse admodum et fuisse semper in edendis
li-*

seu assumpto, por não vir nellas a Lenda do dito Santo; sómente fez menção das duas edições mandadas fazer pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa em Salamanca na Officina de João de Portes em 1508, e 1511, e da outra do Arcebispo D. Manoel de Sousa feita em Braga em 1549.

(a) Della fazem honrosa memoria Manoel Aboab na sua *Nemole-*

libris difficultatem michi videri sollet dum revolvō majorum nostrorum exemplaria ac presertim coram exordia conspicio ubi plerique tenuitatem ingeniorum suorum insimulant non infelicitatem videlicet cepto operi. Alti vero arduitate tanti negotii pene deterreri videntur tandem ut eaque judiciis astrorum pertinent omnino dimittant. Alti vero hanc calculandi difficultatem volentes sub claro modo omnibus prodesse subtilia ingeniati sunt.

Acaba na segunda folha por este modo:

Eas itaque primicias operum meorum suscipere digneris quas ubi pro acumine ingenii tui probaveris in publicum prodire jubeto.

Valle presulam decus.

Não traz data: nesta Dedicatória faz menção de D. Afonso de Castella, e do Hebreo Abenverga.

Consta este livro de duas obras, huma menor, e outra maior. A menor começa na mesma segunda folha em que se acaba a Dedicatória com este titulo:

Canones tabularum Celestium motuum astronomi rabi abraham Zacuti ordinatissime felici sidere incipiunt. Canon primus.

Consta de 13 Canones, e entre elles de algumas regras, e acaba:

*Explicium Canones tabularum sequentium.
Deo gratias.*

Seguem-se tres taboas, que tem por titulo:

Tabula tabularum ad ingressum earum post radicem inseruiens.

E.

E com ellas se arremata a obra, que consta de doze folhas. Foi ella escrita originalmente em Hebraico por seu author, e trespassada depois a Latim por seu Discipulo José Vizinho, como se conclue da declaração, que vem no fim do Livro (a).

A esta pequena obra segue-se a maior com este titulo:

Almanach perpetuum cujus Radix est annus 1473. Compositus ab excellentissimo magistro in astronomia nomine vocatus Zaccutus.

No reverso não tem cousa alguma. Esta obra he toda de Taboas sobre o seu assumpto, assim nos anversos, como nos reversos, as quaes começam logo na segunda folha, e principião por Março, e Abril desta maneira

Martius

Aprilis

Tabula ascendentis et duodecim domorum:

Comprehendem tres folhas, e seis taboas por esta fórma:

Tabula prima solis cujus radix est anno 1473.

E continúa até á quarta, e contém quatro folhas, e oito taboas:

Tabula declinationis planetarum et solis ab equinoctiali 1.^a taboa.

Ta-

(a) Acazo parente de Diogo Mendes Vizinho, de alcunha o Coixo Astronomo nos tempos do Senhor Rei D. Manoel, ou de Abraham Vizinho, Astronomo, que escreveu em Castelhana hum Calendario Astronomico para uso dos Judeos, de que falla Bartholocio na *Biblioth. Rabin.* Tom. III. pag. 5. O Indice ms. Sevillano, referindo esta obra, annuncia, que ella era traduzida em Castelhana por José Vizinho, o que foi engano.

Tabula equationis dierum 1 taboa.

Tabula introitus solis in quolibet signorum 4. fol. e 8 taboas.

Tabula prima lune cujus radix est 1473 31 fol. e 31 taboas.

Tabula supplementum annorum Lune 1 taboa.

Tabula conjunctionum et oppositionum 8 fol. e 16 taboas.

Tabula medii motus argumenti lune in 180 annis 1. taboa.

Tabula argumenti lune 1 taboa.

Tabula veri motus capitis draconis in 905 annis 2 folhas, e 4 taboas.

Tabula diversitatis aspectus 1 folha, e 2 taboas.

Tabula eclip. Solis Tabula eclip. Lune 1 taboa.

Tabula ad verificandum horam aspectuum vel conjunctionis 3 taboas.

Tabula Latitudinis Lune 1 folha, e 2. taboas.

Tabula ascensionum signorum in meridiano 1 taboa.

Tabula prima veri motus saturni cujus radix est 1473 6 taboas.

Tabula centri saturni 6 taboas.

Tabula argumenti saturni 6 taboas.

Tabula latitudinis saturni septentrionalis 4 taboas.

Seguem-se pela mesma forma, e distribuição as taboas *veri motus centri argumenti et latitudinis* de Júpiter, Marte, Venus, e Mercurio, que contém 85 folhas, e meia, e 171 taboas, as quaes vão por este modo:

Tabula tabularum ad omnes calculationes proportionum inserviens 3 taboas.

Tabula stellarum prime et secunde magnitudinis atque octave spere 2 taboas.

De animodar ptholomei 3 taboas.

Tabula eclipsis luminarium et primo de sole.

E na mesma taboa:

Tabula de eclipsibus lune 1 taboa.

Tom. VIII.

G

Ta-

Tabula quantitatis dierum 1 taboa.

Tabula longitudinis et latitudinis civitatum ab occidente habitato 2 taboas.

Segue-se a taboa das Festas desde Janeiro até Dezembro, que são 4 taboas.

Tabula ad sciendum litteram dominicalem et principium cujuslibet mensis cujus radix est annus 1473 1 taboa.

Tabula festorum mobilium 2 taboas, que são as ultimas de toda a obra.

Termina toda ella desta maneira :

*Expliciunt tabule tabularum astronomice Raby abraham Zacuti astronomi Serenissimi Regis Emanuel Rex portugalie et cet. Cum canonibus traductis a lingua ebrayca in latinam per magistrum Joseph Vizinum discipulum ejus aëtoris opera et arte viri solertis magistri Ortas curaque sua non mediocri impressione complete existunt felicibus astris anno a prima rerum etberearum circuitio-
ne 1496 sole existente in 15 gradibus 53 minutis 34 secundis piscium (a) sub Celo Leivee.*

Remata com hum sello, que tem em roda o nome de José Vizinho.

Consta toda esta obra de 156 folhas. Ha hum exemplar desta edição na Real Bibliotheca da Côrte, que examinámos para este extracto. Havia outro na curiosa

(a) Isto he, no mez de Fevereiro, que se denota pela palavra Pisces. Costumava-se então em muitas obras pôr datas astronomicas, como nas Taboas Astronomicas de D. Affonso de Castella impressas em 1483, e em 1492, e na obra de Cosmografia de Pomponio Mela, impressa em Salamanca em 1498, o que se praticou ainda em algumas do Seculo XVI; como por exemplo na edição da Arte de Estevão Cavalleiro de 1516 aonde se diz no fim *Sole in septima cancri parte existente.*

sa Livraria do Doutor Gualter Antunes, Cidadão do Porto, e hum dos maiores Antiquarios, que tivemos, o qual vimos em tempos passados; e não sabemos aonde hoje existe, o qual pelo extracto, que então fizemos, concorda com este de Lisboa. Ha hum exemplar na Livraria do Collegio da Graça de Coimbra, que não podémos vêr; mas do extracto, que delle houemos feito pela habil penna do Senhor Fr. Joaquim de Santo Agostinho, Socio da Academia Real das Sciencias, ficamos entendendo, que não combinava em muitas cousas com o de Lisboa, e que houve transposição na ordem das folhas na encadernação, que se fez daquelle exemplar, ou que o Editor se servio para a impressão de dois diversos originaes, de que sahirão exemplares tambem diversos (a).

Fazem memoria desta edição Nicoláo Antonio (b), Wolfio (c), o Catalogo dos Mss. de Inglaterra (d), o

G ii

In-

(a) Esta obra tem sido denominada com muita diversidade, chamando-se *Almanac do Sol* — *Almanac perpetuo dos Movimentos Celestes* — *Taboas Astronomicas*; e como se lia em hum Catalogo ms. dos Livros do Escorial — *Almanach de Tablas Astronomicas, a ajuntamento maior*.

(b) Bibliotheca Hispanica.

(c) Wolfio lembra-se desta edição na Biblioth. Hebr. Tom. III. pag. 66, erra porém o lugar, porque a suppõe feita em Veneza.

(d) Tom. II. n. 6142 aonde se faz menção de hum Codice ms. das Taboas Astronomicas. Houve depois huma edição em Veneza em 1495 por João Miguel Germano Budorense: sahio terceira vez impresso tambem em Veneza em 1500 da Officina de Lucas Antonio de Florença em 1. vol de 4.º em que vem os Theoremas de João Miguel Budorense, e as emendas, e correcção do Doutor Lucas Gaurino; publicou-se com este titulo:

Almanach perpetuum.

Sive Tacuisis (Ephemerides et Diarium Abraami Zacati hebrei. Et Theoremata auct Joannis Michaelis Germani budorensis cum L. Gaurici Doctoris egregii castigationibus, et plerisque tabellis nuper adjectis) quorum index est.

Ha hum exemplar desta edição na Real Bibliotheca da Cárte. Houve quarta edição tambem em Veneza em 1502 por Pedro Liechtenstein de Colonia, com as addições, e correcções de Affonso Hispanense de Cordova, Doutor d'Artes, e Medicina, que a dedicou

Indice Sevilhano (a), Francisco Peres Bayer (b), Raymundo Diosdado (c), e Fr. Francisco Mendes (d).

1496
Missal Bra-
careense.

Missale Bracarense
Olisipone 1496.

Foi impresso por ordem do mesmo Arcebispo D. Jorge da Costa, Irmão do Cardeal do mesmo nome chamado de Alpedrina, na Oficina de Nicoláo de Saxonia: a sua subscripção he da maneira seguinte:

» Missale hoc secundum Ritum et consuetu-
» dinem almæ Bracarensis Ecclesiæ fidei stu-
» dio revisum solertique cura castigatum emen-
» datumque justo sydere est explicitum. Impres-
» sum florenti in Civitate Ulixbonensi anno
» salutis Christianæ 1496 12. Kalend. Julii
» ex Officina Nicolai de Saxonia (e).

1497
Breviario.

*Breviarium secundum Consue-
tudinem Compostellane Eccle-
sie. 1497. 8.º*

Diz

ao nosso D. Affonso, Bispo de Evora. E da 3.ª edição ha hum exemplar na Livraria de S. Francisco da Cidade, e outro no Collegio da Graça de Coimbra. As tres primeiras são desconhecidas do erudito D. José Rodrigues de Castro, que na sua Bibliotheca Hespanhola Tom. 1. pag. 363, só faz memoria da quarta, isto he da Veneziana de 1502, sendo que Nicoláo Antonio a havia já feito da primeira, posto que não soubesse o lugar em que se havia publicado.

(a) Nelle se lê *Abraham Zocut Tablas Astronomicas traducidas al Castellano por Joseph Vecino, Discipulo del Autor impresso en Leiræ por el Maestro Ortas Anno 1496 4.º* Já acima notamos, que José Vizinho traduzira esta obra do Hebraico para o Latim, e não para Castelhana.

(b) Nas Adições, e Emendas, que pôz no Tomo II. da *Biblioth. Vetus* de Nicoláo Antonio pag. 380.

(c) De *prima Typograph. Hispanice etate* pag. 64.

(d) *Typogr. Esp.* pag. 340.

(e) Deste Missal se fez depois huma nova edição em Salamanca em 1502 em 4.º na Oficina de João de Porres, por ordem de D. Diogo de Sousa: outra em 1538 por ordem de D. Jorge d'Almeida, Bis-

Diz na penultima folha :

» Accipite modo Sacerdotes optimi finem bre-
 » viarii ad ritum et consuetudinem alme com-
 » postellane Ecclesie: Studio pervigili exami-
 » natum: emendatumque cura diligentissima.
 » Impressum arte mira Magistri Nicolai Sa-
 » xonia. Ulixbone Anno Salutifere Christi in-
 » carnationis M.cccc.Xcvii. pridie Kalend.
 » Junias. Laus Deo.

He em 8.º, e de encadernado, e preto. Falla desta edição Fr. Francisco Mendes, attestando ter existido hum exemplar falto de principio no Gabinete do Mestre Henrique Flores (a).

Breviarium Bracarense
 Olisipone 1498.

1498
 Breviario
 Bracaren-
 sc.

Esta he a segunda edição do Breviario Bracarense, e foi ordenada por mandado do Arcebispo D. Jorge da Costa II. do nome: imprimio-se na Officina de Nicoláo de Saxonia aos 20 de Junho. Desta edição se lembra o nosso erudito D. Antonio Caetano de Sousa na sua obra *Expeditio Hispanica* (b).

Mis-

po de Coimbra, eleito Arcebispo de Braga: outra em Leão de França em 1558 fol. em pergaminho, por mandado de D. Balthasar Limpo, na Officina de João de Borgonha, que se intitula *Lioreiro d'El-Rei de Portugal*, do qual ainda hoje usa a Igreja Bracarense (de que ha hum exemplar na Real Bibliotheca da Corte).

(a) Typografia Espanhola Tom. I pag. 298.

(b) Tom. I. Part. III. Sect. III. Assert. Liv. IV. §. I. pag. 763. n. 104. Elle a dá pela primeira, sendo realmente a segunda como já dissemos. Esta edição tambem foi desconhecida do erudito Theologo Pereira, quando trabalhava na Dissertação Critica Ms. sobre o antigo, e moderno Calendario Bracarense, como já notámos a respeito da primeira. Vimos em tempos passados hum exemplar desta edição na Livraria do Doutor Gualter Antunes, Cidadão do Porto, de quem acima fallámos, mas não fizemos então os apontamentos necessarios para aqui darmos maior noticia della.

1498
Missal Bra-
careense.

Missale Bracarense.
Olisipone 1498.

Segunda edição, sahio da mesma Officina de Nicó-
lão de Saxonia, aonde se acabou de estampar aos 20 de
Junho de 1498.

CAPITULO VI.

Das edições de Livros Portuguezes no Seculo XV.

FALLEMOS em ultimo lugar das edições de Livros
Portuguezes daquelle seculo, posto que sejam mui pou-
cas as de que podemos haver noticia.

AR-

A estas duas edições se seguirão depois outras, a saber: huma
em Salamanca em 1508 na Officina de João de Porres, por ordem do
Arcebispo D. Diogo de Sousa, a instancias do Synodo Bracarense des-
se mesmo anno; outra na mesma Cidade, e Officina por mandado
do mesmo Arcebispo em pergaminho em 1511, outra (por não bas-
tar a quantidade dos volumes, que se estamparão) em 1512, como
escreverão D. Rodrigo da Cunha, e D. Jeronymo Contador d'Argo-
te, mal arguidos pelo Theologo Pereira na sua Dissertação acima re-
ferida, como consta de hum Livro de Memorias antigas de Braga ms.
huma em Braga em 1549 por João Alvares, e João Barreira em 8.º em
letra Gothica, sendo Arcebispo D. Manoel de Sousa, de que se
conserva hum exemplar na Livraria do Paço Archiepiscopal, e outro
na Real Bibliotheca da Côrte, edição de que usarão os PP. Bolland-
istas, e Henrique Flores na *Espanha Sagrada*: huma em Leão em
1558, correcta, e augmentada pelo Arcebispo D. Balthasar Limpo;
outra em Braga em 1634, e corrigida por ordem do Arcebispo D.
Rodrigo da Cunha, em 4.º; e outra tambem em Braga em 1724,
augmentada, e reformada pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Tel-
les 2. vol. 4.º (Real Bibliotheca da Côrte).

ARTIGO I.

Das edições, que tem certeza de anno, e de lugar.

Livro de Vita Christi Lisboa 1495 por
Valentino de Moravia e Nicoláo de Sa-
xonia. 4. Tom. fol. Ms.

1495
Livro de
Vita Chris-
ti.

Demos particular informação desta obra por ser não só rara, mas huma das mais famosas, que produziu a Typografia Portugueza naquella idade. Foi este Livro escrito originalmente em Latim pelo Mestre Rudolfo de Saxonia, Prior do Mosteiro de Argentina, da Ordem da Cartuxa, com o titulo de *Meditações da Vida de Christo*, e foi traduzida em Linguagem por Fr. Bernardo de Alcobça douto, e pio Monge Cisterciense, Abbade do Mosteiro de S. Paulo em 1445 (a). Elle entrou neste Santo trabalho por mandado do Abbade de Alcobça D. Estevão de Aguiar, e á instancia da Senhora Infanta D. Isabel, Duqueza de Coimbra, e Senhora de Montemor, que muito desejava ver esta obra trasladada de Latim a Portuguez, havendo por ella a mesma affeição, que teve Fernando, e Isabel, para a mandarem traduzir em Castelhana por Fr. Ambrosio Montesino. Contém a vida de Christo segundo a ordem da Historia Evangelica, em que se expõe, e illustra o Sagrado Texto, com a explicação doutrinal nos lugares, que della necessitão, tirada dos Santos Doutores; rematando cada Capitulo com huma devota Oração, ou jaculatoria. Passados cincoenta annos im-
pri-

(a) Do proprio original, que se conserva no Mosteiro de Alcobça, consta que Fr. Bernardo fora o Traductor, porque diz no fim: » Aqueste Libro mandou trasladar á honra de JESU Christo ao mui indigno, e pobre de virtudes Fr. Bernardo Monge do Mosteiro de S. Paulo anno de 1445. o Abbade D. Estevão de Aguiar, que me mandou fazer: se finou no anno do Senhor 1446. *Idibus Ecbrauarii in die de Septuagesima.*

primio-se esta traducção em quatro grandes tomos de folha.

O primeiro tomo tem no alto do frontespicio as armas Reaes de huma parte, e da outra as da Rainha D. Leonor, e por baixo o titulo seguinte:

A primeira parte do Livro de Vita Christi.

No reverso vem huma estampa com a Imagem de Christo Crucificado, e com as da Santa Virgem, e de S. João Evangelista, e por baixo huma tarja com varias figuras de joelhos, e assim vem nos outros tomos. Consta esta primeira parte de 61 Capitulos, nos quaes se contém a Historia de JESU Christo, desde a sua geração, e nascimento até o anno 31 de sua vida, e tem 186 folhas. Traz no principio huma Epistola Proemial, dirigida pelos Imprimidores ao Senhor Rei D. João II, e depois o Proemio, ou Prologo feito sobre todo o Livro por Ludolfo Carthusiano: segue-se a obra, que principia por esta rubrica geral:

Começase o Livro da Vida de JHESU Christo nom aquelle que se chama da minnice do Salvador o qual he apocrippo xo mas deste que compoz ho veneravel meestre Ludolfo prior do maesteyro muy bonrado de Argentina da Ordem muy excellente da Cartuxa. Foe tirado e ordenado segundo ha ordem da estoria evangelical e entenção dos Sanctos doutores.

No fim da obra vem duas tarjas, huma que contém a divisa do Senhor Rei D. João II, que he hum Pelicano ferindo o peito para alimentar seus filhos, com a letra *pola Ley*; e *pola grey*, e outra com divisa, que não sabemos decifrar ao certo. Segue-se a subcripção seguinte:

Aca-

Acaba-se o primeyro liuro intitulado de vida de Christo em linguagem portuguez nom aquelle que se chama da mininice do Salvador ho qual he apogriffo xv di mas este que compoz ho venerable meestre Ludolfo prior do moesteyro. muy bonrado de argentina da Ordem muy excellente da Cartuxa e foy tyrado segundo a ordem da hystoria euangelical. O qual mandou tresladar de Latym em lingoagem portuguez a muyto alta princessa infante dona ysabel duquessa de Coymbra e senhora de monte moor ao muy pobre de virtudes dom abade do moesteyro de sam paulo. E foi corregido e reuisto commuyta diligencia por os reuerendos padres da Ordem de sam francisco de emxobregas de observancia chamados menores. E foi impresso em a muy noble e sempre leal Cidade de Lisboa a principal dos regnos de portugal per os honrrados meestres e parceyros Nicoláo de saxonía e Valentyno de moravia por mandado do muy yllustrissimo Senhor elRey dom Jobam ho segundo e da muy esclarecida Raynha dona Lyanor sua molher. Alouuor e gloria de nosso Senhor Jhesu Christo nosso Deos e redemptor e da sua intemerada, e sempre Virgem madre gloriosa santa Maria em cujo nome e louuor ho dicto liuro foe e he composto, cujo louuor e gloria regne em seus fiees Christãos pera sempre amen. Em o anno do nascimento do dicto Salvador de mil e quatrocentos e noventa e cinco. aos 4 do mes de Agosto.

Consta de sessenta, e hum Capitulos.

Segue-se o segundo tomo, que tem no alto do rosto as mesmas armas que o primeiro, e este titulo:

Tom. VIII.

H

A

A segunda parte do Livro de Vita Christi.

Foi impresso no mesmo anno, reinando ainda o Senhor Rei D. João II, principia desta maneira :

Começase o Livro segundo intitullado de Vida de Christo em lingoagem portuguez, em que traçia ho que fez o Senhor em ho tricesimo segundo anno segundo se contém na hystoria euangelical.

82 106
Consta de 31 Capitulos, e 88 folhas, e termina quasi com a mesma subscrição, que a primeira parte, dando a impressão dos 14 dias de Agosto do mesmo anno. Tem depois a taboada das rubricas dos Capitulos, e no fim della as duas tarjas, que o primeiro tomo traz antes da subscrição :

Segue-se o terceiro tomo desta obra, que se intitula:

A terceira parte do Livro de Vita Christi.

A qual principia por esta Rubrica geral :

Aqui se começa o livro terçeyro intitullado vida de Christo segundo a hystoria euangelical.

Consta de 50 Capitulos, e vem no fim do Livro a taboa das Rubricas de todos elles. Seguem-se depois as duas Tarjas de que já fizemos menção, e depois dellas a subscrição, que he quasi a mesma, que a dos dois primeiros Livros, e della consta que foi impressa no mesmo anno de 1494, a 20 dias de Novembro, reinando já o Senhor Rei D. Manoel; no fim de tudo vem a tarja do remate, e como se acha na primeira, e segunda parte; depois huma tarja com hum menino no meio, e logo a taboada das rubricas dos Capitulos.

Se-

Segue-se o quarto tomo, que tem por titulo:

A quarta parte do Livro de Vita Christi.

Cuja rubrica geral he a seguinte:

Aqui se começaõ os Capitulos daquesta portameyra parte do Livro da Vida de Christo a qual falla da paixom do diçto nosso Senhor e Salvador e das cousas que se depois della seguirom.

Tem 39 Capitulos, e traz no fim a taboada das suas rubricas, seguem-se as duas tarjas, e depois a subscripção, que he quasi a mesma que as outras, e della se vê, que esta quarta parte se acabou de imprimir no mesmo anno de 1495, a 14 dias de Maio, e por consequente antes de se concluir a impressão da terceira; vem depois a tarja, que arremata o Livro á maneira dos outros. Ha hum exemplar desta obra na Real Bibliotheca da Côrte (a).

Fazem memoria desta edição Nicoláo Antonio na *Bibliotheca Hisp.* Fr. Manoel do Sepulchro na *Refeição*
H ii Es-

(a) Pag. 57. Sabemos de quatro exemplares, que existem nesta Cidade: o da Real Bibliotheca da Côrte, que foi da Livraria dos Clerigos Regulares da Divina Providencia; o da Bibliotheca do Convento de S. Francisco da Cidade, o do Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra, que são os que remos visto, e examinado, e o do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez d'Alorna. Fóra da Côrte sabemos tão sómente de quatro: o da Bibliotheca do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Béja, o do Convento das Freiras de Arouca, o das de Lervão, e o da Bibliotheca do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que só tem a 1.^a, 2.^a, e 4.^a parte desta obra em tres volumes. O original da traducção existe na Bibliotheca de Alcobaga, em pergaminho dividido em quatro partes, de que falla Barbosa, e o Indice dos Codigos Ms. daquela Bibliotheca, publicado em o anno de 1775 pag. 122, e 123, o qual he escrito parte pelo mesmo Fr. Bernardo de Alcobaga, e parte por Fr. Nicoláo Vieira.

Espiritual; Leitão nas *Memorias Chronologicas da Universidade*; Barbosa na *Bibliotheca Lusitana*, o Author das *Memorias do Ministerio do Pulpito*, o *Diccionario da Academia Real das Sciencias de Lisboa* no Catalogo dos Autores, Raimundo Diosdat *De prima Typographiae Hisp. aetate*, e Fr. Francisco Mendes (a).

1496
Historia
do Empre-
rador Ves-
pasiano.

Estoria do muy nobre Vespasiano emperador de roma 1496. 1. vol. 4.^o

He em Carácter meio Gothico, mas elegante, e em papel muito encorpado, e forte. Esta obra foi producção dos prélos de Lisboa, e sahio da Officina de Valentino de Moravia. Consta de vinte e nove Capitulos, e nelles se tratão varios feitos do Emperador Vespasiano, e de seu filho Tito, e de outros a respeito da Religião Christã; do cerco de Jerusalem, e da morte de Archeláo, e de Pilatos: e traz em todos os Capitulos estampas allusivas a estes feitos.

No fim da obra vem esta subscrição:

Esta estoria ordenarom Jacob e Josep abaramatia que a todas estas cousas foram presentes e jafel per sua mão a escriptveo. Donde roguemos a Deos, e aa virgem Maria e a todallos Santos e Santas de Deos que a noos guardem de todo mal e de todo perygo e pecado por tal que mereçamos todos seer guardados dos nossos imygos visiveis e nom visiveis: e do falso testemunho e bir aa gloria celestial amen.

E depois conclue com esta legenda:

Foy imprimida a presente estoria de muy nobre

(a) Typogr. Esp. Tom. I. pag. 295, 298.

bre Vespasiano emperador de roma em a muy nobre e sempre leal Cidade de Lisboa per Valentino de moravia a louuor de Deos e exalçamento de sua Santa ffe catholica na era de MilccccLxxxvi a xxx dies do mes de abril.

Existe hum exemplar desta rarissima edição, que he unico, quanto sabemos, na Real Bibliotheca da Corte, o qual foi da Livraria dos Clerigos Regulares da Divina Providencia; de huma nota ms., que vem no fim, consta, que elle fora de Paulo Heytor de Sousa, que o possuia em Agosto de 1563. Está mutilado porque lhe falta o rosto, os primeiros dois Capitulos, e parte do terceiro. Em nenhum Bibliografo, nem em outro algum Escriitor encontramos memoria desta obra.

ARTIGO II.

Das edições, que não tem certeza de anno.

Bom Regimento muito necessario para conservação de suas saudes e segurança das pestinencias feito por o Reverendissimo Senhor D. Raminto Bispo Arusiense do Reyno de Dacia e tresladada de Latim em lingoagem por o Reverendo Padre Fr. Luiz de Raz Mestre em Santa Theologia da Ordem de S. Francisco. Lisboa por Valentim de Moravia I. vol. em 4.º

Bom Regimento do P. Raz.

Não traz nota de anno, consta porém que Fr. Luiz de Raz fora Provincial da sua Ordem em 1501, o que se não annuncia na obra, donde podemos conjecturar, que ella se publicou pelo fim do Seculo XV, tempo em que vemos figurar o seu Impressor Valentim de Moravia (a).
Faz

(a) Esta obra de Raminto parece ser a mesma, ou semelhante á

Faz della breve memoria Fr. Fernando da Soledade na sua Historia Serafica da Provincia de Portugal Part. IV. Liv. I. Cap. I. Barbosa na Bibliotheca Lusitana, e o erudito, e zeloso Author das Memorias do Pulpito (a).

Livro da Imitação de Christo.

O Livro da Imitação de Christo por Thomaz de Kempis trasladado em Portuguez.
Leiria I. vol. em 12.

Pômos aqui esta obra, posto que não pertença propriamente a este artigo (pois nos consta, que tem data do anno em que foi impressa) não podemos porém ver esta edição, nem nos souberão informar da certeza de seu anno; sabemos só que foi estampada em Leiria, e no Seculo XV.

Itinerario do Conde D. Pedro.

Itinerario do Conde D. Pedro. Lisboa.

Tambem pômos neste lugar esta obra, de que não podemos haver maior noticia, que a que nos dá o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel do Cenaculo, Bispo de Béja, na sua pia, e douta obra dos *Cuidados Litterarios*, que a faz impressa em Lisboa no Seculo XV. (b).

A R T I G O III.

Das edições, que não tem certeza de anno, nem de lugar.

Coplas do Infante D. Pedro.

Coplas do Infante D. Pedro.

Já dissemos no Cap. I., que estas obras forão impressas poucos annos depois da invenção da Typografia,

que se imprimio em Colonia em 1494 com o titulo = *Regimen sanitatis castice conscriptum cum multis aphorismis, et tractatu quodam de regimine contra morbum epidemicum* 4.^o, que refere J. Henr. Leichio *De Orig. et Increm. Typogr. Lipsiens. in Suppl. Mnithairiano* pag. 135.

(a) Nenhum exemplar podemos ver desta obra, para darmos della maior noticia. Falta a Memoria deste Author na Bibliotheca Franciscana, impressa em Madrid em 1732 do Salmaticense Fr. João de Sauto Antonio, quando era de esperar que não faltasse.

(b) Pag. 25.

e havia razão para julgar, que o forão em Portugal. Existia hum exemplar desta rarissima edição na preciosa Bibliotheca do Conde de Vimieiro, que se queimou com toda ella no incendio do Terremoto de Lisboa de 1755, e havia outro na Casa dos Senhores Duques de Lafões, Marquezes de Arronches, que fora da Livraria do Cardeal de Sousa (a).

Fallão della o mesmo Conde da Ericeira na conta, que deu á Academia Real da Historia Portugueza na conferencia de 23 de Agosto de 1724 (b), e José Soares da Silva nas *Memorias para a Historia de Portugal no Governo do Senhor Rei D. João I.*, e entre os estranhos João Henrique Leichio *De Orig. et Increm. Typog. Lipsiens. in suppl. Maittairiano* (c), e Raimundo Diosdado *De prima Typographia Hispanica etate specimen* (d).

Das Coplas, ou Oitavas do Infante sobre o desprezo do mundo fez o Hespanhol Antonio D'urrea huma edição com Commentarios dedicada a D. Affonso de Aragão, Administrador perpetuo do Arcebispado de Çaragoça, que sahio com este titulo: *Coplas fechas ay mil versos con sus glosas contenientes del menos precio e contempto de las cosas fermosas del mundo demonstrando la su vana beldad.*

He em folio, e em caracter Gothico, não tem anno de impressão; mas sendo esta obra dedicada a D. Affonso, ainda então Administrador do Arcebispado de Çaragoça, e constando, que elle só foi sagrado Arcebispo em 1478 fica provavel, que se imprimisse pelo menos no dito anno (e); e com effeito á margem do Prologo do exemplar, que temos visto, ha huma nota ms., que assinnalla este mesmo anno; he certo, que o caracter a pontua-

(a) Veja-se o que deitámos escrito no Cap. I.

(b) Tom. I. Liv. I. Cap. 72. pag. 395, e 366.

(c) Pag. 135.

(d) Pag. 98.

(e) Lamberto de Çaragoça no Tom. IV. do *Theatro Ecclesiastico Aragonense*, diz que elle tomára posse do Arcebispado em 1479.

tuação e o mesmo papel assaz indicão sua muita antiguidade.

Quanto ao lugar da impressão não podémos saber, em que parte se estampou esta obra. Consta este Livro de 124 Oitavas, commentadas a maior parte dellas por D'urrea. He rarissima esta edição, della falla Nicoláo Antonio na Antiga Bibliotheca Hispanica confessando, que nunca a vira (a).

A Real Bibliotheca da Córte possui hoje hum exemplar, que foi da Livraria dos Clerigos Regulares da Divina Providencia, o qual pertencia ao Sabio D. José Barbosa, e foi o mesmo que vio, e examinou seu Irmão o douto Abbade de Cever para o extracto, que delle fez na Bibliotheca Lusitana, e de que nós nos servimos para este. Esta edição parece ser diversa de outra, que vio Fr. Francisco Mendes, Augustiniano do Convento de S. Filippe el Real de Madrid, juntamente com hum Cancioneiro Espanhol, por quanto diversificão em algumas cousas do titulo, e do mais corpo da obra (b).

Aqui he lugar proprio de occupar huma duvida, que pôde resultar do Prologo desta edição de D'urrea contra a existencia da primeira edição Portugueza das obras do Infante, de que temos fallado, e contra as provas, que della trouxemos no Cap. I. destas Memorias sobre a origem, e antiguidade de nossa Typografia; por quanto nelle se diz: *Trabajè en divulgar la presente obra que quasi stava scondida, la baziendo emprentar*: indicando-se por este modo de fallar, que antes se não havia feito outra alguma edição daquellas coplas: com tudo não he difficil a qualquer soltar a duvida, que daqui nasce, se considerar o estado da impressõ, e do commercio dos Livros

(a) Esta he a unica edição das Poesias do Infante, de que fez memoria o Abbade de Cever.

(b) Typogr. Esp. Tom. I. pag. 147. aonde diz na nota, que quasi não duvida que fora feita em Lisboa.

vros daquella idade; porque em tempo, em que a Arte Typografica começava de se estabelecer em Portugal; em que erão poucas as obras, e poucos os exemplares, que dellas se estamparão, e estreito e curto o giro do seu commercio exterior; podia muito bem acontecer, que D'urreea em hum paiz distante do nosso ignorasse a edição, que se tinha feito entre nós, ou por não terem ainda então entrado os seus exemplares nos Reinos de Castella, ou por elle os não ter ainda visto. De mais esta edição só he das Oitavas sobre o desprezo das cousas do mundo, e não de todas as outras poesias do Infante, e já póde ser que destas, e não daquellas fosse a edição primeira Portugueza.

Esta obra do Infante vem no Cancioneiro geral de Garcia de Rezende, impresso em Lisboa por Hermão de Campos em 1516, e tambem se achão no fim do Tomo IV. das *Memorias para a Historia de Portugal no Governo do Senbor Rei D. João I.* por José Soares da Silva. Fr. Francisco Mendes, de quem acima fallamos, possue hum tomo em fol. ms. desta obra, escrito no Seculo XV, papel grosso, e letra clara, e formosa, em que se contém 126 Oitavas (muitas dellas com sua glosa, como no impresso, ainda que com alguma pequena variedade) que fazem ao todo mil e oito versos: a estas Oitavas precede hum Proemio em prosa, que não tem o impresso, e occupa seis folhas: he dirigido ao Senhor Rei D. Affonso V. Depois das Oitavas vem hum discurso de despedida, e admoestações Christãas, que ao que parece fez o dito Rei á Senhora Infanta D. Joanna, estando para casar com ElRei D. Henrique de Castella.

Estas são as unicas obras do Seculo XV. de que podemos haver noticia; por certo que muitas outras se estamparião em nossos prélos, que não he de crer, que seus obreiros se limitassem a estas unicas producções de sua Arte, cruzando as mãos inutilmente para ficarem ociosos, e sem lucro no meio de suas dispendiosas Officinas. O tempo, e a curiosidade dos nossos as hirá porventura descobrindo; com o que não só se augmentarão as noticias de

nossa Historia Litteraria; mas tambem se dará maior extenção, e luz aos Annaes, ainda muito diminutos, da Typografia Portugueza. Se alguem achar estas nossas noticias muito apoucadas, já d'ante mão confessamos esta falta, que nem podemos, nem soubemos evitar.

Diremos tão sómente, que não he maravilha, que tão pouco saibamos de nossas primeiras e mais antigas edições, e que tão poucas appareçam nestes tempos, pois que além de outras causas que para isto concorrerão, e que forão transcendentés a todas as edições daquelle seculo, he de crer, que algumas dellas se passarão para as nossas Colonias da Asia, e da Africa, como sabemos, que passarão em grande quantidade os exemplares das Traducções da *Vida de Christo* de Alcobaca, e da *Imitação de Christo* de Thomaz Kempis, para uso dos Indios convertidos; por onde derramando-se por tão remotos Climas e Regiões, facilmente se gastarão, e consumirão os exemplares.

Das duas antigas edições do Missal Bracarense de 1496, e de 1498, se sabe que dentro em sessenta annos, se consumirão e gastarão de maneira, que o Arcebispo D. Balthasar Limpo vendo muito poucos exemplares, e esses tão usados e gastados, entendeu que convinha fazer a nova edição de 1558 (a). De mais alguns dos nossos Livreiros, ignorando a preciosidade e estimação destas primeiras edições; maltratarão a muitos dos antigos exemplares, que achavão, formando de seus pergaminhos, e das folhas, que erão pelo commum de papel encorpado e forte, as capas e guardas dos nossos Livros, que encadernavão, de que ainda hoje se achão vestigijs em encadernações dos Seculo XVI, e XVII as quaes se vem guardar-

(a) Etenim inter ea quibus ut magis necessariis opportunius occurrendum fuit, reperimus vetus quoddam volumen (quod Missale adpellant) corruptum illud certe vetustate, et si qua extabant erant pauca illa quidem et inveterata et adeo legentium manibus attrita deletaque, ut pluribus in locis extintarum jam pene diffusionum vestigia solummodo remanerent. Pastoral que vem no principio do Missal.

necidas de pergaminho, e empastadas de folhas de Livros impressos, que pelo seu caracter assaz mostram haverem sido de huma veneravel antiguidade.

Não era com tudo de esperar, que naquella idade se imprimisse grande numero de Livros nossos, maiormente em Lingoagem; porque sabido he, que as edições daquelles tempos em Lingoas vulgares, em todos os paizes forão poucas: a Lingoa Latina era a que então levava os olhos de todos apóz si como a unica, que caracterizava e distinguia o homem sabio; e seus Livros erão consequentemente os que mais se procuravão; que por isso mesmo que davão esperanças de maior consumo, e lucro, occupavão mais que os outros os trabalhos das Officinas Typograficas.

CAPITULO VII.

De algumas edições a que se não deu lugar nestas Memorias.

RESERVAMOS para este lugar fazer memoria de alguns Livros, os quaes porventura poderia alguem haver por obras da Typografia Portugueza, não o sendo, ou não havendo razão bastante para as dar como taes: nesta conta entrão as seguintes.

Peregrina Glossa Bonifaciana a compilatore Bonifacio Lusitano Ulysiponensi, sive juris legum conclusionumque glossarum ab ipso Bonifacio 1497. fol.

He obra do nosso Jurisconsulto Bonifacio Garcez, Lisbonense, Ouvidor da Serenissima Rainha de Castella D. Joanna, Filha do Senhor Rei D. Duarte, casada com Henrique IV, de que havia hum exemplar na Livraria do Cardeal de Sousa. Foi impressa fora de Portugal, e em Castella, aonde esteve seu Author quando acompanhou aquella Princeza, nos tempos em que se foi despozar com Henrique IV; por quanto da subscrição, e fim da obra se vê, que foi impressa por ordem, e á custa de Lazaro

de Gazanis , e pelos Impressores Meinardo Vngut , Alemão , e Estanisláo de Polonia , Socios , e de nenhum destes consta , que estivesse jámais em Portugal (a).

Historia
de Isea.

Historia dos trabalhos do sem ventura Isea natural da Cidade de Ebeso , e dos Amores de Clarco , e Florisea , com Real Privilegio. 1. vol. em 12. , sem anno , nem lugar da impressão. He em caracter Gothico , e mostra ser edição do Seculo XV. Tem hum exemplar desta rarissima obra a escolhida Bibliotheca do Illustrissimo e Excellentissimo Luiz Pinto de Sousa Coutinho , Ministro , e Secretario de Estado dos Negocios do Reino: pareces obra da Typografia Portugueza , porém não podémos haver disso maior informação , que nos confirmasse neste juizo: assim não ousamos classificalla entre as nossas produções Typograficas.

Commen-
tarios de
Affonso
d'Albu-
querque.

Affonsi de Albuquerque Commentaria in Parva Naturalia Aristotelis 1498. fol. Fazem lembrança desta obra Maittaire nos Annaes Typograficos (b), Thua- no na Bibliotheca (c), e o nosso Barbosa na Bibliotheca Lusitana (d). Não nos atrevemos a affirmar, que fo- ra Portuguez , bem que o pareça por seu appellido , co- mo pareceu a Barbosa , em quanto se não mostrar com maiores fundamentos a sua naturalidade Portugueza , e menos ainda , que Portugal foi o lugar da edição desta obra.

Evange-
lhos , e E-
pistolas de
Gonçalo
de S. Ma-
ria.

Gonçalo Garcia de S. Maria: Evangelhos , e Epis- tolas do Anno , traduzidos em Castelhana (e). Esta obra foi impressa em 1485 a 20 de Fevereiro , não em Portu- gal,

(a) De Raymundo Diosdado: *De Prima Typographia Hispanica* e:ote pag. 66 , e de Fr. Francisco Mendes na *Typogr. Hespanh.* Tom. I. pag. 210 , e 222 , consta que forão Impressores em Sevilha , e em Grana- ta , e delles ha na Real Bibliotheca da Corte a obra de Synonymis de Affonso Palentino , impressa em Sevilha em 1491.

(b) Tom. I. pag. 680.

(c) Tom. II. pag. 23.

(d) Tom. II. pag. 394 col. V.

(e) São escritas em Castelhana , e não em Portuguez.

gal, mas em Caragoça por Paulo Hurus de Constañcia, como se vê das noticias, que deu desta obra o erudito Academico Francisco Leitão Ferreira em as Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra (a), as quaes seguiu o mesmo Barbosa, reformando no tomo quarto, o que havia escrito no segundo (b), e das que deu ha poucos annos Fr. Francisco Mendes na Typografia Hespanholla (c).

CAPITULO VIII.

Do Merecimento Typografico das edições de Portugal no Seculo XV.

SEGUNDO o que observamos em algumas destas edições, e o que de outras nos referem os que as virão e registarão, em todas ellas se notão as mesmas imperfeições e defeitos, que erão transcendentés em quasi todas as que se fizerão naquella idade em diversas partes da Europa; porque huma Arte, que acabava de sahir do berço, não se podia desembrulhar de todo das mantilhas em que nascêra; e crescer e chegar ao cume de sua alteza e perfeição em poucos annos; com tudo em suas obras ha muitas bondades relativamente áquelle seculo, em que os começos de huma Arte nascente não promettião maiores apuramentos e primores; e certo que se vem nellas alguns donaires, e gentilezas, que ainda hoje não tem envelhecido, por que podem emparelhar com as edições modernas mais perfeitas, e acabadas.

O

(a) Pag. 550. §. 1176.

(b) Pag. 152. Nós reformamos tambem aqui o que escrevemos de passagem em outra obra, guiados pelas noticias do 2.º Tomo da Bibliotheca Lusitana de Barbosa, sem ter consultado ainda então nem a sua correção no 4.º Tomo, nem as Memorias de Leitão.

(c) Tom. I. pag. 131.

Papel.

O papel pelo commum he muito lizo igual cor-pulento , e bem batido , o que o faz ser de huma forte consistencia ; em algumas obras he assaz branco , como na edição da Vida de Christo , n'outras hum pouco tri-gueiro e baixo , como na da vida do Emperador Vespazi-ano , e no Almanach de Zacuto : a marca não he sempre a mesma em huma obra , como se observa no mesmo Almanach , aonde ha diversas marcas , sendo a mais frequente de huma como torre , ou gurita de que sahe huma estrella : algumas obras não tem marca , como se vê entre outras na edição da Vida do Emperador Vespaziano.

Marca.

Tinta.

A tinta he sempre muito preta e luzidia , e cor-re por toda a parte igual e solida. Usavão em algumas obras de imprimir de encarnado os titulos e summarios , as letras iniciaes das Orações , e outras partes , como se vê no Breviario Bracarense de 1492.

94.96.98.²
Caracter
nas edi-
ções Lati-
nas , e
Portugue-
zas.

O caracter no tocante ás edições Latinas , e Portu-
guezas , em algumas he rude e informe , a que vulgar-
mente se chama Gothico , formado das depravadas letras
unciaes dos Romanos , e muito usado em nossa Espanha ,
e semelhante ao que havião introduzido os primeiros Im-
pressores de Strasbourg , de que geralmente usárão os Fran-
cezes , e Alemães , de que póde ser bom exemplo o mes-
mo Breviario Bracarense ; em outras he meio Gothico ,
ou entre o Romano , e o Gothico , isto he arredondado
desempedido e elegante , á maneira do que havião appre-
sentado os primeiros Discipulos de Fausto , e de Schoif-
fer , de que he hum bom exemplo o Almanach de Zacu-
to , e ambos estes generos de caracter tanto reinárão nas
nossas Officinas , que continuárão ainda muito depois até
o meio do Seculo XVI. Em algumas obras he o caracter
grado , como na edição da Vida de Christo de Alco-
baça , em outras miudo , como se observa no caracter da
Leitura , ou texto de Zacuto , e algumas vezes minutissi-
mo , como o do algarismo de suas Taboas. Em todas as
edições que vimos , a fórma do caracter he sempre de
hum mechanismo regular , e a lineação igual , e recta ,

mos-

mostrando suas linhas bem assentadas, sem aquellas pequenas desigualdades, que apparecem em muitas das primeiras edições de fóra.

Pelo commum todas as iniciaes dos Capitulos, e e dos Summários são letras maiusculas, algumas vezes tambem o são as de cada Oração, ou periodo, que faz ponto; fóra disto ha poucas maiusculas, e ainda nos nomes proprios. Algumas vezes faltão letras capitaes, porque em lugar dellas se deixava espaço em branco para serem feitas de penna, e illuminadas da mesma sorte, que se praticava no adorno dos antigos Ms. em pergaminho.

A escrituração não tem divisão de periodos, nem de paragrafos; tem bastantes abbreviaturas adoptadas dos mesmos Mss. o *v* consoante pelo commum só se usa no principio da palavra, no mais quasi sempre se poem o *u* vogal, ou a letra seja vogal, ou consoante; não se usa de *e* diphthongo, ou diphthongos unidos; não ha accentos sobre as palavras agudas, nem apostofros.

Toda a pontuação se reduz ao ponto final, ou a dois pontos, não se açando nem virgulas, nem pontos de admiração, ou interrogação, e o ponto não he redondo na fórmula, que actualmente usamos, mas quadrado obliquo ou á maneira de hum rombo, ou de cruz: com elle se arremata o fecho de qualquer sentido da oração. Sobre o *i* não se põe o nosso ponto, mas a pequena cedilha, e as hastes com que no fim da regra se denota muitas vezes não estar acabada a palavra, são duas linhas, ou riscos parallelos de alto abaixo inclinados: não ha reclamos da ultima palavra, que denote a seguinte: as folhas não estão assignadas com numeros, nem ha em baixo o registro tão necessario para se reconhecer a integridade do Livro; o que tudo he ordinario nas edições daquelle seculo.

Quanto ás edições Hebraicas, o caracter Rabbínico, humas vezes he inflexo á maneira do que usavão os Judeos Orientaes; outras vezes quadrado com pontos, e accenros,

Maneira
de escri-
pturação.

Pontua-
ção.

Caracter
nas edi-
ções He-
braicas.

e

e ora maior, ora menor, como se acha na obra *Sefer Orach Chaiim*. Alineação he igual e direita, conservando sempre muita regularidade, e formosura, e mostrando serem obras trabalhadas em matrizes muito perfeitas. Quasi todos os Livros Hebraicos são estampados em duas columnas, da maneira, que se vê no Livro *Seder Tefilod*, ou *ordem das Preces*: as letras capitaes das Secções, Capitulos, e Orações são maiusculas, e quadradas, como se observa entre outros no mesmo Livro *Seder Tefilod*.

Correcção.

No tocante á correcção, as impressões dos Livros Latinos, e Portuguezes não tem muito apuramento e exactidão; nesta parte passam por optimas, e dignas de todos os elogios as edições Hebraicas, em cuja correcção se entendeu sempre com muito cuidado e vigilancia; dá boa prova disto entre outras obras a do Pentatheuco Olisiponense de 1491, que tanto os Judeos a houverão por correctissima, que mandavão, que seus impressores a ella recorressem nas novas edições, que houvessem de fazer, e ainda hoje lhe dão a primeira entre as antigas, como a dão entre as modernas ás duas Lombroziana, e Norziana de Amsterdam.

CAPITULO IX.

Do ornato das edições do Seculo XV. em Portugal.

Estamparia de Gravadura.

DIGAMOS alguma cousa do ornato da Chalcografia, que naquelles tempos se unio á Arte Typografica para mais afformosear os Livros; os nossos Impressores á imitação dos estranhos usárão em algumas edições de pôr enfeites e ornatos de portadas, tarjas, e divizas, e tambem estamparia de figuras, que erão como as galas da Typografia, com que se ella enfeitava em suas obras.

Mas cumpre confessar, que tanto o ornato, como a figuraria era obra geralmente grosseira e rude sendo tudo aberto e talhado em pranchas de madeira, e gravado pelo commum de simplices traços: a Escultura, e a Gra-

Gravadura não tinha ainda então feito progressos entres nós, e como se desconhecia inteiramente a perfeição do Desenho, não podião estas Artes apresentar-nos Figuristas, e Ornatistas de maior apuramento, e correccão; quanto mais que as obras elegantes, e polidas da Entalhadura, ou Gravadura, erão dispendiosas para se poderem adoptar nas Impressões dos Livros. Todos os ornamentos pois são toscos, e mal lançados, as figuras desanimadas, e vazias, como tiradas a hum só, ou a poucos perfis de contorno, mostrando bem a falta de Desenho, que então havia, e quanto era ainda vacillante, e muito pouco destra, e assentada a mão de seus artifices.

As edições Hebraicas trazem alguns adornos deste genero, como se acha nas duas Lisbonenses do Pentatheuco de 1489, e de 1491, em que se vê no principio apresentação de varios animaes. Ha edições de Livros Portuguezes, que tambem se apresentam com seus enfeites de Gravadura. A obra de *Vita Christi* traz no alto da primeira folha de cada hum dos quatro tomos as Armas Reaes, as da Rainha D. Leonor, varios floreios nas letras iniciaes do titulo, no reverso a Imagem de Christo Crucificado, com dois Anjos recebendo em vasos o sangue, que lhe corre das mãos, e de hum lado a Santa Virgem, e do outro o Evangelista, huma tarja por baixo com oito figuras orando de joelhos; a segunda folha de cada Livro he afformoseada com hum floreio em orla, que serve como de tarja, ou de portada á primeira pagina da obra; vem no fim de cada Livro, ou tomo, duas tarjas, huma com hum Pelicano ferindo o peito para alimentar com o proprio sangue a seus filhinhos, e com a letra *Pela Lei, e pela Graça*, diviza do Senhor Rei D. João II, e outra com differente diviza, que não sabemos decifrar, e no cabo de tudo outra tarja, com hum menino no meio tendo hum Escudo pendente de cada mão. O Livro da Vida do Emperador Vespasiano apresenta estampas em todos os Capitulos allusivas aos feitos, que alli se narrão, e no fim a esfera, que depois

Pintura , e
Illumina-
ção.

se usou muito em edições do seculo seguinte.

Usavão ainda de outro adorno , que os Arabes ha-
vião introduzido em nossa Hespanha , e foi adoptado em
muitas partes da Europa , qual era ornar os Livros com
enlace , e variedade de côres. Dantes era isto mui fre-
quente nos Codigos Ms. em pergaminho , em que se os-
tentavão com huma extrema delicadeza os primores da
Caligrafia dos Arabes , pintando-se de miniatura , ou il-
luminando-se os titulos , as letras capitaes , às figuras , e
os floreios , e ornatos das portadas , e tarjas dos Livros
com diversidade de vivas , e engraçadas côres. Dos Codi-
gos Ms. passou este uso aos impressores ; e posto que os
nossos não curassem muito disto , todavia usárão algumas
vezes de estampar , pintar , ou illuminar de encarnado al-
gumas partes de seus Livros.

Pelo que pertence ás edições Hebraicas , vimos isto
practicado no Livro intitulado *Avudrahan Seder Tefilod* ,
que traz vistoso titulo com seus enfeites , e realces de pin-
tura. Quanto ás edições de Livros Portuguezes póde servir
de exemplo o Livro da *Vida de Christo* , em que não só
os Summarios dos Proemios , mas tambem os dos Capi-
tulos , e quasi todas as suas letras iniciaes , e as das Ora-
ções , ou jaculatorias , que vem no fim de cada hum del-
les , são feitas de encarnado com todos os seus ornatos , e
floreios.

C A P I T U L O X.

*Das Divisas , ou Marcas , e Cifras dos Impressores
do Seculo XV. em Portugal.*

SOBRE as Divisas , Emblemas , ou Marcas , e Cifras
dos Impressores , pouco temos que notar nos Livros
daquelle seculo ; era naquelles tempos estylo mui corrente
em outras partes marcarem os Impressores , os que es-
tampavão , com suas Insignias , e Emprezas Typograficas ,
ou com Marcas em Cifra , em Letra , ou em figura ,
como vemos na maior parte de suas obras , o que de mui-
to.

to pôde servir para verificar as edições légitimas, e verdadeiras, e extremallas das suppostas, e contrafeitas (a). E estas Divisas., e Marcas, ou erão originacs dos Impressores, isto he, de sua propria invenção, ou herdadas, ou tambem adoptadas das mesmas Officinas, que compravão.

Os nossos não deixarão alguma vez de os imitar, usando tambem de seus enfeites, e ornamentos. Assim o vêmos no fim do 1.º, 3.º, e 4.º Livro de *Vita Christi*, aonde vem a empreza dos dois parceiros Nicoláo de Saxonia, e Valentim de Moravia, que consiste em huma tarja de figura parallelogramma, que tem no alto as duas iniciaes N. e V. cada huma de seu lado, que denotão os nomes de Nicoláo, e de Valentim, e hum menino no meio, com seu escudo pendente em cada mão, que já vem prezo do alto por fitas, ou cordões em varias voltas, e rodeios, e por fóra da tarja em circumferencia pelos quatro lados a letra *Ne projecias me in tempore senectutis cum defecerit virtus mea, ne derelinquas me. Adjuva nos Deus salutaris noster.*

Na edição da Vida do Emperador Vespasiano, não usa valentim de Moravia da mesma Divisa; mas de huma particular, pondo nella por empreza hum Leão Coroadado, e levantado sobre os pés, com hum escudo nas mãos, e huma Cedula no peito, que tem no meio a letra inicial de seu nome; e huma Cruz com bandeira, ou fita enleada, que sahe do angulo da letra com esta legenda em roda pelos quatro lados da Cedula: *Secundum multitudinem dolorum meorum in corde meo consolationes tue letificaverunt animam meam, et factus est mihi Dominus in refugium* (b). No Almanach de Zacuto a-

K ii

cha-

(a) Veja-se Orlando Orig., e Progr. da Estamparia pag. 228, e Frederico Roth. Scholtz *Thesaurus Symbolorum ac Emblematum Bibliopolarum, et Typographorum* 1730.

(b) Na Glosa sobre as Coplas de Jorge Manrique impressa por el-

chamos depois da Subscrição, humas armas ou sello, mas he de José Vizinho, Traductor dos Canones Hebraicos, que ali tem o seu nome, não do Mestre Ortas, que foi o Impressor daquella obra. E eis aqui o que soubermos dizer das origens, e progressos de nossa Typografia no Seculo XV.

M E-

le em Lisboa em 1501 ha no fim esta Divisa; mas com alguma differença, de que daremos conta nas Memorias do Seculo XVI.

MEMORIA

*Para a Historia da Typografia Portugueza do
Seculo XVI.*

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

CAPITULO I.

Das tres Classes de Typografia em Portugal.

HOUVE entre nós no Seculo XVI, tres Classes de Typografia a saber, de Livros em vulgar, de Livros Latinos, e de Livros Gregos. E pelo que pertence á primeira, he certo, que tendo ella começado no Seculo XV. com muito ardor, e luzimento, continuou de fazer grandes progressos no Seculo XVI, accendendo-se cada vez mais entre os nossos o desejo de escrever na propria Lingua; exemplo que nos davão Italia, e Castella, que cuidavão então muito de enriquecer, e apurar o seu Romance com os doutos escritos, que imprimião. Com effeito nós vimos então apparecer á porfia illustres Historiadores, Oradores, Poetas, e Filologos empregando nos estudos de nossa Lingua seus trabalhos, e disvellos, e dando com as muitas obras, que então nella compozerão, uteis e honrosas fadigas á Typografia Portugueza.

A Typografia Latina continuou tambem entre nós neste Seculo, e nos seguintes em Lisboa, Braga; e Evora; e de novo se estabeleceo nas Cidades, do Porto, e de Coimbra; e andou volante por algumas Villas deste Reino, de que adiante faremos memoria: os estudos de Latinidade que se accendêrão naquelles tempos com mais fervor, do que nunca, e em que tivemos Escriitores Latinos tão polidos, que em-

parellhárão com os melhores das Nações estranhas , dêrão occasião a muitas producções da nossa Typografia Latina , que ainda hoje attestão com grande credito do nosso nome os progressos , que então fizemos na Litteratura , e no gosto.

Typogra-
fia Grega.

Quanto á Typografia Grega entrou esta de novo em Portugal , occupando o lugar , que nelle deixára a Typografia Hebraica , que havia espirado com o mesmo Seculo XV. pelos motivos , que já tocámos no Ensayo , ou Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo XV. Alguns Estrangeiros , e muitos tambem dos nossos , que haviam bebido o gosto da Lingua Grega , propagárão felismente o amor a taes estudos neste Reino ; dando-se á Litteratura Grega quasi com o mesmo ardor , com que se haviam lançado á Litteratura Romana.

Entre outros muitos se esmerarão João Rodrigues de Sá e Menezes , que commentava Homero , e Pindaro ; Francisco de Sá de Miranda , que traduzia o mesmo Homero ; Antonio Ferreira , que lia , e imitava a Anacreonte , a Moscho , e a Theocfito ; M.^e Rezende , que restituia as obras todas de Anacreonte ; Ambrozio Nunes que esclarecia os Aforismos de Hipocrates ; Francisco Giraldes e Jeronimo Lopes , que lião pelos originaes de Galeno ; João Rodrigues de Castello Branco , que illustrava o texto Grego da Dioscorides ; Jorge Coelho a quem devemos a versão Latina da Deosa Syria de Luciano ; D. Fr. Antonio de Sonza , Bispo de Vizeu , que trasladava o Filosofo Epitecto ; Antonio Luiz , que nas Aulas explicava Aristoteles , e Galeno pelo texto Grego : e traduzia a este ultimo , e os commentarios de S. Cyrillo á Isaias ; e Cypriano Soares , Diogo Fernandes , Francisco Martins , Cosme de Magalhães , e Luiz da Cruz , Sábios Jezuitas , e Mestres do Collegio das Artes de Coimbra , que compunhão em Grego varias obras de muito preço. (a)

Os

(a) Estes Padres são mui sabedores da Lingua Grega , de que ainda nos ficárão illustres documentos nas suas composições , que existem em hum precioso Codigo MS. que ha na Real Bibliotheca de

Os dois Portuguezes Pedro Henriques, e Gonçalo Alvares, que em 1528 vierão de Paris para ensinar o Grego, e Vicente Fabricio, Jorge Buchanam, e depois delle o Flamengo Clenardo, Mestre desta Lingua, forão dos que mais a propagarão nas Escolas de Coimbra; tanto progresso se havia feito nestes estudos, que já quando Clenardo ali chegou se espantou do seu adiantamento, parecendo-lhe aquella Cidade outra Athenas: (a) o que tudo concorria para que alguns prélos se provessem de caracteres Gregos, e se fossem animando pouco a pouco os estabelecimentos da Typografia Grega.

Não nos consta em que anno se introduzio entre nós; sabemos porém, que já em 1534 se achava com assento, e domicilio no Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, então luzida Escola de Litteratura Portugueza; (b) e foi esta a primeira de caracteres Gregos quanto parece, que se estabeleceu em Portugal. Contribuiu muito para ella o doutissimo Vicente Fabricio, que ali primeiro ensinou o Grego; brilhante luzeiro, que espalhava luz por toda a parte, e accendia amor a taes estudos.

Em verdade tão adiantada a achou Clenardo que escrevia, e aconselhava a seu amigo Vasão, que se queria ter provimento de Livros Gregos, se houvesse com Vicente Fabricio; que daquella Officina lhos poderia mandar commodamente, e com isso se animarião os Conegos Regulares a imprimir nella muitas obras (c). Desta Offi-

Lisboa, em que se contém diversas obras Latinas em prosa, e verso de excellente gosto: alli vem em Grego entre outros escritos, Epitafios do Padre Cypriano Soares; Epigrammas dos Padres Diogo Fernandes, Francisco Martins, e Cosme de Magalhães, e Poemas Lyricos do Padre Luiz da Cruz.

(a) Clenardo na Epistola ad Christianos lib. 11. pag. 252. *Nec judicium ferre possum nisi de auditorio Græco, quod me novo miraculo reddidit attonitum.*

(b) *Est Conimbricæ apud Lusitanos jam prælum, non solum Latinarum, sed etiam Græcorum Litterarum. . . . hi enim (Monschi) et scholas, et prælum instituerunt.* Epist. lib. 21. a Vasão pag. 154.

(c) *Vide num Consilium aliquod reperire possis ut inde scriberet Græ-*

ficina sahio entre outras em 1534 a edição de Boecio de *Divisionibus et Definitionibus* : em 4.º em que já vem alguns lugares de caracteres Gregos perfeitamente trabalhados, que mostram bem, quanto florecião aquelles prélos.

A outra Officina que tratou as letras Gregas, foi a da Universidade, transferida de Lisboa para Coimbra : presidia nella João Barreira, grande nome entre os nossos Impressores daquella idade : foi ella logo em seu começo provida de caracteres Gregos, de que já fez prova em 1549 na edição, que deo do Indice das Chiliadas de Erasmo, por Vasco, Mestre de Latim, e na Oração, que imprimio de Pedro Fernandes *In doctrinarum Scientiarum que commendationem* em 1550, que traz muitas passagens Gregas.

Continuavão ainda os typos Gregos desta Officina por 1583 no tempo de Antonio de Mariz, outro insigne Impressor daquelle Seculo; e della sahio entre outras obras a pequena Collecção de algumas peças Gregas para uso das Escolas Jesuiticas de Coimbra com o titulo = *Aliquot opuscula Græca ex variis Auctoribus discerpta* = Nesta Collecção vem no Texto original a Oração da paz, a Oração á Epistola de Fillipe, e a outra da Prefectura Naval de Demosthenes: o Idyllio IV. de Theocrito, intitulado *Battos e Corydon*, menos os ultimos seis versos, e o VIII. de Daphnis, e Mœulcos; as Exequias de Bion de Moscho; a obra moral de Pythagoras, ou de seus Discipulos, chamada *Versos de ouro*; os Hymnos de Homero a Venus, a Diana, a Pallas, á Madre Terra, e ao Sol: os Dialogos Maritimos do Cyclope, e Neptuno, os de Meneião, e Protheo, o de Panopes, e Galenes, o de Neptuno, e Delphim; de Iris, e Neptuno, e do Xantho, e Mar de Luciano: varios Epigrammas Gregos dos Antigos,

es-

scorum librorum numerum justum consequaris, id quod facile fiet, si cum Vincentio Fabricio per epistolas aliquid contuleris, qui illic Græcè docet. Epistol. supra.

escolhidos dentre os mais elegantes, os quaes vem no Texto Grego, e com a Traducção Latina de Alciato, Policiano, Ausonio, Moro, Geraldo Lilio, Luscino, Ursino, João Sleidano, Marulo, Volaterrano, e outros; e as Fabulas de Esopo em Grego, e com traducção Latina 8.º (ha hum exemplar na Real Bibliotheca de Lisboa e temos outro).

Desta mesma Officina se publicou por Antonio de Maris a Obra Grammatical intitulada = *Græcæ Nominum ac Verborum Inflectiones in usum Tyronum Conimbricæ*. Conimbricæ 1594. I. vol. 8.º, de que tambem ha hum exemplar na Real Bibliotheca de Lisboa.

A terceira Officina de Coimbra, aonde se tratavão as Letras Gregas, foi a do Collegio dos Jesuitas. Estes Padres havendo recorrido a principio á Typografia Academica para imprimir a pequena Collecção de Peças Gregas, de que acima fallamos, e outros Livros mais; julgáão conveniente collocar no Collegio das Artes huma Officina propria, em que podessem estampar com maior commodidade as suas obras. O Magisterio que elles então exercitavão da Lingua Grega, nas Aulas das Humanidades, fazia necessario o uso deste genero de Typografia; e os Padres Cypriano Soares, Diogo Fernandes, Francisco Martins, Luiz da Cruz, Cosme de Magalhães, e outros mais de que tambem acima fallamos, que naquelle Collegio se dêrão com grande esmero aos estudos da Lingua Grega; contribuirão muito para fomentar naquelles tempos os progressos desta Officina. (a)

Em Lisboa houve tambem prélos de caracteres Gregos: com elles se distinguiu muito a Officina de Simão Lopes, em que além de outras, se estamparão em 1595 as Instituições da Lingua Grega de Clenardo em 12.º (Real Bibliotheca de Lisboa.) Ainda no Seculo XVI. subsistia

Tom. VIII.

L

em-

(a) Della sahirão depois entre outras as edições da Grammatica Grega de Nicoláo Clenardo para uso das suas Escolas; quaes forão as de 1608, e no Seculo passado as de 1712, e de 1729 (de que ha exemplares na Real Bibliotheca de Lisboa).

em Lisboa a Typografia Grega, que conservava Pedro Craasbeck, Impressor mui conhecido entre nós; na qual se reimprimirão as mesmas Instituições da Lingua Grega de Clenardo.

Com tudo devemos confessar, que sem embargo dos cuidados que houve naquelles tempos, de firmar, e promover a Typografia Grega; esta plantação não medrou muito entre nós, vindo por fim a esmorecer, e quasi a acabar de todo nos fins daquelle Seculo com grande detrimento dos estudos da Nação.

CAPITULO II.

Das Cidades, Villas, e Lugares de Portugal, e de suas Colonias, em que houve Typografia no Seculo XVI. por ordem alfabetica.

PASSEMOS a fazer por ordem alfabetica particular memoria dos Lugares do Reino, e das Colonias, aonde houve Typografias, ou fixas, ou volantes, no Seculo XVI, apñtando de cada hum delles por ordem Chronologica tão sómente as edições que, ou são mais raras, ou de maior merecimento, e estimação principalmente de livros Portuguezes; porque não nos propomos fazer annaes de todas as que se publicárão, por nem ser de nosso assumpto, nem termos todas as noticias competentes para isso.

Alcobaça.

Em Alcobaça houve por algum tempo huma Officina Typografica, a qual teve seu assento no Real Mosteiro dos Cisterciences. Nella se estampeu a *Primeira parte da Monarchia Lusitana*, por *Alexandre de Sequeira*, e *Antonio Alvares* em 1597. fol. edição muito estimada; e no mesmo anno a *Geografia da Antiga Lusitania*, por Antonio Alvares, fol.

Al-

Almeirim.

Almeirim foi outra Villa, que se honrou por algum tempo com hum prélo portatil, que alli levou Herman, ou Germão de Campos; d'elle sahio em 1516 a Edição da *Regra, Estatutos, e Definições da Ordem de Aviz*. 1. vol. fol. (Bibliotheca Hasseana) e nelle se começou a imprimir o *Cancionciro de Garcia de Rezende*, que depois se acabou de estampar em Lisboa em 1515. 1. vol. fol. pelo mesmo Germão de Campos. (Real Bibliotheca de Lisboa, e a da Real Casa de Nossa Senhora das Necessidades, e a Hasseana).

Em 1580 Houve outro prélo portatil em Almeirim, em que se imprimio a *Allegação de Direito na Causa da successão destes Reinos por parte da Senhora D. Catharina, por Felix Teixeira, e Affonso de Lucena*. 1. vol. fol. He obra de muita estimação (Real Bibliotheca de Lisboa, e Hasseana e a nossa). Não sabemos se esta obra he diferente da outra que não podémos ainda achar, que com o mesmo titulo; e com a mesma nota da era, do lugar, e dos Impressores se diz fôra composta pelos Doutores Antonio Vaz Cabaco, Lente de Leys, e Luiz Corrêa, Lente do Decreto,

Amacusa.

Veja-se verb. *Japão*.

Braga.

No Seculo XVI. continuou na Cidade de Braga o exercicio da Arte Typografia, que nella havia entrado no Seculo XV, como dissemos em seu lugar: os principaes Impressores, que ali a exercitárão, forão João Barreira, João Alvares, Antonio de Mariz, e João Beltrão: dos prélos Bracarenses sahirão entre outras as seguintes obras, que bem merecem, que aqui se faça dellas especial memoria, a saber: em 1538 *Nicolai Clenardi Institutiones Grammaticæ*

Latinae sumptibus Gulielmi à Trajecto I. vol. 8.º gothico (Real Bibliotheca de Lisboa) = 1539 *O Sacramental de Clemente Sanches de Vercial, traduzido de Castelbano em Portuguez*, por ordem do Senhor Cardeal Rey, então Infante, e Arcebispo de Braga, de que falla D. Nicoláo Antonio, D. Rodrigo da Cunha, e Antonio de Souza de Macedo; de que havia hum exemplar na Livraria de Ignacio de Carvalho e Souza, Academico da Academia Real da Historia Portugueza = 1549. *Breviario Bracarense*, reformado por ordem do Arcebispo D. Manoel de Souza, na Officina de João Alvares, e de João Barreira; em gothico. = 1561 *Grammatica Latina* de Despauterio; e *Cartilha* de Marcos Jorge, que foi a primeira obra estampada da composição dos Jesuitas neste Reino, como escreve Telles (a) = 1562 *Manual conforme a Ordem da Igreja Bracarense*, por mandado do Arcebispo D. Bartholomeo dos Martyres, na Officina de Antonio de Mariz = 1564. *Catecismo, ou Doutrina Christãa*, de D. Fr. Bartholomeo dos Martyres, na mesma Officina. = 1565 *Summa Caetana tresladada em Portuguez* de Fr. Diogo do Rosario por Mariz 8.º = 1568 *Cartilha que ensina a lêr*; em que vem o Symbolo; e o modo de ajudar á Missa em Latim, e algumas Orações em Portuguez, em proza, e verso, com huma solfa de cantiga, para fixar a memoria, e curiosidade dos meninos, com dois Alfabetos, hum figurado; outro de Letras. (b)

Co

(a) Tom. I. Liv. IV. Cap. 32.

(b) Continuão as Typografias Bracarenses no Seculo seguinte debaixo da direcção de Fructuoso Lourenço de Basto, e de seu Irmão Francisco Fernandes de Basto, de Gonçalo de Basto, e de Manoel Cardoso; do primeiro he a edição da Obra *Aniiguidades de la Ciudad y Iglesia Cathedral de Tuy, y de los Obispos*, por Sandoval 1610. I. vol. 4.º (Bibliotheca Hasteanà) *Dictionarium Lusitanico Latinum* de Agostinho Barbosa 1611. fol. *Breviarium Bracarense* do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha em 1634. *Missale Bracarense*, impresso por mandado do Arcebispo D. Balthezar Limpo; e de Gonçalo de Basto, he o Tom. I. dos Sermões do P. M. Francisco de Amaral. fol. em 1641.

Coimbra.

Tendo sido Coimbra huma das principaes Cidades do Reino, todavia não foi das que se honrãõ com o recebimento da Typografia no Seculo XV. Não tardou porém de a chamar a si, desde que os estudos começãõ de espertar entre nós no Seculo XVI. O Real Mosteiro de Santa Cruz, aonde a principio se achava depositada quasi toda a Litteratura de Coimbra, foi o que hospedou os primeiros prélos, que nella se erigirão: pelo que diz Fr. Braz de Barros na Dedicatoria do Espelho de Prefeição, de que logo fallaremos, e pela subscripção que vem no fim do Livro, em que se nota, *que o imprimirão por suas mãos*; parece que os Impressores erãõ Conegos do mesmo Mosteiro.

A Universidade trespassando para Coimbra as suas Escolas de Lisboa, fundou outra Officina de grande nome, que apostou primôres com as mais famosas do Reino foi assentada nos Paços d'ElRei; e para ella ajustou o P. Fr. Diogo de Murcia, Reitor da Universidade, os dois grandes Impressores João Barreira, e João Alvares, por contracto, e obrigação que com elles fez por commissão Real, confirmada por Provisão de 21 de Março de 1548 (a).

Estes dois homens, e Antonio de Mariz, nomes memoraveis nos Fastos Typograficos de Portugal, que merecêrãõ sempre as attenções de todos os Sábios da Nação, pelas muitas, e boas edições que nos deixarãõ; forãõ dos principaes que levarãõ a Typografia de Coimbra ao mais alto ponto, a que ella chegou entre nós naquella idade. Podemos aqui por sua ordem algumas das Edições dos Prélos

(a) As Letras, e matrizes desta Officina tinhãõ sido enviadas a Diogo de Toive, que quando depois entregou o Collegio das Artes aos Jesuitas, as commetteo como lhe foi mandado a Fernão Lopes de Castanheda, Guarda do Cartorio da Universidade, para as ter a bom recado. Deducc. Chronol. P. I. §. 58. pag. 4. Por 1549 achamos noticia de hum Corrector com o ordenado de doze mil reis.

los Coninbricenses , ou mais raras , ou de maior apreço ; que temos visto , ou de que podemos ter noticia.

1519 *Reportorio dos tempos* por João Barreira. 4.º

1520 *Chronica do Emperador Clarimundo , donde os Reis de Portugal descendem*, de João de Barros , por João Barreira. fol.

1531 *Livro da Regra , e Prefeição da Conversação dos Monges* , escrito em Latim por S. Loutenço Justiniano , e traduzido em Linguagem pela Senhora D. Catharina , Irmã do Senhor Rei D. Affonso V. no Mosteiro de Santa Cruz por Germão Galharde 1. vol. fol. edição rara.

1532 *Lexicon Græcum Hebraicum* de Heliodoro de Paiva na Mosteiro de S. Cruz.

1533 *Espelbo de Prefeição* , obra traduzida do Latim em Portuguez , que Fr. Braz de Barros , da Otdem de S. Jeronymo , dedicou ao Senhor Rei D. João III. em letra meia gothica , clara , e bella ; a qual tem no fim = *Imprimia-se por os Conegos de Santa Cruz : em o anno da encarnação de Nosso Senhor Jesu Christo 1533 anno sexto da reformação do dito moesteiro.* 4.º Possuia hum exemplar desta rara obra D. Jozé Barboza , Chronista da Serenissima Casa de Bragança , que vio Francisco Leitão (a) (Bibliotheca Hæcæana).

1535 *Arte de Grammatica Latina* de D. Maximo de Souza , Conego Regrante de Santa Cruz de Coimbra , na Officina do mesmo Mosteiro (Real Bibliotheca de Lisboa).

1536 *Antimoria et Epigrammata* de Ayres Barboza = *Serenissimi et Illustrissimi Principis D. Alfonsi S. R. E. Cardinalis , ac Portugallie Infantis consecratio per Georgium Coelium Lusitanum* : ambas estas obras *apud Cœnobium Divæ Crucis* : em hum vol. de 8.º raro de que temos hum exemplar (Bibliotheca da Real Casa de Nossa Senhora das Necessidades.) = *Boecio De Divisionibus , et Definitionibus* , tambem raro = *Divi Hier-*

(a) Memorias Chronologicas da Universidade. pag. 545.

ronymi ut selectissimarum, ita Divinitatis plenissimarum epistolarum volumen in communem studiosorum utilitatem nuperrime editum.

1541 *Meditação da Paixão*, de Fr. Antonio de Portalegre, obra rara.

1542 *Martini Ab Aspilcueta Navarri Juris consulti in tres de poenitentia distinctiones posteriores Commentarii: ex Officina Joannis Alvares, et Joannis Barrerii.*

1544 *Commento en Romance a manera de repetición Latina, y Scholastica de Juristas, sobre el Capitulo Inter verba XI. q. III. Compuesto por el Doctor Martin de Aspilcueta Navaro; Cathedratico de prima en Canones de la Universidad de Coimbra etc, 1544. Offic. Joannis Barrerii, e Joannis Alvares. 1. vol. fol. (Real Bibliotheca de Lisboa).*

1545 *Commentarios ao Can. Scindite corda vestra de consecrat: Dist. I.* He obra do mesmo Navarro (Bibl. Hasserna).

1546 *Andr. Resendii Vincentius Levita. apud Ludov. Rhotorig. 1. vol. 8.º = Petri Nonii Salaciensis de Arte atque ratione navigandi libri duo: por Antonio Mariz, e segunda vez em 1573.*

1547 *Prælectio in C. Accept. de Restit. Spoliat.* do mesmo Navarro.

1548 *Constituições Synodaes do Bispado de Coimbra fol. = Arnoldi Fabricii Oratio de Liberalium Artium Studiis raro: vimos hum exemplar na Livraria de Xabregas, e outro na do Excellentissimo, e Reverendissimo Principal Castro, = Joannis Fernandes Orationes duæ ad Joannem III Portugallia, et Algarbiorum Regem, de celebritate Academiae Conimbricensis e Oratio funebris habita in funere Eduardi filii D. N. R. 1. vol. 8.º Este Author era natural de Sevilha, e Professor de Rhetorica em Coimbra = Belchior Belliogo. De disciplinarum omnium Studiis: obra rara (Bibliotheca de S. Francisco de Embobregas, ou Xabregas) = Regra, e estatutos da Ordem de Santiago Lisboa por Germão Galharde, Francez 4.º.*

1549 *Oração* ou antes *Poema Latino* de Pedró Mendes em louvor do Senhor Rei D. João III. 4.^o = *Aristoteles de Reprehensionibus Sophistarum*: raro (Bibliotheca de Xabregas) = *Indice das Cbiliadas de Erasmo*, dedicado a Martim Navarro, por João Barreira = Belchior Belliagio. *De Dialectica*: he huma Logica muito abbreviada, que Belliagio publicou á instancias de seus Discipulos, dedicada a D. João Affonso de Menezes = *Manual de Confessores*, por hum Religioso de S. Francisco da Provincia da Piedade.

1550 *Cartinha para ensinar a ler e escrever*, do Bispo D. Fr. João Soares: com o *Tratado dos Remedios contra os sette peccados* 12.^o, em Casa de João Alvares, e João Barreira = *Panegyris Alpbonsi I.* do Senhor D. Antonio Prior do Crato = *Rhetorica breve de Joaquim Rbin-gelbergio* = *Colloquios de Erasmo*; dedicados ao Senhor Rei D. João III., e ao Senhor Cardeal Infante, por João Fernandes de Sevilha, = *Chronica geral de Marco Antonio Coecio Sabellico, des bo começo do mundo atee nosso tempo* traduzida em linguagem por D. Leonor de Noronha. fol. I. Part.

1551 *Historia do descobrimento, e conquista da India pelos Portuguezes*, de Fernão Lopes de Castanheda. 4.^o por João Barreira, e João Alvares; que he huma das obras mais notaveis que naquelle tempo se publicá-rão = *Logica de Trapezuncio*; com as notas de Diogo Contréras. = *Constituições do Bispado de Coimbra* de D. Affonso de Castello Branco por Antonio Mariz.

1552 *Arte de Rhetorica* de Cypriano Soares Valenciano = *Carmen Heroico-Latino*, do Jurisconsulto Manoel da Costa, nos Despozorios do Infante D. Duarte, e D. Izabel. = *As vidas de alguns Santos da Ordem dos Pregadores, tiradas da 3.^a parte historial de S. Antonino em linguagem* de Fr. Antonio de S. Domingos. por Barreira, e Alvares fol. = *Historia do Descobrimento e conquista da India* de Castanheda fol. por Barreira contém sete livros, em 1552. 1553, e 1554 = *Segunda par-*

parte da Chronica geral de Marco Antonio Coecio Sabellico de D. Leonor de Noronha. fol.

1553 *Rudimenta Grammaticæ* (Bibliotheca de Xabregas) = *Livro das Constituições, e costumes que se guardão em os Mosteiros da Congregação da Santa Cruz de Coimbra dos Canonicos Regulares da Ordem de Santo Agostinho*: na Officina do mesmo Mosteiro de Coimbra anno da Reformação XXVI, em 4.º

1554 *Historia de Eusebio de Cesarêa*, traduzida por Fr. João da Cruz da Ordem dos Pregadores da Provincia de Portugal: por João Alvares = *Historia do começo de nossa Redempção*, publicada por mandado de D. Leonor de Noronha: por João Barreira 1554. 4.º (Real Bibliotheca de Lisboa, e das Necessidades) = *Historia da vida, e martyrio de Santo Thomaz, Arcebispo de Cantuaria*: por João Alvares. 4.º.

1555 *Grammatica Despauterii*. = *Arte da Guerra* de Fernão de Oliveira 4.º

1556 *Constituições Synodaes do Bispado de Viseu*: por João Alvares. fol. Houve outra edição de Constituições deste Bispado por mandado de D. Miguel da Silva de 16 de Outubro de 1527. sem anno nem lugar 4.º gothico.

1557 *Dois Compendios de Grammatica de Fernando Soares, Mestre da Serenissima Casa de Bragança.*

1559 *L. Annes Senecæ Cordubensis Tragoedia duæ* por Mariz 8.º (são o Thyestes, e Troas para o uzo das Escolas Jesuiticas.)

1560 *Hercules Furioso, e Medêa* do mesmo Seneca = *Cartinha com o fazimento de Graças* do Bispo D. Fr. João Soares por João Barreira = *Comedia de Vilbalpandos* de Francisco de Sá de Miranda por Antonio de Mariz = *Tratado notavel de huma pratica, que hum Lavrador teve com hum Rei da Persia, traduzido em Portuguez por Fr. Jeronymo, Monge de Alcobaca*, estando em Paris. Coimbra por João Barreira, em gothico. 1. vol. 4.º rarissimo. = *Historia Belli Hydruntini* de Garcia de Menezes. = *Itinerario* de Antonio Tenreiro por Mariz 4.

1561 *Ho octavo Livro da Historia de Fernão Lopes de Castanbeda* fol. 3 vol. por João Barreira, obra que sahio posthuma dedicada pelos filhos ao Senhor Rei D. Sebastião = *Chorographia de alguns lugares, que estão em bum caminho que fez Gaspar Barreiros*, por João Alva- res, 4.º, e bem assim as suas *Censuras sobre M. Portio Catam, Beroso Chaldeo, Manethon Egyptio, e Q. Fabio Pictor Romano*; pelo mesmo Impressor. 4.º = *Os seus Commentarios Latinos de Ophira Regione.* = *Oração Latina de Garcia de Menezes*, que começa = *Si ita ab immortalí Deo*, & que tudo vem com a sobredita *Chorographia* I. vol. 4.º = *Commentarii in Matheum* de D. Fr. João Saares Bispo de Coimbra *in edibus Calcograficis Regis*: por João Barreira.

1562 *Oratia habita ab Joanne Teixeira, cum Marchionatus Dignitas collata tributaque fuit illustri magnifico Domino Petro Menesio, Ville Regalis Marchioni, Comitique Uranie* anno 1489. *Begia*: per Joan. Alvar. *Comimb.* I. vol. 4.º rarissimo de que temos hum exemplar.

1564 *Decretos, e Determinações do Concilio Tridentino*; tirados em Linguagem vulgar: por João Barreira 8.º = *Cartas que os PP. da Companhia escreverão do Japão* 4.º

1565 *Itinerario* de Antonio Tenreiro por Barreira 8.º

1567 *Memorial das Proezas da segunda Tavola redonda, por Barreira.* 4.º = he obra de Jorge Ferreira de Vasconcellos = *Veritatis Reportorium per Fratrem Franciscum Securim Doctorem Parisiensem apud Joan. Barrer.* 1567. I. vol. 4.º

1568 *Aulularia, Captivi Stichus, et Trinumus Plauti* (Real Bibliotheca de Lisboa)

1568 *Tratado da vida, e martyrio dos cinco Martyres de Marrocas* em gothico.

1569 *Cemedia dos Estrangeiros* de Francisco de Sá Miranda. (João Barreira) 8.º = *Summario das Chronicas dos Reis de Portugal* de Christovão Roiz Azinheira.

1570 *Falla que se fez a ElRei D. Sebastião na entrada de Coimbra* aos 13 de de Outubro: por João Al-

vares I. vol. 4.º = *Cartas que os PP. da Companhia de Jesus escreverão do Japão* 8.º

1571 *Petri Nonii Salaciensis de crepusculis* por Antonio Mariz. = *De erratis Orontii . . . Petri Nonii Salaciensis liber unus*, pelo mesmo Mariz. As datas vem em alguns exemplares emendadas á penna para 1573, de que já demos a razão em outra obra.

1584 *Tratado del Consejo y de los Consejeros de los Principes* por Doutor Bartholomé Felippe. I. vol. 4.º

1588 *Sylvæ illustriorum Authorum.* = He huma Selecta Grega para o uso das Aulas Jesuiticas. Na I. Part. vem algumas Epistolas de Cicero, pedaços de Quinto Curcio, e das Epistolas de S. Jeronymo; de Lactancio dos Mystérios da Cruz de Christo; de Osorio de *Justitia*, e de *Regis Institutione*; da Oração de João de Perpinhão ao Santo Padre Pio IV. quando visitou o Collegio Romano; e de huma Carta de Ayres Sanches, Jesuita, escrita em Bungo no Japão. Na II. Parte achão-se lugares das Metamorfoses, das Heroides, de Nuce, de Arte e Remedio Amoris, das e Elegias de Ovidio: a Andria, Eunucho, e Heautontimorumenos de Terencio: *Captivi, et Stichus de Plauto*: alguns versos de Tibullo, e Propercio; e alguns de Sanazaro, de Jeronymo Vida, de Ausonio, e de Boecio.

1589 *Primeiro Cerco de Dio* de Francisco de Andrade: I. vol. raro.

1591 *Martyrologio Romano, traduzido* I. vol. (Real Bibliotheca de Lisboa, e Haseana).

1594 *Manual de Epictecto Filosofo, traduzido do Grego em linguagem*: por Mariz: he obra do Bispo D. Fr. Antonio de Souza.

1595 *Obras* de Francisco de Sá de Miranda: edição rara = *Comedia dos Estrangeiros*, do mesmo em 4.º edição igualmente rara.

Em anno incerto. *Ad Serenissimum Lusitaniæ Principem Joannem Filium D. N. Regis Joannis III. jam feliciter Regem designatum Elementa Grammatices cum adnota-*

tionibus in eadem per Joannem Fernandum Hispalensem Rhetorem Regum inclyta Conimbrice. 8.º Existia hum exemplar na Real Bibliotheca d'Ajuda, que vio, e consultou o Padre Manoel Monteiro, da Congregação do Oratorio, para a composição do seu Novo Methodo de Grammatica Latina. (a)

Evora.

A Cidade de Evora começou de ter Officinas Typograficas logo desde os principios do Seculo XVI. Houve huma no Convento de S. Domingos, e foi muito afamada a de André de Burgos, Impressor do Senhor Cardeal Infante, e hum dos mais assignalados Typografos daquella idade. Imprimindo M.º Rezende em 1553 a Historia da Antiguidade de Evora falla no Prologo ao mesmo Infante daquella Typografia, dizendo: *Offerecendo-se bora nova impressam haqui, quisme anticipar com dar primeiro a V. A. este gosto, que sei, que ha de teer da antiguidade da sua patria. E se os caracteres da Impressam lhes parescerem bõos, e de bõo talho, saiba que ainda teemos cinco ou sex differencias delles, para que favorezça ho impressor com ElRey nosso Senhor vosso pae.*

Entre as edições de mais raridade, e estimação que se produzirão dos prélos Eborenses, podem contar-se as seguintes: — *Meditações e Homiliás* de D. Henrique Cardeal Rei 1.ª edição sem anno, nem nome de Impressor.

1512 *Itinerario da Terra Santa*, de Fr. Pantaleão de Aveiro. 1. vol. 4.º

1553 *Historia da Antiguidade de Evora* M.º Rezende.

1554 *Homilia do Santissimo Sacramento com huma Elegia da alma devota a seu Esposo.* 1. vol. em gothico, que he obra de Jorge da Silva (Bibliotheca Hasseana)

1557

(a) Prefação.

1557 *Primeira parte da Menina, e Moça de Bernardim Ribeiro* 8.º, que se repetio em 1578.

1565 *Constituições Synodaes do Arcebisado de Evora* por André de Burgos. fol. 1567 *Constituições do*
Palmeirim

1568 *Decretos do Concilio Provincial Eborense.* 8.º impresso em Casa de Andre de Burgos.

1569 *Tratado em que se contão as cousas da China*, por Fr. Gaspar da Cruz, Dominicano. 4.º

1572 *Grammatica de Fernando Soares Homem*: por André de Burgos.

1574 *Reportorio dos tempos em Linguagem Portuguez* pelo mesmo Impressor 4.º

1576 *Andre de Resende Historia da antiguidade da Cidade de Evora* por André de Burgos 8.º vem juntas as Fallas á Princesa D. Joanna e á ElRei D. Sebastião.

1597 Nova edição de Camões.

1598 *Cartas que os PP. da Companhia de Jesus escreverão do Japão*: por Manoel de Lyra 2 vol. fol.

— Em anno incerto, mas ainda no Seculo XVI. o *Florefel de Niquêa*. fol. em gothico, livro rarissimo, e já impresso pelos herdeiros de André de Burgos, que continuarão a sustentar a Officina, que elle havia estabelecido com muito credito de seu nome.

Goa.

Em Goa, Cabeça do Imperio Lusitano na Asia, houye Officinas Typograficas, que se devêrão em graude parte á industria dos dois celebres Impressores João de Edem, e João Quinquennio de Campania, e ao cuidado dos Jesuitas; dellas sahirão entre outras obras as seguintes:

1561 *Compendio Espiritual da vida Christãa, tirada pelo primeiro Arcebispo de Goa* D. Gaspar de Leão: por João Quinquenio 12.º

1563 *Colloquios das simples, e cousas medicinaes da India* de Garcia de Orta 4.º por João de Edem.

1565 *Carta do primeiro Arcebispo de Goa ao Povo* de

de Israel, com a Tradução dos dois Tratados contra os Judeos de Mestre Jeronymo de Santa Fé. 1. vol. 4.º

1568 O Primeiro Concilio Provincial celebrado em Goa em o anno de 1567, trasladado de Latim em Linguagem, em casa de João de Edem por ordem do Arcebispo D. Jorge Themudo, 4.º

= Constituições Synodais do Arcebispado de Goa; pelo Arcebispo D. Gaspar, pelo mesmo Edem. fol. (Real Bibliotheca de Lisboa).

1571 Mappa mundo de Fernando Dias Dourado.

1573 Desenganos de perdidos do mesmo Arcebispo D. Gaspar.

Ainda no Seculo XVII. continuava em Goa humã Officina Typográfica; he prova disto a rara obra dos *Discursos sobre a vida do Apostolo S. Pedro, em que se refutão os principaes erros do Oriente, compostos em verso em Língua Bramana Marasta pelo Padre Estevão da Cruz*, impressos na casa Professa de Jesus em 1634. 2. vol. fol. (Real Bibliotheca de Lisboa).

Discurso ou Falla que fez o Padre Fr. Manoel da Cruz, Mestre em Santa Theologia, no Acto solenne, em que o Conde João da Silva Tello e Menezes, Viso-Rei da India, jurou o Principe D. Theodosio aos 20 de Outubro de 1641. Impressa em Dezembro do mesmo anno 1. folheto de 4.º, sem nome de Impressor (Real Bibliotheca de Lisboa).

Mageseph assetat, ou flagello das Mentiras: no Collegio de S. Paulo em 1642; obra do Padre Antonio Fernandes, Jesuita, impressa em caracteres Abexins, que haviam sido mandados ao Patriarcha D. Affonso Mendes, pelo Papa Urbano VIII. (Real Bibliotheca de Lisboa).

Vida da Santa Virgem em 1652 4.º Obra do mesmo Padre.

Relaçam do que succedeo na Cidade de Goa e em todas as mais Cidades, e Fortalezas do Estado da India, na felice Acclamação delRei D. João IV. de Portugal, e no juramento do Principe D. Theodosio, conforme a

or-

ordem, que a huma, e outra cousa deo o Conde de Aveiras João da Silva Tello e Menezes, Vice-Rei, e Capitão geral do mesmo Estado: dedicada ao Principe D. Theodosio, por Manoel Jacome de Mesquita, morador na Cidade de Goa, no Collegio de S. Paulo nova da Companhia de Jesus. 1643.

Tratado dos Milagres, que pelos merecimentos da glorioso Santo: Antonio, assim em vida do Santo, como depois de sua morte, foi nesse Senber servido obrar: com a vida do mesmo Santo; traduzida, e composto na Lingua da terra corrente (que he a Bramana) para serem de todos mais facilmente entendido, pelo Padre Antonio de Saldanha, da Companhia de Jesus, natural de Marrocos 1655. 4.º Essa obra foi impressa em Goa, como se vê pela data da Commissão para a Revisão, e da licença para a estampa. (Real Bibliotheca de Lisboa).

Japão, ou Amacusa.

Façamos tambem memoria do Japão, aonde os nossos estabelecêrão Officinas Typograficas: os Jesuitas erigirão huma no seu Collegio Amacusense, aonde fizeram estampar nos fins do Seculo XVI. algumas obras; he digna de se pôr aqui, por não ser vulgar esta noticia, a edição que ali derão em 1593 dos tres livros das Instituições da *Grammatica Latina* do Padre Manoel Alvares, com a traducção em Japão: em papel de seda, de que existe hum precioso exemplar na Bibliotheca Angelica de Roma, de que attesta Francisco Xavier Laire na sua obra *Specimen Historie Typographiae Romanae Seculi XV*, cap. L. pag. 14. Not. edição que se deve acrescentar na Bibliotheca Lusitana de Barbosa. Podemos pôr aqui outra, que tem estimação, qual he a do *Dictionarium Latino-Lusitanicum ac Japonicum: Amacusa*, no Collegio da Companhia 1595.

Leyria.

Parece que a Arte Typografica, que havia começado em Leyria no Seculo XV. com grande brio, e luzimento, ainda continuára no Seculo XVI por alguns tempos: teve porém de se apagar por fim, e extinguir de todo naquelle mesmo Seculo: por quanto vemos, que o Doutor Pedro Affonso de Vasconcellos, natural daquella Cidade, na sua Prefação á *Rubrica de Renuntiatione* a supõe inteiramente extincta, mostrando pensamentos de a suscitar: *Nec mirum*, diz elle, *si homo Leyriensis Leyria a multis annis extinctam Litterarum impressionem iterum excitem.* (a)

Mas nem por isso se entenda, que elle levou ao fim tão louvavel, e patriotico projecto, porque não consta, que aquella Cidade chegasse a vêr ainda então resuscitados os seus prelos, como seu filho tão ardentemente desejava. Ella com tudo não deixou de os ter nos ultimos tempos; constando-nos por tradição de seus naturaes, que houvera huma Officina nas faldas do Monte, a que hoje chamão o Moinho de Papel: até agora porém não podemos vêr producção alguma destes prelos.

Lisboa.

Lisboa continuou no Seculo XVI. os seus trabalhos Typograficos, fazendo grandiosos progressos nesta Arte, pela quantidade de Officinas que erigio. Foi huma dellas a de S. Vicente de Fora, que já houve naquelle Seculo, e forão das mais famosas, e de mais trato as de Valentim Fernandes, de Jacob Combregger, de Herman de Campos, de João de Kempis, de João Blavio; todos Alemães; de João Pedro Bonhomini, Italiano de Cremona, e de Germano Galharde, Francez; e as dos Nacionaes Luis Roldri-

(a) P. 104 da Edição de Madrid.

driguez, e Luiz Corrêa. Destas Officinas publicárão-se naquella idade innumeraveis obras, que ainda hoje formão a preciosidade das Livrarias mais distinctas deste Reino. Faremos menção tão sómente de algumas, ou mais raras, ou mais notaveis.

1500 Obras de Cataldo Aquila Seculo ; hum dos varões mais sábios do seu seculo, que tinha vindo a estes Reinos ensinar Rhctorica na Universidade de Lisboa. O Titulo primeiro do Livro he *Epistola Cataldi*: na 2.^a folha diz : *Epistole et Orationes quedam Cataldi Siculi*. Consta de duas partes, e no fim da segunda diz : *Impressum Ulysbone anno a partu virginis MD mensis Februarii die XXI.* fol. obra rara, de que só sabemos haver tres exemplares hum na Livraria do Collegio da Graça, e outro na do Real Collegio de S. Paulo da Universidade: e hum na Bibliolheca Corsiniana em Roma) estas obras forão das primeiras que honráão nossos prêlos naquelle seculo ; na Part. II. destas Epistolas, e Orações vem a Oração Latina do Marquez D. Pedro de Menezes, que recitou na Universidade de Lisboa perante o Senhor Rei D. Manoel.

1501 *Thesaurus Pauperum sive speculum puerorum* em 4.^o e em gothico ; por João Pedro de *Bonis hominibus*, ou *Bonhomini* edição rarissima. Tinha antes sido impresso em Salamanca ainda no Seculo XV, quanto parece : he obra do Mestre João Pastrana : vem no fim o Tratado do *Baculo dos cegos* de Antonio Martins, primeiro Mestre que houve na Universidade de Lisboa ; e *feito tudo emendado, e correcto* por João Vaz, Bacharel : traz estampado no frontespicio á direita as Armas Reaes de Portugal, e á esquerda em proporção igual huma Esfera com seu pé, e por baixo em letra Gothica maiuscula = *Grammatica Pastrane*. Possuia hum exemplar desta edição Ignacio de Carvalho e Souza, Academico da Academia Real da Historia Portugueza, = *Glosa famosissima sobre las Coplas de Don Jorge Manrique etc.* por Valentim Fernandes, tambem raro.

1502 *Sacramental*, o qual copilou, e tirou das Sagradas Scripturas Crimente Sanches Verçial . . . Arcediago de Valdeiras em a Igreja de Lião, traduzido em Portuguez fol. gothico. Obra de muita raridade = *Livro das Viagens* de Marco Paulo Veneto á India com o de Nicoláo Veneto, e huma Carta de hum Genovez sobre o mesmo assumpto: tirado do Latim em Portuguez por Valentim Fernandes Alemão. 1. vol. fol. (Real Bibliotheca de Lisboa) *Traducção da Relação da Viagem*, que Nicoláo Conti fez ao Oriente, dedicada ao Senhor Rei D. Manoel: edições todas de raridade.

1504 *Catecismo Pequeno da Doutrina e instrução* de D. Diogo Ortis, Bispo de Ceuta, e depois de Vizeu fol. por Valentim Fernandes, character meio gothico, e elegante. Rarissimo (Real Bibliotheca de Lisboa).

1505 *Epistola Serenissimi Emmanuelis primi Dei gratia Portugallie Regis . . . ad Summum Romanum Pontificem* (Julium II.) *Ulixbona XII. Julii, anno 1505* 4.^o de que temos hum exemplar: parece ter sido impressa em Lisboa, e neste mesmo anno.

1509 *Todas as Obras de Cataldo Siculo, corrigidas por Antonio de Castro*, segunda edição, e tambem rara = *Missal Eborense*, cuja reformação foi committida aos Conegos Lopo Fernandes, e Luiz Martins; na Officina de Germão Galharde. fol. raro (Real Bibliotheca de Lisboa).

1510 *Chronica do triumpho dos nove da fama, e vida de Beltrã Cloquim Condestabre de França*, de Antonio Rodrigues Portugal por Germão Galharde. fol.

1513 *Arte da Grammatica de Mestre João Pastrana* 2.^a edição (Real Bibliotheca da Ajuda, entre as Obras da Collecção do dõto Abbade Barboza) = *Epistola Emmanuelis Portugallie Regis ad Leonem X. Pontificem*. *Ulyxbone pridie K. Octobris 1513.* f. vol. 4.^o

1516 *Cancioneiro geral, ordenado, e emendado* de Garcia de Rezende, por Herman de Campos: fol. (Real Bibliotheca de Lisboa, Real Casa de Nossa Senhora das Necessidades, e Bibliotheca Hæseana) = *Ars Vir-*

ginis Mariæ: que he huma nova Grammatica Latina, dividida em 5 Livros, e impressa em Lisboa por Valentim Fernandes: fol. raro. = *Regimento, e Ordenações da Fazenda*. Lisboa por Germão de Campos, Bombardeiro del-Rei. 1. vol. fol. (Real Bibliotheca de Lisboa).

1520 *Ordenações da India* de 8.º de Setembro fol. (Livraria do Illustrissimo Monsenhor Ferreira).

1521 *Breve Memorial dos peccados, e cousas que pertencem á Confissão*: ordenado por Garcia de Rezende, (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Ordenações del-Rei D. Manoel*: 2.ª compilação Livro II. III. e V. (a)

1522 *Arte de Pastrana* 3.ª edição = *Traducção de huma Epistola de S. João Chrysostomo*: 1. vol. 4. (Tem hum exemplar a Livraria de Enxobregas, e he o unico que sabemos que haja em Portugal, e nem desta obra encontramos noticia alguma entre os nossos, ou estranhos).

1523 *Contra o Juiz dos Astrologos de Fr. Antonio de Beja* por Germão Galharde 8.º = *Traducção* (do mesmo) *da Epistola de S. João Chrysostomo: Nemo leditur nisi a seipso*: pelo mesmo Impressor 8.º = *Methodo breve e util para fazer bem a Confissão*: de Fr. André Dias; por Galharde; e em 1529 pelo mesmo.

1525 *Breve Doutrina, e enseñanza de Principes de Fr. Antonio de Beja*, por Galharde 8.º = *Ho livro da vida do Padre S. Domingos* por Galharde 8.º de Fr. Diogo de Lemos.

1529 *Psalterio de David en Lenguaje Castellano, impresso com licencia y mandado DelRey nuestro Senbor con privilegio de su Alteza* = Tem no frontispicio por cima do titulo de hum lado as Armas Reaes de Portugal,

(a) Chamamos segunda compilação, porque he diversa da de 1512 ou 1513 por João de Kempis; e he mais huma nova compilação, que repetição da primeira; por quanto 1.º incluye muitas Leis e Ordenações posteriores 2.º differe no numero dos Titulos: 3.º tem differença na substancia da Legislação 4.º e a tem tambem na ordem, disposição das materias; e até he differente no Prologo.

gal, e de outro a Esfera : e no fim do Titulo por baixo huma Cruz pequena ; no reverso vem o privilegio datado de trez de Setembro de 1529 ; na segunda folha a Dedicatoria ao Rei. Segue-se o Reportorio dos Psalmos , e depois os trez Prologos de S. Jeronymo ; logo o Livro dos Hymnos , Psalmos , e Soliloquios , em que se seguiu a ordem de Santo Athanzio , e a interpretação de Angelo Policiano. Do Privilegio , e Dedicatoria se vê , que Gomes de Santo-Fimia , Castelhana , fez imprimir esta obra por licença que para isso houve d'ElRei. Na primeira folha tem por letra de mão esta nota *Lisboa 1529. Anonymo : foi mandado imprimir por ElRey de Portugal.* Com tudo do mesmo privilegio , e dedicatoria parece , que o seu Author foi o mesmo Gomes de Santo Fimia. He obra rarissima , de que só vimos hum exemplar na Livraria de Enxobregas.

1532 *Tratado de Scholastica Disciplina* do Padre André da Veiga , por Germão Galharde : raro.

1534 *Constituições do Bispado de Evora do Cardeal Infante D. Affonso* : por Germão Galharde 1. vol. fol. raro.

1536 *Grammatica da Lingua Portuguesa de Fernam de Oliveira* : por Galharde. 8.º

1537 *Tratado da Sphera com a Theorica do Sol, e da Lua, e o 1.º Livro da Geographia de Ptolomeo* tirados do Latim em Linguagem por Pedro Nunes ; por Germão Galharde fol. o 1.º tratado he o do Inglez João de Halifax , conhecido pelo nome de Sacrobosco : o 2.º de Jorge Purbachio ; e o 3.º Sómte de Ptolomeo. (a)

= Cons-

(a) Por aqui se pôde supprir e reformar o lugar de nossa Memoria sobre Pedro Nunes no tom. VII. das Memorias de Litteratura a pag. 257 em que se pretefite huma regra intermedia do original , entre a enunciação da Theorica do Sol e a do primeiro Livro de Ptolomeo , unindo se assim ambas estas obras diversas como se fossem huma só contra a enunciação do seu titulo geral a pag. 256. e fazendo-se parecer , que a Theorica do Sol se attribuia a Ptolomeo e era a mesma que a do primeiro livro da sua Geografia. Tambem

≡ *Constituições Synodaes do Arcebispado de Lisboa* por Germão Galharde fol.

1538 *Constituições Synodaes do Arcebispado de Braga*; por Germão Galharde. 1. vol. fol. gothico raro.

1539 *Antonii Ludovicii Medici Olisiponensis Problematum libri quinque Olisipone*. 1. vol. fol. começado em 1539, e acabado de imprimir em 1540 = *Cartinha para aprender a Ler de João de Barros* por Luiz Rodrigues 4.º = *Capitulos de Cortes e Leis que se sobre algumas delles fizeram*. por Germão Galharde fol. = *Ordem do Juizo*, e outras Leis: fol. pelo mesmo.

1540 *Grammatica da Lingua Portugueza* de João de Barros por Luis Rodriguez 4.º = *Dialogo dos preceitos Moraes* do mesmo 4.º = *Da viciosa vergonha*: do mesmo 4.º = *Tratado de verborum Conjugatione* de M. André de Rezende: por Luiz Rodriguez 1. vol. 4.º. raro = *Verdadeira Imformação das terras do Preste João* do Padre Francisco Alvares fol. raor. = *Pratica da Aritbemetica* de Rodrigo Mendes. 4.º por Galharde.

1542 *Petri Nonii Salaciensis de crepusculis* por Luiz Rodrigues 4.º = *Paixão de Christo tirada dos quatro Evangelistas*, de João de Lancastre Duque de Aveiro por Luiz Rodriguez 4.º = *Medidas del Romano enadidas de peças y figuras necessarias a los Officiales que quieren seguir las formationes de las bassas Colunas y Capiteles* 4. (Livraria de Monsenhor Ferreira).

1543 *Estatutos e constituições dos PP. Conegos Azeuis* por Galharde fol.

1544 *Declaração brevemente trazida sobre os sete Psalms da Penitencia* de Fr. Antonio Hermitão da Serra d'Ossa por Germão Galharde 8.º vid. V. Germão Galharde: raro. = *Trovas de Luiz Brochado em louvor do Gallo* por Antonio Alvares 4.º

1545

por este lugar se póde supprir a falta que houve em declarar os nomes dos Authores originaes dos dois *Tratados da Esfera*, e da *Theorica*.

1545 *Especjo del Principe Christiano* de Francisco de Monson natural de Madrid, e Lente de Prima de Theologia nas Universidades de Lisboa, e de Coimbra; fol. dedicado ao Senhor Rey D. João III.

1548 *Regra e Estatutos da Ordem de Santiago* por Galharde 4.^o = *Regimento, e Ordenações da Fazenda* por Galharde fol. = *Ceremonial da Missa* por Ayres da Costa 4.^o

1550 *Livro chamado Stimulo de amor divino, tirado do que fez S. Boaventura em Latim* por Galharde 8.^o

1551 *Summario* em que se contém algumas cousas assim Ecclesiasticas como Seculares, que ha na Cidade de Lisboa por Galharde 4.^o = *Tresladação dos Ossos del-Rey D. Manoel, e da Rainha D. Maria* 4.^o = *Summario da Pregação funebre* de D. Antonio Pinheiro no dia da tresladação dos ossos dos Reis D. Manoel e D. Maria por Galharde 4.^o

1552 *Asia . . . Primeira Decada de João de Barros* por Galharde fol. = *Ad Joannem, et Joannam Principes Lusitaniae Serenissimos Protheus, Auth. Emm. Costa.* 1. vol. 4.^o = *Tratado da Creação do Mundo* de Jorge da Silva por Galharde 8.^o

1553 *Segunda Decada de Barros* por Galharde fol.

1554 *Tratado das Excellencias de S. Juan Evangelista* de Fr. Diogo Estella 4.^o (Bibliotheca Hasseana) = *Constituições Synodais do Bispado do Algarve*, por Galharde. fol. = *Chronica do Condestabre de Portugal D. Nuno Alvares Pereira Principiador da Casa de Bragança* por Galharde. fol. gothico raro: (Real Bibliotheca de Lisboa, e Hasseana, e de que temos hum exemplar.) = *Proverbios de Salomão* de Nuno Fernando do Cano 8.^o = *Meditações da Paixão de Christa* com quatorze exercicios de Nicoláo Eschio 4.^o attribuida a Fr. Bernardino de Aveiro.

1556 *Directorio de Confessores traduzido do Latim* de João Polanco: por João Blavio 8.^o

1557 *Compendio da Grammatica* de Diogo Soares = *Com-*

= *Commentarios de Affonso de Albuquerque*: por João Barreira fol.

1560 *Reportorio dos cinco livros das Ordenações com addições de Duarte Nunes do Leão* fol.

1561 *Copilação de todas las obras de Gil Vicente em cinco Livros* por João Alvares fol.

1562 *Dialogo da Perfeição, e partes necessarias ao bom Medico*. 1. vol. 8.^o (Bibliotheca Hasscana, e a nossa). = *Constituições Synodales do Bispado de Miranda*. por Francisco Correa fol.

1563 *Terceira Decada de João de Barros*: por João Barreira. fol. = *Oração, que fez D. Sancho de Noronha nas Cortes d'ElRei D. João III. em Almeirim de 1544*: por João Alvares. 4.^o = *Falla que fez nas Cortes, que celebrou ElRei D. João III. na Villa de Torres Novas* D. Francisco de Mello. por Antônio Alvares 4.^o = *Reposta de Lopo Vaz pelo povo de Lisboa nas Cortes de Almeirim de 1544*. por João Alvares 4.^o = *Reposta do Doutor Estevão Preto Procurador de Lisboa, por Antonio Alvares 4.^o* = *Tratado dos diversos caminhos de Antonio Galvão* por Barreira. 8.^o = *Oração que fez, e disse o Doutor Antonio Pinheiro, na Sala dos Paços da Ribeira, nas primeiras Cortes que fez ElRei D. Sebastião*; por João Alvares. 1. vol. 4.^o = *e Oração que fez para o juramento do Principe D. João*. 4.^o

1564 *Summa da Doutrina de Fr. Francisco Victória*, por Fr. Thomaz de Chaves: por João Barreira: raro.

1565 *Perifraze ao Livro IV. de Constructione de Nebrissa*, por Cadaval Gravio: isto he, Antonio de Cadaval Valladares e Sotto Maior (a) = *Vincentius Levista, et Martyr*, de M.^o André de Rezende, por Luiz Rodrigues. 1. vol. 4.^o = *Reposta do Doutor Gonçalo Vaz por o povo*. por João Alvares 4.^o = *Chronica d'ElRei D. Manoel, de Damião de Goes* por Francisco Corrêa fol. I. H. III. IV. Part. 1565 1567.

1566

(a) Veja se D. Rodrigo da Cunha, Catal. dos Bispos do Porto P. II. cap. 361.

1566 *Filomena de Francisco de Andrade*. 12. raro = *Catolica e religiosa Ammoestação aa subjetar o homem seu entendimento aa obediencia da Fée*, pelo Senhor de Bolez, com a exposição do Symbolo dirigido á Senhora D. Maria, Princeza de Parma e de Placencia 4.º de que temos hum exemplar. = *Oração que Fr. Sebastião Toscano fez em Santa Maria da Graça de Lisboa aos dezanove dias do mez de Maio, na trasladação dos ossos da India a Portugal de Affonso de Albuquerque*. 1. vol. 8.º rarissimo.

1567 *Chronica do Principe D. João de Damião de Goes*, por Francisco Corrêa fol.

1568 *Ceremonial e Ordinario da Missa traduzido do Latim em Portuguez* por Antonio Nabo: por Francisco Corrêa 4.º

1569 *Constituições Extravagantes do Arcebispado de Lisboa*. por Antonio Gonçalves. 8.º

1570 *Regra geral para aprender a tirar pela mão as festas mudaveis*, por Francisco Corrêa 4.º = *Leis a Provisões d'ElRei D. Sebastião*: por Francisco Corrêa 8.º

1571 *Espejo de Principes* de Francisco de Monçon. He segunda edição, dedicada ao Senhor Rei D. Sebastião por Antonio Gonçalves.

1572 *Lusiadas de Luiz de Camões* 4.º, por Antonio Gonçalves, primeira edição: rara (Real Bibliotheca de Lisboa e a nossa). = *Primeira Parte do Compendio das Chronicas do Carmo* de Fr. Simão Coelho fol.

1573 *Commentarios do cerco de Goa, e Chaul em 1570*. de Antonio de Castilho: por Antonio Gonçalves 8.º

1574 *Regras que ensinão a maneira de escrever a Orthografia da Lingua Portugueza, com hum Dialogo em defensão da mesma, de Pedro de Magalhães de GONDALO*. = *Meditações, e Homilias sobre alguns Mystérios da vida de nosso Redemptor: do Cardeal Infante D. Henrique*. por Antonio Ribeiro 1. vol. 8.º = *Successo do Segundo Cerco de Dio* de Jeronymo Corte Real, por Antonio Gonçalves. 4.º

1575

1575 *Conciones de tempore*: Sermons do sábio e virtuoso varão Fr. Luiz de Granada.

1576 *Orthographia da Lingua Portugueza*, por João Barreira. 4.º

1577 *Varias Rimas ao Bom Jesus*, de Diogo Bernardes: por Simão Lopes. 4.º

1579 *Voz do Amado* de D. Hilarião Brandão, por João Fernandes no Mosteiro de S. Vicente de Fora 8.º = *Livro insigne das flores, e perfeições das vidas dos Santos do Velho, e Novo Testamento* de Fr. Marcos de Lisboa, por Francisco Corrêa fol.

1580 *Tratada do Paixão* de Fr. Nicoláo Dias, por Antonio Ribeiro 8.º = *Livro do Rosario*: do mesmo Author, por Marcos Jorge (sem nota de anno).

1581 *Das Festas que se fizerão em Lisboa na entrada de Filippe I.* de Affonso Guerreiro 4.º

1582 *Regras da Companhia de Jesus*. 16.º

1585 *Historia dos Cercas que em tempo de Antonio Mariz Barreto poverão a Fortaleza de Malaca* de Jorge de Lemos, por Manoel de Lyra 4.º

1586 *Bucolica de dez Eclogas* de Antonio Ribeiro 8.º rarissimo. = *Segunda Parte dos Dialogos da imagem da vida christã* de Fr. Heitor Pinto. Por Antonio Ribeiro 8.º

1587 *Terceira e quarta parte da Chronica do Palmeirim de Inglaterra* por Marcos Jorge fol.

1588 *Constituições do Arcebispado de Lisboa, Extravagantes primeiras e segundas*: por Belchior Rodrigues = *Alguns Capitulos das Cartas de 1588. dos Padres da Companhia*, por Antonio Ribeiro 8.º = *Elegiada* de Luis Pereira. Poema por Manoel de Lyra 12.º = *Regra do Patriarcha S. Bento*: por Antonio Ribeiro 4.º = *Relação do Solemne Recebimento das Reliquias que se levarão para a Igreja de S. Roque* do Padre Manoel de Campos, por Antonio Ribeiro 8.º

1589 *Sacrum Provinciale Concilium Olisiponense secundum anno a Christo nato 1574 celebratum*: por Antonio Ribeiro. Tom. VIII.

tenio Alvares. 8.º (Real Bibliotheca de Lisboa.)

1590 *Exemplares de diversas sortes de Letras de Manoel Barata por Antonio Alvares* 4.º = *Catecismo Romano do Papa Pio V. trasladado do Latim em Portuguez*: por Antonio Alvares 4.º

1591 *Regras de escrever a Orthografia da Lingua Portugueza, com hum discurso em defensam da mesma Lingua*, de Pedro de Magalhães Gandavo: por Melchior Rodriguez: segunda edição 4.º

= *Constituições e Regras do Convento de Santa Martha de Jesus*, por D. Marianna de Luna 4.º = *Isagoge Philosophica*, do Padre Pedro da Fonseca por Antonio Alvares 8.º

1592. *Salmo*
2.ª edição

1593 *Itenerario da Terra Santa*, de Fr. Pantalião de Aveiro; por Simão Lopes 4.º = *Definições da Ordem de Cister*: por Antonio Alvares. 4.º = *Alvaro Valasco Consultationes ac rerum Judicatarum in Regno Lusitaniae*. fol.

1594 *Livro da perdição de Manoel de Souza de Sepulveda*, por Lopo de Souza Coutinho: por Simão Lopes 4.º = *Naufragio e lastimoso successo da perdição de Manoel de Sousa de Sepulveda*, por Jeronymo Corte Real: pelo mesmo 4.º = *Vida da Princeza D. Joanna* de Fr. Nicoláo Dias: por Antonio Alvares. 8.º = *Varias Rimas ao Bom Jesus e a Virgem sua Mãe e a particulares* de Diogo Bernardes, por Simão Lopes 4.º = *Manual do Epitecto traduzido do Grego em Portuguez*: he obra do D. Fr. Antonio de Souza: 12.º

1595 *Regimento Nautico*, de João Baptista Lavanha, por Simão Lopes 4.º

1596 *Rimas varias: flores do Lima* de Diogo Bernardes, por Manoel de Lyra 8.º = *O Lima em o qual se contém as Eclogas e cartas*, por Simão Lopes 4.º = *Summaria recapitulação da Antiguidade da Sé de Lamego* do Padre Manoel Fernandes, por Manoel de Lyra 4.º = *Discurso sobre a vida e morte de Santa Izabel, e outras Rhytmas* de Vasco Mousinho de Quebedo, pelo mesmo 4.º

1597

1597 *Dialogos Selectos de Jacob Pontano*; edição para uso das Aulas de Rhetorica. = *Sylvia de Lizardo* 12.^o = *Relação do succedido na Ilha de S. Miguel sendo Governador Gonçalo Vaz Coutinho, com a Armada Real de Inglaterra, General Roberto de Borcos Conde de Essexia* 4.

1598 *Compendio de algumas Cartas que vierão em 1597.* pelo Padre Amador Rebello 8.^o = *Poemas Lusitanos* do Dotor Antonio Ferreira por Pedro Crasbeck 4.^o (a)

Macão.

Macão no Japão tambem se honrou no Seculo XVI. com producções da Arte Typografica. Ali se imprimio além de outras a seguinte obra :

De Missione Legatorum Japonensium ad Romanam Curiam, rebusque in Europa ac toto itinere animadversis Dialogus. In Macaensi portu Sinici Regni in domo Societatis Jesu 1590. I. vol. 4.^o Barboza falla de hum Itinerario de quatro Principes Japonezes etc; escrito pelo Padre Duarte de Sande no mesmo anno, e impresso tambem em Macão em Portuguez, e diz sahira traduzido em Latim em Antuerpia em 1553, não o vimos, e não sabemos se he a mesma obra.

Porto.

Já advertimos nas Memorias do Seculo XV, que a Cidade do Porto, sem embargo de seu grande trato, e Commercio, nos não offerencia documento algum, por que entendessemos com segurança, que nella havia entrado naquelle Seculo a Typografia fixa, e permanente, sendo prelo

O ii

por-

(a) Algumas outras edições dos Prelos de Lisboa, que são de movimento, ou de rapidez, podem ver-se adiante no cap. III. dos Impressores.

portátil, e volante, o que ali imprimio a Ley, ou Ordenança de que se diz ter existido hum exemplar na curiosa Livraria de Gregorio de Freitas, Escrivão da Correição de Setubal. Não se pôde porém duvidar, que já pelo meado do Seculo XVI. havia a Typografia assentado nesta Cidade huma Officina, a que presidia Vasco Dias Tanquo Frexenal, que nos parece haver sido Hespanhol de Nação.

As primeiras obras que sabemos sahirão dos seus prelos, forão:

1540 *Espelho de Casados* do Doutor João de Barros por Vasco Dias do Frexenal 4.^o gothico.

1541 *Constituições Synodaes do Bispado do Porto; ordenadas pelo Bispo D. Balthasar Limpo.* 1. vol. pelo mesmo. — *em a Arte de Arithmetica* de Bento Fernandes Sol. dedicada ao Infante D. Luiz (a)

Salsete

Em Salseta Peninsula de Goa, em que os Jesuitas tiveram a Missão dos Canaris, houve no seu Collegio de Rachol, huma Officina de impressão no Seculo XVI. Entre outros escritos que estamparão, merece particular lembrança o seguinte = *Explicação da Doutrina Christã Allegida do Cardeal Bellarmino, e de outras Authores, composta na Lingua Bramand vulgar*, pelo Padre Diogo Ribeiro, Jesuita, natural de Lisboa: 1532. 4.^o (Real Bibliotheca de Lisboa).

Sarnache dos Alhos

Na Ribeira de Sarnache dos Alhos, em os Moinhos do Acipreste, lugar distante duas Leguas de Coimbra; es-

(*) A Typografia Portuense continuou no Seculo XVII. em qua se estamparão os *Privilegios dos Cidadãos da Cidade do Porto*, e *condições*, e *confirmações* pelos Reis destes Reinos, 1621. 4.^o e outras obras.

teve nos fins do Seculo XVI. hum prelo portatil de Antonio de Mariz, famoso Impressor da Universidade de Coimbra, que para ali lhe mudou o domicilio, quando toda a Cidade ardia em peste no anno de 1597. Ali acabou elle de imprimir a obra de seu filho Pedro Mariz, que havia já começado a estampar em Coimbra naquelle mesmo anno, intitulada *Dialogos de varia Historia* = (a).

Setubal.

Setubal entra na conta das Villas de Portugal, que tiverão prelo portatil, qual foi o que lá levou Herman de Kempis; Alemão. Os Livros mais antigos que ali imprimio, quanto nós podemos saber, forão a *Regra, e Estatutos da Ordem Militar de S. Tiago*, que se acabárão de estampar a 13 de Dezembro de 1509. 1. vol. fol. (Real Bibliotheca de Lisboa, Livrarias da Real Casa de Nossa Senhora das Necessidades, e do Convento de S. Francisco da Provincia de Portugal, e Haseana) = *Confissional da maneira que os Cavalheiros da Ordem de Santiago se devem accusar* de Garcia de Rezende. 1509. 4.º Obra rarissima (Real Bibliotheca de Lisboa).

Villa Verde.

Villa Verde foi tambem hum dos Lugares, em que a Arte Typografica teve exercicio por algum tempo: ali a levou o celebre Impressor Antonio Ribeiro por 1581 á instancias de Paulo de Palacios Salazar, Prior daquella Villa, que para ella o chamou, a fim de lhe imprimir a seguinte obra = *In Ecclesiasticum Commentarius pius et doctus per Paulum de Palacios Granatensem D. Henrici Lu-*

(a.) Da Epistola Latina, que pos o mesmo Mariz no principio da obra escrita ao Doutor Diogo Mendes de Vasconcellos, se vé, que então se achava trabalhando com seus prélos em Sarnache, pois que a data com as seguintes palavras = *E Molendinis Cuprésii in Ripa Opidi Sarnache aliorum.*

Lusitaniæ Regis, et S. Romane Ecclesiæ Cardinalis Concionatorem et D. Catherine Lusitanarum Reginæ Eleemosinarium, et S. Litterarum in inclyta Conimbricencium Academia enarratorem: apud Villam Viridem Francorum. Excudebat Antonius Riborius Typographus anno D. 1581. 1. vol. fol. (Livraria do Convento de S. Francisco de Enxobregas).

Viscu.

Em Viseu tambem entrou a Typografia no Seculo XVI; e ali teve huma officina Manoel João, Impressor do Bispo D. Jorge de Attaide, que a estabeleceu pslos annos de 1565. As unicas obras que temos visto della, são o *Compendio e Summario de Confessores* de 1569. = *Regule Cancellariæ SS. Pii Papæ V. ejusque Motus proprii, Bullæ, et alia Decreta*, que mandou imprimir o mesmo Bispo em 1570 (Real Bibliotheca de Lisboa.) = *Exercicios* de D. Fr. Marcos de Lisboa 1571. 8.^o = e *Flosculus Sacramentorum*: 1572. 1. vol. obra de Pedro Fernandes Vilhegas. (Real Bibliotheca de Lisboa no volume que tem por titulo = *Censura in Glossas, et Additiones Juris Canonici. Olisipone 1575. 12.^o*) Levantou ali outro prelo o Impressor Marcos Jorge em que estampou por 1566 a *Chronica de D. Florisel de Niquea* de Feliciano da Sylva. Acaso se imprimirão em Viseu as Constituições Synodales daquella Diocese, feitas pelo Bispo D. Miguel da Sylva em 1527 sem nota de anno nem lugar 4.^o em gothico.

CAPITULO III.

Dos Impressores do Seculo XVI. em Portugal.

FAÇAMOS memoria dos Impressores do Seculo XVI. de que podemos haver noticia, de alguns dos quaes já temos fallado no Cap. II. na relação das edições das Ty-
po-

pografias das Cidades, Villas, e lugares; que posto não fossem todos dotados de grandes partes para tratarem esta Arte com a devida applicação, e cuidado; todavia alguns houve que trabalhárão com bastante apuramento, e perfeição, deixando de si á posteridade hum nome honroso: João de Barreira, Antonio Alvares, Luiz Rodrigues, e Antonio de Mariz, nomes consagrados em nossa Historia Typografica, forão os nossos Aldos, Estevãos, Juntas, Frobenios, Plantinos, e Elzeviros, os quaes não só pela grande quantidade de obras que estampárão, mas tambem pela limpeza, elegancia, e exacção de suas edições merecem ainda hoje a nossa estimação, e louvor; e o haverão dos vindouros em quanto se der honra ás Letras: em geral o merecem todos os bons operarios desta nobre Arte, pois que elles fazem parte da Historia Litteraria das Bellas Artes, e pelas producções de seus prelos, concorrem para estender e progagar os conhecimentos humanos em todas as classes, e com ellas instruir e illustrar facilmente os povos. Porémos aqui por ordem alfabetica o Catalogo de todos elles, indicando de alguns as obras, ou de mais nome, ou de maior raridade, além das outras, que já notámos no Cap. II. das Cidades, Villas e Lugares etc.

Affonso Fernandes.

Consta-nos que este Impressor trabalhava em seus prelos por 1592.

Affonso Lopes.

Ha poucas noticias deste Impressor; e apenas sabemos, que floreceo pelos annos de 1517, tempo em que publicou de sua Officina o Livro intitulado: *Lysuarte de Grécia, Libro Septimo do Amadis*. Lisboa I. vol. foh (Bibliotheca Hasseana)

Alexandre de Sequeira.

Exercitou a Arte Typografica em Lisboa, e Alcobaça; e delle achamos memorias desde os annos de 1592, em que estampou o *Dictionarium Latino-Lusitanicum*, de Jeronymo Cardoso: Lisboa 4.º, que traz no fim a obra *Varii loquendi modi. Olisipone*; que he hum Dictionario de propriis nominibus. Entre outras obras que imprimio são raras, e de estimação, = *Naufragio da Não Santo Alberto*, e *Itinerario da gente que delle se salvou*, escrito por João Baptista Lavanha. Lisboa 1597. 8.º = *Compendio de algumas Cartas do anno de 1597, que vierão dos Padres da Companhia de Jesus, que residem na India, pelo Padre Amador Rebello*: Lisboa 1598. 8.º

André de Avellar.

Sabemos deste Impressor, posto que nos não recordamos de haver vista obra alguma de seus prelos.

Andre de Burgos.

Foi Impressor em Evora, e Cavalleiro da casa do Cardeal Infante, como elle mesmo se intitula: exercitou de maneira a sua Arte; que direitos teve para pretender hum lugar distincto entre os bons Impressores do seu tempo. Delle são entre outras as obras seguintes, que merecem ter a qui particular memoria = *Exercicios Espirituaes de Nicoláo Eschio, traduzidos do Latim em Romance Portuguez por hum Frade Menor* 1554. 8.º (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Decretos do Concilio Provincial E-borensis*: 1568 em 8.º (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Responsio ad Epistolam Ambrosii Morales de M. Andre de Resende* 1570 = *Ad Philippum Regem Cobortatio* do mesmo Author 1570.

Continuou a Officina em seus herdeiros, que imprimi-

mi;

mirão entre outros Livros a III. *Parte de D. Florifel de Niquê* em fol. gothico sem anno, de que já fallamos = e a *Chronica do Palmeirim* 1.^a e 2.^a parte Évora. 1567.

André Lobato.

Foi Impressor em Lisboa, e florescia por 1583, tempo em que estampou a *Reformação da Justiça de Filippe II. Lisboa á custa de Isabel de Mendonça, mulher de Luiz Martil, Livreiro que fôra d'ElRei* 1583 fol. Continuava ainda em 1587 em que imprimio a *primeira parte dos Autos, e Comedias Portuguezas* de Antonio Prestes Lisboa 4.^o

Antonio Alvares.

Foi hum Impressor de grande nome em Lisboa, e digno de collocar-se nos primeiros assentos dos Typografos daquella idade; estampou infinitas obras que muito o accreditarão. Delle he entre outras a edição da = *Historia Ecclesiastica del Scisma de Inglaterra* pelo Padre Pedro de Ribadaneira 2. vol. em 8.^o, o 1.^o em 1588, o 2.^o em 1594. = a da *Imagem da vida Christãa, ordenada em Dialogos*, por Fr. Heitor Pinto 1592. 8.^o = e a das *Consideraciones sobre todos los Evangelhos* por Fr. Hernando de S. Tiago 1. vol. em 4.^o (Biblioteca Hasseana) Continuou no Seculo seguinte, e estampou a *Relação do caminho, que fez de Persia o Embaixador do Grão Sofi, e as honras que lhe fizerão nos Reynos, e Senhorios por onde passou até chegar a este Reino de Portugal*. Lisboa 1602. em 8.^o obra rara.

Foi honrado com o titulo de Impressor Regio, de que usa nas edições que vimos de 1641, 1643, e 1644 e na = *Chronica d'ElRei D. João I.* de Fernam Lopes, e de Gomes Annes de Azurara de 1649. e em outras.

Antonio Barreira.

Foi Impressor da Universidade de Coimbra, e ganhou pelo cuidado, e aceio com que trabalhava as suas edições, grandiozo nome naquelles tempos, que ainda não perdeu em nossos dias. Florescia muito por 1579, até 1590 anno em que imprimio a *Relação das grandes alterações, e mudanças que bouve em os Reinos do Japão, pelo Padre Luiz Froes*. Coimbra 1. vol. em 4.^o (Bibliotheca Hassiana) = e em 1593 fez sahir de sua Officina o Livro da *Esfera de André de Avellar, Lisbonense*; Professor de Mathematica na Universidade 8.^o

Antonio Gonçalves.

Este Impressor foi hum dos que mais figurarão em Lisboa naquelle Seculo, de que apparecem muitos Livros impressos desde 1569 em que estampou a obra das *Leis Extravagantes, colligidas, e relatadas pelo Licenciado Duarte Nunes do Leão* etc. Delle he a edição da *Descrição da Quinta de Santa Cruz* de Cadabal Gravio. 1568. = do *Espejo del Principe Christiano* de Francisco Monçon de 1571 em fol. = a *De rebus gestis Emmanuelis Regis Lusitaniae*, do Bispo Osorio, do mesmo anno fol. = a dos *Lusiadas de Camões* de 1572. 4.^o primeira edição de que já fallamos = e a da *Historia da Provincia de Santa Cruz* de Pero de Magalhães Gandavo 1576 em 4.^o

Antonio de Mariz.

Foi este Impressor pai de Pedro de Mariz ambos bem conhecidos em nossa Historia Litteraria, e Typografica, em que deixarão illustre memoria de seus nomes. Tinha já Officina em 1557, e por 1567 se achava com ella na Cidade de Braga, aonde foi Impressor do Arcebispo, como se vê da edição do Catecismo de D. Fr. Bartholomeo

meu dos Martyres , e do fim do Compendio , e Summario de Confessores , impresso em Viseu em 1559 por Manoel João. Tinha em seus prélos caracteres muito claros , e formosos , como apparece de suas bellas edições. Passou depois a Coimbra , e ficou Impressor da Univesedade.

Forão distintas producções de seus trabalhos entre outras raras edicções = a da *Comedia dos Vilhatpandas* , feita pelo Doutor Francisco de Sá de Miranda. Coimbra 1560. 1. vol. em 8.º = a dos *Dialogos de D. Fr. Amador Arraes* 1582. = a da *Historia das vidas , e feitos heroicos . . . dos Santos* , de Fr. Diogo do Rosario : em 1577. = a do *Synodo Portaense* , que celebrou D. Fr. Marcos de Lisboa em 1585. = a do Livro de *Harmonia Rubricarum Juris Canonici* de Pedro Affonso de Vascellos em 1588. 1. vol. 4.º (Real Bibliotheca de Lisboa) = e a do *Synodo Conimbricense* de D. Affonso de Castello Branco , Bispo de Coimbra em 1591. Achamos delle memoria até 1597.

Antonio Ribeiro.

Foi Imprestor Regio , e exercitou esta Arte em Lisboa ; delle achamos memorias desde os annos de 1574 até 1624. São da sna Typografia , e de muita estimação entre outras as obras seguintes: *Meditações , e Homilias do Cardeal Infante*. Lisboa em 1774 em 8.º 2.ª edição. = *Chronica do Infante D. Fernando*. 1577. = *Genealogia dos Reis de Portugal de Duarte Nunes do Leão* 1585 = *Defensio Tridentine Fidei Catholicae* de Diogo de Paiva de Andrade , na *Officina do Convento de Santa Maria da Graça dos Eremitas de S. Agostinho*. Lisboa 1578. 1. vol. 4.º = *Patente das Mercês , Graças , e Privilegios , de que ElRei D. Philippe fez mercê a estes Reinos*. Lisboa 1584 fol. = *Censura in Libellam de Regum Portugalliae origine Olysiptone* 1585 de Duarte Nunes 1. vol. 4.º , aonde se diz *ex Officina Antonii Riparii* , que se deve entender Ribeiro. =

Balthazar Ribeiro.

Pouco temos visto das producções deste Impressor; a principal he a edição do *Discurso e relação do Cerco da Cidade de Paris*, e *defensão della pelo Duque de Nemurs contra o Vandoma no anno de 1590*, traduzido do Francês para Portuguez por João Fogaça. Lisboa 1591. 8.º

Belchior Ribeiro.

Achamos noticia deste Impressor, mas não temos visto obra alguma de seu prélo.

Belchior Rodrigues.

Teve este Impressor sua Officina Typografica em Lisboa, aonde além de outras obras imprimio em 1589. *El Pastor de Phílida por Luiz Gonçalves de Montalvo*. 1. vol. 12.º (Bibliotheca Hasseana) em 1588 *Synodo de Lisboa*, sendo Arcebispo o Senhor Cardeal Infante D. Affonso; e em 1588 as *Constituições Extravagantes do Arcebispado de Lisboa por mandado do Arcebispo D. Miguel de Castro*.

Francisco Corrêa.

Este Impressor teve seus prélos em Lisboa, e trabalhou nesta Arte com grande credito de seu nome; foi Impressor do Collegio Real das Artes em Coimbra, e do Senhor Cardeal Infante D. Henrique. Imprimio em Lisboa além de outras obras = *Livro do Rosario de Fr. Nicoláo Dias* em 1537. = *Tratado Moral de Louvores, e perigos de alguns estados seculares, e das obrigações que nelles ha, com exortação em cada estado de que se trata*; composto por D. Sancho de Noronha Coimbra em 1549. = as *Constituições Synodaes do Bispado de Miranda* em

1562

1562 = a obra de *Cadabal Gravio Calydonio na morte de ElRei D. João III.* em 1565 = *Jacobi Tevii Epodon lib. III.* Lisboa em 1574 = a Obra de Jeronymo Osorio *De Regis Institutione* em 1572 = *De vera sapientia* do mesmo Author em 1578 4.^o = *Meditações, e Homilias em Latim do Senbor Cardeal D. Henrique* em 1581 (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Collecção das Leis Extravagantes*; (a mesma Real Bibliotheca).

Francisco Garcia ou Garção.

Foi Impressor, hoje menos conhecido por seu nome: delle he a edição de alguns Opusculos de M. André de Resende, a saber = *Endecasyllabon ad Sebastianum Regem* = *Pro Sanctis Christi Martyribus* = *Epist. ad Bartholameum Kebedum*, e algumas Poesias Latinas. Lisboa 1567 1. vol. 4.^o

Germão de Campos.

Herman, Hermam, ou Germão de Campos, foi Alémão de Nação, e Bombardeiro d'ElRei, e hum dos antigos Impressores, que vierão exercitar entre nós a Arte Typografica: he delle a edição das duas obras seguintes = *Regimento e Ordenação da Fazenda.* Lisboa 1512 (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Artigos das Sizas destes Reinos* fol. = *Espelbo de Christina, a qual falla dos tres Estados das mulheres.* Lisboa 1518. fol. Obra rarissima de que temos hum exemplar. Este foi o que imprimio em Setubal a Regra Estatutos, e Definições da ordem de S. Tiago.

Germão Galharde.

Germão Galharde (que diversamente se acha escrito Gailharde, Galharde, Galhard, e Gaillard) foi Francez de Nação, e veio a ser Impressor Regio desde o anno de

1536

1536, ou talvez antes: a sua Officina se acreditou por hama das mais illustres do seu tempo. Della sahirão entre outras obras de preço, as que aqui apresentamos:

Carta que Jeronymo Montano Alemão escreveu de Nymberga a ElRei D. João II. a 14 de Julho de 1493 tirada do Latim por M.^e Fr. Alvaro da Torre Dominicana (seu Pregador) rarissimo. = Officios dos Santos de Portugal, em 1525. = Breviarium secundum morem, et consuetudinem Romanae Curiae. Olisipone 1529. 1. vol. 8.^o (Real Bibliotheca de Lisboa, e Haseana).

Scholastica Disciplina de André da Veiga, da Ordem Terceira de S. Francisco 1532 = Dois Tratados, hum, do Cantochão, e outro do Contra ponto de Matheus Aranda, Mestre da Capella da Sé de Lisboa, dedicados ao Senhor Cardeal Infante, e Arcebispo de Braga D. Affonso em 1533. = Ordenança para os Estudantes da Universidade de Coimbra, sobre os Criados, bestas, trajos, e outras cousas. 1539. = Lei, que declara o comprimento que hão de ter as espadas, e a pena que haverão as pessoas, que doutra maneira as trouverem. = Declaração brevemente trazida sobre os sete Psalmos da Penitencia, onde qualquer pessoa devota pôde vêr o caminho da penitencia, e ser ensinado a perseverar nella; por onde pôde alcançar a vida eterna, offerecida ao virtuoso, e devoto pobre Tristão, Provincial de todas as Provincias dos pobres da Serra d'Ossa, e vida hermitica de S. Paulo, primeiro hermitão, por Antonio hermitão, seu Irmão em Jesu Christo; e dedicada depois a D. Guimar de Vilhena, Condessa da Vidigueira, por Germão Galharde em 1544 8.^o obra muito rara, de que vimos hum exemplar que era do Padre Mestre Fr. Manoel de S. Damazo, da mesma Ordem = Dois Breves Tratados sobre duas perguntas de Antonio Maldonado 1548 4.^o = Ceremonial da Missa, por Ayres da Costa no mesmo anno 4.^o

1550 Chronica do Triumpbo dos nove da fama. fol. = Começo da Historia da nossa Redempção, de D. Leonor de Noronha 1552. 4.^o = Constituições do Bispado de

Al-

Algarve 1554. 1. vol. em 4.º (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Tragedia da Vingança*, que foi feita sobre a morte delRei Agamemnon, novamente tirada do Grego em Linguagem trovada por Anriques Ayres Victoria, cujo argumento he de Sophocles, Poeta Grego; agora segunda vez impressa, e emendada, e anhadida pelo mesmo Author. Lisboa 1555. 4.º gothico. = *Lei de D. Sebastião sobre se não fazer execução pelas Sentenças dos Corregedores dos feitos Civeis da Corte* 1557. = a outra sobre os que comprão pão para tornarem a vender e a outra sobre se não tirar para fora do Reino prata, nem vund amoedado, nem para amoedar; todas trez em 1557. = *Constituições do Arcebispo de Evora do Cardeal Infante D. Affonso*; em 1565 fol. Naquelle mesmo anno falleceo Galharde, pois que as Coplas do Cavalleiro Fernão Peres de Gusmão, se dizem impressas em Lisboa nesse anno, em casa da viuva de Germão Galharde.

Herman de Campos.

Veja-se Germão de Campos.

Jacob Combreger, ou Cromberger.

Era Alemão, e foi mandado vir a estes Reinos nos principios do Seculo XVI. pelo Senhor Rei D. Manoel, que lhe fez grande honra, e galardado, e lhe deu huma Carta de Privilegios, passada em Santarem aos vinte de Fevereiro de 1508, pela qual lhe concedeo as honras de Cavalleiro de sua Casa. Teve Officina em Lisboa, e em Evora, com grande credito de seu nome; elle foi o que fez a primeira edição da Segunda compilação das *Ordenações* do Senhor Rei D. Manoel de 1521, da qual publicou o primeiro e quarto volume em Evora, e o segundo, terceiro, e quinto em Lisboa; esteve em Sevilha, onde imprimio em 1539 os quatro livros das mesmas *Ordenações* de 1521 estampando o quinto em Lisboa: terceira edição da segunda compilação.

Je-

Feronymo de Miranda.

Existe memoria deste Impressor por 1562 em Lisboa; não alcançamos porém até agora vêr obra alguma de sua Typografia.

Feronymo de Oleastro , ou de Azambuja.

Foi Impressor em Lisboa por 1556 , e tambem nada temos visto das producções de sua Officina Typografica.

João Alvares.

Este Impressor exercitou a Arte Typografica em Lisboa, Coimbra, e Braga, de parceria com João Barreira, e foi com elle Impressor da Universidade. Tambem o foi d'ElRei, como se vê no fim das Cartas dos Jesuitas impressas em 1562. Delle são entre outras obras de estimação = *Dialogo da Perfeição, e partes que são necessarias ao bom Medico* 1562. 1. vol. 4.º = *Oração Latina que teve o Doutor João Teixeira, Chanceller Mor del-Rei D. João II, quando D. Pedro de Menezes foi feito Marquez de Villa Real; e a tresladação della em Portuguez por Miguel Soares: Coimbra no mesmo anno: 1. vol. 4.º* muito raro, de que temos hum exemplar = *Tratado da vida, e Martyrio dos cinco Martyres de Marrocos, enviados por S. Francisco: Coimbra em 1568 1. vol. 4.º* raro.

João Barreira.

Foi este hum dos Impressores, que deixarão de si honroso nome á posteridade, e que mais conhecidos se fizeram em nossa Historia Typografica: trabalhava de companhia com João Alvares, de quem acima fallámos, em Lisboa, Coimbra, e Braga. Morou na rua de S. Mamede em

em Lisboa, como consta da edição do Tratado dos diversos caminhos de Antonio Galvão: melhorou muito a Arte, esmerando-se em fazer edições recommendaveis pela bondade do papel, pela belleza do character, e pela correção, e acção: Foi Impressor Regio, e da Universidade de Coimbra.

Já fallamos no Cap. XI. de muitas edições de sua officina, e entre ellas de tres muito notaveis, e muito raras, de que vimos exemplares na Bibliotheca de Enxobregas. quaes são: = *Aristotelis de Reprehensionibus Sophistarum liber unus: Nicolao Grouchio Rhotomagensi interprete. Conimbricæ 1549*: 1. vol. 4.º impresso por cuidado; e a custa de Belchior Belliogo = *Arnoldi Fabricii Aquitani de Liberalium Artium Studiis Oratio*, Conimbricæ habita in Gymnasio Regio pridie quam ludus aperiretur IX. Cal. Martii 1547. Conimbrice 1548. 1. vol. 4.º = *Melchioris Belliogo Portuensis de Disciplinarum omnium Studiis Oratio ad universam Academiam Conimbricensem habita Cal. Octobris 1548. Conimbr. 1. vol. 4.º* (que se acha na mesma Bibliotheca em hum volume, em que estão as obras Grammaticaes de Thomaz Linacro, de Luiz Vives, e de outros). A estas produções accretentaremos agora outras, quaes são as seguintes: = *Monothicon de primis Hispanorum Regibus*. = *Chronologia seu Ratio Temporum* (duas obras de Fr. Nicoláo Coelho de Amaral, da Ordem da Santissima Trindade) Coimbra 1. vol. 1554. *Ignatii Moralís in Interitu Principis Joannis: Conimbr. 1554. 4.º* = *Historia de Nossa Redempção, que se fez para consolação dos que não sabem Latim. Coimbra 1554 4.º*. = *Hieronimus: Opera* 1556 fol. = *Tratado notavel de huma pratica que hum Lavrador teve com hum Rei da Persia, que se chamava Arsano; feito por hum Persio por nome Cadio Rufo; reduzido em Portuguez por Fr. Jeronymo da Ordem de S. Bernardo do Convento de Alcobaca. Coimbra 1560* 1. vol. 4.º obra rara = *Mortis Meditatio: A: Jacobo Tevio. Olisip. 1563* = *Imagem da vida Christãa de Fr. Heitor Pinto: por o mesmo* = *Ex-*
 Tom. VIII. Q po

posições de Paulo de Palacio ao Evangelho de S. Matthews. Coimbra 1564 fol. = *História das cousas que o Capitão D. Christovão da Gama fez no Reino do Preste João* 1564 4.º = *Andreae Resendii Carmen Endecasyllabum ad Sebastianum Regem* 1567. = *Veritatis Reportorium per Frantrem Franciscum Securim* (isto he, Machado) I. vol. 4.º = *Leis de como bão de ir armados os Navios: sobre o peccado de Sodomia: e sobre os Livros defesos.* Lisboa 1572. I. vol. 8.º = *Regimento, e Estatutos sobre a Reformação das tres Ordens Militares:* no mesmo anno I. vol. 8.º, que costumão andar juntos com a Collecção das Leis por Francisco Corrêa = *Memorial para os perdões: Olisipone* 4.º, sem era; obra rara (Real Bibliotheca de Lisboa).

João Beltrão da Rocha.

Tinha officina Typografica na Cidade de Braga, aonde imprimio = *Reportoria dos tempos em* 1519. Este foi o que de parceria com Pedro da Rocha estampou em Braga em 1539 a rara obra do *Sacramental* de Clemente Sanches, de que já fallámos.

João Blavio.

Foi natural de Colonia Aggripina, e Impressor Regio; florescia em Lisboa pelos annos de 1555, e correo parêlhas com os melhores Impressores da sua idade: delle são entre outras edições as seguintes = *Tratado de como S. Francisco buscou, y hallò a su muy querida Señora la Santa Pobreza, mandado trasladar per el Duque de Bragança D. James.* Lisboa 1555. I. vol. 12.º = *Ley sobre os Arcabuzes del Rei D. Sebastião de 1557* = *Treynta, y dos Sermões del Padre Fr. Juan de la Cruz* 1558 12.º (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Treze Sermões de Fr. Luiz de Granada* Lisboa 1559. I. vol. 4.º (Bibliotheca de Enxobregas) = *Summa Cactana del Padre*

dre Paulo de Palacio 1560. 1. vol. 8.º (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Resendii Epistolæ tres carmine ad Lupum Scintillam et c.* Olisipone 1561. = *Escola Espiritual de S. Juan Climaco.* Lisboa 1562. 8.º Edição 3.ª (Real Bibliotheca de Lisboa, e Haseana) = *Avisos Espirituales, que enseñan como el sueño corporal sea provechoso al spiritu*, dedicados ao Senhor Cardeal-Infante D. Henrique 1563. 8.º

João de Borgo, ou Borges.

Poucas edições temos visto deste Impressor ; he estimavel a do Livro do Mestre Resende , intitulada = *Ludovicæ Segeæ Tumulus.* Olisip. 1561.

João de Endem.

Foi Impressor em Goa , bem conhecido por muitas obras que estampou , de que se podem ver algumas no artigo da Typografia de Goa no Capitulo II. das Cidades , e Villas et c, he muito estimada entre todas a edição dos *Colloquios dos Simples ; e Drogas , e cousas medicinaes, da India* , pelo Doutor Garcia d'Orta : Goa 1563. 1. vol. 4.º

João Fernandes.

Não temos visto producções da Typografia deste Impressor , senão a do Livro = *Ordo Officiarum Canoniarum Regularium* : Olisipone 1579 in monasterio S. Vincentii. 4.º

João Lopes.

Tambem não temos visto edições deste Impressor ; de que aqui devamos fazer memoria.

João de Kempis.

Era Alemão de Nação, e tinha em Lisboa huma famosa officina em que estampou muitas obras ; elle foi o que fez a primeira edição das Ordenações do Reino do Senhor Rei D. Manoel, da primeira Compilação; fol. que não podemos até agora vêr. (a).

João Pedro Bonbomini.

João Pedro de Boões homens, ou Bonhomini, ou Bonhomyni, ou Bognonino, em Latim de *Louis Bonpinibus*, (que assim diversamente se acha escrito) foi Milanez de Cremona : parece que já tinha Officina Typografica em Lisboa no fim do Seculo XV. como já notámos nas Memórias daquelle Seculo. (b). No seguinte estampou elle varias obras, e algumas de parceria com Valentim Fernandes, de quem adiante fallaremos.

1501 Este foi o que imprimio o Livro *Grammatical* de João Pastrana e de Antonio Martins de 1501, de que se usava nas Escola de Lisboa, que se chamava *Thesouro de pobres e Espelho de meninos* (c). Fez delle outra edição em 1513, de que

(a) Não se pôde duvidar da existencia desta primeira edição, que alguns negão; porque vemos, que há de 1514, se diz *Novissima neta: regenda Impres. 1514*, e que della se faz menção no Regimento da Alfandega do Porto, que existe na Camara daquelle Cidade.

(b) Maittaire faz menção deste Impressor nos seus *Annaes Typographicos*.

(c) Naquelles tempos foi costume em alguns Reinos compôr, e imprimir algumas obras abbreviadas para uso das pastas pobres, que as podessem facilmente comprar, como foi a obra de Nicoláo de Hanape intitulada: *Biblia pauperum*; a outra com o mesmo titulo de Antonio de Rapegollis, e outra semelhante em Alemão.

Esta obra do Thesouro dos pobres sahio com este titulo = *Antiqua Martini quondam huius Artis Pastrane in alma Universitate Ulra-*

há huth. exemplar na Real Bibliotheca d'Ajuda; o qual foi da Livraria do Abade Barbosa, que vio, e examinou o Padre Manoel Monteiro, da Congregação do Oratorio de Lisboa, para o seu Novo Methodo da Grammatica Latina. Estampou mais = *Flos Sanctorum*, antigo Portuguez, por ordem do Senhor Rei D. Manoel 1513 = *Livro primeiro das Ordenações com sua taboada, que assina os titulos, e folhas; e trata-se nelle dos Officios de nossa Corte, e da Casa da Supplicação, e do Civil, e daquelle que per nos tẽ carrego de ministrar Direito, e Justiça: novamente corregido nesta segunda impressam per especial mandado do muy alto y muy poderoso Senhor Rey D. Manoel Nosso Senhor, imprimido com privilegio de sua Alteza.* Traz no fim a subscrição seguinte = *Acabou-se de emprimir bo 1.º Livro das Ordenações corregido, e emendado por o Doutor Ruy Botto, do Conselho Del Rey N. Senhor, e Chanceller moor destes Regnos, e Senhorios per authoridade, e privilegio de S. A. em Lisboa per Johem Pedro de Bonhomini aos 30 dias de Octobro de 1514.* O segundo Livro estampado em Dezembro; o terceiro em Março, o quarto em Maio, e o quinto em Junho pelo dito Bonhomini, com rostos differentes 2. vol. fol. (a) = *Regimento de como os Contadores das Comarcas hão de prover sobre as Capellas, Hospitaes, Albergarias, Confrarias, Gafarias, Obras, Terças, e Residos novamente ordenado, e copillado pelo muyto alto, e muyto poderoso Rey D. Manoel.* Lisboa 1514. 1. vol. fol. gothico. (Real Bibliotheca de Lisboa e Hasseana) = Breve-

benensi præceptoris materialium editio a baculo calorum breviter collecta incipit: e acaba = *Magistri Johannis de Pastrana cum conjugationibus tempor mouiser inventis cum materiabus Antonii Martini etc., per venerabilem Johannem Petri de bonis hominibus de Cremona in splendissima Ulixbona Civitate quarto Kalendas Decembris impressum anno Dunt millesimo quingentesimo primo felici sydere explicit.*

(a) Estes exemplares forão assignados por dois dos quatro o Doutor João Cotry, o Doutor João de Faria, o Doutor Pero Jorge, e o Licenciado Christovão Esteves.

ve Memorial dos peccados : de Garcia de Resende. Lisboa em 1512. 1. vol. 8.º raro (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Ordenaçam da Ordem do Juizo* : tambem em Lisboa em 1526.

João Quinquenio de Campania.

Foi Impressor em Goa, e estrangeiro : e de algumas de suas edições fizemos menção no cap. II. das Cidades, e Villas v. Goa.

João de Ribeira.

Sabemos deste Impressor pela edição do *Diccionarium Latino-Lusitanicum* : *Olisipone* anno 1592.

Jorge Rodriguez.

Ha noticia deste Impressor desde os annos de 1546, em que publicou de sua Officina = *Norte de Confessores*, Lisboa 1. vol. de 8.º obra dedicada ao Senhor Rei D. João III. De seus prelos sahio o Livro *Sentenças generales de Francisco de Gusman*. Lisboa 1598. 1. vol. em 16. (Bibliotheca Hasseana) = e *Triunfo del Monarcha Felipe III.* 4.º Continuou no Seculo XVII., e são desse tempo = *Sentenças de D. Francisco de Portugal*, Primeiro Conde de Vimioso 1605. 1. vol. 8.º = e *Decada III. de João de Barros*; segunda edição de Lisboa 1628.

Luiz Rodrigues.

Este illustre Impressor, que residio em Lisboa, tem nas obras que publicou os titulos mais incontestaveis para ser qualificado entre os bons Typografos do seu tempo : ainda hoje se estimão as suas edições, entre as quaes se distinguem muito as seguintes = *Oratio Panegyrica* de Antonio Luiz a ElRey D. João III, que estampou em

1539

1539, em 4.^o (Real Bibliotheca d'Ajuda na Collecção que tem por titulo = *Elogios Oratorios, e Poeticos dos Serenissimos Reis, e Rainhas*) = *Commentarios de Bartholomeu Filippe ao Canon: Scindite corda vestra*: no mesmo anno = Livro de *Patientia Christiana*, e outras obras de Jorge Coelho em Lisboa em 1540. 1 vol. 4.^o (Real Bibliotheca de Lisboa, e a nossa) Obras de Antonio Luiz = *De Occultis proprietatibus. De Empyricis. De Pudore. et Problemat.* fol. = *Verdadeira Informaçã do Preste João das Indias* por Francisco Alvares em 1540. fol. (a) = *Fiammeta de Bocacio*. Lisboa 1541. 1. vol. gothico (Bibliotheca Hasscana) = *El Deceoso*: em 4.^o tambem em gothico, no mesmo anno, com só cinco partes = *Libro de la verdad de la Fé*, composto por Fr. João Soares, da Ordem de Santo Agostinho, Confessor, e Pregador delRei D. João III. Lisboa 1543. 1. vol. fol. gothico. = *Breviario Eborense*. Lisboa 1548. 1. vol. 8.^o he reformado por M.^o Andre de Resende = *Ordenaçõs sobre hos Cavallos, e armas delRei D. João III., e sobre os Lobos* em 1549. Com estas, e outras muitas Impressões fez elle especial beneficio á Litteratura Nacional. (b)

Ma-

(a) Não vimos edição anterior a esta de 1540, que corre como primeira, sendo que parece ser segunda, por nella se dizer: *Agora novamente impressa*: Barbosa fallou da impressão desta obra, mas sem notar nem o anno, nem o lugar; o que daria motivo a conjecturar, que fallava de primeira edição, em que não haveria esta nota: por outra parte não se faz verosímil, que elle ignorasse esta de 1540.

(b) Nesta Typografia he, que o Padre Francisco Alvares, Capellão delRei, collocou, as estampas, e caracteres de letras de não menos primor, e qualidade, que as de Italia, Alemanha, e França, aonde mais esta Arte florescia, que elle diz haver trazido de Paris para a impressão de sua obra do Preste João, segundo se tira destas palavras de seu Prologo a ElRei: *Como V. Alteza pôde ver pela obra que tenho assentada em Lisboa; e não com pequeno contentamento por me parecer, que V. Alteza nisto leva gosto* Com effeito o Character da officina de Luiz Rodrigues he mais regular, e accado, que o commum das outas officinas daquelle tempo; e de seus pretos sahio a edição que corre da obra de Francisco Alvares.

Manoel João.

Este Impressor teve sua Officina Typografica na Cidade de Lisboa, em que estampou em 1565 na menoridade do Senhor D. Sebastião as *Ordenações* do Senhor D. Manoel 1. vol. fol. que he a quarta edição da segunda compilação de 1521 cujos exemplares foram assignados pelo Desembargador Matheus Esteves, Juiz dos Feitos da Fazenda. Depois passou seus prelos para Vizeu, aonde foi Impressor do Bispo daquela Diocese, e ali estampou algumas obras; veja-se v. *Vizeu* no cap. II. das Cidades e Villas.

Manoel de Lyra.

Foi este Impressor mui nomeado entre nós pelas muitas edições que produzirão seus prelos. Entre outras merecem aqui particular memoria a da *Entrada que em Portugal fez D. Philippe I. de Portugal* por Isidoro Velasques em 1583. 4.º 1. vol. em Castelhanõ (Bibliotheca Hassiana) = a dos *Cercos de Malaca* de Jorge de Lemos 1585 4.º = a da *Tragedia muy sentida, e elegante de D. Iguês de Castro* em 1587 12.º, que he a mesma de Ferreira com alguma alteração, sem nota de lugar; edição rarissima de que temos hum exemplar = a da *Elegiada de Luiz Pereira* de 1588 em 8.º = a do *Discurso sobre a vida e morte de Santa Isabel Rainha de Portugal, com outras varias Rimas* em 1590, em 4.º 1. vol. = a do *Reportorio dos tempos de André de Avellar* 4.º tambem em 1590 sem nota de lugar = Obras de Francisco de Sá de Miranda 1595. 1. vol. 8.º = *Regimento do Auditorio de Evorã* 1598.

Marcos Borges.

Era Impressor Regio em Lisboa por 1566, tempo em que imprimio *Paradoxo de João Cointba* = *Chronica de Scandenberg*. em 1587 = *Regimento de 10 de Dezembro* de

de 1570 dos Capitães mores, e mais Capitães, e Officiaes das Companhias de gente de cavallo, e de pé 1571 = Terceira e quarta Parte da Chronica do Palmeirim de Inglaterra 1587. Este foi o que imprimio a Chronica do Florizel em 1560.

Martim de Burgos.

Foi Impressor em Evora, e ali deo á luz entre outros os quatro livros de M.^o Resende = *De Antiquitatibus Lusitaniæ* em 1593. fol.

Pedro Craesbeeck.

Nos fins do Seculo XVI. começou de figurar o Impressor Pedro Craesbeeck, com as edições que deo de seus prelos. Em 1597 estampou nelles = *Index Librorum prohibitorum de mandato D. Antonii de Mattos de Norogna, Episcopi Helvensis, Inquisit. Generalis Lusit.* 1. vol. 4.^o e em 1598 = *Doctrina militar por Bartholomeu Seqrion de Pavia* 1. vol. 4.^o (Bibliotheca Hasseana) Continuou no Seculo seguinte, e delle se conservão memorias nas edições que temos visto de 1603 até 1625. He rara a do Opusculo intitulado: *Chori Tragedie que inscribitur D. Antonius. Ulisipone* 1604. com os *Summarios* dos Actos desta Tragedia (a). Esta officina durou mais de hum Seculo em seus descendentes.

Pedro da Rocha.

Foi parceiro de João Beltrão, com quem imprimio em Braga o Sacramental de Clemente Sanches em 1539 de que já fallamos.

Tom. VIII.

R

Si-

(a) V. Faria na Europa P. III. O Senhor Rei D. Pedro II. fez mercês grandiosas a seu filho Antonio Craesbeeck só pelos muitos Livros que imprimio das Historias do Reino, dando-lhe tença de 40 mil teis com o Habito para seu filho.

Simão Lopes.

Foi Impressor em Lisboa nos fins do Seculo XVI. Delle são entre outras as edições = do *Itinerario da Terra Santa* de Fr. Pantaleão de Aveiro. Lisboa 1593. 4.º = do *Naufragio e Lastimoso Successo da perdição de Manoel de Souza* em 1594 4.º = *Dos valerosos feitos de Pymaleon* 1598. = do *Regimento Nautico de João Baptista Lavanha*, *Cosmographo mór.* Lisboa 1595. 1. vol. 4.º

Thomé Carvalho.

Consta-nos que fôra Impressor em Coimbra por 1569 não nos recordamos porém de ter visto edições suas.

Valentim Fernandes.

De Valentim Fernandes já fallamos nas Memorias do Seculo XV. (a) foi Alemão, da Provincia de Moravia, (b) e Escudeiro da Casa da Rainha D. Leonor, terceira mu-

(a) Dissemos em nossa Memoria da Typographia do Seculo XV. que suspeitavamos, que este Impressor fora o mesmo que Valentim de Moravia, que imprimira com Nicoláo de Saxonia o livro de *Vita Christi*: agora o affirmamos sobre as combinações que depois fizemos; principalmente sobre a edição das Coplas de Jorge Manrique, em que elle se diz Valentim Fernandes da Provincia de Moravia: Leitão nas Memorias Chronologicas da-lhe o sobrenome de Morão pag. 467 D. 1000. e com effeito o Marquez de Villa Real D. Pedro de Menezes na epistola que lhe escreveu, lhe chamou *Moranum*: com tudo nas duas edições da Grammatica de Estevão Cavalleira, e na das obras de Marco Paulo e de Nicoláo Veneto, e na das Coplas de Jorge Manrique, só se chama Valentim Fernandes: donde suspeitamos que houve equivocação, e que *Moranum* que deu occasião ao sobrenome de *Morão*, se deveria ler *Meravum*, nome de sua terra; sendo facil na impressão pôr n por v.

(b) Elle mesmo se chama Alemão na Prefação á Tresladação do Livro de Nicoláo Veneto, que vem com os Livros de Marco Paulo: donde se ha de corrigir o lugar da Bibliotheca Lusitana; que o deu por Portuguez.

mulher do Senhor Rei D. Manoel, (a) he o primeiro, e mais antigo que apparece na frente deste Seculo, continuando em Lisboa com sua officina Typografica por 1500: nesse anno escreveo elle a D. Pedro de Menezes, terceiro Marquez de Villa Real, pedindo-lhe suas obras para as imprimir; a quem o Marquez respondeo por sua carta de 21 de Fevereiro que tem por titulo: *Epistola ad Valentinum Ferdinandum Moranum Typographum data 21 de Februarij anno à partu Virginis 1500.*

Este foi o que estampou as = *Orações, e Epistolas de Cataldo Aquila Siculo*, de que já fallamos, com as obras do Marquez em Lisboa em 1500; de que ha exemplares nas Bibliothecas do Collegio da Graça de Coimbra, e do Real Collegio de S. Paulo da Universidade, e na Corsiniana em Roma, como já notámos no Cap. II. das Cidades e Villas et c. (b)

Teve parceria com João Pedro Bonhomini de Cremona, com quem imprimio = *Catecismo piqueno da Doutrina, e Instituição, que os Chriştãos hão de crer, e obrar para conseguir a Bemaventurança eterna: feito por Diogo Ortiz, Bispo de Ceuta.* Lisboa 1504. 1. vol. fol. gothico de que tambem já fizemos menção (Bibliotheca de Lisboa) Outras edições suas podem vêr-se no cap. II.

Vasco Dias Tanco de Frexenal.

Este Impressor assentou sua officina na Cidade do Porto, e parece, que foi o primeiro que ali exercitou a Arte Typografica naquelle Seculo: (c) forão partos de seus prelos

R ii

o

(a) Assim se intitula na Prefação dos Livros de Marco Paulo que imprimio em Lisboa.

(b) Pelo que se deve corrigir o lugar do erudito Espanhol Raymundo Diosdado no *Specimen de prima origine Typog. Hisp. etate*, que diz a pag. 76. que não consta do Impressor.

(c) Acaso seria parente de Freixenal, Mestre de Grammatica em Lisboa no Bairro das Escolas, de quem falla Leitão nas *Memorias da Universidade* §. 1000. fol. 466. 467.

= o *Espelbo de casados*, em 1540 = e as *Constituições Synodales do Bispado do Porto*, ordenadas pelo Bispo D. Fr. Balthazar Limpo em 1541. fol. das quaes obras já demos noticia no Cap. II. Verb. *Porto*.

Vicente Alvares.

Não temos visto obras da Tipografia deste Impressor para darmos aqui maior noticia delle.

Vicente Fernandes Peres.

Este foi hum dos mais antigos Impressores, que teve Lisboa naquella Seculo; foi de sua officina a rara edição dos *Autos dos Apostolos* em 1505.

CAPITULO IV.

Do merecimento Typografico das Edições de Portugal no Seculo XVI.

I.

Dos caracteres.

DIGAMOS alguma cousa dos caracteres de que a Typografia usou naquella idade, e do mais que pertence á perfeição desta Arte.

O caracter que dominou em nossas Officinas no principio do Seculo XVI. foi o mesmo que já dellas se havia senhareado no Seculo antecedente, isto he, o gothico, ou semi-gothico, ou entre o gothico, e o redondo, que procedeo das depravadas letras Unciaes Romanas, e particularmente da letra Toledana do Seculo XII. introduzida em Toledo nos tempos de D. Affonso IV. que imitárão os primeiros Impressores Alemães no Seculo XV: (a)

Es-

(a) He humma especie de caracter ou letra, que em toda a parte

Este caracter em muitas obras era ainda tortuoso, informe, falhado, e pouco claro como o fora no principio da Typografia : com tudo em outras começou de apparecer com mais algum primor, e apuramento, formando-se as letras de hum modo mais claro, distincto, aceado, e elegante, como se vê já nas Edições da Regra, e Definições da Ordem de Christo de 1504, do Catecismo pequeno do Bispo D. Diogo de Ortiz, do mesmo anno; das Ordenações do Reino de 1514, do Confessionario de Rezende de 1521, das Constituições de Brága de 1538, dos Capitulos de Cortes, e Leis de 1539, e da verdadeira Informação das Terras do Preste João, de Francisco Alvares de 1540. e de outras. Depois andando o Seculo entrou a ter maior limpeza, e elegancia; e ficou mais direito, regular, desimpedido e claro; como já se acha na edição da Fiammeta de Boccácio de 1541, e nos Commentarios de Navarro ás tres ultimas Distingções de Penitencia de 1542, e em outras obras.

Desta sorte continuou a estar de posse de nossos prelos o caracter Gothico ou semi-gothico até ao meio do Seculo XVI, e ainda até mais tarde; humas vezes solitario, como no principio; outras alterado com o Romano, que se lhe foi substituindo pouco a pouco. Com effeito ainda elle apparece nas officinas de Lisboa por 1553 nas Decadas de João de Barros, e mais adiante em outras obras. Em Coimbra reinou ainda pela mesmo tempo na Officina de João Barreira, como se vê no Opusculo de Alberto Magno *De adhaerendo Deo* de 1553, na Historia de nossa Redempção, impressa por mandado de D. Leonor de Noronha em 1554; na Traducção da Historia de Eusebio de Cesaréa por Fr. João da Cruz no mesmo anno, e no Tratado Notavel de hu-

se usou até mais do meio do Seculo XVI. a que dão varios nomes chamando lhe *Bulla*, *Antigo e Gothico*, sem mais motivo que o de sua confusão, e abbreviaturas, e tambem *Venesiano*, por que Nicoláo Sanson o levou a Venesa, e imprimio nelle muitos livros desde 1470 até 1482. e finalmente teve tambem nome de *Caldesilha*, e de *Tertis* Impressor Venesiano.

humã pratica que teve hum Lavrador com hum Rei da Persia, de 1560; e na officina de João Alvares no Tratado da Vida, e Martyrio dos cinco Martyres de Marrocos, de 1568. Em Evora estava elle em uso pelos mesmos annos de 1554, e ainda depois, como se mostra da Homilia de Jorge da Silva, e da Terceira Parte de las grandes Hazañas de los Principes D. Rogel de Grecia etc. O mesmo succedia em Braga, como o prova a edição do Breviario Bracarense de 1549, reformado, e mandado imprimir pelo Arcebispo D. Manoel de Souza.

Além do gothico, ou meio gothico houve tambem o Romano, o qual entrou nas officinas de Portugal, pouco depois que se espalhou pelas de Italia, e França. Já elle havia começado a apparecer em Coimbra por 1536 na rarissima edição da Antimoria, e outras obras Poeticas de Ayres Barbosa; na de Boecio de *Divisionibus*, ambas edições da officina do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e no Tratado Moral dos Louvores, e perigos por D. Sanchro de Noronha de 1549, e em mais algumas outras daquelles tempos: mas não chegou a predominar, e a excluir a rudeza do caracter gothico; senão na declinação já daquelle Seculo.

Este caracter foi de duas castas, o Italico, que propriamente se chamou Romano, e o Veneziano. A principio usou-se muito em nossas Officinas do Italico, ou Cursivo, que havia inventado Aldo Manucio no principio do Seculo XVI á semilhança da Escritura Manual, ou letra bastardilha, o qual se tinha espalhado em toda a Italia, e em outras partes da Europa. Com estes caracteres, e de muita elegancia já trabalhava por 1536 a officina de Santa Cruz de Coimbra; como se vê da bella edição da mesma Antimoria de Ayres Barbosa, e na das Poesias Latinas de Jorge Coelho ao Cardeal Infante D. Affonso: trabalhava tambem Luiz Rodriguez nas suas edições, sendo humã boa peça e amostra dellas a dos cinco Livros dos Problemas de Antonio Luiz de 1550: trabalhava igualmente com o mesmo apuramento Francisco Corrêa, de que

deo boas provas na edição das Homilias do Cardeal Infante D. Henrique de 1576. O mesmo fazia Pedro Craesbeeck, por não referirmos outros mais, o qual o empregou com muito aceio nas edições do Lima de Diogo Bernardes de 1596, e das Odes, Elegias, Ecclogas, e Cartas do Doutor Antonio Ferreira de 1598.

Os nossos não contentes com o caracter Italico, ou Cursivo introduzirão tambem o Veneziano, ou caracter redondo, e grosso, que João, e Vadelim de Spira havião apresentado desde 1469, e que muito usárão depois os mais habéis Impressores de Veneza, que lhe fizerão dar o nome de Veneziano. Este caracter se estabeleceu á maneira de letra redonda, que corria, e era mais bem formada, que a Italica, e mais facil de lér; e se foi adoptando pelo tempo adiante em todas as officinas com preferencia ao Italico, que por ser mais delgado, e miudo, se fazia molesto aos olhos; e se foi reservando para citações de menos extenção ou para obras mais pequenas. (a)

Deste caracter Romano havia boa copia entre nós; e muita parte delle assás limpo, claro, e aceado, e de bastante elegancia, e formosura. Deste abundavão as officinas de Lisboa, principalmente a de Antonio Gonçalves, de que deo provas nas edições das Leis Extravagantes de 1569 e de Osorio de Rebus Emmanuelis de 1571. Em Coimbra havia tambem primoroso caracter nas Typografias de Santa Cruz, e de João Barreira, e João Alvares, de que podem servir de amostra as Epistolas Selectas de S. Jeronymo, e os Commentarios de Navarro ao C. inter Verba X. em 1544, e á Dist. de Penitencia de 1562 a Chorografia de Barreiros e as suas Censuras, e a Oração Latina de D. Garcia de Menezes.

II.

(a) Este caracter chegou a pôr-se em desuso ainda entre os mesmos Venezianos; mas depois de huma longa interrupção veio a ser dominante em Veneza, e em toda a Europa.

II.

Do ornato Typografico.

Continuavão no Seculo XVI os ornatos, e figurarias, que a Typografia havia herdado do Seculo antecedente; mas estes ornamentos com que ella costumava de relevar as suas obras, erão pelo commum defeituosos, porque havia pouca invenção, pouca ordem, nenhuma arte de contornar na fórma mais regular e agradavel o Desenho tão necessario para a Gravadura, e Estamparia não tinha feito progressos consideraveis entre nós para poder dirigir os Imaginarios, e Gravadores: elle era tosco, e a sua gravadura grosseira e rude: o capricho era a unica regra, que guiava a fantasia, e a mão dos Artifices. Não havia gosto para discernir o que convinha nas fachadas, e frontispicios dos Livros: entravão adornos que não tinham relação com a peça; ornatos extravagantes, columnas com demasiados floreios, pedestaes caprichosos, frisos cheios de mascarás, grifos, animalejos, e caticaturas; ou arvores muitas vezes carregadas de cascos, escudos, capacetes, e corpos d'armas pendentes, Satyros, e figuras humanas sem proporção, e outras rematando em peixes, e mais arabescos deste genero.

Com tudo em algumas edições apparece hum gosto mais são e depurado; como nas de Antonio Luiz, que trazem as suas portadas com maior elegancia, as columnas com mais simplicidade, e as figuras com mais regularidade, e airoso lançamento, ainda que com rarios arabescos, como na Portada do Poema Vincentius de Resende. Os ornamentos são muitas vezes allusivos a cousas daquelle Seculo, e podem servir para espalhar luz sobre a sciencia do Brazão, e Armeria, sobre os habitos, trajés, armas, e trem de guerra, e sobre outros costumes do Seculo, e particularidades da antiga Historia, em que tem que aproveitar os Pintores, Gravadores, Imaginarios, Historiadores, Poetas, e os mesmos Criticos.

III.

Das divisas dos Impressores.

O uso das divisas, ou insignias Typograficas no fim das Obras, ornamento de que muito se servião os Impressores de outras Nações, não entrou muito pelo Seculo XVI em Portugal. A Arte da Gravadura não tendo ainda feito progressos entre nós, não despertava nos nossos Impressores a curiosidade, e timbre de mandar abrir empresas, e assinalar as suas edições pelo ornamento e expressão das divisas. Com tudo alguns houve que se não descuidarão de marcar com ellas suas obras, para mais se darem a conhecer ao publico.

Valentim Fernandes conservou ainda neste Seculo a mesma divisa de que havia usado no antecedente, na edição da Historia do Emperador Vespasiano de 1496, ainda que com alguma variedade, e differença, como se vê no fim da Glossa sobre as Coplas de Jorge Manrique impressa em Lisboa em 1501: a saber: em hum galhardo escudo hum Leão coroado, e em pé, e com grande caudá levantada, com huma cedula nas mãos, que tem hum V letra inicial de seu nome, e no meio della huma hastea ao alto com fita volteada, que remata em cruz, com a letra por baixo JSVWIX.

Luiz Rodrigues, insigne Impressor de Lisboa, usava de pôr no fim de suas edições huma Serpente, ou Drago com azas estendidas, vibrando a lingua farpada, com parte da cauda enroscada no tronco de huma arvore, em que se enlaçava huma fita ou facha presa, e pendente do mesmo tronco, que se alargava, e estendia para os lados, com a letra = *Salus vita* = e junto da raiz do tronco, huma pequena cedula que dizia = *Ludovicus Rudurici* = Assim se vê na edição dos cinco Livros dos Problemas de Antonio Luiz, do Livro de *Patientia* de Jorge Coelho, da obra *verdad de la Fé*, de Fr. João Soares; do *Commento* Tom. VIII. S ta-

tario de *Verborum conjugatione* de M.^o Resende, e de outras mais, que sahirão de seus prelos.

João Alvares algumas vezes poz como divisa a Esfera, com a legenda em baixo: *Spera in Dea, et fac bonitatem*, como vem na edição das Censuras de Gaspar Barreiras de 1561 e mesma usava seu parceiro João Barreira, como no principio do *Memorial dos perdões*, impresso em Lisboa e em outras obras.

Pedro Craesbeeck, outro Impressor de grande nome entre nós, tomava por arinas hum escudo, e hum gyra-sol voltarlo para o Sol, que do alto o attrahia; tendo na orla esta letra = *Trabit sua quemque voluptas* = como se acha entre outras na edição dos Poemas de Antonio Ferreira.

IV.

Do papel das Edições.

Quanto á materia sobre que estamparão os Livros no principio do Seculo XVI, ainda se empregou alguma vez o pergaminho: ainda hoje são testemunhas disto os dois rarissimos exemplares, que existem na Real Bibliotheca de Lisboa da edição do Confessionario de Resende de 1521 por Germão Galharde, e da Chronica do Condestabre D. Nuno Alvares Pereira de 1526 fol. pelo mesmo Galharde, a edição segunda das Ordenações do Senhor Rei D. Manoel de 1514. por João Pedro Bonhomini em pergaminho fino; hum exemplar tambem rarissimo das Ordenações da India pelo Senhor Rei D. Manoel de 1520. que possui a escolhida Bibliotheca do Ill.^{mo} Monsenhor Ferreira; a Epistola Latina do Senhor Rei D. Manoel ao Papa Leão X. *De victoriis nuper in Africa habitis* datada de Lisboa de Outubro de 1513 em pergaminho, de que temos hum exemplar: edição que se deve acrescentar em Barbosa; e o tom. I. da Vida de Christo de Alcobça, que se conserva na Livraria de S. Francisco da Cidade.

O

O papel porém foi mais usado, e o que logo continuou a servir com exclusão quasi total do pergaminho fora dos Livros Coraes, ou Rituaes; porque se bem era de menos consistencia, e duração, era com tudo menos dispendioso para a economia dos trabalhos Typograficos. O papel tendo então muito consumo, começou de se apurar, e tomar huma cor mais branca, no que excedia ao do Seculo antecedente, que era hum pouco haço; mas ficavalle inferior em outras cousas; porque pela maior parte era mal fabricado, e o seu corpo não tinha a consistencia e textura, do que havia no Seculo XV.

APPENDICE I.

Das Privilegios, e honras dos Impressores de Portugal.

RESTA dizer alguma coisa dos Privilegios, e honras dos Impressores naquella Seculo: a Arte Typografica, ou da Impressão havendo sido hum feliz invento, que muito concorreo para facilitar as grandes despesas e incommodos da escriptura manual, e a aquisição das produções litterarias, e promover e propagar os conhecimentos humanos em todo o genero, não podia deixar de merecer as atencões dos povos civilizados, e dos Principes para lhe darem bom recebimento e honra em seus Estados. Assim que foi ella havido entre nós por muito nobre Arte e por mui dignos de distincção e estimacão os seus Obreiros. Bem o mostrou o Senhor Rei D. Manoel, grandioso Protector das Letras, e das Artes; por quanto ainda antes que Luiz XII. de França privilegiassé os Impressores, reconhecendo as muitas vantagens, que delles nos podião vir com tão preciosa Arte: começou de os contemplar e animar neste Reino fazendo-lhes mercê e graça; por que a Jacob Combregé Alemão, é a todós os mais Impressores Christãos concedeo os Privilegios, liberdades, e honras, que havião, e devião haver os Cavalleiros de sua

Casa Real, por elle confirmados, posto que não tivessem armas, nem cavallos segundo as Ordenações; determinando que por taes fossem tidos e havidos em toda a parte, com tanto que possuissem de cabedal duas mil dobras de ouro; e fossem Christãos velhos, sem raça de Mouro, nem de Judeo. (a)

APPENDICE II.

Breve noticia das Cidades, Villas, e Lugares em que tem havido Typografia Portugueza nos Seculos XVII, e XVIII.

AS noticias das Cidades, Villas, e Lugares, em que houve Typografia permanente, ou só portatil, no Seculo XVI. julgamos curioso e util accrescentar em resumo, e como por digressão no fim destas Memorias por ordem alfabetica, as que tocão aos Seculos XVII e XVIII. sobre as terras de Portugal, e defóra, aonde houve estampa de Livros Portuguezes. Além de Lisboa, Evora, Coimbra, Por-

(a) Luiz XII. privilegiou os Impressores, e Livreiros da Universidade de Paris em 1513, v. Diction. de Trevoux tom. III. Col. 910 in fine; e o Senhor Rei D. Manoel já em 1508 os havia contemplado como consta de sua Carta dada na Villa de Santarem a 20 de Fevereiro daquelle anno; a qual existe na Torre do Tombo, donde a requerimento de Miguel Deslandes, Impressor, se tirou hum traslado por mandado do Senhor Rei D. Pedro II., e Sellido com as Armas de seu Sello Real, em Lisboa a 27 de Maio de 1686, o que referem Leitão nas *Memor. Chronol. da Universidade* §. 288. fol. 128, e 119. e Sousa na *Hist. Geneal.* Tom. IV. p. 134. Pode ver-se o Privilegio por inteiro no I Tomo da *Synopsis Chronologica* do erudito escritor José Anastasio de Figueiredo a pag. 164 e 165.

Da nobresa dos Impressores em geral pode consultar-se Otalora, João Garcia; e Tiraquello de *Nobilitate*, e os Autores que escreverão das Leis de Hespanha, nos quaes se trata da Nobreza, e requisitos necessarios para ella, Matheus Tamborini in *Decalogo* lib. IV. cap. III. n. 7. e n. 5. Estevão Torculo L. IV. de *Imperio et Ppilosophia Gallorum*; e Torrecilha tom. II. de Consultas cap. 5 f. 225. Entre nós não padecem duvida na nobreza, os que tem dois Impressores.

Porto, e Braga, que continuarão com seus antigos prelos, figurarão com producções Typográficas os seguintes lugares. (a).

Alenquer.

No Termo de Alenquer entrou hum prelo portatil, que para lá transferio Vicente Alvares, levando-o de Lisboa para a Quinta chamada do Mascote, no qual estampou em 1612 a *Arte Militar* de Luiz Mendes de Vasconcellos, obra já de raridade.

Bemfica.

O Lugar de Bemfica nas abas de Lisboa teve tambem por algum tempo hum prelo portatil, que ali pôs Geraldo da Vinha no Convento dos Religioãos Dominicanos, nelle se estampou a *primira parte da Historia de S. Domingos* de Fr. Luiz de Sousa 1623. 1. vol. fol.

Benavente.

Tambem para Benavente se traspassou hum prelo portatil de Lisboa; qual foi o de Matheus Donato, que ali imprimio a seguinte obra = *Sanctissimi D. N. Papae Pauli V. statuta nuper emisso in confessarios feminas sollicitantes in confessione mota solutae quaestiones aliquot. Auctore Domino Roderico de Cunha Juris Canonici. Candido Doctore. Benavente apud Matheum Donatum Anno Domini 1611.* 1. vol. 4.º (Real Bibliotheca de Lisboa e Livraria de Enxobregas).

Bu-

(a) As edições de Livros Portuguezes em Amesterdão, Hamburgo, Osnaburg, Traugnsbar, ou Tranquebar, e Batavia, e em outros palzes estranhos podem procurar se em nossas Memórias de Litteratura Sagrada dos Judeos Portuguezes dos Seculos XVII, e XVIII, e na outra sobre algumas Traducções, e edições Biblicas nos tom. . . das Memórias de Litteratura Portugueza.

Bucellas.

Bucellas, Lugar nas vizinhanças de Lisboa, hospedou por alguns mezes hum prelo volante, que foi o de Pedro Craesbeeck, Impressor de grande nome; ao qual se imprimio em 1644 a *Arte de Reinar* de Antonio de Carvalho de Parada, Prior da mesma Igreja de Bucellas I. vol. fol.

Cantão.

Em Cantão, terra do Imperio da China, houve tambem Typografia dos nossos: della porém não temos visto outra obra senão a seguinte: *Considerações proventosas para qualquer Obrição viver bem, e alcançar a bemaventurança; por hum Padre da Companhia de Jesus* 1681. 1. vol. 8.^o em papel Chinez (Real Bibliotheca de Lisboa).

Carnota.

Na Carnota houve hum prelo portátil por algum tempo, que mandou ir de Lisboa o Guardião do Convento dos Capuchos, que ali ha, o qual fez imprimir em 1627 por Antonio Alvares o Livro *da obrigação do Frade menor, em que se tratão as condas, que está obrigado a guardar. Author Fr. Damazo da Apresentação filho da Casa de N. Senhora da Mischa, da Província de S. Antonio de Portugal* 1. vol. 8.^o (Livraria de Enxobregas).

Goa.

Ainda no Seculo XVII. contiuguava em Goa hum officina Typografica. Veja-se o que notamos sobre a Typografia no Seculo XVI. no cap. II. v. *Goa*.

Hi.

Hiang Xan.

Em Hiang Xan, ou Hanchen no Imperio da China, em que os Jesuitas tinham huma Casa de Residencia, houve huma officina Typografica na qual se imprimio = o Livro da *Relacion sincera, y verdadeira de la justa defension de las regalias y Privilegios de la Corona de Portugal en la Ciudad de Macdo . . . escrita por el Doctor D. Felix Leal de Castro, en la misma Ciudad a 4 de Febrero de 1712 fol. He impressa em papel Chinez. (Real Bibliotheca de Lisboa).*

Lordello.

No Mosteiro de Lordello na Provincia de Trás os Montes, esteve por algum tempo hum prelo portatil, em que se estampou a obra do Doutor Luiz Corrêa, Abade de Lordello, e Leute da Faculdade de Canones na Universidade de Coimbra, intitulada = *Relectio ad Cap. inter alia de immunitate Ecclesiarum In Monasterio de Lordello per Joannem Radericum. Anno 1626. 4.º* (Real Bibliotheca de Lisboa).

Macdo.

No Seculo XVII. continuou a Typografia de Macdo, de que sahio entre outras a seguinte edição da = *Arte Breve da Lingua Japoa tirada da Arte grande da mesma Lingua. Macdo, no Collegia da Madre de Deos 1624. 1.º vol. 4.º* He obra do Padre João Rodrigues Girão, Jesuita, natural da Villa de Alcochete (Bibliotheca da Real Casa de Nossa Senhora das Necessidades) e he esta huma das obras, que se hão de accrescentar na Bibliotheca Lusitana de Barbosa.

Continuou no Seculo XVIII. a mesma Typografia, e nella se estampou = *Jornada de João Tavares por Vellos*

les Guerreiro em 1718 fol. = *Jornada que Antonio de Albuquerque Coelho, Governador, e Capitão General da Cidade do Nome de Deos de Macdo na China, fez de Goa até chegar d dita Cidade de Macdo* = Não tem nome de Impressor, nem anno de edição; foi porém impressa depois de 1718, como se collige da mesma obra; he em papel Chinez, e em folhas dobradas, segundo o uso das Impressões da China (Real Bibliotheca de Lisboa e a nossa).

Nangazachi.

Em Nangazachi, terra e Cidade Episcopal do Japão, e porto, aonde desembarcavão os Navios Portuguezes, tiveram os Jesuitas no seu Collegio, e Seminario huma officina Typografica: della foi producção entre outras a edição da obra intitulada = *Flosculi de Virtutibus, et vitis ex veteris et novi Testamenti, et Sanctorum Doctorum, et Philosophorum floribus selecti* 1610. l. vol. He composição do Padre Manoel Barreto Jesuita. (a).
Rio de Janeiro.

O trato da Arte Typografica, que havia penetrado na Azia, não teve a mesma entrada no Brazil: só no meio do Seculo XVIII levantou Antonio da Fonseca huma officina na Cidade do Rio de Janeiro, mas foi elle mui curta duração, porque se mandou logo desfazer, e abolir por ordem da Corte. Apenas sabemos que nella se imprimio em 1747 a *Relação da entrada, que fez o Bispo D. Fr. Antonio do Desterro Malheiro*, escrita por Luiz Antonio Rosado da Cunha. 4.^{ta} ed. V. do Instituto, 1825.

(a) Deve corrigir-se o lugar da Bibliotheca Lusitana, em que por descuido do Amanuense, ou do Impressor, se pôz o anno de 1510, por 1610.

Salsete em Rachol.

Ainda no Seculo XVII. permaneceu a Typografia de Rachol, de que são testemunhas duas obras, que aqui pômos de raridade e estimação = *Doutrina Christãa em Lingua Bramana Canarim* pelo Padre Thomas Estevão Jesuita no Collegio de Rachol 1622 8.º (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Arte da Lingua Canarina* do mesmo Author, accrescentada pelo Padre Diogo Ribeiro 1640.

Viana.

Viana do Minho, Villa em outro tempo de grande trato, e grangearia, entre as mais Artes, que chamou a si, convidou tambem a Typografia. Para ali foi Nicoláo de Carvalho, que imprimio em 1619 a *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*, escrita por Fr. Luiz de Souza.

Villa Viçosa.

Villa Viçosa vio tambem hum prelo naquelle Seculo que parece, que ali havião mandado erigir os Serenissimos Duques de Bragança, pelo seu Impressor Manoel de Carvalho. Sabemos de dois Livros que ali se estamparão, quaes forão = *Desmayos de Maio* de Diogo Ferreira de Figueirôa, em 1635. 1. vol. 8.º impresso no Paço Ducal. = *Os Tres tratados de André Antonio de Castro. De Febrium curatione; de simplicium Medicamentorum facultate; e De qualitatibus alimentorum* em 1636. 1. vol. fol.

Lista dos Impressores no Seculo XVII.

Accrescentamos aqui a Lista dos Impressores do Seculo XVII. de que podêmos haver noticia; porque fiquem seus nomes em mais viva memoria, como de Artifices de tão util, e nobre Arte; e se veja ao mesmo tempo o grande nu-

Tom. VIII.

T

me:

mero dos que nella se occuparão naquella idade (a).

Antonio Alvares, que continuou com sua Typografia neste Seculo.

Antonio Craasbeeck,
 Antonio Pedroso Galvão,
 Antonio Pinheiro,
 Antonio Rodrigues de Abreu,
 Bernardo da Costa de Carvalho,
 Diogo Gomes Loureiro,
 Diogo Soares de Bulhões,
 Domingos Carneiro,
 Domingos Lopes Rosa,
 Francisco Villella,
 Fructuoso Lourenço de Basto,
 Gerardo de la Vinha,
 Gonçalo de Basto,
 Henrique Valente de Oliveira,
 João da Costa o Velho,
 João da Costa o Moço,
 João Galvão,
 João Rodrigues,
 Jorge Rodrigues,
 José Antunes,
 José Ferreira,
 Lourenço de Anveres,
 Lourenço Craasbeeck de Mello,
 Luiz Estupinhão, ou Estupinan,
 Manoel de Araujo,
 Manoel de Carvalho,
 Manoel Dias,

Ma-

(a) O curioso escritor Fr. Nicoláo de Oliveira no Livro das Grandezas de Lisboa Trat. IV. Cap. VIII. dos officiaes que nella ha a pag. 96. só numera tres impressores no tempo em que escreveo que foi por 1619, e 1620 em que já devia haver muitos dos que aqui vão apontados.

Manoel Gomes de Carvalho,
 Manoel Lopes Ferreira,
 Manoel Roiz de Almeida,
 Manoel da Silva,
 Mattheus Donato,
 Mattheus Pinheiro,
 Mattheus Ribeiro,
 Mattheus Rodrigues,
 Mathias Rodrigues,
 Miguel Deslandes,
 Miguel Manescal,
 Nicoláo de Carvalho,
 Paulo Craasbeeck,
 Pedro Craasbeeck,
 Pedro Gracia de Paredes,
 Theotonio Damaso Craasbeeck de Mello,
 Theotonio Damaso de Mello,
 Vicente Alvares.

Lista dos Impressores Regios no Seculo XVII.

Forão honrados com titulo de Typografos Regios os seguintes:

Antonio Alvares,
 Antonio Craasbeeck,
 Diogo Gomes Loureiro,
 Henrique Valente de Oliveira,
 João da Costa o Velho,
 João da Costa o Moço,
 Lourenço Craasbeeck,
 Manoel Gomes de Carvalho,
 Miguel Deslandes,
 Nicoláo de Carvalho,
 Theotonio Craasbeeck,
 Theotonio Damaso de Mello.

MEMORIAS HISTORICAS

*Sobre alguns Mathematicos Portuguezes, e Estrangeiros
Domiciliarios em Portugal, ou nas Conquistas.*

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

CAPITULO I.

*Da Natureza dos Estudos das Sciencias Mathematicas,
e da sua utilidade.*

ENTRE as Sciencias Naturaes, que mais podem contribuir para dar vigor e claridade á Razão do Homem, tem por certo o primeiro e mais honroso assento as Mathematicas, sublimes producções da mais exacta Filosofia: ellas se apoião sobre hum pequeno numero de principios evidentes, que não tem ambiguidade nenhuma nos seus termos, isto he, sobre objectos, de que todos temos idéas claras, quaes os numeros, e as dimensões da extensão, em que se demonstra tudo, o que se pretende, não se servindo, senão de axiomas, ou de proposições, que delles immediatamente se deduzem, e se tornão outros tantos principios para o conhecimento das verdades simples.

Não se entenda porém, que seus trabalhos se empregão tão sómente na indagação de *verdades simples*; occupão-se tambem na averiguação de *verdades compostas*, e dependentes entre si humas das outras; ajudando-se em tudo dos *dous Methodos*, já da *Synthese*, ou *Composição*, que fórma o corpo de huma sciencia inteira, já da *Analyse*, ou *Resolução*; que resolve as questões particulares. Assim esta Sciencia conduz o homem, como pela mão, e diri-

dirige com facilidade e firmeza os progressos do seu entendimento na investigação das verdades Fysicas da Natureza; e o que muito importa, em toda a carreira das Artes, e das Sciencias; por quanto ella faz, que pelo habito de se seguir constantemente os seus principios, venha o nosso espirito a adquirir em geral huma grande sagacidade, clareza, exacção, e ordem para toda a averiguação da verdade em qualquer genero, isto he, huma *logica* luminosa, para melhor se poder discernir o verdadeiro e o falso, o bom e o máo, o justo e o injusto.

Pelo que bem se alcança, quanto o estudo da *Mathematica* além de seus objectos proprios e primarios, a que dirige as suas operações, póde servir para facilitar, e aperfeiçoar as mais Sciencias Fysicas, e todas as Artes *Mechanicas*, e *Liberaes*, que dependem dellas; e para ajudar por seus *Methodos* e *Habitos* constantes de discorrer exacta, e ordenadamente, as mesmas Sciencias *Morales*, *Civis*, e *Politicas*, as quaes pela multiplicidade, e complicação mui frequente de seus principios, maximas e dictados; e pela falta geral de *Evidencia Fysica*, necessitão de ser tratadas com a exacção, que sua natureza póde permittir, e com a ordem, distincção e arranjo, que mais possa pôr os seus resultados em clareza, certeza e segurança. Tal foi, e he a natureza destino e influencia das *Mathematicas*.

Conhecerão os Antigos estas vantagens; e *Egyptios Gregos* e *Arabes* cultivarão estes estudos com muito ardor. As nações modernas, mais civilizadas, aproveitando a doutrina, que elles nos tinham deixado, adiantarão maravilhosamente por suas novas observações e meditações os progressos desta Sciencia; e applicarão as suas regras, e os seus *methodos* a todas as Sciencias Fysicas, com o que sobremaneira alargarão a esfera dos conhecimentos humanos.

Portugal foi hum dos Reinos, que amou as *Mathematicas*, e lhes deo as suas attensões, ora mais, ora menos, segundo as diversas condições dos tempos; e muito par-

particularmente as dirigio para o uso da Navegação, por ser o que muito convinha a huma Nação Maritima, e de tão bella posição no Occidente; que tempo houve já, em que foi a primeira Potencia Maritima de toda a Europa, e ainda o podéra ser hoje, se fossemos tão activos, e cuidadosos em conservar nossa Marinha, como o fomos de principio em a crear com tanta gloria.

Do que fizerão, ou escreverão nestas Sciencias alguns nossos, e ainda os estranhos, domiciliarios entre nós, maiormente em relação ás Sciencias Nauticas, fallaremos nesta Memoria, tendo por fim compilar noticias varias e dispersas, que aqui unidas em hum só corpo, possam melhor servir, se for possível, para huma parte da Historia Litteraria destes Reinos: limitando-nos a fallar não de todos os Mathematicos, o que demandaria maior obra, do que huma simples Memoria, mas só de alguns delles; e assim mesmo não de tudo, o que escreverão, ou fizerão, mas só de huma parte de seus feitos, e das obras, que podémos ver, ou de que houvemos maior informação e noticia.

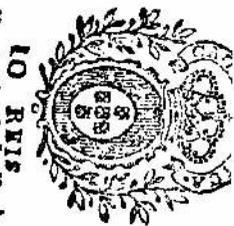
C A P I T U L O II.

Dos Estudos Mathematicos nos primeiros tempos da Monarchia até os fins do Reinado do Senhor D. Affonso IV.

O s primeiros Seculos da nossa Monarchia, mais guerreiros que litterarios, não nos apresentam noticias de estudos Mathematicos entre os nossos. Ainda em tempos do Senhor Rei D. Diniz, tão amator das boas Letras, e fundador das Escolas Geraes, não houve lembrança de as contemplar, como bem merecião, entre as sciencias, que então se mandarão ensinar nas Escolas de Lisboa, e depois na Universidade de Coimbra, para onde forão trasladadas; descuido, que então foi geral em quasi todas as escolas das Nações Europeas, porém mais notavel naquele Principe, a quem o exemplo de seu Avô D. Affonso de

de Castella , que muito amou as Sciencias Mathematicas , e protegeo seus Sabedores , podia ter excitado para lhes dar assento , e domicilio em Portugal , quando não bastassem os exemplos do Imperador Frederico II. , que fez traduzir as Taboas de Ptolomeo no Seculo XII. , e os do Hebreo Hazan , e do Arabe Alboacen , e d'outros , que muito figurarão dentro da mesma Hespanha e no mesmo Seculo.

No Reinado de seu filho o Senhor D. Affonso IV. , he que o estudo das Mathematicas começou de se introduzir neste Reino : consta , que aquelle Principe era muito dado ás especulações desta Sciencia , e particularmente ás de Astronomia ; e que por esta causa não só alguns Nacionaes , mas tambem estrangeiros , assim Mouros , como Judeos , que vivião em Portugal , cuidavão disveladamente desta Sciencia , como coizas , de que tão grande Principe levava contentamento. Comtudo parece , que a maior parte dos cuidados dos estudiosos se encaminhava a Astrologia Judiciaria , como succedia em outras partes ; em que se fazia applicação dos conhecimentos das Esferas , para se formarem conjecturas , e prognosticos sobre os tempos , e as pessoas pela observação do aspecto dos Planetas , e conjunção dos astros predominantés , e influencia das estrellas ; estudo , que muito se propagou nas Hespanhas pelas obras Astrologicas dos Hebreos , e dos Arabes : maiormente de Sohaldá Ben Baschar Ben Hanni , escritor do Seculo oitavo , ou nono , que grande applauso teye em toda a Europa.



C A P I T U L O III.

*De alguns Mathematicos nos Reinados dos Senhores
D. Duarte, e D. Affonso V.*

Os verdadeiros Estudos das Mathematicas não tomá-
rão maior vòo senão no Seculo XV. , e mais do
que se podia esperar da condição daquelles tempos , em
que estas Sciencias se achavão desprezadas, ou esquecidas
em quasi toda a Europa , apenas cultivadas dos Arabes e
dos Hebreos , e mui pouco dos Christãos : verdadeira-
mente no Reinado do Senhor D. Duarte , he que come-
çou de apparecer com dignidade e luzimento a primeira
scena destas Sciencias , que continuou no do Senhor D. Af-
fonso V. A Navegação , que naquelles tempos se dirigia
para as Costas de Africa por causa de nossas guerras e
conquistas , deo occasião a se promoverem os Estudos
Mathematicos , principalmente os da Cosmografia , e As-
tronomia , bases da Sciencia Nautica. O Senhor D. Duar-
te , Rei filosofo , que magoa foi , que não reinasse por
mais tempo , e com melhor ventura , amou muito estas
Sciencias , e lhes deo soccorro , quanto o permittirão os
tristes acontecimentos de seu tempo. Foi mostra de seu
interesse nestes estudos o discurso da observação , que elle
fez , da lua , que com outros sahio impresso no Tom. I.
das Provas da Historia Genealogica da Real Casa Portu-
guezza de D. Antonio Caetano de Sousa de pag. 529. ate
558.

O Senhor D. Affonso V. seu filho não deixou de ter
luzes desta sciencia , como se pôde inferir , sabendo-se ,
que escreveu hum Discurso , em que pretendeo mostrar ,
que a Constellação chamada *Cão Celeste* constava de vin-
te e nove estrellas , e a menor de duas.

Na epoca destes dous Principes parece se erigio a
Cadeira de Mathematica , que houve entre nós : ella já fi-
gura em 1435 na Universidade , que o Senhor D. Fernan-
do ,

do, bisneto do primeiro Instituidor della, havia já antes transferido de Coimbra para Lisboa por 1375 (a).

Então florecerão alguns homens nestas Sciencias, e entre elles figurou o Agostiniano Fr. João Gallo Lente de Mathematica na nova Universidade pelos annos de 1435 (b).

Distinguiu-se com brado de grande nome M.^e Abraham Guedelha ou Gadelha, Hebreo Astronomo, e Cosmografo do Senhor D. Duarte, homem versado na historia das cousas da Geografia de Africa, e muito dado particularmente á Astronomia, mas grandemente afeiçoado á Astrologia Judiciaria: este foi, o que aconselhou aquelle Principe em razão de melhor agoiro, que dilatasse a hora da sua Acclamação (c). O que porém leva todas as nossas attensões nesta epoca he hum de nossos Principes, que, se não foi Monarcha, digno era de o ser, e de presidir a todas as Nações do mundo; Principe Filosofo, que empregou toda a sua vida, e toda a sua Filosofia em fazer bem á sua Patria.

O Infante D. Henrique, filho do Senhor Rei D. João I., e da Senhora D. Filippa, irmã de Henrique IV. de Inglaterra, e Duque de Viseo foi o que primeiro voltou as especulações da Mathematica até alli estereis para a practica, e as fez servir com grande fructo á Marinha, e Navegação destes Reinos. As Mathematicas até então não haviam medrado, como convinha, nem dellas se havia feito applicação aos objectos uteis das Sciencias Fysicas, e das Artes, á que podião servir de illustração, e apoio, principalmente á Cosmografia, e á Nautica, que muito im-

Abraham
Guede-
lha.

O Infan-
te D.
Henri-
que.

Tom. VIII.

V

por-

(a) Acaso foi ella instituição do Infante D. Henrique, que tendo feito em 1431 doação das proprias casas, em que vivia, á Universidade de Lisboa, dotando-a de grandes rendas; e ennobrecendo-a com grandes Mestres, lhe estabeleceria Cadeira de Mathematica, que até alli não tinha, pois que elle amou e aproveitou muito esta Sciencia.

(b) Fr. Antonio da Purificação na Chronica dos Agostinhos P. II. L. VII. Tit. I. §. III. fol. 215. Col. 1. Leitão nas Notic. da Universidade ao anno 1435. §. 744. f. 338 e do anno 1521. §. 996. f. 465.

(c) Rui de Pina na Chronica do Senhor D. Duarte. Cap. II.

portavão a hum Reino maritimo , como o nosso. Faltava pois ainda hum Genio Creador , que as fizesse mudar de face , que lhes desse direcção , e as aproveitasse ; e esta gloria estava reservada para o Infante D. Henrique.

Este Principe , dotado de sabedoria , de zelo , e de constancia verdadeiramente Real , tão famoso nas Artes da paz , como nas da guerra , foi verdadeiramente o que deo azas aos Estudos Mathematicos , para voarem á maior altura , do que até alli tinham subido. Erão estes estudos até alli raros , mais o erão ainda nos Principes ; e elle os cultivou com hum ardor extraordinario , como se não tivesse nascido para outro fim.

Depois que por suas acções militares em Africa illustrou o nome de Principe com o de valeroso Soldado , abrindo novas portas a victorias de nossa gente ; voltou seus magnanimos pensamentos a fazer o mar hum theatro de suas conquistas. Versado nos conhecimentos das Mathematicas , e entendendo bem , de quanto elles podião servir para os progressos da Nautica , concebeo o grandioso projecto do descobrimento de novos mares e Costas de Africa , com que se abrisse caminho para a India , e muito se accrescentasse a grandeza e opulencia da Corôa destes Reinos.

Para este fim começou por buscar noticias por via dos Mouros de Barberia de todas as coisas , que pertencião á Geografia daquelle continente , e suas gentes já convizinhas , já remotas : e procurou haver padrões de Mappas e Cartas , de que muito se ajudasse ; sendo huma dellas , a que trouxera seu irmão o Infante D. Pedro , quando se recolheo a Portugal de suas peregrinações , e viagens ; na qual estava delineada a Costa maritima de Africa com o Cabo da Boa Esperança (a).

A's noticias , que diligentemente procurava , unia a ficção de alguns escritos antigos de Carthaginezes , Gregos , e Romanos ; a que muito se deu , em que achava opiniões e factos , que servião a seu proposito ; e aproveitou

a

(a) Veja-se a Nota A no fim desta Memoria.

a leitura das viagens modernas de Marco Polo, e de outros, que muito o excitavão (*a*); e de todos estes conhecimentos, e das combinações e induções, que delles tirava, veio a perceber a redondeza do Orbe, a unidade e immensidade do Oceano, e a junção, ou livre communição do Mar Atlantico com o Mar Indico; e por conseguinte a possibilidade da circumnavegação de Africa, e dos descobrimentos maritimos de suas terras.

Demovido destas altas idéas, deixou a Côrte, e foi assentar a sua residencia no Reino do Algarve no lugar de Sagres junto do Promontorio Sacro, ou Cabo de São Vicente á vista do Oceano Atlantico, dispertador continuo do seu espirito, que o animava a pôr em pratica os seus projectos. Alli erigio hum observatorio Astronomico, o primeiro, que tivemos: chamou a si muitos homens sabios, Capitães animosos, Pilotos experimentados, e Mestres da Navegação, convidando-lhe sua fama estrangeiros illustres de quasi todas as Nações da Europa, que vierão offerecer-se em seu serviço: fez com elles o seu Paço huma escola de estudos e applicações Mathematicas, e hum Seminario de Geografos, de Astronomos, e de Nauticos, que davão luz aquelles tempos: adiantou alguns dos instrumentos Nauticos: inventou, ou pelo menos aperfeçoou o Astrolabio para se achar por elle a altura dos astros, e o Nocturlabio, para se saber, quanto a estrella do Norte estava mais alta, ou mais baixa que o Polo, e que hora era da noite: e fez applicar efficazmente o uso da Bussola ás navegações do Oceano (*b*).

Providos destes auxilios e soccorros, e com sabias instrucções e regimentos enviou seus Argonautas a tentar novos mares e a commetter e traspassar o temeroso Cabo Bojador, que por lançar e bojar muitas legoas para a Loeste,

V ii.

a

(*a*) Veja-se a Nota B no fim desta Memoria.

(*b*) Fallamos tambem disto em outra Memoria, que temos prompta sobre a Novidade e Resultados da Navegação Portugueza no Seculo XV.

entrando pelo Oceano dentro, e pelos medonhos baixos e restingas, pelo novo movimento das aguas, e pelas empolas e fervedouro das ondas, era a todos pavor e medo, como padraсто allí posto pela Natureza, para fechar aquelles mares incognitos, e vedar a passagem a todos os navegantes da Europa.

Quebrado este encanto formidavel, proseguio então com novo ardor nos mais descobrimentos para o Sul, pelas Costas da Numidia e Nigricia e por toda a de Guiné até a Serra Leoa, em que ella acaba 15 grãos da linha equinocial; no que avançou muito mais longe, do que foi em nosso conceito, a viagem e descobrimento do Almirante Carthaginez Hannon, tão celebrado na antiga Historia (a).

Nesta empreza, que tão bem lhe succedeo em muita honra da Nação e grande accrescentamento desta Corôa, com não ser Rei, nem ter filhos, trabalhou pelo largo espaço de 40 annos; em que teve de fazer immensas despesas, combater opiniões, que contrariavão os seus desígnios, e sobremontar com incrível perseverança preoccupações, que se oppunhão fortemente aos seus projectos.

Elles parecerão aos espiritos fracos de seu seculo teme-

(a) Florião d'Ocampo, Bochart, João Alberto Fabricio, Campomanes, Bougainville e outros não concertão entre si em demarcar o termo da viagem de Hannon: huns a levão até a Serra Leoa, ou até o Cabo de Santa Anna no Golfo da Guiné; outros ao Cabo das Palmas, ao Cabo das Tres Pontas, ou ao Cabo Lopo, e ainda até o Seio Arabico, ou Golfo no Mar Roxo. Nós contudo, bem combinado o Periplo, que escreveu o mesmo Almirante Carthaginez, persuadimo-nos, que a sua navegação não passou do Cabo de Nam; terminando por consequente, aonde depois começou a expedição do nosso Infante: no que havendo ascutado em tempos passados, hoje mais nos confirmamos, depois que vimos ser esta a opinião do douto e moderno Gosselin, que largamente a comprova na sua Obra da Geografia dos Antigos. Disto fallamos em hũa Opusculo particular, ou Memoria em que pomos a Traducção e Illustração do Periplo para cotejo da sua expedição com a do Infante, que já apresentámos á Academia.

merarios, e dispendiosos, e até inúteis; mas o Infante era Filosofo, e empregava toda a sua Filosofia em fazer bem aos homens; havendo tomado por sua honradissima divisa a letra *Talent de bien faire*, tenção, ou vontade de bem fazer; e com esta vista levou avante a sua empreza sem embargo de todos os estorvos, que lhe oppozerão: que só os grandes homens podem formar vastos projectos, posto que para chegar a executalos tenham sempre, ou de vencer a imbecillidade do vulgo, ou de combater os falsos raciocinios dos máos Politicos.

A mais ainda se adiantarião as suas expedições, se não fosse anticipado com a morte (que para Varão tão sublime viria sempre cedo, por mais tarde que viesse) acabando seus uteis dias no mesmo lugar, donde seu espirito talhára as emprezas maritimas, com a gloria immortal de ter sido o primeiro dos Mathematicos, que procurou submeter a navegação a principios e regras; de deixar descoberto 370 legoas de Costa maritima, e terras de varia gente e producções, de que então a Europa não sabia: e de preparar pela luz de seus methodos, e operações fantásticas sobre o mar a passagem famosa para as Indias Orientaes e Occidentaes, que depois d'elle se descobrirão; e de se tornar finalmente o primeiro fundador da nova grandeza de nosso Imperio, e da riqueza da Corôa de nossos Reis (a).

O Genio da Navegação deveria elevar á gloria deste Principe hum sublime monumento público, e offerecer á sua Estatua hum Astrolabio e huma Bussola, formando-lhe o pedestal hum Globo com a sua divisa *Talent de bien faire*; ao que satisfez em parte a que o Senhor Rei D. Manoel mandou levantar no frontispicio do Templo de Belém, a unica que teve, que talvez accusa mais o esquecimento dos outros Reis, que recommenda a gratidão deste Monarca. Tal foi pois, pelo dizer com as palavras de Pero de Andrade Caminha,

Aquel-

(a) Veja-se a Nota C no fim desta Memoria.

*Aquelle alto Infante, de quem escrita
 Mil maravilhas acbo, a quem se deve
 Hum alto Canto, hum raro e grave escrito;
 Em quem principio teve delle dino
 Nossa Navegação, que o mundo espanta,
 Que tantos annos escondida esteve.*

(Epist. II. ao Senhor D. Duarte pag. 30.)



Verdadeiramente era materia, que devia disvelar muitos engenhos, para a tratarem na linguagem das Musas; mas não houve entre nós Lyra, a cujo som harmonioso se entoasse em largo Canto todo o seu elogio, e sublimasse por cima das estrellas o seu nome, amado entre os nossos, invejado entre os estranhos. O claro Cantor dos Lusíadas, que tinha occasião muito opportuna de fallar delle, e de fazer de seus descobrimentos hum necessario e indispensavel episodio, mais ligado com a acção do seu Poema, que o que fez do desafio dos doze de Inglaterra, contentou-se de o nomear simplesmente, e de passagem em poucos versos, o que bem podéra ser objecto de hum Poema. Nós em satisfação da divida, em que lhe estamos, pretendemos em outro tempo bosquejar-lhe ao menos em hum pequena Canção o seu louvor, não tendo forças para tentar maior poema: aqui a poremos como em somma do muito que quizera-mos dizer, para rematar com mais alguma variedade de estylo tão formoso artigo da nossa Historia.

Pois que o grande Cantor do excelso Gama,
 De ti devendo urdir a rica teia
 Da Lusa gloria na carreira undosa,
 Te deo louvor escasso,

Eu, que sou menos que elle, mór ainda
 Serei só por cantar teu nome illustre;
 O' Claro Henrique, ó resplendor de Lysia:
 Ouve tu lá do Olympo,

Don-

Donde refulges nova estrella aos mautas,
 Este Carme por ti soberbo: ainda
 Virá Cantor maior, de ti só digno,
 Que em largo metro altivo,

A ti sómente consagrado, leve
 Desde as ondas do Téjo ao mar da Aurora
 Teu esp'rito, em accões sublimes grande,
 Sabio, constante, invicto.

Era o mundo, que a Europa conhecia,
 Pequeno espaço ao generoso peito:
 Sóta as azas do genio, longe voa,
 Presente haver mais mundos.

Tu, o' Tercenabál, o viste hum día
 C'o sagaz instrumento, que inventára,
 Desde a torre, que alçou aos Ceos vizinhos,
 Medir a Esfera, e os astros.

D'ali quantos segredos proveitosos,
 Desde a origem do mundo recatados,
 Descobrio aos mortaes? quantos arcanos
 Da Celeste Uranía?

C'o a vasta idéa, que a natura abrange
 Do orbe inteiro, talha a empreza augusta
 De abrir novos Limites do Universo
 Em treva escura envoltos.

Seu immortal compasso a róta marca,
 Que hade correr a cortadora proa;
 A Bussola polar outra energia
 Adquire, e o curso rege.



Da sabia mão novo Astrolabio, novo
 Demonstrador nocturno á luz da Estrella,
 Novo Tridente, que subjugue os mares,
 Ræcebe o Luso Nauta.

Eis accendes, Henrique, a facha ardente,
 Claro farol de Sagres, que allumia
 Esse esquadrão de Heroes, que se abalança
 A undivagos caminhos

Nunca abertos té então: que entre os horrores
 Da solidão das ondas, das procellas,
 Sem medo rasga pelagos immensos,
 Varias nações descobre.

Sem ti inda hoje Europa não soubera
 Os novos Ceos e mares, novos climas,
 Novas Gentes de vario gesto e lingua,
 Que outro Hemisferio parte.

Assim do alto Lycêo da illustre Sagres
 A Marinha Sciencia nasce ao Orbe,
 E a esfera alarga ás nauticas derrotas
 O novo Deos dos mares.

D'ali, d'ali raiarão novas luzes,
 Brillhantes mais, que o lume das Estrellas,
 Que guiarão depois á novos mundos
 Colom, e o invicto Gama.

CAPITULO IV.

*De alguns Mathematicos no Reinado do Senhor
D. João II.*

O Reinado do Senhor D. João II. não foi menos glorioso para as Sciencias Mathematicas , que os dous antecedentes , maiormente para a Navegação. Este Principe acceso em desejos de adiantar os descobrimentos de seu Tio o Infante D. Henrique , tentou descobrir o novo caminho , que ainda restava para a India , e que já começava de apparecer mais possivel aos nossos ousados navegantes , desde que arrostarão os mares muito avante do temeroso Cabo do Bojador. Elle tinha em vista por este descobrimento chamar todo o Commercio de levante a Portugal , como a geral Emporio de toda a Europa.

Para isto promoveo muito os estudos da Cosmografia , e da Astronomia , fundamentos de toda a Navegação ; e tanto amou estes estudos , que parece os quiz vincular e deixar em herança ao Senhor D. Manoel , que havia ser seu Successor. Este Principe não tinha tomado divisa , segundo o costume dos Principes , e ElRei lhe deo huma , que era a figura da Esfera , por que os Mathematicos representão a fórma de toda a maquina do Ceo , e terra ; cousa por certo de espantar , porque por ella demonstrava ao mesmo tempo a entrega e cessão , que lhe já fazia da empreza do descobrimento da India , para elle a proseguir por sua morte ; como querendo , que assim como elle havia de ser seu herdeiro na Corôa , assim o fosse na acção da Conquista e dominios de Africa , e Asia.

Em verdade a Navegação protegida por elle com todo o ardor de seu animo Real , e dirigida pelas luzes das Mathematicas , deo então grandes passos : elle fez de novo aperfeiçoar a Bussola , formar Cartas Maritimas que guiassem as rôtas , e descobrir maneira , para que a Navegação , que até alli se fazia pelo longo da Costa , cozi-

Tom. VIII.

X

da

da com a terra , levando-a sempre , como rumo , de que havia noticias por sinaes , de que se formavão roteiros , sepodesse já fazer pela altura do Sol , engolfando-se no mais alto , e largo do Oceano.

Este invento commetteo elle a tres Mathematicos de grande nome , dos quaes logo faremos particular memoria. Estes depois de varias considerações e especulações Mathematicas , em que muito trabalharão , vierão a achar as taboadas da Declinação do Sol , o que foi invenção admiravel e proveitosa , que muito animou os nossos , e abriu mais o caminho do Descobrimento da India , em que por isso lhe está em grande divida Portugal , e toda a Europa.



Assim pois mandou o Principe proseguir as viagens , que o Infante já havia adiantado , e descobrio por suas frotas o Reino de Congo. A maior difficuldade estava no achar do Cabo da Boa Esperança , e passalo ; e isto foi o que com grande trabalho , e despeza da sua Real Fazenda se fez em seu tempo ; porque navegando então com incivil ousadia chegarão os nossos ao Ilheo de Cruz , onde pozerão hum padrão ; e reconhecerão o Cabo situado na extremidade de Africa Meridional , que chamarão *Cabo de Tormenta* , ou *Tormentorio* , e depois da *Boa Esperança* pela muita que dava , de se assegurar pela volta delle a passagem , que se pertendia abrir para as Indias Orientaes. Animados com este pasmoso descobrimento correrão mais além do Cabo pela Costa , até chegarem quasi aos limites de Çofala , e Moçambique. Deste Principe cantou com razão Gabriel Pereira na Ulyssea :

*Logo João Segunda bellicoso
Fará escura toda a fama albêa ,
Vendo levar seu nome glorioso
Te onde o ardente Sol ferve na arêa ,
Descobrinô o grão Cabo.*

(Canto IV. Est. 101.)

Façamos honrosa memoria de alguns dos illustres Mathematicos desta Epoca. Distinguiu-se entre elles com grandes creditos de seu nome o Licenciado Calçadilha, Bispo que foi de Viseo, a quem a Antiga Historia apregoa-va por muito sabio, e mui particularmente por grande Cosmografo. Debaixo de seus olhos se fez em casa de Pero de Alcaçova a Carta, ou Mappamundo, que leváráo os nossos viajantes Pero da Covilhã, e Affonso de Paiva natural de Castello Branco, quando o Senhor D. João II. os mandou a descobrir as terras do Preste João da India (a).

O Bispo
Calçadilha.

Merecem entrar na classe dos grandes Mathematicos daquelle tempo os tres Hebreos M.^e Moyses, M.^e José Medico do Senhor Rei D. João II., e M.^e Rodrigo tambem Fysico do mesmo Principe (b): os dois ultimos trabalháráo na invenção das Taboas da Declinação do Sol, de que acima fallamos (c), e forão tambem presentes ao fazer a Carta, ou Mappamundo para a viagem de Pero da Covilhã, e Affonso de Paiva (d).

M.^e Moyses,
M.^e José, e
M.^e Rodrigo.

Figurou muito nesta Epoca D. Diogo Ortiz, Castellano, pio e douto Bispo de Ceuta, que grande reputação gran-geou por sua muita Litteratura, e conhecimentos nas Mathematicas, principalmente na Cosmografia, a quem o Senhor Rei D. João II. costumava tratar e consultar. Este foi hum daquelles, que lhe aconselharão a tentativa da Navegação da India, e hum dos que depois examinarão o plano de Christovão Colom quando este o apresentou áquelle Principe para o descobrimento do Novo Mundo (e).



X ii

Com

(a) Isto lhe fez tanta honra, quão pouca o ter sido hum dos que se opposerão á proposta de Christovão Colom nesta Corte, para a empreza do descobrimento do Novo Mundo. Delle falla entre os nossos Francisco Alvares no Preste João das Indias; e entre os estranhos Witfliet na Obra intitulada *Descriptionis Ptolomaicæ augmenta* pag. 30.

(b) Diz-se morador em Lisboa ás Pedras Negras.

(c) Barros Dec. I. Liv. IV. Cap. II. fol. 64.

(d) Mariz. Dial. IV. Cap. X. pag. 315.

(e) Elle o reprovou tambem com o Licenciado Calçadilha, ou fosse por opiniões erradas, em que estava, ou fosse por systema, pois

Martim
de Be-
haim.

Com este pôde ajuntar-se outro grande Mathematico, que entre nós viveo, e nos foi util e proveitoso para o uso da Navegação, qual foi o Alemão Martim Behaim, ou de Boemia, que variamente se escreve. Era elle de huma nobre familia de Noremburg (*a*), homem, de quem pouco disserão os nossos, e por quem se não deve passar sem maior commemoração de sua pessoa e nome.

Foi este discipulo do famoso Mathematico João de Monte Regio, Professor de Astronomia (*b*), e applicou-se com mui particular cuidado á Cosmografia, e á Nautica. Elle veio ao serviço de Portugal, e foi bem recebido dos Senhores Reis D. Affonso V., e D. João II. pela nobreza de sua pessoa, e por attensões á sua Profissão, e pratica. Este ultimo Principe lhe deo as honras de seu Escudeiro a 18 de Fevereiro de 1485, e delle se aproveitou para os progressos da Navegação Portugueza.

Delle dizem os seus, que foi o primeiro que applicou a invenção da Bussola ao grande uso da Navegação, o que bastaria para dar immortalidade a seu nome, e muita honra á Alemanha sua patria (*c*): sobre este louvor ainda lhe dão outro, que, a lhe ser devido, elle só o podéra consagrar, e ennobrecer em todas as idades; por quanto lhe attribuem a primeira idéa do descobrimento da America, e até a gloria de ter achado huma parte della, a saber o Brazil, e o Estreito, que depois se chamou *Magellanico* (*d*).

Com effeito conta-se, que elle contrahio amizade com

o

que havia antes aconselhado a Navegação para a India Oriental por caminho contrario ao de Colom, o que justamente se lhe não louvou, por nos privar da gloria e utilidade do descobrimento e acquisições, que então poderamos fazer.

(*a*) *Veja-se a Nota D no fim desta Memoria.*

(*b*) João Pedro Maffei na Historia Indica Liv. I. juntamente com os nossos o fazem Discipulo deste grande Mathematico.

(*c*) O Senhor Rei D. João II. fez applicar de novo a Bussola ao uso da Navegação, como acima dissemos, e o fez por direcção deste sabio Mathematico e de outros, que com elle concorrêrão.

(*d*) Dizem que obtivera em 1460 de D. Isabel Duqueza, e Regen

o nosso Fernando de Magalhães (a), e lhe dera hum Globo terrestre, em que havia traçado a róta, que suppunha, se podia seguir, para se demandarem pelo Occidente as Indias Orientaes (b). Acrescenta-se, que em huma Carta Maritima desenhada por sua mão, que o mesmo Magalhães tinha visto no Gabinete do Senhor Rei D. João II., demarcára distinctamente o mesmo Estreito, da qual affirmão, que Magalhães se servio para a Navegação, que fez áquellas partes, e a que deo seu nome (c). Dizem tambem, que elle fora grande amigo de Christovão Colom (d), e que este igualmente se aproveitára de outra Carta, que d'elle achara na Ilha da Madeira (e). O que parece certo he que elle foi o que descobrio a Ilha do Faial, chamada assim pelas muitas faias, de que abundava (f) ou pelo menos hum de seus primeiros povoadores (g)

Foi

te de Borgonha, mulher do Duque Philippe II. por sobrenome o Pio, que lhe mandase apparelhar hum navio para ir ao descobrimento da America. A elle attribuem os Alemães o 1.º projecto desta empreza, e a sua execução como são entre outros João Frederico Stuenio em huma Dissertação: *De vero navi orbis inventore*, Mr. Vangeinsoil fundado nos Documentos dos Archivos de Noremberg, Mr. Doppolmayer na Relação citada e Otto na Memoria acerca do verdadeiro descobridor da America, que apresentou na Sociedade de Filadelfia, e vem inserta no Tom II. n. 35. pag. 263. das Transacções Filosoficas.

(a) Moreri. (b) Gomera Hist. Cap. 19. (c) Doppolmayer.

(d) Herrera Dec. I. Liv. I. Cap. II.

(e) João Baptista Riccioli, e Moreri.

(f) Consta de hum pergaminho em antigo Alemão do Archivo da Familia de Martim, que traz Bielfeld na obra dos Progressos dos Alemães nas Artes, e nas Sciencias. Doppolmayer diz d'elle, que povoando-se esta Ilha recebeu ordem del-Rei (o Senhor D. Affonso V.) em 1466 para ir estabelecer-se nella; que lá passou huma grande parte de sua vida; e que dali vindo depois a Lisboa falleceo a 29 de Julho de 1500, tres mezes antes de Colom. Moreri accrescenta, que deixou hum filho de seu mesmo nome, que teve de D. Joanna de Macedo, filha do Almirante de Portugal, ou antes, como outros dizem, de hum Capitão Jorge de Ultra, fidalgo Flamengo, e Senhor de terras em Flandres, primeiro Donatario da Ilha do Faial, e de sua mulher D. Brites de Macedo, Dama do Paço.

(g) O P. Cordeiro na Historia Insulana.

Foi delle hum globo de 20 polegadas de diametro, feito em 1492 em que desenhara toda a terra, segundo o systema de Ptolomeo, ajuntando-lhe os novos descobrimentos, que fizera (a), globo, que ainda conservava a familia de Behaim em tempo de Doppolmayer, que o reduzio, a hum Mappamundo, e o mandou gravar no fim de seu livro; acaso o fez nos tempos, em que foi doFaial a sua patria (b).

A este, como aos M.^{es} José, e Rodrigo Hebreos acima nomeados foi encommendada a empreza de descobrir maneira, para que a Navegação, que até alli se fazia ao longo da Costa, se podesse fazer pela altura do Sol, e no largo mar, de que já fallamos; e com effeito elle teve parte nas considerações, e especulações Mathematicas, que a acharão, e por que se fizerão as taboadas da declinação do Sol (c).

Floreceo tambem por estes tempos hum Rabi, chamado Abraham, que por sua Sciencia Mathematica teve o dictado de Astrologo (d).

Parece tocar a este seculo Diogo Rodrigues Çacuto: conta-se que fora Astronomo de reputação, e compozera humas Taboas Astronomicas (e).

Me-

Abraham.

Diogo Rodrigues Çacuto.

(a) O que prova Otto com Documentos extrahidos do Archivo de Noremberg.

(b) Doppolmayer na Relação Historica dos Mathematicos, e Artistas de Noremberg.

(c) Barros Dec. I. Liv. IV. fol. 64. Mariz Dial. IV. Cap. 10. pag. 315. Veja-se a Historia Diplomatica de Martim Behaim por Christovão Gotlieb Murr traduzida do Alemão por Christovão Cladera: *Investigaciones Historicas* Madrid 1748.

(d) Nos Documentos, que vimos, não tem mais que o simples nome de Abraham. He chamado *Estrolico*, isto he, Astrologo no Alvará original do Senhor Rei D. João II., por que lhe mandou dar dez espadins de ouro; feito em Torres Vedras a 9 de Junho de 1493. (Torre do Tombo Corp. Chron. Part. I. Maç. II. Doc. XVIII.)

(e) Porque tem occorrido duvida sobre a existencia deste Author, e suas Taboas, reservamos para o fim desta Memoria fallar mais por extenso desta materia. *Veja-se a Nota E.*

CAPITULO V.

De alguns Mathematicos no Reinado do Senhor D. Manoel.

N o Reinado do Senhor D. Manoel Principe de grã ventura , que tão glorioso foi a Portugal , não se abriu mão dos estudos Mathematicos , antes se cuidou muito de os promover. Continuando este Monarcha no sublime projecto dos seus illustres Antecessores para o descobrimento da India , e querendo bem realizar o prognostico da divisa da Esfera , que o Senhor Rei D. João II. lhe havia dado , entendo , de quanta conveniencia erão para este fim os Cosmografos , Astronomos e Nauticos , que com seus estudos e practica podessem presidir a esta grande obra ; e por esta causa cuidou muito em fomentar os progressos das Mathematicas , maiormente os de Cosmografia , da Astronomia e da Nautica.

E quanto ás duas primeiras , que erão as bases da Sciencia da Navegação , tanto as amou e promoveo , que com muita honra e merce recebia e agazalhava a todos os que se davão a taes estudos ; e da Astronomia creou na Universidade de Lisboa huma Cadeira particular para suas Lições ; donde muito se espalhou por todo o Reino a luz desta Sciencia , que certo allumiou e abriu caminho aos grandes homens , que depois brilharão no Reinado seguinte.

Não deixaremos comtudo de confessar , que a Astro- Astrologia Judicialia. logia Judicialia , que pretendia prognosticar o futuro pelos sinaes e conjunções dos astros , reinava imperiosamente naquelles tempos , occupando os talentos de muitos , que bem se houverão de empregar nos cuidados da verdadeira Astronomia : o mesmo Rei foi dado a ella em tanto , que no partir das náos para a India , ou no tempo , que se esperavão , mandava tirar juizo por hum afamado Astrologo Portuguez Diogo Mendes Vizinho , de quem adian-

adiante fallaremos ; e depois deste fallecer , por Thomaz de Torres , seu Fysico , homem mui acreditado assim na Astrologia , como em outras Sciencias , de quem igualmente faremos adiante memoria (*a*).

Tão valida andava então a Astrologia por toda a parte , que chegou o seu estudo a ser galhardia entre os Letrados ; que deo occasião ás galantarias do Comico Gil Vicente , que , qual outro Aristofanes escarnecedor , motejou dos Astronomos no Liv. I. das suas obras de Devação , postoque confundio a Astronomia verdadeira com a Astronomia Judiciaria.

E porque estronomia
 Anda agora mui maneira ,
 Mal sabida e lisongeira ;
 Eu á honra deste dia
 Muitos presumem saber ,
 As operações dos Ceos ,
 E que morte hão de morrer :
 E cada hum sabe , o que monta
 Nas estrellas , que olhou ,
 E ao moço , que mandou ,
 Não lhe sabe tomar conta
 D'um vintem que lhe entregou (*b*).

Contra esta especie de Astrologia declamou com grande zelo o pio , e douto Fr. Antonio de Beja da Ordem de S. Jeronymo , refutando os prognosticos e juizos de alguns Astrologos , que havião annunciado hum grande diluvio na terra no mez de Fevereiro de 1524 , e com isso consternado a todo o povo de Lisboa.

Nautica. Quanto á Nautica , levou este Principe muito longe as nossas Navegações como herdeiro universal de toda a ma-

(*a*) Accrescenta Damião de Goes , que postoque dêsse credito á Astrologia , nunca o dava a agouros , mas antes fôra mui imigo delles , e lhe pesava de saber , que era alguem dado a isso. IV. Part. Cap. 84.

(*a*) Pag. 36, vers.

maquina e pezo dellas ; não contente do que já era descoberto ; mas antes muito desejoso de passar adiante , logo no comêço do seu Reinado cuidou de abrir caminho para as Indias Orientaes pelo Cabo da Boa Esperança , como huma das coisas , que elle mais tinha nos olhos , e de que se mais queria honrar : e a este fim tendo em Monte Mór o Novo sobre isso Conselho (sem embargo que alguns forão de opinião , que se não proseguisse mais nestas viagens) seguiu constantemente o voto daquelles , a quem isto pareceo ao contrario , e em Julho de 1491 fez partir a famosa esquadra dos Argonautas Portuguezes , Capitão D. Vasco da Gama , natural da Villa de Sines.

Esta armada heroica , animada pelos estímulos da honra de seu Rei , e de sua Patria , depois de ter corrido a Costa Occidental da Africa , já descoberta , chegou a dobrar o temeroso Cabo da Boa Esperança , descobriu a Costa Oriental do mesmo Continente : passando o Cabo das Correntes , e a grande Ilha de S. Lourenço , entrou no Rio dos Bons Sinaes ; chegou a Moçambique ; correo a Costa de Melinde : atravessou o Mar Indico pelas portas do Estreito do Mar Roxo ; abordou no Indostan , ancorando no porto famoso de Calecut o mais rico emporio do Oriente.

Assim rematou este Rei venturoso a maior empreza marítima , que até então fizerão os nossos ; que espantou a toda a Europa , e cubrio de gloria a Portugal : Navegação foi esta verdadeiramente maravilhosa , e toda filha das Mathematicas , não emprehendida ao aqerto e á fortuna , mas sabiamente calculada sobre profundas combinações e altissimas conjecturas ; guiada pelos principios da Cosmografia e Geografia , apoiada da Nautica ; tallhada sobre hum plano luminoso constante e regular ; e dirigida por novos instrumentos e applicação das regras da Astro-nomia e Geometria ; sendo tudo isto por conseguinte effeitos dos conhecimentos , que entre nós espalhárão as Sciencias Mathematicas , suscitadas nos tempos do immortal

Infante D. Henrique, e constantemente cultivadas nos do Senhores Reis D. João II., e D. Manoel, gloriosos Successores do grande espirito e empreza daquelle Principe (a).

Por certo podemos sem duvida alguma asseverar, que tamanha Navegação ou foi nova, e feita, pelo dizer com o Poeta:

Por mares nunca dantes navegados,
ou pelo menos em si tal, que commettida depois de tantos seculos de inteiro desuso, e esquecimento das antigas Navegações, se algumas houve, como esta, veio a ser nova e original, como se nunca antes houvesse sido praticada (b).

Se esta Navegação porém foi maravilhosa pelo espirito sublime de grandeza actividade e perseverança, que lhe presidio, e pela sabedoria, e felicidade, com que foi projectada e executada debaixo dos auspicios dos Estudos Mathematicos; não o foi menos pela sua influencia em Portugal, e na ordem politica e scientifica de toda a Europa; por quanto, quebrando nós por nossa Navegação as barreiras, que parecião oppostas, pela Natureza entre os dous Hemisferios; e descobrindo novos mares e Costas e terras e gentes e producções daquella vasta porção do globo, até então a nós cerradas e desconhecidas; e alargando assim os limites e balizas do Universo, viemos por ella a unir entre si dous mundos, e a

avi-



(a) Já notou isto o sabio Mathematico Pero Nunes no seu raro Tratado da Defensam da Arte de Marear na 1.^a fol. vers. ora manifesto he (diz elle) que estes descobrimentos de Costas ilhas e terras firmes não se fizeram indo a acertar, mas partiam os nossos mareantes muy ensinados e providos de estramentos, e regras de astrologia, e geometria, que são as cousas, de que os Cosmografos ham d'andar apercebidos segundo diz Ptolomeo no 1.^o livro da sua Geografia, e levavam cartas muy particularmente rumadas.

(b) Fallamos disto na Memoria sobre a novidade e resultados da Navegação Portugueza: assumpto acerca do qual se pôde ler com particular satisfação a sabia e erudita Memoria de nosso Socio o Senhor Francisco de Borja Garção Stockler sobre a Originalidade dos Descobrimientos Maritimos dos Portuguezes no Tom. 1. de suas Obras pag. 343. e seg.

avizinhar as Nações da Europa a outras Nações remotas, por tantos seculos separadas da communicação do nosso continente.

Por ella facilitamos a nós e a todos os Europeos o trato de reciprocos interesses com os povos Africanos e Asiaticos : por ella fizemos mudar o curso do Commercio dos preciosos generos e especiarías da India , estancando o monopolio e Senhorio do Commercio de Levante , que tinham feito e com que tanto se enriqueciáo os Venesianos e Genovezes ; e o que mais era , as Nações Turcas e Arabescas , com enorme desigualdade na balança mercantil ; trazendo nos em direitura ao Téjo as riquezas do Indo ; e convertendo a Capital deste Reino em huma nova Alexandria e emporio , ou feira universal de todo o Occidente.

Por ella consequentemente abatemos a potencia dos Soldões do Egypto , e as forças da Corôa da Casa Otomana , sangrados e diminuidos os grossos mananciaes de seus rendimentos e opulencia : salvando a imminente e temerosa invasão e servidão , de que toda a Europa Christã se achava altamente ameaçada ; e abrimos ao mesmo tempo caminho para estendermos nosso Imperio no Oriente ; tornando assim o nosso Reino mais opulento em fama e mais rico em seus dominios. Com ella despertamos a nobre emulação das Potencias Estranhas para as emprezas maritimas ; e estabelecimentos Coloniaes , e demos occasião ao mesmo descobrimento do Novo Mundo.

E quanto não concorremos com esta mesma Navegação para os adiantamentos scientificos , que desde então se fizerão ? Nós demos á Europa notaveis conhecimentos do globo habitavel , que não tinha , nem tiverão antigos Gregos e Romanos : tiramos muitas ignorancias e erros em materias Scientificas : illustramos a Cosmografia , a Geografia , e a Corografia , e reformamos muitas noticias falsas e erroneas dos antigos , incautamente adoptadas dos modernos até á epoca dos nossos descobrimentos. Explicamos muitos fenomenos portentosos : apresentamos aos Astronomos novas estrellas e Ceos : patenteamos



mos aos Filósofos pelos descobertos de Africa e Asia espaçosos campos da Natureza , para enriquecer a sua Historia , e todas as Artes e Sciencias Fysicas , que della dependião : abrimos sobre tudo nova esfera ás Sciencias Nauticas , que fizemos mudar de semblante , adiantando a Architectura Naval , acertando os calculos e as alturas , formando Cartas mais bem rumadas que as dos antigos , e aperfeiçoando os methodos , e os instrumentos da Navegação , e todos os conhecimentos do mar (*a*).

Fernando de Magalhães.

Florecerão neste Reinado alguns bons Mathematicos , huns nossos , outros estrangeiros , estantes nestes Reinos : de huns e outros faremos agora memoria. Hum delles foi o grande homem , de quem sempre se fallará com muito espanto em Portugal , e em todo o mundo , o Portuguez Fernando de Magalhães , Cavalheiro de qualidade e valor ; e de tanto espirito , e experiencia na Arte de navegar , quanto tinha na da guerra , como mostrou na Conquista de Malaca pelo grande Albuquerque em 1510 (*b*). Desattendido pelo Senhor Rei D. Manoel na supplica , que lhe fizera para accrescentamento da moradia por seus serviços na Asia , e na Africa ; mercê tão proporcionada á qualidade de sua pessoa , como inferior ao seu merecimento ; descontente da Côrte se ausentou da Patria , para ir dar a Castella a immensa utilidade e gloria , que poderia ficar em nossa casa , e lá se desnaturalizou solemnemente ; e buscando ao Imperador Carlos V. lhe prometteo o descobrimento de hum novo caminho para as Ilhas Malucas , de cuja navegação , e conquista receberião os Hespanhoes opulenta riqueza , e grande nome e poderio.

Em verdade elle formou o maior projecto , que homem algum imaginou ; e foi este de buscar huma róta para as Indias Orientaes navegando pelo Poente , ou Sudueste:

Que

(*a*) Destes effeitos e resultados fallamos mais largamente na Memoria , que já annunciámos , sobre a Novidade , e Resultados da Navegação Portugueza.

(*b*) Os estranhos chamão-lhe cominamente *Magellaa*.

*Que hum Portuguez fugido e descontente
Bastará a revolver o mar profundo,
E abrir nelle caminho a hum novo mundo.*

(Gabriel Per. de Castro Ulyssea no C. VII. Est. 129.)

Escolhendo dous Cantabros João Sebastião de Elcano de Guípuscoa , e João de Elurriaga Biscainho , que regia a segunda náó , e levando comsigo o seu Cunhado Duarte Barbosa , Alvaro de Mesquita , Estevão Gomes , e João Rodrigues de Carvalho, todos Portuguezes (*a*); commetteo os mares nunca vistos , com incrível audacia ; e descobrio o Cabo , que chamou das Virgens , situado em 52 grãos , e passadas 12 legoas o Estreito , que depois se chamou de Magalhães , depois de ter navegado por elle 50 legoas achou outro maior , que desembocava nos mares do Poente ; que tomou o seu nome : e atravessadas mais 1500 legoas desde a boca deste Estreito , descobrio diversas Ilhas de gentio , e chegou á de Zabo , aonde foi a principio bem hospedado de Hamabar, Senhor da Ilha, e lhe foi mui util por lhe haver conseguido em 1521 duas victorias contra Calpulupo, Senhor da Ilha de Mathan, seu inimigo , e confinanté. Teve a desgraça por fim de ser morto por elle com perfidia e cilada ; mas o seu navio fez a viagem a volta do mundo pela primeira vez , mostrando-se então pela experiencia , que a terra era hum globo. Deixou ms. hum Roteiro de sua navegação (*b*).

Houve naquella idade outro nosso Mathematico de esclarecida fama , qual foi D. Francisco de Mello, Fidalgo da Casa Real, primeiro Bispo nomeado de Goa, Varrão de muitas letras humanas , e divinas, excellente Latino , bom Orador , e Poeta : foi mui particularmente instruído nas Sciencias Mathematicas , que com grande appli-

D. Francisco de Mello.

(*a*) Marianna, Garibay, Silva, Henao.

(*b*) Sobre o projecto, e viagens de Magalhães. Veja-se a Historia da America do Inglez Roberston no Liv. V.

plicação estudara em Pariz por ordem , e liberal assistencia do Senhor Rei D. Manoel. Deixou-nos illustres testemunhos de seus estudos nos dous Tratados Latinos. Mss. que compoz , e dedicou ao mesmo Senhor por amostras do aproveitamento de seus estudos ; hum sobre a Theoria da Optica e Prespectiva , attribuido a Euclides ; e outro a respeito do Livro da Incidencia dos Corpos sobre os liquidos de Archimedes ; obras , que existem hoje na Real Bibliotheca de Lisboa , que forão da magnifica doação , que lhe fez o mui douto , e pio Bispo de Béja , hoje Arcebispo de Evora D. Fr. Manoel do Cenaculo Villasboas.

Delle e de seus escritos mais poderamos dizer ; mas o Leitor se haja por satisfeito , com o que já dissemos , e compilamos nas Memorias , que escrevemos de sua vida , e obras , que correm já impressas no Tom. VII. das Memorias de Litteratura Portugueza da Real Academia das Sciencias de Lisboa. Bastará , que aqui lancemos por seu louvor o honroso testemunho de M.^c Rezende na Oração de 1534 , recitada na Universidade de Lisboa : *Non (transibo) Franciscum, Mellum summa elegantia , summa inscribendo facilitate , summa sapientia virum , qui Christiana Philosophia non contentus lingue nitorem addere , Mathematicis Scriptis jam clarus nomen suum ab oblivionis injuria vindicavit (a)*.

Simão
Fernandes.
Filippe
Guilhem

Com estes se deve aqui pôr outro grande Mathematico daquella idade , Simão Fernandes , que vivia no Algarve pelos annos de 1519. Este foi o que disputou em Lisboa com Filippe Guilhem , Castelhanao , grande Logico , muito eloquente , e de mui boa practica , e com estu-

(a) Faz tambem memoria delle , e de sua Sciencia entre outros o Comico Gil Vicente :

*Esse Francisco de Mello,
Que sabe Sciencia abondo,
Dix que o Ceo he redondo,*

(Liv. I. das Obras de Devação. A. Feira pag. 36. vers.) o lhe chama grande *Astrologo* , e nas Obras do Liv. V. pag. 276. o melhor *Mathematico* , que então havia no Reino.

tudos de Mathematica , e grande trovador , a quem os nossos entre muitos sabedores folgavão então de ouvir (a). Este se offereceo a ElRei para dar a Arte , que dizia ter achado de navegar de Leste a Oeste , affirmando haver feito muitos instrumentos para dar mostras desta Arte , e entre elles hum Astrolabio de tomar o Sol a toda a hora. Praticou elle a Arte perante Francisco de Mello , e outros , que para isso se ajuntarão por mandado de ElRei , e todos a approvarão por boa , e ElRei lhe fez por isso mercê de cem mil réis de tença com Habito , e a Carretagem da Casa da India , que valia muito. Com este pois travou huma grande conversação , e disputa Simão Fernandes , a quem ElRei mandara vir do Algarve , o qual ou por mais alta Sciencia , que a dos outros , ou por systema lhe fez de tudo falso (b).

Luzio com muito esplendor de seu nome neste mesmo seculo M.^o Philippe , Medico , a quem o Senhor Rei D. Manoel conferio a nova Cadeira de Astronomia , que creara no Estudo de Lisboa , de que já fallamos ; ordenando-lhe , que a lesse huma vez na semana no dia , e hora , que pelo seu Reitor lhe fosse consignada (c).

O outro Mathematico , que então houve mui nomeado , foi Thomaz de Torres Castellhano , Bacharel em Medicina (d); foi tambem Fysico do Senhor Rei D. Mano-

M.^o Philippe.

Thomaz de Torres.

no-

(a) Falla delle Gil Vicente nas Obras do Liv. V. p. 276.

(b) Guilhem , ou estimulado , ou temeroso , poz-se em retirada para Castella , e hindo já em Aldea Gallega em hum cavallo de posta , foi prezo por Ordem del-Rei. Gil Vicente pag. 271.

(c) Consta da Carta testemunhavel de dous Alvarás do Senhor Rei D. Manoel hum feito na Azambuja a 29 de Outubro de 1513 , que he de Lente ; e outro , que he de seus privilegios , feito em Lisboa a 20 de Outubro de 1522 referendado na Carta do Senhor D. João III. dada em Lisboa a 5 de Janeiro de 1523 (Chanc. de D. João III. Liv. I. fol.)

Fallão de M.^o Philippe as Memorias Chronologicas de Leitão ao anno 1518. §. 983. fol. 459. 460.

(d) A sua naturalidade se collige da linguagem Castellhana , em

noel, e Lente da Cadeira, que se intitulava de Astrologia e Mathematica na Universidade, na qual succedeo a M.^e Philippe, de que tomou posse em 19 de Outubro de 1521; e a léo até se mudar a Universidade para Coimbra no de 1537 (a), Teve cargo de dar algumas lições dos principios de Astronomia ao Senhor D. João III. sendo ainda Principe, a quem explicou a Theorica dos Planetas, e outras coisas da Astronomia. Mereceo ser contemplado pelos Senhores Reis D. Manoel, e D. João com algumas honras e mercês (b).

Diogo
Mendes
Vizinho.

Accrescentemos a estes Diogo Mendes Vizinho, natural da Covilhã, de alcunha o *Coxo*, porque o era de alejão; que foi hum Mathematico de credito não vulgar naquelle seculo, e havido por grande Astrologo, a quem o Senhor Rei D. Manoel consultava muito nas coisas tocantes á Astrologia, de quem já acima fallamos (c).

Americo
Vespucio.

Façamos tambem honrosa lembrança de hum, que postoque não nosso, entre nós esteve e servio; do qual tomou nome todo o Continente da America. Foi este Americo Vespucio, Florentino, grande Mathematico e Cosmografo. Deste se disse, que tirára huma cópia do Mappa dos Descobrimentos do Infante D. Henrique, feito pelo Malhorquino Gabriel de Valseca, em 1439, que depois teve em Florença D. Antonio Dezpuig, Conego da Cathedral de Malhorca, e Auditor da Róta (d). Tendo este vindo a serviço deste Reino, logo que soárão as primeiras noticias do descobrimento das terras tão espaçosas e ferteis

que elle passou hum recibo da quantia, que lhe mandou dar a Rainha, como a Porteiro da Sua Camara pela Provisão datada de Almeirim a 18 de Janeiro de 1528 (Torre do Tombo Corpo Chron. Part. I. Maço XXXVIII. Doc. 96.)

(a) Informação do Reformador, que cita Leitão a este anno de 1521. §. 998. fol. 466.

(b) Veja-se a Nota F no fim destas Memorias.

(c) Delle fazem memoria Damião de Goes na Chronica del-Rei D. Manoel, e Leitão nas Memorias Chronologicas aos annos de 1521

(d) Veja-se Antonio Raimundo Pascal, Descobrimento de L'Aguya Nautica pag. 87.

teis do Brasil, que o General Pedro Alvares Cabral, seu primeiro Descobridor, mandou pelo Capitão Gaspar de Lemos, o enviou o Senhor Rei D. Manoel com a brevidade possível a reconhecer o mar, e a demarcar a terra e Costa maritima do Novo Mundo: elle o fez, experimentando varias fortunas e monções, vencendo as correntes das aguas e as tormentas, entrando portos, mettendo balizas, e voltando a Portugal com as informações, do que vio e obrou (a).

Fechemos a Serie dos Escriutores Mathematicos deste Reinado com a memoria de outro estranho, de mui alta sabedoria e fama, que para nós veio, e entre nós luzio com grandes creditos, qual Rabi Abraham Zacuto, ou Çacuto, Salmaticense, terceiro avó do nosso celebre Medico Zacuto Lusitano. Foi Professor de Astronomia em Salamanca. Passou elle em 1492 de Castella a Portugal, aonde mereceo, pela voz, que corria de seus estudos, que o Senhor D. Manoel o nomeasse seu Astronomo. Muito conhecido e estimado se fez este Rabi pela composição da famosa Obra Mathematica, intitulada *Almanach perpetuum celestium motuum...* Leyree 1496 1. vol. 4.^o: foi dedicada esta Obra ao Bispo de Salamanca, e impressa pelo M.^e Ortas. Nella nos deo elle as primeiras Taboadas Quadriennaes, que tivemos do movimento do Sol, que lhe fazem honra a elle e a seu seculo. Correria aqui mais largamente a nossa penna, senão tivessemos fallado d'elle nas Memorias da Typografia Portugueza do Seculo XV., que já se achão impressas (b).

Rabi
Abraham
Zacuto.

(a) Vasconcellos Noticias do Bras. Liv. I. §. 18. pag. 24.

(b) Veja-se a Nota G no fim desta Memoria, em que se illustrão algumas das cousas, que aqui se dizem.

CAPITULO VI.

*De alguns Mathematicos no Reinado do Senhor
D. João III.*

SE lançamos os olhos pelo Reinado do Senhor D. João III. vemos, que este Principe formando o glorioso projecto de reformar, e promover as Letras, quiz dar-lhe hum domicilio mais accommodado á tranquillidade, que pedião seus estudos, e o transferio por isso de Lisboa para Coimbra, cidade de mais commodidade, e quietação, e cuidou de adiantar naquella nova Academia a Sciencia Mathematica.

Em seu tempo lia-se Euclides, o Tratado da Esfera, e a Theorica dos Planetas. O estudo da Geometria pareceo então tão fundamental para todas as Sciencias, que se mandou, que elle precedesse ao da Logica, como se collige da Oração Latina de Belchior Belliigo, o que muito acredita a sabedoria da reforma litteraria daquelles tempos.

Comtudo assim mesmo foi ainda mui desigual, e apoucado o estabelecimento das Mathematicas em comparação das outras Sciencias, a que se derão grandiosos fôros e liberdades: porque estabelecendo-se nove Cadeiras, e Cathedrilhas de Theologia, sete de Canones, outo de Leis, seis de Medicina, cinco de Linguas, e quatro de Cursos de Artes; só huma coube em pequena sorte ás Mathematicas, sendo que nos mesmos Estatutos Academicos se reconhecia serem Sciencias importantes ao bem commum deste Reino, e á sua Navegação, e de muito ornamento á Universidade. (Liv. III. Tit. V. §. 27. pag. 144.) pelo que ficarão estas Sciencias mettidas ainda em estreiteza e acanhamento, limitando-se tudo ao simples conhecimento da Cosmografia, á Geometria de Euclides, e á Theorica dos Planetas, devendo os Oppositos daquella Faculdade ler duas lições de ponto somente

na-



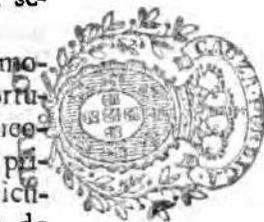
naquellas duas ultimas (§. 23. do Liv. XIV. Tit. V. p. 150.)

A falta, que houve de hum amplo estabelecimento na Universidade para estas Sciencias sublimes, que o bem merecião, emendarão os grandes homens, que então tivemos; os quaes levados de seu natural se derão com incrível ardor a estes bons estudos.

Foi hum delles, e o primeiro, que deve apparecer á frente de todos nesta Epoca, o immortal varão Pero Nunes, natural de Alcacer do Sal (a). Foi o maior Mathematico, que produziu Portugal naquelle tempo, e o primeiro Professor da Mathematica na nova Universidade; homem de genio profundo, grande Geometra, insigne Cosmografo, Astronomo sabio, nascido verdadeiramente para as Sciencias Exactas: elle foi hum novo astro, que nellas espalhou brilhante luz, e alumiou a todos os outros, que figurarão naquelle seculo. A sua Escola foi a segunda depois da do claro Infante D. Henrique.

Deste seu merecimento nos deixou elle eterna memoria nos tres tratados, que traduzio em linguagem Portugueza, a saber: o da Esfera de Sacrobescio; o da Theorica do Sol e da Lua de Jorge Purbachio; e o do primeiro Livro da Geografia de Ptolomeo; e mais particularmente ainda nas suas obras originaes da defensão da Carta de marear; da Arte da Navegação; dos erros de Orcencio Finé; dos Crepusculos; dos Climas; da Algebra, e em outros mais, em que desencerrou a sua mui alta sabedoria e doutrina; e em que disse muitas cousas, que ninguem até então havia dito; e geralmente corrigio quantidade de erros, em que outros havião cahido, como notou Vossio (*de Mathematicis*) com o que subio acima da inveja, e poz seu nome em muita alteza. A mais aqui

Z ii



(a) Delle, e de sua patria se lembra M.^o Resende: *Salacia est, que a Saracenis nomine mutato nunc Alcaasser salis vocatur: urbs nostro tempore non admodum clara, nisi civem haberet Petrum Nonium cumprimis nobilem Mathematicum.* (In Vincent. Annot. in libro posteriori num. 41.

se alargara nossa penna por credito seu e de todo o Reino, se já não tivessemos satisfeito a este officio, da maneira que nos foi possível, na Memoria Historica, que escrevemos deste insigne Mathematico, já impressas no Tom. VII. das Memorias de Litteratura Portugueza da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Não podem deixar de lembrar fallando deste homem alguns de seus discipulos; e primeiro dous Principes nossos, que figurarão nesta classe com luzimento, os quaes requerem de nós neste lugar hum testemunho de nossa attenção e respeito, não inenos pela sua litteratura e sabedoria, que por suas altas personagens.

O Infante D. Henrique.

Foi hum o Senhor Infante D. Henrique, irmão do Senhor D. João III., depois Cardeal e Rei, Principe muito dado ás Sciencias Mathematicas. Elle com summa diligencia e aproveitamento aprendeo de Pero Nunes a Arithmetica e a Geometria dos Elementos de Ecclides; o Tratado da Esfera; as Theoricis dos Planetas; parte da grande composição dos Astros de Ptolomeo; e a Mechanica de Aristoteles; toda a Cosmografia, o uso dos instrumentos antigos, e de alguns, que o mesmo Mestre havia inventado para a pratica da Navegação. (a) Os estudos e indagações, que sobre tudo o desvellavão, como os de seu maior gosto, e propensão, forão os da Astronomia, e tanto folgava com elles, que ainda depois de se achar de todo entregue aos estudos e coisas Ecclesiasticas, costumava quasi todos os dias propôr a Nunes algum Problema arduo,

(a) Consta do que escreveren o mesmo Nunes na Dedicatória ao Senhor Rei D. João III. do Tratado de *Crepusculis*, de que porei aqui o lugar: *Incidit nuper de Crepusculis Coram Principe integerrimo Infante Henrico illustrissimo, cum tu, Rex humanissime, decem abhinc annis Mathematicis Scientiis instituendum à me curasti. Didicit ille diligentissime Arithmeticae et Geometricae Euclidis elementa, Sphaerae tractatum, Theoricis Planetarum, et partes magnae Astrorum compositionis Ptolomaei; Aristotelis Mechanica Cosmographica omnia praeceptorum quorundam instrumentorum usum; et nauticarum etiam, quae ego ad navigandi artem excogitaveram.*

duo , e pedirlhe , que o resolvesse por demonstrações de Mathematica (a) .

Não he de calar o outro Principe , que grandemente se applicou naquelle tempo ás Mathematicas , qual o Infante D. Luis : das lições de Pero Nunes tomou elle , com seu irmão , os conhecimentos , que teve , de Filosofia , de Arithmetica , de Geometria , de Musica , e de Astronomia ; e de seus progressos nestas Sciencias falla o Mestre muito a seu louvor na Epistola ao mesmo Infante no Tratado da Esfera , e na outra ao Senhor Rei D. João III. , que vem no Tratado dos Crepusculos , em que o exalta. Compoz hum livro de modos , proporções , e medidas ; e hum tratado sobre a quadratura do Circulo (b) .

O Infante D. Luis.

Com

(a) Veja-se o que diz o mesmo Nunes na data Dedicatoria ; donde menos razão fica de duvidar , se elle foi Mestre do Senhor D. Henrique , do que já fallamos em nossa Memoria sobre Pedro Nunes impressa no Tom. VII. das Memorias de Litteratura da Academia Real das Sciencias de Lisboa. O douto Flamengo Cienardo falla deste Principe em varios lugares de suas Epistolas Latinas , e na que dirige *ad Christianos omnes* no Liv. II. pag. 244. se lembra de seus estudos Mathematicos : *Non numerabo Mathematicas , quas didicit &c.* , e este Author e lugar pôde accrescentar-se aos que o douto Barbosa referio no Artigo deste Principe.

(b) Poremos aqui em seu abono o lugar do Mestre na dedicação , que lhe fez , da sua Traducção dos tres Tratados da Esfera , da Theorica do Sol e da Lua , e do primeiro Livro da Geografia de Ptolomeo , poisque tambem o erudito Barbosa transcrevendo o da Epistola ao Senhor Rei D. João III. na *Obra de Crepusculis* , se esqueceo de compilar este da Epistola ao mesmo Infante : *E duvidando muito comigo* , diz Nunes , *se dirigiria isto a V. A. , a materia da Obra me convidava ao fazer : que pois V. A. tem tanto primor na Cosmografia , e na parte instrumental , e tem tão alto e tão claro entendimento e imaginação , que pôde facilmente inventar muitas cousas , que os antigos ignorarão , parece que de direyto lhe pertencia : de outra parte punha-me grande recô ser a Obra tão pequena e não aver nella cousa que a V. A. seja nova.*

Accrescentaremos ainda outro testemunho honroso , que tambem se não acha transcripto em Barbosa , tirado do antigo e insigne Rhetorico , e Orador João Fernandes na rarissima Oração Latina , que recitou na Universidade de Coimbra , quando a foi visitar o Infante D. Luis ; na qual fallando de Pero Nunes , da-lhe por somma do seu louvor o ter elle dirigido os estudos Mathematicos deste Principe :

D. João
de Cas-
tro.

Com estes dous illustres Principes ajuntemos o insigne Capitão e Viso-Rei da India D. João de Castro, outro discipulo do mesmo Nunes, com quem estudou as Mathematicas, como se as houvesse de ensinar, maiormente a Geografia e a Cosmografia, sendo tão eminente Cosmografo, e Geografo, como era Capitão.

Acompanhando a D. Estevão da Gama na jornada do Estreito do Mar Roxo, descreveo esta viagem até Suez: por quanto em todas as angras e enseadas desde a boca do Estreito até alli foi tomando o Sol, e fazendo roteiro, formando nelle juizo já de Filosofo natural, já de Piloto. Aqui especulou todas as cousas notaveis do Mar Roxo, e discursou doutamente sobre as causas da côr de suas aguas, e do nome, que se lhe impoz, dos impulsos e movimentos naturaes, e das crescentes do Nilo nas monções do Estio (a).

Nas horas, que lhe perdoavão os cuidados da guerra, descreveo tambem em copioso Tratado toda a Costa, que jaz entre Goa e Dio; sinalando os baixos e recifes; a altura da elevação do Polo, em que estão as Cidades; as angras e enseadas, que formão os portos, as monções dos ventos, e condições dos mares; e a força das correntes, e impeto dos rios; arrumando as linhas em taboas differentes, tudo com tão miuda e acertada Geografia, que o podéra esta só obra fazer conhecido, se já o não fora tanto pelo seu valor militar. Ambas estas obras dedicou ao Infante D. Luis, a quem já desde a Escola de Nunes se havia feito familiar pela qualidade, e pelo engenho.

Fe-

Uno verbo omnia complectar: per te factum est, ut Princeps noster Ludovicus, cui terra punctus est, latissimos illos mundi orbis contempletur, dignam profecta Principe contemplationem &c. Orat. ad Principem Ludovicum de celebritate Academia Conimbricensis. Conimbr. ann. 1548. Veja-se tambem sobre seus estudos, o que escreveo D. José Miguel João de Portugal, Conde de Vimioso, na vida deste Principe pag. 111.

(a) Vide Jacinto Freire de Andrade na sua vida Liv. IV., e Manoel Corrêa nos Commentos aos Lusíadas de Camões Cap. X. est. 98.

Feche a lustrosa companhia dos claríssimos varões Discipulos do grande Mestre Pero Nunes, o que entre todos elles muito se afamou, e distinguiu, Fr. Nicoláo Coelho de Amaral, Religioso da Santissima Trindade, e o primeiro Reitor do seu Collegio de Coimbra, tão acreditado nestas Sciencias, que na ausencia de Pero Nunes era mandado substituir a sua Cadeira de Mathematica (a).

Fr. Nicoláo Coelho de Amaral.

Com muita honra nossa collocamos nesta classe de sabios o insigne Historiador João de Barros, instruido nas Mathematicas, principalmente na Cosmografia, e Geografia, a que muito se deo para escrever a sua Historia da India: nesta se houve elle com tanta curiosidade, que não contente de haver revolido a Ptolomeo, e a outros Geografos antigos, e ainda modernos, e de seu tempo; passou a ler hum Livro de Geografia da Persia, e varios outros da China com suas taboas, comprando para isso hum Chin douto, que lhos podesse devidamente interpretar (b).

João de Barros.

Para acertar em tudo, o que pertencia á pratica da Sciencia Nautica, tratou de se instruir profundamente dos nossos Pilotos, que havião navegado todos os mares da India com o Astrolabio, e a Sonda nas mãos; e com todos estes conhecimentos escrevia a sua Geografia Universal, que hia compondo em Latim, e deixou imperfeita, em que tratava do Astrolabio, e mais Instrumentos da Navegação (c).

Nas suas Decadás ventos nós a grande provisão de estudos, que tinha feito para graduar as provincias, e pa-
ra.

(a) Veja-se a sua Obra de Chronologia pag. 35. quando falla de Salacia, patria de Pero Nunes, a quem chama seu Mestre.

(b) Decad. II. Liv. V. Cap. I.

(c) Elle annunciou esta Obra no Liv. IV. II. e VI., e magna he que desaparecesse ou exista acabó, aonde se não estime, e aproveite, que de tamanho homem nada se deveria perder, ou ficar sepultado em torpe esquecimento. Quantas cousas curiosas, e uteis por elles não saberiamos da nossa Navegação, e Pilotagem?

ra saber reprovar muitas das opiniões dos Gregos, e Romanos, que fallarão das cousas do Oriente com pouca noticia; e fazer as emendas e correccões, de que estão cheas as suas Decadas, sobre Ptolomeo, Arriano, e outros Geógrafos antigos, que escreverão da India, no que são por extremo uteis e proveitosas.

Não nos havemos de esquecer de hum sabio Portuguez, que tendo florecido neste Reinado em muitos ramos de Litteratura Civil, e Sagrada, estendeo tambem seus estudos a huma parte das Sciencias Mathematicas: foi este M.^e André de Resende, nome esclarecido e principal nos fastos litterarios da Nação: era perito na Theorica da Architectura, e por esta razão lhe deo cargo o Senhor Rei D. João III. de traduzir o livro, que della compozera Leão Baptista, de que elle mesmo fez menção no Prologo das Antiguidades de Evora; por sua morte o deixou por legado a seu filho Barnabé de Resende, de que falla Gaspar Estação nas Antiguidades Cap. 44. §. 4. (a).

M.^e André de Resende.

Martim Affonso de Sousa.

Pertence a esta Epoca Martim Affonso de Sousa, Senhor do Prado e Alcoentre, Alcaide Mór de Bragança, e de Rio Maior, conhecido por suas grandes Navegações, e victorias na Asia: teve estudos de Mathematica; e mostrou sua pericia nas curiosas observações, que fez na sua primeira Navegação para o Sul, que propoz ao illustre Mestre Pero Nunes, as quaes vem por este expostas no *Tratado em defensam da Carta de Marear*.

Diogo Botelho Pereira.

Façamos memoria de Diogo Botelho Pereira, Indiatico, e soldado valeroso, que para o immortalizar bastaria a acção atrevida, mas sublime, de vir desde Dio até

o

(a) Escreveo dous Livros dos Aqueductos, que offereceo no mesmo Principe na occasião, em que este havia feito conduzir a Evora a agua da Fonte da Prata pelo antigo aqueducto de Sertorio; os quaes livros escritos de sua propria mão entregou ao Senado daquella Cidade, de que tambem faz memoria no Cap. das mesmas Antiguidades de Evora. Não sabemos, se esta Obra era puramente historica, ou didactica, e trabalhada sobre os principios, e conhecimentos da Hydraulica.

o Téjo em huma mui pequena fusta , que fabricara em Cochim , passando nella a Almeirim a dar ao Senhor Rei D. João III. a nova de estar fundada contra todo o poder do inimigo a fortaleza de Dio , chave do Commercio da Arabia , e Persia , e freio do Reino de Cambaia. Ao valor de soldado ajuntou a Sciencia de Geografo e de Nautico , de que deo boas mostras na Carta de Marear , que compoz , em que descreveo o mundo até então descoberto , que apresentou ao mesmo Principe , quando veio da India a primeira vez a Portugal. (Barr. Dec. I. Liv. VI. Cap. . . .)

Figurou tambem neste Reinado o P. Antonio de Cas- P. Antonio de Castello Branco. tello Branco , Jesuita : lêo Mathematica , de que tinha mui largos conhecimentos , particularmente da Astronomia : escreveu em Latim hum Tratado sobre os Cometas em 2 vol. de fol. , e tres Livros de Astronomia tambem de fol. (a).

Tem direito a ser nomeado neste seculo Diogo de Diogo de Sá. Sá , varão digno de muito louvor , não menos por sua pericia nas Disciplinas Mathematicas , que por suas acções militares na Asia : foi sobre tudo eminente na Nautica , da qual lhe ensinou a experiencia muitos segredos , que outros antes não souberão : escreveu hum Tratado de *Navigazione* em tres Livros , impresso em Pariz em 1549. 8.º , em que pertendeo refutar algumas cousas , que tinha dito Pero Nunes nas Respostas a Martim Affonso , e na sua Hydrografia , que certo bastava a empreza de contrariar doutrinas daquelle primeiro Mathematico do seu seculo , para lhe dar hum grande brado.

Pede tambem o nosso reconhecimento Fernando Al- Fernando Alva- res Seco. vares Seco , hum dos maiores Geografos do seu tempo : deixou hum monumento da sua applicação e estudo no seu excellente Mappa de Portugal , que passou pelo mais exacto de todos , e tal foi elle , que o doutissimo varão Achilles Estaço , a quem as letras tanto deverão em Portugal e na Italia , o fez estampar em Roma em 1560 , e o dedicou ao Cardeal Sforcia.

Tom. VIII.

Aa

CA-

(a) Franco na Imag. do Nov. de Lisboa Liv. II. Cap. 14.

CAPITULO VII.

De alguns Mathematicos no Reinado do Senhor D. Sebastião.

Os tempos do Reinado do Senhor D. Sebastião, funestos a Portugal nas cousas politicas e militares, não lhe podião ser mui favoraveis nas litterarias. As Artes e Sciencias, e todos os ramos de Litteratura Nacional, que até então havião florecido, começaram de desmedrar e esmorecer. Então quebrou o ardor de nossos estudos tão bem vingados; e com elles a Mathematica, que se tinha cultivado nos tempos de seu Avô o Senhor Rei D. João III. promettendo grandes e perduraveis fructos da luzida Escola, e plantação do immortal Professor Pero Nunes: comtudo assim mesmo naquella idade se estabeleceo no Collegio dos Jesuitas de Santo Antão de Lisboa huma Aula da Esfera, a qual permaneceu com muita utilidade; mantendo sempre hum tão importante estudo, ainda na decadencia das outras Aulas.

Então mesmo florecerão ainda alguns varões de merecimento nestes estudos, que tem direito a ser aqui nomeados com a bem merecida distincção de louvor e honra.

Fr. Pedro
do Espi-
rito San-
to.

Foi hum delles Fr. Pedro do Espirito Santo da Ordem Terceira de S. Francisco, que passou por bom Mathematico; de sua letra se conservava hum fragmento de obra sua sobre a Esfera, que existia no seu Collegio de Coimbra (a).

Isidoro
de Al-
meida.

Foi outro Mathematico de nome Isidoro de Almeida, de quem diz Luis Pereira na sua Eleg. Cap. II. pag. 37.

_____ novo Arquimedes,
Era Nestor, e ás vezes Palamedes.

De-

(a) Memorias Historicas para os Estudos da Ordem Terceira de S. Francisco Tom. II. pag. 3a.

Deve ter nesta Epoca lugar honroso Fernando Vaz Dourado, homem de não vulgares estudos na Cosmografia; ainda hoje se estima a rara Obra das suas Cartas Hydrograficas, e o Mappamundo, em que tratou de todos os Reinos, terras e ilhas, com suas derrotas e alturas por esquadria, o qual se estampou em Goa em 1571. fol. : o original conservava-se na livraria dos Monges Cartuxos do Convento de *Scala Cæli* de Evora: ouvimos dizer, que está hoje na Academia Real da Marinha de Lisboa; e que consta de regras e principios de Hydrografia com Mapas de todo o mundo, illuminados primorosamente de côres e ouro.

Não deixemos de lembrar nesta idade a Francisco Sanches, bem conhecido pelas Obras de Medicina, que publicarão seus filhos, homem versado na Sciencia Mathematica; porque, postoque estudou e ensinou fóra de Portugal, nelle primeiro aprendeo, e por Portuguez nos cabe parte da gloria de seu nome: foi Cathedratico de Medicina em Mompilher; e ensinou Filosofia por 20 annos: escreveu e dirigio ao grande Professor de Mathematica Christovão Clavio huma Obra intitulada *Erotemata super Geometricas Euclidis demonstrationes ad Christophorum Clavium*, em que lhe propoz varias duvidas e argumentos, a que o mesmo Clavio respondeo: escreveu mais hum Discurso sobre o Cometa, que appareceo no anno de 1577.

C A P I T U L O VIII.

De alguns Mathematicos nos Reinados dos Filippes.

O Reinado dos Filippes não foi esteril nestes estudos: abatendo a liberdade Portugueza, nem por isso foi estorvo á carreira das Mathematicas: e houve alguns homens sabios, que as tratarão com mais intelligencia e cuidado do que se podia esperar da decadencia, em que então estavam nossas letras: elles participarão ainda das in-

strucções dos dous Reinados antecedentes, donde trouxeram o cabedal, com que então luzirão: demos-lhe honra, que a bem merecem.

Christovão Borro.

Entre estes podem apparecer em primeiro lugar os que se derão aos estudos theoreticos, ou praticos da Nautica em beneficio de nossa Navegação. A esta classe pertence o Padre Christovão Borro, Jesuita, varão mui curioso, e amigo de indagar as verdades da Natureza: lêo Mathematica em Lisboa, e imprimio huma Obra de Astronomia por encommenda do Conde de Villa Nova Gregorio de Castel Branco, que fora seu discipulo nas Mathematicas.

Trabalhou sobre o conhecimento das variações da Agulha Magnetica, e com este intento navegou á India, para observar, quanto a Agulha variava nos Meridianos, por que elle passava, para dahi formar hum Mappa, que em diante servisse de regra e methodo para os navegantes. O seu modo foi annotar e demarcar em cada altura o Meridiano, em que se achava, e quanto variava a Agulha Magnetica.

Depois fabricou hum Mappamundo, lançando humas linhas tortuosas de Polo a Polo, as quaes vinhão a ser as variações, que tinha demarcado, a que chamou *Linhas Magneticas*, e se chamou tambem *Tractus Chalyboelyticus*: por meio destas Linhas affirmava, que logo se saberia a longitude, e as paragens, em que se achassem os navegantes; de sorte que, se tomando a altura, e a variação da Agulha, achassem no seu Mappa na mesma altura a mesma variação, forçosamente havião de estar tambem debaixo do mesmo Meridiano, que o Mappa apontava.

Este foi o invento e traça, que apresentou na Córte de Madrid; aonde foi pretender o premio de cincoenta mil cruzados, promettido a quem primeiro desenvolvesse este nó Gordiano, e postoque lhe fosse rejeitado naquella Córte o seu invento por pouco seguro e solido; e havido e refutado depois pelo Padre Valentim Estancel no seu Discurso sobre a Navegação de Leste a Oeste: toda-

davia mostrou por estes seus trabalhos o ardor, com que se havia dado aos Estudos Mathematicos.

Nomeemos tambem a Francisco da Costa, Jesuita, ^{Francisco da Costa.} Professor, que foi de Mathematica, que passou em seus dias por hum dos melhores Mestres: e se bem não vimos seus escritos nestas materias, sabemos todavia, que os houve, poisque atesta Simão de Oliveira, de quem abaixo fallaremos, ter-se ajudado delles para a composição da sua Arte de Navegar (a).

Póde entrar na companhia dos Mathematicos desta Epoca Pedro de Moura, que passou por homem grandemente instruido na Astronomia, e na Sciencia Nautica: a fim de experimentar praticamente a doutrina do Padre Christovão Borro, e se certificar melhor della, corréo huma e outra vez todo o Oceano Atlantico até chegar ao Indico com bastante successo, segundo se contava delle (b). ^{Pedro de Moura}

Merece distincto assento nesta mesma classe Simão de Oliveira Lisbonense; foi homem sabio na Arte Nautica: elle vio, que os Authores, que tinham tratado desta materia, o havião feito sem ordem, por nenhum delles a reduzir a methodo, de modo que se podesse ensinar e aprender, salvo hum ou outro, que escreveo em Latim, e não podia aproveitar a todos. Peloque tomou a seu cargo supprir esta falta, e escrever da Arte de Navegar. ^{Simão de Oliveira.}

Dedicou a sua Obra a D. Pedro de Castilho, Bispo de Leiria, Inquisidor Mór, e Viso-Rei em os Reinos de Portugal; e foi impressa em Lisboa por Pedro Craesbeeck em 1606. 1. vol. em 4.^o. Escreveo-a em Portuguez, vendo que aproveitaria pouco, como elle diz, se a escrevesse em Latim, como todos até alli tinham feito, menos Pero Nunes;

e

(a) Elle o nomea entre os Authores modernos, de que tirou doutrina para a sua Obra (Lista que vem no principio della).

(b) Falla delle Estancel no Discurso sobre a Navegação de Leste a Oeste.

e porque esta Obra he de grande merecimento e já rara, daremos aqui o Summario dos seus Artigos.

Trata no Liv. I. dos Circulos da Esfera Artificial, por ella ser o fundamento e alicerce, em que estriba a Cosmografia, a Astronomia, e a Navegação, e de cuja noticia depende a Arte de Navegar: nelle falla de seu inventor, e fim da invenção: dá as definições da Esfera, e das suas partes, e as noções de seus Vocabulos; a divisão da Esfera, os nomes definições e divisões do Horizonte, do Meridiano, da Equinocial, do Zodiaco, dos dous Coluros, dos dous Tropicos, e dos dous Circulos Polares.

No Liv. II. falla dos Officios, dos Circulos, da Esfera Artificial, isto he, do Horizonte, do Meridiano, da Equinocial, do Zodiaco, dos Coluros, dos Tropicos, e dos Circulos Polares; e isto assim para maior clareza, como para escuzar em outra parte repetições.

No Liv. III. trata da fabrica dos Instrumentos Nauticos, como do Astrolabio, da Armilla Nautica, do Quadrante, da Agulha de Marear, da Pedra de Cevar, da Rosa da Agulha, e do Instrumento para o Nordestear, e Noroestear das Agulhas; e de tudo o que até o seu tempo se tinha achado.

No Liv. IV. explica, o que toca ao uso dos sobre-ditos instrumentos e preceitos de Navegar; do Astrolabio; da altura e da declinação do Sol; da altura das estrellas, e do Polo Septentrional; dos usos da Agulha de Marear; dos ventos; do uso da Carta da Navegação de Leste a Oeste; do Mar Mediterraneo; das legoas; das Luas; dos mares; das aguas vivas, e mortas; dos sinaes, que apparecem no mar; e de outros avisos uteis aos navegantes; e traz depois no fim deste IV. Livro a Rota de Portugal para a India.

Servio-se para as doutrinas desta Obra de Aristoteles, e Ptolomeo entre os antigos; e quanto aos modernos dos dous Arabes Alphragano, e Albategnio, de Gemma-Phyrisio, de Oroncio, de João de Monte Rei, de João

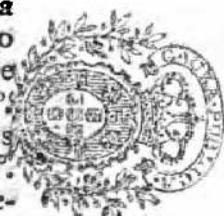
de



de Sacro-Bosco, de Mogino, de Thyco Brahe, de Pero Nunes, de João Baptista Lavanha, e do P. Francisco da Costa Jesuita, e Mestre de Mathematica. Por certo, que tratou esta Sciencia com mais ordem do que o havião feito os outros, paraque bem se podesse ensinar, e aprender; porque antes d'elle nenhum a havia reduzido a methodo.

Façamos honrada memoria de Manoel de Figueiredo, natural da Villa de Torres Novas, Discipulo do grande Mathematico Pero Nunes, e Cosmografo Mór do Rei. Escreveo huma Chronografia ou reportorio dos tempos, em que trata da Esfera Comosgrafa, Arte de Navegação, Astrologia Rustica, tempos e prognosticos dos Eclipses, Cometas e sementeiras, uso e fabrica da Ballestilha, e Quadrante Geometrico, com hum tratado dos relogios, que se estampou em Lisboa em 1603. 4.^o. Escreveo tambem a Hydrografia, ou exame de Pilotos, com roteiros para o Brasil, Rio da Prata, Guiné, S. Thomé, e Angola, e Indias de Portugal e Castella, Lisboa 1608. e 1614. 4.^o. Roteiro e Navegação das Indias Occidentaes, e Ilhas Antilhas do Mar Oceano Occidental, Lisboa 1609. 4.^o. Prognostico do Cometa, que appareceo em 15 de Setembro de 1604. Lisboa 1605. 4.^o. Tratado da Practica da Arithmetica, composta por Gaspar Nicoláo, emendada e accrescentada, Lisboa 1679. 8.^o e 1716. 8.^o.

Manoel de Figueiredo.



Não deve ficar sem quinhão de honra e gloria neste lugar o P. João Duarte da Costa, douto Mathematico, escolhido com Manoel de Figueiredo para demarcar os dominios da Colonia do Sacramento.

João Duarte da Costa.

Não deve tambem esquecer João Pereira Côrte Real, General do Mar, varão muito experimentado na Arte de Navegar, que passou oito vezes á India Oriental e Occidental: elle inventou hum novo instrumento da demarcação; e compoz em Castelhana Discursos sobre a Navegação das Náos da India de Portugal, Madrid. 1622. 4.^o.

João Pereira Côrte Real.

Com este se ha de ajuntar Valentim de Sá. Lisbonense, Cosmografo Mór do Reino, o qual escreveo hum Regi-

Valentim de Sá.

gimento da Navegação, que se estampou em Lisboa por Pedro Craesbeeck em 1624. em 4.º, e fez doudas notas, ou advertencias sobre o Instrumento de demarcar do referido General da Armada João Pereira Córte Real, de que acabamos de fallar.

Antonio
de Na-
xara.

Tem lugar nesta classe Antonio de Naxara, ou Naxera Castelhana por nascimento, porém por educação e moradia Olisiponense: estudou Mathematicas, e foi havido por varão eminente nas Sciencias da Cosmografia e da Astronomia. Forão Obras suas as seguintes: *Navegação especulativa e pratica, reformadas suas regras e taboas pelas observações de Ticho Brabe*, que se estampou em Lisboa por Pedro Craesbeeck em 1628. 4.º em Castelhana: *Discursos Astrologicos sobre o Cometa, que appareceo em 25 de Novembro de 1618*. Lisboa por Craesbeeck 1619. 4.º. *Summa Astrologica, e Arte para ensinar a fazer prognosticos dos tempos*, Obra, em que vem muitas cousas uteis á Agricultura, e á Astronomia, em que se achão assomadas varias observações e experiencias Metereologicas curiosas; e recopiladas as doutrinas de Ptolomeo, e de outros Astronomos Gregos, e Arabes, a qual se publicou em Lisboa por Antonio Alvares em 1632. 4.º.

Ignacio
Stafford.

Devemos prestar tributo de louvor e reconhecimento ao P. Ignacio Stafford. Inglez de nação, e Jesuita: este grande Mestre tomou a Cadeira de Mathematica no Collegio de Santo Antão em Lisboa, por querer acudir promptamente á necessidade, em que então estava aquella Aula, e escreveu e imprimio na Lingua Castelhana *Elementos Mathematicos*, dedicados á Nobreza Lusitana na Real Academia Mathematica do mesmo Collegio de Santo Antão, que sahirão em Lisboa por Mathias Rodrigues em 1634. 1. vol. 8.º, de que temos hum exemplar. Este Livro comprehende os Elementos da Geometria e Astronomia; e he breve, claro, e methodico; o que então foi de muita utilidade pela grande falta, que havia neste Reino de livros desta Faculdade, o que notava o Qualificador

dq

de muita utilidade pela grande falta, que havia neste Reino de livros desta Faculdade, o que notava o Qualificador do Santo Officio Fr. Francisco de Paiva, Religioso do Convento de N. Senhora de Jesus na Censura, da obra.

Merece boa memoria e fama Fr. Lucas, Religioso de S. Francisco, Mathematico distincto no seu tempo, o qual compoz hum Livro de Arithmetica, e Geometria, em que declarou os onze Livros de Geometria, e o IV. de Arithmetica de Euclides (a).

Fr. Lucas.

Floreceo na mesma idade Manoel Godinho de Heredia, que depois assistio em Malaca, e em Goa pelos fins deste seculo, vivendo até 11 de Novembro de 1615. Além da Historia do Martyrio de Luiz Monteiro Coutinho no anno de 1588, dedicada a D. Aleixo de Menezes, Arcebispo de Braga, escreveu como Cosmografo no tempo do Conde D. Francisco da Gama Almirante, e Vice-Rei das Indias hum Livro, que intitidou *Informação da Aurea Chersoneso, ou Peninsula, e das Ilhas Auríferas, Carbiniculas, e Aromaticas* (b). O seu intento nesta Obra foi tratar das minas de ouro, prata, estanho, ou calayn, e pimenta da Aurea Chersoneso, e Ilhas, e seus mineraes para informação dos Principes da Europa; e tambem para se poderem accrescentar novos patrimonios á Coroa de Portugal, e facilitar-lhe o descobrimento do ouro, do carbunculo, e mais preciosa pedraria; e das especiarias, e aromas do Mar Oriental, e das Ilhas Austraes, com que ella sobremaneira se podesse enriquecer.

Manoel Godinho de Heredia.

Deve-se fazer memoria de D. Basilio de Faria, Chantre de Evora, e depois Monge Cartuxo, instruido nas Disciplinas Mathematicas, escreveu hum Tratado, que

D. Basilio de Faria.

Tom. VIII.

Bb

fi

(a) Delle faz menção Gaspar Nicoláo em sua Arithmetica fol. 5.^a da 3.^a Impressão de 1551.

(b) Inedito, que publicou Antonio Lourenço Caminha, Lisboa em 1807. 2.^o

ficou ms., em que pertendia mostrar ter achado a Quadratura do Circulo.

Muito se ennobreceo nesta Epoca Luiz Teixeira; foi homem de grande saber nas Sciencias Mathematicas, e muito versado nas çousas nauticas pelas muitas navegações, que fez: teve o cargo de Cosmografo Mór; por sua pericia se lhe deo commissão, estando na Badia de todos os Santos em tempo do Governador Luiz de Brito de Almeida, de ir vêr, e emendar a Costa do Brasil; o que ellè executou sondando, e vendo todos os baixos, e descobrindo a Ilha da Ascensão, de que houve vista. Delle faz memoria Antonio de Maris no Roteiro da India pag. 85. Escreveo as Descripções das Ilhas Terceiras, e da ilha do Japão, que sahirão impressas em Latim: a 1.^a no Theatro do Mundo de Abraham Ortelio Antuerpia, ou Anvers em 1584, a 2.^a tambem em Antuerpia em 1595, e compoz huma grande Taboa nova Geografica de todo o Mundo em fôrma maior, que se estampou em Amsterdam em 1604 fol. em Latim.

Leão Camello.

Com todos estes entra de companhia Leão Camello, hum dos valentes soldados, que perderão a liberdade na infausta batalha de Alcacer: era muito perito na Arithmetica, e na Algebra; e nesta ultima teve fama de ser o maior homem, que entre nós se conhecia. (Delle faz memoria D. Francisco Manoel na Centur. IV. Cart. I. pag. 492.)

Vicente Roiz.

Tambem tem parte na gloria destes estudos Vicente Roiz, que com o Vice-Rei Mathias de Albuquerque passou á India em 1591; o qual deo muito a conhecer a sua applicação com hum Roteiro, que escreveo, com que costuma allegar o douto Cosmografo Antonio de Maris Carneiro.

Gaspar Ferreira Reimão.

Juntemos-lhe Gaspar Ferreira Reimão, Piloto Mór do Reino, que teve creditos de muito perito na pratica: he delle hum Roteiro da Navegação, e carreira da India com seus caminhos, e derrotas, impresso em 1612, o qual teve acceitação no seu tempo.

Ignacio Colaço de Brito.

Póde contar-se neste numero Ignacio Colaço de Bri-

to

to, nascido na Villa de Coruche, Desembargador da Casa da Supplicação, Presidente da Junta da Agricultura do Reino; escrevendo varios Tratados de Direito estendendo tambem seus estudos á Sciencia Mathematica, de que compoz hum Livro de cousas a ella pertencentes, que deixou ms. com varias figuras primorosamente debuxadas por sua mão.

De-se aqui honra ao nome de André de Avellar Lisbonense. Foi Mestre em Artes, e Tercenario na Sé de Coimbra, e Professor de Mathematica na Universidade: (a) lèo por espaço de vinte annos, e houve Jubilação na Faculdade (b). Deo mostras de seus estudos na Obra, que publicou intitulada *Sphaerae utriusque Tabella, ad Sphaerae hujus mundi faciliorem enucleationem. Conimbricæ apud Ant. Barrer. 1593 8.º* com figuras, de que temos hum exemplar. He dedicada a D. Fernando Martins Mascarenhas, Reitor da Universidade, e foi Obra, que pôstillo para seus discipulos, como se vê da Prefação, que lhe fez. Compoz mais *Apostillae, seu expositio in Theorias septem Planetarum, et octavae Sphaera Parbachii*. Parece, que tambem foi Tratado, que elle dictou na mesma Universidade. (c)

André de
Avellar.

Bb ii

Ca-

(a) Foi nomeado pela Universidade para huma Tercenaria affecta a Mestre em Artes, que havia na Sé de Coimbra, vaga por fallecimento do M.º Miguel Vaz Pinto, a qual elle levou por opposição em concurso com os Mestres em Artes João Galvão, e Manoel Correia: ElRei Philippe II. lhe deo Carta de Confirmação, e Apresentação feita em Lisboa aos 22 de Novembro de 1603, e dirigida a D. Affonso de Castello Branco, Bispo de Coimbra, e Vice-Rei deste Reino. (Torre do Tombo, Chancellaria de Phillippe II. Liv. X. fol. 239.)

(b) Passou-se-lhe Carta de Jubilação, datada de Lisboa de 28 de Setembro de 1612. (Torre do Tombo, Chancellaria de Phillippe II. Liv. XXXI. fol. 21.)

(c) Existe hum ms. desta Obra em 4.º na Bibliotheca do Escorial, escrito por 1650 pouco mais ou menos, de que temos noticia pelo Catalogo dos mgs. do mesmo Escorial, feito por nosso amigo D. Francisco Peres Bayer Liv. I. vers. et Plut. IV. n. 9. pag. 230, que nos communicou o outro nosso amigo Collega, e honrador o Illustrissimo Monsenhor Ferreira, sobre sabio muito indagador de nossas cousas.

P. João
Delgado.

Cabe aqui lugar ao P. João Delgado, Jesuita natural de Lagos. Foi discípulo do P. Christovão Claudio, illustre Mathematico, e regeo a Cadeira de Mathematica no Collegio de Santo Antão de Lisboa.

D. Manoel de
Menezes.

Com elle deve ir seu discipulo D. Manoel de Menezes, Capitão Mór das náos da India, e General de nossa Armada para a recuperação da Bahia; e hum dos varões, que melhor juntarão no seu tempo a profissão de Letras, e a das Armas. Este foi Chronista Mór do Reino, e muito instruido nas Mathematicas, e na pratica de navegar, por onde veio a ser Cosmosgrafo Mór destes Reinos; tal era o ardor e affeição, que tinha á Cosmografia, que determinava abrir em S. Vicente de Fóra huma Aula desta Sciencia, o que comtudo não teve effeito (a). Escreveo Astrologia Pratica, ou Judiciaria na qual se continhão 4 Tratados, em que fallava

1.º Dos principios da Astrologia:

2.º Dos juizos dos tempos:

3.º Dos nascimentos:

4.º Dos juizos da Medicina: existirão ms. na Livraria dos Theatinis.

João Baptista
Lavanha.

Não queiramos passar com ingratidão a João Baptista Lavanha, que estudou Mathematica em Roma, e foi Cosmosgrafo Mór no Reinado de Filippe o I., e Chronista Mór de Portugal, nomeado por Filippe III. em 1618: escreveo hum Regimento Nautico, que sahio em Lisboa por Simão Lopes em 1595 4.º. Compoz mais hum Obra muito notavel pelas Taboas do lugar do Sol, e largura de Leste a Oeste com hum instrumento de duas laminas hum sobre outra, representando nellas duas Agulhas, graduadas de grãos com hum amostrador, e Agulha, Obra que ficou ms.

Dis-

(a) D. Francisco Manoel, Epanaf. II. pag. 268, e Epanaf. V. pag. 576. Acrescentemos aqui que elle fora consultado para a Cadeira de Mathematica da Universidade de Coimbra, como consta do Livro das Consultas da Meza da Consciencia de 1621 fol. vers.

Disto faz memoria honrosa o outro Cosmografo Mór Antonio Maris Carneiro no Roteiro da India pag. 78, dizendo, que com hum mostrador, e a Agulha debaixo representa ir sempre fixa, e a de cima ser sempre a que varia, e não ha necessidade de vêr o Sol mais, que pela manhã, ou quando elle se põe, porque com huma só demarcação se faz logo a conta, e se sabe a differença, que ha.

He este instrumento, accrescenta Maris, muito necessario para estas differenças da Agulha, e demarcações do Sol, porque são embaraçadas não tão sómente para os modernos, senão para os velhos, que se enleão muitas vezes ao fazer da conta. Elle deo estas Taboas e Laminas, antesque fosse para Castella, ao mesmo Antonio de Maris, e a Manoel Monteiro, paraque as verificassem, e Maris as continuou, e achou muito boas, e certas, e as teve por muito necessarias á Navegação. Deixou mais dous Livros ms. hum de Architectura Nautica, e outro da Esfera do Mundo.

Segue-se dizer alguma cousa do mesmo Antonio de Maris Carneiro. Foi elle Lisbonense filho do Licenciado Pedro de Maris, e varão bem conhecido em nossa Historia por suas grandes partes, que muito o recommendavão, e lhe houverão o Officio de Cosmografo Mór do Reino, vago por fallecimento de D. Manoel de Menezes. Publicou o Regimento de Pilotos, e Roteiro das Navegações da India Oriental, que se estampou em Lisboa em 1642 4.º; he huma das Obras boas, que se tem feito neste genero: nella fez emendas ao antigo Regimento, e Roteiro, de que necessitava assim nas derrotas, e alturas das terras, que mais ajustadas experiencias descobrirão, como nas declinações do Sol, que pela variedade do movimento da trepidação principalmente havião variado com sensibilidade, reformando as que trazião os Roteiros antecedentes. Accrescentou-o com o Roteiro de Moçambique, e com os portos, e barras do Cabo de *Finis terræ* até o Estreito de Gibraltar com suas alturas, sondas, e demonstrações.

Antonio
de Maris
Carnei-
ro.

Trabalhou por descobrir o segredo de fixar a Agulha

lha de Marear , que por isso lhe chamavão a Agulha fixa ; e para este descobrimento navegou á India por ordem d'elRei , e fez curiosas especulações postoque o successo não correspondesse ás suas esperanças (a).

Luiz da
Fonseca
Coutinho.

Com Maris se pôde ajuntar Luiz da Fonseca Coutinho , que se esmerou nesta mesma indagação , e escreveu da Arte da Agulha fixa , e do modo de saber por ella a longitude : Obra que offereceo ao Conselho Real de Espanha , e ficou ms.

CAPITULO IX.

De alguns Mathematicos no Reinado do Senhor D. João IV.

NO Reinado do Senhor D. João IV., tão glorioso para Portugal continuárão os Estudos das Mathematicas , em que se distinguirão alguns varões , mui sabedores destas Sciencias. Deve ter entre todos assinalado lugar hum Filho seu , Principe de grande engenho , e agudeza , que muito as honrou e ennobreceo ; digno por seus raros dotes de ter mais larga vida , e de succeder no Throno de seus Pais para levar estas Sciencias á maior alteza.

D. Theodosio o primogenito daquelle feliz Monarcha , deo-se desde a tenra idade de 9 annos ás Disciplinas Mathematicas ; primeiro não levando outro guia , que a si mesmo ; depois dirigido por seu Mestre o P. João Paschasio Ciermans de Flandres Jesuita , que entre nós se chamou Cosmander , que se esmerou em desenvolver o seu talento , e aperfeiçoar os seus estudos maiormente os de Geometria. Forão seus Condiscipulos nesta illustre carreira João Rodrigues de Sá , Conde que foi de Penaguião , e João Nunes da Cunha , aos quaes na retirada do Mestre para Alémtêjo explicava a maior parte dos seis Livros de Euclides , segundo a exposição do P. Clavio.

Ap-

(a) D. Francisco Manoel Epanaf. Tragica 1125. Tambem consta , que Maris fora consultado para a Cadeira de Mathematica da Universidade juntamente com D. Manoel de Menezes. Liv. das Consultas da Mesa da Consciencia de 1621 a fol. 73. vers.



O Principe D.
Theodosio.
P. João
Paschasio
Ciermans.

Applicou-se á Geographia , á Statica , e á Hydrographia , e Nautica , e muito particularmente á Astronomia , em que teve por Mestre a D. Pedro Puéros ; e com tanto ardor se dava elle a esta ultima Sciencia , que para por ella se não distrahir de todo dos outros estudos , se vio obrigado o Mestre a fechar-lhe os Livros Astronomicos , e a lhos não permittir, senão em certos dias. Estava provido de todos os instrumentos Mathematicos , com que sobremaneira se entretinha : e folgava de fazer pelo Astrolabio observações , em que gastava muito tempo. Escreveo hum Compendio de Astronomia , e outro de Geographia , á maneira do que fizera Cluvier , e hum outro de Astronomia , que existia no Archivo Real com o titulo *Summa Astronomica in duos divisa tomos : primus de Astronomia : secundus de Astrologia (a)*.

De todas as Disciplinas Mathematicas , que se cultivarão nesta Epoca a Sciencia da Fortificação , e Architectura Militar foi a que levantou maiores voos. Conhecendo o Senhor Rei D. João IV. quão necessarios erão para a boa defensão de nossos Reinos os conhecimentos Mathematicos desta Arte , maiormente em huns tempos , em que nossos visinhos nos ameaçavão , mandou eregir na Ribeira

Fortificação, e
Architectura
Militar.



(a) Foi destas cousas illustre , e familiar testemunha D. Luiz de Sousa , filho do Conde de Miranda , Cardeal , e Arcebispo de Lisboa , o qual na Obra , que lhe consagrou intitulada *Tumulus Scenissimi Theodosii Lusitaniae Principis* , no resumo de sua vida , dá este breve mas expressivo elogio de seus estudos , *Matheseos orbibus claruit Orbes Mathematicos versabat , qui de Orbe virtutibus illustrando cogitabat*.

De seus espantosos progressos nas Sciencias Mathematicas fallarão dignamente os seus dous Condiscipulos João Nuno da Cunha , Conde de S. Vicente seu Camareiro Mór , na vida que delle escreveu , e D. João Rodrigues de Sá , Conde de Penaguão , no Elogio Funebre , que lhe fez. Póde consultar-se o P. Manoel Luiz , Jesuita , que no seu *Theodosius Lusitanus* na Liv. I. fol. 25. e seguinte compillou , o que os dous antecedentes havião escrito sobre a Sciencia Mathematica deste Principe. Elle attesta do Compendio de Astronomia , que diz , existia no Real Archivo , e que o vira , e tivera em sua mão , quando escrevia a Historia de sua vida fol. 52. vers.

beira das Náos huma Aula desta Sciencia , que depois se transferio para o Terreiro do Paço , aonde existio com o titulo de Academia Militar. Aqui se instruirão muitos Engenheiros , que com grande utilidade servirão o Reino , e suas Conquistas.

Luiz Serrão Pimentel.

Foi o primeiro Mestre desta Aula Luiz Serrão Pimentel, natural de Lisboa, que foi o que inspirou ao Senhor Rei D. João IV. o feliz pensamento da erecção daquella Escola. Tinha sido Discipulo por espaço de 10 annos dos Mestres do Collegio de Santo Antão , e de Valentim de Sá , Cosmografo Mór do Reino: em 1641 entrou a exercitar aquelle Officio por impedimento do Proprietario Antonio de Maris Carneiro, do qual tinha approvedo o Regimento , que compozera de Pilotos ; e por falecimento deste teve seu cargo de propriedade , e foi Engenheiro Mór , e Tenente General de Artilheria com exercicio em todas as Provincias do Reino.

Mostrou tanto a sua pericia , como o seu valor no sitio da Praça de Badajoz ; no desenho da maior parte das trincheiras , com que se cobrio o nosso exercito ; no recontro sobre a ribeira de Digebe ; na memoravel batalha do Amexial ; e nos ataques , e aproxes na restauração da Cidade de Evora ; e na reforma , que foi mandado fazer das fortificações das Praças do Reino.

Lêo lições de Mathematica na Academia dos Generosos , instituida em casa de D. Antonio Alvares da Cunha ; e lêo tambem por 32 annos diversas materias desta Sciencia na nova Escola de Fortificação , e de Architectura Militar.

Escreveo hum Tratado pequeno da Pratica da Arithmetica Decimal, e com elle a Obra da Trignometria , Pratica , Rectilinea , como subsidios para os Estudos da Architectura Militar ; sobre esta publicou huma Obra , que intitidou *Methodo Lusitanico de desenhar as Fortificações das Praças Regulares , e Irregulares , Fortes de Campanha , e outras Obras pertencentes á Architectura Militar*. Dedicou-a ao Principe D. Pedro , então Regem;

gente. Estampou-se em Lisboa em 1680. fol.

Foi a primeira obra , que appareceu em nossa lingua , e de grande merecimento para aquelle tempo : he dividida em duas partes ; a primeira trata das operações ; a segunda das provas demonstrativas , com que se verificão as operações da primeira. Para esta obra vio elle os melho-res Authores Latinos , Italianos , Castelhanos , e Francezes até o seu tempo ; e cuidou de aproveitar o bom que elles tinhão , e melhorar com algumas novas regras sua doutrina no que faltavão , ou erravão.

Como o Systema de Fortificação do Conde de Pa-gun corria naquelle tempo com grande acolhimento em toda a Europa , sendo o mais famoso , que houve antes do do Marechal de Vauban , fez hum resumo de todo elle , que poz por appendix , com huma censura sobre as faltas , que lhe achou , o qual vem no fim do Compendio de alguns Problemas de Geometria Practica , e Theoremas da Especulativa.

Desta obra havia elle feito , antes de a publicar , hum Opusculo , que intitidou *Extracto Ichnografico do Methodo Lusitano* , o qual dedicou a Cosmo III. de Medicis , Grão Duque de Toscana , com quem teve practica , quando esteve neste Reino ; e de quem recebeo tanta mercê , que havendo-lhe este Principe promettido hum Livro , que elle não tinha , lhe mandou huma selecta Livraria (a).

Compoz mais *Hercotectonia Militar* , que ficou ms. de que elle faz menção no Proemio do *Methodo Lusitano* , *Alojamento dos Exercitos Poliorcetica* , em que se trata da expugnação das Praças.

Não só a Architectura , e Fortificação Militar ; mas tambem a Nautica mereceo neste Reinado a particular at-^{Nautica}tenção de alguns dos nossos. Faltava então , e ainda hoje falta huma cousa capital para a perfeição desta Arte ,

Tom. VIII.

Cc

qual

(a) Desta obra possui nossa Livraria hum elegante exemplar em 12º com figuras ; quanto parece , Original.

qual era hum methodo para conhecer continuada, e successivamente, quanto caminho se tinha andado no mar ao Oeste do lugar, donde o navio sahira, isto he, o methodo, e maneira de calcular e fixar a Longitude na navegação de Leste a Oeste; assim como se calculava, e conhecia pela observação das alturas, quanto se havia declinado ao Norte, ou ao Sul. Este Problema era então objecto, que desvellava os engenhos de grandes homens na Europa, por ser com effeito huma parte muito importante da Navegação, de que dependia a perfeição desta Sciencia; poisque para o marinheiro saber no mar, aonde se achava, necessitava saber a longitude, e latitude do lugar, aonde estava.

Pelos differentes instrumentos, que excogitarão os Mathematicos para observar os astros, conhecia-se bem a latitude; estes contudo não servião para determinar a longitude. Cuidou-se pois de supprir a isto por diversos meios, já da medida do caminho, que faz o navio por relogios; já pela variação da Agulha tocada com a pedra Iman; já pelo conhecimento perfeito do movimento da Lua; já por outros modos: a que nunca correspondeo o successo. Isto que então occupava a todos os Mathematicos dos paizes maritimos da Europa; excitou tambem entre os nossos louvaveis desejos de commetter tão difficil descoberta: assim que alguns entrarão nesta empreza com altos brios, posto que com a mesma pouca fortuna do P. Borro, de Maris, e de outros nossos, e estranhos, que já antes se havião abalançado á mesma especulação.

Jeronymo Osorio da Fonseca.

Foi hum delles Jeronymo Osorio da Fonseca, Mathematico de nome, e particularmente dado aos estudos, e pratica da Sciencia Nautica, que por fim de muitas fadigas, e tentativas julgava ter achado a Navegação de Leste a Oeste, sendo por isso chamado da India pelo Senhor Rei D. João IV. para realizar o seu descobrimento.

José de Moura Lobo.

O outro foi José de Moura Lobo, que créditos teve de varão muito instruido na Sciencia Nautica: elle se persuadio tambem haver feito o mesmo descobrimento, ha-

havendo a seu favor a approvação dos Eruditos de Roma, e do Collegio Imperial de Madrid. Postoque o douto Cosmografo Luiz Serrão Pimentel mostrou depois na presença dos Vêdores da Fazenda Real, e de outros graves Ministros, a fallencia da Navegação de Leste a Oeste, que elle, e Jeronymo Osorio julgavão ter achado; todavia não desdoirou isto o seu merecimento, e nome; assim como não deslustrou a Wiston, a Dilton, e alguns outros Sabios, que trabalhando muito nesta empreza, excitados pelo premio, que os Inglezes offerecerão em 1713; e depois os Hollandezes, e Hespanhoes, não poderão com seus methodos produzir o effeito, que se queria, apparecendo sempre grandes homens por seus estudos, ainda quando não chegavão ao fim louvavel, que nelles se propunhão. Por certo, que Osorio, e Moura mostrarão bem haver feito trabalhosas observações, e serem ambos de mui largos estudos nesta Sciencia.

CAPITULO X.

De alguns Mathematicos nos Reinados dos Senhores D. Affonso VI., e D. Pedro II.

Nos tempos dos dois Reinados dos Senhores D. Affonso VI. e D. Pedro II. seu Irmão, continuarão com alguns alentos os estudos Mathematicos. Entre os Professores muito se ennobreceo o P. Bartholomeo Duarte, que lêo Mathematica nesta Côrte com grande reputação e nome. Algumas partes destas Sciencias, e principalmente a Architectura, e Fortificação Militar, e a Sciencia Nautica tiverão então particulares Escritores, que merecem figurar nestas Memórias.

Foi hum delles Manoel Pimentel, filho segundo do grande Cosmografo, e Engenheiro Luiz Serrão Pimentel e herdeiro de sua doutrina: foi tambem Cosmografo Mór, e Engenheiro Mór do Reino, e Tenente General de Artilheria; era homem de muitas Letras, e grandemente ins-

O P. Bartholomeo Duarte.

Manoel Pimentel.

truido nas Mathematicas ; Substituiu a Cadeira de Fortificação por ausencia de seu Irmão Francisco Pimentel em 1683.

Foi nomeado com o P. João Duarte da Costa para a decisão sobre a demarcação dos dominios da Colonia do Sacramento , e escreveu douts Tratados sobre isto. Compoz Arte Pratica de Navegar , e Roteiro das Viagens , e Costas Maritimas do Brasil , Guiné , Angola , Indias Orientaes , e Occidentaes &c. accrescentado o Roteiro da Costa de Hespanha , e Mar Mediterraneo , que sahio em Lisboa por Bernardo da Costa em 169.. fol. , e segunda vez por Deslandes em 1712 fol.

Francisco Pimentel.

Com o nome de Manoel Pimentel , deve aqui unir-se o de Francisco Pimentel seu irmão , e filho terceiro de Luiz Serrão Pimentel. Foi muito perito nas Disciplinas Mathematicas , maiormente em Geometria , e Fortificação , e como tal nomeado pelo Senhor Rei D. Pedro II. em 1677 por Capitão Ajudante de seu Pai Engenheiro Mór , a quem substituiu na Cadeira de Fortificação : grandes creditos conseguiu por seus estudos , e experiencia.

Foi á Polónia , e á Hungria ; achou-se na expugnação da Praça de Newhaudel pelos Imperiaes contra o Turco , e nas operações militares á vista da Praça de Buda. Esteve na Beira em 1704 com o posto de Quartel Mestre General ; e se achou na recuperação do Castello de Monsanto contra os Castelhanos ; no Trem de Artilheria , que marchou da Praça de Penamacor para a Praça de Almeida ; na recuperação da Praça de Salvaterra , e no sitio de Badajoz. Deixou em prova de suas applicações litterarias os mss. seguintes : *Elementos de Geometria : Geometria Pratica : Tratado da offensa e defesa das Praças : Fortificação moderna.*

O P. Fr. Valentim de Alpoem.

Ajuntemos com este o P. Fr. Valentim de Alpoem , Religioso da Ordem Terceira de S. Francisco : cultivou ás Mathematicas não só neste Reino ; mas tambem em Goa , onde foi Confessor do Vice-Rei Antonio de Mello de Castro , e donde depois voltou para este Reino : escre-

veo Supplementos, e Adições ás Taboas Astronomicas de Philippe, de Lansberg, e á Obra Inglesa dos Canones dos Triangulos (a).

A Astrologia foi hum grande objecto de seus estudos: compoz a Obra *Scyphus Nestoris, seu summæ Astrologiæ practica*, que dixou em 3. vol. mss. em que se restringio á Astrologia Natural, deixando a Judiciaria (b), e escreveu mais tres Tratados, que vem no fim daquella Obra, e se intitulão *Ars Navigandi communis. Computus Ecclesiasticus. Ars consciendi horologia tam horizontalia, quam verticalia, declinantiæque*.

Não deixemos de fazer memoria de José Homem de Menezes, Lisbonense, que foi dado a estudos Mathematicos: sendo Almoxarife das Armas escreveu *Breve Retrato da Arte de Artilheria, e Geometria, e Artificio de fogo*, que se estampou em Lisboa em 1676 8.º o qual he traducção da Obra Italiana de Lazaro da Isla Genovez.

Nem deve ficar em esquecimento o grande Soldado Leoniz de Pina e Mendoça, Alumno da Sociedade Real de Londres, que toda a sua vida empregou nos estudos Mathematicos. Forão Obras suas, que deixou ms. hum *Tratado Cosmografico, Tres Centurias de Problemas, e Theoremata Geometricos*.

Menos deve esquecer o P. Antonio Pimenta, ou de Lessa, natural da Villa de Torres Novas, Doutor em Theologia, e Direito Canonico: desde a idade de sete annos se sentio com particular inclinação para os estudos de Mathematica, e nelles sahio tão douto, que ensinou em Coim-

(a) Deve accrescentar-se na Bibliotheca Lusitana de Barbosa.

(b) Assim se collige do que elle diz em hum dos seus Tratados: *Hæ sunt Astrologiæ partes, de quibus a vili separantes, selecta et naturalia eligentes tractandum est; et de multis auctoribus pretiosum a vili separantes, selecta et naturalia eligentes, supstitiosa dominantis &c.* Vid. Memorias Historicas para os Estudos da Congregação da Ordem Terceira de S. Francisco: Tom. II. pag. 134. n.º 119.

imbra alguns annos esta Faculdade , e com tanto credito de seu nome , que passou pelo maior Mathematico , que havia no seu tempo: escreveu em 1685 *Epiphania*, ou Demonstração Geometrica em Latim e Hespanhol , em que tratou da quadratura do Circulo.

O P. Valentim Estancel.

Feche toda esta companhia , e com gloria superior á de todos o P. Valentim Estancel, Jesuita estrangeiro, grande amigo do outro Mathematico o P. Bartholomeu Duarte, Professor em Lisboa, de quem acima fallamos. Foi Lente de Mathematica em varias Universidades, e ultimamente o foi tambem no Collegio de Santo Antão desta Côte. Escreveo huma obra intitulada *Orbe Affansino*, ou *Horoscapo Universal*, dedicado ao Senhor Rei D. Afonso VI. estampado em Evora em 1658 na impressão da Universidade em 12.^o, em que trata de ensinar, como se póde saber, que hora seja em qualquer lugar de todo o mundo: o Circulo Meridional; o Oriente e Poente do Sol; a quantidade dos dias: e a altura do Polo, e Equador, ou Linha.

Prometeo tres Livros de Gnomica Universal, de que já tinha dous acabados: na 1.^a parte tratava da explicação, e composição do Relogio Universal; na 2.^a dos muitos e insignes usos d'elle; com varias outras curiosidades, e experiencias da virtude da Magnete, com huma nova Taboa das longitudes, fiel e util para os que navegavam para huma e outra India.

Ha d'elle na Real Bibliotheca de Lisboa hum Codigo ms. de huma Obra sua intitulada *Tiphys Lusitano*, ou *Regimento Nautica Nova*, no qual ensina a tomar as alturas, e descobrir os meridianos, e demarcar as variações da Agulha a qualquer hora do dia e noite, com hum discurso pratico sobre a Navegação de Leste a Oeste; composto em Lisboa, e offerecido ao Senhor D. Pedro II. Como he obra inedita, e de materia muito importante, em que não temos muita abundancia de Escretores, e nesta se acha entre muitas cousas, já vulgares, algumas, que o não são; julgamos, que o Leitor sofrerá com boa sombra, que aqui

aqui façamos della mais larga exposição.

Tem no principio dous elogios poeticos ; hum que lhe fez o P. André de Figueiredo ; e outro , que lhe consagrou o Jurisconsulto Manoel de Oliveira ; e mais dous Epigrammas Latinos , com que o louvou Francisco Garandino da Companhia.

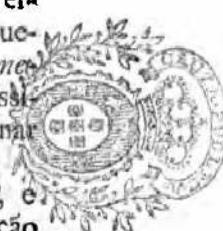
Começa o Proemio ao Leitor sobre a Fabrica de hum novo instrumento : segue-se a fôrma do instrumento primeiro que chama *Polimetro* , que vem desenhado : depois os Elementos *Geocosmicos* , ou noticias necessarias da fabrica , e construcção dos circulos imaginados nas duas Esferas do mundo , a saber , na do Ceo , e na da terra e mar ; entendeo em tratar disto , porque todo o Piloto , como elle diz , para andar acertado e seguro no seu governo , e Regimento Nautico , ha de ter alguma noticia da Fabrica , e construcção da Esfera do mundo assim Celeste , como Terrestre , e dos circulos nellas imaginados ; e maiormente querendo-se servir ao diante daquelle seu Instrumento *Polimetro* , o qual por novo , universal , e extraordinario necessita tambem de meios novos , e extraordinarios para ordenar a sua Astronomica derrota ao fim , que pretende.

A Obra he dividida em tres partes : na primeira , e no primeiro capitulo trata 1.º ; da fabrica e construcção do Instrumento primeiro , de cuja intelligencia depende a pratica e uso delle , com huma estampa : 2.º da fabrica deste Instrumento primeiro , lavrado em fôrma de hum dado circularmente vasado.

No Cap. II. explica os muitos , e agradaveis usos deste Instrumento ; sendo o primeiro tomar a qualquer hora a altura do Polo , e da linha , fazendo por esta occasião huma advertencia acerca das variações da Agulha : o segundo , conhecer a qualquer tempo a hora corrente.

Por occasião disto trata da regra geral para saber , que signo corresponde á cada hum dos mezes , e em que dia entra o Sol em cada hum delle ; e põe a Taboa Geral , que mostra os signos , e os grãos do Zodiaco , em que o Sol anda todos os dias do anno ; e depois hu-

ma



ma declaração desta Taboa : o terceiro , tomar e saber a altura do Sol a qualquer hora : o quarto , sabendo-se a altura , e a hora , logo tambem saber-seo Leste e Oeste , e por consequente todos os mais rumos : quinto , saber pelo mesmo Instrumento , em que signo e gráo anda o Sol : sexto , saber a sua declinação da linha pelo dito Instrumento : septimo , conhecer-se a qualquer hora da noite a altura do Polo , ou da linha por algumas estrellas fixas de maior grandeza ; sobre o que accrescenta tres regras , e com suas declarações ; e remata com huma Taboa das declinações de algumas estrellas de marca maior , que fica da banda do Sul.

Entra depois na Parte II. , que se diz Theorico-Pratica ; e no Cap. I. dá huma breve noticia das cousas pertencentes ao segundo mods de tomar as alturas , a que chama Especulativo-Pratico : começa pela descripção da Bosceta Magnetica com estampa ; e pela outra da esquadra , ou Gnomon para tomar as sombras juntamente , quando se tomão as alturas do Sol , tambem com estampa. No Cap. II. trata , de como sabida a declinação , ou lugar do Sol no Zodiaco pelas regras antecedentes por via de duas sombras , e duas alturas do mesmo Sol , se descobre a altura do Polo , ou da linha fóra do meio dia.

No Cap. III. como achada a altura do Polo , logo se sabe tambem a Linha Meridional , e pelo consequente a variação da Agulha , e põe depois huma demonstração , e resolução Geometrica desta Theoria. Segue-se a isto , como achada a altura do Polo , se ha de buscar a Linha Meridional , e a variação da Agulha , em que aponta tres regras , e conclue com huma Taboa abbreviada para o conhecimento das declinações , e a explica ; sobre o que faz quatro advertencias.

Passa á Parte III. tambem pratica , e o Cap. I. descreve a fabrica do Instrumento segundo : no Cap. II. , como se ha de tomar a altura da linha , ou do Polo por via deste Instrumento , a qualquer tempo : no III. como se ha de marcar o Meridiano , e a variação da Agulha : no IV. dá

dá a conhecer a altura do Polo de noite a qualquer tempo pelas estrellas ; e traz tres advertencias , ou regras para isto com huma Taboa dos grãos da altura do Sol , levantado sobre o Orizonte com suas refracções.

No V. vem a declaração de algumas cousas , que to-cão ao Regimento Nautico , e aqui se falla do Aureo Numero , das Epactas , da Letra Dominical , dos Novilunios , e vem a Taboa dos Interlunios , dos Novilunios de todo o anno , segundo a Igreja , e Taboas perpetuas dos mares. No VI. trata das variações da Agulha , que os Pilotos modernos Portuguezes , Inglezes , e Hollandezes , e os PP. Missionarios , e Mathematicos da Companhia de Jesus tinham observado em varias alturas ; e aqui corrige alguns erros , ou faltas de Manoel de Figueiredo na sua Arte de Navegar. Segue-se hum Indice geral das variações da Agulha , observadas pelos sobreditos Pilotos Portuguezes , Inglezes , e Hollandezes , e Missionarios.

O Cap. VII. expõe o Problema curioso , sabida a variação da Agulha , ou não a havendo , como se ha de conhecer a elevação do Polo ao nascer , ou ao pôr do Sol fóra da linha. O Cap. VIII. contem hum discurso tambem curioso e util sobre a Navegação de Leste a Oeste , e dos varios modos , que os curiosos inventarão nesta materia ; e aqui falla da traça de Gemma Trisio Mathematico no seu *Radius Astronomicus* ; de Orancio Delfinas , Astronomo e Geometra ; de Miguel Baptista Langreno , Cosmografo , e Mathematico dos Reis Catholicos ; e do Padre Christovão Borro , Lente , que foi de Mathematicas em Lisboa. Põe huma Taboa , que mostra , quantos grãos , ou minutos de grão correspondem aos minutos das horas : e depois a declaração , e uso desta Taboa ; e conclue com algumas advertencias necessarias.

Seguem-se Questões , ou Problemas pertencentes á Nautica , cuja noticia diz ser util aos Pilotos , e a todo o navegante curioso : na Questão I. expõe , quantas legoas montão por cada grão por rumo direito de Norte e Sul , ou de Leste e Oeste : na II. o que responde por cada grão

Tom. VIII.

Dd

de

de differença de altura , segundo o rumo obliquo , por que se navega : na III. como se saberá a longitude , ou quantos grãos ha entre o Meridiano do rumo de Norte e Sul , que passa pelo lugar , donde partimos ; e o que passa pelo , em que nos achamos , medidos pelo rumo de Leste a Oeste : na IV. como poderá saber-se , pouco mais ou menos , quantas legoas dista por linha direita o lugar , em que os achamos do Meridiano , donde partimos ; ou quantos grãos , ou legoas tem o arco representado por huma linha parallela da Equinocial : na V. finalmente , como se conhecerá a altura da linha , sabendo-se o rumo da nossa derrota , e as legoas , que temos andado.

C A P I T U L O X I .

De alguns Mathematicos no Reinado do Senhor D. João V.

O Seculo XVIII. não deixou de nos apresentar alguns zelosos cultivadores das Sciencias Mathematicas ainda antes da nova Reformação dos Estudos da Universidade de Coimbra , que são os de que sómente aqui fallaremos ; deixando para maior Obra , e mais aparada penna de engenhos sublimes a Historia da renovação , e estabelecimento das Sciencias Mathematicas , e de seus mais distinctos Professores depois daquella Epoca.

O Senhor Rei D. João V. teve por estes estudos especial inclinação , que podéra subir a mais alto ponto a favor delles , se a educação tivesse promovido o seu espirito para esta parte. Elle mandou buscar primorosos instrumentos para as operações Mathematicas ; e até fez vir de Italia tres insignes Professores desta Sciencia , que forão os Padres Francisco Musarra , natural de Sicilia , Domingos Capacce , e João Baptista Carboni , Jesuitas , que espalharão luzes , e concorrerão a excitar o estudo dos nossos.

O P. Frã-
cisco
Musarra.

Destes tres Padres o primeiro , que já havia mostrado
ser

ser distincto Mathematico na Obra da Astronomia, que publicára em Messana em 1702 em I. vol. de fol. foi Professor de Mathematica no Collegio dos Jesuitas de Evora, de quem os nossos muito se aproveitarão.

Luzio nestes tempos com grandes creditos de seu nome o P. Ignacio Vieira, Lisbonense Jesuita, Confessor do Senhor Infante D. Pedro, filho do Senhor Rei D. João V. Foi Lente de Mathematica no Real Collegio de Santo Antão de Lisboa, e homem de largos conhecimentos nesta Sciencia, como se mostrou no seu Tratado de Astronomia, que compôz em 1709. He dividido em tres partes: na I. trata da Astronomia Elementar, ou Esfera: na II. da Astronomia Pratica, em que falla do uso do Globo material, e de outras cousas a ella pertencentes: na III. da Astronomia Theorica, que comprehende as hypotheses dos Planetas, e como se salvão as apparencias, que nelles ha. Vem no fim delineadas muitas figuras para illustração da doutrina deste Tratado (a).

O P. Ignacio Vieira.

Compoz mais tres Tratados em 4.º, que deixou primorosamente escritos com figuras, a saber; hum da Dioptrica, hum da Captotrica, e outro da Pyrotechnia: todos em 4.º, que existião na Livraria de João de Sousa Coutinho, irmão do Correio Mór do Reino, os quaes vio o erudito Barbosa.

Pertence a estes tempos José Sanches da Silva, Sargento Mór de Infantaria, e com exercicio de Engenheiro na Côrte: cultivou com bom nome as Disciplinas Mathematicas, e compoz huma Obra Pyrotechnica, dividida em tres Tratados, que comprehendia Arithmetica, e parte de Geometria especulativa e pratica, e o uso dos fogos militares por mar e terra, e dos fogos festivos; hum Tomo em 4.º com figuras ms.; e tambem huma Arte de deitar Bombas, em que tratava do seu uso e movimento, com hum Appendix do Petardo em 4.º tambem ms.

José Sanches da Silva.

Dd ii

Não

(a) Posuimos huma copia desta Obra, que tirou seu Discipulo João Barbosa da Silva: esta obra pôde accrescentar-se na Bibliotheca Lusitana de Barbosa.

Manoel
Antonio
de Mei-
relles.

Não deve esquecer neste lugar Manoel Antonio de Meirelles, natural de Villa Flor, o qual foi Capitão Engenheiro, que assistio nas Conquistas de varias Praças da India, sendo Vice-Rei D. Pedro de Almeida primeiro Marquez de Castello Novo, e Conde de Assumar. Foi fructo de seus estudos huma Obra, que deixou ms., intitulada *Theouro Mathematico*, dividida em diversos tomos, que estavam já aparelhados para a impressão nos tempos de Diogo Barbosa.

Luiz Frã.
cisco Pi-
mentel.

Dê-se aqui lugar a Luiz Francisco Pimentel natural de Lisboa, e filho de Manoel Pimentel, Cosmografo Mór do Reino, a quem succedeo no cargo, que era como hereditario na sua Casa. Foi Academico da Academia Real da Historia Portugueza, e a fama delle apregoava, que era muito versado nas Disciplinas Mathematicas, tendo para taes estudos os bons exemplos de seu avô, de seu pai, e de seus tios Jorge Pimentel, e Francisco Pimentel, do ultimo dos quaes se fez acima menção.

Fr. André
da Con-
ceição.

Houve tambem distincto nome de Mathematico naquella idade Fr. André da Conceição, Lisbonense, converso de Santa Cruz de Coimbra. Escreveo varios Tratados de Arithmetica Inferior e Superior, de Algebra, de Architectura, de Perspectiva, e de Hydrostatica; dos quaes deixou ornados de tão bellas estampas os tres ultimos, feitas á penna, que parecião abertas pelo mais primoroso buril, como attesta Diogo Barbosa na sua Bibliotheca Lusitana.

Duarte
de Abreu
Vieira.

Não desmerece perpetua memoria Duarte de Abreu Vieira, Lisbonense, Capitão Tenente da Torre de Outão: elle deo huma parte de seus estudos ás Disciplinas Mathematicas, e particularmente á Nautica, sobre que escreveo hum livro, que ficou ms., a que chamou: *Theouro Universal, breve Tratado da Navegação de Leste para o Oeste, novamente achado pela regra das declinações do Sol, e pedra de Ceval; com exposição da variação da Agulha de Marear*. Constava de dez capitulos e quatro Taboas, e hum Globo.

Com

Com este póde ir de companhia Antonio Carvalho da Costa, Lisbonense, que passou por instruido nas Sciencias Mathematicas: compoz alguns Tratados de Geografia, e de Astronomia, do que além dos nossos faz memoria Lenglet no Methodo para estudar (a).

Antonio
de Car-
valho da
Costa.

D. Luiz Caetano de Lima, Clerigo Regular Theatino, foi varão de largos e apurados estudos, com que abrangeo muitas Sciencias. A Mathematica, e algumas Artes dependentes della, forão objecto de seus entretenimentos: deo provas da sua curiosidade na Gnomonia Universal, que escreveo, e no Methodo para toda a casta de Relogios regulares e irregulares, Astronomicos, Judaicos, Babilonicos, e Italicos, com figuras 4.^o

D. Luiz
Caetano
de Lima.

Pede aqui nossa lembrança o P. D. Thomaz Beeckman, natural de Lisboa, e Clerigo Theatino: teve muitos conhecimentos das Mathematicas, particularmente da Optica, Diontrica, e Captotrica, havendo tratado muito em Florença hum habil Professor destas Sciencias: foi eminente em fazer instrumentos Mathematicos, e fabricar oculos de vêr ao perto, e de longa vista; o Infante D. Francisco, que estimava as Mathematicas, e tinha em seu Palacio huma boa collecção de instrumentos, o mandava muitas vezes chamar para o vêr manear.

O P. D.
Thomaz
Beeck-
man.

Entre todos deve ter o mais honroso assento o P. Manoel de Campos Jesuita, Lisbonense, hum dos primeiros cincoenta Academicos da Academia Real da Historia Portugueza; varão mui erudito e sabio nas Mathematicas: lêo no Collegio Imperial de Madrid, e no nosso Collegio de Santo Antão de Lisboa: e vendo, que a Aula da Esfera, que havia neste ultimo, tinha numerozo concurso de ouvintes, e necessitava de Livros Classicos e manuaes; e considerando, que os do P. Stafford tinham sido obra feita com muita pressa, e estes mesmos com os do P. Tacquet, de que se usava, não estavam em Lingua Portugueza, resolveo-se a formar hum Curso Mathematico, manual, e expedito, para servir com elle aos naturaes.

O P. Ma-
noel de
Campos.

Pa-

(a) No Tom. IV. pag. 357.

Para isso publicou este Padre a sua *Obra dos Elementos de Geometria Plana e Solida*, segundo a ordem de Euclides, accrescentada com tres uteis Appendices, o 1.º da Logistica das Proporções: o 2.º dos Theoremas Selectos de Archimedes: e o 3.º da Quadratura do Dinostroto, para quadrar o circulo, e tri-secar o Angulo. Sahio em Lisboa na Officina Rita Casseana em 1735 4.º.

Esta obra he traducção do Original de Tacquet, por ser muito usado nas Aulas da Companhia, e em muitos Estudos publicos; e estimado por ser methodo breve, claro e solido; na qual fez alguma alteração, e mudança em algumas Demonstrações; e accrescentou o Liv. XIII., que o dito Author supprimira, e hum Appendix ultimo, com que lhe pareceo, que ficava a obra mais completa. Compoz tambem para uso da mesma Aula da Esfera do Collegio de Santo Antão a outra obra da Trigonometria Plana e Esferica com o Canon Trigonometrico Linear, e Logarithmico, tirado dos Authores mais celebres, que escreverão nesta materia: impressa em Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca 1737 4.º. Além desta escreveo huma Synopse Trigonometrica dos casos, que commumente occorrem em huma e outra Trigonometria Plana, e Esferica com as analogias respectivas, que lhe correspondem. Lisboa, pela mesma impressão em 1737 4.º.

Honremos ainda mais aquelle seculo com a memoria de hum Fidalgo de mui alta jerarchia, o terceiro Marquez de Alegrete Manoel Telles da Silva: os nossos muito o exaltarão de varão dotado de muitas prendas, e instruido nos Estudos de Mathematica: delles deo provas, que por extremo o abonarão nas Lições, que fez na Academia Portugueza, instituida no Palacio do sabio Conde de Ericeira, em que lêo huma parte da sua obra da Esfera, que havia composto em forma de Dialogo, dividido em 12 Tratados, que deixou mss.

o Mar-
quez Ma-
noel
Telles
da Silva.

NO-

NOTAS

Às Memorias Historicas de alguns Mathematicos Portuguezes, e Estrangeiros Domiciliarios em Portugal.

NOTA (a)

Sobre a Inquirição de Noticias fol. 154

O Infante foi por extremo curioso na inquirição das terras e povos, e de todas as cousas, que pertencião á Geografia maiormente da Africa » assim que na tomada de » Ceuta (como nota Barros) e em outras vezes que lá passou, sempre inquirio dos Mouros as cousas de dentro » do Sertão da terra, principalmente das partes remotas » aos Reinos de Fez e de Marrocos . . . porque veio a » saber por elles não somente das terras dos Alarves, que » são visinhos aos desertos de Africa a que elles chamão » Çahara, mas ainda das que habitão os povos Azenegues » que confinão com Negros de Jalof, onde se começa a » Região de Guiné: e por isso accrescenta Barros: » *ante que armasse os primeiros navios estava bem informado das cousas de toda a Costa da terra, que os Mouros habitavão per meio delles* (Dec. I. Liv. I. Cap. II. pag. 5.)

Além destas noticias procurava o Infante haver alguns Mappas, ou Cartas, de que se ajudasse para suas expedições: hum dos que houve á mão foi o que trouxe de suas peregrinações o Infante D. Pedro seu irmão; sobre o qual não alargamos a penna, porque delle mais particularmente fallamos em huma Memoria, que temos escrito sobre este Mappa, e o outro de Alcobça, de que fizerão lembrança alguns de nossos Escritores.

Elle conseguiu tambem hum grande Planisferio, copiado de outro, que existia no Convento dos Camaldulenses



ses de S. Miguel de Murano junto de Veneza, por Fr. Mauro, famoso Cosmografo e Astronomo, de ordem do Senhor Rei D. Affonso V., e provavelmente á instancia do mesmo Infante; o qual em 1459 enviou para esta Corte Estevão Trevisano, que disso fora encarregado. Conserva se ainda na Bibliotheca daquella Casa hum Livro de Registro de Receita e Despesa daquelle Convento, que he da mão do P. Maffei Gerard, Abbade, que foi d'elle em 1448 (depois Patriarcha de Veneza em 1466, e Cardeal em 1489) aonde vem lançada a nota do custo desta Carta. Póde ver-se o Conde Carli no Tom. IX. de suas obras, pag. 9, e no XIII. Part. II. pag. 212, e o Extracto da Carta que M. Villoison lhe escreveu (aonde se lê Affonso IV. em lugar de Affonso V.)

N O T A (b)

Sobre a Leitura dos Livros de Viagens fol. 155.

Muito excitou os desejos do Infante a Leitura das Viagens de Marco Polo, ou Paulo á Asia. He provavel, que houvesse esta obra da mão do Infante D. Pedro, seu irmão: porque consta, que estando este em Veneza, aonde com muitas e grandes festas e honras o recebêrão tanto por sua pessoa, e porque elle as merecia, como pelas liberdades, e franquezas, que tinham os Venezianos em Portugal, lhe derão em grande presente o Livro das Viagens de Marco Polo á Asia, que elles tinham guardado na Casa de seu Thesouro, como obra de grande preço, para por ella se reger o Infante, pois desejava de vêr, e andar pelo mundo. Consta isto por fé de Valentim Fernandes, que assim o diz na Introducção á Tradução do dito Livro de Marco Polo, impresso em 1502 dirigindo-se ao Senhor Rei D. Manoel, a quem a dedicou; e affirma ouvira dizer, que existia na Torre do Tombo.

Accrescentaremos, que tambem o excitarião ás suas em-

empresas as Viagens de Tibet , pai de Marco Polo , á China , ao Japão , ás Filipinas , e ás Molucas , e as dos irmãos Zeni á Noruega , e á Groelandia.

NOTA (c)

Sobre as Noticias dos Descobrimentos do Infante fol. 157.

Destes descobrimentos deixou o mesmo Infante humas noticias , que não sabemos , se ainda hoje existem , dignas de serem depositadas nos Archivos desta Côroa , e trazidas na memoria dos Principes , a que podião servir de despertador de cousas grandes.

Francisco Alcaforado , Escudeiro do Infante , fez huma relação de todo o successo do descobrimento da Ilha da Madeira , que offereceo ao mesmo Infante , cujo original tinha D. Francisco Manoel de Mello (Epanafora Amoroza III. pag. 278) , que diz ser tão chêa de singelleza , como de verdade.

De todos os descobrimentos do Infante até antes de 1439 fez o Malhorquino Gabriel de Valseca huma Carta maritima em Malhorca no mesmo anno de 1439 , em que nomeou e demarcou as Costas de Africa , descrevendo palmo a palmo os cabos , e enseadas , e tudo o mais que os nossos havião descuberto ; e affirma-se , que o fez com tanta exacção , que ou fôra pessoalmente a estas Viagens , e registrara tudo com seus olhos , ou pelo menos houvera de algum testemunho occultar e intelligente , a relação e noticia destas cousas.

Esta Carta era em pergaminho de 5 palmos de largo e 4 de cumprimento ; o qual comprou em Florença D. Antonio Dezpuiq , Conego da Cathedral de Malhorça , e Auditor da Rota , do que falla Antonio Raymundo Pascal na obra do *Descubrimiento de la Aguja Nautica* (pag. 87.)

Foi ella vista e examinada pelo Abbade Betinelli , e
 Tom. VIII. Ee pe-

pelo Abbade Lampillas , e por outros mais ; e a houve-
rão por legitima (ibi pag. 87.)

Desta Carta se diz , que tirára Americo Vespuccio Flo-
rentino huma cópia , que lhe custára 130 ducados de ouro
de marca (ibi pag. 87.)

N O T A (d)

Acerca de Martim de Behaim fol. 164.

Os nossos , como Barros (Dec. I. Liv. IV. Cap. III.)
e Maris nos Dial. , Fr. Fructuoso na Obra das Saudades da
Terra , e o P. Cordeiro na Historia Insulana chamão-lhe
Martim de Boemia : os estranhos , *Behaim* , e Moreri ,
Behaim de Schwartzbach. Herrera na Dec. II. Cap. 19.
da-o por Portuguez , e nascido na Ilha do Faial , huma
das Açores ; e Robertson na sua Historia da America XVIII.
pag. 220. Tom. I. na nota , entende ser provavel , que o
seu nome levasse os Alemães a fazello nascido em Bohe-
mia : comtudo Barros mais antigo e mais classico , do que
Robertson , expresamente o reconhece natural daquellas
terras Dec. I. Liv. IV. Cap. III. pag. 64 , e com elle Maris
no Dial. IV. Cap. X. pag. 315. , Fr. Fructuoso na Obra ms.
das Delicias da Terra , o P. Cordeiro na Historia Insula-
na P. Liv. VIII. Cap. III. pag. 457. e Liv. IX. Cap. 8.
pag. 494 : dos estranhos o tem por Alemão o compilador
do Grande Diccionario Universal Hollandez ; Wanginscil
in Paneg. Bohem. Riccidi na Geog. Reform. Liv. III. Fre-
cher in Theatro ; e Mr. Doppolmayer na sua Relação
Historica dos Mathematicos , e dos Artistas de Norem-
berg , o qual o faz daquella Cidade , e nascido de huma
antiga familia da Alemanha , que ainda em seu tempo
subsistia , que , como diz Moreri , tirára sua origem de
Bohemia.

NOTA (e)

Acerca de Diogo Rodrigues Çacuto fol. 166.

Puzemos entre os Mathematicos do Reinado do Senhor D. João II. a Diogo Rodrigues Çacuto, ou Zacuto, Astronomo. O Padre Francisco da Fonseca Jesuita, varão douto, e grave, faz menção deste Escriitor no Catalogo dos Authores Eborenses, que vem na sua Evora Gloriosa (Evora Douta pag. 411.) dizendo, que era Eborense, e fôra Medico de fama nos Reinados dos Senhores D. João II., e D. Manoel. Barbosa tambem delle faz menção.

O douto Padre D. Antonio da Visitação Freire, Correspondente, que foi do numero da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em a nota 32, que pôz á Vida de Fr. Bernardo de Brito na Nova Edição Academica da Monarchia Lusitana pag. XIII., censurou a Fonseca, e a Barbosa, e a nós, que os seguimos por admittirmos este Author. Não desculpemos os erros, que em quanto a nós em muitos por certo teremos já cahido; mas tambem não consintamos, que tão facilmente no-los imputem sem maior prova. Pelo que somos aqui obrigados a dizer alguma coisa por nossa parte, e mais ainda pela destes dous illustres Escriitores.

Diz-se, que Fonseca he Escriitor muito moderno, para attestar da existencia de hum Author tão antigo como este, não allegando authoridade, que o apoie; mas em que implica, que a noticia deste Author, a pudesse Fonseca haver, ou da tradição vulgar dos Eborenses, que bem se podia conservar por espaço de duzentos e quarenta e sete annos, que tantos vão do principio do Reinado do Senhor D. João II. até o anno, em que se imprimio a Obra de Fonseca, o que não era tamanha antiguidade; ou ainda dos antigos mss., que havia no Collegio de Evora, aonde elle escrevia esta Obra? Allí tinha elle á mão

entre outros os do P. Francisco da Cruz , tambem Jesuita , que empregou toda a sua vida em ajuntar muitos papeis , e documentos; e escreveu huma ampla Bibliotheca Portugueza , que por sua morte se entregou com os mesmos papeis ao douto Conde de Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes , que se offerecera para a imprimir ; a qual obra vio , e consultou o laborioso e erudito Barbosa por via do mesmo Conde.

Postoque Fonseca não allegue especificamente com Author antigo , que fallasse deste Zacuto , prevenio elle o reparo , que se lhe poderia fazer sobre esta , e outras noticias , dizendo em geral na sua Prefação , *que lhe occorreu , para dar maior credito á Historia , allegar sempre os Autores ; mas que só o fizera nas materias , ou novas , ou controversas , deixando de o fazer nas correntes , e sabidas* (Not. Prelim.) e por ventura a noticia deste Author , e de sua obra era huma das vulgares naquelles tempos : Depois disto a Relação , que elle ajunta para ornamento da sua obra não he huma Bibliotheca discursada , mas huma simples lista dos Escriitores Eborenses , em que se não propoz mais , doque apontar seus nomes , e indicar succintamente os titulos de suas obras.

De mais Fonseca referindo este Author , ou se ha de dizer , que inventou , e forjou a seu alvedrio esta noticia , ou que a achou em Escriitor , ou Documento antigo , que a annunciava : se o primeiro , que razão se dá para se lhe imputar huma tal falsidade , nem ainda para se lhe suspeitar algum interesse em tal ficção? se o segundo , porque senão ha de acreditar o que os antigos nos deixarão em tradição , não havendo , como não ha , motivo algum para se suppor a existencia de hum Author , que nunca houvera?

Accrescentamos agora para maior desengano , que postoque não saibamos de que Escriitor , ou Documento usou Fonseca para fallar deste Zacuto , achamos todavia no antigo Tratado de *Hispania* do douto , e erudito Damião de Goes a memoria de hum Zacuto , Astrologo Portuguez :

guez : *Cacutus Judeus Lusitanus magnus Astrologus* : e porque não será este o de Fonseca , porque certo não podia ser o Abraham Zacuto , Author do Almanach , que não era Portuguez , mas Castelhana? Eis aqui hum Author antigo , que podemos offerecer em resposta ao escrupulo do Padre Freire : e isto basta quanto á esta parte , pois ao Padre Freire he que tocaria , que não a nós , allegar provas de impossibilidade , ou inverosmelhança da existencia deste Author.

Dissemos mais , que este Çacuto compozera humas Taboas Astronomicas; dellas faz memoria o mesmo Padre Fonseca na sua Evora Gloriosa: donde se vê, quão inadvertidamente escreveo o Padre Freire na nota acima citada quando arguiu ao Padre Fonseca , de que sendo elle hum Escritor do Seculo XVII. , que pela primeira vez citava hum Author notavel do Seculo XV. não nomeava as suas obras; porque como não lêo elle , que Fonseca havia expressadamente mencionado estas Taboas?

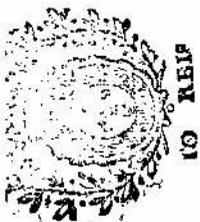
Barbosa tambem as cita *ÿ. Diogo Rodrigues Zacuto*; e he por tanto outra falta taxar a este ultimo e benemerito Escritor Bibliographo de haver imaginado estas Taboas quando se achão muito antes referidas em Fonseca ; nem Barbosa se fundaria só neste Author , com quem allega , mas em algum outro , e talvez na Bibliotheca Lusitana ms. e Documentos do Padre Francisco da Cruz , que vio em poder do Conde de Ericeira ; e na outra Bibliotheca Portugueza do Licenciado Francisco Galvão de Médanha , Beneficiado da Igreja de S. Pedro de Evora , cujo original igualmente vio , e teve o mesmo Barbosa da Bibliotheca do Conde de Vimieiro; e com effeito parece , que elle se servio para isto de memorias diversas das de Fonseca , poisque dando este as Taboas de Çacuto por impressas ; todavia Barbosa as poz por mss. , o que ajuda a crer , que usara de outras noticias , que não das unicas de Fonseca , e do Addicionador da Bibliotheca de Pinello , que o seguia.

E isto , que acabamos de escrever nesta nota sobre
Dio-

Diogo Rodrigues Çacuto , e com o mais que diremos nas notas a Rabi Abraham Zacuto , bastará para satisfazer aos reparos , e censura , que fez o P. Freire a Fonseca , e a Barbosa , e a nós que o seguimos ; e pelo que disse-mos , se poderão tambem corrigir alguns descuidos , que escaparão naquella nota.

Não se deve confundir este Çacuto com o Hebreo do mesmo appellido , e Filosofo , que se diz haver composto hum Tratado do Clima da Lusitania , que existia ms. no Cartorio de Alcobaça , de que dão fé o Licenciado Hieronymo do Souto , Ouvidor da Comarca , e Correição dos Coutos de Alcobaça , e o D. Abbade Fr. Francisco de Santa Clara nas attestações , que destas , e de outras obras passarão , o qual ms. cita Fr. Bernardo de Brito , não huma só vez , como se disse na nota do P. Freire , mas duas vezes , fallando elle dos rios Zezere e Tavora no Cap. III. do seu Livro da Geographia da antiga Lusitania : o douto Abbade Barbosa , ou talvez o Amanuense , ou Impressor inadvertidamente pôz *Liv. III.* em lugar de *Cap. III.* o que bem se lhe poderá perdoar sem lhe fazer arruido neste genero de faltas , tão ordinario nos melhores escritores , e nas muito apuradas e correctas edições. Este he o mesmo , que elle cita na Monarchia Lusitana no Liv. I. Cap. 30. , e em outros lugares ; author , com quem igualmente allega Manoel de Faria e Sousa no Tom. III. da Europa Portugueza , trazendo ambos elles hum troço do Prologo da obra , e porque o P. Freire tambem nos censura a nós e a Brito , a quem seguimos em admittirmos este Escriitor no tempo do Senhor Rei D. Affonso V. Será necessario lembrar , que a respeito da sua idade Faria o remonta ao Reinado do Senhor D. Affonso III. , e o Abbade Barbosa ao do Senhor D. Affonso V. que talvez em se apartar de Fonseca teria documento , que o guiasse , muito mais citando elle o Theatro Lusitano ms. de João Soares de Brito , que possuia além dos dous Authores ; e de caminho se note , que forão tres , os que elle allegou , e não dous como se disse em a nota do P. Freire.

Se.



O REIP

Seguimos nesta parte a data de Barbosa , por vemos , que pela maneira da Linguagem parece ser o fragmento obra de idade mais moderna , que a do Senhor Rei D. Affonso III. , em que a Lingua era ainda muito mais rude , e mais chegada ao antigo Dialecto Portuguez-Galiziano , que muito dominou nos primeiros tempos da Monarchia.

Ignoramos se este Abraham foi o mesmo , que se chama *Abram Juden fisyquo* , e *peliguem* , morador em Elvas , e provido em Rabí da Communa dos Judeos daquelle Cidade pelo Alvará do Senhor D. Affonso V. dado na Cidade de Touro aos 27 de Julho de 1475. (Torre do Tombo Chancell. do Senhor D. Affonso V. Liv. XXX. fol. 48.)

Apparece hum Hebreo do mesmo nome por 1482 morador em Bragança , hum outro mais , provido por 1484 na Cadeira da Synagoga dos Judeos de Lisboa , que vagara de Yssaque Chananell com foro de tres alqueires de azeite em cada hum anno ; outro , que houve Carta de Fysico , morador já em Bragança , já em Aveiro , já em Setubal , se por ventura não são diversos , e outro feito Rabí dos Judeos de Casim. Para todos os quaes ha Provisões , e Cartas dos Senhores Reis D. João II. D. Manoel , e D. João III.



NOTA (f)

Acerca de Thomaz de Torres fol. 176.

Este Medico , e Mathematico parece ser diverso do outro , denominado não sómente Thomaz morador em Lagos , que foi examinado por Antonio de Lacena , Fysico Mór , a quem se lhe deu facultade para poder usar da Arte Fysica , e que não he nenhum dos outros do mesmo nome , moradores em Evora , em Santarem , em Vianna , e em Lisboa , aos quaes se passarão Cartas de Fysicos , e Medicos. (Torre do Tombo. Chancellaria do Senhor

nhor Rei D. Manoel Liv. XII. fol. 29. Liv. XIV. fol. 92. Liv. XII. fol. 9. Liv. 35. fol. 75 , e Liv. XXXIX. fol. 107.) Também parece ser diverso de hum do mesmo nome , que se diz Porteiro da Camara da Rainha , que lhe fez mercê de 2000 réis , que lhe mandou dar pelo seu Thesoureiro Diogo Salema. (Mandado assignado pela mesma Senhora em Almeirim a 18 de Janeiro de 1528 , e vem por baixo o Recibo delle de 20 de Janeiro Corp. Chronol. Part. I. Maço XXXXIII. Docum. 36.)

Teve Moradia com alqueire de sevada por dia , e a 2000 réis por cada hum mez , e vestiarias ordenadas a razão de 4240 réis por anno ; (ibi Maço I. Liv. VII. fol. 133 das Moradias da Casa Real) que se lhe mandarão pagar , ainda quando não havia servido na Corte , que estava em Evora , por ficar com o Secretario Antonio Carneiro em Lisboa. (Provisões datadas em Evora a 4 de Julho de 1534 , e de 16 de Janeiro de 1535 no Corpo Chronol. Part. II. Maço CXCI. Doc. 113. e Maço CXCVII. Doc. 63.)

Houve finalmente Padrão de 6000 réis de tença passado em Evora a 19 de Junho de 1537 , que se lhe deu , depoisque acabou de ser Lente de Astrologia na Universidade de Lisboa , quando ella se mudou para Coimbra com todos os privilegios , honras , e liberdades , que tinha , como Lente , salvo o de se poder chamar á Jurisdicção do Conservador dos Estudos , (Chancellaria do Senhor Rei D. João III. Liv. XXXIV , ou XXIV. Vid. fol. 126 a qual Carta se reporta alli á que se acha immediatamente antes della , dada ao Licenciado Antão Soares.)

Consta , que Thomaz de Torres houve mercê de hum chão junto á serra da Alhandra por Alvará de 26 de Maio de 1523 dado em Almeirim , (Torre do Tombo no Corpo Chronol. Part. I. Maço XXIX. Doc. 71.) e mais 10000 réis de tença , que tivera Simão de Sousa , filho de Duarte Galvão , por Carta dada em Evora a 26 de Outubro de 1524 (Chancell. do Senhor Rei D. João III. Liv. XXXVII. fol. 182.)

NO.

NOTA (g)

Acerca de Rabbi Abraham Zacuto fol. 177.

Wolfio chama a Zacuto *Sacut* ; os Hespanhoes *Zacut* , e *Zecut* ; a edição de seu Almanach de Leiria , *Zacut* ; Damião de Goes , e Fr. Bernardo de Brito fallando de outros Hebreos deste appellido , escrevem *Çacuto*. Ha variedade em assinallar a sua patria : Roman de la Higuera o faz Toletano ; outros de Saragoça ; mas Affonso Hispalense de Cordová ao Almanach , Nicoláo Antonio na Bibliotheca , Pedro Siruelo na Prefação ao Curso Mathematico Salmaticense , Pedro Cuneo no Tratado da Republica dos Hebreos , Wolfio na Bibliotheca Hebraica , D. José Rodrigues de Castro na Bibliotheca Hespanhola , e outros mais o houverão por natural de Salamanca ; e he esta a opinião corrente.

Rabbi
Abraham
Zacuto.

Folgáramos a bom prazer , se elle fosse nosso , como entenderão alguns , havendo-o por natural de Béja , e talvez com apoio sobre algum antigo documento , que por tal o declarasse , nós porém o não sabemos. He verdade , que Castanheda , Barros , Mariz , Faria , e alguns outros fazem menção de hum Rabbi Abraham de Béja , (posto-que Castanheda só lhe chama morador em Béja) e Basnage no Tom. IX. da Historia dos Judeos Cap. 25. pag. 729 , que na nota cita a este mesmo Rabbi Abraham de Béja , mandado pelo Senhor D. João II. a Ormuz , e ao Mar Roixo : mas he tambem certo , que nenhum destes Escri-tores o appellida Zacuto , e que nem as viagens do Rabbi Abraham por varias terras do Oriente quadrão no tempo ao Zacuto , de que tratamos , que os Historiadores dão por vindo de Hespanha a nosso Reino em tempos do Senhor D. Manoel por 1492 , nem consta , que sahisse já-mais de Portugal para outras partes.

Foi Zacuto hum dos ascendentes de Zacuto Lusitano Medico , como affirma D. Luiz de Lemos Lisbonense , Medi-
Tom. VIII. Ff co

co do Paço , que escreveu a vida deste ultimo antes de 1667 , dizendo , que era terceiro neto do famoso Astronomo Zacuto , a quem o Senhor Rei D. Manoel fizera muita mercê , e honra : *Conscijs est universus , ac Litteratorum orbis , quantum nominis famam Zacutus , quondam Mathematicus (qui nostrum agnoscit trinopotem) sibimet peperit ob singularem Matheseos scientie peritiam , propter quam summum gratiæ locum obtinuit apud Regem Emmanuelem.* (In vita Zacuti §. L. no Tom. I. edição de Leão de França de 1667 fol.)

Foi Professor de Astronomia na Universidade de Salamanca , do que dá testemunho hum de seus Discipulos o P. Agostinho Ricci , que confessa ter ouvido naquella Academia as lições deste Mestre : *Abrabam Zacuth , quem præceptorem in Astronomia habuimus in Civitate Salamancha.* (*De Motu Octavæ Sphæræ* , da edição de Pariz de 1521. I. vol. 4.º) Diz-se , que tambem fôra Mestre de Astronomia em Saragoça , e Carthagená , do que não achamos noticia certa.

O titulo da obra , que compoz , pertencente a este lugar , he este : *Almanach perpetuum Cælestium motuum Astronomi Zacuti.* Leyree 1496. I. vol. 4.º Consta de duas obras , huma menor , que contem 13 Canones das Taboas Celestes , ou Astronomicas , outra maior , que contem o Almanach perpetuo , que he todo de Taboas (a). A primeira obra foi traduzida da Lingua Hebraica em Latim por seu Discipulo. José Vizinho : se traduzio tambem a outra obra , não o sabemos.

A primeira edição , quanto apparece , foi a de Leiria em 1496 na Officina , que alli tinha a Communa dos Judeos ; o que he assaz notavel , por ser ainda então mui

ra-

(a) Se o douto P. D. Antonio da Visitação Freire houvesse consultado algum exemplar desta obra , de que ha hum na Real Bibliotheca de Lisboa , acharia , que se não podia duvidar , se as Taboas , e o Almanach erão essencialmente a mesma obra ; nem allegaria com Nicoláo Antonio , que assim o presumia , como faz na sua nota 52 , no fim da vida de Fr. Bernardo de Brito.

raro achar hum impressor , que soubesse haver-se com a estampa deste genero de escritos Mathematicos , contando-se por maravilha haver hum em Veneza , e algum outro por aquelles tempos.

Nicoláo Antonio ignorou o lugar desta edição , e Wolfio a fez Venesiana. D. Francisco Peres Bayer a demarcou em Leiria na Addição e Emenda , que poz no Tom. II. da Bibliotheca Vetus de Nicoláo Antonio pag. 380 , e com elle o P. Fr. Francisco Mendes na Typographia Hespanhola no Tom. I. pag. 340. Ha della hum estimavel exemplar na Real Bibliotheca de Lisboa. Havia outro exemplar , que vimos, na Livraria do Collegio da Graça de Coimbra. Foi esta edição de todo desconhecida de Bartholocio , erudito Author da Bibliotheca Rabbinica , e de D. José Rodrigues de Castro , Author da Bibliotheca Rabbinica Hespanhola.

A segunda edição , quanto sabemos , foi a de Miguel Germano Budorense em 1499 em Veneza , já correcta , e emendada ; de que falla Semlero na sua Bibliotheca , e com elle Wolfio. Da Prefação parece ter havido outra Venesiana ; senão he , que ha equivocação com a de Leiria.

Houve mais outra em 1500 tambem Venesiana da Officina de Lucas Antonio de Florença , em que vem os Theoremata de João Miguel Budorense , e as emendas , e correções do Doutor Lucas Guarino , de que tambem ha hum exemplar na Real Bibliotheca de Lisboa.

Houve ainda outra de Pedro Liechtenstein de Colonia em 1502 com as correções de Affonso Hispalense de Cordova , dedicada a D. Affonso , Bispo de Evora , por hum Affonso Doutor em Artes , e Medicina , de que temos hum exemplar : e esta edição he a unica , de que faz memoria D. José Rodrigues de Castro na sua Bibliotheca Rabbinico-Hespanhola.

Falla-se de hum Codigo ms. no Catalogo dos mss. de Inglaterra no Tom. II. n. 6142 ; e de outro em Hespanhol na Bibliotheca do Escorial com o titulo: *Abrah*

Zacut Almanach de Tablas Astronómicas a ajuntamento maior, que diz Wolfio o vira apontado em o Catalogo ms. da mesma Bibliotheca, de que todavia não falla D. José Rodrigues de Castro.

O mais que poderamos aqui dizer desta obra, largamente o tratamos já em nossas Memorias, para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo XV., que já apresentámos a esta Academia Real das Sciencias.

APPENDIX.

A respeito de hum Mathematico por nome Bartholomeo Crescencio que se diz Portuguez.

SAverin na Historia dos Progressos do Espirito Humano pag. 213. faz menção de hum Portuguez Bartholomeo Crescencio, que não conhecemos em nossa Historia: d'elle diz, que tratou de substituir á maquina dos antigos para medir a sillage, ou singradura do navio, hum meio mais exacto, que o antigo: este tinha-se feito impracticavel depois da invenção das vellas, por quanto as rodas da maquina antiga, com que se media e calculava a sillage, não recebiam o impulso da rota do navio, e não podiam por consequencia marcar a sua celeridade e presteza, sem fallar das oscillações perpetuas do mesmo navio, que impediam quasi sempre, que esta roda girasse.

Estas reflexões lhe ensinaram, que não era possivel medir a velocidade ou singradura do navio pelo movimento da agua, que elle despejava; e entendeu, que a alcançaria tendo conta com o esforço do vento, que fazia avançar o navio. Com esta idéa imaginou huma especie de cofre ou caxa, na qual estava encaestado ou encaxilhado hum páo ou balestilha mobil guarnecida de azas, em torno da qual estava preza huma corda: o vento feria estas azas, e segundo era mais ou menos forte puxava mais ou menos pela corda: esta corda estava enrolada sobre hum cylindro de páo de maneira, que este girava ao mesmo tempo, que a balestilha: dividindo-se assim a corda passava do cylindro á balestilha; era pela quantidade das cordas divididas e enroscadas em roda da balestilha he que se julgava da velocidade e singradura do navio. Posto que esta invenção era muito defeituosa, foi comtudo de utilidade, emquanto o Inglez *Lock* não imaginou outro meio melhor, de que se entrou a uzar, sem comtudo ainda ser em si perfeito.

IN-



INDICE

Das Memorias que contém a Primeira parte do Outavo Tomo.

<i>MEMORIA sobre as Origens da Typografia em Portugal no Seculo XV.</i> , por ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.	pag. 1.
<i>Memoria sobre a Historia da Typografia Portugueza do Seculo XVI.</i> , pelo mesmo	77.
<i>Memorias Historicas sobre alguns Mathematicos Portuguezes, e Estrangeiros Domiciliarios em Portugal, ou nas Conquistas</i> , pelo mesmo	148.



C A T A L O G O

Das Obras já impressas, e mandadas compôr pela Academia Real das Sciencias de Lisboa: com os preços, por que cada humna dellas se vende brochada.

I. B REVES Instrucções aos Correspondentes da Academia sobre as remeças dos productos naturaes para formar hum Museo Nacional, <i>folheto</i> 8.º	120
II. Memorias sobre o modo de aperfeiçoar a Manufactura do Azeite em Portugal remettidas á Academia, por Joáo Antonio Dalla-Bella, Socio da mesma, 1. vol. 4.º	480
III. Memorias sobre a Cultura das Oliveiras em Portugal remettidas á Academia pelo mesmo Author, 1. vol. 4.º	480
IV. Memorias de Agricultura premiadas pela Academia, 2. vol. 8.º	960
V. Paschalis Josephi Mellii Freirii Historia Juris Civilis Lusitani Liber singularis, 1. vol. 4.º	640
VI. Ejusdem Institutiones Juris Civilis, et Criminalis Lusitani, 5. vol. 4.º	2400
VII. Olmia, Tragedia coroada pela Academia, <i>folh.</i> 4.º	240
VIII. Vida do Infante D. Duarte, por André de Rezende, <i>folh.</i> 4.º	160
IX. Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal, ou Lexicon Erymologico das palavras, e nomes Portuguezes, que tem origem Arabica, composto por ordem da Academia, por Fr. Joáo de Sousa, 1. vol. 4.º	480
X. Dominici Vandelli Viridarium Grysley Lusitanicum Linnæanis nominibus illustratum, 1. vol. 8.º	200
XI. Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno de 1789, calculado para o Meridiano de Lisboa, e publicado por ordem da Academia, 1. vol. 4.º	360
O mesmo para os annos seguintes até 1809 inclusivamente.	
XII. Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal, e suas Conquistas, 3. vol. 4.º	2400
XIII. Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza, dos Reinados dos Senhores Reys D. Joáo I., D.	

- D. Duarte , D. Affonso V., e D. João II., 3. vol. fol. 5400
- XIV. Avisos interessantes sobre as mortes apparentes , mandados recopilar por ordem da Academia , folb. 8.º gr.
- XV. Tratado de Educação Fyfica para uso da Nação Portugueza , publicado por ordem da Academia Real das Sciencias , por Francisco de Mello Franco , Correspondente da mesma , 1. vol. 4.º - - - - 360
- XVI. Documentos Arabicos da Historia Portugueza , copiados dos Originaes da Torre do Tombo com permissão de S. Magestade , e vertidos em Portuguez , por ordem da Academia , pelo seu Correspondente Fr. João de Sousa , 1. vol. 4.º - - - - 480
- XVII. Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Portuguezes na Asia , escritas por Diogo de Couto em fórma de Dialogo , com o titulo de *Soldado Pratico* ; publicadas por ordem da Academia Real das Sciencias , por Antonio Caetano do Amaral , Socio Effectivo da mesma , 1. tom. 8.º mai. - - 480
- XVIII. Flora Cochinchinensis ; sistens Plantas in Regno Cochinchinæ nascentes. Quibus accedunt aliæ observatæ in Sinenfi Imperio , Africa Orientali , Indiæque locis variis , labore ac studio Joannis de Loureiro , Regiæ Scientiarum Academiæ Ulyssiponenfis Socii : Jussu Acad. R. Scient. in lucem edita , 2. vol. 4.º mai. - - - - - 2400
- XIX. Synopsis Chronologica de Subsídios , ainda os mais raros , para a Historia , e Estudo critico da Legislação Portugueza ; mandada publicar pela Academia Real das Sciencias , e ordenada por José Anastasio de Figueiredo , Correspondente do Número da mesma Academia , 2. vol. 4.º - - - - - 1800
- XX. Tratado de Educação Fyfica para uso da Nação Portugueza , publicado por ordem da Academia Real das Sciencias , por Francisco José de Almeida , Correspondente da mesma , 1. vol. 4.º - - - - - 360
- XXI. Obras Poeticas de Pedro de Andrade Caminha , publicadas de ordem da Academia , 1. vol. 8.º - - 600
- XXII. Advertencias sobre os abusos , e legitimo uso das Agoas Mineraes das Caldas da Rainha , publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias , por Francisco Tavares , Socio Livre da mesma Academia , folb. 4.º - - - - - 120
- XXIII. Memorias de Litteratura Portugueza , 7. vol. 4.º 5600
- A Primeira Parte do Tomo 8.º - - - - - 400

XXIV,

XXIV. Fontes Proximas do Codigo Filippino , por Joaquim José Ferreira Gordo , Correspondente da Academia , 1. vol. 4.º - - - - -	400
XXV. Dictionario da Lingoa Portugueza, 1. vol. fol. mai.	4800
XXVI. Compendio da Theorica dos Limites , ou Introduccão ao Methodo das Fluxões por Francisco de Borja Garção Stockler, Socio da Academia - - -	240
XXVII. Ensaio Económico sobre o Comércio de Portugal, e suas Colónias, oferecido ao Principe do Brazil N. S. , e publicado de ordem da Academia Real das Sciéncias pelo seu Sócio Jozé Joaquim da Cunha de Azerêdo Coutinho. - - - - -	480
XXVIII. Tratado de Agrimenfura por Estevão Cabral, Socio da Academia , em 8.º - - - - -	240
XXIX. Analyse Chimica da Agoa das Caldas , por Guilherme Withering , em Portuguez e Inglez. folb. 4.º	240
XXX. Principios de Tactica Naval por Manoel do Espirito Santo Limpo , Correspondente do Numero da Academia , 1. vol. 8.º - - - - -	480
XXXI. Memorias da Academia Real das Sciencias , 2. vol. fol. - - - - -	4000
A Primeira Parte do Tom. III. - - - - -	1000
XXXII. Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente , 1. vol. 4.º - - - - -	480
XXXIII. Observações Historicas e Criticas para servir de Memorias ao systema da Diplomatica Portugueza , por João Pedro Ribeiro , Socio da Academia , Part. 1. 4.º - - - - -	480
XXXIV. J. H. Lambert Supplementa Tabularum Logarithmicarum , et Trigonometricarum. 1. vbl. 4.º -	960
XXXV. Obras Poeticas de Francisco Dias Gomes , 1. vol. 4.º - - - - -	800
XXXVI. Compilação de Reflexões de Sanches , Pringle &c. sobre as Causas e Prevenções das Doenças dos Exercitos , por Alexandre Antonio das Neves : para distribuir-se ao Exercito Portuguez folb. 12.º -	gr.
XXXVII. Advertencias dos meios para preservar da Peste. Segunda edição acrescentada com o Opusculo de Thomaz Alvares sobre a Peste de 1569. , folb. 12.º	120
XXXVIII. Hippolyto , Tragedia de Euripedes , vertida do Grego em Portuguez , pelo Director de huma das Classes da Academia ; com o texto, 1 vol. 4.º	480
XXXIX. Taboas Logarithmicas , calculadas até á sétima casa decimal , publicadas de ordem da Real	

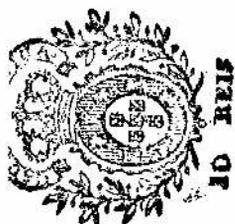
Aca-

Academia das Sciencias por J. M. D. P. 1. vol. 8. ^o	480
XL. Indice Chronologico Remissivo da Legislação Portugueza posterior á publicação do Codigo Filip- pino por João Pedro Ribeiro, Part. 1. ^a , 2. ^a , 3. ^a e 4. ^a	3600
XLII. Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Secretario da Academia Real das Sciencias, Tom. 1. vol. 8. ^o	800
XLIII. Collecção dos principaes Auctores da Historia Portugueza, publicada com notas pelo Director da Classe da Litteratura da Academia R. das Sciencias. 8 Tom. em 8. ^o	4800
XLIII. Dissertações Chronologicas, e Chriticas, por João Pedro Ribeiro, Tom. 1. ^o , e 2. ^o em 4. ^o	1600
XLIV. Collecção de Noticias para a Historia e Geo- grafia das Nações Ultramarinas, Tomo 1. ^o Numeros 1. ^o , 2. ^o , e 3. ^o	360
O Numero 4. ^o	240
O Tomo II. Numeros 1. ^o , e 2. ^o	240

Estão no préto as seguintes.

Taboadaş Perpétuas Astronomicas para uso da Navegação
Portugueza.
Memorias Economicas, 4.^o, e 5.^o vol.
Documentos para a Historia da Legislação Portugueza, pe-
los Socios da Academia João Pedro Ribeiro, e Joaquim
de Santo Agostinho de Brito Galvão, 1. vol.
Collecção dos principaes Historiadores Portuguezes.
Taboas Trigonometricas, por J. M. D. P. 1. vol.
Obras de Francisco de Borja Garção Stockler. Tom. 2.^o

*Vendem-se em Lisboa na loja de Bertrand; e em Coim-
bra, e no Porto tambem pelos mesmos preços.*



MEMORIAS
DE
LITTERATURA
PORTUGUEZA,
PUBLICADAS
PELA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

TOMO VIII. PARTE II.



LISBOA
NA OFFICINA DA MESMA ACADEMIA.

ANNO M. DCCC. XIV.

Com licença de S. ALTEZA REAL.

DAS ORIGENS, E PROGRESSOS
D A
POESIA PORTUGUEZA

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

Introdução do uso da Poesia na Hespanha primitiva, e particularmente na Lusitania.

A POESIA, amavel filha do Prazer, e producção do Rhythmo, e da Harmonia, para que todos os homens tem huma notavel inclinação, foi huma Arte de todos os tempos, e de todas as nações; e os Hespanhoes não podião deixar de a ter entre si, como os outros povos: elles com effeito a cultivarão, e desde tão alta antiguidade que hombreavão com as mais antigas nações nos estudos Poeticos. Descendentes dos Celtas, (a) que muito amavão as Musas, não podião deixar de exercitar como elles a Poesia, e de ter seus Poetas, e Trovadores como tinhão os Gallos Celtas os seus Bardas, os quaes escrevião, e cantavão em seus poemas as maximas da Religião, e da Moral, as suas Leis Civis, e as façanhas, e proezas de seus maiores; e estas suas trovas, e rimances passavão em herança de pais a filhos, como brazões de seus avoengos, e annaes da sua historia, e se aprendião de cór nas Escólas para se formarem os costumes, e a doutrina na primeira educação da mocidade.

Não se restringia a Poetica dos antigos Hespanhoes a este unico fim; a sua Poezia sahindo das Escólas entrava como hum prazer, e ornamento nas ceremonias do Culto, nas danças, nos banquetes, e em outras muitas occasiões

Tom. VIII.

Gg

de

(a) Temos mostrado a origem Celtica dos Hespanhoes em nossa Obra das *Origens Celticas da antiga Lingoa de Hespanha, e de seus actuaes Dialectos.*

de festa, e de aparato: nem abrião mão della nos mesmos tempos de guerra; marchavão para a campanha tocando concertadamente os escudos, ou broqueis sonoros, que pela maneira por que erão feitos, retumbavão como os sistros dos Coribantes, e cantando varias trovas, e motetes, que muito os alvoroçavão, e accendião em grandes brios, e ardimento, e os tornavão mais agudos, e arremçados para a batalha; até nella entravão cantando seus versos, e se vencião seus inimigos, entoavão no meio do exercito o Pean, ou Canticos da victoria, como de Viriato o conta Silio Italico.

*Ac ritu jam moris Iberi
Carmina pulsata fundentem barbara cetra
Invadit. (a)*

Este formoso exercicio da Poesia, que assim era geral em toda a Hespanha, muito particularmente o foi de nossa antiga Lusitania, já então não menos célebre pela cultura das bellas artes, que por seus feitos militares: ella foi hum terreno mui fecundo, e grato para as Musas, que nella puzerão seu assento, e domicilio: nem os Lusitanos dados naturalmente em hum clima suave, e doce aos prazeres e encantos do Rhythmo, e da Harmonia, podião deixar de receber as Musas, e as Graças no seu seio, e de unir com as bellas artes da Orchestica, e da Musica, que muito amavão, os atractivos de huma arte tão gentil como a Poetica, que era como a alma e espirito de ambas ellas, e com ellas nascêra de huma mesma origem. A antiga Historia nos conta, que elles usavão de cantar versos entre os seus bailes, e festins, e que tambem o fazião no meio das acções militares, caminhando para a guerra ao som harmonioso de instrumentos, e entoando antecipadamen-

te-

(a) Lib. X. v. 230. Este costume era o mesmo dos povos Celticos, como se póde ver de Tito-Livio, de Diodoro de Sicilia, e de outros, cujos lugares trazemos em nossa obra dos Antigos costumes Celticos da Hespanha.

te ao afrontar, e investir os inimigos os canticos da victoria, como que a levavão consigo apertada nas mãos. (a)

Dous povos entre outros da Lusitania nos deixarão de si memoria honrosa neste trato das Bellas Artes, os Turdetanos, que erão em parte Lusitanos, e os Callaicos, que pertencião inteiramente á Lusitania. E pelo que toca aos Turdetanos foi a sua Provincia, ou região a em que primeiramente florecerão as Musas da antiga Hespanha: os seus habitadores que se estendião pela costa maritima desde o Betis, ou Guadalquivir, até o Guadiana na Betica, e desde o Guadiana até o Promontorio Sacro, e o Barbario na Lusitania, (b) blazonavão nos tempos de Strabão de terem Poemas de mais de seis mil annos de antiguidade, em que dizião acharem-se escritas, e consagradas ás memorias dos homens as suas Leis, e os feitos assignalados da sua Historia: (c) e postoque se devão tomar quatro mezes por cada hum anno, segundo a maneira antiga de contar dos Hespanhoes; todavia sempre a origem dos seus Poemas remontava a mui alta antiguidade emparelhando com os tempos heroicos da Historia do mundo primitivo. (d) Este uso da Poesia lhes vinha a elles da prática dos

Gg ii

Cel-

(a) Assim o conta Diodoro de Sicilia, e o nota Justo Lipsio ad Militiam. L. III. Dialogo VII.

(b) A Turdetania Betica occupava o espaço que ha entre os Rios Guadiana, e Guadalquivir; e a Turdetania Lusitania, segundo Ptolomeo, toda a terra que corre desde a boca do Guadiana pelo Promontorio Sacro até o Promontorio Barbarico, ou Cabo de Espichel; tendo na Costa as Cidades de Balsa, Osionola, Salacia, e Cetobriga; e no Mditerraneo que discorre sobre o Promontorio Sacro, as Cidades de Julia Myrtilis, e Pax Julia. Estes Turdetanos da Lusitania erão parentes dos da Betica, e tinham os mesmos usos, e costumes.

(c) *Antiquitatis monumenta habent, concripta Poemata et metris inclusas leges, a sex millibus, ut aiunt, annorum.* Strabo III. 204.

(d) O anno entre Iberos era ordinariamente de quatro mezes, e ratas vezes Solar; Xenophonte de *Æquinocio tempor.* *Iberis annus quadrimestris ut plurimum est rarissime Solaris* Segundo o calculo de Petavio no *Ration tempor.* desde a confusão das Linguas succedida perto de cento e trinta annos depois do Diluvio, que inundou a terra em 2329 annos antes do Nascimento de Christo, até o tempo em que escreveu Strabão, que floreceo nos fins do Imperio de Augusto, e principios do de

Celtas de que tiravão sua origem , gente por certo muito dada a taes estudos , e a todas as gentilezas , e donaires das Bellas Artes. (a)

Depois dos Turdetanos muito se extremarão os nossos Callaicos , ou Povos da primitiva Galliza , que então se estendia pela parte Septentrional , e Occidental da Hespanha desde as costas marítimas das Asturias , ou dos Artabros até á margem direita do rio Douro , e fazia huma parte consideravel da nossa antiga Lusitania. (b)

Erão elles como os Turdetanos , e outras mais gentes de Hespanha , taubem descendentes dos Celtas ; e destes havião derivado o gosto de poetar , assim como os exercicios da musica , e da dança , e varios outros estylos , e costumes em que muito com elles se parecião. (c)

El-

Tiberio , corréão 2179 annos Solares , estes compoem justamente os 6000 annos que tinhão de antiguidade os Poemas dos Turdetanos.

(a) Os Turdetanos da Lusitania erão Celtas de origem , que por isso aos que Ptolomeo chama Turdetanos , dando-lhes todo o Algarve , e parte de Alemtéjo até Béja ; chamão outros especificamente *Celticos* , maiormente aos que vivião pela margem direita do Guadiana. Plinio e Mella dão-lhes o nome generico de Lusitanos , que nós mostramos serem de origem Celtica na obra de nossas origens Celticas da antiga Lingua de Hespanha , e de seus actuaes dialectos : os Turdetanos da *Etica* erão seus parentes , e vinhão tambem do mesmo tronco Celtico , que por essa razão Possidonio em Strabão lhes chama não só vizinhos , mas tambem parentes dos Celticos. L. III.

(b) A Galliza antes da divisão , que fez Augusto , das Provincias de Hespanha , pertencia á Lusitania. Possidonio em Strabão , chama aos Artabros , ultimos povos da Lusitania , e o mesmo Strabão fallando da região que corria do Douro para o Norte , diz que ella no antigo se chamára *Lusitania* , e nos seus tempos *Callaica* : *Tractum omnem , qui olim Lusitania nunc Callaica dicitur* ; e conta os rios Lima e Minho entre os limites da Lusitania L. III. : do que se vê tambem quanto se enganarão Nicoláo Antonio , Brito , e outros mais , que não reconhecerão a Galliza por huma parte da Lusitania.

(c) Pomponio Mella fallando desta região o diz expressamente *Totam Celtici collunt* Lib. III. Cap. I. , sobre que se podem ver as observações , e Notas de Isaac Vossio a este lugar p. 790. Strabão affirma , que os costumes da Galliza se assemelhavão aos dos Celtas Thracios , e Scythas ; e coloca Celtas junto dos Artabros , e Promontorio Nerio , e os faz descendentes dos Celticos do Guadiana , contando com estes formando huma expedição com os Turdetanos havião entrado pela região Entre Douro ,

Elles erão o que são ainda hoje, amadores da musica, e da orchestra, costumando cantar e dançar ao som dos instrumentos, especialmente das cetras, ou e. cudos que fazião ressoar por hum modo harmonioso.

A estas duas Bellas Artes união sempre a da Poezia, natural companheira de ambas ellas, entoando na sua Lingua cantigas, e poemas, por que muito se fazião conhecidos, e notados naquella idade. Este estilo, e pratica dos antigos Callaicos tinha ante os olhos Silio Italico, quando fazendo a resenha da gente Hespanhola, que levava Annibal contra os Romanos, representou os Callaicos, como gente mui dada ao baile, ao canto, e á Poesia.

————— *Misit dives Callacia pubem
Barbara nunc patriis ululante Carmina linguis,
Nunc pedis alterno percussa verbere terra
Ad numerum resonas gaudentem plaudere cetras. (a)*

Destes primitivos tempos não ficou á posteridade, nem monumento algum de sua poesia, nem memoria do nome de algum de seus Poetas, correndo nisto parellas a nossa Hespanha com as mais antigas Nações da Europa, que sabendo por tradição dos exercicios Poeticos de seus maiores nas primeiras idades, ignorão quaes fossem os seus poemas primitivos, e quaes os seus primeiros Poetas; he porém

e Minho, e se tinhão derramado por aquellas partes donde não só os Callaicos erão Celtas de origem, mas huma boa parte delles o erão particularmente pelo estabelecimento que alli fizerão as Colonias dos Celtas do Guadiana.

(a) Lib. III. v. 345 e seg. Deste antigo costume que tiverão nossos Lusitanos de fazerem ressoar em maneira de musica instrumental as cetras, ou broqueis, não se esqueceo o nosso Poeta Eraz Gracia Mascarenhas no seu Viriato Tragico Canto II. Est. 56. p. 58.

Quantos estavão promptos escutando
Com mil vivas em pé se levantarão,
Businas, Frautas, e Broqueis tocando,
Que nos concavos valles retumbavão.

rém de presumir, pelo que se colhe de nossa Historia, e da dos Celtas de que nós viemos, que os poemas daquelles seculos erão pela maior parte, como os dos Bardas, Druidas, e Samothéos, isto he, dogmaticos, moraes, e historicos, poisque a Poesia estava então menos distante de sua primeira origem, que foi cantar hymnos a Deos, e gravar na memoria dos povos, por meio da harmonia do metro, a historia, e a doutrina.

Do uso da Poezia Hespanhola nos tempos da Dominação dos Romanos, e dos Wisigodos.



NOs tempos em que os Romanos se mantiverão senhores do nosso continente, não deixarão os nossos de continuar o antigo exercicio das Musas, muito mais tendo o estímulo, e a imitação dos bons modellos dentre os Gregos, e Latinos, que corrião por toda a parte, sendo ainda hoje célebres na Historia Poetica Latina daquella idade os nomes de Lucano, de Sextilio Hena, de Cornelio Severo, de Silio Italico, de Marcial, de M. Vnico, de Deciano, de Liciano, de Seneca, de Prudencio, e de Juvenco, que derão ás Musas Romanas muitos Poemas, de que ainda alguns figurão hoje com honrosa memoria de seus nomes. (a) Provavel he que se compozesse, e escrevese tambem na antiga Lingua nativa da nossa Hespanha, ou em seus diversos dialectos, sem embargo da extensão, e ascendente que havia tomado a Lingua Latina na Provincia: (b) com tudo aquella idade não nos deixou em nossa herança documento algum dos Poemas desta classe.

O gosto de poetar em Latim, bemque depois inteiramente corrompido pela geral decadencia em que ficarão as Bellas Artes em toda a Europa, manteve ainda entre nós

(a) Podem vêr-se Crinito, e Lillio Giraldo, Dial. IV. Hist. Poetica.

(b) Mostrámos em nossa obra das Origens da antiga Lingua de Hespanha, e de seus actuaes Dialectos, que a Nação Hespanhola conservou sempre o seu idioma primitivo, postoque alterado em todo o tempo do Senhorio, e dominação Romana.

nós seu exercicio na época do Reinado dos Wisigodos: esta gente Septentrional, postoque a principio rude, e mais dada ás armas, do que ás letras, não deixava de ter seus Poemas, como os tinham quasi todas as Nações do Norte; elles erão amadores da consonancia, e folgavão muito de compôr suas trovas com huma locução sonora que fizesse a sua Poesia mais harmoniosa, e musical: e para isto empregavão muitas vezes as rimas, ou cadencias semelhantes, invenções Orientaes, que delles forão conhecidas, e praticadas em alguns dos seus Poemas como esmaltes que muito realçavão os adornos Poeticos, e davão nova graça á sua Musa, (a) e consta que usavão destas consonancias, e cadencias não só nos versos em sua lingua vulgar, dos quaes muitos acabavão com semelhança de desinencias, mas tambem nos que escrevião na Latina, compondo nella algumas vezes versos Leoninos, com rimas perfectas de duas syllabas em hum espondeo, e de tres em hum dactylo. (b)

Com tudo, ficando-nos de nossos Hespanhoes Wisigodos alguns fragmentos de Poesia Latina, nenhum chegou a nós de sua Poesia vulgar, nem em sua Lingoa Gothica, nem na antiga, e propria de Hespanha, que continuava a existir naquella idade, (c) podendo-se dizer aqui o que daquelles tempos disse o insigne Poeta Antonio Ferreira a respeito da Poesia.

» Ficou o mundo hum tempo frio, e mudo.

Pas-

(a) Alguns até querem derivar a palavra *Rima* de *Runeri*, isto he, Poetas entre os Godos, e de *Runes* Poezias, nome que elles davão aos unissonos dos Versos daquelle tempo.

(b) Das Poesias Gothicas fallarão Jornandes, e Paulo Wanefrido na Historia dos Longobardos, Olão Wormio de Fast. Danic. C. 6., e Loccenio nas Antiquid. Suco-Gothicas. C. 13. Dos Poemas em Linguagem Gothica, e rimada fazem memoria Jorge Hieskes no Cap. XXIV. do Thesouro, Junio no principio de seu Glossario Gothico, Estifanio, e outros.

(c) Temos tambem mostrado em nossa obra das Origens Wisigothicas da Lingua de Hespanha, e de seus actuaes Dialectos, que o antigo idioma Hespanhol se manteve quanto ao seu fundo em todo o tempo do Imperio Wisigothico.

Passemos á E'poca da Conquista, e Imperio dos Arabes em nossa Hespanha.

Do uso da Poesia na Hespanha nos tempos da Dominação dos Arabes.

NOs Campos de Xeres acabou a gloria do Imperio Wisigothico, mas a Poesia longe de esmorecer, e afrouxar debaixo da dominação dos Arabes, recebeu delles nova força e energia. Estes Sarracenos vencedores da maior parte de Hespanha, assim como forão os Senhores das terras, forão tambem os mestres, e os oraculos da Litteratura desta Peninsula. Elles não erão naquelle tempo o que são hoje, isto he, hum povo grosseiro e rude: era huma Nação illustrada pelas Sciencias, e polida em todas as galas, e gentilezas das Bellas Artes. A Poesia era hum dos seus encantos, e primores: huma gente dotada de espirito vivo, e de genio ardente, naturalmente se elevava ao entusiasmo Poetico: até havia familias, e Tribus entre elles, em que a Poesia estava como vinculada em morgado, e se herdava de pais a filhos com emulação de huns, e outros; para se igualarem, ou se excederem nos seus Poemas. (a)

Os mais antigos monumentos da Litteratura daquella Nação havião sido consagrados pelas suas Musas, e já antes de Mahomet contava ella de seis até sete Poetas de illustre nome. (b) Os seus Poemas erão os Livros de suas genealogias, e as Fastos, e Annaes de sua historia, e ao mesmo tempo os maiores brazões de sua Lingua. Elles devião á sua Poesia, a inteireza a regularidade, a constancia, e a extensão de seu Arabigo; (c) e nenhuma outra Na-

(a) Casiri Bibl. Arab. Scurial. tom. I. pag. 91.

(b) Assemani Biblioth. tom. III. pag. 580, Casiri Biblioth. Arab. Scurial. I. pag. 71.

(c) Asiutheo lib. Antologiae. Veja se Casiri Biblioth. Arabico Scurialens. tom. II. pag. 17.

Nação na meia idade apresentava nem maior número de Poetas, nem Poesia mais rica, e copiosa.

Os Arabes, que vierão á nossa Hespanha, não degenerarão do gosto de seus antepassados, elles produzirão em terra estranha Poetas iguaes aos primeiros da sua patria, que taes forão entre outros Almotanabbi, Abbu Navar, Abbu Taman, Albagrai, Khali ben Abik, Ben Mokanes, e Benzaidun, nomes decantados no Arabismo. Destes, e doutros muitos traz varios versos, e escolhidos Poemas o Arabe Abilualid Ismail ben Mohamar ben Amer, natural de Cordova, que floreceo no seculo VII. da Egira, no seu Tratado da Arte Poetica. (a) Abi Bahr Sephuan ben Edris Hespanhol, refere os versos de mais de tetenta e dois Poetas Arabico-Hespanhoes, na sua Collecção Poetica, e na outra intitulada *Provisão do Viajante*, (b) e Alpath ben Mohamad ben Khanan Alcaissi, que morreo em 535 da Egira, faz memoria em sua Bibliotheca de Reis, Vizires, Ministros, Juizes, Jurisconsultos, e outras pessoas douras d'entre os Arabes Hespanhoes, que havião sido bons Poetas. (c)

Entre estes, extremarão-se muito os de Portugal, porei aqui alguns de maior nome, porque acuda com isto á curiosidade de alguns Leitores, são elles os seguintes.

Abdala ben Rada ben Khalid, natural de Evora, que morreo no anno da Egira 429, que os seus contão por hum Poeta sentencioso, e pollido, que soube ajuntar a ellegancia do estilo com a gravidade das sentenças.

Poetas Arabes em Portugal.

Said ben Hakem Abu Othman Alorasita, originario de Tavira, e de mui nobre familia entre os seus, que passou por grande Poeta, e publicou muitos versos.

Abdelmalek ben Abdala ben Badrun Alhadramita, natural de

Tom. VIII.

Hh

tu-

(a) Trazem muitos fragmentos de Poesia Arabiga Schultenz na *Anthologia Arabiga*, Erpenio, e Golio nas *Collecções de Poesias Arabicas*; Jones na *Poesia Asiatica*; Pocok no ensaio dos *Proverbios de Meidan*, que traduzio, publicado depois por Schultenz em 1773.

(b) Casiri *Bibliotheca Arabico-Scurialensis* Tom. I. pag. 93.

(c) Casiri I. pag. 102.

tural de Silves, Poeta insigne, que viveo no Seculo VI. da Egira, e illustrou o famoso Poema intitulado *Ben Abdun* com hum erudito Commentario.

Abu Baker Mohamad ben Amar Dulvazatin, que se diz natural de *Schanabos*, no territorio de Silves, isto he, como parece, de Ossonoba, o qual foi excellente Poeta, e por sua Poesia abriu caminho para conseguir grandes honras; os seus versos refere o Arabe Ebn Albareo.

Abulcassem Kahalaph ben Alabraschi, natural de Santarem, que morreo na Egira 532.

Abu Baker Mohamad ben Abrahen Alamari Alcarsi, nascido em Beja.

Abu Baker ben Sokon, que tambem nasceo em Béja.

Abulvalid Ismael, natural de Silves, por sobrenome Ebn Aschuasch, que morreo na Egira. 558.

Abu Mohamad Abdala ben Abi Baker ben Abraham ben Almonkhol, da mesma Cidade de Silves.

Abu Amran, Musa ben Hossain ben Amran, que teve por patria a Mertola, e morreo no anno da Egira 604.

Abul Cassem Abdelmalek ben Badrun Alhadramita, que nasceo em Silves; author da Historia de Joseph, que se intitula Ephod.

Poetas He-
breos em
Portugal.

Com as obras destes, e de outros muitos Poetas se derramou por toda a Hespanha o gosto da Poesia Arabica, em tal maneira, que os mesmos Hebreos Hespanhoes que havião até então religiosamente guardado a sua antiga Poesia da Escripura Sagrada, se voltárão a seguir as pizadas dos Sarracenos, tomando delles huma nova fórma de poetar, que não tinham, e sugcitando-se ao seu magisterio não menos na Poesia, que nas mais Artes, e Sciencias. Assim elles transferirão para o seu Rabbinico, o metro, e versificação do gosto Arabe, de tal sorte, que recebêrão a medida dos versos, as rimas; e quasi todas as Leis da Poesia Arabica, e até adoptárão em seus discursos Didacticos o uso das palavras facultativas, ou proprias da Arte Poetica dos mesmos Arabes.

Chegou isto a tal ponto, que o famoso Author do
Cu-

Cuzari, mais de duas vezes reprehendeo severamente os seus por haverem contaminado a sua Poesia com o metro Arabico, e versificação estrangeira. Fora R. Salomão ben Gabirol, Cordovêz, o primeiro que por 1040 introduzira entre os seus este gosto de Poemas Arabes, que por isso foi chamado pai da Poesia Hebraica moderna, a quem o Portuguez R. Moysés ben Chabil, de Lisboa, no seu Tratado da Poesia, que escreveo com o titulo de *Caminhos do prazer* deo muitos, e mui altos louvores, gabando seus hymnos sobre diversos assumptos, que se costumavão cantar nas Synagogas. (a) Elle excitou os engenhos de muitos a entrar no caminho que tinha aberto, e forão logo por seus vestigios os Hespanhoes R. Isaac, o douto R. Aben Hezra, de quem existe hum famoso Poema sobre o Jogo do Xadrez; (b) o occulto, e elegante Maimomdes, que compôz alguns Poemas; R. Manoel, Poeta do Seculo XII, cujo *Macchberoth*, ou *Collecção* em que vem a das Canções, e Madrigaes, se gabão de ter vivacidade de imaginação, grandeza de idéas, clareza na dicção, e mui variada doutrina na Fysica, e de Moral; e finalmente outros muitos de que fazem honrosa memoria as Bibliothecas Rabbinicas.

Ora assim como os Hebreos Hespanhoes adoptarão dos Arabes muitas das bellezas de suas Musas, natural era que tambem os Christãos as tomassem delles: a introducção da sua lingua assentada com o seu imperio em quasi todas as Provincias de Hespanha, facilitava aos nossos o commercio das Musas Arabigas, e os levava a imitar

Hh ii

na

(a) Isto havia já feito em Babilonia R. Hai, que morreo por 1037 pondo entre as orações da noite do grande jejum, huma deprecação metrica rimada no Machazor, ou Breviario, que havia composto para uso das Synagogas de Italia, e usou da mesma Poesia no seu Poema Didactico da *Instrucção do Entendimento*.

(b) Ha delle muitas composições Poeticas na Livraria do Escorial, das cuas vio, e copiou algumas Elias Maipurgo, Cabeça dos Hebreos em Gradisca, no Discurso impresso em Gorica em 1782, e de algumas falla Biscioni na Bibliotheca Laurentiana tom. I, pag. 145. Bartoluccio attesta ter visto mais de 120 composições Poeticas deste Rabbino.

na Linguagem Hespanhola, o que os Sarracenos fazião no seu Arabigo; porque bem sabido he, que esta Lingua era então mui corrente entre os nossos, e que nas terras avassalladas dos Arabes andava de parceria com o idioma nativo do paiz, havendo entre ambos huma reciproca communicação, e commercio.

Assim os Hespanhoes usavão muitas vezes do Arabismo não só no trato familiar com os Sarracenos, ou fosse de viva voz, ou por escrito, mas ainda nas Escrituras, e instrumentos públicos, nas Artes, e Sciencias, nos mesmos estudos Sagrados; sobre tudo na Poesia: ouvião-se os seus Poemas Arabicos em todas as partes na boca não menos de Hespanhoes, que de Sarracenos; e já chegava a tal ponto entre os nossos, o amor que tomárão ás suas Musas, que com muita promptidão, e elegancia versificávão naquella Lingua na medida, e rima dos mesmos Arabes. (a) Estes ao mesmo tempo, fosse politica para attrahir os nossos, fosse por necessidade de tratar com elles, esmeravão-se em fallar, e escrever correntemente em Hespanhol, do que ainda hoje existem documentos em Escripturas por elles feitas na Lingua vulgar de Hespanha, nos ultimos tempos de seu imperio. (b)

Esta mutua communicação das duas Linguas naturalmente havia a huma muitos dos primores, e donaires da outra, e a gentil arte de poetizar, que tão valida, e rica

an-

(a) Alvaro Cordubense com os mais Ecclesiasticos que promovião a Lingua Latina, por ser a da Religião, e a da Igreja Occidental, lamentava haver então, quem apenas soubesse escrever huma carta Latina, havendo tantos, que sabião tão bem o Arabe, e a sua Poesia. *Propriam Linguam non advertunt. Latini ita ut ex omni Christi Collegio vix inveniantur unus ex milleno hominum numero qui salutaritas fratri possit rationaliter dirigere Litteras & reperias absque numero multiplices turbas, quæ erudite Chaldaicas verborum explicit pompas ita, ut matrice eruditior ob ipsis gentibus Carmine, & sublimiore pulchritudine finales clausulas unius litteræ coarctatione decorant, & juxta quod lingue ipsius requirit idioma quæ omnes vocales apices commata claudit, & culla rhythimice, &c.*

(b) No Archivo da Casa do Duque do Infantado em Hespanha, achão-se Escripturas dos Arabes em Castellano, ainda em letras Africanas. Pizzi no Ensaio sobre la Gramatica, y Poetica de los Arabes. p. 13.

andava entre os Arabes, e tão tratada dos nossos, não poderia deixar por este meio de muito influir nas nossas Trovas, e de lhes dar novas graças, e bellezas: porque certo que os nossos ao passo que se applicassem aos estudos do Arabismo, irião achando nelle hum fundo inexaurivel de riquissimos Poemas, que naturalmente os attrahirião com seus encantos, e os convidarião a transferir para a Lingua propria o mesmo gosto de poetar, que achassem na estranha, de que ficou muito sabor nas trovas, e rimances dos quatro primeiros Seculos da Monarchia Portugueza: do que fallaremos em seu lugar: maiormente da Rima, que deo nova fórma á Poesia vulgar, e veio a constituir huma das suas bellezas, a que allude o insigne Poeta A. Ferreira.

- » *Veio outra gente, trouxe outra arte nova,*
 » *Em que alçou hora sòm grave, hora agudo:*
 » *Chamou o povo á sua invenção trova,*
 » *Por ser achado consoante novo,*
 » *Em que Hespanha até aqui deo alta prova.*

Daquelles tempos porém, em que tanto florecerão os exercicios Poeticos, bem como dos Seculos anteriores, não chegou a nós monumento algum da Poesia de nossos maiores, salvo algumas composições metricas no Latim barba-ro daquella idade, pelo que somos obrigados a saltar todo este espaço de tempo em que dominarão os Arabes, e a descer á época do estabelecimento da nossa Monarchia sobre as ruinas do Arabismo, tempo em que entrão a apparecer as primeiras obras da nossa vulgar Poesia.

DA ORIGEM, E PROGRESSOS
D A
 POESIA PORTUGUEZA.

CAPITULO II.

Da Poesia Portugueza nos Seculos XII. e XIII.

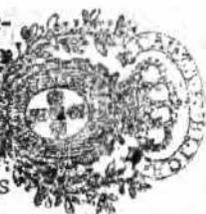
Não podemos fixar ao certo a primeira época da Poesia Portugueza; mas podemos conjecturar, que ella começou logo de figurar nos primeiros tempos da Monarchia, isto he, no Seculo XII.; mas nem por isso se entenda, que nos inferiores nesta parte ás mais Nações da Europa, não se for á Norwega, e á Suecia, que sobem mais assis- com seus poemas. (a) Com effeito, quando Portugal co-

(a) O Norte he o unico paiz que remonta á maior antiguidade, porque sem fallar de tempos mais remotos, em que muitos querem pôr as suas Musas, he certo que já nos fins de Seculo X. os Escaldros, ou Poetas da Norwega, e da Suecia apresentavão as suas primeiras composições em versos Saphicos, sem rima, e tambem Poesias rimadas, como são a Satyra do Islandez Hjalte escrita em 994 sobre Odino, e Freja, e a Saga de Olof Tryggvason, que morreu em 1000, e as obras de Einar Skuleson, Poeta de Irverker, que são os primeiros partos de que se sabe com mais certeza da Poesia Septentrional; a que depois accretão por 1150 as rimas de Rolson, Rei de Suecia, e de outros: sobre que se pôde ver Gafton Rezzonico nas notas ao seu Discurso sobre a Poesia vulgar, que precede ás obras de Trugoni da Edição de Parma, Not. 33.

Não contamos aqui a Grã Bretanha, porque aindaque Beda falla do Monge Benedictino Coedmon, como Poeta mui distincto, que fazia improvisos em sua Lingua, pelo meio do Seculo VI, não resta delle obra alguma, nem que restasse poderia por ella datar-se a origem, e época da primeira Poesia conhecida da Lingua Ingleza muito mais moderna, e mui diversa do antigo Bretão daquella Ilha. A Poesia Ingleza, quanto sabemos, começou no Seculo XIV. ou quando muito no XIII.,

começou de firmar, e estender o seu Imperio, e Principado dividido do de Leão, e das Asturias, ainda entre os tumultos da guerra em que andava baralhado com os Arabes, deo lugar, e honra á cultura da Poesia, como se estivesse em tempos de muita paz, e assocego. Contribuiu muito para isto o mesmo exemplo que nos havia ficado dos Arabes, que grandemente tinham excitado nossa afeição aos prazeres poeticos; maiormente nos Portuguezes que haviamos estado debaixo do seu dominio, nas terras sujeitas, e tributarias ao seu Imperio: porque costumados com elles a todos os folgarés da poesia, facilmente continuavamos em manter o antigo trato, e exercicio das Musas, depois de nos acharmos em liberdade, e izenção de poder estranho.

Nem menos contribuiu para isto o exemplo de algumas Nações, e Provincias que por aquelles tempos começavam também de estabelecer o seu Parnaso; quaes foram a Alemanha, que então promovia muito estes estudos, e produzia seus Poetas, (a) a Catalunha, Valencia, e Aragão em nossa Hespanha; e a Provença, e Provincias meridionaes da França circumvisinhas, que começarão de dar os pri-



e verdadeiramente as primeiras obras existentes de que havemos noticias são, as de Chaucer contemporaneo de Petrarca, e premeiro Padre da Poesia Britanica.

Tambem não contamos aqui a Escocia, poisque o primeiro poema que ella apresentou de Ossian Barda Ersc, filho de Fingal, que á poucos annos descobrio, e traduzio em proza Ingleza o Escocoz Jacob Macpherson, e em Italiano o Abbaçe Cesarotti, aindaque se quiz dar por obra do Seculo XI. foi posto em disputa pelos Criticos, que duvidarão desta sua antiguidade, sem embargo dos esforços com que a quiz defender Hugo Blair, douto Professor da Universidade de Edimburg.

A Italia tambem aqui não tem lugar, porque a sua Poesia não appareceu senão nos fins do Seculo XIII. com Guido Sanuncelo, Bolognez, com Dante Alegheri, com Boccacio, com Petrarca, e outros.

(a) A Alemanha por 1155 no Reinado de Federico Barbaroxa tinha já Poetas, sobre o que se póde ver Morheffo na Historia da Poesia; que dá a lista delles; Bothmer de Zurick nas Amostras da antiga Poesia dos Suabes do Seculo XII, e o Barão de Zurlauben no Extracto que deo á Academia das Bellas Letras em 1773, de hum Codigo de Canções Alemãs de Poetas dos fins daquelle Seculo até 1330.

primeiros passos da Poesia Proençal; (a) não menos Castella, que já então se ensaiava nas suas primeiras produções, e tentativas Poeticas. (b)

O que porém excitou, e acendeo ainda mais os nossos, foi por certo o maior trato, e comunicação que mantivemos com a Galliza, nossa vizinha, e comarcãa, antigo Solar das Musas Hespanholas, e Provincia de primor, e fartura na Lingua; (c) e muito affeita desde a mais alta antiguidade ao exercicio de trovas, e cantares. Com sua gente se povoarão nossas terras em diversos tempos; já dos Reis de Leão D. Ramiro I. D. Ordonho I. D.

(a) Todas estas Provincias de Hespanha, e de França, só começaram de postizar no Seculo XII., e na Lingua Proençal, ou Lemosina, que era realmente Hespanhola de Catalães, e Aragonezes, e usada nas Provincias Austraes da França, entre Proençaes, Gascões, Lemosines, Bearnezes, e Vianezes, chamando-se por isso Lingua Catalãa-Franceza, e pelo commun Catalão, ou Proençal: do Seculo XII. são os primeiros Proençaes que apparecem com suas obras, como são Mestre Eustachio. Guilherme VIII. Duque de Aquitania, Jofre Rodel, que morreo por 1162, D. Affonço II. de Aragão, e Conde de Barcelona, e de Provença que reinou desde 1162, até 1196; sendo mais modernos Gonçalo de Beruo, e Guilherme de Berguedun, que descem ao Seculo XIII. Podem ver-se sobre isto João Nostradamus na Vida dos principaes Proençaes; Mr. Fauchet, Recueil de l'Origine de la Langue et Poesie Françoise, Rime, et Romans, e Mr. Antoine du Verdier, Snr. de Vauprivas, Bibliotheque des Auteurs Françoises.

(b) Castella entrou tambem a figurar pelo mesmo tempo; a ella pertence o Poema do Cid Campeador, que se dá pelo mais antigo monumento daquella idade, o qual vem na Collecção dos Poetas Castellhanos anteriores ao Seculo XV. de D. Thomaz Antonio Sanches, tom. I., que quanto ao Poema de Alexandre, que D. Nicoláo Antonio, Pillicer, e D. Luiz Velasques attribuirão sem fundamento a D. Affonso o Sabio, e a Academia Hespanhola pôz anterior a 1200, Sanches achou, que era do meio do Seculo XIII. e de João Lourenço Segura de Algora, tom. II.

(c) Diogo de Campos, Chanceller de Castella no Livro de Planeta, que escreveu no principio do Reinado de S. Fernando, fallando no Prologo da Sabedoria Universal do Arcebispo D. Rodrigo, dizia entre outras cousas, que elle: *commendat Gallæcos in loquella, Legionenses in eloquentia*. Tendo ante os olhos as tradições que disto corrião em nossa Hespanha, não duvidou reconhecer o P. Sarmiento, que nos dous Seculos X, e XI. se cantavão muitas coplas e trovas em Gallego por toda a Hespanha.

D. Affonso III. D. Fernando, e D. Affonso VI.; já do Conde D. Osorio, do Conde D. Henrique, e de seu Filho o Senhor Rei D. Affonso I., concurrendo os naturaes de Galliza nas conquistas, e povoações deste Reino, ou viessem de envolta com as tropas militares, que cá descêrão, ou já com esperança de melhor fortuna; com estes vierão de mistura innumeraveis familias nobres daquelle Reino, de que ainda hoje restão nelle seus primeiros Solares, e Avocngos. (a) A mesma Galliza chegou a estar unida com Portugal em hum mesmo Reino, e Principado nos tempos de D. Ordono II., Filho de D. Affonso III. de Leão, e nos de D. Garcia, Filho de D. Fernando; e ainda depois muitas terras daquelle Provincia, que havia adquirido o Conde D. Henrique, e deixado a seu Filho, ficarão por algum tempo na dependencia de Portugal.

A Galliza pois, com quem tinhamos tantas relações naquelles tempos, sendo como já dissemos muito dada desde a mais subida antiguidade aos exercicios da Poesia, não podia deixar pelo intimo trato, e commercio, que conosco teve, de dar com seu exemplo novo esforço, e ardimendo ás nossas Musas.

Accrescentemos agora, que nos primeiros tempos da Monarchia era huma mesma Lingua a Gallega, e a Portugueza; pois certo que só pelos annos adiante entrou a dividir-se, e a extremar-se em dois differentes Dialectos: (b) o que muito facilitava, e animava a propagação do gosto

Tom. VIII.

II

poe-

(a) Desta concorrência das gentes de Galliza na conquista, e povoação de Portugal, fallou entre outros o antigo Poeta João de Mena na copla 275 de seu Labyrinto.

Conquiso Sepulveda con lo ganado,
 Avis, Portugal; y poblólas luego
 De Gente de Asturias, y mucho Gallego,
 Gentio, que vino de buelta mezclado.

(b) Cotejados os primeiros documentos, que apparecem de huma, e outra Lingua, acha-se entre ellas huma grande conformidade nos me-

poetico entre os nossos, aos quaes por meio de huma mesma Lingua commum ficavão transcendentés, e communicaveis as trovas, e rimances da Galliza, que então erão tão cantados, e famosos em toda a Hespanha. (a)

E em verdade fez isto crescer tanto na Galliza, e em Portugal o amor das Musas, e o exercicio de trovar, que estas duas Provincias se havião então por mais polidas, e extremadas nesta arte entre as mais famosas de Hespanha, passando suas rimas, e canções por tão donosas, e engraçadas, que bom recebimento, e agazalho achavão sempre em toda a parte desta Peninsula (b): chegando a tal alteza,

mos dythongos, nas mesmas palavras, na mesma Orthografia, e accento, que certo conformação entre si hum, e outro Dialecto, e mostrão serem ambas huma mesma Lingua.

Na Provincia do Minho, que sobre ser a mais vizinha de Galliza foi a mais povoada de gentes daquelle Reino, ainda hoje se divisão vestígios desta antiga conformidade na pronunciação, e em muitas palavras, e idiotismos que lhe são proptios, e ao mesmo tempo analogos ao Gallego. Esta origem commum reconheceo bem o douto Senador Duarte Nunes de Leão no curioso Livro, que compoz das Origens da Lingua Portugueza p. 32, e D. Gregorio Majans e Siscar na obra da Origem da Lingua de Hespanha Cap. 81. pag. 59., e o P. Estevão Terteros e Pando na sua Paleografia Hespanhola p. 10. Ainda hoje muitas das nossas Villas, e Lugares, e muitas de nossas antigas familias, e Solares tem os mesmos nomes de Galliza, o que mostramos em outra obra.

(a) A desmembração que depois se fez da Galliza separando-se de Portugal, e a cultura que teve o nosso Dialecto na Corte de nossos Reis, e nas mais partes deste Reino, fizeram necessariamente, que o Portuguez se fosse pouco a pouco dissimelhando de Gallego, e que este ficasse no nemo estado, e sem maior alteraçã, muito mais por ser idioma em que se não escrevia, nem imprimia por falta de escolas, e de Corte na Galliza, que são as officinas, em que se forjão, e apurão mais os vocabulos, e expressões de qualquer Lingua.

(b) Daqui vem que as nossas Poesias dos primeiros tempos (o mesmo se ha de dizer da prosa) se parecem tanto com as Gallegas, que se vê claramente ser a linguagem de humas, a linguagem das outras, ou quasi a mesma, que por isso Argote de Molina, grande indagador das antiguidades de Hespanha, fallando do Poeta Macias no Livro da Nobreza de Andaluzia notava, que se a alguém parecesse, que elle era natural de Portugal por seus versos serem em Portuguez, estivesse advertido, que até ao tempo d'El Rei D Henrique III. todas as coplas que se fazião erão pela maior parte nesta Lingua, como dando a entender, que a Lingua Gallega de Macias, e a Portugueza, erão então huma mesma

za, que se dellas fez, que houve tempo em que foi muito cursado entre os Hespanhoes, e maiormente entre os de Castella, de Andaluzia, e de Estremadura, poetizar no Dialecto Gallego, e Portuguez, e até delle tomar muitos termos proprios desta Arte. (a)

Lingua, no que injustamente foi criticado por Sarmiento, e D. Thomás Sanches no Discurso da Collecção dos Poetas Castelhanos anteriores ao Seculo XV. Tom. I, pag. 198., que sem razão lhe censuráão haver confundido o Dialecto Portuguez com o Gallego.

(a) Muito antes de Argote de Molina que o affirmou no lugar acima citado, e de Sarmiento que escreveu o mesmo, o havia já dito o Marquez de Santillana D. Inigo Lopes de Mendóça na Carta escrita ao Condestavel de Portugal D. Pedro, Filho do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, que traz o mesmo Sanches na sua collecção, o qual assevera, que os Castelhanos antigos poetizáão em Gallego, ou Portuguez.

 DISSERTAÇÃO HISTORICO-JURIDICA

Sobre a legitimidade da Senhora D. Teresa, mulher do Sr. Conde D. Henrique, e mãe do Sr. Rei D. Affonso Henriques.

HA Seculos que combatem entre si os Historiadores Castelhanos, e Portuguezes sobre a legitimidade da S.^a D. Teresa, mulher do Sr. Conde D. Henrique, nobilissimos Progenitores dos Monarchas Luzitanos. A falta de documentos, que mostra sem a verdade dos factos daquelle Seculo, deo lugar ás conjecturas, que se tem formado conformes aos discursos fundados já nestas, já naquellas razões, que melhores parecerão.

O Bispo de Oviedo, o Chronicon Floriacense, ou de Fleuri, na ordem dos Historiadores os mais antigos, (1) são os que introduzirão a nota da bastardia em huma das rai- zes do tronco dos Senhores Reis de Portugal, affirmando, que D. Ximena Munhós, ou Nunes fora concubina de Dom Affonso VI. Rei de Leão, e Castella, de cujo concubinato nascêra a Sr.^a D. Teresa. Não tem falado quem intentasse purifica-la dessa mancha, e eu queria persuadir-me, que na illuminada Critica do nosso Seculo, não haveria Portuguez instruido, a quem se não representassem futeis, e desprezi- veis os fundamentos da opinião contraria. Mas como hum Escritor moderno, cujo nome serve de honroso credito á republica litteraria de Portugal, arruinou este meu pensa- mento, promettendo mostrar com brevidade, que a Sr.^a Do- na Teresa, mulher do Sr. Conde D. Henrique, era filha il- ligitima de D. Affonso VI., senti-me inspirado pelo amor da Patria, e da verdade, a revolver os fundamentos, que

a

(1) O R.^{mo} P. M. Fr. Henrique Florez Tom. 1. das Rainhas Catholi- cas, pag. 195.

a materia , e o Direito me offerecem , para firmar sobre elles a Ligitimidade desta mái Illustrissima do primeiro Fundador da nossa Monarchia.

Tres pontos se me propõe por assumpto deste meu empenho. Ser D. Ximena Nunes o objecto da Carta , que o S. P. Gregorio VII. escreveo a D. Affonso VI. para se apartar da mulher , com quem estava casado. Ter ella contrahido Matrimonio sem contradição da Igreja , na sua face , e com boa fé. Serem nessas circumstancias ligitimos os filhos , que nascêrão na figura desse matrimonio. Como porém alguns Historiadores combatem estes tres pontos , convencei finalmente os seus mais fortes argumentos. Confesso , que ainda suppondo a bastardia naquella raiz , não deixa de brilhar magestosamente a Augusta Serie dos Senhores Reis de Portugal : porém a sua ligitimidade he humã pedra preciosa , com que se augmenta o esplendor da sua Coroa , que a mão de hum bom Portuguez não pode arrancar sem a nota de atrevida , e temeraria ; e que todo o que se prezar desse nome , o não deve consentir.

Excedo verdadeiramente ás minhas forças , os limites da minha capacidade , quando pertendo examinar factos historicos , que são alheios da minha profissão. Bem o conheço. Mas nasci Portuguez , amo a gloria da Nação , respeito a memoria dos Senhores Reis , e Principes da nossa Monarchia , tenho paixão pela verdade : e se com estes louvaveis estimulos não desempenhar o que prometto , nem evitar completamente qualquer defeito , espero que os bons Portuguezes me perdoem ; porque dos que o não forem , e dos Estrangeiros , nem temo a crítica , nem pertendo humã favoravel censura.

PRINCIPIO.

O Facto, de que vou tratar, he do século XI.: século propriamente de empresas militares, no qual os Castelhanos, e Portuguezes mais se applicavão a enrestar a lança, empunhar a espada, para expulsarem os Mouros da Hespanha, do que a pegar da penna, para escreverem os factos da sua Nação. Os grandes Genios, que no socego da paz os eternizarião deixando-os escritos á posteridade, embaraçados com o estrondo das armas, descuidarão-se de os escrever, e ficou a historia escura, confusa, e duvidosa. São pois as conjecturas, as que sómente podem descobrir a luz da verdade no centro da escuridão daquelle século. Este he o meio, que os sabios Jurisconsultos nos aconselham. (1) O S. P. Innoc. III. nos ensina (2) como prova legitima dos factos antigos, e de que eu vou servir-me para estabelecer o juizo que faço nesta Dissertação.



Nenhum dos Historiadores duvida, que a Sr.^a D. Teresa foi filha de D. Affonso VI. e de D. Ximena Nunes, que alguns fazem da Illustrissima Casa de Gusmão. Se foi gerada em matrimonio verdadeiro, ou por hum reprehensivel concubinato, he o ponto da divisão dos Historiadores. Os que seguem este ultimo partido, me parecem Soldados fracos, a quem faltão as forças para segurarem o triumpho.

Os Monarchas Hespanhoes daquella idade não se desprezavão de casar com as suas Naturaes, e fazerem Rainha huma das suas Vassallas. D. Nuna, mulher de ElRei D. Fruela, de sua cativa sobio ao Throno: (3) D. Creusa, mulher de Mauregato, (4) D. Urraca, mulher de D. Ramiro.

(1) Marculus in Leg. Censur, et monumenta ff. de probat. Gothofred. ibidem litr. C. Menoch. de Arbitr. lb. 2. Cas. 115. n.º 2.

(2) O S. P. Innoc. III. in Cap. Cum olim de Censib.

(3) Flor. Tom. 1. das Rainhas Catholicas. pag. 49.

(4) O mesmo pag. 55. Sandoval nas vidas dos cinco Reis de Leão; pag. 112.

miro I. (1) D. Nuna, mulher de D. Garcia, (2) D. Elvira, mulher de D. Ordonho II. (3) outra D. Elvira, mulher de D. Affonso V. (4) D. Teresa, mulher de D. Fernando II. (5) são provas bastantes desta verdade. D. Ignez, primeira mulher do mesmo D. Affonso VI., he na melhor opinião reputada por Hespanhola. (6) Nesta certeza foge a toda a razão, que fosse concubina pública de D. Affonso humna Senhora da qualidade de D. Ximena Nunes, por cujas veias corria ainda bem fresco o Real Sangue de El Rei D. Bermudo II., de quem era bisneta por seu filho o Infante D. Ordonho. (7) A sua Illustrissima condição a habilitava naquelle tempo para Rainha, e mulher legitima, e não para concubina de D. Affonso.

Poderá instar-se-me, que semelhantes manchas se tem visto em outras de alta gradação. Eu o confesso: porém estou persuadido que se não mostrará alguma daquella qualidade, que fosse tão publicamente concubina, que se fizesse o objecto da exhortação da Cabeça Visivel da Igreja, para deixar de o ser. Tem-se visto até Rainhas infamadas: porém Senhoras taes como D. Ximena Nunes, tão chegada descendente de hum Rei, concubinas publicas, não se encontram nas historias.

Quantas forão, como se chamarão, de donde erão as mulheres de D. Affonso VI. Quem foi a separada delle, qual era o seu nome, e em que tempo, são tambem pontos de disputa entre os Historiadores. Tal he a escuridão da historia daquelle seculo. Huns lhe assignão cinco, outros mais, alguns menos. Flor. nota esta variedade como hum labyrintho da mesma historia. (8) Os que convem na cinco, excluindo D. Ximena Nunes, nomeão D. Ignez, D.

(1) Flor. no dito Tom. 1. pag. 64 e 65.

(2) O mesmo pag. 77.

(3) O mesmo pag. 80.

(4) O mesmo pag. 136.

(5) O mesmo pag. 227.

(6) O mesmo pag. 222 Sandoval na referida obra pag. 106.

(7) Flor. no dito Tom. pag. 185.

(8) Flor. Tom. 1. das Rainhas Catholicas pag. 163.

D. Constança, D. Berta, D. Isabel, e D. Beatriz, a quem o citado Flor. dá também por conciliação o nome de Ignes, (1) e eu accrescento por sexta, (o que já fizc ão outros) D. Ximena Nunes; esta pois foi a separada, o que passo a mostrar.

Dos Historiadores querem huns, que a Sr.^a D. Teresa fosse gerada em D. Ximena Nunes antes do desterro de D. Affonso VI. outros sustentão, ser a separada D. Ignes: alguns suppõem também, que esta foi D. Ignes de Guiena. Cada hum conjecturou como lhe pareceo. De outra maneira discorrerião, se reflectissem, que D. Affonso era de pouca idade, quando seu irmão D. Sancho o perseguio, e o fez entrar Monge em Sahagum, (2) (facto acontecido pelos annos de 1070), e que se não poderia verificar se já fosse casado. (3) Que na volta que fez de Toledo para subir ao Throno outra vez, e casou com D. Ignes, apenas tinha dezanove até vinte annos. (4) Que até esse tempo não ha memoria nas historias de Hespanha, houvesse outra denominada Rainha, senão sua irmã D. Urraca, a quem justamente honrou com este titulo. (5)

Se attendessem, que D. Ignes de Guiena, reputada por Flor. D. Beatriz, sobreviveo a D. Affonso, e casou trinta annos depois daquella separação com D. Elias, Conde de le Mans: (6) se juntassem todas estas reflexões, certamente não formarião semelhantes conjecturas.

A mais commum opinião he, que D. Ignes foi a primeira mulher de D. Affonso VI. (7) Sendo-o, não podia ser a separada; pois que esta o foi, por ser parenta em grão prohibido, da que já D. Affonso tinha tido, como he expresso na Carta de S. Gregorio VII. Ella morreo em 6 de

(1) Flor. Tom. 1. pag. 222.

(2) Sandov. nas Vidas dos cinco Reis pag. 23. Conforme huma escriptura de Doação feita por certos Cavalheiros ao Mosteiro de Sahagum,

(3) Sandov. no dito Tom. pag. 37. vers. Flor. supra pag. 165.

(4) Flor. no mesmo Tom. dito pag. 165. e ex 220.

(5) Flor. nos referidos lugares.

(6) Flor. Tom. 1. das Rainhas Catholicas pag. 220.

(7) Marian. de reb. Hispan. Liv. 9. Cap. 11.

de Junho de 1078. (1) Não se sabe com certeza a sua naturalidade, e por isso mesmo se reputa Hespanhola. (2) D. Ximena Nunes o era tambem, como indica o seu apellido, só proprio da Nação. (3) D. Affonso casou com Dona Constança em 1080, (4) de maneira, que viuvando de D. Ignez em 1078, não apparece outra Rainha, (a não ser D. Ximena Nunes) até 27 de Junho de 1080; poisque então lhe escreveo o S. P. para a separação daquella mulher, com quem estava casado; (5) e no estado de viuvo o contemplão os Historiadores, quando se lhe dirigio a carta, excluindo a D. Ximena do numero das Rainhas. (6) Sendo pois a primeira mulher D. Ignez, morrendo em Junho de 1078, casando D. Affonso com D. Constança nos fins de 1080, sendo D. Ignez, e D. Ximena Hespanholas, (7) está cabindo sobre estes principios a conjectura, de que nesse meio tempo contrahirão D. Affonso VI., e D. Ximena Nunes a sua aliança; e que esta foi no dito anno de 1080 a separada, por parenta de D. Ignez, no que convem Sandoval, e Florez. (8)

Passando já deste ao segundo ponto, a carta, que S. Gregorio VII. escreveo a D. Affonso VI. para se apartar da mulher, com quem estava casado, he no meu conceito prova innegavel de ter D. Affonso contrahido matrimonio com D. Ximena Nunes com todas as circumstancias, que requer o Direito Ecclesiastico, para se reputar esta mulher legitima, e se excluir a illegitimidade de suas filhas. A existencia, e verdade daquella carta não devem entrar em duvida; pois as seguração mōnument-

Tom. VIII.

Kk

tos

(1) Sandoval na Vida dos cinco Reis pag. 65. verso, e Florez supra pag. 165.

(2) O mesmo Sandov. pag. 106 v., e Flor. pag. 222.

(3) Flor. no mesmo lugar.

(4) O mesmo pag. 228.

(5) Sandov. no dito liv. pag. 107.

(6) Flor. no referido Tom. pag. 227.

(7) Sandov. supra pag. 106 v., Flor. dito Tom. pag. 222.

(8) Sandov. *ibid.* pag. 106., Flor. dito. pag. 222, e 228.

ros irrefragaveis, (1) e as abonão authoridades sem suspeita (2).

Aindaque ella não tenha data, tambem se não deve duvidar, que foi remetida a D. Affonso VI. em 1080, por ser esse o tempo, em que o Legado Ricardo, a quem ella se sefere, estava em Hespanha. (3) Sendo de conjecturar, que sabendo então o Legado do impedimento canonico, com que se contrahira aquelle matrimonio, avisou delle ao S. P., e o moveo a escrever a D. Affonso para a separação, e assim o tem Sandoval; pondo a sua data em 27 de Junho de 1080. (4)

As forças daquella carta são taes, que estou persuadido, não lhe podem fazer resistencia quantos argumentos se tem excogitado para fazerem illegitima a Sr.^a D. Teresa: consistem ellas nas seguintes palavras:

*Vires resumé; illicitum connubium, quod cum
Uxoris tuæ consanguineâ inisti, penitus respue:*

E que termos mais energicos para dar a conhecer, que foi D. Ximena Nunes casada com D. Affonso VI. sem contradição da Igreja, na sua face, e boa fé? As palavras = *connubium inisti*, = provão com evidencia, que havia casamento feito; = *cum Uxoris tuæ consanguineâ*, = dão a conhecer, que este era o unico impedimento canonico; que não havia clandestinidade, nem contradição da Igreja; pois se houvesse algum delles, se daria como de maior força, por causal da separação. O primeiro termo = *connubium* = significa propriamente o casamen-

(1) Collecção dos Concil. de Binio da Edição de Paris de 1644. Tomo 26. pag. 428. A do Cardeal de Aguirre dos Concil. de Hesp. Tom. III. pag. 254.

(2) Sandoval nas Vidas dos cinco Reis pag. 49 v. e 106 v. Brand. Monarch. Luzit. Tom. III. Liv. 8.^o Cap. 13.

(3) Cartas que lhe escreveu o mesmo S. Padre referidas nas sobreditas Collecções, ditas pag. cum seqq.

(4) Nas Vidas dos cinco Reis de Leão pag. 107.

mento. Com elle quiz mostrar claramente o S. P. a sua existencia, tomando-o na mesma significação em que sempre o usáão os mais apurados Latinos; (1) devendo nós entender por elle verdadeiro matrimonio á face da Igreja. Até nesse mesmo sentido o tomáão os sabios Legisladores. (2)

De tudo isto resulta a certeza de estarem casados D. Affonso VI. e D. Ximena, quando lhe escreveo o S. P. Gregorio VII.: que a carta lhe foi dirigida, para a separação do casamento já feito, e não para que deixasse de casar: que D. Ximena Nunes não estava na reputação de concubina de D. Affonso: que era sua legitima mulher, ainda que com impedimento canonico, provavelmente ignorado. Eis-aquí temos expressamente provada a primeira parte do fundamento da legitimidade da mãe illustissima do Fundador da nossa Monarchia.

A segunda, que he ser aquelle casamento contrahido sem contradicção da Igreja, e na sua face, prova a vehementissima conjectura, resultante das mesmas palavras = *quod cum Uxoris tuae consanguinea inisti.* = Este he o unico impedimento, por que o S. P. exhorta a D. Affonso, que se separe do matrimonio contrahido; se houvera outro, se a Igreja o tivera contradicto, se fora clandestino,

Kk ii não.

(1) Robert. Steph. Thesaur. ling. latin. e Calepin. Verb. = *Connubium* = ibi.

Connubiam idem est ac jus legitimi matrimonii a verbo nudo.

Virg. *Aensid.* 1. verso 77. ibi.

Connubio jungam stabili, propriamque dicabo.

Ovid. *Ep.* 6. *Hypsipyl.* ad *Jas.* ex vers. 41.

Heu! ubi pacta fides? Ubi connubialia jura?

Faxque sub arasos dignior ire rogos?

Non ego sum furto tibi cognita, pronuba Juno

Adfuit, et sertis tempora Vinculus Hymen.

(2) O Imp. Constant. na Lei 3. *Cod. de Incest. et inutilib. nupt.* ibi

Cum ancillis non potest esse connubium, nam ex ejusmodi contubernio servi nascuntur.

não ommittiria estas razões, como de maior força, para fazer mais efficaz a exhortação. Quando se vê, que só daquelle se lembra, salta logo aos olhos, e sóbe a qualquer juizo, que não estiver preocupado, que não havia outro algum impedimento, que lhe oppuzesse; e seguramente conjectura o discurso, que no casamento de D. Affonso VI. com D. Ximena Nunes, não tinha havido, nem clandestinidade, nem contradicção da Igreja, e só o impedimento daquelle parentesco os embaraçava, para não continuarem na sua alliança.

A terceira, e ultima parte, que he a boa fé, como seja acto interno, de que não póde haver prova alguma externa, além da conjectura, o Direito a abona, presumindo-a, emquanto se não prova o contrario: (1) e assim mesmo a ignorancia do impedimento, que funda a boa fé, quando se não faz certa a sciencia. (2) Dizer-nos Florez, (3) que a má fé daquelle casamento se verificava pela contradicção do Legado Apostolico, e Prelados do Reino, he fantaziar sem fundamento. Que certeza nos dá, de que o contradisserão, quando elle se contrahio? Com que prova, que houve essa contradicção no tempo em que se fez? Qual he o documento, que della apparece? Nenhuma dá, nenhum documento aponta; a sua authoridade só não basta, para destruir as presumpções de Direito: logo deve subsistir a conclusão, sem embargo della, e não se deve escandalizar, de que o não acreditemos.

A que podia resultar depois da carta do S. P. Gregorio VII., das instancias, que fizessem o seu Legado, e os Prelados pela sua execução, de nenhuma maneira obsta á boa, que houve no seu principio. Quando se move alguma questão sobre nullidade de matrimonio, não obstante o monitorio do Juiz, se dizem os conjuges em boa fé, emquanto se não dá a sentença. (4) E quanto mais se não devem en-

(1) Tx. in Leg. pen. Cod. de Evictionib. Gutierr. de Matr. Cap. 71.

(2) Tx. in Leg. Verius ff. de Probat.

(3) Tom. 1. das Rainhas Catholicas pag. 224.

(4) Ant. de Butr. ad Cap. II. Qui filii sint legitim. Gabr. Rom. Com.

entender constituídos nella D. Affonso, e D. Ximena, ao menos até o tempo daquella carta? Se não he bastante o monitorio do Juiz, e pender causa sobre a nullidade, para se destruir a boa fé do casamento no seu principio, que o Direito presume; como se ha de presumir a má, quando não havia causa, nem consta da contradicção do Legado, e dos Prelados em tempo algum.

A mesma contradicção da Cabeça visivel da Igreja tiverão os casamentos de D. Affonso IX. com Santa Teresa, e a Senhora D. Berenguela; porém como foi depois de feitos, não se reputarão celebrados com má fé, nem seus filhos illegitimos. O mesmo R.^{mo} confessa, que no tempo de D. Affonso IX., se não reparava, como hoje, nos parentescos: (1) e quanto menos se repararia no de D. Affonso VI. mais de hum seculo antes? O de Santa Teresa podia ter mais desculpa, do que o da Sr.^a D. Berenguela, que se seguio á separação da nossa Santa; e ainda assim foi nelle presumida a boa fé, por se não provar o contrario, não obstante mandala separar o Summo Pontifice: e quanto mais se deve, pelos mesmos principios, presumir no de D. Ximena Nunes? A instancia sim he, mas não o parece, do R.^{mo} Florez. Outra maior força devem ter os argumentos, para concluirem.

Estes são os requisitos necessarios, para se reputarem legitimos em taes casos os filhos, que nascem na figura do matrimonio. Em concorrendo todos elles, não se póde sem erro negar-se-lhes a legitimidade. Assim o tem decidido a Igreja: (2) assim convem a communissima sentença dos Canonistas. (3) Para se revestirem desta qualidade, basta que seus pais vivão em boa fé ao tempo de se conceberem, aindaque já a não têmão ao tempo do seu nascimento,

CO-

Concl. Lib. VI. titulo de Legitimation. Concl. 4. n.º Gonsal. ao dito Cap. n.º 8.

(1) Tom. I. das Rainhas Catholicas pag. 223.

(2) O S. P. Alex. III. in Cap. 2. O S. P. Celestino III. in Cap. 11.

Qui filii sint legitimi.

(3) Barb. e Gonsal. aos ditos Cap. Covaruv. de Matrimon. parte 2. Cap. 8. §. 1. n.º 2.

como querem alguns DD.: (1) e nesta certeza estão pulando do as idéas da legitimidade da Sr.^a D. Teresa.

Vendo-se pois provado pela carta de S. Gregorio VII. a existencia do casamento de D. Affonso VI. com D. Ximena Nunes ; pela vehementissima conjectura , que della resulta , ser elle celebrado na face da Igreja , e semque então o contradissem ; e pela presumpção de Direito a boa fé , com que o contahirão , segue-se innegavelmente , que a mãe illustriissima do Sr. Rei D. Affonso Henriques , nascida na figura daquelle matrimonio , tem a qualidade de legitima , que não se lhe póde negar sem grave injuria.

O casamento de D. Affonso IX. com a outra Sr. D. Teresa , que a Igreja venera por Santa , e com D. Berenguela , não tiverão outras algumas circumstancias , nem melhor prova da sua boa fé , para se reputarem as ditas Senhoras mulheres legitimas , verdadeiras Rainhas , e a seus filhos com a mesma qualidade de legitimos : Logo porque não dizem o mesmo de D. Ximena Nunes , e de sua filha a Sr.^a D.^a Teresa ? Sempre havemos de ir seguindo cegamente hums aos outros ? Não havemos de lançar de nós os prejuizos adquiridos na lição dos livros inficionados do erro , da infundida credulidade ?

Eu não estranho tanto aos antigos Historiadores a facilidade , com que acreditarão os daquelle seculo , nem a estes o persuadirem-se , de que D. Ximena Nunes fôra concubina de D. Affonso VI. , deixando á posteridade os embarços da historia , porque escreverão em tempos mais escuros , e de menos luzes : como culpo nos modernos a sua credulidade , o seu afferro aos escritos dos antigos , quando já a Critica se vê apurada ; e descobrindo com ella tantos erros nas Chronicas antigas , e nos documentos , que ellas referem , os impugnaõ , convencem , destroem ; mas , chegando a tratar do supposto concubinato de D. Ximena , com huma nimia credulidade cegamente o acreditão , e como se fosse hum ponto de Historia demonstrado.

Se

(1) Abb. in Cap. Ex tenore Qui filii sint legitim. in 3. not. Gabr. Rom. Com. Concl. lib. VI. titul. de Legitimation. Concl. 4. n.º 13.

Se huns, ou os outros apontassem algumas razões, ao menos apparentes, em abono dessa opinião, seriam menos escandalosos os seus escritos; porém não assignarem os primeiros algumas, fundarem-se os segundos em erros notorios, ou em que assim o tinham aquelles escrito, assás escandaliza. Destes taes se póde dizer, o que disse Marcardo das testemunhas, que não assignão razão alguma dos seus depoimentos, que por isso as compara aos irrationaes. (1) Fazer prova por si mesmo, he privilegio da Soberania, de cuja verdade se não póde duvidar. (2) O Historiador não tem a mesma authoridade. (3)

O Exc.^{mo} Sandoval he hum Historiador afamado; porém nesta materia deixou-se arrastar da opinião Castelhana, e ao que parece, contra o que entendia. O R.^{mo} Flores he hum dos mais sabios Criticos do nosso seculo, grande indagador das antiguidades de Hespanha. Elle, elle mesmo na sua notavel obra da Hespanha Sagrada, e particularmente nas vidas das Rainhas Catholicas, (4) descobre, combate, convence muitos erros das Chronicas antigas, e dos documentos, que nellas se referem; mas quando chega ao ponto do concubinato de D. Ximena Nunes, ou da legitimidade da Sr.^a D. Teresa sua filha, tudo quanto nellas se escreveu por essa primeira opinião, e pela illegitimidade, acredita como verdade incontestavel. Para prova dellas não duvida abonar escrituras apocrifas, epitafios inventados por noveleiros, e impostores, e se vale de argumentos, que elle mesmo saberia bem rebater, se o não affectasse a paixão Castelhana, e quizesse abraçar a opinião da legitimidade da dita Senhora. Ora eu passo a mostrar o pouco pezo, que tem os seus melhores argumentos; porque os outros por si mesmos se convencem.

Não

(1) De Probat. Concl. 901.

(2) Hispan. Redin. tract. de Majest. Princip. Valasc. Cons. 167. n.^o 11. Com outros muitos Gabr. Roman. Com. Concl. Liv. I. titulo de prob. Concl. 2. n.^o 18. e 19.

(3) DD. ad tx. in Cap. Veniens de Testib. Farinac. de Testib. q. 64. Fragos. de Regim. Reip. Tom. I. Livr. V. disp. 13. §. 4.

(4) Tom. I. das Rainhas Catholicas pag. 165. 167. 168. 181. e 217.

Não me quero lembrar dos que oppoz á opinião, que abraço, Pelicer seguido por Herreras, (1) Brito, (2) e Faria e Sousa; (3) porque os seus erros são taes, e tão palpaveis, que ao primeiro toque se dão a conhecer. Serem tres as filhas de D. Ximena Nunes, suppôr já casada a Sr.^a D. Teresa em 1077, querer que a gerasse D. Affonso VI. no estado de solteiro antes de se recolher a Sahagun, presumir necessario hum anno depois da separação de D. Ximena, para casar com D. Constança: são argumentos, que não obrigão a lhes responder. Sandoval na obra muitas vezes apontada pag. 28 e 29, e Florez no mencionado tomo pag. 222. bastantemente os destroem. Os que estes respeitaveis Historiadores fórmão, por serem entre todos elles os de maior força, farão sómente o objecto das minhas reflexões.

O citado Sandoval sim confessa, que D. Affonso VI. quando lhe escreveo o S. P., já tinha tomado por mulher D. Ximena Nunes, reconhecendo nisto mesmo o seu casamento; porém que não apparecendo assignada como Rainha em alguma das escrituras daquelle tempo, se deve entender occulto o matrimonio. (4) Para dar força a este argumento, devia provar, que as Rainhas assignavão em todas as escrituras de doação naquella idade, e que achando-se algumas então feitas, nellas se não via o nome de D. Ximena; pois só destas premissas he, que póde sahir a sua conclusão; e como nenhuma dellas segura, he mal tirada, e nenhuma força tem de persuadir.

Os Reis não fazião doações todos os dias, e podia acontecer, que D. Affonso não fizesse alguma no tempo, que esteve casado com D. Ximena. O seu casamento só durou dous annos, conforme o mesmo Sandoval. (5) E que prova póde fazer, não se descobrir em tão pouco tempo al-

(1) Tom. V. pag. 136.

(2) Monarch. Lusitan. Tom. II. Cap. fin.

(3) Epitome da Europa Portug. Tom. I. Cap. ultim.

(4) Nas Vidas dos cinco Reis de Leão pag. 50.

(5) No mesmo Tom. combinando o que diz a pag. 65, e 107.

alguma, que mostrasse o nome de D. Ximena? Se naquelles dous annos não fizesse D. Affonso VI. doação, o que bem poderia acontecer, como se pertende para prova do seu casamento querer que appareça alguma confirmada, e assignada por D. Ximena na qualidade de Rainha? Nem a conclusão se tira, nem o argumento colhe.

De mais: que o mesmo Sandoval nos dá a prova, que o destrõe. Na grande doação, que D. Affonso VI., estando casado com D. Constança, fez á Igreja Metropolitana de Toledo em 1086, e elle exemplou, (1) não se vê assignada D. Constança, a quem se não nega a qualidade de Rainha. Se pois esta não assignou, que muito que não assignasse D. Ximena em alguma, que apparecesse do seu tempo? Porque a dita D. Constança não assignou naquella, duvidou alguém, de que fosse mulher legitima de D. Affonso VI., e Rainha de Leão? Se nenhum Historiador o tem duvidado, se o faltar ali a sua assignatura, não he prova de que fosse concubina, como o será a respeito de D. Ximena? Se Sandoval reflectisse nesta doação, de que exemplou a escriptura, talvez se não lembrasse de hum tão futil argumento.

Pode ser, que reflectisse na sua debilidade, quando referindo a carta do S. P. se refugiou da sua força á intelligencia, que lhe deo, (2) de ser dirigida para se não effectuar o casamento; porém este erro ainda he peor que o primeiro; por quanto nelle se contradiz a si proprio; e não o soffrem as expressas palavras da mesma carta *Conubio quod inisti*. Dellas se vê innegavelmente, que o casamento estava feito. O verbo *inisti* explica o preterito, e não o futuro. E eis-aqui, que valentia tem os argumentos do Exc.^{mo} Sandoval. E quem não vê, que nada concluem, em nada provão a opinião do concubinato de D. Ximena Nunes, e da illegitimidade de sua filha a Sr.^a D. Teresa? Pois os do R.^{mo} P. M. Fr. Henrique Florez não tem forças maiores.

Tom. VIII.

LI

O

(1) Vidas dos cinco Reis de Leão pag. 75. verso.

(2) No mesmo Tom. pag. 50. = Porque siendo ella tal, y ya recibida por muger dura cosa era apartar-se della. =

O primeiro, que nos oppõe, combatendo aos nossos Barbosa, Resende, e Brandão, he a authoridade de mais de cem Escritores, que diz, seguem a opinião da illegitimidade da Sr.^a D. Teresa, a quem chama testemunhas de maior credito: (1) e este argumento he muito fraco para ajudar ao triumpho. A força de huma opinião consiste nas boas razões, nos fundamentos que a sustentão, e de nenhuma maneira em o numero dos que a seguem. Esta he huma regra, que deixou estabelecida, com principio de Direito, o Imperador Justiniano. (2)

O Bispo de Oviedo, e o Chronicon Floriacense virão separado D. Affonso de D. Ximena pelo impedimento Canonico, com que tinham contrahido o matrimonio, e como ainda nesse tempo não tinham apparecido as decisões dos SS. PP. Alexandre III., e Celestino III., reputarão concubina a D. Ximena, e illegitimas a suas filhas. Assim persuadidos o escreverão; e porque nelles o acharão escrito, os que depois historiarão, assim mesmo prescindindo de maior exame, o forão escrevendo, sem que huns, e outros se cansassem de buscar razões, e fundamentos capazes a persuadi-lo. Deste modo achou Flor. mais de cem AA., ou testemunhas da sua opinião. E poderá hum tal argumento enervar as solidas razões da legitimidade, tiradas da mesma carta de S. Gregorio VII., e das regras de Direito, que deixo ponderadas? Julgue o quem estiver livre de paixão, e sem estar prejudicado de huma nimia credulidade, que no meu conceito não tem força alguma.

Fórma outro de não succeder no Reino de Leão D. Elvira, filha mais velha de D. Ximena Nunes, ou seu filho D. Affonso Jordão, e subir ao Throno D. Urraca, ainda que mais moça, como filha de D. Constança; concluindo dahi a illegitimidade das filhas de D. Ximena Nunes. (3) Dar a razão, por que alguma cousa se não fez, só compete áquelle, que devia obrar, e não obrou. Ninguem se póde con-

tem-

(1) Tom I das Rainhas Catholicas pag. 187. et seq.

(2) Ex. in Leg. 1. §. 6. lib. 1. tit. 17. Cod. de Veter. jur. enculiand.

(3) No sobredito Tom. pag. 205.

têmplar obrigado a mostrar, porque D. Elvira, ou seu filho não intentou succeder naquelle Reino, e se o pertendeo porque o não conseguiu. Eu poderia perguntar ao R.^{mo} Florez, porque não succedeo nos de Leão, e Castella D. Affonso filho de D. Fernando de Lacerda, e neto de D. Affonso X., e os occupou seu tio D. Sancho? Porque não herdou o de Portugal, ou a Sr.^a D. Brites, ou algum de seus tios, D. João e D. Diniz filhos da Sr.^a D. Ignez de Castro, e succedeo nelle o Sr. D. João I.? Dir-me-hia talvez, que a força, e vontade dos Grandes, e Povo, razões de Estado causarão essa mudança. Que achando-se dentro do Reino amados de todos D. Sancho, e o Sr. D. João I., prevalecêrão aos que estavam fóra: pois essa mesma resposta lhe posso eu dar no caso de D. Elvira, e de D. Urraca.

Accrescento a ella, que não estando naquelle tempo declarado pela Igreja, que devem reputar-se legitimos os filhos nascidos na figura do matrimonio, que se contrahio em boa fé, público, e sem contradicção, facilmente reputarião aquelles Reinos illegitima a D. Elvira, para ellevarrem ao Throno, e sustentarem nelle a D. Urraca, e unindo se esta circumstancia ás outras, que já toquei, não deve ter nessa contemplação força o argumento contra a legitimidade da Sr.^a D. Teresa, verificada por fundamentos mais substanciaes.

D. Urraca, como escrevêrão alguns AA., já estava casada com D. Affonso de Aragão, quando morreo o dito seu pai. (1) Outros dizem, que evadindo o Aragonoz os Reinos, os Grandes a obrigárão a casar com elle, para evitarrem a guerra. (2) Tal he a incerteza dos factos daquelle tempo. Fosse porém de hum, ou de outro modo, ella estava em Leão, ou Castella; os Grandes, e Povo querião-na Rainha; as suas forças unidas com as de Aragão, haviam ser formidaveis ao pequeno Estado de D. Elvira, ou

Ll ii

de

(1) D. Rodrigo Arcebispo de Toledo Liv. VI. Cap. 34. Flor. Tom. I. das Rainhas Cathol. pag. 239, e 240.

(2) Bergança Hist. de Sahagun Tom. II. pag. 5. O mesmo Florez pag. 240.

de seu filho, e ainda a Portugal: que muito pois, que nestas circumstancias succedesse D. Urraca, e não D. Elvira, como em outro tempo succederão D. Sancho, e o Sr. Rei D. João I.? Não se deixa bem ver a fraqueza deste argumento, que oppõe Flor.? Passemos a outro.

Atacado pelos nossos Historiadores, que sem perderem de vista a verdade da historia, se não esquecerão do nome Portuguez, no reparo de que não havia memoria, se intitulassem na Hespanha Infantes, ou Rainhas os illegitimos, e que apparecendo muitas escripturas, em que a Sr.^a D. Teresa se intitula, ora Infante, ora Rainha, era isto huma evidente prova da sua legitimidade, responde, que até o tempo de ElRei D. Fernando II. tal estilo se não praticava, e que até ali indistinctamente se intitulavão assim huns, e outros. (1) Ora sendo este P. M. tão grande descobridor das antiguidades de Hespanha, he bem de notar, que não aponte algum exemplo para prova da resposta, que dá ao argumento dos nossos Historiadores. Para o devermos acreditar, havia produzir alguma escriptura, que assim o verificasse. Sem isto não tem jus ao nosso credito; porque a sua authoridade só não basta, para nos obrigar a presta-lo, como já mostrei. O Imperador Justiniano nos diz, que se deve envergonhar, o que falla sem Lei; isto he, sem legitima authoridade, que prove o que allega. (2) Como pois pertendeo o R.^{mo} Flor. lhe acreditaremos a sua resposta, sem a provar por algum documento, quando a contradizem outros muitos? (3) Em não o produzir, nos dá a conhecer, que fantaziou sem fundamento, e lhe faltarão as armas, para rebater o argumento; ficando este com toda a sua força, fazendo nervosa prova da legitimidade da mãe illustissima do Fundador da nossa Monarchia.

Ahi

(1) Tom. I. das Rainhas Catholicas pag. 207.

(2) Auth. Collat. 3. de Trient. tit. 5. Consideremus 5. ou Novell. 18. Cap. 5.

(3) Salaz. e Castr. Hist. Genealogic. da Casa de Lara Tom. III. Liv. 16. Cap. 2. Brand. Monarch. Lusit. Tom. III. Liv. 8. Cap. 12.

Ahi mesmo reputa adulação dos Portuguezes o titulo de Infante, e Rainha, com que se vê condecorada em muitas escripturas esta Senhora. Eu não me posso persuadir, que fugissem á sua prespicacia, as que produzio Sandoval na vida do Imperador D. Affonso VII., antes quero capacitar-me, de que se esqueceo da que refere, quando trata da Coroação, que se lhe fez na Igreja de Santa Maria de Regla, onde se lê, que entre outros grandes, concorreo áquelle acto D. Affonso Jordão, filho de D. Ramon, Conde de Tolosa, e da Infanta D. Elvira. (1) Este titulo, que ahi se dá á irmã mais velha da Sr.^a D. Teresa de pai e mãe, he dado pelos mesmos Castelhanos, e não pela adulação Portugueza. Elle só se dava ás legitimas, (2) e se bem Florez o contradiz, não prova o contrario: assim pois se está persuadindo que esse tratamento, dado sempre á dita Sr.^a, não provinha da adulação dos Portuguezes; poisque o mesmo davão naquelle tempo os Castelhanos a sua irmã: antes se conclue dahi mesmo, que se o Bispo de Oviedo, e Chronicon Floriacense as reputarão illegitimas, outros não só Portuguezes, mas tambem Castelhanos, então mesmo, as contemplavão legitimas naquelle tratamento, que lhes davão: e he desprezivel este argumento de Flor.

Não he mais nervoso, o que faz fundado na authoridade de Fr. Bernardo de Brito: de que as filhas legitimas, quando assignavão nas escripturas, declaravão pais, e mãis, e as illegitimas sómente os pais: concluindo, que a Sr.^a D. Tesesa, que só costumava declarar o pai, se reconhecia bastarda. (3) Não ha dúvida, que Brito assim o notou, como lembrança sua, para tirar a mesma illação, produzindo hum documento de doação, feita ao Mosteiro de Escalonça, em que se vê nomear a dita Sr.^a sómente a seu pai D. Affonso VI., quando sua irmã D. Urraca filha da Rainha D. Constança, e sua tia D. Elvira nomeão pai, e mãe

(1) Vida de D. Affonso VII. Cap. 8.

(2) Brand. Monarch. Luzit. Tom. III. Liv. 8. Cap. 12. Salazar na Casa de Lara Tom. III. Liv. 16. Cap. 2.

(3) Tom. I. das Rainhas Catholicas pag. 207.

mãl. (1) Ora este sabio Historiador pudéra advertir, que Brito não he, dos que merecem o maior credito, para não formar hum argumento sobre a sua palavra: mas o certo he, que algumas vezes a falta de boas armas faz aproveitar; as que se desprezarião em outras occasiões.

Eu não quero dizer, que o façanhoso Brito, habil em moldar subscripções, que authorizassem a sua opinião, (2) ou demaziadamente crédulo em adoptar documentos apócrifos, e fabulosos, (3) fingio aquellas assignaturas, ou créo de leve em algum papel falso, onde as lêo. Se assim o dissesse o Direito me abonava. (4) Ella póde ser irmã; da que o mesmo Brito pouco antes tinha referido, na qual se figura doando Cacia ao Abbade de Lorvão o Sr. Conde D. Henrique e a Sr.^a D. Teresa em o anno de 1076, anno, em que pelas reflexões, que faz o mesmo Flor., ainda esta Sr.^e não era nascida. (5) Se nella reflectisse este Historiador, talvez não quizesse fundar o seu argumento na authoridade de Brito; porém nada disto quero dizer, nem he necessario.

Concedida gratuitamente a verdadde daquelle documento, elle nada prova neste assumpto á face da doação, que aponta Brandão, (A. de outro character) (6) feita por D. Raymundo de Galliza á Sé de Coimbra, na qual se vê confirmar D. Urraca sua mulher, que he a mesma irmã da Sr.^a D. Teresa, (que Brito diz assignada naquella escriptura)

(1) *Monarchia Lusitana* Tom. II. Liv. 7. Cap. 30: *Ego Urraca Adefonsi Serenissimi Regis, & Constantiæ Filia Conf. Tharsia Adefonsi Regis filia Confirm.*

(2) O Academico Manoel Pereira da Silva Leal, *Noticias Academicas da Histor. Portug.* Tom. III. Not. 15. pag. 95.

(3) Balusio Tom. I. *Collect. Concil. in aparat.* = João Baptista Peres apud Harduinum Tom. I. edition. *Concilior. Fr. Ant. Pag. in critic annal.* Baron. Tom. II. an.^o 411. an.^o 18. = O mesmo Academico sup. ex fol. 215.

(4) Tx. in Reg. 8. de R. J. in 6.^o

(5) Tom. I. das Rainhas Catholicas ex pag. 222.

(6) *Monarch. Lusit.* Tom. III. Liv. 8. Cap. 7. *Ego Raymundus Dei gratia Comes ac totius Galliciæ Dominus Conf. Ego Urraca Adefonsi Imp. filia Conf.*

na) nomeando-se sómente filha de D. Affonso VI. Huns taes argumentos são incapazes de persuadir os homens sabios, prudentes, e desabuzados.

O mais forte, conforme parece no conceito de Flor; poisque tanto nelle insiste, he o epitafio, que diz achado no Mosteiro de Espinareda, em Bierco, sobre a sepultura de D. Ximena Nunes. Elle o exemplou na linguagem Castellhana, e tambem com os caracteres Goticos. (1) Na verdade, que quando penso neste argumento, me faz dar baques-na cabeça a consideração, de que hum homem tão affamado, como o R.^{mo} P. M. Fr. Henrique Florez, quizesse provar a sua opinião com hum epitafio; e ainda mais, pela quasi puerilidade de figurar, que a mesma D. Ximena Nunes he, que nelle fallava. (2) Se bem reconhecendo este erro o retractou, attribuindo a composição a algum dos Monges daquella casa. (3) Mas oh! quanto não tem cegado as paixões, até aos maiores homens! Quantas vezes não tem o timbre de sustentar huma opinião maculado o seu nome, o seu credito, a sua reputação!

Os epitafios nunca fizeram nem devem fazer, para os bons criticos prova segura. Elles são compostos, conforme a fantasia de quem os dicta, e a imagem, que nella lhe representa, ou o affecto, ou o desaffecto: tambem se formão algumas vezes muitos annos, e ainda seculos depois da morte daquelles, que lhe servem de objecto, ideados pela authoridade de Historiadores credulos de noticias vagas, ou fabulosas, pouco exactos, ou que não alcançarão as luzes da verdade. O que se lê no sepulchro do Sr. Conde D. Henrique na Sé de Braga, foi aberto por ordem do Arcebispo D. Diogo de Sousa em 1513, quatro seculos depois da sua morte. (4) O da Sr.^a D. Brites, mulher do Sr. D. Affonso III., que se vé na sua sepultura em o Real Mosteiro de Alcobaça, ainda se não tinha lavrado em 1630,

(1) Tom. I. das Rainhas Catholicas pag. 191. e pag. 199.

(2) Dito Tom. pag. 191.

(3) No mesmo Tom pag. 200.

(4) Brandão Monarch, Lusit. Tom. III. Liv. 8.^o Cap. 29.

1630, quando escrevia Brandão a sua Monarchia, (como elle confessa) e se escreveu depois de tres seculos. (1)

Aindaque nada disto acontecesse naquelle epitafio; bastava ser, quem o compoz, da opinião, que fundarão o Bispo de Oviado, e Chronicon Floriacense, para fazer nelle a D. Ximena Nunes barrégã de D. Affonso VI. E pôde elle servir de prova á mesma, que segue Florez, contraditada por tantos outros, e pelos principios, que deixo ponderados? Quantos epitafios não impugna elle mesmo, ou por falsos, ou por conterem erro manifesto? não he elle, o que reconhece menos verdadeiro hum, dos que se abrirão a D. Isabel mulher do sebreito D. Affonso VI. em Leão, e Sahagun, fazendo-a sepultada em ambos os lugares? (2) Não nos diz elle mesmo, que Samora, e Covarubias pertendem estar alli sepultada D. Sancha irmã de D. Affonso VII? (3) Não confessa, haver muitas inscripções apocrifas, duvidosas, ou fingidas? (4) Como pois nos quer dar como huma prova decisiva o epitafio de D. Ximena Nunes? Quem não sabe hoje, que o do Sr. Conde D. Henrique labora em erro crasso, reputando-o filho de ElRei de Hungria. (5) Que credito merece o de D. Rodrigo ultimo Rei dos Godos, que se diz achado em Viseu? Que fé se deve dar ao que se escreveu na-sepultura do Infante D. Diniz, na Igreja da Sr.^a de Guadalupe, caracterizando-o de Rei de Portugal, que nunca foi (6)? Quem jurará sobre a dúvida do que se vê estampado no Real Mosteiro de Belém no sepulcro, que alli se fez ao Sr. Rei D. Sebastião mais de cem annos depois da sua morte, para negar alli a existencia do corpo daquelle Monarcha? Se pois são tantos os erros dos epitafios, como deveremos reputar verda-

(1) Hist. Geneal. da Casa. Real Portug. Tom. I. L. I. C. 16. pag. 172.

(2) Tom. I. das Rainhas Catholicas pag. 181.

(3) No mesmo Tom. pag. 278.

(4) Hespanha Sagrada, Tom. XXIV. pag. 332.

(5) Brand. Monarch. Lusit. Tom. III. Liv. 8.^o Cap. 29. *Deo Optimo Maximo. Donno Henrico Ungarorum Regis Filio Portugaliae Comiti.*

(6) Talavera, e Fr. Francisco Brandão referidos por Sousa Hist. Geol. nealog. da Casa Real Tom. XII, Liv. 13. Cap. 2.

dadeiro de D. Ximena Nunes? Longe de nós tanta credulidade. A tanto não nos obriga a fé, que devemos a hum bom Historiador.

O que eu penso, e talvez me não engane, he que o seu Author nada tinha de escrupuloso, e lhe faltava a virtude, que quiz suppor em D. Ximena Nunes, quando a figurou confessando tão publicamente a sua má vida. He bem provavel, que só tinha aquella que tiverão os Authores, que tão atrevidamente escrevêrão da Infanta a Senhora D. Branca, filha do Senhor Rei D. Affonso III., a quem outros convencêrão de maldizentes; (1) e a mesma com que escreveo Nebrixa da Rainha a Senhora D. Joanna, mulher de D. Henrique IV. de Castella, e irmã do Senhor D. Affonso V., a quem vindicárão os nossos Historiadores. (2) Persuado-me que a paixão Castelhana o authorizou para decidir por huma tal prova a questão, que até aqui não está averiguada.

Finalmente, com as authoridades do Arcebispo de Toledo D. Rodrigo, e do Bispo Tudense, que diz alcançárão o Reinado de D. Affonso IX., corrobora o R.^{mo} Flores a sua opinião, discorrendo, que dando estes Prelados o titulo de Rainhas á Senhora D. Thereza, e D. Berenguela, não obstante serem separadas pela mesma causa que o foi D. Ximena, e tratando esta de concubina, se conclue, que não foi esta legitima mulher de D. Affonso VI., assim como o forão aquellas Senhoras de D. Affonso IX., nem Rainha como ellas o tinhão sido; pois se o fosse, lhe darião o mesmo tratamento. (3) Ora este argumento ainda tem menos valentia que os antecedentes.

O Arcebispo Toledano, e o Bispo Tudense escrevêrão na fé dos primeiros, que por serem coetaneos, ou mais chegados áquelle tempo, reputárão veridicos nos factos

Tom. VIII.

Mm

que

(1) O Marquez de Montebello plana 32. Brandão Monarch. Lusit. tom. 4. liv. 15 cap. 28, e parte 6. liv. 18 cap. 38.

(2) Rezende, Goes, e Brandão dito cap. 28, que os refere.

(3) Tomo 1. das Rainhas Catholicas, pag. 223.

que referião. Não examinarão as razões: forão seguindo o que acharão escrito, assim como fizerão os que depois os seguirão a elles, sem reflexão, sem critica, sem maior exame. Os primeiros olhando para a separação, reputarão concubina a que não fôra casada conforme as determinações da Igreja, e separada por sua ordem; e alguma desculpa se lhe pôde dar, por não ter ainda a mesma Igreja declarado este ponto: os segundos seguirão-lhe os passos, e assim forão caminhando os mais, todos com o mesmo erro.

Quando porém escreverão aquelles dous Prelados, já estava decidido pelos Santos Padres Alexandre III. em 1180, e Celestino III. em 1273, que não era illegitima a prole nascida na figura de matrimonio contrahido na boa fé, não obstante a separação dos Pais; e por consequente que era mulher legitima, e não concubina a separada, em quanto pela Sentença da Igreja não estava constituida em má fé; e seguindo esta decisão, necessariamente havião de reputar Rainhas áquellas Senhoras, e legitimos a seus filhos, por terem sido contrahidos seus casamentos sem contradicção da Igreja no seu principio, celebrados na sua face, e com boa fé presumida por Direito. O mesmo dirião de D. Ximena Nunes, se profundassem o facto da sua alliança com D. Affonso VI., e não escrevessem fiados nas palavras dos Historiadores, que lhes tinham precedido, sem mais reflexão, ou exame. Eis-aqui as razões de differença, que se dão neste ultimo argumento de Flores, e que elle ou não quiz ver, ou fez que não entendia. Se outros fundamentos mais poderosos da illegitimidade da Senhora D. Thereza, Mãe Augustissima do Senhor Rei D. Affonso Henriques, se não descobrirem, com estes mal se sustenta.

Estas ponderações tem inspirado no meu limitado juizo as idéas da sua legitimidade. Se não parecerem bastantes a persuadirem-na, ao menos devem penetrar os bons Portuguezes, para conceituarem, que não he tão fundada a illegitimidade que alguns Historiadores lhe tem attribuido, que não possa fazer ponto de erudição o demonstra-la.

M E-

MEMORIA

*Sobre dois antigos Mappas Geograficos do Infante
D. Pedro, e do Cartorio de Alcobaca.*

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

CAPITULO I.

Noticia dos dois Mappas.

OS ESTUDOS da Geografia e da Nautica, tendo começado de reviver no Seculo xv. em muitas partes da Europa, não deixarão tambem de excitar em Portugal a curiosidade de alguns dos nossos, para se darem aos conhecimentos destas sciencias, e formarem por elles Cartas Geograficas e Hydrograficas, ou procurarem have-las dos estranhos: desta nossa applicação scientifica naquelles tempos, bons testemunhos forão os dois Mappas, de que se falla em nossa Historia; hum do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, e Regedor do Reino na menoridade do Senhor D. Affonso V., de que dizem se servira seu irmão o Infante D. Henrique para seus gloriosos descobrimentos maritimos; e outro, que fôra do precioso Cartorio de Alcobaca, que veio ás mãos do Infante D. Fernando, filho do Senhor Rei D. Manoel: e porque elles erão notaveis pelas augustas mãos em que estiverão, e pelas singulares demarcações que nelles vinhão, do Cabo da Boa Esperança, e de terra do Novo Mundo, antes dos descobrimentos de Bartholomeo Dias, e de Colom; entendemos ser materia curiosa e interessante, para della se fallar em beneficio de nossa Historia, dizendo alguma cousa da sua existencia e demarcações; e removendo, quanto em nós está, alguma dúvida, que póde haver nesta materia.

Mm ii

O

O primeiro Mappa, ou Carta Geografica, de que nossa Historia faz menção, he a que o Infante D. Pedro, depois de haver corrido muitas partidas, trouxe a este Reino, quando se recolheu de suas peregrinações e viagens; e communicou a seu irmão o Infante D. Henrique, para deste padrão se ajudar em seus descobrimentos: conjecturamos que o Infante o houve dos Venezianos, assim como delles recebeo, quando esteve em Veneza, o Livro das viagens á Asia do célebre Marco Paulo, ou Polo, que havia na Casa do Thesouro da mesma Cidade de Veneza.

Do presente deste Livro das Viagens, ou fosse o original, ou fosse copia, fez memoria Valentim Fernandes, ainda pouco conhecido entre nós, na Prefação da traducção e edição Portugueza deste mesmo Livro, estampado em Lisboa em 1502, de que possui hum raro exemplar a Real Bibliotheca de Lisboa. Não será inutil lançar aqui o passo, em que disto falla, que póde bem servir para fazer verosimil a nossa conjectura, e para mostrar ao mesmo tempo a occasião opportuna, que podia ter o Infante de haver aquelle Mappa.

» E no tempo, diz elle, que ho Infante dom Pedro de gloriosa memoria, uosso tyo, chegou a Veneza. E depois das grandes festas e honrras, que lhe foram feitas polas liberdades, que elles té nestes uossos regnos, como por ho elle merecer, lhe offerecerom em grande presente ho liuro de Marco Paulo, que se regesse per elle poys desejava de ueer e andar pollo mundo; do qual liuro dizé, que está na Torre do Tombo. sobre esto ouui dizer nesta uossa Cidade, que ho presente liuro hos Venezianos tiuerom escondido muitos annos na Casa do seu thesouro.» (1) Por esta maneira de

(1) Disto fez tambem memoria João Baptista Ramusio no seu Directorio sobre a primeira, e segunda Carta de André Corsali Florentino no tom. 1. da Collecção das Navegações, fol. 176 v. da terceira edição.

de fallar parece, que o Livro que derão ao Infante fôra o mesmo original de Marco Polo; e verosimil he, que por presente a tamanho Principe, lhe offertassem o original; e não a copia: e que cousa mais natural, dando-lhe os Venezianos o original ou a copia do Livro das Viagens de Marco Polo, que dar-lhe tambem ao mesmo tempo alguma Carta maritima notavel, qual era aquella, com que muito accrescentassem o valor de seu precioso donativo?

Deste Mappa do Infante nos deixou noticia Antonio Galvão, escritor do Seculo XVI., pessoa de muita curiosidade, e conhecimento de nossa Historia, e de grande authoridade e representação entre os nossos, assim por suas grandiosas victorias no Oriente, sendo Capitão das Ilhas Molucas, e Governador de Ternate; como por sua muita religião e piedade: bem louvado por isso de Castanhe-da, de Barros, de Couto, de Lucena, e de outros muitos, que refere o Abbadé Barbosa, que justamente o intitulou *Insigne Capitão, e zeloso Apostolo das Molucas*: (1) o que tudo são titulos, que affianção o conceito de sua intelligencia, e veracidade.

Este Author faz memoria deste Mappa, não em huma obra alhêa de seu assumpto, ou em hum lugar fugitivo, mas em hum Tratado, em que escreveo de profissão dos descobrimentos dos novos mares, e terras; para o que vio muitos papeis antigos, e houve grande somma de noticias, que pôde adquirir de muitas partes, e acaso de seu avô Rui Galvão, Secretario do Senhor Rei D. Affonso V., e de seu pai o Chronista Duarte Galvão: nelle refere como o Infante D. Henrique se havia aproveitado deste padrão. A mesma noticia continuou em o Doutor Gaspar Fructuoso, Insulano, escritor do mesmo Seculo, nas *Saudades da Terra*, obra manuscripta, em que trata dos descobrimentos das Ilhas, de que existe hum exemplar na Real Bibliotheca de Lisboa; e depois em Manoel de Faria na

E

(1) Biblioth. Lusit. tom. 1. pag. 284, e tom. 2. pag. 271.

Europa Portuguesa no Tom. II. P. III. Cap. IV., e no *Epitome* P. III. Cap. XIV., e no Padre Cordeiro, natural das Ilhas, na sua *Historia Insulana* no Liv. IV. Cap. I.

O segundo Mappa, de que tambem fazem menção nossos Livros, he o que existio no Cartorio do Real Mosteiro de Alcobaça, tão rico em tempos passados de manuscritos preciosos, quanto depois malfadado pelos descaminhos que teve de muitos de seus livros, e papeis. Este Mappa passou daquelle Archivo, não sabemos por que causa, ás mãos do Infante D. Fernando, filho do Senhor Rei D. Manoel, Duque da Guarda e de Trancoso, e Marquez de Marialva, que o tinha no anno de 1528, e dizia-se, que havia então mais de cento e vinte annos que era feito, vindo por consequente a entestar pouco mais ou menos com os annos de 1408.



Da existencia deste Mappa tambem se não póde duvidar, considerada a boa fé e intelligencia das pessoas que figurão neste facto: foi huma dellas o mesmo Infante D. Fernando, que sobre a authoridade de sua pessoa, porque nos merece todo o respeito e attenção, tinha os creditos de sabio, e de virtuoso; porque era, como escreve Maris, *homem de muita opinião, muito verdadeiro no que tratava, e fallava; muito inclinado a letras, e dado ao estudo das Historias verdadeiras, e inimigo das fabulosas*, (1) ou como o sabio Bispo Jeronymo Osorio o caracteriza: *Antiquitate pervestiganda valde curiosus*: (2) e a tal ponto, que despendeu grandes sommas de dinheiro em haver huma rica collecção de livros, e manuscritos, que lhe ajuntou e trouxe de Flandres o sabio Damião de Goes: elle vinculava com estes estudos, segundo o dito do mesmo Osorio, mui altas virtudes, dignas de hum Principe: *Multisque virtutibus loco illo dignis*; (3) e era mui particularmente louvado de *animo sin-*

(1) Dialogo IV. Cap. 21.

(2) De Reb. gestis Emman. Lib. V.

(3) No mesmo Livro V.

sincero, como o apregoa Faria. (1) Este Principe pois foi o que viu este Mappa, havido do Cartorio de Alcobaga, e o teve em seu poder, e o mostrou como cousa notavel a Francisco de Sousa Tavares. (2)

Foi Francisco de Sousa outra testemunha da existencia daquelle Mappa: era este varão tambem digno de toda a fé, pela qualidade de sua pessoa; por erudito e sabio, como mostrão suas obras; e por huma solida piedade, que depois de muitos, e espantosos triunfos no Malabar, o levou para os claustros religiosos, aonde acabou santamente; chamando-lhe com razão o Abbade Barbosa *Exemplar de proesas militares, e de acções virtuosas*. (3) Este pois viu aquelle Mappa nas mesmas mãos do Infante, e assim o asseverou como testemunha ocular a Antonio Galvão. (4)

Deste ultimo já nós acima dissemos, que homem era; e quão digno de fé; e este attesta expressamente de assim lho ter ouvido; confirmando-se a verdade desta asserção até com a singularidade de ser o mesmo Tavares, seu Testamenteiro, o editor da mesma obra dos seus descobrimentos, em que se acha esta memoria; que por isso mesmo vem este testemunho a ser, não já simples depoimento d'ouvida de Galvão, mas sim ocular do mesmo Tavares, que publicando aquelle obra, e não retractando ou impugnando aquelle factó, fez sua a allegação, que d'elle fizera aquelle Author. (5) Esta noticia do Mappa con-



(1) Eur. Port. Tom. II. P. IV. C. I. §. 113.

(2) Veja-se Antonio Galvão no Tratado dos Descobrimientos p. 22.

(3) Biblioth. Lusit. Tom. II. pag. 271.

(4) No mesmo Tratado de Galvão.

(5) Eis-aqui o lugar de Galvão: « Francisco de Sousa Tavares » me disse, que no anno de 528 o Infante D. Fernando lhe mostrou um Mappa, que se achára no Cartorio d'Alcobaga, que havia mais de cento e vinte annos que era feito, o qual tinha toda a navegação da India, com o Cabo da Boa Esperança, como os d'agora (no Tratado dos Descobrimientos antigos e modernos » pag. 22.) »

continuou em tradição nas obras de Cordeiro , e de Faria. (1)

Ignoramos se estes Mappas são originaes, ou copias; e aonde serão delineados; e por quem; o que parece he, que não são copia hum do outro, pois que não combinão entre si em ambas as demarcações; e demais, feita a conta, o de Alcobaça existia já em 1408, e por tanto he anterior muitos annos ao do Infante D. Pedro, que só podia vir com elle a Portugal em 1438, quando se restituiu a este Reino, e teria sido talvez feito muito antes; e por isso não podia ter sido copiado do que trouxe o Infante: igualmente nem este podia ser copia, que se tirasse do de Alcobaça, pois que consta que o trouxera o Infante de fóra, tendo-o adquirido em suas peregrinações. (2)

Suspeitámos em outro tempo, que o Mappamundo de Alcobaça seria o que havia feito o famoso Cosmografo Fr. Mauro, Monge Camaldulense do Mosteiro de São Miguel de Murano junto a Veneza, e lhe fóra encomendado em 1457 por ordem da nossa Corte, e remettido a Lisboa por Estevão Trevizano, ou Tervigiani, que correo com as despezas, do que adiante fallaremos; seguindo nisto o dito de Marcos Foscarini, Doge que foi de Veneza, na *Litteratura Veneziana* no Livro da Historia Forasteira em a nota num. 273 pag. 420, e a M. d'Ause de Villoison no Extracto da sua Carta ao Conde Carli, tom. II. das *Cartas Americ.* pag. 521. Com tudo o Mappa de Fr. Mauro foi remettido em 1459, como consta da Relação do estado das rendas e despezas daquelle Mosteiro, que he da mão de Maffei Girard, Abbade, que delle foi; (3) por tanto não podia ser o de Alcobaça, porque
ain-

(1) Differem estes dois de Galvão em fazerem o Mappa ainda mais antigo, porque Cordeiro o põe 170 annos antes, isto he, em 1338; e Faria em 1380.

(2) Donde se ha de corrigir o pensamento de Cordeiro, que entendeo que o Mappa de Alcobaça devia ser copia do outro do Infante D. Pedro.

(3) Existe ainda no Cartorio daquelle Mosteiro, Cart. 308. t. ms. num. 23, referido pelo mesmo Foscarini em a sobredita nota num. 273.

ainda que este foi visto em 1528, todavia dizia-se feito cento e vinte annos antes, isto he em 1408, segundo refere Antonio Galvão, e assim muito anterior ao de Fr. Mauro, salvo se ha engano na contra da antiguidade do de Alcobaça.

CAPITULO II.

Demarções singulares que havia nos dois Mappas.

O MAPPA do Infante D. Pedro tinha delineado todo o ambito da Terra; o Cabo da Boa Esperança com a denominação de Fronteira de Africa, e tambem o Estreito, que depois se chamou de Magalhães, com a denominação de Cola do Dragão: assim o referem os já citados Autores Antonio Galvão, (1) Gaspar Fructuoso, (2) o Padre Cordeiro, (3) e Manoel de Faria. (4)

O segundo Mappa, que foi o que depois teve o Infante D. Fernando, pertencente ao Cartorio de Alcobaça, continha a navegação da India, tambem com o Cabo da Boa Esperança: o que recontão igualmente os mesmos quatro Escritores nossos, que fallarão do primeiro. (5)

He necessario confessar, que causa espanto a novidade de se acharem entre nós, em huma semelhante epoca, Mappas com as demarções do Cabo da Boa Esperança, e do Estreito de Magalhães; mas tambem se deve assentar, segundo todo o bom discurso, que com ellas serem extraordinarias e novas naquella idade, nem por

Tom. VIII.

Nn

is-

(1) No *Tratado dos Descobrimentos*, Cap. 10. pag. 22.

(2) Na obra manuscripta *Saudades da Terra*. (na Real Bibliotheca de Lisboa.)

(3) Na *Historia Insulana*, Liv. IV. Cap. I pag. 97.

(4) Na *Europa Portuguesa*, Tom. II. Tit. III. Cap. IV., e no *Epitome* P. III. Cap. XIV.

(5) Nos lugares acima citados.

isso se hão de haver logo por cousa impossível ou incrível, menos que não concorra huma razão sufficiente e decisiva, que se opponha inteiramente ao facto: por quanto nem se pôde haver por impossível naquelles tempos, postos os mesmos dados e circumstancias, o que se vio que foi possível em tempos posteriores; nem se pôde haver por inverosimil, o que, tendo possibilidade de se fazer, se acha attestado por pessoas fidedignas, que se fez.

Reduz-se pois a questão ou problema a saber se erão possíveis e verosimeis naquelle tempo as sobreditas demarcações daquelles Mappas; e no caso que o fossem, se a navegação Portugueza ficou com isso perdendo alguma parte da sua originalidade? Seja-nos dado correr hum pouco com a penna sobre este assumpto, com a liberdade, que pedem as indagações liberaes e scientificas, sem a mais leve offensa das opiniões de homens sabios, e muito mais instruidos do que nós, que se não ajustem com a nossa maneira de pensar; as quaes sempre profundamente respeitaremos, ainda quando as não sigamos.

Como esta materia he bastante vasta, e merece ser tratada com alguma extensão, fallaremos por ora tão sómente no que diz respeito á demarcação do Cabo da Boa Esperança, que tem hum nexo mais immediato com a Historia de Portugal.

C A P I T U L O III.

Da verosimilhança ou veracidade dos dois Mappas pelo exemplo de outros semelhantes fóra do Reino.

OFFERECE, como diziamos, razão de duvidar da autenticidade, ou veracidade destes Mappas a notavel demarcação que se achava nelles do Promontorio, que se chamou Cabo das Tormentas, e depois da Boa Esperança, e isto antes dos famosos descobrimentos de Bartho-
lo-

Iomeo Dias, e de Vasco da Gama; porém não era somente nelles que este Cabo estava demarcado: he hoje reconhecida a existencia de outros Mappas e Planisferios, achados em outras partes, e anteriores ou coevos com os nossos, e a elles semelhantes. Nós os registaremos individualmente, para que a existencia e genuidade de huns, faça acreditar a existencia e genuidade dos outros, e dissipar a idéa de singularidade, e toda a estranheza e suspeição que della vinha. São quatro os Mappas ou Planisferios, que se podem apresentar para exemplo.

O primeiro he o Planisferio do Venesiano Marin Sano, ou Sanuto, chamado Torselio (que escreveo das praticas maritimas anteriores ao Seculo xiv.) feito pelos annos pouco mais ou menos de 1300, que vem inserto no principio da sua obra intitulada *Liber secretorum fidelium Crucis*, que se segue a outra *Gesta Dei per Francos*, da Collecção de Bongarfio no Tom. I.: nelle se vê aquella ponta, e extremo Promontorio de Africa, e a circumferencia maritima do Continente pela junção do Mar Atlantico com o Mar Indico.

O segundo monumento he o outro famoso Mappa; ou Planisferio, que se conserva ainda hoje em o Mosteiro de S. Miguel de Murano, da Ordem dos Camaldulenses, junto a Veneza; que parece ser de 1380, e se dizia ser copia de hum primeiro de Marco Polo. Este Mappa he o mesmo, de que falla João Baptista Ramusio, Escriitor do Seculo xvi., nas suas Declarações sobre os livros do mesmo Marco Polo. Elle attesta, que sendo moço, ouvira muitas vezes ao douto Paulo Orlandino de Florença, excellente Cosmografo, e muito seu amigo, que era Prior do Mosteiro de S. Miguel de Murano, contar algumas cousas singulares de Marco Polo, ouvidas aos seus Frades velhos; e entre estas a d'aquelle Mappa antigo, delineado em carta de pergaminho, o qual primeiro fôra de hum antigo converso daquelle Mosteiro, que sobremaneira se delectava com os estudos da Cosmografia; e fôra exactamente copiado de huma bellissima e antiga Carta

maritima, e de hum Mappamundo, que havião trazido de Cathaio os viajantes Marco Polo, e seu pai; o qual sendo confrontado com as cousas que o primeiro destes escreveo nos seus livros das Viajens, se achou que combinava em tudo com ellas; e accrescenta, que este Mappa existia ainda em seus dias, e se mostrava aos forasteiros curiosos, entre as muitas outras peças de raridade que hião ver naquella casa.

Neste Mappa assevera Ramusio « que se continhão » muitas cousas singulares, não sabidas ainda então, e » pelo menos dos antigos como erão as partes para o » Antartico, que Ptolomeo e todos os outros Cosmogra- » fos fazião terra incognita, e sem mar; e que neste Map- » pa de Murano, feito havia tantos annos, se via o mar » cercando a Africa; e que se podia navegar para o poen- » te, e que no tempo de Marco Polo se sabia já, que » áquelle Cabo se não tinha dado algum nome, qual de- » pois lhe derão os Portuguezes por 1500, chamando-lhe » Cabo da Boa Esperança; e que allí se via perto a Ilha » de Magastor, ou de S. Lourenço, e a de Zinzibar. (1)

Depois do antigo testemunho de Ramusio, assentemos aqui

(1) Pomo aqui o lugar original de Ramusio, por mais authorisar o que dizemos: « Vi si comprendono per ciò di molto belle et » digne particolarità, non sepute anchora, ne conosciute, meno dagli » antiche... Verso l'Antartico, que Tolomeo et tutti gli altri Cos- » mografi mettono terra incognita, senza mari: in questo di San » Michele di Murano, gia tanti anni fatto, si vede ch'el mare cir- » conda l'Africa, et che vi si puo navigare verso ponente; il che » al tempo di Messer Marco si sapeva anchor, che aquel Capo non » vi sia posto nome alcuno, qual fu per Portughesi poi a nostri » tempi l'anno 1500 chiamato di Buona Speranza. Vi si vede appresso » l'Isola di Magastor, hora detta di San Lorenzo, et quella di Zin- » zibar: della quali Messer Marco parla ne Capitoli 35 et 36 del » terzo libro et molte altre particolarità nelli nomi dell'Isole Orien- » tali, che depoi per Portughesi a tempi nostri sono stati scoper- » te. » (Dichiaratione d'alcuni Luogi ne libri di Marco Polo fol 17 §. Resta ch'io dica anchora Veni na Espositione di M. Gio Battista Ramusio no principio do segundo volume da Collecção das Navegações e Viagens.)

aqui o de hum moderno, Domingos Alberto Azuni, douto Escriitor do Direito Maritimo e da Bussola, que vio o mesmo Mappa: elle assevera tambem, que nelle se achava « a ponta de Africa, representada em fórma de » huma Ilha separada do Continente, como por hum gran- » de rio, com o nome do Diabo.» (1)

O terceiro monumento he o Planisferio de 1436 conservado na Bibliotheca de S. Marcos de Veneza; no qual se acha demarcado o mesmo Promontorio. Formaleoni o publicou no seu *Ensayo sobre a antiga Nautica dos Venezianos*: não podémos ver esta obra, mas della falla e atesta o douto Marcos Foscarini, Doge de Veneza, na sua *Litteratura Veneziana* pag. 437. Este he o mesmo, que vio Mr. d'Anse Willoison, Membro da Academia Real das Inscriptões e Bellas Letras de París, no manuscripto num. 76 daquella Bibliotheca, composto de dez folhas, e desenhado com muita exacção por Andre Biancho de Veneza. (Extracto de sua Carta em o Tom. II. das *Cartas Americanas* de D. João Rinaldi Condi Carli) Este Planisferio he tambem o mesmo, que diz Domingos Alberto Azuni existir no Thesouro de S. Marco de Veneza. (*Dissert. sobre a Origem da Bussola*. París 1806. Art. III. pag. 88.) Lê-se na primeira pagina o nome de seu Author, e a data do anno em que foi feito, com estas palavras: *Andreas Biancho de Venetiis me fecit MCCCCXXXVI.* (2)

O

(1) Dissert. sur l'origine de la Bussole. París 1805 Art. III. p. 96 e 70.

(2) He de advertir que M. Willoison nota nelle, não o Promontorio, mas sómente a Ilha Antilia, como cousa que mais o espantou, e isto por ser terra da America, de que sempre correo por certo, que foi Colom muitos annos depois o seu primeiro descobridor; não se admirou porém da demarcação do Promontorio de Africa, porque por ventura pelas noticias que teria dos Venezianos, ou de seus Planisferios, o haveria por descoberto e já sabido, e por isso delle não fallou. Com tudo Foscarini muito antes de Willoison o notou como demarcado naquella Mappa.

O quarto monumento he o outro grande Planisferio de 1449, feito pelo insigne Cosmografo Fr. Mauro, Camaldulense do Convento de S. Miguel de Murano de Veneza, que ainda se conserva na sua Bibliotheca: nelle se diz estar sinalada não só a Costa da Ethiopia Occidental, e ainda mais exactamente do que nas Taboas de Ptolomeo, conformando-se mais com a posição daquella Costa ao que della disserão os nossos navegadores, mas tambem o Cabo da Boa Esperança, que alli se chama Cabo de Satanaz ou do Diabo, e a Ilha de Madagascar; e isto antes do nosso descobrimento, como se vê do anno: o qual Planisferio contém varias noticias, que acompanhão a cada huma das suas folhas. Attesta delle, e de sua demarcação o já citado Foscarini, testemunha ocular, na *Litteratura Veneziana*, na Historia Forasteira Liv. IV. pag. 419, no Texto e nas Notas. (1)

Se

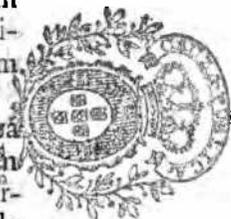
(1) Dizemos, que no Planisferio vem a Ethiopia *Occidental*, porque assim o attesta o mesmo Foscarini, que o viu, e não *Oriental*, como por equivocação se escreveu na Carta de M. d'Anse de Willoisen, extractada no fim do Tom II. das *Cartas Americanas* do Conde Carli.

Dizemos tambem, que parece que se conformou com as noticias dos descobrimentos que os nossos já tinham feito, porque de Foscarini se colhe, que trazia lugares, que já então se achavão descubertos por nossas navegações. E por certo que já naquella Carta podião vir demarcadas terras de nossos descobrimentos, que começaram em 1412; assim como já vem na Carta maritima do Malhorquino Gabriel de Valseca de 1439 todos os que se tinham até então feito pelo nosso Infante, do que já fallámos em nossa Memoria sobre os Mathematicos de Portugal.

Outro Planisferio a este semelhante, e com a mesma demarcação formou o mesmo Fr. Mauro por ordem do Sr. Rei D. Affonso V. (e não IV. como alguns escreverão) provavelmente a instancia do Infante D. Henrique, o qual foi remettido a Lisboa em 1459 por Estevão Trevisano, que foi o que correu com a despeza da obra, do que se faz menção no Livro em folio do Registo do mesmo Convento de Murano, em que se acha desde 1457 a conta notada pela letra de Maffei Gerardo, Abbade desde 1448, e depois Patriarca de Veneza em 1466, e Cardeal em 1489. Donde forão dois os Planisferios de Fr. Mauro; o primeiro, que ainda existe na Bibliotheca do Convento de S. Miguel de Murano, e o segundo, que ella fez pata a nossa Corte.

Se pois em Veneza existião, desde os annos de 1300 até 1449, Mappas e Planisferios com demarcações da extrema ponta, ou Promontorio de Africa, como estes que temos allegado, e talvez outros; que muito he que houvessem alguns semelhantes em Portugal por 1408, em que se diz existia o de Alcobaça; e por 1438, em que o Infante se recolheo a este Reino: fossem elles vindos, como parece, daquelle paiz, com o qual tinhamos então mui grande trato de Commercio maritimo, fossem havidos de outras partes? A correspondencia, que então tinham os Mosteiros das Ordens Monachaes de Portugal com os da Italia, e particularmente de Veneza, cujos naturaes frequentavão muito estes Reinos, podia bem abrir caminho á acquisição daquelles Mappas. De tudo isto pois se vê, que sendo o primeiro documento de 1300 pouco mais ou menos, o segundo de Marco Polo de 1380, o terceiro de 1436, e o quarto de 1449, (sem se fallar da sua copia de 1458 ou 1459) veio consequentemente a haver algum conhecimento daquelle famoso Promontorio Austral de Africa muito antes do descobrimento de Bartholomeo Dias em 1486, e da passagem do Gama em 1497.

Se pois a critica não tem fundamento bastante para condemnar como apocryfos todos estes documentos, sem cahir em hum intoleravel scepticismo; e se por outra parte temos provas irrefragaveis em abono da originalidade dos nossos descobrimentos, examinemos como estes dois factos, que á primeira vista parecem contradictorios, podem com tudo conciliar-se, ou (o que he o mesmo) como o Cabo da Boa Esperança podia vir demarcado nestes Mappas antes de elle realmente se haver descoberto.



CA-

Deste segundo faz tambem memoria Foscarini na *Litteratura Venetiana* pag. 419: D. João Rinaldi Conde Catli no Tom. II. das suas *Cartas Americanas*. Cart. XLIII. pag. 341, 343, aonde já remette para o Tomo III. da sua obra das Moedas de Italia:

CAPITULO IV.

Da possibilidade dos meios que haveria para se formar a demarcação do Cabo da Boa Esperança nos dois Mappas.

OS GEOGRAFOS da Antiguidade dividirão-se em duas opiniões a respeito da configuração do Oceano Athlantico: huns com Hipparco de Nicea reputavão (como diremos em outro lugar) este grande ajuntamento de Aguas sem communicação alguma com os outros Mares, e formando hum grande lago. Outros porém (e em muito maior numero) adoptarão o systema da junção do Mar Atlantico com o Indico, e a circumferencia maritima da Africa. Estes com effeito forão os sentimentos dos que abraçarão a opinião da immensidade e unidade do Oceano, como Erodoto, (1) Crates, (2) Eratosthenes, (3) Arato, (4) Cleanthes, (5) Possidonio, (6) Cleomedes, (7) Arriano, (8) Strabão, (9) Mela, (10) Macrobio, (11) e Santo Isidoro. (12)

Mais facilmente podia assim imaginar quem tivesse lido particularmente o Periplo do Mar Erithreo, aonde tratando-se dos tres Cabos, ou Promontorios Septemtrionaes da

-
- (1) Lib. IV. Melpomene.
 (2) Elementa Astror. de Gemino Cap. 13 na Uranologia pag. 314 e em Strabão Lib. I. n. 31.
 (3) Em Strabão Lib. XVII. pag. 825.
 (4) Phænoin. v. 537.
 (5) Element. Astror. de Gemino pag. 19 na Uranolog. pag. 31.
 (6) Em Strabão.
 (7) Meteor. Lib. I. pag. 31.
 (8) Periplo attribuido a Arriano.
 (9) Lib. I. pag. 33, e 34; Lib. II. pag. 150: e Lib. XVII. pag. 825.
 (10) De situ orbis Lib. II. Cap. 9. pag. 15.
 (11) Somn. Scipion Lib. 2. Cap. 9. pag. 150.
 (12) Origin. Lib. XIV. Cap. 5.

da Africa Oriental; que erão o dos Apomatas (hoje Guardafui) á entrada do Mar Roxo; o Rapho junto de Melinde; e o Prasso (hoje o Cabo Delgado); se dizia, que junto deste ultimo voltava a Costa para Oeste, cercando-a o Oceano pelo Meio-Dia, e formando hum mesmo mar com o Mar Occidental.

Se pois o Oceano cercava a grande Peninsula da Africa, e a Costa Oriental desta voltava para Oeste, havia necessariamente terminar em huma frente mais ou menos extensa; e ainda que se não podesse então dizer propriamente qual fosse a sua configuração, devia parecer provavel que fosse em ponta, pela analogia da configuração das outras Peninsulas, (1) pela acção das Aguas sobre o continente que separava os dois mares, e finalmente pela Costa que cada vez se recolhia mais para o Sul.

Esta conjectura adquirio ainda maior consistencia quando os lados Oriental, e Occidental da Africa forão mais conhecidos. Em quanto ao Oriental, he hoje constante que os Asiaticos, e maiormente os Chins, Persios, Malayos, e Arabes Indiativos costumavão navegar por elle, alcançando assim noticias mais individuaes da sua direcção, as quaes podião bem communicar aos Europeos, principalmente nos tempos das Cruzadas, e expedições para a Asia; onde a guerra, e a curiosidade levou muita gente; e deo occasião a famozas viagens nos tres Seculos XI., XII., e XIII. (2) He ao menos certo, que então foi frequente a navegação de muitos navios, e marinheiros de França, Genova, Piza, e Veneza, que atravessarão o Mediterraneo e o Archipelago para a Palestina, e que esta communi-

Tom. VIII.

Oo

ca-

(1) Taes como a grande Peninsula da India, a da Aurea Chersoneso, os differentes Promontorios do Peloponneso, a Chersoneso de Thracia, a Italia, e muitas outras.

(2) Taes como as que fizerão Bejjamim de Tudella, João de Plan, Carpin, N. Assilin, Guilherme de Rubruquir, Marco Polo, cu Paulo Veneto, Hayton Armenio, João de Mandeville, Antonio Conti, e outros que corrêrão terras de Asia e Africa,

cação entre os Europeos, e os Orientaes subministrou novos, e importantes conhecimentos da Navegação.

Os Povos porém, que podião dar mais exacta relação desta Costa Oriental, são os Mouros, que por tanto tempo forão senhores exclusivos do seu commercio, e que alli achámos já estabelecidos em todos os Portos e Ilhas principaes, começando de Cofalla. Navegavão estes Mouros até áquella Cidade, e ainda mesmo até ao Cabo das Correntes, sem que se abalançassem a mais, pois, como diz Barros, (1) não ousavão commetter o descobrimento da terra, que jaz ao Poente do Cabo das Correntes, posto que muito o desejassem, como elles confessavão; sendo causa disto navegarem aquelles Mouros da Costa de Zanguebar « em náos, e zambucos coseitos com cairo, sem serem pregadiças ao modo das nossas, pera poderem sofrer o impeto dos mares frios da terra do Cabo da Boa Esperança » O mesmo se lê em Marco Polo no Liv. I. Cap. 16. a respeito das náos de Ormuz, onde dá a mesma razão, como se póde ver em Ramusio vol. 2.

Ora estas navegações dos Mouros, que não passavão do Cabo das correntes « pela experiencia que já tinham em algumas náos perdidas, que se esgarravão contra aquella parte do Oceano Occidental » (2) podia talvez dar-lhe indícios de que alli terminava o territorio Africano; e tanto mais, que alguns marinheiros que escapassem destes naufragios, podião dar noticias do modo por que a Costa se recolhe até á Bahia de Lourenço Marques, que realmente he tal, que a outros ainda mais peritos podia causar o mesmo engano.

Que os Europeos recibessem estas noções dos Mouros, he facil de provar; porque sendo estes os que trazião todas as mercadorias Indianas, e da Costa Oriental de Africa pelo Mar Roxo, e escala de Alexandria, era alli que os Venezianos as recebião, e procuravão todas as maneiras de se instruir a respeito dos Paizes d'onde ellas vinhão;

(1) Barros Decad. 1.^a Liv. 8. Cap. 4.

(2) Barros *ibid.*

nhão; o que he tanto mais verosimil, que nas mãos destes Venezianos he que se achárão quasi todos aquelles primeiros Mappas, com demarcações semelhantes ás dos dois Portuguezes, que provavelmente tambem de lá vierão; sendo estas tiradas das informações daquelles commerciantes Mouros, que só lhas podião dar do districto até onde tinhão penetrado.

Para tornar de todo evidente, que as demarcações destes Mappas não podião passar muito adiante do dito Cabo das Correntes, o qual se devia então reputar nos confins da Africa, examinemos as inscripções de cada hum delles, e seja o primeiro o do Infante D. Pedro. Tinha este debuxado hum Cabo com a denominação de *Fronteira d'Africa*; mas a palavra *Fronteira* he synonyma de limite, e por conseguinte não se podia determinar por hum modo mais vago os confins de hum Região, doque dando-lhe aquelle nome; pois tanto se póde chamar Fronteira d'Africa o Cabo da Boa Esperança, como Fronteira da Europa a Costa de Portugal e Galliza. Não parece pois este nome posto por quem absolutamente ignorava que cousa era o Cabo de Africa, e traçava conjecturalmente a extremidade daquella Região?

No Planisferio de 1380 de Marco Polo vê-se o mar cercando a Africa, a cuja extremidade segundo Ramusio, ainda se não tinha posto nome algum; e proxima a esta estava a Ilha de Magastor, e a de Zinzibar. Se pois Madagascar, e Zinzibar estavam perto desta supposta extremidade de Africa, he claro que nunca isto se podia entender do Cabo da Boa Esperança, que dista algumas 400 legoas desta Ilha, e cousa de 200 daquella; mas com mais razão se podia referir ao Cabo das Correntes, e suas vizinhanças, que com effeito estão proximas, e defronte da mesma Ilha de Madagascar.

O que Azuni diz a este respeito corrobora a nossa asserção. A ponta da Africa, segundo elle, estava separada do Continente, em fôrma de Ilha, pelo grande rio do Diabo; e no Planisferio de Fr. Mauro tambem se vê hum

Cabo com o nome de Cabo de Satanaz, e a Ilha de Magastor: o que prova que esta Ilha era a mesma de que falla o douto Italiano, pois ainda se não conheceo outra, mais ao Sul daquelles mares. Isto posto, fica obvio o motivo da denominação do Rio de Satanaz que a separa do Continente, o qual não pôde ser outra cousa senão o Canal de Mossambique (bastante estreito na sua embocadura entre o Cabo de Santo André, e a Costa sua fronteira) e que pela rapidez das suas aguas, e frequentes desastres que occasionava dava bastantes motivos para aquelle nome, como se pôde ver em Barros Decada 1.^a L. 8. c. 4.

De quanto até aqui temos dito se colhe, que bastão as noticias da Costa Oriental da Africa para dar noções, ainda que pouco exactas, do Cabo da Boa Esperança, e para este vir demarcado conjecturalmente nas Cartas daquelles tempos: adiantemos agora em nossa carreira, e mostremos como a configuração da Africa podia tambem vir por noticias, ou raciocinios fundados nas viagens dos Europeos ao longo da sua Costa Occidental.

Com effeito achamos que pelos mares da Costa Occidental, nos ultimos tempos anteriores ás nossas empresas, navegáráo os Guipuzcoanos e Biscainhos, no Reinado de Henrique III. de Castella, e descobrirão em o anno de 1393 as Ilhas Canarias, que parece forão as Fortunatas dos Antigos, e as primeiras que se achárão fóra das tolumnas de Hercules; e que o Biscainho Alonso de Murgica em companhia de Pedro, ou Miguel Andaluz, ou Soriano, acabou a sua conquista. (1) Achamos tambem que os Povos que sahirão do centro da Norwegia, ou Scandianavia, e que se estabelecerão na Normandia, e principalmente em Dieppa, ou Dieppe (fazendo mais de hum seculo antes de nós viagens sobre as costas de Hespanha, e outras maiores que as dos mais Povos marítimos) passárão em 1346 a costear, pelo Mar Atlantico, huma parte do Continente Occidental da Africa, até chegarem, na opinião de Huet,

(1) Menção nas *Antiguidades de Cantabria*, e Ozaeta na *Cantabria vindicada* pag. 59.

Huet e de Murillo, a fazer estabelecimentos em Guiné, dando nomes Francezes a alguns de seus lugares. (1)

Se pois estas navegações dos Dieppezes se extendêrão até á Costa de Guiné, o que nos não parece improvavel, bem havião de saber quanto naquella altura se retrahe a Costa Occidental de Africa; e estas noticias juntas com as outras de que fallámos precedentemente, devião fazer conhecer quasi com evidencia, que os dois lados daquella Peninsula, aproximando-se na sua direcção cada vez mais hum do outro, havião necessariamente vir a encontrar-se, formando aquelle grande Cabo.

He talvez por estes, ou outros semelhantes motivos que Pero da Covilham na carta que escreveo ao Sr. Rei D. João II. não achava impraticavel a circumnavegação da Africa; assim que entre as informações que lhe dirigia accrescentava «que se poderia bem navegar pela sua
» Costa e mares de Guiné, vindo demandar a Costa de
» Çofala, em que elle tambem fôra, ou huma grande Ilha
» a que os Mouros chamão a Ilha da Lua, que dizião
» que tinha trezentas legoas de costa, e que de cada hu-
» ma destas terras se poderia tomar a Costa de Cali-
» cut.» (2)

Mas certamente não erão necessarias tantas evidencias aos Geografos do XIV. e XV. Seculo: outras maiores luzes tinhão sem dúvida as do XVI. e XVII., e a pezar disso grande parte dos seus Mappas he hypotetica, e mesmo ideal. A California tem figurado humas vezes de Ilha, ou-
tras

(1) Huet na *Historia do Com. e Naveg.* Murillo *Geogra.* pag. 182. Pôde lêr-se sobre isto Mr. de Francheville na *Historia da Companhia das Indias*, impressa em Paris em 1738, e na Dissertação em que falla da Navegação de Tarscis no Tom. XVII. das *Memorias da Academia das Bellas Letras de Berlim* do anno de 1761, e Court de Gibelium no *Mundo Primitivo* Tom. VIII. att. 5.

(2) Francisco Alvares na *Hist. do Preste*, e Castanheda. Deve notar-se que Pedro da Covilham não conhecia outra terra além de Çofala, e de Madagascar (Ilha da Lua); por isso aconselhando por alli a passagem para a India, mostra que julgava perto o Cabo da Boa Esperança: o que confirma a nossa opinião.

outras de Peninsula; e muito tempo se reputou que a Costa da America terminava pouco acima daquella latitude, até que os descobrimentos do Capitão Cook a estendêrão pelo menos aos 72 grãos; as terras Austraes apparecêrão e desaparecêrão das Cartas Geograficas; o Estreito de Anian foi demarcado em diversos lugares, e sempre hypoteticamente até aos nossos dias: em fim he necessario não ter conhecimento algum da Geografia antiga, para desconhecer quanto as suas demarcações erão ideaes. (1)

Para remate deste Capitulo faremos huma reflexão, que nos parece propria para acclarar o que nelle deixamos escrito. O Infante D. Henrique, perito nas Sciencias Mathematicas e Cosmograficas, presidindo a huma assembléa de doutos, juntos em Sagres para promover o progresso destes estudos, e da sua prática em a navegação, meditando tudo o que os Antigos tinham escrito a este respeito; não era pessoa que se deixasse seduzir sem alguns motivos, e que tentasse huma empreza tão dispendiosa e arriscada, e isso com tanto affinco, sem ter huma quasi certeza do seu feliz resultado; e nada lhe podia dar este conhecimento senão as razões e authoridades que deixamos ponderadas, as quaes fazião huma especie de tradição, que não se achando escrita em os Livros, só poderião vir ao seu conhecimento pelos modos que acabamos de indicar.

CA-

(1) Cousa semelhante lembrou já a João Rinaldo Conde Carli a respeito das demarcações das ultimas Ilhas do Oceano para as Costas da America, que indicavão algumas Cartas e Roteiros que se fazião em Veneza nos Seculos xiv. e xv.: porque lhe occorreo que ellas se terião feito, não por conhecimentos reaes do local, mas sim sobre as tradições dos antigos Hesperides. (*Cartas Americ.* Tom. II. Carta 25 pag. 49.) Por trazermos á lembrança hum exemplo ou facto antigo, que outra cousa forão senão traços conjecturaes algumas das posições de terras, que se achão nos Mappas de Ptolomeo? não tendo elle (ou quem os ajuntou á sua Obra, ou a emendou) para as demarcações das terras que nunca vio, mais do que meras conjecturas, ideadas talvez sobre vagas e incertas tradições ou noticias; sendo este hum dos motivos dos muitos erros que os modernos Cosmografos lhes tem notado, e particularmente o nosso Mathematico Pero Nunes.

CAPITULO V.

Resolução de duas Objecções contra a existencia e veracidade destes Mappas.

DEVEMOS ainda occupar-nos de dois reparos principaes, que se podem levantar em geral contra a existencia e veracidade dos dois Mappas, que até aqui havemos sustentado; isto he dois argumentos, não já intrinsecos e tirados das qualidades das mesmas demarcações delles, mas extrinsecos, deduzidos da maneira com que se houve o Infante D. Henrique na sua expedição, como se os não conhecesse; e do silencio dos nossos Historiadores da India a este respeito, do que agora fallaremos.

Primeiramente pôde dizer-se, que o Infante D. Henrique, a existirem semelhantes Mappas (e principalmente o de D. Pedro seu irmão, que não deixaria de lhe ser communicado) tomaria desde que elle appareceu maior ardor e actividade no proseguimento do seu projecto, do que até então havia tido; e que isto porém foi muito ao revez, porque se observa, rastejando a historia do progresso das viagens que se seguirão, que erão ainda timidias e acanhadas as ordens e instrucções, que elle dava dalli em diante para a continuação das expedições, e passagem do Cabo Bojador; e que ainda depois deste vencido, se gastou cousa de mais de oito annos para se descobrir a Costa, que está entre este Cabo, e o Cabo Branco.

Em verdade houve alguns periodos ou intervallos, em que se trabalhou com menos energia no proseguimento daquellas expedições; mas a causa não foi certamente a ignorancia daquelles Mappas, nem falta que tivesse o Infante de noticias, que o excitassem a maior esforço; outros forão os verdadeiros motivos, que assaz constão de nossa Historia.

E quanto ao atrazamento que houve em vencer, e
mon-



tar o Cabo Bojador, a causa principal foi o receio que os mareantes já tinham herdado dos passados, sobre os perigos e difficuldades, que então se consideravão na sua passagem, que nenhum a ousava commetter; porque como este Cabo, pelo dizer com os termos de João de Barros,

» começa de incurvar a terra de mui longe, e ao respecto
 » da Costa, que atraz tinham descoberta, lança, e boja pe-
 » ra aloeste perto de quarenta legoas (donde deste mui-
 » to bojar lhe chamarão Bojador): era para elles cousa
 » mui nova apartar-se do rumo que levavão, e seguir
 » outro pera aloeste de tantas legoas. Principalmente por-
 » que no rosto do Cabo achavão huma restinga, que lan-
 » çava pera o mesmo rumo d'aloeste, obra de seis le-
 » goas: onde por razão das agoas, que alli correm naquel-
 » le espaço, o baixo as move de maneira, que parecem
 » saltar e ferver: a vista das quaes era a todos tão teme-
 » rosa, que não ousavão de commetter; e mais quando
 » vião o baixo. O qual temor cegava a todos, pera não
 » entenderem que afastando-se do Cabo o espaço de seis
 » legoas, que occupava o baixo, podião passar alem: por-
 » que como erão costumados as navegaçoens, que então
 » fazião de Levante a Ponente, levando sempre a Costa na
 » mão por rumo d'agulha: não sabião cortar tão largo,
 » que salvassem o espaço da restinga, somente com a vista
 » do ferver destas aguas e baixo que achavão, concebião
 » que o mar d'ali em diante era todo aparcellado.» (1)

Em consequencia daquelle temor, havia nos primeiros tempos difficuldade em achar pessoas habeis e animosas para commetterem a execução daquelle empreza. « Era, » (diz Barros) tão assentado o temor desta passagem no coração de todos, por herdarem esta opinião de seus avós, que com muito trabalho achava o Infante quem nisso o quizesse servir.» (2)

Ainda houve outra causa de estorvo, que foi a dos
 ne-

(1) Decad. 1.^a Liv. I. Cap. II.

(2) Decad. I.^a Liv. I. Cap. IV.

negocios interiores do Reino, e dos externos das guerras de Africa; causa que aponta o mesmo Barros em geral.
 » Todo estava posto (diz elle) na esperanza, que lhe o
 » espirito prometia, se proseguisse naquella empresa: da
 » qual algũas vezes desistia, porque os negocios do Rey-
 » no, e as passagens que fez aos lugares de Africa, o
 » empediam a não levar o fio deste descobrimento tam
 » continuado, como elle desejava.» (1)

Do retardamento da navegação por causa das perturbações interiores do Reino na menoridade do Senhor Rei D. Affonso V. falla em particular Pedro de Maris. «Des-
 » te anno (diz elle) que he o de 1434 depois de se ha-
 » ver passado o Cabo Bojador, e já 30 legoas alem del-
 » le, ate o de 1439 não se fez cousa noravel neste desco-
 » brimento; porque o Infante o não mandava proseguir,
 » como dezejava, pelas differenças e alterações, que no
 » Reino então havia, sobre a tutoria do Principe D. Af-
 » fonso, como adiante mais largo contarei: mas tanto
 » que os negocios derão lugar, e no anno do Snr. mil e
 » quatrocentos e quarenta e hum, mandou o Infante hum
 » navio, &c.» (2)

Outra causa bem sabida, que desalentou algum tanto a actividade de tão uteis expedições, de que fallão os nossos Historiadores, foi a murmuração e reprovação que então se fazia dellas. O Infante teve de combater, já os emulos de seu merecimento, que davão ou por chimerica, ou por temeraria aquella empreza; já os falsos raciocinios e timida prudencia dos máos politicos, que a havião por superior á força natural do homem; e ao estado deste Reino. Elle tinha de vencer ainda mais a imbecilidade do povo, sempre em extremos, e muitas vezes cego, que desabonava tamanhos esforços e despezas, para levar os braços do Reino, e acabarem nos naufragios do mar, ou

Tom. VIII.

Pp.

irem

(1) Dec. I.^o Liv. I. Cap. II.(2) Maris *Dialogos de Varia Historia* Dial. IV. O mesmo notou o moderno Escriitor da Vida do Infante, Liv. III. pag. 196 e 197.

irem occupar paizes barbaros, estereis e sem proveito; e que tudo era capaz de afrouxar no Infante a grandeza e fortaleza de seu peito animoso, e de o fazer parar por algum tempo nas suas tentativas.

Sobre isto póde ler-se João de Barros: nós só poremos aqui huma parte do que elle escreveu, que baste para confirmar o que temos dito. « Com o descobrimento » (diz elle) destas duas Ilhas (Porto Santo, e Madeira) » começou o Infante a se esforçar mais em seu principal » intento, que era descobrir a terra de Guiné, por aver já » doze annos que trabalhava nisso contra parecer de muitos; sem achar algum sinal pera satisfação daquelles, » que avião este negocio por cousa sem fructo, e mui perigoso a todolos, que andavão nesta carreira. » (1)

Deixamos de trazer em consideração as difficuldades das immensas despezas, que era necessario fazer em semelhantes expedições, para que nem sempre haverião promptos meios e recursos: a estreiteza de huma Arte nascente, qual então era a de navegar, curta e acanhada nos seus primeiros progressos, como o forão todas as Artes; e desprovida ainda de grandes soccorros para as suas operações, e manobras: os temporaes, que com força de ventos contrarios saltavão com os mareantes, e de mares tão grossos e alevantados, que quasi lhes comião os navios, ainda então pequenos, ou os arredavão da Costa, ou os fazião retroceder e voltar: tudo isto bem claro está, que não podia deixar de retardar os passos daquella navegação.

« Estas pois e outras razões » dillo-hemos em somma com as palavras de Maris « que o medo e carrancas de » empresa tão nova imprimia nos corações dos homens, » e as dilações e impossibilidades, que doze annos havia, » cada dia sobrevinhão, trazião o Infante em notavel descon-

(1) Dec. I.^a Liv. I. Cap. IV. no princip. Deve ler-se todo este Capitulo, em que vem largamente o conceito, e arreoado, que fazião os que murmuravão do projecto do Infante. Sobre o que tambem se póde ler dos modernos Candido Lusitano na *Vida do Infante D. Henrique*, Liv. II. pag. 18; &c.

» confiança de si. Todas estas difficuldades (continúa elle)
 » mostrarão a magestade deste descobrimento, permittindo
 » Deos que tambem passasse pela Lei, que ordinariamen-
 » te guarda nas grandes coisas; dando-lhe principios mui
 » trabalhosos, e de grande admiração. E parece ser isto
 » tanto assim, que nem a authoridade . . . (dos antigos)
 » nem todas as mais informações, que o Infante tomava
 » em Africa, e as conjecturas e considerações mathema-
 » ticas em que totalmente se occupava, lhe derão tanta
 » ousadia e confiança, que podesse passar por tantos in-
 » convenientes e resistencias, como sempre de novo acha-
 » va.» (1) Nos mesmos pensamentos estava João de Bar-
 » ros, a quem seguio Maris, quando sobre tamanha em-
 » preza lançou esta sentença: «E assi permittio (Deos) que
 » este descobrimento, pela magestade delle, passasse pela
 » Lei que tem as grandes cousas; as quaes, quando se
 » querem mostra a nós, tem huns principios trabalhosos,
 » e casos não pensados.» (2)

Eis-aqui pois as causas verdadeiras do atrazamento nas expedições do Infante, que não podia facilmente remover sem embargo da sua actividade, e das idéas e conhecimentos que elle tinha das Costas de Africa, e da possibilidade da sua circumnavegação; ou pela lição dos antigos Gregos e Romanos, ou pela demarcação do Mappa do Infante seu irmão, e talvez do de Alcobaga; ou por outras mais noticias que houve de diversas partes.

Resta a outra duvida, que tambem póde fazer pezo contra a existencia ou veracidade destes Mappas, qual he, a que se tira do silencio dos nossos dois grandes Historiadores João de Barros, e Damião de Goes, e de outros, que parece que não deixarião de ter noticia de documentos tão notaveis, e de fazer memoria delles. Com tudo a este silencio oppomos o que já temos notado, isto he, a asserção expressa dos que virão, ou fallarão do de Alco-

Pp ii

ba-

(1) Dial. IV. Cap. IV.

(2) Dec. 1.^a Liv. I. Cap. II.

baça; e huma tradição antiga que corria, recolhida por Galvão, e por outros dignos de igual credito, que deprehão do que foi do Infante D. Pedro.

E quanto ao primeiro, he necessario trazer á memoria a regra geral da Critica, que quando hum ou outro dos coetaneos deixou de fallar de hum facto, que outros referirão, nem por isso se ha de entender logo, que o negou; porque podia deixar de o contar ou por descuido, ou por malicia, ou por ignorancia: donde o argumento, tirado do silencio de Barros e de Goes (coevos do facto da existencia daquelle Mappa em 1528) he simplesmente negativo, e não conclue necessariamente contra a attestação positiva e conforme de outros tambem coevos, como forão o Infante D. Fernando, Francisco de Sousa, Antonio Galvão, e Gaspar Fructuoso. Quanto ao Mappa do Infante D. Pedro, não sendo Barros, nem Goes, nem nenhum outro dos que se poderião allegar, coevos ao Infante, mas hum Seculo mais modernos do que elle, menos pôde valer o seu silencio contra a expressa narração tradicional dos outros seus contemporaneos, como são os mesmos acima referidos Galvão, e Fructuoso.

Se isto não basta; porque não diremos que a noticia do Mappa do Infante se escondêo á diligencia de Barros, e de Damião de Goes? Não forão nossos passados, antes delles, tão curiosos de escrever as cousas de nossas Artes, que lhes deixassem clarezas de tudo o que fizerão, para ser conhecido dos vindouros: podia estar esquecida esta noticia nos dias daquelles Escritores, como já então estavam outras muitas, que pertencião aos mesmos descobrimentos do Infante D. Henrique. ; Sabemos nós hoje de Barros, ou de Goes, ou de algum outro daquelles tempos todos os meios, de que o Infante se servio; todos os instrumentos que inventou, ou aperfeiçoou; todas as operações que elle fez? ; Quão escassas são as noticias, que nos deixarão dos progressos das Artes do mar! ; E quão muitas as que se perdêrão com seus escritos, por que poderamos saber hoje muitas cousas!

E

E por fallar particularmente de Barros ; soube elle por ventura, ou fallou do roteiro, que de seus descobrimentos havia feito, ou mandado fazer o mesmo Infante D. Henrique, de que vio copia Fr. Luiz de Sousa na Cidade de Valencia de Aragão? (1) ou ainda da Relação, que delles escreveo Francisco Alcaforado, contemporaneo e Escudeiro do mesmo Principe? (2) ou da Carta maritima do Malhorquino Gabriel de Valseca, feita em 1439, em que mui particularmente demarcou os descobrimentos do Infante até 1438, que dizem comprára depois Americo Vespuccio Florentino? (3) ; Fallou elle do Mappa ou Planisferio de Fr. Paulo, encommendado por nossa Corte, e a ella remettido, de que acima fizemos memoria?

Ainda de cousas mais modernas do que aquellas; pertencentes a nossos descobrimentos, vemos que elle não fez menção alguma em suas Decadas: assim, que tratando na 1.^a no Liv. III. Cap. V. da enviatura e despacho de Pero da Covilhã, para ir por terra descobrir os Reinos do Preste, nada disse do notavel Mappa-mundo, que lhe deo o Sr. Rei D. João II. perante o Sr. D. Manoel, então Duque de Béja; Mappa, que foi feito em casa do Secretario de Estado Pero de Alcaçova, debaixo dos olhos do famoso Licenciado Calçadilha, depois Bispo de Viseo, e dos Doutores Mestres Rodrigo, e Moyses, do que não saberiamos hoje, se Castanheda, e mais individualmente Francisco Alvares na Obra da *Informação das Terras do Preste*, o não lançassem em escriptura para memoria.

Quantas outras noticias com effeito não faltarão a este grande Escriitor de nossas Conquistas? Elle mesmo o lamenta logo em o Cap. I. da sua 1.^a Decada, e ainda em outra parte; porque chegando á narração dos descobrimentos das Ilhas, assevéra formalmente « que não trata » em

(1) Histor. de S. Domingos, P. 1. Liv. VI. Cap. 15.

(2) Disto faz memoria D. Francisco Manoel na Epanafora Amorosa.

(3) Falla disto Antonio Raymundo Pascal na Obra do Descobrimto de l'Aguya Nautica pag. 87.

» em particular das Ilhas de S. Thomé, de Anno-bom, e
 » do Principe, e de outros resgates de Ilhas, por não ter
 » noticia, quando, e per que Capitães foram descubertas.
 » (1) A isto póde accrescentar-se o que diz o Licenciado
 » Manoel Correa nos Commentarios a Camões Cant. V. Est. 12.:
 » « Quanto ao tempo, em que esta Ilha (de S. Thomé) se
 » descobrisse, e quem fosse o author deste descobrimento;
 » não ha certeza, como tambem a não ha de outras muitas
 » coisas que acontecêrão no tempo del Rey D. Affonso o
 » Quinto, ou por falta e negligencia dos Chronistas da-
 » que elle tempo, ou por se perderem e consumirem os
 » papeis e memorias daquella idade; fazendo o tempo
 » nella seu officio, como em outras costuma. » A respeito
 » da Ilha Terceira já Cordeiro se queixava que se não
 » sabia por quem, nem quando fora descuberta: e das
 » Ilhas de Cabo Verde, dizia elle em geral que pouco se
 » sabia, pelo pouco que dellas dizião os antigos
 » Chronistas Barros, e Goes. (2)



» Cahe agora a proposito lançar aqui outra razão, por
 » que Barros, ainda quando tivesse informação dos dois
 » Mapas Geograficos, deixaria de fallar delles no curso das
 » suas Decadas; e he que por ventura reservaria esta materia
 » para a Obra singular da *Geografia Universal de todo o descoberto*,
 » em que tratava do que pertencia á navegação, e mui largamente
 » do Astrolabio, como elle diz na Dec. I. Liv. I. Cap. I., e no
 » Liv. IV. Cap. II. He de crer que nesta obra, a que tantas
 » vezes se remette, e que com grande falta e quebra de
 » nossa Historia se perdeu, terião lugar estas noticias, com
 » que bem e devidamente podia fornecer e ornar o seu
 » Tratado; ou já tambem na outra in-

(1) Dec. I Liv. III. fol. 33 v̄.

(2) Hist. Insul. Liv. VI. pag. 241, e Liv. II. pag. 57. O moderno Escritor da Vida do Infante, Candido Lusitano, (ou o Padre Francisco José Freire, da illustre Congregação do Oratorio) notou a mesma falta de noticias para fallar dos descobrimentos das Ilhas; lamentando as poucas que se salvárão daquelles tempos, mais amigos de obrar que de escrever.

titulada *África*, que era a segunda parte de toda a Obra da Conquista, de que fez menção no mesmo Cap. I. e II. em que tinha tambem lugar esta materia.

Quanto ao silencio de Damião de Goes, além de que podia ignorar a particularidade destes Mappas, não admira, que ainda quando fosse sabedor, deixasse de fazer memoria delles; pois que nem na Chronica do Sr. Rei D. Manoel, nem na vida do Senhor D. João II. sendo Principe, tratou em particular e de profissão das circumstancias dos descobrimentos deste Reino, posto que delles escrevesse em geral, para alli terem necessario assento as singulares e miudas noticias destes Mappas; e menos ainda o tinham na outra Obra da Descripção de Lisboa, aonde falla da Navegação da India, pois que nella se não propoz tratar deste assumpto, mas só tocar levemente, e de passagem algumas cousas, como elle diz no seu mesmo titulo: *In qua obiter tractantur nonnulla de Indica Navigatione.*

Pelo que pertence a outros Historiadores de nossas cousas da India, nenhum dos antigos que hoje existem, escreveu de profissão e de proposito das origens e progressos dos primeiros descobrimentos, ou dos meios de que o Infante se ajudou para elles: huns tratarão de factos e acontecimentos posteriores, outros escreverão em rezumo, assomando as cousas tão sómente capitaes: alguns só narrarão viagens particulares, ou certos periodos da Historia Indiatica, ou dos Governos; e em semelhantes obras nenhum cabimento tinham taes noticias, ou não vinhão a seu proposito; sendo outra regra fundamental de Critica, que o silencio de alguns Escriptores só então pode ser prova ou indicio da falsidade de hum facto, quando elles tinham occasião e lugar proprio para fallarem necessariamente delle, e não fallarão; o que se não poderá facilmente apontar ou marcar em nenhum delles.

Cuidamos ter satisfeito quanto em nós está. ás dúvidas ou reparos, que se possam excitar sobre a possibilidade e verosimilhança das demarcações do Cabo da Boa Esperança nos dois Mappas do Infante D. Pedro, e do Car-



torio de Alcobaça, para se removerem as suspeitas de falsidade que a respeito delles possa haver. Se não fomos os primeiros, que descobrimos pelo raciocinio e conjectura a passagem maritima á roda d'África, nem com isso a nossa gloria fica defraudada, pois fomos os primeiros entre os Europeos, que emprehendemos e conseguimos verificalla pelas immensas solidões do Oceano. Fomos os primeiros que abrimos desde o ultimo Occaso hum novo caminho para a India, e chegámos ás partes mais remotas do Oriente, e confins do antigo mundo. Sendo o nosso triumpho do mar (ainda independente do original descobrimento do Cabo da Boa Esperança) muito maior, e mais maravilhoso que o de todos os que até então se tinham aventurado ás navegações da Costa de Africa: donde verdadeiramente podemos dizer com Camões (1) que a nossa gente foi a unica que entre todas as nações Europeas se abalançou

Por vias nunca usadas, não temendo
D'África, e Noto a força

.
A ver os berços onde nasce o dia. (2)

EN-

(1) Cam. Lusiad. Cant. I. Est. 27.

(2) Devemos confessar com animo agradecido, que o Sr. Sebastião Francisco Mendo Trigozo, Vice-Secretario da Academia Real das Sciencias, Varão maior que todos os nossos elogios, benignamente se encarregou a nossos rogos, de corrigir, addicionar, e reformar esta nossa Memoria, em algumas de suas partes, pela grande sabedoria que tem nestas materias; com o que ella muito se melhorou, e se fez mais digna de apparecer ao Público.

ENSAIO

*Sobre os Descobrimentos, e Commercio dos Portuguezes
em as Terras Setentrionaes da America. (1)*

POR SEBASTIÃO FRANCISCO DE MENDO TRIGOZO.

EM quanto os Portuguezes, no Reinado do Sr. Rei D. Manoel, affrontavão as tormentas do Cabo da Boa Esperança; reconhecção, e pela primeira vez circum-navegavão toda a Costa d'África, e se empegavão no grande golfo da India; espalhando pelo Mundo, com a gloria dos seus descobrimentos navaes, a noticia do novo caminho que tinham aberto para o Oriente: em quanto, desde o Tejo até ao Indo, quasi todos os Povos se tinham feito tributarios da Coroa Portugueza, e as outras Nações Europeas erão obrigadas a vir ao porto de Lisboa prover-se das nossas especiarias, e applaudir com inveja os nossos triumphos: outros navegadores tambem Portuguezes, não contentes com seguir os vestigios de seus contemporaneos, intentarão huma empresa igualmente nova e atrevida; a qual talvez por não ter tido hum exito tão feliz como a primeira, mereceo pouco a attenção dos antigos, e foi depois deixada em esquecimento pelos modernos, que quizerão attribuir ás suas Nações descobrimentos, que propriamente nos pertencem: objecto que em parte conseguirão facilmente, por ter havido pouco quem revendique estes trofeos de nossos Maiores.

E na verdade, se alguns Escritores tem forcejado por desapossar-nos da originalidade daquelles descobrimentos,
Tom. VIII. Qq a

(1) Este Ensaio foi lido na Sessão pública da Academia do anno de 1813, e por isso não se lhe deo a extensão, que o assumpto parecia talvez exigir. Este inconveniente ficou de alguma maneira suprido pelas notas, que depois se lhe ajuntarão.

a favor da qual temos o voto unanime de autoridades coevas, (1) e que pelo espaço de trezentos annos se attribuição quasi constantemente aos Portuguezes ; o que succederá quando as provas e documentos em n'sso abono são em pequeno numero, e pouco conhecidas? Neste caso hum silencio, mais fatal que as dúvidas da critica, será o fructo dos nossos trabalhos ; e este destino, por certo não merecido, estava reservado aos nossos Corterreaes, que corrião os mares do Norte, quasi ao mesmo tempo que Vasco da Gama navegava pelos do Sul, e buscavão huma passagem ás Indias pelo Polo Artico, quando realmente se effectuava outra pelo Cabo da Boa Esperança.

Tal era o grande fim a que se propunhão estes navegadores, n' huma época em que as terras Setentrionaes da America erão quasi absolutamente desconhecidas aos Europeos : verdade he que, se dermos credito a alguns Authores, já pelos annos de 827 ou talvez antes, se achava povoada de Christãos parte da Groenlandia (2) : con-
tão

(1) Este testemunho dos contemporaneos he a prova mais irrefragavel da originalidade da nossa navegação á toda da Africa. Embora os antigos tivessem reconhecido huma maior ou menor porção da sua Costa Oriental e Occidental, não ha hum só documento authenticco por onde conste claramente que dobrassem o Cabo da Boa Esperança, nem mesmo que conhecessem exactamente a sua posição. Tem-se com tudo pretendido extender as antigas viagens maritimas a latitudes onde provavelmente não chegarão, aproveitando para isso os termos ambíguos em que alguns Periplos estão escritos ; mas assim mesmo he impossivel extendellas tanto, que cheguem áquelle Promontorio. Nesta falta de escritos, recorreo se a Mappas antigos, modernamente descobertos, e tomárão-se traços conjecturaes e informes, por desenhos exactamente determinados, em que appareção o Cabo da Boa Esperança, e Estreito de Magalhães, &c., muito antes de ninguem os ter observado. O nosso erudito Socio o Sr. Antonio Ribeiro dos Santos acaba de refutar por hum modo victorioso os argumentos em que estes suppostos criticos se tem fundado.

(2) Huma antiga Chronica Groenlandeza, escrita em versos Dinamarquezes pelo Pastor Claudio Christophersen, ou Liscander, dá o descobrimento da Groenlandia em 770 : além disso, existe hum Breve de Gregorio IV., dirigido a Anscario, Arcebispo de Hamburgo, e seu Legado para as Nações Setentrionaes, e Meridionaes ; em o

tão elles que hum certo de Torwal Senhor Norwegiano, tendo-se acolhido á Islandia por causa de hum crime que commetêra na sua Patria, deixára hum filho chamado Erico, o qual navegando por aquelles mares, avistou o Cabo de Heriolf, reconheceo a Costa do Sudoeste, e invernou em huma Ilha junto á Abra a que pôz o nome de Heric-sun! : o anno seguinte foi ainda empregado em descobrir maior porção de terreno, que achou todo deshabitado; e tendo no terceiro voltado outra vez a Islandia, tal foi a descripção que fez da nova terra, que attrahio a si huma grande quantidade de povoadores, que para lá partirão em vinte e cinco embarcações. (1)

O antigo Author da Chronica de Islandia, Snorro Sturlesson, que escrevia em 1215, referio estes successos (2); e Thorlacio Torfæus, Historiografo da Dinamarca, não sómente o segue, mas traz a serie chronologica de dezasete Bispos, o ultimo dos quaes foi sagrado em 1408, sem que com tudo haja provas de que elle tivesse seguido o seu destino, (3) pois parece indubitavel segundo Eggede, que em 1406 he que acabárão as noticias daquella Colonia.

Desde este tempo não se ouvia mais fallar na Groenlandia; os gellos tinhão submergido o lado Oriental da Costa, onde ainda hoje se descobrem maiores ruinas, e que parece seria o mais povoado, pela razão de ser o mais proximo á Metropole: além disso os Povos barbaros, vin-

Qq ii

dos

qual se nomea *Groenlandon* entre as primeiras: como porém aquelle nome signifique *Terra verde*, e conste que foi posto a Paizes diversos da actual Groenlandia, pôde entrar em dúvida qual era propriamente aquelle, a que o Papa se refere.

(1) Veja-se entre outros David Cranz *Historia da Groenlandia* Nuremberg 1782 Sessão 4., e a *Descripção e Historia natural da Groenlandia* por Eggede Cap. 2.

(2) Este Chronista, a quem segue Arngim Jonas, e Torfæus, pôe estes descobrimentos no anno de 982.

(3) Torfæus nas *Antiguidades Islandicas*, diz que ainda em 1533 o Bispo sufraganeo de Roschild se intitulava Bispo da Groenlandia: mas nem por isto se deve pensar, que ella nesse tempo continuasse a ser ainda conhecida. Veja-se La Peitère *Relação da Groenlandia*, impressa nas *Viegens ao Norte*.

dos do interior, tinham destruido aquellas habitações, e os seus moradores; e isto por tal sorte (coisa que parecerá incrível) que os mesmos Dinamarquezes ficáráo tão ignorantes a respeito daquelle estabelecimento, como o resto da Europa.

Era já passado hum Seculo depois que as terras Setentrionaes tinham esquecido, quando os dois Venezianos Nicoláo, e Antonio Zeno, abordáráo novamente a ellas: he porém tão informe a relação desta Viagem, que nem se póde fazer conceito dos paizes que reconhecéráo, nem da veracidade do que nella se refere (1): o que porém he certo, he que o fructo de todos estes estabelecimentos e tentativas foi perfeitamente nullo, chegando-se a perder té a memoria do que se havia trabalhado. Nunca se suspeitou neste tempo que a Groenlandia fizesse parte do Continente da America; não se descobrio, que se saiba, outro nenhum territorio, senão aquelle na sua Costa Setentrional, e Meridional; e nunca veio á lembrança que se podesse effectuar huma passagem ás Indias por aquelle lado: o atrazamento da Nautica, e da Cosmografia não permittia ainda formar grandes projectos maritimos: o acaso conduzio os primeiros descobridores, e o desejo de viver em hum terreno mais productivo atrahio os primeiros colonos; nada mais se tentou, nem mesmo se imaginou que era possivel tentar: esta gloria estava reservada á Nação
Por-

(1) A primeira Relação desta Viagem foi escrita dois Seculos depois, por hum certo Nicoláo, parente dos Zenos, e impressa em Veneza em 1558: o seu titulo he *Relazione dello scoprimento dell' Isola Frislanda, Islanda, Engrovelland, Estotilandá, et Icaria, fatto per due Fratelli Zeni*. Conta o Author, que Antonio Zeno compozera a Historia das suas navegações, a qual tendo-se conservado por muitos annos na sua familia, fôra depois lançada ao fogo pelo dito Nicoláo, sendo ainda criança; e por isso só de alguns papeis avulsos, e da tradição que se conservava, he que podera tirar aquellas Memorias. Tiraboschi *Storia della Litteratura Italiana* Tom. V. Liv. 1. Cap. 5. critica esta Relação, talvez com mais acrimoria do que ella merece, huma vez que dêmos credito ao que deixámos dito sobre o primeiro descobrimento, e povoação da Islandia, e Groenlandia.

Portugueza, guiada pelos Corterreaes, e antecipadamente instruida pelas luzes da Escola de Sagres.

O primeiro navegador deste nome que figurou na scena foi João Vaz Corterreal, Fidalgo da Casa do Sr. Infante D. Fernando, e seu Porteiro mór; o qual acompanhado de Alvaro Martins Homem (segundo testefica o Padre Cordeiro na sua *Hist. Insulana*) navegou os mares do Norte por ordem do Sr. Rei D. Affonso V., e descobriu a terra do Bacalháo. Não refere o citado Author o anno deste acontecimento; conta porém que os dois companheiros, na sua volta da *Terra nova*, abordarão á Ilha Terceira, e achando vaga a sua Capitania pela morte de Jacome de Bruges, se recolhêrão ao Reino, e a pedirão á Infanta Dona Brites, viuva do Infante D. Fernando, e tutora de seu filho o Duque D. Diogo. Attendeo esta Senhora aquella súpplia, e querendo recompensar os serviços destes dois Capitães, mandou repartir o terreno, dando a cada hum o governo da sua metade: a Carta desta mercê feita a João Vaz, he datada da Cidade de Evora aos 2 de Abril de 1464, e por isso se pôde inferir que o anno deste descobrimento foi quando muito o antecedente de 1463. (1)

Sem embargo desta antiguidade, não achamos documento por onde nos conste, que se dêsse mais passo algum a este respeito até ao fim do Seculo xv. Parece que os trabalhos daquelles mares estavam reservados para a familia dos Corterreaes, e não sabemos que nem no nosso Paiz, nem nos estrangeiros houvesse alguém que tornasse a navegar, até Gaspar Corterreal, filho do sobredito João Vaz, que se abalançou a huma empreza ainda mais ardua,

(1) Cumpre notar o anachronismo de Herrera Decada I. Liv. 1. Cap. 3. quando refere, que hum dos motivos por que Colom se persuadia da existencia de novas terras, era a viagem dos dois Corterreaes. Como Colomb fez a sua primeira expedição em 1492, he claro, que as idéas que podia ter a respeito da *Terra nova*, só podião ser tiradas deste primeiro descobrimento de João Vaz Corterreal.

dua, qual era além de reconhecer de novo aquellas Costas, e descobrir por ellas huma passagem á India.

Devemos porém confessar, que quasi pelos mesmos tempos appareceo outro navegador Genovez de origem, que tendo (segundo affirmão) as mesmas idéas, foi com tudo mais tardo em as pôr por obra. Era seu nome Sebastião Cabotto; já seu pai, em cuja companhia viera para Inglaterra, se tinha offerecido a Henrique VII. para ir ao descobrimento dos mares do Norte, e tinha obtido esta licença, como consta das suas Cartas Patentes datadas de 1496 (1): a morte porém o impedio de levar adiante este projecto. Ficando só Sebastião Cabotto, e herdando com o sangue aquelles mesmos desejos, contratou com alguns Negociantes Inglezes para o ajudarem na empreza, que em chegou a effectuar-se, sem que se saiba exactamente o tempo, nem as particularidades que lhe acontecerão, por não haver Escritores coevos que no-las transmittissem.

Pedro Martyr d'Anghirra, (2) que estava em Hespanha, quando Cabotto allí foi ter depois da morte de Henrique VII., e que o conheceo e tratou, não marca a época desta sua primeira viagem, (3) porém Ramusio referindo huma conversação, que tinha tido com hum Gentilhomem Mantuano, que conhecêra Cabotto em Sevilha, diz (4) que ella fôra emprehendida em o verão de 1496; e eis-aqui o testemunho mais antigo e authenticico em que se
fun-



(1) Hakluyt transcreve este Diploma na parte 3. da sua Collecção: pôde-se tambem ver em os *Actos Publicos* de Rymer, vol. 12. pag. 595.

(2) Veja-se este passo de Pedro Martyr em o terceiro volume da Collecção de Ramusio, ou no *Novus Orbis* de Grineo.

(3) Digo primeira viagem, porque sobre esta he que os Escritores diversificão, chegando alguns, como os Redactores da *Historia Geral das Viagens* (Tom. XLV. pag. 278) a duvidar della, e a fixar lhe a época de 1516. A segunda viagem de Cabotto foi feita por ordem de Carlos V. em 1526 a fim de descobrir melhor o Paraguay. Vide Herrera Decada III. pag. 332.

(4) Ramusio Tom. I. *Discorso sopra varii viaggi per le quali sono state condotte fino a tempi nostri le spetierie*, &c.

fundão os Authores que assim o escrevêrão. Porém ; como he provavel, que tendo-se expedido as Cartas Patentes naquelle anno; devendo-se seguir a ellas, e não fazerem-se anticipadamente, os preparativos para huma viagem que podia ser muito extensa, em que hião varias embarcações, e em que interessavão diversos Negociantes, se aprontasse tudo com tão extraordinaria brevidade? ; Que delonga não devia causar a doença e morte de João Cabotto, principal movel daquella expedição, e os novos ajustes em que foi obrigado a entrar seu filho? Por certo parecerá incrível, que tudo se arranjasse dentro de dois ou de tres mezes.

Se porém estas razões não mostrão convincentemente, que a navegação de Cabotto he posterior á de Gaspar Corterreal, tornar-se-ha isto indubitavel quando se reflectir, que sendo o testemunho de Ramusio o unico, ou para melhor dizer o mais authenticico, pelo qual se lhe fixa aquelle anno; he este mesmo Ramusio o que nos assegura (como logo veremos) não já pelo que ouviu, mas pelo que concluiu depois de todas as averiguações que pôde fazer, que Gaspar Corterreal fôra o primeiro que tentou pôr por obra a grande idéa de abrir hum caminho para a India, a travéz dos gelos do Polo Artico.

Os tres principaes Historiadores Portuguezes, que falam desta expedição, Galvão, (1) Goes, (2) e Osorio fazem o Capitão della muito da privança do Sr. Rei D. Manoel, já desde o tempo em que era Duque de Béja. Criado pois na casa daquelle grande Principe, plenamente instruido das suas idéas e vastos conhecimentos, muni-do das instrucções que seu pai lhe podia communicar melhor do que ninguem, até a altura da *Terra nova*, dotado de hum animo capaz de superar as difficuldades e trabalhos, foi-lhe facil alcançar para a sua empreza huma licença, que se fez tanto mais graciosa, que o mesmo Monarca quiz tomar parte nella, concorrendo com muitas das despesas necessarias.

Em

(1) Antão Galvão, *Tratado dos Descobrimentos antigos e modernos.*

(2) Damião de Goes, *Chronica de ElRei D. Manoel* Parte 1. Cap. 66.

(3) Jeronymo Osorio *De rebus Emanuelis* Liv. 2.



Em a primavera do anno de 1500 desaferrarão do porto de Lisboa as duas embarcações, que para isto se tinham apparelhado, pois ainda que Galvão affirme que partirão da Ilha Terceira, parece que isto se não deve entender senão pela demora, que ali tiverão em quanto refrescavão, tomavão alguma gente, e Gaspar Cortereal dizia o ultimo adeos á sua familia, parte da qual se achava estabelecida naquella Ilha; daqui seguindo huma derrota, em parte huma só vez trilhada, em parte totalmente nova para os navegadores Portuguezes, abordarão a huma Costa situada para o Norte, a que pozerão o nome de *Terra verde*. O mesmo Galvão marca (ainda que com pouca exactidão) a posição della em 50 grãos, e os outros dois, principalmente Goes, descrevem as qualidades do Paiz, e alguns usos dos seus habitadores.

Deixemos porém estas authoridades, que além de diminutas, podem por nacionaes ser talvez arguidas de parcialidade; e comprovemos a precedencia da Navegação Portugueza naquelles mares, e o decidido intento com que foi effectuada, por meio de outras, recorrendo para maior evidencia, entre os Estrangeiros, áquelles a quem parece que melhor competiria esta gloria: já se conhece que fallo dos Venezianos.

Esta Republica, dada por sua natureza e posição ao trafico mercantil, e que em consequencia disto sempre buscou relações em os Paizes de Commercio, não podia deixar de ter em Portugal, que neste tempo era o Emporio d'elle, pessoas capazes de a instruir miuda e exactamente de quanto se passava: não he pois de admirar que ali se soubesse tanto das nossas cousas, e que os Escritores Venezianos publicassem tantos documentos que nos dizem respeito. Ora em a primeira Collecção de Viagens, que se conheceo na Europa, dada em Vicenza por Francazano Montaboldo em 1507, (1) apparece huma Carta de Pedro

(1) Esta Collecção he da primeira raridade: tem por titulo *Mundi novi et paesi novamente ritrovati da Alberico Vespavio Fiorentino*. Em o anno seguinte de 1508 foi traduzida em Latim por Madrignano com

dro Pascoal, Embaixador da Republica na nossa Corte, a seus irmãos em Italia, com a data de 29 de Outubro de 1501, na qual se refere a navegação de Corterreal, segundo as informações que elle mesmo déra depois da sua volta. Sabe-se por este testemunho, que tendo empregado quasi hum anno na dita viagem, descobrira hum Continente entre o Oeste e Noroeste, até então desconhecido ao resto do Mundo; que corrêra a sua costa Oriental na extensão de 800 milhas; que, segundo conjecturas, esta terra ficava proxima a huma Região, a que n' outro tempo tinham abordado os Venezianos, quasi em o Polo Setentrional; e que não podêra levar mais adiante as suas tentativas, por causa dos grandes montes de gelo que obstruíão o mar, e das neves que cahião do Ceo. Conta mais, que Corterreal trouxera em os seus navios cincoenta e sete indigenas; gaba muito a terra pelas madeiras que produz, por serem as suas Costas extremamente piscosas, e os homens que a habitão proprios, pela sua indole e robustez, para todo o genero de trabalhos. (1)

Tom. VIII.

Rr

Ajun-

o titulo de *Itenerarium Portugalensium e Lusitania in Indiam, et inde in Occidentem, et demum in Aquilonem*: fórma hum pequeno volume in fol. Sobre estas obras podem ver-se Tiraboschi, Tom. VII, P. 1. pag. 238, e Camus, *Memoire sur la Collection des grands et petits voyages*.

(1) *Ut igitur nova anni presentis intelligatis: scitote hic esse eam triremem, quam superiore anno Rex Portugaliæ Serenissimus expeditur versus Aquilonem, præfecto Gaspare Corteroto, qui nos refert continentem invenisse, distantem ad M. duo milia inter Cherum, et Favoniam, hæcenus toto pene orbi incomperatam terram: cujus latus aiunt ad Mil. prope 800 percussisse: nec tamen finis sompertus est quispiam. Ideo credunt continentem non Insulam esse regio, que videtur esse conjuncta cuidam plagæ, alias a nostris perogræ quasi sub ipso septentrione. Eousque celox tamen, non pervenit ob congelatum Equor, et ingruentes celo nives. Argumento sant tot flumina que ab illis montibus derivantur, quod videlicet ibi magna vis nivium existat: arguunt propterea insulam non posse tot flumina emittere: ajunt præterea terram esse eximie cultam: Domos subeunt ligneas, quas cooperiunt pellibus ac coriis piscium. Huc adduxerunt viros septem sexus utriusque. In celose vero altera, quam præstola-*

Ajuntaremos a este outro testemunho tirado de Ramusio, cuja exactidão e saber nestas materias he bem conhecido por todos, e transcreveremos hum lugar extrahido do seu *Discurso sobre a terra firme das Ilhas Orientaes*. « Na parte do Mundo novo (diz elle) que decorre para o Nor-norueste, defronte do nosso Continente habitavel da Europa, navegáráo alguns Capitães, o primeiro meiro dos quaes (quanto se póde saber) foi Gaspar » Cor-

mur in horas, advehuntur 50 ejus regionis incolæ: hi, si proceritatem corporis, si colorem, si habitudinem, si habitum expectes, cinganis non sunt absimiles: pellibus piscium vestiuntur. et lustrorum: et eorum imprimis quæ instar vulpium pillosas habent pelles. Eisque utuntur hieme pillo ad carnes verso ut nos, ad æstate ritu contrario: neque eas consuunt, aut concinnant quovis modo: verum uti fert ipsa belua, eo modo utuntur. Eii armos et brachia præcipue tegunt: inguina vero fune ligant multiplici, confesto ex piscium nervis. Videntur propterea silvestres homines, non sunt tamen inveterandi, et corpora habent habilissima; si brachia si armos, si crura respexeris, ad symetriad sunt omnia. Facie stigmatate compungunt, inuruntque notis multijugis instar Indorum, sex vel octo stigmatibus prout libuerit: hunc morem sola voluptas moderatur. Lequantur quidem, sed hæud intelliguntur: licet adhibiti fuerint fere omnium linguarum interpretes. Eorum plaga caret prorsus ferro, gladios tamen habent, sed ex acuminati lapide: pari medo cupidant sagitas, quæ nostris sunt acuminatiores. Nostri inde attulerunt ensis confrocti partem inauratam, quæ Italiæ ritu videbatur fabricata. Quidem puer illic duos orbis argenteos auribus appensos circumferbat, qui hæud dubie cælati more nostro viscebatur cælaturam Venetam in primis præse ferentes: quibus rebus non difficulter aducimar continentem esse potius quam Insulam: quia si eo naves aliquando applicuissent, de ea comperti aliquid habuissimus. Piscibus scatet regio, Salmonibus videlicet et halecibus, et id genus compluribus. Silvas habent omnifaria, perinde ut omni lignorum genere abundet regio: propterea naves fabricantur, antenas, et malos, transtra, et reliqua, quæ pertinent ad navigia: ob id hic Rex noster instituit inde multum emolumentum summere, tam ob ligna frequentia, pluribus rebus non ineptam vel maxime ob hominum genus laboribus assuetum: quibus ad varia eis uti quibit: quandoquidem hi viri nati sunt ad labores. Sæpiusque meliora mancipia quæ usquam viderim. Vitium est propterea non fere ab amicitia nostra devium, si hæc vos non celorem. Ubi vero olim celox, quæ expectatur in dies advenerit: mox aliarum rerum certiores vos reddam.

» Corterreal Portuguez de Nação (1), que no anno de
 » 1500 abordou ali com duas caravellas, pensando que
 » descobriria algum estreito de mar, donde por viagem
 » mais curta, do que o não he ir á roda d'África, po-
 » desse passar ás Ilhas das especiarias. Tanto navegáão
 » por aquelles mares, até chegar a huma paragem onde
 » havia grandissimos frios, e em 60 grãos de latitude
 » acháão hum Rio carregado de gelo, a que pozerão o
 » nome de *Rio nevado*. Faltou-lhe porem o animo de
 » passar mais adiante. Toda a Costa, que decorre do *Rio*
 » *nevado*; até o *Porto das Malvas* (2) que está em 56
 » grãos, e forma o espaço de duzentas legoas, a vio el-
 » le mui povoada, e sahindo em terra, tomou alguns dos
 » naturaes que trouxe comsigo: descobrio tambem muitas
 » Ilhas todas habitadas, a cada huma das quaes poz o
 » seu nome»... Logo teremos occasião de ver que Ilhas
 forão estas.

Pela confrontação dos differentes passos que copia-
 mos, he facil conhecer-se, que a principal terra descober-
 ta por Corterreal foi a que actualmente se chama de *La-*
vrador; nome Portuguez que indica bem a qualidade ca-
 racteristica dos seus habitadores, e a qual está proxima á
Groenlandia ou *Stotinlandia*; que segundo já vimos foi re-
 conhecida anteriormente pelos Genovezes, ao que Pedro
 Pascoal allude na sua Carta. (3) Se porém este factio ne-

Rr ii

ces-

(1) Não he muito que Ramusio não tivesse noticia da viagem de
 João Vaz, que como dissemos ficou esquecida; e de que nada se
 escreveu ou publicou até aquelle tempo.

(2) Ha erro manifesto na conta de grãos que dá Ramusio, pois
 nesta altura está o *Cabo de Março*, como logo veremos; e o *Porto*
das Malvas deverá ser mais setentrional. Não nos foi porém possi-
 vel ver Mappa algum em que elle viesse marcado: e he realmente
 notavel, que sendo Portugal hum dos Paizes onde primeiro se cons-
 truíão Cartas Geográficas, esteja actualmente em huma tal mingoa
 deste subsidio, que acclararia tanto a Historia dos nossos descubri-
 mentos maritimos, e a da Geographia em geral.

(3) Pertençentos tão pouco apoderar-nos da gloria, que não per-
 tence á nossa Nação, que quizemos citar expressamente esta autho-

cessita ainda de outras provas para ficar completamente demonstrado, nós as acharemos em huma serie de Mapas, que se construíram desde aquelles tempos, até ao principio do Seculo passado.

Seja o primeiro delles, o que accompanha huma antiga edição de Ptolomeo, publicada em Roma em 1508, de que já em outra occasião fallámos; (1) o qual dá á *Terra de Lavrador* o nome de *Corte-realis*, e aponta as Ilhas chamadas dos *Demonios*, pela perseguição, diz elle, que fizerão aos navios quando ali abordarão.

Sebastião de Munster em a sua *Corographia*, impressa a primeira vez em Basiléa em 1544, dá á mesma *Terra nova* o nome de *Corterati*; e o célebre Abrahão Ortelio (2) não sómente chama á *Terra de Lavrador*, *Corte real*, mas tambem aponta o *Rio nevado*, (3) a *Bahia da Serra* junto á embocadura do Estreito, hoje chamado de Hudson; e nota quasi no meio delle hum Rio com o nome de *Rio da tormenta*, a que se segue outra *Bahia* chamada *das Medas*. Ainda porém que todos estes nomes sejam Portuguezes, faltão-nos dados sufficientes para podermos decidir se com effeito foi Gaspar Cortereal, o que lhos primeiro dêo, e se chegou a entrar na bahia de Hudson; ou se os nossos Nacionaes, que logo veremos seguirem as suas pisadas, lhos pozerão posteriormente.

Não corre porém a mesma dúvida a respeito do Rio S. Lourenço; ainda que não houvessem outros testemunhos, bastaria o raciocinio para fazer-nos ver, que logo nesta primeira viagem elle deveria ser examinado: já sabemos

ridade, talvez a mais antiga, e authentica de quantas se tem mencionado a favor dos descobrimentos dos Zenos na Groenlandia.

(1) Veja-se o nosso Appendix ás Cartas de Americo Vesputio: nas *Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas*. Tom. II. pag. 154.

(2) Vide *Theatrum Orbis Terrarum*, impresso em Anvers. em 1571.

(3) Abraham Ortelio poem no seu Mappa o *Rio nevado* em 63 grãos, e já na Costa da Estotilandia, o que provavelmente foi engano do Abridor, pois os outros Geografos do seu tempo o assignão todos em 60 grãos.

mos; que o principal intento dos navegadores era descobrir huma passagem para as Indias, e pedia naturalmente presumir-se, que aquelle Rio, de huma grande largura na sua foz, era algum braço de mar, por onde se conseguisse o desejado fim.

Independente porém desta razão, as informações que Ramusio obteve a este respeito são decisivas. (1) Descrevendo elle as principaes paragens daquella Costa, diz que para diante do *Cabo do Gado*, que está em 54 grãos, corre ella duzentas legoas para Poente, até hum grande Rio chamado S. Lourenço, que alguns tem por hum braço de mar, e pelo qual acima navegárão os Portuguezes o espaço de muitas legoas.

O termo desta navegação deveria pois, segundo parece, ser aquelle em que se desenganassem, que o supposto Estreito era hum Rio caudaloso. Ora o nome *Canadá* dado actualmente ao Paiz daquella margem esquerda, foi posto por muitos Geografos a huma Povoação, que fica em 310 grãos, no confluyente do *Seguenai*; e este nome, segundo a maior parte dos Authores, provém de que quando Jacques Carthier ali abordou em 1539, achou a noticia de que os nossos o tinham procedido, porém que não achando as minas de oiro que procuravão, se tinham resolvido a voltar para traz, dizendo repetidas vezes = *Cá nada* = palavras que ficarão gravadas na memoria dos Selvagens, e que estes repetirão á vista dos Francezes quando ali chegarão. (2) O nome ficou subsistindo, mas confundio-se a intenção com que as palavras tinham sido ditas; attribuindo-se ás minas, diligencias, que só tinham por fim

(1) Em o 3.^o volume da Collecção de Ramusio, impresso em 1565; donde he tirado este passo, vem hum Mappa, no qual a terra do Labrador traz desenhadas as Reaes Armas Portuguezas. Deve notar-se que Bertio nas suas *Taboas Geograficas*, fallando do Rio S. Lourenço, diz: *Et hic fluvius a liis fretum trium Fratrum vocatur*. Nome que talvez alluda ás tentativas, e indagações que nelle se fizeram por parte dos tres Irmãos Corterreaes, como logo veremos.

(2) *Enciclopedia Methodica* Part. Geogr. Art. *Canadá*.

fim achar a comunicação do Mar da India com o Oceano, e que se reconhecêrão baldadas naquella paragem, resolvendo-se por isso os Navegadores a não a tentar mais por aquelle lado.

Fica já dito, que nesta viagem descobriá Corterreal muitas Ilhas, que achára povoadas, e a que dera nomes Portuguezes. Ramusio que assim o escreve, põe no seu Mappa a Ilha dos *Bacalhãos* quasi pegada com a *Terra de Corterreal*, a da *Boa vista*, e outra a que chama *Monte de Trigo*. No citado Mappa de Ortelio vem em 43 grãos a *Ilha redonda*, em 47 a *Ilha da Area*, em 57 a dos *Cygnos*; e finalmente a huma pequena Ilhota, que fica na embocadura do Estreito de Hudson, põe o nome de *Caramilo*; o que faz crer que com effeito tambem os Portuguezes ali chegarão; pois aquella denominação he manifestamente corrompida da palavra *caramelo*.



Seria talvez prolixo se fizesse hum mais extenso catalogo das authoridades, que abonão a prioridade da navegação Portugueza nos mares do Norte; mas não passarei em silencio o que a este respeito diz o celebre Pinckerton em seu moderno Tratado de Geografia, (1) aonde citando hum antigo Mappa, que presentemente existe no Museo Britanico, confessa que grande parte da Costa, que actualmente se conhece com o nome de *New south Wales*, fôra descoberta pelos Portuguezes ou Hespanhoes. Em huma Nota ao citado lugar accrescenta Pinckerton, que hum excellente e hoje bem conhecido Geografo, Mr. de la Rochelle lhe affirmára; que os ditos nomes não só erão Portuguezes, mas que os Navegadores desta Nação tinham sido indubitavelmente os primeiros, que havião descoberto aquellas paragens. Participa tambem o Geografo Inglez, que Mr. Planta, primeiro Bibliotecario do Museo Britanico, lhe communicára huns Mappas manuscritos feitos em 1542 por João Rotz, nos quaes tanto a *Terra de Lavrador*, como

(1) Pinckerton, *Geograph.* Tom. II. pag. 468 da Edição de Londres de 1802.

mo a *Terra nova* vem descritas com muitos nomes Portuguezes; o que tudo lhe faz crer que estes e os Hespanhoes, no meio do enthusiasmo das viagens de Magalhães, e Gama, descobrirão muitos outros Paizes, que ao depois ficarão em esquecimento. Larguemos porém já este assumpto, e passemos a ver o que succedeo a Gaspar Corterreal, que deixámos em Lisboa de volta da sua primeira viagem.

Occupado sempre dos mesmos projectos, persuadido da communicação dos dois mares, e por consequente da possibilidade de achar o novo caminho para a India; conhecendo por outro lado as utilidades, que á Coroa e aos Vassallos Portuguezes podião resultar do commercio das terras que descobrira, e ambicioso sobre tudo da gloria que o esperava, se fosse mais feliz em outra navegação; não perdia elle o tempo ociosamente na Corte, antes pelo contrario, sendo-lhe facil fazer de novo entrar EIRei em os seus projectos, não tardou em pelos em execução, e aos 15 de Maio do mesmo anno de 1501, estando já prestes com outro navio mais, se fez á véla do Porto de Lisboa, (1) deixando os seus compatriotas anciosos, e esparançados em huma melhor ventura. A viagem, segundo affirmão os nossos Authores, foi muito prospera até chegar á *Terra verde*; quando porém já estava sobre aquella Costa, por tal fórma se esgarrou da sua conserva, que esta depois de o ter procurado debalde por algum tempo, determinou fazer-se na volta do Reino, trazendo por unico

(1) A época desta segunda viagem de Gaspar Corterreal poderia parecer controversa, combinando-a com o testemunho do Embaixador de Veneza. He certo que Antonio Galvão indica, e Goes fixa positivamente o dia e mez, que acima apontamos; e ainda que parece estranho que Pedro Pascoal escrevendo a seus irmãos em 29 de Outubro daquelle anno, e refesindo a primeira viagem em que tanto interesse mostrava, não lhes participe nada da segunda, e trate de Corterreal como de hum homem presente, pôde-se com tudo dizer com toda a probabilidade, que houve erro na data da dita Carta, e que em vez de Novembro se deverá ler talvez Março, o que concilia tudo.

co fructo das suas fadigas a noticia de hum tão triste aconteciment .

Miguel Cortereal , Porteiro mór do Senhor Rei D. Manoel , vendo-se por este successo privado de hum Irmão que amava ternamente , não teve animo para confiar de ninguem a diligencia de o procurar ; porém aprontando immediatamente tres embarcações , desfraldou elle mesmo as vélas do Têjo em 10 de Maio de 1502 , guiado por huma esperança , que os seus desejos lhe fingião como certa. « Chegado (diz Antonio Galvão) áquella Costa , como virão muitas bocas de rios e abras , entrou cada hum pela sua , com regimento de que se ajuntassem todos ate 20 dias do Mez de Agosto. Os dois Navios assim o fizerão , e vendo que não vinha Miguel Cortereal no prazo , nem depois algum tempo , se tornarão a este Reyno , sem nunca mais d'elle se saber nova , nem outra memoria , senão chamar-se esta terra dos Cortereaes ainda agora. Perdendo assim (continúa Osorio) o nome de Terra verde , que de principio lhe tinha sido posto.»

Quando os Navios trouxerão a Lisboa a noticia deste segundo naufragio , restava ainda outro Cortereal , por nome Vasco Eanes , Vedor da Casa do Senhor Rei D. Manoel , e do seu Concelho ; (1) o qual sem mais demora intentou partir em procura dos perdidos Irmãos , visto não ter certeza alguma da sua morte , antes pelo contrario alguns indicios , pelos quaes a reputava duvidosa ; foram porém baldadas todas as diligencias , e empenhos para conseguir o seu intento : ElRei que já tinha a lamentar a perda de dois criados , e dois amigos , quiz ao menos conservar o terceiro ; por isso resistindo com firmeza a todas as súplicas que lhe fazia para ir pessoalmente , foi facil em

(1) Era Capitão e Governador das Ilhas de S. Jorge , e Terceira , e Alcaide mór de Tavira : deixou hum filho por nome Manoel Cortereal , que succedeo em os empregos de seu Pai , e vivia no tempo de Damião de Goes. Póde ver-se sobre esta familia o *Nobiliario* de D. Antonio Caetano de Lima , Tom. II. tit. Cortereaes , e a *Historia Insulana* , &c.

em ordenar que se aprontassem, e fizessem á véla varios navios, que tambem voltárão sem nova alguma daquelles navegadores.

A pesar de semelhantes desastres não ficarão estas viagens sendo totalmente infructiferas; os exames e averiguações, que se fizerão por todos aquelles portos, abras, rios, e ilhas, derão hum pleno conhecimento destas paragens. Os lucros que Portugal podia tirar das pescarias daquelles mares, forão examinados e calculados; e as 70 legoas da Costa, entre o *Cabo Razo* (hoje Cabo de Raz) e o da *Boa vista*, marcadas como o lugar mais proprio para ellas se fazerem com a maior vantagem.

Aveiro era neste tempo huma das Povoações maritimas de Portugal, proporcionalmente mais rica em gente, commercio, e industria; senhora de huma barra magnifica pelo seu fundo, extensão, e segurança; e de muitas e grandes marinhas; sahião todos os annos do seu Porto grande numero de embarcações, que provião de sal as Provincias da Beira, Minho, e Traz os Montes, muitas das nossas Ilhas, e os portos de Galliza, deposito geral donde depois se exportava para outras partes. Além do sal, a Agricultura de seus extensos campos, e a pescaria de seus mares fazião outros dois ramos importantes de huma industria, em que se empregavão os moradores de 2500 fogos, de que então se compunha a sua população. Neste estado florescente he que ali chegou a noticia dos descobrimentos dos Corterreaes; e logo alguns Negociantes, tanto daquella Villa, como de Vianna, então igualmente opulenta e industriosa, determinárão aproveitar-se de circumstancias, que lhes abrião huma nova fonte de riquezas, e erão capazes de fazer sobir o seu commercio a hum ponto incalculavel. Este projecto foi concebido, e executado quasi ao mesmo tempo: para maior segurança delle, estes primeiros emprehendedores quizerão associar-se com alguns da Ilha Terceira, e assim combinados fizerão partir huma Colonia para se estabelecer na *Terra nova*, (1) e isto com

(1) Depois de termos escrito esta Memoria, achamos casualmente

ta brevidade, que quando os Bretões, e Normandos ali chegarão em 1504, já acharão, segundo se colhe de Verazzani, (1) os Portuguezes de posse de huma parte da Costa; o que os fez contentar com o reconhecimento da outra porção, tanto para o Norte como para o Sul da que os nossos já occupavão, e aonde fazião as suas pescarias.

Dentro de bem pouco tempo prosperou extraordinariamente este trafico, como era de esperar: em 14 de Outubro de 1506; isto he seis annos depois do segundo descobrimento, mandou o Senhor Rei D. Manoel por hum Decreto datado de Leiria, a Diogo Brandão, que fizesse arrecadar pelos Officiaes d' Elrey o importante Dizimo do pescado, que para ali se conduzia da *Terra nova*. (2)

Al-

em a Bibliotheca Lusitana hum artigo, que muito comprova a época que seguimos a respeito do principio do Commercio do Bacalhão, e seu descobrimento. Diz pois o erudito Abbade Barbosa, fallando de Francisco de Sousa, que elle composera hum *Tratado das Ilhas novas, e descobrimento dellas . . . e dos Portuguezes que forão de Vianna, e das Ilhas dos Assores a povoar a Terra nova do Bacalhão, vai em setenta annos, de que succedeo o que ao diante se trata. Anno do Senhor 1570*, em fol. Em o tempo de Barbosa existia este manuscrito na Livraria da Casa de Abrantes, onde pereceo com todos os outros Livros em o fatal incendio de 1755, deixando-nos assim privados do unico monumento Historico em que se contavão circumstanciadamente aquelles acontecimentos. Provavelmente deste artigo he que o moderno Author da *Arte e Diccionario do Commercio e Economia Portugueza* tirou parte das noticias que refere na palavra *Bacalhão* pag. 57: onde ellas vem extremamente confusas e alteradas.

(1) João Verazzani, Florentino, tendo passado ao serviço de França, foi tambem reconhecer a *Terra nova*, pouco depois desta época; como se vê da Relação da sua viagem, mandada de Dieppe aos 8 de Julho de 1495 a Francisco I. Rei de França, a qual foi publicada em o III. Tom. da Collecção de Ramusio.

(2) Em huma Memoria sobre a pescaria das Baleas, que vem inserta em o segundo volume das Economias da Academia, falla seu benemerito Author, o Sr. José Bonifacio de Andrada, nas Viagens de Cortereal, e conjectura judiciosamente, que desde aquelles tempos se introduziria entre nós a pescaria da *Terra nova*. O Sr. Constantino Botelho de Lacerda mostrou isto convincentemente, produzindo por primeira vez o Extracto do citado Alvará. Vid. *Mem. Economico*, Tom. IV, pag. 338.

Alguns dos nossos Escriitores fallão (posto que de passagem) deste commercio, que segundo parece, não se restringia só á Barra de Aveiro, entrando tambem nelle alguns outros portos da Provincia do Minho, e principalmente a Villa de Vianna: (1) ainda mesmo porém que não houvesse este concurso, era elle tal, sómente naquella primeira terra, que o Author da *Corografia Portugueza*, sem especificar a epoca, diz que n'outro tempo sahão de Aveiro sessenta Caravellas para esta pescaria. (2) Em 1550 affirma Antonio de Oliveira Freire, (3) que os moradores desta Cidade empregavão mais de cento e cincoenta embarcações em o commercio, que então estava levado ao maior auge, principalmente o do Bacalhão; o que tambem attesta Pimentel. (4) Em fim, no anno de 1598, segundo o testemunho de Forster, empregavão-se ainda cinquenta Navios Portuguezes na mesma pescaria. (5)

E não pareça que era sómente ao mar da *Terra nova*, que neste tempo reputavamos ter direito; ainda mesmo que ignoremos se prosperou a Colonia, para ali mandada no principio deste estabelecimento; he fóra de toda a dúvida, que hum systema analogo ao que seguíamos nas outras

Ss ii

par-

(1) « Terra (a de Vianna) cheia de gente rica e muito nobre, de grande trato e commercio por huma parte com as conquistas de Portugal, Ilhas, e terras novas do Brazil: por outra com França, e Flandres, Inglaterra, e Alemanha, d'onde e para onde recibia de ordinario muitos generos de mercadorias, e despedia outras: para os quaes tratos trazião os moradores no mar grande numero de náos, e caravellas com grossas despezas, a que respondião iguaes retornos, e proveitos, que tinham a Villa florentissima, e em estado de humna nova Lisboa. » Fr. Luiz de Sousa *Vida de Fr. Barth. dos Martyres* Liv. I. Cap. XXIV. pag. 41 v.

(2) *Corografia Portug.* Tom. II. pag. 117 e 118.

(3) *Descripção Corografica de Portugal* Edic. de 1739 pag. 55.

(4) Pimentel *Arte de Navegar* pag. 376. O mesmo Author advertete que muitos dos nomes dos portos da *Terra nova* são Portuguezes.

(5) *Forster's Voyages to Nord.* Tom. II. Esta noticia de Forster's, de que se lembra o Sr. José Bonifacio de Andrada, he fundada no testemunho ocular do Capitão Barkust.

partes, aonde tinhamos trato mercantil, devia ter ali feito estabelecer huma ou mais Feitorias, não só para prover as necessidades da nossa marinha, mas para proteger hum local proporcionado a hum tão grande trafico. Foi sem dúvida para exprimir isto mesmo, e a pacifica posse em que estavamos, ao menos de huma porção daquelle territorio, que em alguns Mappas que ainda existem, e principalmente em hum, feito em 1563 por Lazaro Luiz, (1) o qual se conserva em o Cartorio da Academia, se desenha huma porção da Costa da *Terra nova*, onde se *pescaõ os bacalhãos*, não só com muitos nomes Portuguezes, mas com o Estendarte das Quinas, fluctuando dentro daquelle Paiz.

Com bem sentimento conhecemos, que tão grande prosperidade passou como hum sonho: hum genero, que fazia grande parte do anno o principal sustento do povo, e em cuja extracção, preparação, e commercio, achavão subsistencia hum grande numero de individuos, cahio de todo nas mãos dos Estrangeiros, a quem somos obrigados a comprallo a peso d'ouro. As revoluções politicas conspirarão com as revoluções da Natureza, para nos fazer perder o fructo de todas as nossas fadigas. Ao pesado dominio dos Filippes; á aniquilação da nossa Marinha de Guerra e Mercante, e ás desastrosas guerras de Hollanda; ajuntou-se a decadencia da Barra de Vianna, e a perdição da de Aveiro: o seu commercio, até mesmo a sua população soffrêrão tanto, que em 1690 pouco mais se conservava, do que a lembrança de huma opulencia já de todo extin-

(1) Este Atlas composto de cinco grandes folhas de pergaminho dobradas ao meio, he primorosamente debuxado e illuminado. As primeiras duas paginas contém algumas advertencias a respeito da Estrella do Norte, Cruzeiro, Movimento do Sol, com humas taboas da declinação deste Planeta: depois seguem-se os Mappas; e no reverso da ultima pagina huma Estampa de Christo crucificado com a seguinte inscripção: « Lazaro Luiz fez este Livro de todo ho Universo, e foi feito na era de mil he quinhentos he sesenta he tres annos. » Este interessante Documento merecia sem dúvida, que se desse delle huma noticia mais individual.

tincta; porém ainda neste tempo a maior parte dos Geógrafos Estrangeiros se servião dos nomes Portuguezes para descrever a Costa da *Terra nova*: isto mesmo foi desaparecendo pouco a pouco; as outras Nações, que não dormem sobre os seus interesses, se aproveitarão do lethargo em que a força das circumstancias tinha sepultado a nossa; e apoz a perda de tantos lucros, seguiu-se a da memoria das empresas dos Portuguezes daquelle memoravel Seculo, e o nome dos Corterreaes ficou quasi de todo desconhecido.

Apezar de tudo não se abandonou o projecto que tinha dado origem a estas nossas primeiras viagens. Se dessemos credito a alguns Authores, serião os Portuguezes os que achassem esta nova Pedra Filosofal, do caminho ás Indias pelo Norte da America (1), em que tanto trabalharão até aos nossos dias as Nações Maritimas da Europa,

(1) Referiremos (ainda que sem lhe dar credito) o que dizem dois modernos Escritores a respeito deste nosso pretendido descobrimento. He o primeiro o Duque de Almodovar em a *Historia Politica de los Establecimientos Ultramarinos de las Naciones Europeas* Tom. IV. pag. 584, onde conta que Lourenço Ferrer Maldonado, Hespanhol de origem, se embarcára em 1588 no Porto de Lisboa, em hum navio de que era Piloto João Martins, natural do Algarve; e dirigindo o seu rumo pelo Nordeste á *Terra do Lavrador*, passando o Estreito de Davis, desembocou pelos 75 grãos de Latitude em o Mar glacial; depois navegando ao Oeste quarta de Sueste, se achou em o Estreito de Anian, que dista de Hespanha 1750 legoas, seguindo a sua derrota, e desembocou no Mar do Sul pelos 60° Na vida atravessou o Estreito em Fevereiro, e sahio da sua boca em Março, pelo que padecio muitissimo frio, e escuridade: vio grande quantidade de gelo em as margens, porém nunca achou o mar gelado. Na sua volta, que foi em Junho e Julho, teve sempre muito bom tempo, e desde que cortou o Circulo Artico em os 66° 30' até que o tornou a cortar no meio do Estreito de *Lavrador*, jámais lhe desapareceu o Sol do Orisonte, e sempre sentio bastante calma. O Author que dá esta noticia, diz que se conserva o Roteiro manuscrito donde ella foi extrahida, escrito mui circumstanciadamente, com as correspondentes relações das correntes, marés, e sondas, com as vistas das Costas da Asia, e dos rumos, e Costas da America &c.

O segundo lugar he tirado de Debrosses na sua *Historia da Navegação ás terras Austraes* Tom. I. pag. 73. Tratando da passagem da

pa, principalmente a Inglaterra. Não he do nosso assumpto referir as diligencias dos Capitães Midelleton, Smith, Moore, e ultimamente do celebre Philipps nesta tentativa; que até agora ficou frustrada: a viagem deste ultimo, combinada com a terceira que fez o immortal Cook, parecem bastantes para fazer ver a impossibilidade de semelhante descobrimento por aquelle lado do Globo.



ME-

India á Europa pelos mares do Norte « Não he fóra de proposito » (diz elle) acrescentar . . . o contheudo n' huma Carta escrita a » hum Ministro d' huma Corte, que tomava informações sobre hum » semelhante facto.

» Os novos descobrimentos (diz a Carta) que eu fiz sobre a » passagem á China pelo Norte da Europa, e de que me pedis a » relação, vêm a ser, de que hum navio chamado o *Padre Eterno*, » commandado pelo Capitão David Melguer, Portuguez, partio do » Japão a 14 de Março de 1660; e navegando ao longo da Costa » da Tartaria, correo ao Norte até 84° de latitude: donde continuou » a viagem entfe Spitzeberg, e a velha Groenlandia, e passando pe- » lo Oeste da Escossia e da Irlanda, chegou á Cidade do Porto; son- » de hum Marinheiro do Havre de Grace diz ter visto haverá 28 » annos este Navio o *Padre Eterno*, e o Capitão Melguer que mor- » reo neste tempo, e cujo enterro o Marinheiro prezenceou. Já fiz » escrever para Portugal a fim de obter, se for possível, o Jornal » desta navegação. &c. »

MEMORIA

Sobre a novidade da Navegação Portugueza no Seculo XV.

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

AS viagens, que nós fizemos desde os tempos do claro Infante D. Henrique, até os do Sr. Rei D. Manoel, o Venturoso, forão façanhas, que excitáráo a admiração do genero humano, e immortalisárão o nome Portuguez, e o dos seus illustres Argonautas. Ou se considerem os progressos da Navegação, ou o Commercio, e os thesouros immensos com que se enriqueceo a Europa inteira; ou a extensão das Conquistas, e a grandeza dos estabelecimentos Africanos e Asiaticos, ou as noticias que se adquirirão de hum mundo até então não conhecido; ou finalmente os augmentos e vantagens que vierão ás Sciencias Physicas, ás Artes, e á Policia; he sem dúvida, que a nossa Navegação teve em todos estes grandes objectos a primeira influencia; podendo-se bem dizer, que ella fez huma nova creação, em que se abriu hum novo Ceo, e huma nova terra e mar aos olhos dos homens.

De que ledo t'espantas,
Oceano, e dás por nova
Do mundo ao mesmo mundo altas historias. (1)

Em verdade, que quando bem se ponderão as arduas e difficultosas emprezas de nossas primeiras viagens, não se sabe facilmente resolver, se foi maior façanha intentar aquella Navegação, ou já vencella. Parece que a Natureza deo então azas aos Navegadores Portuguezes para voarem

(1) Antonio Ferreira, Ljv. I. Ode I.

rem do nosso, a outro novo hemisferio; unirem as extremidades de dois mundos; e ligarem, pelas relações de reciprocos interesses, a communicacão social com todas as creaturas da sua especie; vindo a fazer, em certo modo, de todos os povos do mundo, como hum só povo.

Alguns dos que fallarão do Commercio, e da Navegação dos antigos, pretendêrão sustentar, que elles havião feito a volta de Africa pelo Mar Atlantico até o Seno Arabico, pela mesma rota, que nós abrimos no Seculo xv.; e que nossa Navegação, que nossos e extranhos tão altamente exalçarão, se não devia ter por original, ou primeira, como vulgarmente se tem dito; não se havendo feito nella outra cousa mais, do que rastejar a rota, que os antigos já tinham aberto mais de vinte e quatro Seculos antes, como constava das relações de suas mesmas viagens. (1)

Dos nossos mesmos houve hum, entre outros, de grande sabedoria, Damião de Goes, que fallando desta Navegação, não duvidou affirmar “que em dois discursos, ” que escrevera, declarára, quantas e quaes pessoas muito antes fezerão esta viagem da India, pelo mesmo caminho, que a nós agora fazemos, por acudir ao erro, ” em que cahirão alguns Escriitores Portuguezes, que tratarão destes negocios, dizendo, que só a Nação Portugueza fora, a que navegando pelo mar Oceano, primeiro que nenhũa outra, viera ter ao mar da India; do qual erro se lhes podia em parte relevar a culpa, por porventura cuidarem, que attribuindo esta gloria á sua propria Nação, lhe accrescentavão louvor aos muitos, ” que se lhes devia.” (2)

Nós com tudo ainda nos não movemos, nem com as re-

(1) Forão destes sentimentos entre outros M. Huet na *Historia do Commercio e Navegação dos Antigos*; Bochart no *Chanaan*; Luis Marmol na *Africa*; M. de Francheville na *Historia da Companhia das Indias*, Paris 1738; e na Dissert. sobre a navegação de Tarscis no Tom. XVII. das *Memorias da Academia de Berlin* de 1761; e Court de Gibelin no Tom. VIII. do *Mundo Primitivo*.

(2) *Chronica del Rei D. Manoel*, P. I. Cap. XXIII.

relações das viagens dos antigos, nem com as authoridades dos que as tem dado por legitimas e concludentes, para desistirmos por nossa parte do direito e posse, em que temos estado da originalidade de nossa famosa navegação: por quanto considerando bem nesta matéria, e desejando de acertar nella, e sem mais affeição, que a da verdade, não achámos cousa alguma certa e decisiva na Antiga Historia, que nos obrigasse a ceder de nossa causa, e a reconhecer a prioridade de outras viagens nesta carreira da circum-navegação de toda a Africa.

Não desamparemos pois o campo, nem consintamos, que tão facilmente nos arranquem das mãos a gloria da nossa primasia, ganhada por tantos illustres feitos de invicta animosidade e constancia de nossa gente, apregoada em todo o mundo pela maior façanha, que vio o vastissimo theatro do Oceano; e vinculada em altos padrões de immortal memoria entre os grandiosos titulos, que herdámos de nosos inclytos Maiores. (1)

Tom. VIII.

Tt

Pro-

(1) O nosso Sabio e illustre Socio, o Sr. Stockler apresentou na Academia, e lêo em 1805 huma excellente Memoria sobre a Navegação Portugueza do Seculo xv. pelos Mares de Africa até á India; em que por hum modo vigoroso, e digno delle vindicou contra os emulos da nossa gloria a sua originalidade e primasia. E posto que não concordemos com a sua opinião a respeito da existencia dos dois Mappas do Infante D. Pedro, e do Cartorio de Alcobaça (cujas demarcações, podendo ser meramente conjecturaes, o que mostraremos n'outro lugar, nada impedem a prioridade da nossa Navegação) com tudo resolvemos logo supptimir esta nossa Memoria, escrita em tempos passados, com pena muito desigual á do Sr. Stockler, e condemnalla a perpetuo silencio, como já de todo desnecessaria depois daquella. O Sr. Muller, Secretario da Academia, e digno successor daquelle Socio, lembrou-se della pela ver citada em escritos nossos; e com a bondade e cortesia, que lhe he mui propria, mostrou desejar, que ella apparecesse sempre na Academia; por entender, que não era inteiramente inutil haver mais outro discurso sobre assumpto tanto nosso, em que já poderia ser, que houvesse alguma cousa, que bem fizesse á nossa causa. Cedemos menos a esta razão, que certo se não verificará nesta Memoria, que á vontade deste Socio respeitavel, que mostrou seria a mesma da Academia.

*Provas da Novidade da Navegação Portugueza no
Seculo xv.*

Entendemos, que por dois modos se póde concluir a originalidade, ou novidade da Navegação Portugueza no Seculo xv.

1.º Pelo meio da Analyse, ou consideração das viagens dos Antigos, que costearão a Africa: porque se veja que humas se não extendêrão a todas as Costas daquelle vasto Continente; e que outras forão incertas, ou fabulosas.

2.º Pelo outro meio da consideração das cousas, de que os Antigos duvidarão, ou que inteiramente desconhecêrão das partes de Africa, que não era natural que assim acontecesse, se se houvesse feito a circum-navegação de toda ella pelo Oceano. Examinemos cada hum destes dois generos de provas separadamente.

*Primeiro Gênero de Provas pela Analyse das Viagens
dos Antigos pelas Costas de Africa.*

AINDA hoje he hum Problema difficil de resolver, se antigamente se fez a circum-navegação de toda a Africa: faremos huma breve resenha de todas as viagens dos Antigos, que costumão allegar-se neste assumpto; e das razões que ha para lhes negar o credito, que Goes e muitos outros sabiões geralmente lhes tem dado; porque se possa assim resolver o Problema, e mostrar em consequencia, se he, ou não original e primeira a nossa navegação do Seculo xv.

C A P I T U L O I.

Das Viagens parciaes dos Antigos pela Costa de Africa.

POdemos considerar as viagens dos Antigos em duas classes: humas, que chamamos parciaes, e forão limitadas a huma parte da Costa de Africa; e outras, que se dizem geraes, em circumferencia de todo aquelle Continente. As primeiras, sendo parciaes, por si mesmas se excluem, nem podem entrar em concurso com a nossa navegação; taes são as de Hannon, de Sataspes, e de Polybio: digamos de cada huma destas o que basta para esta intelligencia, porque de alguma dellas se não entenda que foi geral, como alguns já tem julgado.

ARTIGO I.

Da Viagem de Hannon Carthaginez.

A Primeira viagem, que nos occorre nesta classe, he a de Hannon, Almirante Carthaginez, que alguns entenderão ter cursado, desde as Columnas de Hercules, por toda a Costa de Africa, até ao *Golfo Arabico*: esta com tudo não tem lugar na materia de que tratamos, nem pôde entrar em concurrencia com a nossa; porque está hoje mostrado ser contra o texto do Periplo a grande extensão, que se lhe dá; limitando-se, no conceito do moderno e douto Gossellin, somente ao Cabo e Ribeira de *Nam*, ou se se quer seguir alguma das opiniões de Campomanes, de Bougainville, e de outros á *Serra Leoa*, ou ao *Cabo de Santa Anna*, ou ao *Cabo das Palmas*, ou ao *Cabo das Tres Pontas*, ou finalmente ao *Cabo Lopo*. Por tanto ficou ainda por navegar ao Capitão Carthaginez todo o restante da Costa Occidental de Africa até o *Cabo da Boa Esperança*, e toda a Oriental até o *Golfo Arabico*.

ARTIGO II.

Da Viagem de Sataspes.

F Allava-se tambem de outra viagem, que era a de Sataspes, filho de Teaspes, natural de *Achemenia*; do qual se dizia, que no tempo de Xerxes fora mandado fazer huma viagem á roda de Africa, pelos annos de 475 antes da era Christã. Com effeito Herodoto nos refere, que havendo elle violado a huma donzella, filha de Zopyro, e netta de Megabiso, e sendo por isso condemnado á morte pelo Rei Xerxes; sua mãe, que era irmã de Dario, advogára por elle, e conseguira que em castigo de seu crime, fosse mandado navegar por toda a Costa de Africa, até che-

chegar ao *Seio Arabico*, para descobrir á sua custa e risco as terras daquelle vasto Continente.

Com tudo não serve esta navegação, se a houve, para se combinar com a nossa; por quanto conta-se, que Sataspes, entrando em hum navio, partira do Egypto, e sahira pelo *Estreito Herculeo*, e dobrara o Promontorio de Africa, chamado *Soloe* ou *Syloes*, e seguira por muito tempo sua rota para o Sul; mas que todavia, ou aterrado das tormentas, ou anojado da prolixidade do caminho, ou falta de mantimentos, não acabou de passar a *Lybia*; recuou sobre seus passos, e voltou pelo Estreito outra vez ao Egypto; dando em causa, que o navio não podera ir por diante, impedido dos grossos mares; e que Xerxes não lhe dando credito, o mandou justicar: (1) donde esta viagem, parando na *Lybia*, não póde entrar em parallelo com a nossa navegação.

ARTIGO III.

Da Viagem de Polybio.

NÃO tem cabimento na classe das navegações, de que tratamos, a que Polybio o Historiador, fez por ordem de Scipião Emiliano a reconhecer as Costas de Africa, do que só faz memoria Plinio no Liv. V. Cap. 1., no Liv. VI. Cap. 31., e no Liv. VIII: Cap. 16., apresentandonos hum extracto do seu Periplo: por quanto elle com sua frota não passou da Costa Occidental daquelle Continente; nem chegou ao *Cabo da Boa Esperança*; e nem ainda ao *Cabo Verde*. Isto he o que se póde inferir dos lugares, que elle nomeava no seu Periplo: taes são o *Rio Lixo*,

o

(1) Herodoto conta o facto, como succedido no seu tempo: porque dizendo, que hum eunucho de Sataspes, sabendo de sua morte, abalára para *Samos* com grandes riquezas, accrescenta, que delias se apossou hum certo natural daquelle Cidade, cujo nome sabia, mas que o queria passar em silencio.

o *Rio Sabur*, o *Rio Sala*, o *Promontorio do Sol*, o *Rio Darat* ou *Darato*, e o *Rio Bamboto*.

Por aqui se vê, que elle em seu curso não chegou a passar do principio do Monte *Atlas Maior*, que todos os antigos Escriutores pozerão nos fins da *Mauritania*, e do *Rio Bamboto*, que he a Ribeira de *Nam* ou *Nun*. Donde de nada serve para o nosso assumpto a navegação de Polybio. (1)

CAPITULO II.

Das Viagens geraes dos Antigos pela Costa de Africa.

FAllaremos agora das viagens dos Antigos, que se inculção geraes por toda a Costa de Africa, desde o Mar Atlantico até o Mar Indico, ou vice versa desde o Mar Indico até o Atlantico.

AR-

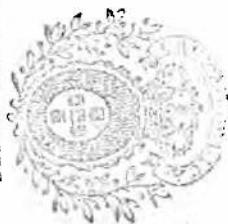
(1) Pozemos os lugares, que elle visitou, nesta ordem, posto que não seja a em que se achão em Plinio, que fez o extracto deste Periplo; por quanto he de saber, que este se acha naquelle Author, dividido em duas partes, que desunem a sua totalidade; porque na primeira dão-se tres medidas geraes, que abraçam todo o espaço andado na sua carreira; e na segunda nomeão-se posições intermediarias em sentido inverso das precedentes: estas são tomadas do meio dia para o norte, e a ordem dos lugares he traçada do norte para o meio dia, indo tudo em hum methodo retrogrado: o que notou o douto Gossellin, que por isso transpoz a ordem dos lugares, e os arranjou na maneira, por que os propomos. De qualquer fórma porém que se colloquem, nenhum ha nelles, que indique maior curso na navegação de Polybio; porque todos são para cá do *Cabo Bojador*. Ainda quando alguém quizesse seguir a opinião de alguns que levão a viagem de Polybio até o *Senegal*, e o *Promontorio das Hesperides*, e ainda até além dos Montes de *Theon Ochema* (*Carro dos Deoses*) que fazem correspondex á *Serra Leoa*; assim mesmo a não poderia oppor, como he claro, em confrontação da nossa, como sendo acanhada e diminuta, e muito áquem da nossa carreira da Africa.

ARTIGO I.

Da Viagem da Frota de Salomão.

PRimeiramente apparece em scena a frota, que Salomão enviava a *Ophyr*: ella partia do porto de *Asiongaber* no Mar Roxo, esquipada por marinheiros Tyrios, que erão do Rei Hiram, os mais vizinhos da parte do Mediterraneo, e os melhores marinheiros, que então havia; frota esta, em que vinha grande quantidade de ouro, de pedras preciosas, e de huma rara e excellente madeira de cheiro, e de evano; e apparece tambem a outra frota de *Tarscis* igualmente navegada pelos Tyrios, ou pelo menos por Colonos Fenicios, iguaes em reputação aos Tyrios, que trazia tambem ouro, e muita prata, marfim, bugios, e papagaios, ou pavões. Mas não se disputa desde muitos tempos entre os Sabios, por que mares se fazião taes viagens, e aonde demoravão as regiões, donde vinha tamanha riqueza a Salomão?

Quem não sabe quão desvairadas e encontradas tem sido as opiniões nesta materia? Podem ler-se para desenganar Grocio, Bochart, o nosso Gaspar Barreiros no famoso *Commentario de Ophyra Regione*, e Francheville na erudita *Dissertação sobre a Navegação de Tarscis* no Tom. XVII. das *Memorias de Berlim*, (1) o que estes Sabios e outros muitos escreverão disto, não são mais do que meras conjecturas, de que se não pôde tirar certeza sobre a situação de tão ricos paizes, nem por conseguinte sobre a rota e limites destas famosas navegações; podendo-se dizer, que se ignora ainda hoje, se estas viagens se fazião desde o Mar Indico até o Atlantico, como alguns asseverarão; ou se antes devemos assentar no que dizia o mesmo illustre Barreiros: *Navigatio ipsa à mari indico in Atlanticum per Australem orbis plagam, non*
mo-



(1) Pag. 439 e seguintes.

modo Salomonis ætate, nondum nata, nec satis explorata fuerat usque ad tempora Emmanuelis Portugalliæ Regis. Assim são tão incertas e vagas as noticias destas navegações, como o são as da situação dos dois lugares de *Ophyr* e de *Tarscis*: donde he claro que se não pôde tirar argumento decisivo contra a originalidade da Navegação Portuguesa. (1)

AR-

(1) Os Interpretes aos Lugares das Santas Escripturas tomarão diferentes rotas; e nestas mesmas se implicarão com dúvidas indissolúveis: huns entenderão achar o *Ophyr* na Asia; huns na Africa, e outros até na America: opinião que foi a de Gilberto, Arias Montano, de Genebrardo, de Vatablo, e de alguns Rabbinos, e o he modernamente de Sechind, do Conde Carli nas suas *Cortas Americanas*, e do seu Traductor e Annotador. Os que o poem na Asia, ou na grande India, não são entre si accordes: cada hum lhe dá lugar, segundo a sua imaginação, em *Goa*, em *Maluca*, no *Pegu*, e em *Samatra*, para que vai o nosso douto Gaspar Barreiros na sobredita Dissertação de *Ophyræ Regione*. Os que o poem na Africa, tambem se não ajustão.

A opinião mais geralmente seguida he a de Ortelio, e de M. Huet, Bispo de Avranches, que o demarcou em *Scfala*, ou na Costa Oriental de Africa até *Zanguebar*; sentimento adoptado primeiro pelo nosso Thomé Lopes em a sua *Navegação ás Indias Orientaes*, inserta em o primeiro volume de Ramusio, o qual achou esta tradição ali universalmente recebida; e tambem pelo Judeo Portuguez, Isaac Dias nas suas *Conjecturas Sagradas*; e depois por M. d'Anville em huma particular Memoria sobre este assumpto, que vem na *Collecção da Academia Real das Inscripções e Bellas Letras* no Tom. XXX. Serve para confirmar isto, ver que na versão dos Setenta, *Ophir* se traduz por *Sophira*, nome que se aproxima ao de *Sofala*, como já notou Davity. A' vista destas diversas opiniões, dizem com razão os Authores da *Historia Marítima Geral*, que «o que he mais difficil » de averiguar nas navegações de Salomão, he o lugar em que ellas » se fazião: não tem havido paiz mais procurado pelos Interpretes, » e menos conhecido, que o *Ophyr* das Santas Escripturas: as sabias » Dissertações que se tem feito nesta materia não tem servido de » mais, do que de a embulhar e escurecer em demasia (*Histoire » Generale de la Marine* Tom. I. Liv. I. pag. 5.) »

Por donde, esta variedade de pareceres tão encontradas assaz mostra, que nenhuma certeza ha da rota das navegações de Salomão; e que destas se não pôde tirar argumento decisivo para assentar a circum-navegação da Costa de Africa. Sobre o que se podem ler além dos já citados, a João Augusto Pfeiffer na sua obra *Dub. Ver.*

ARTIGO II.

Da Viagem de Meneláo.

Muito notavel he na antiguidade a viagem de Meneláo, que descreveo Homero, e referirão depois d'elle Eudoxo, e Crates, fazendo-o navegar desde o Mar Roxo pelas Costas da *Ethiopia*, dos *Sidonios*, dos *Erembos*, e da *Lybia*. Allega com este facto o erudito M. Court de Gebelim, depois de outros, que tambem se havião já fundado nelle, para mostrarem que Meneláo havia feito a volta de Africa, interpretando o termo *Erembos* pelo paiz da *Arabia* da Costa Occidental de Africa. (1)

Com tudo 1.º Estrabão, e com elle Bochart, Madama Dacier, e outros, entenderão o passo de Homero, como o mesmo Gebelim confessa, da *Arabia* Oriental ou Asiatica, a que applicarão o paiz dos *Erembos*, e não da *Arabia* Occidental. 2.º Outros houverão esta navegação por huma imaginação ou ficção do Poeta. (2) Donde tambem não ha tirar argumento desta viagem de Meneláo, para prova da navegação antiga á roça de Africa; sendo

Tom. VIII.

Vv

tão

Centur. II. loc. XCV. pag. 432, e João Francisco Budeo na Hist. Eccles. Veter. Testam. Tom. II. Per. II. Sectio IV. pag. 263 e seg. Quanto á navegação para *Tarsis* ou *Tarsis* ha tambem opiniões diversas: huus a fazem pelo Mediterraneo para a antiga *Carthago* em Africa: outros lhe poem a baliza na Ilha *Tartesso* da *Betica* em nossa Espanha: desvairão outros para outras partes, não se sabendo nada com certeza, nem ainda com maior probabilidade.

De ambas estas regiões se deve dizer o que o nosso douto Gaspar Bartheiros, fallando da Historia Judaica dos Reis, dizia particularmente de *Ophyr* « Verum in quonam orbis parte hæc regio sit » posita, cincta ne mari, an illi continens, silentio præterit; nec » quo nomine his temporibus punctetur, apud aliquem idoneum » authorem meminisse legisse. Si qui vero sunt, qui in eo aliquam » operam posuere, parum, aut nihil consecuti mihi esse videntur. » (no principio do Commentario de *Ophyr* regione)

(1) *Monde Primitif. Tom. VIII. Art. V.*

(2) Veja-se Gossellin na obra acima citada pag. 202.

tão duvidosa, como he, a situação do paiz dos *Erembos*; ou incerto, de qual das duas *Arabias* se ha de entender este lugar do Poeta Grego.

ARTIGO III.

Da Viagem de Magão.

Nenhuma força tem a allegação que se costuma fazer de outra historia, que contava Heraclides, o Pontico, de hum Magão, ou Mago, nos tempos de Gelon, Rei de Syracusia, que asseverava haver feito a volta de Africa; historia, que elle compoz pelos annos de 330 antes da Era Christã: por quanto vemos, que Possidonio, citado por Estrabão, affirmava em contrario, que a sua narração não era apoiada em algum documento, ou testemunho, que a fizesse acreditar: (1) por onde de hum factó referido por hum só Historiador, e negado por outro, não fica lugar para se formar argumento concludente da certeza de huma antiga navegação, tão extraordinaria e espantosa, como esta seria, sem mais alguma prova que decida na contrariedade dos dois historiadores, e muito mais ainda tendo sido Heraclides Author suspeito entre os antigos.

ARTIGO IV.

Da Viagem dos Hespanhoes.

Tambem não conclue positivamente pela opinião contraria, o que se contava, segundo Plinio no Liv. II. Cap. 67, de nossos antigos Hespanhoes, que se cria terem feito a volta de Africa; por haver dito Caio Cesar, filho de Agrippa, e de Julia, e adoptivo de Augusto, Commandante de huma Esquadra pelo Mar Roxo, que tinha achado

(1) Em Estrabão Liv. II. pag. 98. Veja-se M. Gossellin no Tom. I. da obra acima citada pag. 201.

do fragmentos do navio Hespanhol, que ali havia naufragado; donde parecia ter-se feito a navegação em volta de Africa: por quanto Plinio não declara donde houvesse esta noticia; vê-se porém que a tomou de Eudoxo, que conta o mesmo das Costas Orientaes, mas perto de cem annos antes de Caio Cesar; o que faz a muitos desconfiar da narração: além do que Estrabão, que esteve no *Egypto*, e se informou deste facto, zomba dos que d'elle fallarão; e ao mesmo tempò passa em silencio o outro do tempo de Caio Cesar, seu contemporaneo; no que mostra ter havido isto por hum rumor popular, ou noticia sem alguma prova, e fundamento. (1)

Nem nos deve abalar a viagem do Commerciante Hespanhol, de quem dizia Celio Antipatro haver navegado desde *Gades* até a *Ethiopia*, o que tambem refere Plinio no Liv. II. Cap. 67; por quanto por huma parte os Antigos davão nome geral de *Ethiopia* a todos os paizes, que se alongavão do Mediterraneo; e estes Ethiopes erão os Occidentaes, e não os Orientaes; e por outra parte sabemos de Possidonio, contemporaneo de Celio Antipatro, e residente e instruido em Cadiz, referido por Estrabão, que os Hespanhoes navegavão dali até o *Rio Lixo*, que era na Costa exterior da *Mauritania*, dando-a como a extrema, ou meta das navegações Hespanholas.

ARTIGO V.

Da Viagem de Necho, Rei do Egypto.

FAllemos de dois factos, que parecem de todos, os mais authorisados e decisivos, quaes são a viagem, que mandou fazer Necho ou Necháó, filho do famoso Psammetico, e Rei do Egypto, que remonta acima de 600 annos antes da Era Christã; e a de Eudoxo de Cyzica no Seculo

Vv ii

culo

(1) Liv. H. pag. 99 — 102. Veja-se Gosselin na obra acima citada pag. 201 202.

culo de Ptolomeo Lathuro. Necho ou Necháó, o primeiro que abriu o seu Reiso aos Estrangeiros, Principe de grandes vistas, que quiz ajuntar o Nilo com o Mar Roxo, e pretendeo crear huma nova marinha, para vir a ser poderoso por terra e mar, e tirar todo o Commercio aos Fenicios, cobrio o Mar Mediterraneo, e o Mar Roxo de galeras, e tentou mandar commetter a viagem á roda de Africa: cheio deste projecto, encarregou a execução a certos Fenicios de sua obediencia, homens muito praticos e experimentados nas cousas maritimas, fazendo partir seus vasos do golfo *Arabico* ou *Erythreo* com ordem de ganhar o *Mar Austral*, e entrar no Mediterraneo pelo *Estreito*.

Diz-se pois que começarão a navegar pela Costa Oriental de Africa, até chegar ao *Mar Austral*, ou Meridional; e que depois vierão ao *Mar Occidental*, e no terceiro anno entrarão no Mediterraneo, e abordarão ao *Egypto*, surgindo pelas bocas do Nilo. Contavão entre outras cousas, que nesta viagem tiverão cuidado de desembarcar nas entradas do Outono sobre as Costas, aonde se achavão; e de semear nellas grão, e esperar pela colheita, e depois fazer-se á vela. Este factó referio Herodoto, e sobre elle he que se apoiava para asseverar, que a Africa era toda cercada de mar, excepto pela parte por onde pegava com a Asia. (1)

Eis-aqui hum factó, que parece provar a antiga circum-navegação de Africa; e que tem movido a muitos Sabios; ponderemos com tudo, que confiança se lhe deve dar.

1.º Herodoto he o unico entre os antigos, que conta a expedição dos Fenicios por Necháó; elle não foi coevo a este factó, nem mostrou donde houvera esta noticia; o que póde excitar dúvida sobre a sua narração.

2.º A unicidade deste Escriitor, e não contemporaneo, faz-se mais notavel e suspeitosa, vendo que Pomponio Me-
la,

(1) Lib. IV. *Melpomene*.

la, e Plinio (que procurárão provar a possibilidade da circum-navegação de Africa, ajuntando os factos e tradições que julgarão proprias a sustentar as suas conjecturas nesta parte) nenhuma menção fizeram deste passo de Herodoto, que lhes seria grande apoio; e nem ainda de semelhante navegação, tendo occasião tão opportuna, e até necessaria, que os obrigava a fallar della; ao mesmo tempo que sabemos, que elles lêrão o Historiador Grego, e o citárão, e extrahirão varios lugares em suas mesmas obras. Hum silencio nestas circumstancias, não he hum simples argumento negativo, mas sim decisivo, que basta por si só, e indica que elles não derão fé á relação da viagem dos Fenicios.

3.º Sobre a prova deduzida deste silencio em taes circumstancias, vem mais a que se tira de Estrabão, que não acreditou esta viagem; porque certo, se o seu juizo só não exclue o testemunho de Herodoto, ao menos o contrabalança, e põe em dúvida; e tanto mais, quanto Herodoto, posto que mais antigo, foi mais facil em acreditar fabulas, e cahir em faltas de exacção, como já o taxavão dos antigos Plutarcho, Harpocracião, Dion Chrysostomo, e Ctisias de Gnido, que o desmentia em sua Historia; e dos modernos Reineccio, Vignolès, Vallemont, e particularmente o moderno e douto Gossellin sobre esta mesma navegação.

4.º Faz tambem desconfiar da veracidade desta viagem ver contarem-se nella cousas inverosimeis, como abordarem os Navegantes Fenicios nas terras Africanas, por onde passavão no Outono, para nellas semear em grão, e não se retirarem dali, senão depois de concluida a colheita; e que em sua navegação gastárão tres annos; o que parece pouco verosimil, (1) pois que era muito pouco tempo para aquelles desembarques, para os trabalhos, e operações da

(1) Não deixaremos de lembrar aqui de passagem, o que se não tem advertido, que a circumstancia dos tres annos de viagem parece forjada sobre a outra dos tres annos das frotas de Salomão.

da agricultura, para as demoras da colheita dos fructos, e para as novas, longas, e perigosas navegações, que devião depois continuar a fazer por todas aquellas Costas. (1)

A narração pois desta viagem, que Herodoto nos deixou escrita, ponderadas todas estas cousas, não se pôde considerar senão como huma historia, combinada sobre a opinião, que alguns dos antigos tiverão da fórma, e extensão desta parte do mundo, isto he, sobre os conhecimentos, não praticos e locaes, mas sim especulativos e theoreticos que elles tinham, e de que se fez huma simples applicação á historia desta imaginada navegação dos Fenicios.

ARTIGO VI.

Da Viagem de Eudoxo.



Tempo he de passar a huma outra viagem, que he do Século de Ptolomeo Lathuro, perto de 100 annos antes da Era Christã. Esta foi a que se diz, que fizera Eudoxo de Cyzica, cuja Relação ou Periplo se acha em Pomponio Mela no Liv. III. Cap. 10. extrahida de huma obra, que elle cita de Cornelio Nepote, que se perdeu. Plinio no Liv. II. Cap. 67, e Marciano Cupella no Liv. VI. pag. 201, igualmente a citão sobre a fé do mesmo Nepote. Este Eudoxo jactava-se de ter sahido do *Golfo Arabico*; haver feito a circum-navegação das duas Costas Meridional, e Occidental de Africa; e vir por fim a desembarcar em *Cadis*. Para não estarmos por esta navegação, que tanto se tem apregoado, devemos notar o seguinte:

1.º As quatro autoridades reduzem-se verdadeiramente a huma só, que he a de Nepote; e he inteiramente desconhecido, qual foi a fonte, donde elle derivou esta noticia.

2.º

(1) Sobre isto pôde ler-se M. Francheville na sua *Dissertação sobre a navegação de Tarsis* no Tom XVII. das *Memorias da Academia de Berlin* pag. 439 e seg., e o já citado M. Gosselin.

2.º Este Itinerario não foi conhecido nem de Possidonio, nem de Estrabão, que longe de o referirem, fallando das navegações dos Antigos, trouxerão outro do mesmo Eudoxo muito differente deste; o que indica, que ou hum, ou outro delles he falso, e obra alhea de Eudoxo, ou ambos elles.

3.º Esta Relação, combinada com a dos Periplos de Hannon, e de Polybio, vê-se bem, que he em grande parte hum Itinerario refundido, e composto de ambos elles, parecendo que o seu Author pertendeo inculcar, que havia corrido todos os lugares, que elles virão.

4.º Eudoxo vindo desde as vizinhanças do *Cabo Aromata* (*Guardafui*) pela Costa meridional de Africa, até o ponto Occidental, (aonde se propoz tomar a viagem de Hannon, para tecer, e completar com ella o curso de seu Itinerario) em todo aquelle immenso intervallo não descreve lugar algum das partes desconhecidas das duas Costas extremas; mostrando bem claramente por isso mesmo, que lhe faltavão conhecimentos reaes do local; e que não tinha a quem seguisse e copiasse; e por conseguinte que não tinha navegado, e visto aquellas Costas.

5.º Elle não faz neste seu Itinerario alguma observação nautica: não falla da mudança no aspecto do Ceo; da qualidade dos mares; das difficuldades, que teria de vencer naquella carreira; na travessia das Costas, e na passagem do Cabo mais austral de Africa; nem que tempo gastou nas viagens; nem como se proveo de viveres ao longo dos lugares desconhecidos e selvagens; sendo estas as circumstancias, que mais natural e facilmente descreve hum viajante.

6.º Muito pelo contrario affecta supprir este vasio com os contos de cousas incriveis, que diz que víra; como homens sem lingua, homens sem boca, homens himantópodes, isto he, que não andavão em pé como homens, mas como animaes, e outras inepcias, e fabulas insipidas e grosseiras. Hum navegante, que só apresentasse, e descrevesse cousas semelhantes, para attestar tão estupenda fa-

ça.

çanha, e mereceria por ventura algum credito? Certo que nem mereceria que o refutassem.

7.º Finalmente ha em seu Itinerario incoherencias, faltas, e erros taes, que por elles mostra, que tanto não fizera a volta de Africa, que a não conhecia, nem formava ideas da grande extensão daquelle Continente para o Sul, nem da sua fórma, nem da direcção maritima das suas Costas, que dizia ter corrido; devendo em resultado de todas estas combinações concluir-se, que o seu Itinerario foi obra de méra fantasia, ideada sobre os Periplos dos outros Navegadores, e accrescentada com as suas imposturas. (1)

Ha ainda outra Relação de Eudoxo, de que fallava Possidonio em Estrabão no Liv. II. pag. 98 e seg., que he hum segundo e novo Itinerario, em que se relata a mesma viagem antecedente. Que haveremos de dizer d'elle?

1.º Foi desconhecido de Cornelio Nepote, de Mela, de Plinio, e de Marciano Herecleota, que referirão, ou citarão o primeiro Itinerario; assim como este o foi de Possidonio, e de Estrabão, que referem este segundo: o que faz logo desconfiar da sua authenticidade.

2.º He huma nova Historia inteiramente differente da primeira, com a qual não concorda em cousas essenciaes, o que argue a ficção de diversa pena.

3.º Ha huma espantosa variação entre os dois Authores, Nepote, e Possidonio, que esforçando-se cada hum delles em estabelecer hum mesmo factó, appellão para o depoimento de hum mesmo navegador; e apresentam nada menos do que provas realmente oppostas, que certo se não conhece exemplo de huma contradicção mais manifesta.

4.º Ha finalmente neste novo Itinerario muitas fabulas, contradicções, e inverosimilhanças, que lhe notou com des-

(1) Este he o mesmo juizo, que d'elle fez Isaac Vossio ao Liv. III. Cap. IX. de Mela, e M. Gosselin nas *Indagações sobre a Geografia Positiva e Systematica dos Antigos* Tom. I. pag. 225, 226.

desprezo o mesmo Estrabão, que o extrahio de Possidonio. (1)

ARTIGO VII.

Da ignorancia em que estiverão Ptolomeo, e os Povos de Africa e Asia sobre estas navegações.

Temos exposto por esta breve analyse, quanto basta para se conhecer o pouco fundamento, com que se tem inculcado as viagens geraes dos Antigos em circumferencia de Africa; e que todas ellas ou forão exaggeradas, ou fabulosas, ou pelo menos contraditadas, incertas, e mal seguras, para podêrem fazer prova concludente pela opinião da sua circum-navegação Africana. Cresce, em desabono della, a força deste discurso, com huua reflexão, que não podemos deixar em silencio, qual he a da total ignorancia destas viagens em Ptolomeo, com ser tão sabedor das cousas antigas, e de seu tempo; e o que mais he, nos mesmos povos das Costas maritimas de Africa, até á India.

E quanto a Ptolomeo, claramente vê-se isto bem de seu *Almagesto*, aonde discorrendo dos climas, e refutando certas razões e provas de Marino de Tyro, diz assim: «Muitos Escritores sustentão, que as vizinhanças do Equador são mais temperadas, que o restante da Zona Torrida, e que he possível habitallas. Nós nada com certeza podemos dizer; porque ninguem do nosso Orbe até este dia tem penetrado debaixo deste circulo; pelo que qualquer julgará mais simples conjectura, do que verdadeira historia, o que dellas se conta.» (Lib. II. Cap. 6. pag. 31, 32) Assim procurava o Geografo destruir os raciocinios de Marino, e mostrar que as provas, com que este pretendia concluir, que os navegadores ha-

Tom. VIII. Xx vião

(1) Veja-se o lugar de Estrabão, e do moderno M. Gosselin na citada obra das *Indagações sobre a Geograf. System. e Polit. dos Antigos* Tom. I. pag. 241 243.

vião trespassado a Linha Equinocial, erão de si insufficientes para o convencerem ; do que se vê, que elle estava persuadido, que de seu tempo se não tinha passado ainda o Equador.

Vem agora sobre isto a profunda ignorancia, em que nós achámos os Africanos, e Asiaticos, quando navegámos os seus mares, e fizemos conquistas pelas suas Costas; porque nenhuma noticia se encontrou entre elles destas viajens, desde a Europa por toda a Costa de Africa, até á India, ou desta até á Europa; sendo bem natural se não apagasse a memoria de todas ellas, por tão notaveis e passosas que terião sido, se algumas se tivessem realmente executado : o que já com razão occorreo ao discreto juizo de D. Francisco Manoel de Mello nas suas Epanaforas. (1)

» Naquelles tempos (diz elle) de nossas conquistas, en-
 » tre as gentes de Europa e Africa nenhuma noticia se
 » achava destas navegações, nem depois as descobrirão os
 » Portuguezes em os povos de Asia; o que não pouco
 » enfraquecia o credito dos Autores referidos, e fazia
 » muito pela opinião dos nossos.» (2)

AR-

(1) Epanaf. Amoros. III. pag. 113.

(2) Não pertendemos com tudo isto absolutamente asseverar, que os Antigos em Seculos mais remotos, nos tempos chamados heroi-
 cos, e commumente fabulosos, não tivessem feito jámais a circum-
 navegação de toda a Africa, antes dos Egyptios e Fenicios, que as-
 sim mesmo antigos, como erão, forão precedidos de outras nações
 antiquissimas, e talvez ainda mais industriosas do que elles: he
 muito de presumir (segundo nos inculca a Historia dos progressos do
 espirito humano, e dos conhecimentos sabidos que aquellas idades ti-
 verão, e que parecem suppor outros muitos anteriores, de que não
 sabemos) que a Navegação, e as mais artes da industria do homem
 sobião a huma mui alta e remontada antiguidade, em que já pôde
 ser que tivessem havido viajens muito extensas, que houvessem
 costeado toda a Africa; mas se as houve descontinuidas, e perdidas
 da memoria dos homens, como o forão outras muitas cousas, ficã-
 rão sepultadas no abismo da escuridão do antigo mundo, como se
 nunca tivessem existido nelle.

ARTIGO VIII.

Sentimentos concordes de tres grandes Escriitores.

FEcharemos todo o nosso arzeoado, se assim he preciso, com as authoridades de tres grandes Escriitores, com que nos possamos escudar, para nos defendermos das de Goes, e de outros de parecer contrario; authoridades que lhes não são inferiores, se não mais respeitadas e decretorias, como de homens que muito estudarão esta materia: he huma a do nosso doutissimo Gaspar Barreiros no seu formoso Commentario de *Ophyræ Regione* « Hujusmodi » navigationes, etiam, si fieri potuerunt, præterquam quod » casu, aut felicitate quadam potius accidisse, mea quidem » sententia videntur, quam consilio aliquo, aut scientia » navigandi, tantam incogniti et procellosi maris vasti- » tatem, tamen non tam probatæ vel illis, vel posteriori- » ribus seculis extitere: nec tantam fidem facere potue- » runt, quanta opus erat ad tam inusitatam et periculis » plenam navigationem aggrediendam, suspectæ namque, » ut arbitror, vulgò maxime fuerunt. »

A segunda authoridade he de Isaac Vossio a Pomponio Mela « Quicquid alii contradicant, certum est vete- » rum neminem fuisse, cujus quidem extet memoria, quod » Bonæ spei Promontorium vel accesserit, nedum præter- » vectus sit. » Observat. ad Lib. X. Cap. IX. pag. 863.

A outra authoridade he a do moderno e eruditissimo escritor, M. Gossellin, que tendo entrado a principio no sentimento contrario, na sua *Geografia dos Gregos Analyzada*, levado das differentes tradições dos Antigos, que annunciavão navegações de Fenicios, e Gregos em volta desta parte do mundo, e do grande numero de Authores modernos, principalmente dos que escreverão dos progressos da Navegação e do Commercio em differentes épocas; mudou depois de parecer na sua grande obra das *Indagações á cerca da Geografia Positiva e Systematica dos Anti-
Xx ii* *gos,*

gos, aonde tratando de fixar o gráo de confiança, que merecião as tradições destas viajens, as submetteo a huma profunda discussão; e mostrou largamente as suas contradições e inverosimilhanças: o que tendo sido por elle feito com repetido e apurado exame, e depois de haver antes adoptado os principios contrarios, não póde deixar de ser de grande peso nesta materia, e de ajudar a confirmar nosso discurso. (1)

Conclusão.

Eis-aqui o primeiro genero de provas, que podemos offerecer, pelas quaes cuidamos haver mostrado não constar com certeza, que a circum-navegação de toda a Costa de Africa, fosse realmente praticada entre os Antigos; ou pelo menos, que ella se não póde com segurança sustentar sobre os Periplos, e Relações, que a Antiguidade nos deixou de taes viajens: donde tiramos, que pois se não allegão outras além destas, que nos levassem a dianteira, se há de haver consequentemente a navegação Portugueza do

(1) Tendo fallado das viajens dos Antigos, cuja memoria se conservou até aos nossos dias, dever-se-hia talvez neste lugar fazer menção das viajens mais modernas dos Seculos intermedios, mas isto fica suprido com outra Memoria em que tratamos da Demarcação do Cabo da Boa Esperança, que se acha em alguns Mappas, anteriores á sua passagem por Vasco da Gama; nella fazemos ver que semelhantes viajens, se as houve, forão sómente parciaes, e não chegarão ao Cabo: baste-nos por ora advertir, contra os que seguem a opinião contraria, que todos os Authores, ainda mesmo os Estrangeiros, que escreverão pelo Seculo de 500, e grande parte dos quaes entrão pessoalmente nestas expedições, nos concedem a precedencia dellas; taes são Luiz de Cadamosto na sua *Navegação*; Americo Vesputio na sua *Carta sobre a viagem de Vasco da Gama*, que vem no 1.º Tomo de Ramusio; Martim Behaim nas notas ao seu Globo terrestre, collegidas por M. Murr, &c.: os quaes sendo tão vizinhos daquelles acontecimentos, e tão versados na Cosmografia, que não cedião a palma a nenhuns dos do seu tempo; devião estar perfeitamente instruidos nestas materias; ou ao menos muito mais do que os modernos, que passados Seculos, quizerão ainda que debalde arracar-nos esta gloria.

do Seculo xv. por original, e primeira; e como tal pela mais admiravel e portentosa, que tem havido: devendo todos confeçar quão nossa he a gloria de sermos os primeiros, que ousámos tomar o Sceptro do Oceano, e abrir novo caminho desde a Europa, até á India por tão largos mares.

» Nunca arados de estranho, ou proprio lenho.

Podendo dizer bem nossa gente das viagens dos Antigos, em comparação com a sua

» Q' essas navegações, que o mundo canta,

» Não merecem tamanha gloria e faina

» Como a sua, que o Ceo e a terra espanta. (1)

Segundo Genero de Provas pela consideração das cousas de que os Antigos duvidarão, ou que não conhecêrão do Continente de Africa.

DÉmos até aqui a substancia das razões, que podem determinar o nosso juizo para negar, ou pelo menos duvidar das relações das viagens dos Antigos á volta inteira de Africa: agora tomaremos mão de outro genero de provas, deduzidas da ignorancia, em que estiverão os mesmos Antigos, de muitas cousas notaveis daquelle Continente, até á época da nossa navegação e descobrimentos; cousas, que não pedião longas especulações e theorias, cousas, que só demandavão a attenção, que não podião deixar de se advertirem e conhecerem, se se tivesse feito nos seus tempos a circum-navegação daquelle parte do mundo: o que temos de tratar em breves clausulas, havendo de fallar ainda desta materia em outra Memoria sobre os resultados de nossa navegação do mesmo Seculo xv.

Muitos são em verdade os argumentos nesta parte, que

(1) Lusiad. Cap. V. Est. XCIV.

que se podem deduzir a nosso proposito, da consideração daquellas cousas capitaes, que os Antigos ignoravão a respeito de Africa: os principaes são os que se tirão.

1.º Da ignorancia da junção dos dois mares Atlantico, e Indico, e circumferencia maritima de Africa.

2.º Da ignorancia dos mares, que havião por innavegaveis, ou inexplorados.

3.º Da ignorancia da extensão Meridional do Continente Africano.

4.º Da ignorancia da sua figura e fórma.

5.º Da ignorancia das terras chamadas *Incognitas*, ou dos lugares das duas extremas Costas Occidental, e Meridional de Africa.

6.º Da ignorancia da Zona Torrida habitavel, e habitada.

7.º Da ignorancia da visão do Sol á mão direita dos navegantes.

ARTIGO I.

Argumento deduzido da ignorancia da junção dos dois mares Indico, e Atlantico.



O Primeiro e mui decisivo argumento, que podemos apresentar nesta materia, he o que se tira da ignorancia commum, em que esteve quasi toda a Antiguidade, sobre a junção, ou communicação dos dois mares Indico, e Atlantico: Hipparco de Nicea, que floreceo 150 annos antes da Era Christã, homem famoso, verdadeiramente nascido para gloria das Sciencias Exactas, o qual muito trabalhou para elevar a Geografia sobre bases fixas e invariantes, tiradas das observações do Ceo; este homem grande foi o mesmo que altamente se persuadiu, que os dois mares Indico, e Atlantico se não união; e que cada hum delles se continha separado, como em grandissimas alagoas, abalisados por terras adjaentes, que-limitavão, e dividião hum do outro. (Em Estrabão Liv. I. Cap. 6.) A famosa Escola de Alexandria, aonde elle lançou os primeiros

meiros fundamentos de huma Geografia puramente Astronómica, seguiu o seu systema. Hum famoso homem desta Escola, de quem acima fallámos, Ptolomeo, oraculo da Geografia, tambem o adoptou, não crendo na livre communição dos dois mares, e por consequente nem na possibilidade da circum-navegação de toda a Africa.

Debalde Herodoto, debalde Eratosthenes, de quem falla Estrabão, (Lib. XVII. pag. 285) debalde Possidonio, tambem referido por Estrabão (pag. 95 e 102) se havião opposto a tal systema, sustentando a doutrina da unidade e immensidade do Oceano. A authoridade da Escola Alexandrina, e os grandes nomes, e bem merecida reputação na Antiguidade de Hipparco, e de Ptolomeo fizeram emmudecer a opinião daquelles dois homens, e de outros, que então, e ainda muito depois a seguirão; e prevalecer a contraria por mais de 12 Seculos, deixando assim de se crêr na possibilidade de se fazer por mar a volta de Africa, ou esquecendo quasi de todo esta verdade Cosmografica.

Que deduziremos nós daqui, se não que esta opinião da Escola de Alexandria não chegou a predominar entre os Gregos sobre a outra, e a soster-se por tantos Seculos contra a mesma verdade da disposição real dos lugares, senão porque os seus sectarios, e muitos outros dos Antigos houverão por falsas e fabulosas as viagens dos navegadores, que se dizião haver costeado toda a Africa? E consequentemente que não crêrão nem nas navegações dos Fenícios, mandados por Nechão, nem nas de Eudoxo de Cyrica, nem nas de outros alguns navegadores, que apregoarão como real, a façanha da plena circum-navegação de toda a Africa? (1)

Não

(1) Advertiremos tambem, que a opinião de Hipparco foi ainda commum entre os mesmos modernos, antes da nossa Navegação: assim que com razão Fr. Mauro Camaldulense, famoso Cosmografo, de quem já em outras obras havemos fallado, escreveu em huma das Notas, que fez ao seu grande Planisferio (que refere Foscarini na *Historia Litteraria de Veneta* num. 273 pag. 419) haver opiniões, de



Não passaremos adiante sem notar, que pela combinação que fizemos dos lugares dos Authores, nos pareceo, que tanto os que seguião a junção dos dois mares e circumferencia marítima de Africa, como os que a negavão, se havião sustentado em suas opiniões e systemas não tanto por factos, que huns admittissem, e outros negassem, como por meras conjecturas e theorias; e que até então não tinha havido commettimento e experiencia real de todo o marítimo daquella parte do mundo; que geralmente se houvesse acreditado; por quanto nem natural, nem facil era, que elles desvairassem em tão oppostas sentenças, e menos ainda que se seguisse a negativa pelos dois famosos Mathematicos Hipparco, e Ptolomeo, e por toda a famosa Escola de Alexandria; se se houvesse feito por mar a volta inteira de Africa; ou se se acreditassem geralmente pelos Antigos as relações das Viagens, que entre elles mesmos se espalhárão: o que ainda se verá pelo que ponderamos no seguinte Artigo.

ARTIGO II.

Argumento deduzido da opinião dos mares innavegaveis, ou inexplorados.

V Oltemos para outro argumento, que não he menos terminante. Não só havia entre os Antigos, muitos que negárão a junção dos dois mares, e a possibilidade da total circum-navegação de Africa; mas até houve alguns, entre os mesmos que a seguião, que expressamente confegavão; huns, que aquellas partes meridionaes de mar e terra erão de todo innavegaveis; outros, que posto que o não fossem, ainda não tinhão sido averigoadas até seu tempo:

com

que, na parte meridional de Africa, o Oceano não rodeava aquella habitavel e temperada Zona, accrescentando porém que havia testemunhos do contrario, e principalmente daquelles, que a Magestade d' El Rei de Portugal havia mandado com seus navios a observar aquella Costa.

com o que vinhão a mostrar, que não havião ainda então acreditado a realidade das Viajens dos que se dizião haver costeado toda a Africa.

Hum dos que se podem aqui trazer para prova, he Scylax de Coriando, ou quem foi o Author do Periplo, que corre em seu nome, e vem entre os *Geografos menores Gregos* no Tom. I. pag. 52, 53; porque fallando elle na parte, que respeita ás Costas de Africa além das Columnas de Hercules, diz expressamente, que além da Ilha de *Cerne*, o mar de Africa para o Sul não tinha ainda sido visitado; e que era absolutamente innavegavel por causa de sua pouca profundidade, da sua vasa chea de lodo e limos, e da quantidade de algas, de que estava todo cuberto: com o que mostrava, que nem elle tinha conhecimentos da Costa de Africa, e dos mares além da Ilha de *Cerne* (que já dissemos em nossa Illustração ao Periplo de Hannon, ser a Ilha *Fedal*, ou como outros querem, a *Madeira*, ou ainda outra alguma das *Canarias*) nem os navegadores do seu Seculo passavão adiante daquela Ilha; nem mesmo se acreditavão então as relações dos outros navegadores mais antigos, que se dizião haver curzado toda a Costa daquelle Continente.

Pelo que pertence á outra Costa de Africa, isto he á Oriental, igual testemunho nos dá Arriano, ou quem foi o Author do Periplo do Mar Erythreo; o qual discorrendo desde o *Egypto* pela Costa de Africa para o Meio dia, e fallando dos tres Cabos Septentrionaes, o dos *Aromatas*, ou *Guardafui* na entrada do Mar Roxo, do *Raphaim* acima de *Melinde*, e do *Prassum*, ou *Cabo de Chat*, ou *do Gado*, e contando algumas cousas da figura e corpulencia dos povos, da sua sujeição á *Arabia primeira*, e do Commercio, que desta se fazia para *Azania*; accrescenta, que depois dos ultimos emporios de *Azania*, que estão da parte direita de *Benice*, voltava a Costa para Oeste; e que o Oceano Oriental cercava o Meio-dia da Africa; o que porém não era ainda averigoado no seu tempo: *Nam post hæc loca Oceanus necdum investigatus*

tus ad occasum inflectitur, et aversis partibus Æthiopiae, Lybiae, et Africae versus meridiem exprorectus, Occidentali mari commiscetur. Com o que vinha a confessar, que se ignorava em seu tempo o que pertencia á extremidade da Africa Meridional. (1)

Daqui vem, que não só os que negarão a junção do Mar Atlantico, e do Mar Indico; mas ainda os mesmos que a admittirão, não reconhecêrão, ou não crêrão na realidade das antigas viajens e tradições, que corrião, da circum-navegação de Africa; pois que estes ultimos não darião por ignotos ainda, e não explorados no seu tempo os mares das extremas Costas daquelle Continente, se tivessem acreditado aquellas decantadas Viajens dos Fenicios, de Eudoxo, e dos mais navegadores.

ARTIGO III.

Argumento deduzido da opinião da extensão meridional do Continente de Africa.

OUtro argumento se pôde tirar da ignorancia, ou incerteza, em que esteve a Antiguidade sobre a extensão do mesmo Continente de Africa meridional. Com effeito, a Geografia antiga ignorava até onde elle se estendia: e assim vemos, que no tempo de Polybio era incerto, se a Africa depois da sahida do *Golfo Arabico*, se estendia indefinidamente para o Meio-dia, ou se a pouca distancia deste Golfo, se terminava pelo Oceano (Hist. Lib. III. §. 38) Alguns cuidavão, que ella se não prolongava além do Tropico de Cancro, como Estrabão imaginava: Ptolomeo, o mais sabio dos Geografos, cuja doutrina se pôde contar pela mesma, que a da Escola Alexandrina, hia muito mais longe do que os outros; por quanto, alongando a Africa
pa-

(1) *Periplo de Mar Erythreo* pag. 151 e 153, Edic. de Amsterdam de Sanson de 1683, e em o Tom. I. das *Navegações de Ramusio*, donde se attribue a Arriano. Edic. 3.^a de Veneza de 1561 fol. 284.

para além da Equinocial, a continuava sem interrupção até o Polo Antartico; crendo que a terra se espaçava, e hia continuamente alargando, e corria á medida que se avançava para o Sul. Donde se conclue, que pois era tão incerta entre os Antigos a extensão Austral do Continente de Africa, não tinha esta sido costeada por navegações algumas naquelles Seculos, nem havia noticia acreditada daquella Costa.

ARTIGO IV.

Argumento deduzido da opinião da fórma, e figura do Continente de Africa.

PÓde bem lembrar, em consequencia disto, outro novo argumento, deduzido da pouca certeza, que por isso houve entre os Antigos da figura e fórma do Continente de Africa, pelo que respeitava a sua Costa Oriental; por quanto vemos que quasi tódos a levavão ao sahir do *Golfo Arabico*, não para o Austro, como depois mostrámos que devia ser, por experiencia de nossa propria navegação; mas sim para o Sudoeste; e depois a voltavão, recurvavão, e extendião para o Nascente; e hião com sua Costa por diante até a ajuntarem com o paiz dos *Sinas*, e dos *Seres*. Assim o pensava a Escola de Alexandria com Hipparco, em consequencia do seu systema da separação dos dois Mares Indico, e Atlantico; entendendo, que a Costa Oriental, depois do Cabo *Aromata*, ou de *Guardafui*, em lugar de se prolongar para o Meio-dia; como era na realidade, se inclinava ao Sudoeste, e hia reunir-se ás partes Orientaes da Asia. (1) Esta terra, segundo o seu systema, circunscrevia consequentemente o Mar Erythreo, e o tornava huma alagoa; impedia a passagem para o Meio-dia; e tirava toda a possibilidade de se executar por mar a volta inteira de Africa.

Yy ii

Vê-se

(1) Veja-se em Estrabão.

Vê-se também que Ptolomeo, o Oraculo de todos os Antigos, que não admittia igualmente a communição do Oceano Atlantico com o Mar Erythreo, discorrendo pela Costa Occidental, em lugar de a coarctar e estreitar por ali para o Meio-dia, muito ao contrario depois do Golfo, a que chamou *Hesperio*, a voltava por Leste perpetuamente, e a fazia communicar com o pertendido Continente Oriental, que suppunha também com Hipparco; extendendo-a assim para Levante depois do *Cabo Prasso*, até se ajuntar com a Costa da Asia ao Meio-dia de *Catigara*; (1) de maneira que o Mar Erythreo ficava também formando na sua opinião huma grande Caldeira, de todas as bandas rodeada de terras, como o nosso Mediterraneo, mas sem communição; o que já lhe notou o nosso douto Mathematico Pero Nunes na *Defensão da Carta de marear*.

Estrabão, outro grande Geografo da antiguidade, ignorava, como Ptolomeo, a fórma e figura da Costa Occidental; porque depois de ter corrido com ella por certo espaço para o Meio-dia, a encurvava, e a hia prender com a Costa Oriental desta parte da terra, sem chegar ao Equador; opinião a que deo talvez motivo vêr, que a Costa Occidental de Africa, depois do *Cabo Verde*, voltava rapidamente para o Oriente ao formar o *Golfo de Guiné*.

De tudo isto se conclue, que os Antigos não conheciam a fórma de Peninsula de África; que certo não podião assim pensar por este modo, se se houvesse feito a circum-navegação de toda a Costa daquelle Continente.

AR.

(1) Lib. VII. Cap. III. e V.

ARTIGO V.

Argumento deduzido da ignorancia das Terras Incognitas.

FAz muito a nosso proposito o outro argumento, que facilmente occorre, em razão da ignorancia que tinham os Antigos daquellas regiões da parte do Meio-dia de Africa, a que chamarão *Terras Incognitas* ou *Desconhecidas*, de que se não sabia nem o que crão, nem até onde se extendião, nem que gente as habitava. Em verdade o Geografo Grego, a quem a sua residencia em Alexandria poderia ministrar muitas noticias das cousas de Africa, ignorava tudo o que pertencia ás Costas extremas daquelle Continente, como se vê do que elle diz, principalmente no fim da Taboa IV. do sitio da Ethiopia: porque quanto á Costa, que corria pela parte Oriental desde *Agysimbo* até o Polo Antartico, elle nada sabia della, chamando *Terra Incognita* a tudo quanto se extendia para cá das fronteiras meridionaes de *Azania*, que vinha a ser tudo o que abraçava o Reino de *Meli*; as terras de *Nebeos*, e dos *Papagayos*; a *Cafraria mixta* ou Oriental, que continha as Costas de *Zanguebar* e de *Asan*; e a *Cafraria pura*, que se extendia para o Sul até o Cabo da *Boa Esperança*, e o *Congo*.

Quanto á outra Costa, que voltava para o Poente, tambem de todo a ignorava, chamando-lhe igualmente *Incognita*; isto he, toda a região que recebia o Seno Ethiopico, e era adjacente á *Lybia*, e ao Oceano Occidental; que vinhão a ser as partes mais Occidentaes da mesma Africa, que erão o *Cabo Branco*, o *Cabo Verde*, *Guiné*, e as mais que vem correndo para o Norte pelo Mar Atlantico, até o Cabo *Hesperio*. Por aqui se vê, que pois aquellas terras das duas extremas Costas Austral, e Occidental de Africa se havião por *Incognitas*, sinal era de que os navegadores antigos não tinham por ali passado, nem fei-

to viajens em redor daquelle Continente; pois de outra sorte terião visto, achado, e conhecido aquellas terras, e o seu fim, terminado pelo Oceano Atlantico. (1)

Reforça-se este argumento com a outra consideração de que esta ignorancia se extendia ás mesmas Ilhas mais remotas do Oceano, porque dellas confessava Plinio quão grandê era a confusão, e incerteza, que havia nesta materia: *Omnia circa hæc incerta sunt.* (Lib. VI. Cap. 31) não tendo os Antigos adiantado conhecimento algum individual para o Sul, além das Ilhas *Fortunatas* ou *Canarias* que parece foi o termo das navegações dos Romanos.

Por ventura foi este o motivo, por que o Geografo Astronomo, querendo fixar a Longitude dos lugares entre hum primeiro Meridiano determinado, e os de cada lugar, hindo de Poente para Levante, tomou por primeiro Meridiano o que passa pelas Ilhas *Fortunatas*, por julgar que aquellas Ilhas erão o lemite da terra até então conhecida ao Oeste; e que para além dellas nada havia mais que hum vasto mar, como bem adverte Saverien (*História dos Progressos do Espirito Humano* pag. 378) obrando nesta parte o Geografo em conformidade do mesmo que fez para determinar a Latitude, ou distancia Septentrional dos lugares até o Equador, em que tomou por termo a Ilha de *Thule*, a ultima terra conhecida no seu tempo

(1) Devemos advertir de passagem (porque alguém se não enganar com a Carta Geografica das Costas Occidentaes, que nos transmittio Ptolomeo, ou algum outro, que metteo mão em suas obras, para entender por ella, que elle demarcou mais terras e lugares de Africa do que parece) que a sua Descripção Geografica destas Costas he hum composto de tres partes distintas, sendo as duas ultimas repetição da primeira, porque forão arranjadas sobre diversas relações, nas quaes a maior parte das distancias estavam bem assinaladas, mas por trazerem grandes variedades na nomenclatura dos lugares, derão motivo a entender-se, que elles pertencião a terras differentes e mais apartadas, que aquellas de que Hannon, e Polybio havião dado noticia. O Geografo só chega ao conecção do *Atlas Maior*, ou *Cabo de Nam*, termo o mais largo, em que talvez paravão todas as navegações dos Antigos; o que já advertio M. de Gossellin.

po para o Norte. Assim que a referencia a este primeiro meridiano das Canarias, para fixar as Longitudes, parece inculcar que os navegadores ainda então não tinham passado adiante dellas em seus descobrimentos e viajens.

ARTIGO VI.

Argumento deduzido da opinião da Zona Torrida inhabitavel, e inhabitada.

Não he menos decisivo para o nosso assumpto o argumento tirado da opinião dos Antigos sobre os climas inhabitaveis da Zona Torrida; porque em verdade se elles houvessem feito a volta de Africa, ou pelo menos avançado ao *Cabo de Santa Anna*, ou *Golfo de Guiné*, ou ainda sómente á *Serra Leoa*, não estarião persuadidos, como estavam, de que impossivel era habitar as terras além do Trópico, por seus excessivos calores. No Reino dos primeiros Ptolomeos, havendo-se feito viajens por sua ordem ao longo do Golfo Arabico, e no Mar Erythreo, conhecêrão os Gregos pela primeira vez, que se podia viver nas terras aridas, até 12 grãos e meio ao Norte do Equador. (*Geminus Elementa Astronomicæ* Cap. 13 pag. 31 in *Uranologia*.)

A este ponto he que Eratosthenes, Hipparco, Estrabão, e os Antigos em geral fixarão os limites da terra habitavel: tudo o que vai até o duodecimo grão e meio de Latitude para o Sul, passava por ser exposto á violencia de calores insupportaveis, para o homem poder respirar com elles. Esta opinião, que reinou mais de quatrocentos annos na Escola Alexandrina, não se poderia soster, se existissem relações, e Periplos, por que se podesse suspeitar, que estas terras houvessem sido costeadas por navegantes, ou se a taes relações se tivesse dado credito.

AR:

ARTIGO VII.

Argumento deduzido da ignorancia da visão do Sol á mão direita dos navegantes.

Não deixaremos de aproveitar outra prova, que se pôde deduzir da ignorancia commum, que tinham os Antigos da visão, ou aspecto do Sol á mão direita dos que navegassem pela volta de Africa: por quanto Herodoto, referindo a viagem dos Fenicios, mandados por Necho, diz que elles contavão, que navegando á roda de Africa, tinham visto o Sol á sua mão direita: mas accrescenta, que elle o não acreditava: assim que não obstante contar a viagem destes Fenicios em derredor de Africa, nem por isso dêo credito a este phenomeno: com o que mostrou que não só elle o não acreditava, mas nem os ouros Escritores do seu tempo; pois que a não ser assim, não levantaria aquella dúvida, quando queria provar a realidade daquella viagem. Estrabão parece, que tambem não acreditava este phenomeno; e que isto entrou na consideração dos motivos, por que elle desprezou a narração de tal viagem.

Dir-se-ha, que os navegadores Fenicios attestavão isto; e que esta asserção era prova da realidade da viagem, pois que este phenomeno não podia ser imaginado em hum tempo, em que a Astronomia estava ainda na sua infancia. Este he o argumento em que se funda Larcher, traductor, e illustrador de Herodoto, para provar a veracidade da viagem dos Fenicios de Necho, de que acima fallámos. Com tudo 1.º observamos por quanto temos lido, que nenhum outro dos Antigos reconheceo, ou fallou deste phenomeno: 2.º que para esta asserção dos Fenicios bastava saber pela navegação do Golfo Arabico, que a Peninsula de Africa se prolongava muito na Zona Torrida.

Com effeito esta theoria era sufficiente para se entender, que quem seguisse as suas Costas meridionaes de Este a Oeste, veria necessariamente o Sol á sua mão direita,

ao menos nos mezes de verão; theoria, que bem podião ter os Fenicios e Egyptianos, navegadores do Mar Oriental, sem haverem feito toda a volta de Africa; e quando para esta theoria fosse necessario maior conhecimento da Astronomia, assaz consta, que os Egyptios já no tempo de Necho tinham feito progressos bastantes nesta Sciencia, chegando a prognosticar com alguma exactidão os Eclipses; (1) o que suppõe pelo menos o conhecimento da obliquidade da marcha do Sol, e os fenomenos que della resultão, para as differentes Latitudes.

Por aqui se vê que elles podião por isso haver noções bastantes sobre o aspecto, que este astro apresentaria aos que navegassem além do Tropico, ou penetrassem no hemisferio austral; pelo que não erão precisos factos positivos, mas bastava a simples theoria de seus conhecimentos para lhes indicar, ou fazer conceber aquella theorica. De qualquer modo porém que isto fosse, assim mesmo se conclue, vista a dũvida de Herodoto, e o silencio de todos os mais Escriitores, que esta verdade era geralmente desconhecida da Antiguidade; e que não era natural que o fosse, huma vez que tivessem havido navegações em roda de Africa.

De tudo quanto havemos até aqui ponderado, parece-nos concludente a consequência, de que se não fez entre os Antigos a circum-navegação de toda a Africa; e que bom fundamento temos, pois que nem os modernos a fizeram, para nos gloriarmos com o immortal Poeta das Lusíadas de que nossos Varões assignalados forão os primeiros Argonautas,

» Que da Occidental praia Lusitana,
 » Por mares, nunca dantes navegados,
 » Passarão inda além da Taprobana.

» Assim fomos abrindo aquelles mares,
 » Que geração alguma não abrio.

Tom. VIII.

Zz

Da

(1) Veão-se Diogenes Laercio in *Vita Theophrasti*, Herodoto na *Geo*

Da novidade, e maravilha da navegação Portugueza no Seculo xv., ainda quando não fosse original.

TEndo assim dito o que julgamos proprio e principal para provar, se não por cada hum dos artigos e argumentos referidos, ao menos pelo concurso e união de todos elles, a originalidade de nossa navegação; demos todavia com franqueza aos emulos de nossa gloria o que elles pretendem; e supponhamos que os Antigos havião já feito a navegação para a India, pela mesma rota que nós fizemos: por certo que, se não somos donos da acção do descobrimento deste caminho, fomos pelo menos os seus primeiros restauradores, depois de já perdido, e ignorado por tantas centenas de annos. Em verdade aquellas navegações, se as houve, não offuscão ou diminuem a nossa gloria nas empresas maritimas: nós não temos necessidade de encarecer nossas viagens com elogios affectados, e menos com quebra e abatimento da parte, que possa tocar ás Nações antigas nesta famosa carreira; porque para nossa navegação se apresentar aos olhos do Universo, e ser de maravilha a todas as Nações do Mundo, não carece de modo algum dos adornos alheos, roubados aos outros; havendo ella muitos, que lhe são proprios, e sobejos: bastava-lhe para alteza e luzimento, em tal cerração de trevas e medos como então havia, que por ella fosse Portugal, por nos expressarmos com palavras do grão Poeta Ferreira,

do rico Tejo
Até Eufrates, Nilo, Tigri, Gange
Vencedor da braveza de Neptuno,
Senhor de seu Tridente e ricas conchas. (1)

Em

Lib. I. §. 74., e Plinio Lib. II. Cap. IX., e dos modernos Peta-
vio *De Doc. tempor.* Tom. II. Lib. X. Cap. I. pag. 85 87.

(1) Segunda parte dos seus *Poesias* Liv. I. Carta I. pag. 126.

Em verdade quando a nossa Navegação não tivesse o caracter de originalidade ou primeira, teria ella tão alto merecimento, que haveria de reputar-se como se assim realmente o fosse. A rota antiga, se a houve, foi descontinuada, e posta em total desuso em toda a Europa, e ficou tão esquecida, e com ella a Arte de navegar taes mares, que ninguem mais a tentou, ou a soube por tanto tempo, quanto vai desde aquella remota antiguidade até o Seculo xv.

E sem dúvida se pôde isto afirmar com razão, porque não consta que nem na meia idade, nem ainda em Seculos mais modernos, anteriores ao xv. se lembrasse alguém de commetter huma navegação inteira, desde o Mar de Atlante por todo o Oceano, e Costa de Africa Occidental e Oriental, á India; que certo não faltaria na serie de tantos annos, quem se abalançasse a esta empresa, se andasse viva na memoria dos homens navegação alguma dos Antigos deste genero. O mesmo Damião de Goes, defensor da navegação dos Antigos, não pôde deixar de confessar, que se alguém primeiro a tentou ou concluiu, não houve segundo, que a continuasse: « Illud quidem verissimum videtur, ratione credibile, tam vastam et periculis infinitis objectam navigationem ita tam hominum animos affecisse, ut semel inchoata, vel, si attigit, absoluta; nemo secundo rem tam arduam, vel potius monstruosam aggredi auderet. » (*Olisipon Descript.*)

Daqui vem pois, que, esquecida a antiga navegação, se alguma houve tal, ignorada a Africa Meridional, e a maior parte da India por 15 Seculos; perdida para huma infinita multidão de gerações a ligação, que podia unir todo o Universo; e inutilizadas todas as vantagens e fructos, que della podião resultar para todas as Artes, para a Cosmografia, para a Nautica, para o Commercio marítimo, para a riqueza, para a Politica da Europa, para a civilisação dos Africanos, para o trato continuo, e comunicação regular entre as diversas partes do Mundo; veio ella a ser, como se nunca houvesse existido.

Podemos por tanto dizer, que nós no meio de toda esta geral ignorancia ou desuso, abrimos de novo a carreira pelas Costas de Africa para a India, que bem podemos chamar nova, e original, e tão pasmosa como se fosse a primeira; commettendo-se esta empreza maritima com tanta novidade, e animosidade, como se nunca tivesse havido outra. Sobre o que remataremos com o dito do sabio João Metello a respeito della: *Detur veteribus visitatam fuisse, nobis tamen nova est.* (1)

Foi nova, de qualquer modo que se considere, a nossa Navegação, mas não o foi menos, se se considerarem as vantagens, e proveitos que della resultarão a Portugal, e a toda a Europa, de que trataremos no segundo Discurso, ou Memoria, que temos preparada.

M E-

(1) Na Prefação á Historia *De rebus gestis Emmanuelis* de Jeroonymo Osorio, no *Commentario de Reperis ab Hispanis et Lusitanis navigatione.*

M E M O R I A.

Sobre Martim de Bohemia.

POR SEBASTIÃO FRANCISCO DE MENDO TRIGOZO.

INTRODUÇÃO.

ENTRE os homens illustres de Portugal, no tempo do Sr. Rei D. João II., merece sem duvida hum lugar distincto o celebre Martim Behaim ou de Bohemia, que alcançando na sua vida os creditos de grande Cosmografo, chegou com varia fortuna até aos nossos dias; quasi desconhecido, e despresado de huns, (1) e elogiado por outros como o primeiro descobridor das Ilhas do Fayal, e Pico, e como aquelle a quem pertence a gloria, usurpada pelos Colombos e Magalhães. (2)

Queixão-se os Escriitores deste ultimo partido das poucas noticias, que achão escritas a seu respeito: desejarão alguns poder examinar os Archivos de Simancas, e da Torre do Tombo, não satisfeitos com os Documentos de Nuremberg, e com o que se achava impresso até aos seus tempos.

O Author, que mostra mais estes desejos, he Mr. Murr, que tomando por timbre o *uni equus veritati*, se propoz escrever (como elle diz) o que foi Martim de Bohemia, nem mais, nem menos. He certo que a sua Disser-

(1) Veja-se por todos o Conde de Ayaba *Observations sur le Mémoire relatif à la découverte de l'Amérique* inserida na Bibliotheca britannica, Fevereiro de 1804.

(2) Veja-se tambem por todos Mr. Otto *Nouvelles recherches sur la découverte de l'Amérique* inseridas nas Memorias da Sociedade Philosophica dos Estados-Unidos, e no Jornal intitulado *Archives Littéraires de l'Europe* nos Num. de Maio e Junho de 1805.

sertação (1) mostra hum grande estudo, e trabalho: elle foi de proposito a Nuremberg examinar as Cartas originaes, que ainda se conservavão de Bahaim, juntamente com o seu Globo terrestre; e munido destes auxilios, publicou alguns factos, que ainda se ignoravão a este respeito: mas o pouco conhecimento que este Author tinha dos Historiadores Portuguezes (2) o fizerão as vezes errar, e outras desfigurar parte dos acontecimentos que refere. He bem de crer que se não fosse esta falta, bem desculpavel em hum Alemão, elle me não teria deixado lugar para escrever em semelhante materia.

Quando intentei o presente trabalho, pensava como Mr. Murr, que no Real Archivo acharia algumas das noticias que me faltavão; porém todas as minhas diligencias ficárão frustradas. Persuado-me mesmo, que em Simancas não poderá existir nada de hum homem, que nunca esteve ao serviço de Hespanha, nem trabalhou para aquella Nação: lisongeo-me com tudo, a pezar desta falta, de fazer conhecer as principaes circumstancias da vida de Martin de Bohemia, e de deixar cabalmente averiguada a parte



(1) Esta Memoria de Mr. Murr, a que muitas vezes me referirei, mesmo sem a citar, foi originariamente escrita em Alemão, e depois traduzida em Francez com o titulo de *Notice sur le Ch. M. Bahaim, avec la description de son Globe terrestre, traduite par H. J. Jansen*; e vem no fim da *Viajem de Pigafetta á roda do Mundo*, impressa em Paris, Anno 9. Por Carlos Amoretti.

(2) Huma prova deste pouco conhecimento he confessar elle mesmo, que o unico Escriitor Portuguez que falla de Martin de Bohemia, he Manoel Telles da Silva *De rebus gestis Joannis II.* He certo que na sua obra traz o dito Murr hum Catalogo de Historiadores Portuguezes, e Hespanhoes, mas diz que não poude ler a maior parte. Muitos outros Estrangeiros se tem queixado do nosso desmazello em escrever a Historia: sem impugnar esta asserção, seja-nos licito retorquir, que elles mesmos são bastante desleixados em aprender a nossa lingua, e em ler os nossos Historiadores. A fatal guerra da Europa, que tantos males tem causado ás Letras, talvez traga o bem de vulgarisar mais a linguagem daquelles, que proporcionalmente concorrerão mais, que nenhuma outra Nação para dar a Paz ao Universo.

te que elle teve no descobrimento das nossas Ilhas, e no da America; estes dois objectos farão o assumpto desta Memoria, que dividi em duas partes, sendo demasiado extensos e destacados para se tratarem em huma só.

P A R T E I.

OS Escriitores, que fallarão de Martim de Bohemia, diversificação muito a respeito do lugar do seu nascimento; Robertson (1) o faz nascido em Portugal, Herrera na Ilha do Fayal, (2) Christovão Cælario o reputa natural de Krumlau na Bohemia, (3) e os nossos Historiadores dizem em geral que era Alemão: com effeito está hoje demonstrado, que elle nasceo na Cidade de Nuremberg, onde ainda nos nossos dias se conservavão restos daquelle familia, em cujo poder existem os documentos authenticos, d'onde algumas destas noticias são tiradas.

Seu Pai chamava-se tambem com o mesmo nome, e descendia de huma antiga linhagem Alemã; tinha elle casado em Nuremberg com huma Senhora, por nome Agnes Scopper de Schoppershof, e desta união nascêrão huma filha, e cinco filhos; o mais velho dos quaes foi este de quem tratamos, que veio ao mundo em os fins do anno de 1430.

Vivia (como deixamos dito) seu Pai em Nuremberg; e era hum dos Conselheiros daquelle Cidade: hum Irmão deste chamado Leonardo, que exércia o mesmo emprego, tinha além dos vinculos do sangue, hum particular affecto a este seu Sobrinho primogenito; parece mesmo que se incumbio mais particularmente da sua educação, como consta

(1) Robertson *History of Americ.*

(2) Herrera Decada I.^a Livro I. Cap. 2. pag. 4.

(3) Christoph. Cælarius *Historia medii Aevi*, e *Geographia nova* pag. mihi 460.

ta de algumas cartas que lhe são dirigidas, donde Mr. Murr tirou grande parte do que escreve a este respeito. Esta correspondencia entre o Tio e o Sobrinho durou o espaço de vinte e quatro annos, ao menos o que actual-mente existe principia em 1455, e acaba em 1479.

Sabe-se por este testemunho, que os primeiros annos da vida de Martim de Bohemia forão empregados no Commercio, profissão muito honrosa naquelles tempos, e em que se empregavão grande parte das familias mais illustres; mas não lhe impedio isto applicar-se ás letras, nem mesmo a fazer nellas progressos muito consideraveis. A tradição lhe deo por Mestres os celebres Philippe Beroaldo, e Regio Montano; mas em quanto ao primeiro, houve já quem notasse com toda a razão não ser isto provavel, visto não ter elle deixado a Italia, senão durante hum curta viagem que fez a París. Em quanto a Regio Montano, tambem Mr. Murr pertende tirar-lhe esta gloria, fundado em que aquelle Astronomo célebre sómente se demorou em Nuremberg, desde 1471 até 1475. Mas que influe isto para que Martim de Bohemia não tivesse sido seu discipulo, quer neste tempo, quer anteriormente (o que parece mais provavel) na Corte de Vienna, onde elle tinha hum cadeira pública de Mathematicas, a mesma que occupára seu Mestre, Jorge Purback? He claro que não involvendo isto contradição alguma, devemos conformar-nos com a voz constante, e mais que tudo com o que escreveo hum Author quasi coevo, e tão conspicuo como João de Barros, quando affirma que o mesmo Behaim se gloriava de ter aprendido naquella Escola. (1)

Em 1474 falleceo o Pai de Martim de Bohemia; e de 8 de Junho de 79 data a ultima carta deste para seu Tio; era ella escrita de Anvers, onde nesse tempo as cousas de Portugal estavão muito em voga, não só pelos Soberanos daquelle Paiz serem proximos parentes da Real Ca-

(1) O mesmo diz *Matris Dialogos*, o Author da *Historia Insularis*, e outros.

Casa Portugueza, mas porque faziamos ali hum commercio consideravel, e era frequente a emigração dos Flamengos para o nosso Reino, e para as Ilhas dos Açores: he mesmo provavel que desde então datasse a amizade entre elle e Job de Huerter, a quem os nossos chamarão Jos de Utra, que, como veremos noutro lugar, ali foi ter por aquelles tempos. O que he certo he, que ou fossem estes, ou outros quaesquer motivos que o obrigassem, nesta occasião he que elle se resolveo a passar a Portugal, onde chegou estando ainda no throno o Sr. D. Affonso V., isto he antes de Agosto de 1481.

Principiava então a raiar a aurora dos nossos bellos dias: o Infante D. Henrique tinha deixado aberto o caminho para a nossa gloria e prosperidade, e o Sr. Rei D. João II., que pouco tempo depois empunhou o Sceptro, propunha-se a seguillo, ainda se he possivel com maior empenho. Receando porém o ciume, que os outros Estados Europeos podião vir a ter do nosso engrandecimento, apezar das repetidas Doações dos Summos Pontifices, elle resolveo ter occultos os seus projectos, tè ao ponto de os suspender de todo, em quanto se não concluia a Fortaleza de S. Jorge da Mina, com que segurava de alguma sorte a possessão daquelles novos Estados. (1) Entretanto porém que isto não tinha lugar, não estava ocioso o seu espirito, antes pelo contrario buscava todos os meios de aperfeçoar a Arte da Navegação: os Mathematicos, e Cosmografos do seu tempo tinhão a certeza de receber delle hum acolhimento honroso; e Martim de Bohemia, ainda que não tivesse outro titulo, senão o de discipulo de Monte Regio, podia estar seguro de fazer a sua fortuna.

Tratava-se justamente então de hum objecto, o mais interessante para a Marinha, e o Astronomo recém-chegado veio ainda a tempo de tomar nelle a parte, talvez

Tóm. VIII.

Aaa

mais

(1) Veja-se o que sobre isto diz Barros Decada I.^a Liv. 3. Cap. 1.^o e 3.

mais principal; ouçamos o que diz João de Barros a este respeito.

“ No tempo que o Infante D. Anrique começou o
 ” descobrimento de Guiné, toda a navegação dos marean-
 ” tes era ao longo da costa, levando-a sempre por rumo:
 ” da qual tinham suas noticias per sinaes de que fazião
 ” roteiros, como ainda ao presente usão em alguma ma-
 ” neira, e pera aquelle modo de descobrir isto bastava.
 ” Però depois que elles quizerão navegar o descoberto per-
 ” dendo a vista da costa, e engolfando-se no peço do
 ” mar: conhecêrão quantos enganos recebião na estimati-
 ” va e juizo das sangraduras, que segundo seu modo em
 ” 24 horas davão de caminho ao navio, assi por razão
 ” das correntes como doutros segredos que o mar tem,
 ” da qual verdade de caminho a altura he mui certo mos-
 ” trador. Però como a necessidade hõ mestra de todas as
 ” artes, em tempo d’ Elrey D. João o II. foi por elle
 ” encomendado este negocio a mestre Rodrigo e a mes-
 ” tre Jusepe Judeo, ambos seus medicos, e a hum Mar-
 ” tim de Bohemia natural daquellas partes: o qual se
 ” gloriava de ser discipulo de Joanne de Monte Regio,
 ” affamado Astronómo entre os Professores desta Scien-
 ” cia. Os quaes achárão esta maneira de navegar per al-
 ” tura do Sol, de que fizerão suas távoadas pera declina-
 ” ção delle: como se ora usa entre os navegantes, ja mais
 ” apuradamente do que começou, em que servião huns
 ” grandes Astrolabios de páo.... de tres palmos de dia-
 ” metro, o qual armavão em tres paos a maneira de Ca-
 ” brea, por melhor segurar a linha Solar, e mais verifica-
 ” da e distinctamente poderem saber a verdadeira altura
 ” d’aquelle lugar: posto que levassem outros de latão mais
 ” pequenos, tão rusticamente começou esta arte, que tan-
 ” to fructo tem dado ao navegar. » Até aqui João de
 Barros. (1)

Dis-

(1) Decada I.^a Liv. 4. Cap. 2. O mesmo refere o nosso Maria Dialogo 4. Cap. 10. O Marquez de Alegrete, Manoel Telles da Sil-

Dissemos acima que Martim de Bohemia tinha talvez tido a parte mais principal nesta invenção, fundados em que tendo sido discipulo de Monte Regio, devia necessariamente ter noticias do seu Metheoroscopo, já então inventado; e do seu Astrolabio armilar, e taboas de declinação do Sol; ficando-lhe assim mais facil a applicação destes instrumentos ao uso da Marinha. A mesma affectação com que elle, segundo os nossos Authores, citava o nome daquelle Professor, parece dar a entender, que não occultava a quem devia todas aquellas invenções. (1)

Dentro de bem pouco tempo apparecco occasião de experimentar o novo instrumento, e de conhecer a sua utilidade. Pelo meio do anno de 1484 trouxe Diogo d'Azambuja a noticia de estar concluida a fortaleza da Mina; e desvanecidos com isto em grande parte os receios que até então houvera, levantou-se o veio que cobria as nossas legitimas pertençaes; ElRei de Portugal accrescentou aos seus titulos o de Senhor de Guiné; e as nossas navegações tomárão hum character decidido, e bem differente das que

Aaa ii

se

va *De Rebus gestis Joannis II.* pag 152 da Edição de Lisboa diz, que o Astrolabio servio a primeira vez para a viagem de Diogo d'Azambuja, o que não he tão provavel nem pelo tempo, nem porque a derrotá que o Azambuja havia de fazer era já mui conhecida, e não passava da Mina.

(1) O Author do Diccionario da Marinha da *Encyclopedia methodica*, em o Artigo Astrolabio, he de alguma sorte injusto a nosso respeito « O Astrolabio (diz elle) foi posto entre as mãos dos Marinheiros Portuguezes entre 1400 e 1500, em o Reinado d'Elrei D. João II. pelos dois Medicos Rodrigo, e Joze, e por Martim de Bohemia, discipulo de Monte Regio, os quaes para o tempo erão habéis Mathematicos. Os navegadores Portuguezes cheios de confiança n'este instrumento. . . julgarão ter determinado exactamente todos os lugares que observarão » &c. Ora esta confiança não era por certo tão grande, como aquelle Author a presume. Vasco da Gama, chegado á Ilha de Santa Helena, sahio em terra com os Pilotos para tomar a altura do Sol « porque (diz Barros) como do uso do Astrolabio, para aquelle mister da navegação, havia pouco tempo que os mareantes deste Reyno se aproveitavão, e os navios erão pequenos, não confiava muito de a tomar dentro nelles, por causa do seu arfar. » Barros Dec. I. Liv. 4. Cap. 2.

se tinham feito até aquelle tempo: os lugares mais notaveis da Costa forão demarcados, em vez de cruces de páo, com o Escudo das armas Reaes deste Reino, e inscripções Latinas e Portuguezas, que indicavão o Rei, o tempo, e o Capitão que os tinha descoberto.

A' chegada pois do Azambuja tudo estava apparelhado, ou se apparelhou em poucos dias para continuar os descobrimentos. Diogo Cão, Commandante desta nova expedição, não esperava mais do que a ordem para partir, a qual com effeito lhe chegou em o mez de Novembro; e Martim de Bohemia, que devia igualmente embarcar a titulo de Cosmografo, propunha-se sem dúvida a fazer as primeiras experiencias com os seus instrumentos, e a determinar as longitudes, e latitudes no meio do mar. Ouvamo-lo referir, ainda que mui succintamente, esta viagem, em huma nota do Globo de Nuremberg, de que abaixo fallaremos.

« Em o anno de 1484 depois do nascimento de Jesu
 » Christo, o Illustre Rei D. João de Portugal fez armar
 » dois navios chamados caravellas, (1) bem providos de
 » homens, viveres, e armas para tres annos; e ordenou
 » á equipagem, que navegasse (passadas as columnas pos-
 » tas por Hercules em Africa) sempre para o Meio-dia, e
 » para onde nasce o Sol, tão longe, quanto lhe fosse pos-
 » sível. Alem disso fez o dito Rei carregar estes navios de
 » todo o genero de mercadorias, para se venderem e darem
 » em resgate; assim como de desoitō cavallos, com todos
 » os seus jaezes, os quaes forão embarcados para dar de
 » presente aos Reis Mouros, hum a cada hum, segundo
 » nós julgassemos conveniente. Derão-nos tambem amos-
 » tras de todas as Especiarias, para as fazer ver aos
 » Mouros, e dar-lhe a entender por este modo o que vi-
 » nhamos buscar a seus Paizes. Estando assim apparelha-
 » dos, sahimos do porto de Lisboa, e nos fizemos á vela
 » pa-

(1) Faria e Sousa na *Memoria de todas as Armadas &c.* diz que esta expedição foi de hum só navio.

» para a Ilha da Madeira, aonde cresce o açúcar de Por-
 » tugal ; e depois de termos dobrado as Ilhas Fortuna-
 » das (1), e ás Selvagens das Canarias, achámos alguns
 » Reis Mouros, a quem demos varios presentes, e que tam-
 » bem no-los offerecerão, e chegámos ao Reino de Gam-
 » bia, onde nasse a malagueta, distante de Portugal 800
 » legoas Alemans; depois do que passámos aos dominios
 » do Rei de Furfur, distantes 1200 legoas ou Milhas, e
 » onde cresce a pimenta chamada de Portugal: mais lon-
 » ge ainda esta outro Paiz, onde achámos a casca de can-
 » nella ; e tendo-nos então affastado do Reino 2300 le-
 » goas, nos fizemos na volta, e no decimo nono Mez
 » chegámos á Corte do nosso Rei.» (2)

Antes que passemos adiante devemos notar, que esta noticia he até aqui bastante conforme com o que nos deixou escrito Barros, sobre a primeira viagem de Diogo Cão ; o qual chegou até o Rio Zaire no Reino do Congo, onde assentou o seu ultimo Padrão. O que porém se deve confessar he, que nem naquelle Paiz, nem em toda a Costa Occidental da Africa se cria a arvore da cannella, o que parece huma prova de que, ou Martim de Bohemia se equivocou com alguma outra arvore aromatica que ali encontrasse, ou que (seguinto o uso dos viajantes) quiz amplificar os seus descobrimentos, revestindo-os

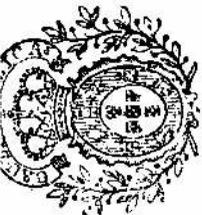
na

(1) Abaixo teremos occasião de ver, que as Ilhas que aqui se appellidão Fortunadas, são as que actualmente se chamão de Cabo Verde.

(2) Segundo a Chronologia de Barros, que parece neste lugar a mesma de Martim de Bohemia, tendo Diogo d'Azambuja chegado á Mina a 19 de Janeiro de 1482, e demorando se ali dois annos e 7 mezes, não podia tornar a Lisboa senão no fim de Agosto, ou em Setembro de 1484; e por conseguinte a partida de Diogo Cão, que foi depois da chegada d'elle, também não podia ser antes de Outubro daquelle anno: accrescentando pois os 19 mezes que Martim de Bohemia diz, que gastára na viagem, devia a sua volta ser em Abril ou Maio de 1486, que he o mesmo que diz Barros. Julguei necessaria esta explicação, não só porque Manoel de Faria emendou a data de 1486, mas porque he necessario fixar esta época pelo motivo que logo veremos.

na sua Patria de algumas circumstancias mais extraordinarias.

Continuando o exame de algumas das outras notas do mesmo Globo, está huma debaixo das Ilhas do Principe, S. Thomé, e S. Martinho, que diz: « Estas Ilhas » forão descobertas pelos navios, que Elrei de Portugal » enviou a estas paragens do Paiz dos Mouros no anno » de 1484. Nós somente ali achámos dezertos, e não vi- » mos homem algum; só bosques e aves. Elrei de Por- » tugal manda para ali todos os annos os condenados » á morte, assim homens como mulheres, e lhes dá ter- » ra para agricultarem, e sustentarem-se com o seu pro- » ducto, a fim de que estes Paizes sejam habitados por » Portuguezes. He verão nestas terras quando na Europa » he Inverno, e todos os passaros e quadrupedes são dif- » ferentes dos nossos. Ha tambem grande abundancia de » ambar, a que em Portugal se chama algalia. »



Transcrevemos este passo, porque elle parece desvanecer as incertezas, que João de Barros, e com elle alguns dos nossos Historiadores, tiveram a respeito destas Ilhas. Todos elles as dão por conhecidas no tempo do Sr. D. Afonso V., e Galvão lhe assignou o anno de 1471 ou 72. (1) O que se diz na Decada 1.^a Liv. 2. Cap. 2. he o seguinte: « Tambem se descobrio a Ilha de S. Thome, Anno » bom, e a do Principe per mandado d' Elrey D. Affonso; e outros resgates, e Ilhas, das quaes não tratamos » em particular, por não termos quando, e per que Capitães forão descobertas, porem sabemos na vos commum » serem mais couzas passadas e descobertas no tempo » deste Rey, do que temos escrito. » Vê-se pois que este boa-

(1) Em a Introducção á *Navegação de Lisboa para a Ilha de S. Thomé*, seguimos com o commum dos Escritores, que esta Ilha fôra descoberta em 1472, por não termos então conhecimento das notas ao Globo de Nuremberg. Apezar porém de tudo, pôde acontecer que se descobrisse neste tempo, mas que não se seguindo este descobrimento, só depois de segunda vez descoberta por Diogo Cão, he que se principiasse a povoar de Portuguezes.

boato he que antecipou treze annos aquelle descobrimento, que huma testemunha ocular nos transporta tão individualmente para o tempo do Sr. D. João II.

Sendo como deixamos dita a partida de Diego Cão em Novembro, e tendo feito escala por alguns portos, chegou dia de S. Thomé á Ilha daquelle nome, e 1.º primeiro de Janeiro de 1485 á outra a que pozerão o titulo de Anno bom, donde depois seguiu a sua derrota. He interessante a noticia destes descobrimentos, por serem a nosso ver os primeiros, em que servirão os novos instrumentos maritimos: todas as ilhas até então conhecidas, cu erão muito proximas á Costa, ou tinham sido abordadas por causa de alguma grande tempestade, assim se descobriu a Ilha de Porto Santo, e assim foi Antonio de Nolle parar ás Ilhas de Cabo Verde; quando estas (a pezar de distar a Ilha de S. Thomé mais de 50 legoas da Costa, e a de Anno bom mais de 80) forão reconhecidas sem preceder tormenta alguma, de que se faça memoria.

Talvez assignar Antonio Galvão o anno de 1472 pro-
ceda de huma equivocação bem desculpavel, n'hum tem-
po em que estes successos erão quasi todos tradicionaes.
Quando Martim de Bohemia falla das Ilhas de Cabo Ver-
de diz: «As Ilhas Fortunadas ou de Cabo Verde achão-
» se habitadas pelos Portuguezes desde 1472 » (1) isto he;
na mesma época em que Diogo Cão foi reconhecer as ou-
tras; o que podia dar lugar a confundir estes dois aconte-
cimentos.

Antes de concluirmos com esta viagem, não será fóra de proposito indicar o que nos dêo motivo a desconfiar da
sin-

(2) Já deixámos notado, que Martim de Bohemia se persuadiu, que as Fortunadas dos Antigos, erão as Ilhas de Cabo Verde. Esta foi a opinião de alguns Escritores daquelle tempo, e do grande Barros. Hoje está demonstrado, que são as Canarias, e já Camões tinha dito

Passadas tendo já as Canarias Ilhas,
Que tiverão por nome Fortunadas

Camões Lus. Cap. 5. Est. 8.



sinceridade de Behaim a respeito da arvore da canella. Em huma nota escrita por baixo da Linha equinoccial, em frente da Africa, depois de ter explicado as authoridades que seguíra para a descripção do Globo, diz, fallando particularmente da Africa «O Illustre D. João Rei de Portugal fez vizitar pelos seus navios em 1485 o resto desta parte do Globo, para o Meio-dia, que Ptolomeo não tinha conhecido, descobrimento em que eu Autor deste Globo, me achei» e em outra nota ao Cabo da Boa Esperança «Aqui forão plantadas as Columnas d'Elrei de Portugal em 18 de Janeiro de 1485» Tambem, passando o Cabo do Rio Targonero, escreve «Até aqui vierão os navios Portuguezes, e levantarão a sua columna, e no fim de dezanove mezes voltarão para o Reino.» Destes diferentes lugares parece poder-se concluir, que se Martin de Bohemia não se atreve a dizer, que montou o Cabo da Boa Esperança, dá todos os indicios para que assim o acreditem os que não souberem da viagem de Bartholomeu Dias, que o vio pela primeira vez em 1487, tendo partido de Lisboa em Agosto do anno antecedente, isto he, tres ou quatro mezes depois da chegada de Diogo Cão. (1)

Em companhia deste voltou tambem o nosso Behaim, satisfeito dos seus instrumentos, e digno de receber por taes serviços a devida recompensa. Qual porém esta tivesse sido ainda nos não foi possível averiguar. Os Authores que escrevêrão a sua Historia, ao menos a maior parte, fundados em hum supposto documento de Nuremberg, fazem-no armar Cavalleiro da Ordem de Christo aos 18 de Fe-

(1) Barros diz que Barthomeo Dias empregou nesta expedição 16 mezes e 17 dias, e que voltou ao Reino em Dezembro de 1487, para o que devia ter partido em Agosto de 1486. Por tudo isto se vê, que só de proposito he que Martin de Bohemia confundio as épocas deste acontecimento, fazendo-o succedido em o anno de 1485; e dando áquella viagem a mesma duração de 19 mezes que teve a sua. Hum homem que escreve para os seus patricios, a mais de duas mil legoas de distancia do theatro das suas expedições, e que a pesar disso não se atreve a mentir claramente, merece sem dúbida os nossos elogios.

Fevereiro de 1485; mas além de que esta época he visivelmente falsa, porque então estava elle ainda nas vizinhanças do Congo, as circumstancias do tal diploma são de todo inverosímeis. (1) O Sr. Antonio Ribeiro dos Santos, em huma muito erudita Memoria sobre os Mathematicos Portuguezes, fallando neste de passagem, diz que o Sr. Rei D. João II. lhe deo as honras de seu Escudeiro; (2). mas não podemos ainda averiguar donde elle tirou aquelle factó: parece porém evidente que, ou por esta, ou por outra maneira, não deixaria de ser bem recompensado de hum Rei, que extremamente o estimava, e que delle fazia toda a confidencia.

Tom. VIII.

Bbb.

Pro-

(1) Eis-aqui o tal Documento, conforme o transcreve Mr. Otto. « Aos » 18 de Fevereiro de 1485 Martin Behaim de Nuremberg foi armado » Cavalleiro, em a Igreja de S. Salvador das Allasavás (Alcáçovas) em » Portugal, depois da Missa, pela mão do muito poderoso Sr. Rei » D. João 2.º de Portugal, Rei dos Algarves, de Africa e de Guiné. » O seu primeiro Cavalleiro foi o mesmo Rei, que lhe cingio a espada; » o Duque de Reja foi o segundo, e lhe calçou a espada direita; o ter- » ceiro foi o Conde Christovão de Mello, Primo d'El Rey, que lhe calçou » a esquerda; o quatto Cavalleiro foi o Conde Martini Barbarinis, que » lhe poz o capacete de ferro, e lhe deo a espaldeirada: isto se passou » em presença de todos os Principes, e Senhores, e Cavalleiros do Rei- » no. » Deixamos aos curiosos a averiguação de quem era o Conde Christovão de Mello, Primo d'Elrei, e o outro Conde Martini de Barbarinis, personagens ambas para nós desconhecidas. O que podemos affirmar he, que na Chancellaria da Ordem de Christo, que se conserva na Torre do Tombo, não se acha nada anterior ao Reinado do Sr. Rei D. Sebastião, e por conseguinte não se pode ali fallar de Martin de Bohemia.

(2) Supposto que tambem não venha o seu nome escrito no Livro das Moradias da Casa do Sr. Rei D. João 2.º, que está impresso a pag. 176. do segundo volume das *Provas da Historia Genealogica da Casa Real*, pode muito bem estar, que elle tivesse ali assento; pois a cópia, que deste Livro se imprimio, parece ser bastante diminuta. Por muitas razões nos he penoso que o estado da vista do Sr. Antonio Ribeiro dos Santos o impossibilite de qualquer applicação, sem isto elle teria sem duvida ajudado muito e aperfeiçoado os nossos trabalhos; a Historia e as Antiquidades de Portugal fazem nissó huma perda, que por ora está bem longe de ser supprida, e de que são testemunho as suas eruditas e numerosas composições.

Pouco tempo depois de Martim de Bohemia voltar da Africa, teve huma noticia que lhe devia ser bem desagradavel. Aquelle Tio, que o tinha educado, a quem amava como Pai, e com quem tivera huma correspondencia epistular tão continuada, falleceo em Nuremberg em 1486; e talvez foi este successo que acabou de o resolver a fixar de todo a sua residencia em Portugal, casando então mesmo com huma Filha de Job de Huerter, ou Joz d' Ultra, primeiro Capitão donatario das Ilhas do Fayal e Pico, e de sua Mulher Dona Brites de Macedo; a qual tinha por nome Dona Joanna.

Em a segunda parte teremos occasião de tratar das equivocacões a que este casamento dêo motivo; sómente diremos agora, que em virtude delle, accompanhou seu Sogro em a Ilha do Fayal, onde ao terceiro anno de residencia veio hum Filho estreitar mais o laço conjugal, e fixar Behaim em o centro de sua Familia. Desejava porém antes disso ver ainda huma vez a sua Patria, e abraçar os seus amigos e parentes; e pondo em prática esta resolução, partiõ para Nuremberg em 1491, tendo a satisfação de encontrar em casa de seu Primo, Miguel Behaim, o mesmo acolhimento e carinho, que noutro tempo tantas vezes recebêra de seu Pai.

Não foi tambem menos sensivel ao regozijo, com que o recebêrão os outros habitantes daquella Cidade, que o olhavão como hum homem extraordinario, e o maior viajador do seu tempo. Para de alguma sorte corresponder a estas demonstrações de obsequio, he que elle lhe quiz deixar huma prova duravel do seu agradecimento; demorando-se ali até concluir o celebre Globo terrestre, em que já temos fallado; que Dopelmayer e Murr nos descreverão; e de que, eu tomando este último por guia, vou a tratar mais especificadamente.

O Globo tem de diametro hum pé e oito pollegadas de París, e está assentado sobre hum alto pedestal de ferro; o seu Meridiano he tambem de ferro, porém o Horizonte he de latão, e foi feito muito tempo depois, co-

mo

mô se vê de huma inscripção que tem no rebordo, a qual diz: *Anno Domini 1510, die 5 Novembris*. Os diferentes senhorios das terras são indicados pelas bandeiras das Potencias respectivas, as quaes são coloridas, assim como as moradas, e figuras dos habitantes de cada Paiz. Os nomes dos lugares são escritos com tinta vermelha e amarella, sobre hum pergaminho bastante denegrido.

Como alguns chegarão a avançar, que já neste Globo vem desenhada a America, ainda que, segundo dissemos, trataremos particularmente disto na segunda parte desta Memoria, será conveniente certificar desde já, que he hum engano. O Cypango he o Paiz que ali se vê mais avançado para o Este, e he representado como huma grande Ilha oblonga, e quasi rectangular, cortada superiormente na terça parte do seu comprimento pelo Tropico de Cancro. Superior a Cypango, e quasi no mesmo Meridiano, estão as Ilhas do Cathayo; e desde ali até o Meridiano da ultima Ilha de Cabo Verde, não se vê terra alguma, quer para o lado Austral, quer para o Meridional, senão a supposta Ilha de S. Brandão, e a outra a que elle chama Antilia ou Sete Cidades, (1) quasi debaixo do

Bbb ii

mes-

(1) Junto a esta Ilha Antilia está a seguinte nota » No anno de 734 » depois do Nascimento de Christo, anno em que toda a Hespanha foi » conquistada pelos Pagãos, vindos d'Africa, a Ilha Antilia chamada » sete Ritade (Cidades) foi habitada por hum Arcebispo do Porto, com » seis outros Bispos, e quantidade de Christãos homens e mulheres, » que aqui se salváram da Hespanha com os seus gados e bens. Foi » hum Navio Hespanhol que em 1414 se chegou mais perto della « Depois do que dizemos acima, e do que se refere nesta nota, que pessoa de boa fé poderá tirar daqui por conclusão que já neste tempo havia noções da America? sem se lembrar que (pela sua mesma posição) a Antilia dos Antigos era tão fabulosa, como a Ilha de S. Brandão, a Masculina e Feminina, e outras daquelles Escritores. Se as Ilhas que descobriu Colombo, junto ao grande Golfo do Mexico, não tivessem recebido o nome de Antilhas, he muito provavel que a velha Antilia estivesse hoje totalmente esquecida: mas argumentação da paridade dos nomes para a das coisas, sem advestirem nem na diferente posição, nem mesmo em que a velha Antila era huma só Ilha, isolada no meio do mar; e as novas huma immense Archipelago difficil de se poder na

mesmo Tropico de Cancer: em fim não se tira deste Globo a menor idéa de que seu Author tivesse, na época em que foi feito, noticia alguma da America.

Continuando com a sua descripção; na parte inferior delle, e perto do Polo Antartico, está pintada em hum circulo de 7 pollegadas de diametro a Aguia de Nuremberg com a cabeça de Virgem, e por baixo as Armas da Familia de Nutzel; á direita as da Familia de Volkamer, e de Behaim; e á esquerda as das Familias de Groland e de Holzschuer: á roda de todas estas pinturas estão escritas cinco linhas com as palavras seguintes: “A
 ” requerimento dos sabios e veneraveis Magistrados da
 ” nobre Cidade Imperial de Nuremberg, que actualmente
 ” a governação, chamados Gabriel Nutzel, P. Wolkamer,
 ” e Nicoláo Groland. Foi inventado e executado este Glo-
 ” bo, conforme os descobrimentos, e indicações do Ca-
 ” valheiro Martim Behaim, peritissimo na Arte da Cos-
 ” mografia, o qual navegou á roda da terça parte da Ter-
 ” ra. Tudo extrahido com summo cuidado dos Livros de
 ” Ptolomeo, Plinio, Strabão, e de Marco Paulo; e tudo
 ” disposto, tanto mares como terras; segundo a sua figura
 ” e situação, como foi ordenado pelos ditos Magistrados
 ” a Jorge Holzschuer, que concorreo para a execução deste
 ” Globo em 1492. E foi deixado pelo sobredito Sr. Mar-
 ” tim Behaim á Cidade de Nuremberg, como hum pe-
 ” nhor e homenagem da sua parte, antes de voltar para
 ” a companhia de sua Mulher, que habita em huma Ilha
 ” na distancia de 700 legoas, aonde elle fixou a sua resi-
 ” dencia, e onde se propõe de acabar seus dias.”

Jul-

merar. O outro indicio tirado da Etimologia ainda parece mais futil; dizem que as novas Antilhas se chamão assim por estarem fronteiras ás grandes Ilhas da America, e quezem que por igual razão se chamasse assim a velha Antilia: mas como pôde isto ser se em o Mappa que a traz, não vem nenhuma destas grandes Ilhas Americanas? Porque não diremos antes que os Antigos derão este nome á Ilha, que suppozeraõ opposta e defronte das Canarias, referindo-se assim antes á parte de Globo copascida, do que a outra que ainda o não era?

Julgamos dever parar aqui, posto que ainda são muitas mais as notas que poderíamos transcrever; mas excepto huma, de que ainda teremos occasião de fallar, todas as outras são de pouco interesse, e não dizem respeito nem á vida do Author, nem á Historia Portugueza: quem as quizer ver em toda a extensão, achallas-ha na já citada Dissertação de Mr. Murr, para onde remettemos os curiosos.

Em 1493 estava Martim de Bohemia já em Lisboa; de volta da sua Patria, e pouco depois na Ilha do Fayal em companhia da sua Familia. Foi curto porém o tempo que lhe deixarão gosar do socego domestimo: ElRei D. João II., que estava perfeitamente inteirado do seu prestimo e capacidade, determinou empregallo em huma Commissão melindrosa, a cujo exito elle tinha ligado o maior interesse, e para a qual com effeito seria difficil encontrar outro homem mais proprio.

Todos sabem, que este Monarcha tinha perdido sem successão o unico Filho que tivera da Rainha Dona Leonor; e que por isso o seu herdeiro ao Throno era o Sr. D. Manoel, Irmão da Rainha, e Primo com Irmão de ElRei: mas este futuro successor era tambem Irmão do Duque de Viseu, assassinado ás punhaladas pelo proprio Rei; e só por huma particular providencia tinha escapado ás tramas de seus inimigos, que o não tratarão com tanta crueza. A pezar porém desta benignidade, he evidente que nem elle podia amar ElRei, nem este podia ver com gosto hum Principe, que não só lhe recordava os seus passados ressentimentos, mas que devia pôr hum oia na cabeça aquella Coroa, que tanto tinha forcejado por que não passasse á sua Familia. A estes motivos, já tão fortes, accrescia outro de não menor peso no coração humano: tinha ElRei hum Filho, fructo de seus amores clandestinos com Dona Anna de Mendouça, Senhora de nobre linhagem, e que em extremo lhe era cara. Este Filho por nome D. Jorge, tinha sido criado com o maior melindre em casa da Princeza Santa, Dona Joanna; e por morte d. s-

ta,

ta, vivia na Corte, extremamente festejado da mesma Rainha até hum certo tempo. Foi pois para este D. Jorge, que ElRei D. João II. intentou fazer passar o Sceptro, mas para isto era necessario legitimallo primeiramente; e alcançar o consentimento, e approvação de algumas Personagens da primeira Jerarchia.

Podem ver-se em D. Agostinho Manoel de Vasconcellos as machinações, que se pozerão em uso para interressar a Corte de Roma a favor deste projecto: as que se praticarão com a Rainha forão totalmente infructiferas, e segundo nos diz hum dos Escritores daquelle tempo (1)

» a pizar de ser para isso d' Elrey muitas vezes requerida, soffreo pelo não consentir muitas paixoes, disfavor, e esquivanças, com muita paciencia, dissimulação, e prudencia, sem nunca querer nisso outorgar.»

Vendo pois ElRei que nada conseguia directamente, lembrou-se de fazer intervir huma terceira pessoa, cuja authoridade dêsse maior peso ás suas pertencões, e cujo parentesco com elle, com a Rainha, e com o Sr. D. Manoel, afastasse toda a idéa de parcialidade, e parecesse assim não aspirar senão ao bém e socego do Estado. O Imperador Maximiliano I. estava justamente em circumstancias de reunir todas estas qualidades.

Filho de Frederico IV., e da Princeza de Portugal Dona Leonor, era Neto por este lado do Sr. Rei D. Duarte; e tendo casado com Maria de Burgonha, Neta da Infanta Dona Izabel, tinha annexado os seus dominios aos que lhe pertencião pela parte paterna, o que tudo o constituia hum excellento mediador nas cousas de Portugal.

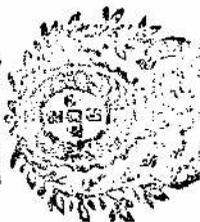
Tomada pois por ElRei D. João II. a resolução de o acariciar para os seus fins, era-lhe necessario hum homem de confiança, versado nos usos da Alemanha, e nos sentimentos da Corte de Lisboa; e achou estas vantagens em Martim de Bohemia, cuja nomeação devia além disso

ser

(1) Rezende na *Chronica d' ElRei D. João II.*, e o mesmo refere Ruy de Pina quasi pelas mesmas palavras.

ser bem agradavel ao Imperador, que tinha hum gosto particular em proteger e conversar com as Pessoas instruidas; que se applicava elle mesmo ás Letras; e que via no Embaixador Portuguez hum antigo subdito seu, com a reputação do maior viajante do Universo. (1)

De huma carta, escrita por Martim de Bohemia aos 11 de Março de 1494, consta, ainda que imperfeitamente, o fim desta nova viagem, que varios infortunios retardarão (2); pois apenas partido de Lisboa com as suas Credenciaes (3) foi aprisionado no mar, e conduzido a Inglaterra, onde teve huma grave doença: achando-se restab lecido della no fim de tres mezes, tornou a embarcar-se, e cahio de novo nas mãos de hum Corsario, que o conduzio a França. Em fim depois de ter pago o seu resgate, partio para Anvers, e dali para Bruges, onde parece que estava então o Imperador. Tantas demoras tornarão felizmente esta jornada infructuosa; e pouco depois



(1) O mesmo Maximiliano dá este testemunho quando diz *Martino Bohemo nemo unns Imperii Civium magis unquam peregrinator fuit; magisque remotas adivit orbis regiones.*

(2) Mr. Murr traz apenas hum extracto desta Carta, e esse mesmo bastante imperfeito, e errado. Eis-aqui o seu principio « Em 1494 » D. João 2.^o mandou Martim Behaim a Flandres, a seu Filho natural o Principe Jorge, a quem desejava passar a Coroa » &c. O que he hum manifesto engano, pois nunca D. Jorge esteve em Flandes, nem até á morte de seu Pay sahio destes Reinos; porém já observámos que Murr não sabia muito da nossa Historia, e por isso cahê ás vezes em equivocções extraordinarias: assim por exemplo confundindo João Infante com hum Infante D. João, diz que Bartholomeu Dias descobrio o Cabo da Boa Esperança, juntamente com o Infante D. João, &c.

(3) Parece que esta Credencial, ou antes alguma copia se conservou muito tempo na Familia de Behaim. Referem alguns Autores ser tradição, que ElRey D. João 2.^o escrevêra em huma Carta do seu punho a Martim de Bohemia. *Quia perspecta nobis jamdiu integritas tua nos inducit ad credendum quod ubi tu es, est Persona nostra,* &c. Alguns dão esta Carta por verdadeira, e se servem della para exaltar as grandes demonstrações de affecto da parte d'ElRey; outros a dão por apócrifa, reputando aquellas palavras indecorosas ao Monarca; e nem mesmo Mr. Murr, que falla na Embaixada de Behaim, se lembrou de que era huma simples Credencial.

pois de ali chegar, recebeu novas ordens, em contrario ás primeiras, tendo-se augmentado neste meio tempo a molestia d'ElRei, e tendo-se talvez com isso descoraçoadado daquelle seu intento. He ao menos certo, que estas ordens para elle se retirar a Lisboa, forão tão instantes, que tendo escrito de Bruxellas a carta de que acima fallámos, não lhe foi possível remettella senão depois de chegado a esta Capital.

Desde esta época, que foi tambem com pouca differença a da morte do Sr. D. João II., cessarão as peregrinações de Martim de Bohemia; e a sua vida na Ilha do Fayal passou tranquilamente, repartida entre o estudo, e o cuidado da sua Familia, augmentada com mais hum Filho, que parece não durou muito. (1) Os seus conhecimentos, principalmente na Geografia e Astronomia, erão taes, que os seus amigos, e em geral todos aquelles Povos o olhavão com huma reverencia supersticiosa, tanto erão certos os seus calculos, e prognosticos. Podem ver-se em Fr. Gaspar Fructuoso, e no Liv. 9. Cap. 8. da *Historia Insulana* sufficientes noticias a este respeito.

Corria o anno de 1506 quando elle se resolveo a vir com a sua familia para Lisboa, onde encontrou seu Irmão mais moço por nome Wolf, ou Wolfrath, (2) que aqui veio ter. Ainda que não saibamos ao certo o motivo desta ultima viagem, póde conjecturar-se com toda a probabilidade que ella foi feita por ordem superior, com o fim de aproveitar os seus conhecimentos Geograficos em a construcção de algumas Cartas Maritimas, de huma das
quaes

(1) Segundo Cordeiro (*Hist. Ins.* pg. 463.) teve Martim de Bohemia dois filhos, o mais velho dos quaes se chamou Martinho, e morreu ainda menino. Mr. Murr só falla deste, e diz que lhe sobreviveo, e que d'elle ainda se conservão Cartas. Consta tambem que em 1519 fez elle pôr em Nuremberg a direita do Altar mór, no Coro da Igreja de Santa Catharina huma lápide sepulcral com as armas de seu Pay: parece pois que o morto devaria ser o segundo, pois não he crível que ambos tivessem o mesmo nome.

(2) Morreo no anno de 1507, e está enterrado na Igreja da Conceição de Lisboa.

quaes (como logo veremos) ainda se conserva memoria. Mas estes novos serviços forão de pouca duração, pois consta por documentos authenticos, que falleceo a 29 de Julho daquelle mesmo anno, e jaz enterrado na Igreja de S. Domingos junto ao Rocio.

Diz-se que a sua Familia possui ainda dois retratos seus, hum muito antigo, outro mais moderno: naquelle, que he de corpo inteiro, lê-se a seguinte inscripção: « *Martinus Bobemus Norimberg. Eques, Serenissimorum Johannis II. et Emmanuelis Lusitaniæ Regum Thalastus et Mathematicus insignis. Obiit 1506 Lisabonæ.* »

P A R T E II.

POR não cortar tantas vezes o fio da Historia de Martinim de Bohemia, guardámos para agora o exame de tres factos, em que alguns Escritores se persuadirão que elle tinha tido huma parte muito principal, e vem a ser o descobrimento das Ilhas do Fayal, e Pico; o da America; e o do Estreito de Magalhães; dos quaes trataremos por esta mesma ordem.

Em quanto ao primeiro, he facil demonstrar que Martinim de Bohemia não teve nisso a menor influencia; ouçamos as suas proprias palavras, tiradas de huma nota ao Globo de Nuremberg: « As Ilhas dos Açores forão habi- » tadas em 1466 (1); quando ElRei de Portugal as deo, » depois de muias instancias, á Duqueza de Burgonha, » sua Irmã (2), por nome Izabel. Havia então em Flan- » dres huma grande guerra, accompanhada de huma ex- » tremo fome; e a Duqueza mandou para estas Ilhas gran-
Tom. VIII. Ccc » de

(1) Ainda que se exprima em geral por Ilhas dos Açores, só quer fallar do Fayal e Pico segundo parece.

(2) Em 1466 reinava em Portugal D. Affonso V., o qual era Sobrinho da Infanta D. Isabel, por quanto esta era Irmã d'Elrei D. Duarte.

» de quantidade de homens, e mulheres de todos os Of-
 » ficios, e igualmente Sacerdotes, e tudo o mais que per-
 » tence ao Culto religioso; tambem mandou varios na-
 » vios carregados de moveis, e do necessario para a cul-
 » tura das terras, e edificação das casas, e lhes fez dar
 » durante dois annos tudo aquillo de que podião ter ne-
 » cessidade para subsistir, a fim de que pelo tempo adian-
 » te, em todas as Missas, cada hum a pessoa rezasse por
 » ella huma *Ave Maria*, e subião estas a duas mil: de
 » sorte que, com aquelles que ali passarão e nascerão de-
 » pois, formarão alguns milhares. Em 1490 havia ainda
 » alguns milheiros de pessoas, tanto Alemans como Fla-
 » mengas, que ali tinhão vindo com o nobre Cavalheiro
 » Job de Huerter, senhor de Moerkirchen em Flandres,
 » meu caro Sogro, a quem estas Ilhas forão dadas para
 » elle e seus descendentes, pela dita Duqueza de Burgonha.
 » Cresce nellas o açucar de Portugal: os fructos ama-
 » durecem duas vezes por anno, porque não ha Inverno;
 » e todos os viveres são baratos, de sorte que muita
 » gente poderia lá achar a sua subsistencia.

» No anno de 1431 depois do nascimento de N. S.
 » Jesu Christo, reinando em Portugal o Infante D. Pedro,
 » armarão-se dois navios, munidos das cousas necessarias
 » para dois annos de viagem, por ordem do Infante D.
 » Henrique, Irmão do Rei de Portugal; e isto para hirem
 » ao descobrimento dos Paizes que se achavão além do
 » Cabo de Finisterra; os quaes assim apparelhados fize-
 » rão sempre vela para o Poente, pouco mais ou menos
 » na distancia de 500 legoas, e finalmente descobrirão es-
 » tas dez Ilhas (1), e tendo desembarcado nellas, não acha-
 » rão senão desertos, e aves tão domesticas, que não fu-
 » gião de ninguem; pois como não havia vestigios de ho-
 » mens

(1) Segundo os nossos Autores não se descobrirão neste anno senão
 as chamadas Formigas: no seguinte de 1432 he que Gonçallo Velho
 Cabral abordou a Santa Maria. As outras forão descobertas subsequen-
 temente.

» mens nem de quadrupedes, esta era a causa de não se-
 » rem as aves espantadiças; e assim derão a estas Ilhas
 » o nome dos Açores. Depois para satisfazer ás ordens
 » d'Elrei de Portugal, mandarão no anno seguinte desaseis
 » navios com toda a especie de animaes domesticos, e lan-
 » çarão huma porção em cada Ilha para multiplicarem.»

Vê-se por esta nota, que o primeiro povoador das Ilhas do Fayal foi Job de Huerter, Sogro de Martim de Bohemia, cuja alliança dêo origem a reputarem alguns, que este descobrimento lhe pertencia: vê-se tambem que este primeiro senhorio lhe foi dado pela Duqueza de Borgonha, em virtude da concessão que destas Ilhas lhe fize- ra ElRei D. Affonso V.; e mas poder-se-ha isto reputar como huma verdade demonstrada? Ouçamos o que diz a este respeito o veridico Padre Cordeiro a pag. 457 da sua *Historia Insulana*.

» Estando já em parte, ainda que pouco, povoado o
 » Fayal por particulares Portuguezes, que da Terceira, S.
 » Jorge, e Graciosa lhe forão; tratavão as Pessoas Reaes
 » de nomear algum Capitão Donatario da Ilha, para que
 » com mais riqueza e nobreza a povoasse toda; e porque
 » então andava em Lisboa, e no serviço das Pessoas Reaes
 » hum grande Fidalgo Flamengo, chamado Joz d'Utra,
 » a este Fidalgo nomeou Elrei de Portugal por Ca-
 » pitão donatario de toda a Ilha do Fayal, e o casou
 » com huma Portugueza, Dama do Paço, chamada Bri-
 » tes de Macedo, da antiga Fidalguia dos Macedos. Des-
 » te Joz d'Utra diz Barros, que era Flamengo, natural da
 » Cidade de Bruges, no Ducado de Flandres, e que era
 » senhor de certas Villas no mesmo Ducado, e que tinha
 » vindo mancebo a Portugal, com a fama dos descobre-
 » mentos feitos pelos Portuguezes, e só a ver terras, e
 » aprender lingoas, como costumavão então fazer os illus-
 » tres e ricos Fidalgos em sua mocidade.

» Passadas pois as Cartas de Capitão donatario do
 » Fayal ao dito Joz d'Utra, na fórma em que se tinhão
 » passado aos donatarios da Madeira e mais Ilhas; vol-

» tou de Lisboa a Flandres o dito Utra, e vendendo la
 » o muito que la tinha, meteo suas riquezas em navios, to-
 » mou por companheiros a muitos outros Fidalgos e Pa-
 » rentes seus. . . . e outros mais ordinarios povoadores, e
 » com tudo a sua custa se tornu a Lisboa, e com sua
 » mulher se veio meter em o Fayal. . . .

» Primeiro Capitão pois e donatario da tal Ilha foi
 » o dito Joz d' Utra, e a dita sua Mulher Brites de Ma-
 » cedo; e ainda que dizem alguns que Joz d' Utra
 » casára com hum chamada Corterreal, enganarão-se não
 » distinguindo o primeiro Joz d' Utra, Capitão primeiro,
 » de hum seu Filho e do mesmo nome, que lhe succe-
 » deo na Capitania, e este foi o que casou com aquella
 » Corterreal. Do tal Capitão Joz d' Utra e da tal Brites
 » de Macedo nascerão varias Filhas, que casarão com ou-
 » tros Fidalgos em Portugal, e hum com hum illustre
 » Alemão, chamado Martim de Bohemia, a quem Elrei
 » de Portugal estimava muito por sua grande nobreza, e
 » singular sciencia. »

Até aqui o Padre Cordeiro, cujo testemunho nestas
 materias he de grande peso, não só por elle, e pelas au-
 thoridades que allega; mas porque a sua Historia he trans-
 cripta das *Saudades da Terra* de Fr. Gaspar Fructuoso,
 homem igualmente de summa veracidade, que escreveo nos
 mesmos lugares, com os documentos á vista, e em tempos
 em que estas memorias não devião ainda estar de todo es-
 quecidas; e a pezar disto vê-se que não diz palavra nem
 a respeito da transacção com a Duqueza de Borgonha,
 nem da doação feita por ella. Ajuntemos ainda hum ter-
 ceiro testemunho digno de todo o credito, por isso que he
 hum proximo herdeiro de Job de Huerter quem no-lo vai
 dar.

He pois de saber que correndo hum pleito entre Je-
 ronymo d' Utra Corterreal, e a Coroa, sobre a successão
 da Capitania das duas Ilhas do Fayal e Pico (por moti-
 vos alheios do nosso assumpto, e que se podem ver na
Historia Insulana a pag. 458) conserva-se ainda na Tor-
 re

re do Tombo (Gaveta 15 Maço 16 N. 5) huma Sentença proferida no Juizo da Coroa a 6 de Setembro de 1571; pela qual, e pela Allegação de dito Jeronymo d' Utra que se refere consta, que seu Avô Joz d' Utra a instancias do Infante D. Fernando, Mestre da Ordem de Christo, viera povoar aquellas duas Ilhas, pertencentes á mesma Ordem; ficando as Capitánias para elle e seus Filhos e descendentes, o que fora confirmado por ElRei D. Manoel; e que por morte deste primeiro Capitão, passára a Capitania para seu Filho Manoel d' Utra Corterreal.

De tudo isto se vê convincentemente, que os Flamengos conduzidos por Joz d' Utra, sãõ os primeiros, ou ao menos os principaes povoadores do Fayal e Pico; porém tudo o mais he contado por differente maneira em cada hum dos tres lugares acima; pois não se dizendo palavra nos dois ultimos a respeito da Duqueza de Borgonha, tratão-se n' hum as Ilhas como da Coroa, e no outro como pertencentes ao Mestrado de Christo, e doadas pelo Infante D. Fernando.

Com tudo, esta contradicção não passa de aparente: tinha ElRei D. Duarte-feito mercê em 1433 a seu Irmão o Infante D. Henrique das Ilhas té então descobertas; a qual se augmentou com algumas das outras, que ao depois se forão conhecendo, e passarão todas por sua morte para seu Sobrinho, e Filho adoptivo, o Infante D. Fernando, como se vê da Carta de mercê passada pelo Sr. Rei D. Affonso V. na Cidade de Evora aos 3 dias do mez de Dezembro de 1460. (1) Erão pois naquelle tempo estes Infantes os que nomeavão os Capitães Donatarios daquellas Ilhas de que estavam de posse, extendendo-se esta graça á Infanta Dona Beatriz, como tutora e curadora de seu Filho o Sr. D. Diogo, de quem se conser-

(1) Ainda que nesta Doação não se faça menção das Ilhas de que tratamos, pelo nome que agora tem; he mais que provavel que sejam algumas das que ali se appellidão com nomes que actualmente não são já conhecidos. V. *Prev da Hist. Gen.* Tom. I. p. 563.

servão algumas destas Cartas; e por morte deste ultimo, ao Sr. D. Manoel, que vindo a succeder na Coroa, consolidou nella este dominio; e fez passar, segundo parece, novas Cartas de Doação aos Capitães que então as possuíão. O Pico e Fayal achavão-se sem dúbida nestas circumstancias, como se colhe não só da Sentença acima, mas tambem da Carta de Doação passada por aquelle Monarca a favor do mesmo Joz d' Utra de quem tratamos, e que. abaixo se transcreve. (1)

Em

(1) D. Joam &c. A quantos esta minha Carta virem faço saber, que por parte de Manuel Dutra Cortereall, filho mais velho de Jooz Dutra que foy capitam das Ilhas do Fayal e Piquo, me foy apersentada huuma minha Carta per mim asyuada e pasada polia chamcelaria, da qual o theor de verbo a verbo hee o seguinte = D. Joam per graça de Deos Rey de Purtugall e dos Allgarues daquem e daalem mar, em Africa Snr. de Guinee e da conquista, nauegação, commercio Dethiopia, Arabia, Persya, e da India, &c. A quantos esta minha Carta virem faço saber que por parte de Jooz Dutra capitão das Ilhas do Fayal e Piquo me foy apersentada huuma Carta delRey meu Snr. e padre, que santa gloria aja, de que o theor tall hee = dom Manuel per graça de Deos Rey de Purtugall e dos Allgarues daquem daalem mar, em Affrica Snr. de Guinee e da conquista, nauegação, commercio Dethiopia, Arabia, Persya, e da India. A quantos esta nossa Carta virem fazemos saber, que Jooz Dutra capitão por noos das nosas Ilhas do Fayal e Piquo, nos emuyou ora dizer como nos lhe tinhamos feita doação e mercee das ditas capitania, asy e polia maneira que temos dadas as capitania das outras nosas Ilhas, sem em sua doação deccrarar particularmente as causas que por ellas hade aver, pedimdonos por merce que lhe mandassemos daar dello nossa Carta, com deccração de todallas cousas que as ditas capitania pertencem, da qual cousa a noos apraz, e per esta peresente nossa Carta queremos que elle tenha e aja de noos as ditas capitania, e as governe per noos, e mamtenha em Justiça em sua uya, e asy despois de seu fallecimento o seu filho mayor baraom lidimo, ou segundo se tall for, e asy de descemdeinte em descemdeinte per linha direita mazcolina, asy como os capitaaens da Ilha da madeira a tem per suas Cartas; e sendo em tall idade o dito seu filho que a nação possa reger, noos poremos quem a reja athe que elle seja em idade pera as reger. Item nos praaaz que elle tenha em as sobreditas Ilhas Jurdição por noos do ciuel e crime, resalluando morte ou talhamento de membro de desto venha apelação ou agrauo pera noos; porem sem embargo da dita Jurdição, a noos praaaz que todos noos mandados e correição seja hy comprida, asy como em nosa cousa propria; outtro sy nos praaaz que o dito Jooz Dutra aja pera sy todol

10 REIS



Em quanto porém á Duqueza de Borgonha, he bem de

los moynhos de paom que ouuer nas ditas Ilhas, do qual lhe asy damos o carreguo, e que ninguem naom faça hy moynhos, soomente elle ou quem lhe a elle aprouuer: e esto naom se currenda em moço de braço, que ffaça quem quizer naom moemdo a outrem; nem atafona a naom tenha outrem, soomente elle ou quem a elle aprouuer. Item nos praz que aja de todallas serras dagoa que se hy fizerem, de cada huua huum marouo de prata, ou em cada huum anno seu iusto valor, ou duas tauoas cada somanna das que hy costumarem serrar, pagando porem o dizimo a nos de todallas ditas serras, segundo paguam das outras cousas, quando serrar a dita serra. E esto aja tambem o dito Jooz Dutra de qualquer moyinho que se nas ditas Ilhas fizer, tirando viciros de ferrarias ou outros metáis. Item noos praz que todollos ffornos de paom em que ouuer paom de poya sejsom seus, porem nom embargue que quem quizer fazer fornalhas pera seu paom, que as faça e naom pera outro nenhuum. Item nos praz que tendo elle saall pera vender, que o naom posa vender outrem senão elle, dando elle a rezaom de meo reall de prata o allqueire, ou sua dita vallya e mais naom; e quando o naom tiuer que os da dita Ilha o posaoem vender á sua vontade athee que o elle tenha: outro sy nos praz que de todo o que noos hy ouuermos de remda nas ditas Ilhas que elle haja de dez huum de todas nosas remdas e direitos que seus tem, no forall que pera ello mandamos fazer: e per esta guisa nos praz que aja seu filho esta remda, ou outro descendente per linha direita que o dito carreguo tiuer. Item nos praz que elle posa daar per suas Cartas a terra das ditas Ilhas forra per o forrall a quem lhe aprouuer, com tall comdiçaoem que ao que derem a dita terra a aproveite athe cinco annos, e naom aproveitando que a posa daar a outrem; e depois que aproveitada for e a deixar por aproveitar ate outros cinco annos, que yso mesmo a posaoem daar; e isto nom embargue que se hy ouuer terra pera aproveitar que naom seja dada, que nos a posamos daar a quem nosa merce for; e asy nos praz com ha de seu filho ou erdeiros descendentes que o dito carreguo tiuerem. Item nos praz que os vezinhos posaoem vender suas herdades aproveitadas a quem lhe aprouuer; outro sy nos praz que os guados brauos posoem matar os vezinhos das ditas Ilhas sem aver hy outra defeza, per licença do dito capitaom, resalluando allguim lugar cerrado que seja lamçado por senhorio. E yso mesmo nos praz que os guados mamos pasçaoem per todas as Ilhas trazendoos com guarda que naom façam mall, e se o fizerem que o paguem a seu donno; e as coyinas segundo as posturas dos Crimselhos. E por sua guarda e nosa lembrança lhe mandamos daar esta Carta per noos asinada e aselada do noso sello; e porem mandamos a todollos nossos officiaes e pessoas a que esta nosa Carta for mostrada, e o conhecimento della pertencer, que asy cumpraom e guardem e façaoem cumprir e guardar por-

IO REIS



de crer, que se ella com effeito fosse senhora absoluta daquellas Ilhas, ter-se-hia feito menção disso em algum dos citados documentos; mas não parece provavel, que as pertenções de Martim de Bohemia, e de seu Sogro se extendessem até esse ponto; tanto mais que não he contradictorio, antes muito natural, que visto as grandes e extraordinarias despezas, que esta Princeza, Joz d' Utra, e os Flamengos em geral fizeram para o estabelecimento daquella Colonia, que lhes foi tão devedora, elles gosassem no principio, isto he até ao tempo do Sr. D. Manoel, de certas prerogativas, isenções, e authoridades, que darião azo ás expressões da nota do Globo de Nuremberg, e ao que tambem parece concluir-se da anecdota que refere o Padre Cordeiro no Liv. 8. Cap. 2. §. 14.

Para de todo concluirmos com esta materia das Ilhas, notaremos ainda outra differença notavel, que se acha nas duas ultimas authoridades já transcriptas, a qual sem dúvida não terá escapado aos leitores, e vem a ser, que afir-

la guisa que se nella contem, sem a ello porem duuida nem embargo porque asy hee nosa merce. Dada em Evora a 31 dias do mes de Mayo Afoinso Figueira a fez de 1509 annos. Pedimdo-me o dito Jooz Dutra que lhe confirmase a dita carta, e visto per mim seu requerimento, e querendo lhe fazer graça e merce, tenho per bem e lha confirmo, e mamdo que se cumpra e guarde asy e da maneira que nella se contem. Ayres Fernandes a fez em Lixboa a 22 dias doutubro de 1528 annos. Pedindo o dito Manuell Dutra Cortereall que por quanto o dito Jooz Dutra seu pay era fallecido, e elle era o filho mais velho baraoim lidimo, que por seu fallecimento ficara e que per direito subcedia ás ditas capitancias do Fayal e Piquo, ouuesse por bem de lhe mandar dar dello sua doaçoim; e visto seu requerimento lhe mandei dar esta Carta polla quall quero e me praaz que o dito Manuell Dutra tenha e aja as ditas Capitancias do Fayal e Piquo com sua Jurdiçaom remdas e direitos, asy e da maneira que as tinha o dito seu pai pela dita minha Carta que nesta vai treladada e se nella contem: e mamdo a todosellos corregedores, ouidores, juizes, justiças, officiaes, e pessoas a que esta carta for mostrada e o conhecimento pertencer que asy o cumprão e guardem e façam inteiramente cumprir e guardar sem duuida que a ello seja posto. Inacio Reinel a fez em Lixboa a 15 dias do mes julho anno do nascimento de noso Sur. Jesus Christo de 1550 e eu Damião Dias o fiz escrever.

L.^o 69 da Ch. do Sr. D. João III. fl. 109.

firmando o Padre Cordeiro huma e mais vezes, que houve dois Joz d' Utra, Pai e Filho, ambos elles Capitães donatarios; agora pela Allegação de Jeronymo d' Utra se vê convincentemente não ter havido senão hum só, ou ao menos, que se houve dois, morreo o ultimo sem successão: devendo assim entender-se que o primeiro Capitão e povoador casou duas vezes; a primeira com Dona Brites de Macedo, de quem houve a Mulher de Martim de Bohemia, e a segunda com N. Cortereal, de quem nascerão os successores, que estiverão de posse daquella Capitania por alguns tempos.

O segundo ponto, que nos propozemos examinar, foi a parte que Behaim tinha tido no descobrimento da America, aonde alguns pertendem que elle tivesse penetrado, fundados em huma antiga Chronica de Nuremberg, em o testemunho de Hartman Scheldel, e em hum antigo Mappa que se achou no Gabinete do Sr. Rei D. Manoel, onde esta quarta parte do Globo vinha desenhada. Como o Presidente Conde Carli, Mr. Murr, e o Conde de Ayaba fizerão já conhecer amplamente a falsidade dos dois primeiros argumentos, escusado será que nos demoremos em repizar o que outros já disserão: com effeito basta ler o que deixámos escrito na primeira parte a respeito do Globo Terreste, para se ver que até áquella época não era por fôrma alguma conhecido de seu Author o Continente Americano; ainda que depois, pelas noticias que alcançou até á sua morte em 1506, podesse formar aquelle Mappa, com que presenteou ElRei D. Manoel.

Se porém em lugar de olharmos a questão de facto, tratarmos sómente da sua possibilidade, isto he, se Martim de Bohemia estava persuadido, que podião existir novas terras ou Ilhas naquella parte do Globo, não duvidamos então asseverar, que isto nos parece fóra de toda a dúbida.

Data desde tempos antiquissimos a opinião da redondeza da terra. Aristoteles, e Plinio tinham provado esta verdade, que já lhes vinha de Thalles, e de Platão. Sup-

posta esta esfericidade, só havia hum passo que dar para se crer na existencia dos Antipodas, já reconhecida por Pythagoras, pelos mesmos Platão e Aristotell's, e por muitos outros que os seguirão.

Além disso, dividindo com Ptolomeo o Equador em 360 grãos, vesse facilmente que os Antigos não conhecião senão 180, isto he hum Emisferio do Globo; e que as terras do outro estavão fora do seu alcance, porque cercadas de largos mares, ou impenetraveis gelos, era impossivel (segundo os conhecimentos nauticos daquelles tempos) abordar a ellas.

Se estas terras erão Ilhas, ou continente, he o que não era facil de decedir; e menos ainda a sua situação: como porém por huma parte seja difficullosa a confissão da nossa propria ignorancia, e pela outra seja mais facil amplificar as idéas de objectos já conhecidos, do que suppor outros totalmente novos; pensou-se que o Continente d'Azia, cuja costa não estava ainda explorada, se extendia muito mais do que realmente se estende; e que a parte do Oceano, comprehendida entre esta e a Europa e Africa, era talvez semeada de Ilhas grandes e pequenas.

Tanto isto he verdade, que Martim de Bohemia notou duas destas suppostas Ilhas no seu Globo, a das sete Cidades, chamada tambem Antilia, e a de S. Brandão: e por huma semelhante razão quando Christovão Colombo na sua terceira viagem em 1498 descobriu a Terra de Paria no Continente, ficou persuadido que era huma grande Ilha. O mesmo nome de Indias, que os Hespanhoes principiárão a dar á America, prova bem quanto se persuadirão que se achavão nellas, quando abordarão ao Novo Mundo; e daqui procedeo o grande espanto de Vasco Nunez de Valboa, quando atravessando o Hítmo de Panama, avistou pela primeira vez o mar do Sul, chamado vulgarmente Pacifico.

Estas erão sem duvida as idéas de Christovão Colombo, e de seu amigo Martim de Bohemia, que com elle concorreo muito tempo na Corte de Lisboa. As considerações Cosmograficas deste ultimo tornavão-lhe evidente a

existencia de terras maiores , do que as duas Ilhas, que elle tinha debuxado como isoladas no meio daquelle grande mar : he a quanto podia chegar o simples raciocinio , o mais devia ser determinado pela navegação.

Para que isto não pareça livremente dito da nossa parte , transc. everemos hum passo da tantas vezes citada *Historia Insulana* , que o copiou de Fr. Gaspar Fructuoso ; onde a travez de algumas expressões maravilhosas e fantasticas , proprias daquelle tempo , se dá humna prova bem evidente de que estas erão as idéas que então grassavão (1).
 » Advinhava (Martim de Bohemia) tantas outras cousas
 » por observações de Estrellas , e tão certamente se vião ao
 » depois , que o rude povo em lugar de julgar ao fidalgo
 » por excellento Astrologo , o tinha por Nigromantico ;
 » como se assim como ha quem vê sem Nigromancia al-
 » guma a agoa , que corre por muito baxo e fundo de
 » terra , e a qualidade da agoa ; os metaes que estão em
 » o centro mais profundo , e o que está dentro de hum
 » corpo humano , como não poderá haver tambem quem
 » sem Nigromancia veja o que indicão as Estrellas ?

» Chegado pois o mesmo Astrologo ao Fayal disse ...
 » antes de se descobrirem as Indias de Castella , que ao
 » Sudueste do Fayal onde elle estava , via hum Planeta
 » dominante sobre humna Provincia , onde se servião os
 » moradores com vasos de ouro e prata , de que carrega-
 » das as embarcações se verião no Fayal , e antes de mu-
 » to tempo , &c. E dentro de poucos annos se virão em
 » o Fayal náos que vinhão do Peru , achado então , e que
 » vinhão carregadas de ouro , prata , e pedraria . »

Sendo pois estas as idéas daquelles dous grandes homens , hum concurso extraordinario de circumstancias lhes augmentou o desejo de as ver verificadas ; tães erão , o espirito característico daquelle Seculo , apaixonado pelas viagens e descobrimentos maritimos ; o uso das Cartas maritimas ou hydrograficas , postas nas mãos dos Pilotos pelo Infante D.

Ddd ii

Hen-

(1) Veja-se a *Historia Insulana* Liv. 9. Cap. 9. §. 42.

Henrique (1); o melhor emprego na navegação, da Bussola cujas variações principiavam a ser conhecidas (2); e finalmente mais que tudo a pratica dos novos instrumentos, experimentados na viagem de Diogo Cão; e as Ephemerides publicadas por Monte Regio (3).

Todos conhecem hoje o resultado que tirou Colombo destes meios, e daquelles raciocinios; porém o que não he igualmente patente a todos, he que primeiro que este conseguisse os seus intentos, soccorrido pelos Reis de Hespanha, fez Martim de Bohemia com que os de Portugal mandassem navios á mesma expedição, os quaes com tudo se retirarão sem alcançar fructo algum daquella viagem.

Este factò veio ao nosso conhecimento não sómente pelo referir Herrera no Cap. 7 da I.^a Decada, mas pelo contar o mesmo Historiador das Ilhas acima citado, cujas palavras ainda copiaremos. » Era (diz elle) Martim de Bohemia tão grande Mathematico, e especialmente tão insigne Astrologo, que andando na Corte Lusitana fazia Elrey grande estimação e conta d'elle; » não só por sua nobreza, mas por sua sabedoria e noticias que dava por observações das Estrellas; a qual » era tão notavel, que estando ainda na Corte, e por noticia d'elle mandando Elrey de Portugal navios que descobrissem as Antilhas, no mesmo Portugal disse o mesmo Bohemia ao Rey o dia e hora em que os navios voltavão, arribando, sem descobrirem as Antilhas. » (4)

No que acabamos de referir se incluye a parte que Be-

(1) Veja-se a *Encyclopedia Method* Marinha Art. Cartas maritimas;

(2) Veja-se Tiraboschi *Storia della Litteratura Italiana* Tom. 6.

(3) Andre de S. Martin, que accompanhou a expedição de Magalhães na qualidade de Astronomo, e que occupou nella o lugar que devia ter o nosso Falleiro, servio-se igualmente para as suas observações dezas Ephemerides, ainda que se queixa que os seus numeros estavam errados, e não lhe correspondião bem ás suas observações. O Almanak que elle tinha era da impressão de João Liertestein Veja-se o nosso Barros Dec. III. Liv. 5. Cap. 10.

(4) *Histor. Insulana* loco cit.

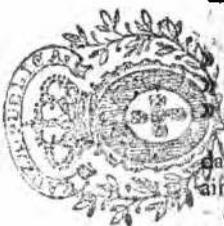
Behaim teve no descobrimento da America; e nós passariamos já a fallar do que diz respeito ao terceiro ponto, que nos propozemos tratar, se não julgássemos dever advertir, que he manifestamente por engano, ou por vontade de fazer ainda o caso mais maravilhoso, que na authoridade acima transcrita se falla nas Antilhas; pois he certo que nada se suspeitava ainda dellas nesse tempo: devendo assim entender-se que o que se mandou descobrir foi a Ilha Antilia ou das sete Cidades, para onde tinha hido aquelle Bispo do Porto de que já fizemos menção, cu alguma outra terra que por acaso apparecesse. Este Author, e alguns outros parecem seguir nisto aquelle errado principio » *post hoc, ergo propter hoc* » sem se lembrarem, que quando Colombo chegou a *Guanabani* hu-a das Lucaias, não tendo ainda visto outras Ilhas, logo pensou que estava na Antilia, e por isso lhe deo aquelle nome, que depois se extendeo ás outras. Tão longe estava elle então de dar credito á etymologia daquelle nome, nem de pensar que estava perto do Continente, que em vez de seguir o seu caminho em linha recta, o que o teria conduzido ao Golfo do Mexico, tomou hum rumo totalmente differente; e o mesmo fez quando chegou ao Porto do Principe na Ilha da Cuba.

Notaremos tambem, posto que de passagem, que o infeliz successo desta viagem foi talvez a cauza mais forte, que teve ElRei D. João II. para regeitar os offercimentos de Christovão Colombo. O disfarce e segredo com que este Monarcha tratou por algum tempo os nossos descobrimentos, fez crer que elle tinha reputado chimerico aquelle projecto, proposto por hum homem fallador, e glorioso: taes erão as vozes que o mesmo Rei fazia espalhar no publico, em quanto no particular mandava examinar aquellas paragens por navios, que fingia partidos para a Costa da Mina. O conhecimento deste facto foi hum dos principaes motivos de desgosto para Colombo.

Passando já ao que diz respeito ao Estreito de Magalhães, parece não se poder duvidar que a sua existencia foi

conhecida por Martim de Bohemia; não só por assim o attestarem Herrera e outros; mas sobre tudo pela authoridade de Pigaffeta, que sendo companheiro do mesmo Fernando de Magalhães, assim o asseverou. (2) Quando este ultimo, descontente da sua Patria, se apresentou em Hespanha a Carlos V., e lhe propoz fazer o descobrimento das Malucas, sem tocar nos dominios Portuguezes, e por hum derrota totalmente nova, fundava-se nas noções que Francisco Serrão (3) lhe tinha dado da posição destas Ilhas; nas observações e regimento feitos por Ruy Falleiro, Astronomo Portuguez, (4) que tambem desgostoso tinha hido em sua companhia; e em hum Mappa de Martim de Bohemia, que vira no Gabinete d'ElRei D. Manoel. Até aqui não parece isto ter dúbida alguma: resta porém averiguar como podia existir já a demarcação do Estreito de Magalhães, que não foi descoberto senão tantos annos depois; he o que até agora tem parecido impossivel de poder-se averiguar ao certo; e por isso não

pa-



(2) « Il Capitano Generale che sapeva de dover fare la sua navigazione per uno estreto molto ascoso, como vite nella thesauria del Re de Portugal, in una Carta fatta per quello excellentissimo huomo Martim de Bohemia, &c. » V. *Viaj. de Pigaf.*

(3) Francisco Serrão, que de Goa tinha passado ás Ilhas de Bamboe e de Maluco, correspondia-se dahi com Fernando de Magalhães, ainda depois da volta deste para Portugal. Barros. *Decadas.*

(4) Segundo nos deixarão escrito Castanbada Liv. 6., e Barros Dec. III. Liv. 5. Cap. 10. entregou Falleiro a Magalhães, antes da sua partida, hum especie de Regimento em 30 Capitulos, em que lhe dava documentos sobre a sua navegação. Este Regimento veio parar ás mãos de Duarte de Rezende, que sobre isso escreveu hum tratado, que se perdeu assim como todos os mais papeis de que falla Barros neste lugar. Sabe-se porém que no dito Regimento viuhão tres methodos para calcular as Longitudes, e como pôde ser curioso nos tempos actuaes saber quaes fossem os conhecimentos de Falleiro, transcreveremos dois destes methodos, descritos por Pigaffeta, companheiro daquela viagem, e que nella os vio praticar muitas vezes, como affirma no seu *Tratado de Navegação*, traduzido e publicado por Carlos Amoretti, Bibliothecario, e Director do Collegio Ambrosiano.

» 1.º) Pela Latitude da Lua julga-se da Longitude do lugar onde se faz a observação. Chama-se Latitude da Lua a sua distancia da

parecerá estranho que formemos tambem mais huma conjectura.

Em a primeira das *Cartas de Americo Vespucio sobre as duas viagens, feitas por ordem d' ElRei de Portugal*, refere elle, que tendo em 1501 reconhecido parte da Costa do Brazil até a altura de 32 grãos, isto he, até á

vi-

» Ecclitica. A Ecclitica he o caminho do Sol. A Lua no seu movimento se affasta sempre della até chegar á sua maior distancia, » depois volta para traz até á cabeça ou cauda do Dragão, onde » corta a Ecclitica. E como a Lua a medida que se affasta della, » corre ao mesmo tempo grãos para o Occidente: ella deve necessariamente ter maior Latitude de hum lado do Globo do que do » outro. E quando se conhece a Latitude (cujos grãos e minutos se » medem com o Astrolabio) conhece-se se a Lua está para o Este, » ou para o Oeste, e a quantos grãos está para hum ou outro destes dois pontos. Mas não se pôde saber a Longitude do lugar em » que se faz a observação, sem se saber exactamente em que Latitude e Longitude devia estar a Lua á mesma hora no lugar de » que se partio, v. gr. Sevilha. Quando esta se souber exactamente » tece, comparando a com a Latitude e Longitude que tem no lugar em » que se acha o Navegante; saber-se-ha quantas horas o Meridiano » em que se está, fica distante do Meridiano de Sevilha, e daqui » poder-se-ha determinar a distancia Oriental ou Occidental a respeito desta Cidade.

» 2.º) A Lua dá outro meio mais para se conhecer a Longitude » do lugar em que se está, mas he necessario saber a hora exacta, » na qual a Lua observada em Sevilha está em conjurcção com huma Estrella ou Planeta dado; ou que está com o Sol em tal opposição, que os grãos sejam exactamente determinados; o que se » pôde conhecer por meio do Almanak. Ora como o fenomeno acco- » tece no Oriente, antes de ter lugar no Occidente; pelas horas e » minutos que tiverem passado desde que o fenomeno teve lugar em » Sevilha até o em que o Navegante o vê, concluo qual he a minha Longitude Occidental de Sevilha. Mas se o fenomeno tem lugar no sitio onde estou, primeiro do que em Sevilha, pelo tempo » que elle precede determino a minha distancia Oriental. E devemo- » se tomar por cada hora 15 grãos de Longitude » Segundo affirma Barros, foi este o methodo approved por S. Martin, e o unico de que elle usou na viagem.

O terceiro methodo sendo fundado em huma falsa supposição, a respeito da variação da Agulha, ainda neste tempo pouco conhecida, julgamos desnecessario mencionallo.



vizinhança do Rio da Prata, no que tinha empregado dez mezes: vendo que não achava na terra minas algumas, determinou deixar a Costa, e ir examinar o Paiz por outra parte, o que com effeito se effectuou, levando os Navios agua e viveres para seis mezes, e tomando o rumo de Llesoeste; e tanto andaráo nesta navegação, até chegar a 52 grãos, onde avistaráo terra, e soffrêrão huma tormenta, que os lançou sobre hum Paiz, cuja costa corrêrão ainda 20 legoas; e achando-se-então quasi perdidos pelo temporal, e frio, voltárão para Portugal. (1)

Se pois Americo chegou aos 52 grãos, e costeou a terra ainda mais 20 legoas, necessariamente havia de reconhecer o Estreito de Magalhães, situado naquella Latitude; ainda que não fosse por outro modo, senão pela força da corrente, que sem duvida devia perceber, e cuja differença he bem sensivel na embocadura de hum Estreito, ou de huma Bahia. Notado pois isto no seu Jornal, com muito mais exactidão do que o notou depois nas suas Cartas, veio este parar ás mãos do Sr. Rei D. Manoel, que (como elle mesmo affirma em o fim do seu *Summario*) quiz ver todos os seus Livros, e Papeis, sem que conste que lhos tornasse outra vez a entregar.

Vê-se pois que nada ha mais natural, do que, na assistencia de Martim de Bohemia em Lisboa por aquelle tempo, ter elle redegido hum Mappa ou Globo, no qual viessem demarcados todos os descobrimentos modernos, e principalmente os de Americo. Póde mesmo dar-se que a sua vinda a Portugal fosse para este fim, visto o amor do Sr. D. Manoel pelos Estudos da Geografia, e a reconhecida pericia daquelle homem em a confecção das Cartas maritimas. A Inscricção que já citámos na primeira parte, e que o appellida Cosmografo, e Mathematico daquelle Monarca, parece dar maior peso a esta asserção, pois não nos occorre outro objecto, em que elle podesse desempenhar então melhor aquelles titulos.

Eis-

(1) Veja-se o Tomo. II. das *Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas* pag. 148 e 149.

Eis-aqui quanto pude averiguar com mais certeza a respeito de Martim de Bohemia, e posso assegurar a Academia, que puz da minha parte toda a diligencia para satisfazer as vistas do Professor Gebauer na sua *Historia de Portugal*. « Não seria certamente (diz elle) hum trabalho inutil dar a vida do Cavalheiro Martim Behaim, » escrita no gosto actual, sem cortar nada da verdade » dos factos, e sem lhe accrescentar cousa alguma, citando as Peças authenticas que sobre isto se podessem consultar. Vir-se-hião por este meio a descobrir huma quantidade de erros de toda a especie, tanto em favor como contra este navegador, e que segundo nota o Emperador Maximiliano, são inseparaveis daquelles que visitão Paizes muito remotos. »

INDICE

De todas as Memorias contidas no Outavo Volume.

M EMORIA sobre as origens da Typografia em Portugal no Seculo XV. , por Antonio Ribeiro dos Santos.	pag. 1
Memoria sobre a Historia da Typografia Portugueza do Seculo XVI. , pelo mesmo.	77
Memorias historicas sobre alguns Mathematicos Portuguezes , e Estrangeiros domiciliarios em Portugal, ou nas Conquistas, pelo mesmo.	148
Das origens, e progressos da Poezia Portugueza, pelo mesmo.	233
Dissertação Historico-juridica sobre a legitimidade da Senhora Dona Tbereza, Mulher do Sr. D. Henrique, e Mãi do Sr. Rei D. Affonso Henriques.	252
Memoria sobre dois antigos Mappas Geograficos do Infante D. Pedro, e do Cartorio de Alcobaça, por Antonio Ribeiro dos Santos.	275
Ensaio sobre os Descobrimentos, e Commercio dos Portuguezes em as Terras Septentrionaes da America, por Sebastião Francisco de Mendo Trigozo.	305
Memoria sobre a novidade da Navegação Portugueza no Seculo XV. , por Antonio Ribeiro dos Santos.	327
Memoria sobre Martim de Bobemia, por Sebastião Francisco de Mendo Trigozo.	365

C A T A L O G O

Das Obras já impressas, e mandadas compôr pela Academia Real das Sciencias de Lisboa: com os preços, por que cada humas dellas se vende brochada.

-
- I. B**REVES Instrukções aos Correspondentes da Academia sobre as remessas dos productos naturaes para formar hum Museo Nacional, folbeto 8.º - - - - - 120
- II.** Memorias sobre o modo de aperfeiçoar a Manufactura do Azeite em Portugal remettidas á Academia, por João Antonio Dalla-Bella, Socio da mesma, 1 vol. 4.º - - - 480
- III.** Memorias sobre a Cultura das Oliveiras em Portugal remettidas á Academia, pelo mesmo, 1 vol. 4.º - - - 480
- IV.** Memorias de Agricultura premiadas pela Academia, 2 vol. 8.º - - - - - 960
- V.** Paschalis Josephi Mellii Freirii Historia Juris Civilis Lusitani Liber singularis, 1 vol. 4.º - - - - - 640
- VI.** Ejusdem Institutiones Juris Civilis, et Criminalis Lusitani, 5 vol. 4.º - - - - - 2400
- VII.** Osmia, Tragedia coroada pela Academia, folb. 4.º 240
- VIII.** Vida do Infante D. Duarte, por André de Rezende, folb. 4.º - - - - - 160
- IX.** Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal, ou Lexicon Erymologico das palavras, e nomes Portuguezes, que tem origem Arabica, composto por ordem da Academia, por Fr. João de Sousa, 1 vol. 4.º - - - - - 480
- X.** Dominici Vandelli Viridarium Grysley Lusitanicum Linnaeanis nominibus illustratum, 1 vol. 8.º - - - - - 200
- XI.** Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno de 1789, calculado para o Meridiano de Lisboa, e publicado por ordem da Academia, 1 vol. 4.º - - - 360
- O mesmo para os annos seguintes até 1809 inclusivamente.
- XII.** Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal, e suas Conquistas, 4 vol. 4.º - - - - - 3200
- XIII.** Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza, dos Reinados dos Senhores Reis D. João I., Dom Duarte, D. Affonso V., e D. João II., 3 vol. fol. - - 5400
- XIV.** Avisos interessantes sobre as mortes apparentes, mandados recopilar por ordem da Academia, folb. 8.º - - - 80

XV.

- XV. Tratado de Educação Fyfica para uso da Nação Portuguesa, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco de Mello Franco, Correspondente da mesma, 1 vol. 4.^o - - - - - 360
- XVI. Documentos Arabicos da Historia Portugueza, copiados dos Originaes da Torre do Tombo com permissão de S. Magestade, e vertidos em Portuguez, por ordem da Academia, pelo seu Correspondente Fr. João de Sousa, 1 vol. 4.^o - - - - - 480
- XVII. Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Portuguezes na Asia, escritas por Diogo de Couto em forma de Dialogo, com o titulo de *Soldado Pratico*; publicadas por ordem da Academia Real das Sciencias, por Antonio Caetano do Amaral, Socio Effectivo da mesma, 1 tom. 8.^o *mai.* - - - - - 480
- XVIII. Flora Cochinchinensis; sistens Plantas in Regno Cochinchinæ nascentes. Quibus accedunt aliæ observatæ in Sinenfi Imperio, Africa Orientali, Indiæque locis variis, labore ac studio Joannis de Loureiro, Regiæ Scientiarum Academiæ Ulyssiponenfis Socii: Jussu Acad. R. Scient. in lucem edita, 2 vol. 4.^o *mai.* - - - - - 2400
- XIX. Synopsis Chronologica de Subsidios, ainda os mais raros, para a Historia, e Estudo critico da Legislação Portugueza; mandada publicar pela Academia Real das Sciencias, e ordenada por José Anastasio de Figueiredo, Correspondente do Num.^o da mesma Academia, 2 vol. 4.^o - - - - - 1800
- XX. Tratado de Educação Fyfica para uso da Nação Portuguesa, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco José de Almeida, Correspondente da mesma, 1 vol. 4.^o - - - - - 360
- XXI. Obras Poeticas de Pedro de Andrade Caminha, publicadas de ordem da Academia, 1 vol. 8.^o - - - - - 600
- XXII. Advertencias sobre os abusos, e legitimo uso das Agoas Mineræas das Caldas da Rainha, publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco Tavares, Socio Livre da mesma Academia, *folb.* 4.^o - - - - - 120
- XXIII. Memorias de Litteratura Portugueza, 8 vol. 4.^o - - - - - 6400
- XXIV. Fontes Proximas do Codigo Filippino, por Joaquim José Ferreira Gordo, Correspondente da Academia, 1 vol. 4.^o - - - - - 400
- XXV. Diccionario da Lingoa Portugueza, 1.^o vol. *fol. mai.* - - - - - 4800
- XXVI. Compendio da Theorica dos Limites, qu Introducção ao Methodo das Fluxões por Francisco de Borja Garção Stockler, Socio da Academia 8.^o - - - - - 240
- XXVII. Ensaio Económico sobre o Comércio de Portugal, - - - - -



e suas Colónias ; oferecido ao Principe do Brazil N. S., publicado de ordem da Academia Real das Sciencias pelo seu Sócio Jozé Joaquim da Cunha de Azerêdo Coutinho.	480
XXVIII. Tratado de Agrimensura por Estevão Cabral, So- cio da Academia, em 8.º	240
XXIX. Analyse Chimica da Agoa das Caldas, por Guilher- me Withering, em Portuguez e Inglez. folh. 4.º	240
XXX. Principios de Tactica Naval por Manoel do Espirito Santo Limpo, Correspondente do Numero da Academia, 1 vol. 8.º	480
XXXI. Memorias da Academia Real das Sciencias, 3 vol. fol.	6000
XXXII. Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicen- te, 1 vol. 4.º	480
XXXIII. Observações Historicas e Criticas para servirem de Memorias ao systema da Diplomatica Portugueza, por João Pedro Ribeiro, Socio da Academia, Part. 1. 4.º	480
XXXIV. J. H. Lambert Supplementa Tabularum Logarith- micarum, et Trigonometricarum. 1 vol. 4.º	560
XXXV. Obras Poeticas de Francisco Dias Gomes, 1 vol. 4.º	800
XXXVI. Compilação de Reflexões de Sanches, Pringle &c. sobre as Causas e Prevenções das Doenças dos Exer- citos, por Alexandre Antonio das Neves : para distribuir- se ao Exercito Portuguez folh. 12.º	10 875
XXXVII. Advertencias dos meios para preservar da Peste. Segunda edição acrescentada com o Opusculo de Tho- maz Alvares sobre a Peste de 1569., folh. 12.º	120
XXXVIII. Hippolyto, Tragedia de Euripides, vertida do Grego em Portuguez, pelo Director de huma das Classes da Academia ; com o texto, 1 vol. 4.º	480
XXXIX. Taboas Logarithmicas, calculadas até á sexta casa decimal, publicadas de ordem da Real Academia das Sciencias por J. M. D. P. 1 vol. 8.º	480
XL. Indice Chronologico Remissivo da Legislação Portu- gueza posterior á publicação do Codigo Filippino por João Pedro Ribeiro, Part. 1. ^a , 2. ^a , 3. ^a e 4. ^a	3600
XLI. Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Sec- retario da Academia Real das Sciencias, 1.º vol. 8.º	800
XLII. Collecção dos principaes Auctores da Historia Por- tugueza, publicada com notas pelo Director da Classe da Litteratura da Academia R. das Sciencias. 8 Tom. em 8.º	4800
XLIII. Dissertações Chronologicas, e Criticas, por João Pedro Ribeiro, 3 vol. 4.º	2400
XLIV. Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, Tomo 1.º Numeros 1.º, 2.º, 3.º	



3.º e 4.º - - - - -	600
O Tomo II. - - - - -	800
XLV. Hippolyto, Tragedia de Seneca; e Phedra, Tragedia de Racine: traduzidas em verso, pelo Socio da Academia Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, com os textos. - - - - -	600
XLVI. Opusculos sobre a Vaccina: Numeros I. até XIII. - - - - -	300
XLVII. Elementos de Hygiene, por Francisco de Mello Franco, Socio da Academia: Parte I.ª	300

Estão no prelo as seguintes.

- Taboas Perpétuas Astronomicas para uso da Navegação Portuguesa.
- Memorias Economicas, 5.º vol.
- Documentos para a Historia da Legislação Portuguesa, pelos Socios da Academia João Pedro Ribeiro, e Joaquim de Santo Agostinho de Brito Galvão.
- Collecção dos principaes Historiadores Portuguezes.
- Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas.
- Taboas Trigonometricas, por J. M. D. P.
- Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Tom. 2.º
- Collecção de Livros ineditos de Historia Portuguesa, Tom. 4.º
- Elementos de Hygiene: Parte II.

Vendem-se em Lisboa nas lojas dos Mercadores de Livros na Rua das Portas de Santa Catharina; e em Coimbra, e no Porto tambem pelos mesmos preços.

L I S B O A

NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

Anno de 1814.

Com Licença de S. A. R.



